VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER:

uma análise semiótico-discursiva de notícias do G1 (2006-2016)

Janete Monteiro Garcia

Atena Editora
Ano 2023

VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER:

uma análise semiótico-discursiva de notícias do G1 (2006-2016)

Janete Monteiro Garcia

Atena Editora
Ano 2023

CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS APLICADAS

Violência contra a mulher: uma análise semiótico-discursiva de notícias do G1 (2006-2016)

Diagramação: Ellen Andressa Kubisty
Correção: Flávia Roberta Barão
Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga
Revisão: A autora
Autora: Janete Monteiro Garcia

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

G216 Garcia, Janete Monteiro
Violência contra a mulher: uma análise semiótico-discursiva de notícias do G1 (2006-2016) / Janete Monteiro Garcia. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2023.

Formato: PDF
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader
Modo de acesso: World Wide Web
Inclui bibliografia
ISBN 978-65-258-2023-1
DOI: https://doi.org/10.22533/at.ed.231232911

1. Violência contra as mulheres. 2. Semiótica. I. Garcia, Janete Monteiro. II. Título.

CDD 362.8292

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná – Brasil
Telefone: +55 (42) 3323-5493
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DA AUTORA

DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código Penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access, desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce,* ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.

DEDICATÓRIA

Este trabalho é dedicado a todas as mulheres, em especial, àquelas que sofreram violência, se libertaram ou estão buscando se libertar desse ciclo; e in memoriam daquelas que se foram. Representa uma forma de resistência e luta com o propósito de extinguir essa tragédia (social) desumana. E, para quem não entende ou confunde o significado de feminismo: o feminismo, diferentemente do machismo, busca igualdade e respeito; enquanto o machismo oprime e, em seu pior grau, viola, machuca, mata.

AGRADECIMENTOS

Muitas vezes pensei que essa etapa não seria vencida, mas não desisti. Iniciei o doutorado no período do caos da Pandemia de Covid-19, cujas consequências foram muito além do que se imaginava; diante deste desafio, que para muitos ainda não foi superado dada tragédia que representou, chegou o momento final desse ciclo (da pós) que pode ser considerado, transformador, vitorioso. Agradeço a Deus, que com sua constante presença, aumentou minha força, energia e capacidade para realizar este projeto, que muitos, ou pelo menos os que são considerados minorias no Brasil, como as mulheres, têm mais dificuldade de acessar, concluir. Agradeço, em especial, ao meu orientador, Professor Dr. Paolo Demuru, que viu potencial em mim desde a primeira entrevista para ingressar na pós-graduação. Com ele pude aprender sobre semiótica e a importância desta disciplina para os estudos no campo da comunicação. Tenho muita gratidão porque o mestrado e doutorado me transformaram e me aperfeiçoaram como ser humano, principalmente nos últimos anos.

Agradeço à minha família, pelo exemplo de força e determinação a começar pela minha avó, Iraci, minha mãe (Marcolina) e minhas irmãs (Loiri e Elaine) que me fortalecem nos momentos difíceis e que me fazem sentir e saber para onde sempre posso voltar. Sou grata ao esposo, Nei Garcia, que me incentiva em relação aos estudos e projetos de vida.

Agradeço aos amigos que me acolheram com sua atenção e apoio nesta caminhada: Cristine, Cibele, Roberto, Paulinha, Anderson, Juliana, Pedro, Christina, Adriana, Galileo, Pedro, Ivete, Thiago, Ivana, Elvis, Nathalia, Felipe e tantos outros que encontrei ao longo desta jornada. À Laura e ao Varley que me auxiliaram nas fases de levantamento e tabulação dos dados da pesquisa. Aos professores, que me ensinaram e inspiraram sempre, Carla, Barbara, Jorge, Maurício, Simone, os quais considero mais do que mestres. Tenho-os como amigos que levarei para a vida.

À Universidade Paulista, pela oportunidade. À CAPES, por ter me proporcionado a bolsa, que tornou possível realizar integralmente as pesquisas e concluir todos os compromissos pertinentes ao doutorado. E àquelas pessoas da sociedade que investem na educação, acreditando em um país melhor.

Este é o retorno de muitas horas de trabalho árduo que entrego agora, esperando que possa contribuir e inspirar outros estudos e descobertas com o objetivo de tornar nosso meio social uma esfera mais pacífica, justa e igualitária a todos.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Finance Code 001.

Este livro é um livro necessário. O tema que aborda não é novo aos estudos comunicacionais e às ciências sociais de modo geral. Pelo contrário, a questão da violência contra a mulher foi amplamente discutida ao longo das últimas décadas por pesquisadores de diversas áreas disciplinares. No entanto, a perspectiva adotada pela autora é nova. Janete Monteiro Garcia parte de uma pergunta precisa: como um portal como o G1, que se propõe a denunciar as violências sofridas por mulheres brasileiras reafirmam misoginia, machismo, estereótipos do feminino e do masculino que contribuem, por sua vez, a tornar tais abusos socialmente aceitáveis? Como um gênero – o gênero notícia – que deveria se limitar a expor os "fatos", oferecendo uma visão o mais possível isenta e objetiva dos acontecimentos, acaba manifestando, nas entrelinhas, os mesmos preconceitos, os lugares comuns e as hierarquias que diz querer combater?

A obra que o leitor tem em mãos fornece pistas e hipóteses originais para enquadrar os problemas acima. Para tanto, mobiliza o arcabouço teórico da semiótica-discursiva de linha francesa. Olhando tanto para os arranjos figurativos e plásticos (imagens, cores, formas, disposição dos elementos na página) quanto para as estruturas textuais (procedimentos enunciativos e estruturas narrativas) das matérias selecionadas, Janete Monteiro Garcia mostra como não há nada de inocente na narrativa do G1. Por meio desses recursos, o portal atribui à mulher os mesmos papéis que lhe são muitas vezes conferidos no debate público, dominado por vozes masculinas, e até mesmo pelos tribunais do país: culpada pelas violências que lhe foram desferidas ("jovem é agredida pelo namorado e mãe diz que filha deu motivos, no ES", lê-se em um dos títulos recortados), louca, figura que deve permanecer confinada dentro dos confins de uma subjetividade quieta, mansa, submissa, à qual não é dado o direito de se rebelar. O mesmo acontece com o homem-agressor, que muitas vezes aparecer como "vítima" ou, pior, como "herói", ainda que esse termo não apareça explicitamente nos textos analisados.

Há mais: a autora mostra como é fundamental entendermos a maneira como as paixões são descritas e contadas no universo do discurso jornalístico objetivo, ou melhor, conforme a terminologia semiótica, "objetivante", isto é, que cria um efeito de sentido – às vezes meramente ilusório – de objetividade. Assim, o ciúme, o descontrole e o transtorno emocional emergem amiúde como justificativa para as atrocidades cometidas contra as mulheres brasileiras, tornando-se dados supostamente naturais, "típicos" do gênero, e incontornáveis (no fundo, toda mulher é assim, "emocionalmente descontrolada").

Bastaria isso para suscitar a curiosidade do leitor. Mas existem ainda outros motivos para se debruçar sobre as páginas que seguem: a densa revisão bibliográfica que tece um diálogo entre a perspectiva semiótica e os estudos de

gênero, mostrando como é fundamental considerarmos o papel da linguagem e do discurso na construção das identidades e dos estereótipos de gênero; a lista dos diversos tipos de violência contra a mulher (física, psicológica, patrimonial, entre outras); a reflexão sobre o jornalismo espetacular, sensacionalista e suas metamorfoses, o modo como ele se insinuou e continua se insinuando em outras searas do universo da informação.

A semiótica não é apenas uma disciplina que estuda o modo como nós, seres humanos, produzimos e interpretamos sentidos. A semiótica é, antes de tudo, uma maneira de observar e experimentar o mundo. Uma maneira que busca entender como as histórias que contamos influenciam a percepção do mundo em que vivemos, com a intenção de desvendar as relações de força que nelas se escondem. O que Janete Monteiro Garcia faz nesse livro é exatamente isso. Quem quiser se aventurar em seu livro terá muito a descobrir.

Paolo Demuru

SUMÁRIO

SUMÁRIO

RESUMO

O livro em questão corresponde à análise semiótico-discursiva de notícias do G1 sobre a violência contra a mulher, entre os anos de 2006 e 2016, referindo-se aos dez anos de comemoração da Lei Maria da Penha. Por meio das investigações, com foco nas linguagens verbal e imagética, inicialmente voltadas aos casos de violência (física, psicológica, sexual, patrimonial, moral e o feminicídio) e, depois, delimitando o recorte da pesquisa quanti-qualitativa para a violência física, como a mais encontrada neste *corpus* (41,1%), identificou- se a construção de simulacros ou papéis temáticos e estereotipias da vítima como "conformada" e "refém"; e do homem como sujeito dotado de "bravura", "inconformação", "desobediência" e "negação", constituídos euforicamente tanto nos discursos midiáticos quanto nas condutas diárias. Evidenciou-se, no estudo, a prática do jornalismo sensacionalista dada a estrutura, e os recursos utilizados com base no exagero gráfico, temático, linguístico e semântico, totalizando 54,9% das matérias com este viés. Considera-se que os elementos textuais e imagéticos se associam às características de "fofoca" ou "mexerico", ambicionando mais o despertar da atenção do público do que causar uma reflexão a respeito do tema. Além disso, na relação violenta, manifesta-se o sujeito passiona, que é movido pelo sentimento de ciúmes, posse e pertencimento. Espera-se deixar uma contribuição pertinente aos estudos no campo comunicacional e semiótico com o intuito de conscientizar/educar os meios de comunicação acerca de como suas práticas discursivas influenciam ou reproduzem efeitos de sentido na sociedade, bem como motivar o debate sobre o assunto e inspirar outros trabalhos relativos à problemática.

PALAVRAS-CHAVE: Violência contra a mulher. G1. Sensacionalismo. Semiótica.

ABSTRACT

The book in question corresponds to the semiotic-discursive analysis of G1 news about violence against women, between 2006 and 2016, referring to the ten years of commemoration of the Maria da Penha Law. Through investigations, focusing on verbal and imagery languages, initially focused on cases of violence (physical, psychological, sexual, property, moral and feminicide) and, later, delimiting the scope of quantitative and qualitative research for physical violence, as the most found in this corpus (41.1%), the construction of simulacra or thematic roles and stereotypes of the victim as "conformed" and "hostage" were identified; and of man as a subject endowed with "bravery", "nonconformity", "disobedience" and "denial", euphorically constituted both in media discourses and in daily conduct. The study highlighted the practice of sensationalist journalism given the structure and resources used based on graphic, thematic, linguistic and semantic exaggeration, totaling 54.9% of the articles with this bias. It is considered that the textual and image elements are associated with the characteristics of "gossip" or "gossip", aiming more to awaken the public's attention than to cause reflection on the topic. Furthermore, in a violent relationship, the passionate subject manifests itself, which is driven by feelings of jealousy, possession and belonging. It is hoped to make a pertinent contribution to studies in the communicational and semiotic field with the aim of raising awareness/educating the media about how their discursive practices influence or reproduce effects of meaning in society, as well as motivating debate on the subject and inspiring other work related to the problem.

KEYWORDS: Violence against woman. G1. Sensationalism. Semiotics.

INTRODUÇÃO

A violência contra a mulher é assunto recorrente na mídia eletrônica (rádio, televisão), em jornais, portais de notícias e redes sociais, entre outros meios e plataformas de comunicação. O tema é objeto de estudo em diversos cursos de pós-graduação, compreendendo áreas do Direito, Saúde, Serviço Social, Políticas Públicas, Sociologia e Comunicação. No entanto, muito ainda precisa ser pesquisado e debatido sobre a temática.

De acordo com o Capítulo II, art. 7.º da Lei Maria da Penha (BRASIL, 2006), são cinco tipos de violência contra a mulher: física, psicológica, moral, sexual e patrimonial (que serão mais bem discutidos e exemplificados no Capítulo 2). Deste total, 64% são efetivadas pelo marido, parente próximo ou conhecido da vítima (DOSSIÊ..., 2015), sendo o feminicídio o caso último e mais extremo de agressão, para o qual não existe a possibilidade de um recomeço. A Lei que enquadrou o termo feminicídio no Código Penal, sob o número 13.104, foi sancionada pela presidente Dilma Rousseff, em 2015. Este crime é tipificado por se tratar de modalidade de homicídio por questões de gênero.

Segundo dados da Secretaria de Políticas para as Mulheres do Governo Federal, "a agressão física continua sendo a forma mais frequente de violação sofrida pelas mulheres. Do total de 732.468 atendimentos em território nacional por meio do "Ligue 180", em 2012, 50,2 mil (56%) foram relativos à violência contra a mulher" (MONITORADOS..., 2013; TIPOS..., 2018). Em 2014, por exemplo, de acordo com Dossiê "Mulher" publicado pelo Instituto de Segurança Pública, esse índice subiu para 60,5% (DOSSIÊ..., 2015). Estes são apenas alguns números de anos atrás, mas que, de início, trazem um quadro acerca deste aumento.

O relatório mais atual divulgado pelo Ministério da Mulher da Família e dos Direitos Humanos (MMFDH) aponta que, só em 2020, os canais oficiais de denúncia, Disque 100 e Ligue 180 (BRASIL, 2022a; 2022b), que recebem, analisam e encaminham queixas sobre violação de direitos humanos, registraram 105.671 casos, sendo que 72% desses registros diziam respeito à violência doméstica, o que mostra o crescimento significativo em relação às ocorrências nos últimos anos. Cabe, aqui, um adendo de que o Ligue 180 foi criado há 19 anos pela Lei n.º 10.714, de 2003, e implementado em 2005. Já o Disque 100 foi implantado em 1997, por organizações não-governamentais, inicialmente com o objetivo de atuar na promoção dos direitos da criança e do adolescente. No entanto, em 2003, passou a ser coordenado pelo Governo Federal, estendendo o serviço a outros grupos vulneráveis, como as mulheres, a população LGBTQIA+, indígenas, entre outros. Estes são instrumentos importantes que auxiliam no combate desta prática.

Dando sequência a respeito do crescimento da violência na Pandemia de Covid-19, o confinamento é visto como um dos gatilhos para a elevação dos casos da violência contra a mulher, em âmbito doméstico, na atualidade. Em entrevista ao Jornal El País (2021), Phumzile Mlambo-Ngcuka, diretora ONU-Mulher, alertou que esta é uma "[...] pandemia

que acontece às sombras, tão devastadora quanto o coronavírus" (MLAMBO-NGCUKA, 2021, ON-LINE). O artigo de Toledo (2020) reforça este dado, mostrando que existe uma ideia por parte dos agressores, principalmente nesse período, de que não serão punidos porque ninguém enxerga o problema por conta do isolamento (TOLEDO, 2020). Este, de acordo com Toledo (2020) "[...] não é um fenômeno agudo, que ocorre em intervalos de tempo restritos, mas um problema crônico, de caráter histórico e estrutural" (TOLEDO, 2020, *on-line*). Tem origem no patriarcado e na cultura machista, conforme estudos de Heleieth Saffioti (1987;1995) e Gerda Lerner (2019).

A subnotificação é apontada como outro problema observado neste tipo de crime, mas este não é um fenômeno recente, conforme apontou Toledo (2020). Segundo a Coordenação das Delegacias de Defesa da Mulher de São Paulo, o desafio se tornou maior nessa fase da pandemia "[...] pelo fato de as mulheres não poderem ir até uma delegacia e terem dificuldade de fazer a denúncia com seus agressores por perto" (CASTRO, 2021). Sendo assim, seja na atualidade ou em tempos passados, não se conhecem as cifras correspondentes à violência, pois ela é amplamente escondida, não denunciada, conforme apontado por Saffioti (1987). Desta forma, o lar, que deveria ser o local de maior refúgio contra os perigos existentes no mundo, se torna justamente o oposto, ou seja, o espaço de maior insegurança na relação entre o agressor e a vítima (CASTRO, 2021).

O domicílio, segundo Pereira *et al.* (2013), "[...] representa para as mulheres o local onde há maior probabilidade de sofrerem violência, tornando o ambiente privado um espaço de perpetração de ações violentas" (PEREIRA *et al.*, 2013, p. 13). Uma das consequências da falta de registro por parte da vítima, ou o silenciamento, é a "invisibilidade", termo que utilizamos, aqui, no sentido definido pelo sociossemioticista francês Eric Landowski (1992), ao tratar das modalidades semióticas do "ver" ou não "ver", do "ser visto" e do "não ser visto" (LANDOWSKI, 1992, p. 90).

Invisibilidade porque, quando o problema não é denunciado, é como se não existisse e a mulher permanecesse silenciada. Segundo Pereira *et al.* (2013, p. 9) "[...] o silêncio frente aos maus-tratos está apoiado nos sentimentos de família idealizada internalizada". Além de quê, nunca será possível, de fato, conhecer quais as "cifras" ou chegar próximo da realidade, como apontou Saffioti (1987, p. 80). Quando a mulher cria coragem para denunciar, ela pode buscar acolhimento e quebrar o silêncio, que auxilia no processo de recuperação. Todos os dados apresentados apontam a relevância acadêmica do estudo deste tema, especificamente no campo da comunicação e semiótica (estudos da linguagem), em que encontramos lacunas neste sentindo, além da demanda e emergência social que o assunto manifesta.

Antes de seguir com os elementos estruturantes da pesquisa, abre-se um tópico para trazer mais informações a respeito de Maria da Penha, em quem a Lei n.º 11.340 (de 7 de agosto de 2006), que visa a proteger a mulher vítima de violência, foi inspirada.

1.1 QUEM FOI MARIA DA PENHA?

Importante no início deste estudo lembrar quem foi Maria da Penha, nome que deu origem à Lei que visa proteger a mulher vítima de violência. A farmacêutica formou-se em 1966, na Universidade Federal do Ceará, e conheceu o colombiano Antonio Heredia Viveros, em 1974, quando cursava mestrado na Universidade de São Paulo.

Eles casaram-se em 1976 e, após o nascimento das filhas, iniciou-se o ciclo da violência com comportamentos e atitudes explosivas, entre outros. Antes disso, segundo Penha, ele era "amável, educado e solidário com todos a sua volta" (QUEM..., 2018, *on-line*).

Com o passar dos dias, os atos violentos aumentaram, mas nesse período, Maria da Penha teve outra filha. Em 1983, então, ela "foi vítima de tentativa dupla de feminicídio" (QUEM..., 2018, *on-line*). Numa noite, enquanto dormia, Viveros acertou um tiro em suas costas. Nesse episódio de violência, "ficou paraplégica", teve "lesões irreversíveis na terceira e quarta vértebras torácicas, laceração na dura-máter e destruição de um terço da medula à esquerda – constam-se ainda outras complicações físicas e traumas psicológicos" (QUEM..., 2018, *on-line*).

O marido de Maria da Penha falou que ela sofrera uma ameaça de assalto, fato que, posteriormente, foi negado pela perícia. As agressões não pararam por aí. Ao voltar para casa, após quatro meses internada, sofreu uma segunda tentativa de feminicídio, quando ele a eletrocutou durante o banho. Neste período, a farmacêutica também ficou encarcerada por 15 dias, fora tantos outros agravantes cometidos por Viveros, no intuito de desacreditá-la, que pode ser visto como uma prática chamada de *Gaslighting*. Tomando consciência de todas estas ocorrências, a família tirou-a de casa, cuidando judicialmente para que não configurasse "abandono de lar", a fim, ainda, de que ela não corresse o "risco de perder a guarda das filhas" (QUEM..., 2018, *on-line*).

O que ocorreu nos anos seguintes mostra a letargia por parte de legisladores e juristas, que será abordada no Capítulo "Ausência do Estado". Depois de muitas tentativas de que o marido pagasse pelos crimes cometidos, em 1991 e em 1996, ele foi condenado, mas respondeu em liberdade. Mesmo o caso tendo tomado proporção internacional e sido denunciado como violação de direitos humanos, ainda assim, o Estado Brasileiro seguia indiferente, até ser notificado pela Convenção Americana Sobre Direitos Humanos (CADH). Após assumir e executar todas as recomendações dos documentos emitidos pela CADH, muitas discussões do Consórcio formado por ONGs Feministas nos poderes Executivo, Legislativo e Judiciário, e elaboração de projeto, em 2006 (23 anos depois da primeira agressão sofrida por Maria da Penha), é que, no governo do Presidente Luís Inácio Lula da Silva, a Lei n.º 11.340/2006 foi, então, aprovada.

1.2 ELEMENTOS ESTRUTURAIS DA TESE

A pesquisa tem como foco a violência física (lesão corporal), que é de acordo com pesquisas acessadas, a mais praticada (IMP, 2018). Contudo, ao sofrê-la, a vítima ainda pode mudar o rumo. Dizer que existe violência contra a mulher parece ser uma constatação óbvia, ao mesmo tempo em que é real, de acordo com as estatísticas. No entanto, nosso objetivo principal, neste trabalho, é entender, com base na metodologia de análise do discurso, inspirada na Escola de Semiótica Francesa de Algirdas J. Greimas, como esse fenômeno é construído pela mídia.

O estudo se concentra na análise de notícias a respeito dos dez anos de criação da Lei Maria da Penha, disponibilizadas pelo G1. A pergunta de pesquisa proposta é: como o G1 construiu simulacros midiáticos da mulher, e também do homem, nos casos de violência física (lesão corporal) entre 2006-2016? O objetivo geral, então, é analisar simulacros construídos na linguagem verbal e fotográfica (imagética) das publicações do Portal de Notícias G1 acerca da violência contra a mulher. Além disso, nos interessa observar: que tipo de sujeitos (homens e mulheres) se manifestam nesses discursos; as isotopias temáticas, figurativas e plásticas presentes no discurso do jornal (FIORIN, 2016, p. 112). A partir dos resultados, busca-se também divulgar a pesquisa em escolas e universidades, além de popularizar os conhecimentos para outros públicos da sociedade. Esclarece-se que este último objetivo também contempla proposta de medida socioeducativa prevista pela Lei Maria da Penha (BRASIL, 2006, p. 17).

Ao longo do trabalho, testamos as seguintes hipóteses:

1. no discurso midiático, são manifestados “papéis temáticos” específicos para ambos os sujeitos em questão, a saber: (a) o homem com características de “bravura”, no sentido e valor disfórico (negativo) dos termos (GREIMAS; COURTÉS, 2008, p. 149); (b) a mulher como figura “conformada”, que suporta e permanece na relação, independentemente do que aconteça; (c) a mulher como “refém” ou “encarcerada”, no sentido literal e conotativo do termo propondo uma invisibilidade;
2. os discursos midiáticos apontam para uma responsabilização da vítima de violência, inocentando ou justificando os atos do agressor (BAGGIO, 2021);
3. nesta relação, manifestam-se o sujeito passional que é movido pelo sentimento de ciúmes, posse, pertencimento (GREIMAS; FONTANILLE, 1993);
4. a notícia, como gênero jornalístico com caráter de objetividade (GREIMAS, 2014) reveste-se, por vezes, de uma roupagem sensacionalista.

A pesquisa tem como *corpus* notícias sobre violência contra a mulher publicadas no Portal G1 entre os anos de 2006 e 2016, que somam dez anos da criação da Lei Maria da Penha. O *corpus* contém 4.065 mil notícias publicadas naquele período, que passaram preliminarmente por uma leitura e, depois, uma triagem, com base, em elementos da Semiótica Discursiva de Algirdas J. Greimas. Inicialmente, foram feitos o levantamento e

a quantificação dos tipos de violência. Foram, então, identificadas e quantificadas também as categorias, a partir dos temas e das figuras mais recorrentes nos textos, conforme será explicado no tópico da metodologia. Posteriormente, para dar conta das análises, delimitou-se o recorte para apenas as matérias correspondentes à agressão física, que é uma das mais cometidas, segundo informações do Instituto Maria da Penha (2018), convergindo com o levantamento feito no *corpus* proposto, 41,1%.

Por que foi escolhido o G1 para compor o *corpus* da pesquisa? A escolha se justifica pelo acesso gratuito, sem a necessidade de efetuar assinatura para obter as informações, o que faz do portal um meio de grande alcance. Outro ponto importante é que o *site* produz conteúdo de todos os estados brasileiros, seguindo uma mesma linha editorial, o que permite uma análise uniforme. E, por se tratar, ainda, de um canal de notícias de um grande grupo (tradicional) de comunicação do país, que é “líder na categoria notícias, [...] [e] acumula 3,1 bilhões de visitas e 56 milhões de visitantes”, em 2018, de acordo com a pesquisa encomendada pelo Grupo Globo e realizada pela ComScore (GRUPO GLOBO..., 2018, *on-line*).

Antes desta sondagem, outro levantamento, que recebeu a denominação “Pesquisa Brasileira de Mídia 2014 - Hábitos de Consumo de Mídia pela População Brasileira” (BRASIL, 2014), revelou que a faixa etária dos leitores que mais acessam a plataforma de notícias é entre 56 e 65 anos (10,7%). “O *site* é mais procurado por homens (6,5%), pessoas com ensino superior (7,7%) e em municípios com renda familiar superior a cinco salários-mínimos (6,7%)” (BRASIL, 2014).

Estes índices nos dão base para analisar como o tema é tratado nesta plataforma hegemônica que, embora “seja um portal exclusivamente para Internet, possui raiz nos grupos de mídia tradicional” (QUESADA TAVARES; GOULART MASSUCHIN, 2017, p. 3). Segundo apontou o trabalho de Quesada Tavares e Goulart Massuchin (2017), para 77,9% dos leitores, o G1 “[...] se coloca como portal exclusivo de notícias informativas [...] preferem mais buscar notícias de cunho *hard*”, ou seja, de interesse social, incluindo política, economia, entre outros (QUESADA TAVARES; GOULART MASSUCHIN, 2017, p. 7; 9-14). Tal fato, como descreveu Mendes (2018), define a relação entre enunciador e enunciatário, significando que “[...] comunicar, antes de qualquer coisa, é pressupor a quem se dirige, intuir qual é o saber, os valores e as crenças do destinatário da comunicação, o que será comunicado, de que maneira etc.” (MENDES, 2018, p. 20).

1.3 DESTINADOR G1

Neste ponto, é feita uma breve explicação sobre o conceito de “destinador” como actante da comunicação. Em semiótica, destinador ou enunciador “é aquele que comunica ao destinatário-sujeito não somente os elementos da competência modal, mas também o conjunto de valores em jogo [...] Poder-se-á, portanto, opor, no quadro do esquema

narrativo como, o destinador manipulador (e inicial) ao destinador julgador (e final)" (GREIMAS; COURTÉS, 2008, p. 132). Dentro destes mecanismos, o destinador leva o destinatário a agir conforme seus planos. Salienta-se que nem sempre o destinador/enunciador representa um sujeito de "carne e ossos" e como meio de comunicação, de acordo com Oliveira (2004, p. 8). "[...] se arranja estruturalmente para atualizar as suas marcas identitárias responsáveis por ele ser o preferido do leitor" (OLIVEIRA, 2004, p. 8).

Nesse processo ou reciprocidade com o leitor, "[...] sua vivência também passa a receber investimentos de valor [...]" uma vez que "o fazer sentir do destinatário é predominantemente organizado pelo destinador [...] e seu propósito é o de manter a identidade do leitor, na medida mesmo em que mantém a sua própria identidade" (OLIVEIRA, 2004, p. 7). Ou seja, contando os índices apresentados na "Pesquisa Brasileira de Mídia 2014 – Hábitos de Consumo de Mídia pela População Brasileira" (BRASIL, 2014), maior parte dos leitores do destinador G1 é composto por um público hegemônico, estável, que remete a ideia de ser "fixo" ou que não se altera, parecido com o regime (patriarcado), que institui suas normas e legitima a violência contra a mulher, nosso objeto de estudo (SAFFIOTI, 2011, p. 84; LANDOWSKI, 2012, p. 33; 41-2).

Esta legitimação se constrói por meio dos recursos usados nas linguagens verbal e imagética, isto é, uma atração pela notícia mais como curiosidade do que reflexão sobre o problema e que, de acordo com resultado do levantamento do *corpus* (54,9%), se mostrou estar voltada para um jornalismo sensacionalista, que desperta o interesse no leitor como se o acontecimento fosse uma espécie de "fofoca", daquela que chama a atenção, tendo a relação fortalecida, desse modo, conforme abordado no Capítulo 5.

Isso compreende, segundo expõe Oliveira (2004), como "estratégias manipulatórias do jornal para se promover enquanto um produto de consumo [...]" que, dentro de "[...] padrões que lhe são próprios, a criação da identidade mercadológica para as organizações e empresas com os seus produtos, marcas e serviços tornou-se uma prescrição de vida para aqueles que objetivam fincar as suas âncoras no vasto mercado globalizado" (OLIVEIRA, 2004, p. 8).

Nesta relação entre leitor (consumidor da notícia) e destinador, "[...] passaram a ser inscritos formas do sentir-se na própria pele, sentir-se no mundo, que ajudam delinear os modos de estar do sujeito, as marcas identitárias e os estilos de vida na sociedade" (OLIVEIRA, 2004, p. 8). De modo que os "[...] destinadores do jornal objetivam veicular manifestações textuais que produzam uma compreensão direta e ágil do seu dinamismo, o plano de expressão do jornal busca orquestrar com eficácia os percursos de leitura" (OLIVEIRA, 2004, p. 13).

Correspondendo a esse pensamento, segundo Oliveira (2007, p. 71), "a identidade de nomeação é um dos simulacros do destinador", significando que o emissor deixa sua impressão no nome e se modela. Como uma marca que perdura no mercado, é fato que precisa sempre de atualização para engajar o maior número de leitores, ao mesmo tempo

que mantém os antigos. Como isso ocorre? Para ilustrar esses conceitos, associando-os à metodologia em questão, trazemos alguns exemplos de logomarcas usadas pelo destinador G1, desde 2006, que integram o recorte desta pesquisa e, coincidentemente, marcam o ano em que o portal foi criado, até 2016.

No plano da expressão, a logo era posta em caixa alta em um retângulo preenchido com a cor vermelha clara; no centro, a letra e número que formam o nome do jornal em degradê com as cores cinza e branco; nos anos posteriores, dependendo da região, parecendo uma fase transitória, encontra-se o título do meio de comunicação em vermelho forte, tendo, no seu entorno, o branco; variavelmente, nos últimos anos que compreendem a delimitação do *corpus*, o G1 aparece em um retângulo maior em vermelho mais forte, que vai de um extremo ao outro da página com a denominação "G1" em branco, no lado esquerdo superior. Hoje, a título de conhecimento, a logo se encontra no centro da barra em vermelho pouco mais claro, em caixa baixa, ou g1, conforme Fig.1.

Figura 1 - Logomarca do *site* de notícias

Fonte: Elaborado pela autora (2023).

Trouxemos estes detalhes para explicar que, embora represente uma empresa conservadora nos valores, observa-se que suas marcas vêm se adequando tanto nos elementos do plano de expressão quanto no plano do conteúdo – para engajar e conquistar novos públicos, e uma das amostras disso está na compilação desse material – que possibilita, segundo Pereira (2019), que "[...] o conteúdo do *site* tenha diversos meios de compartilhamento pelo público, bem como garantindo que o próprio veículo de comunicação esteja integrado sobre o que está sendo repercutido na *web*" (PEREIRA, 2019, p. 3), sendo, talvez, esta uma tentativa de abarcar um maior número leitores.

Interessante observar que o "G" (G grande) lembra "Grupos" formadores das maiores potências no mundo (como o G20, por exemplo). Em suma, representam os poderosos, cujo destinador também se insere no campo da comunicação, tanto que o próprio portal traz a ideia textualizada pelo "1", colocando-se já no título como o primeiro. Nesta adequação necessária para a preservação, como um "camaleão", vai se camuflando. Uma prova é a alteração do "G" no nome para "g", contemplando, quem sabe, uma noção mais ampla,

próxima e de igualdade com o público. No entanto, mesmo diante da necessidade de mudança, os simulacros observados tanto na linguagem verbal quanto de imagem ainda permanecem em 54,9% das notícias aqui analisadas como consequência de um jornalismo que segue desumanizando grupos (MORAES, 2022), como o da mulher, que é nosso objeto de estudo. Tais simulacros do destinatário atuam no sentido de causar impacto (apelo ao extraordinário) do que a reflexão (ARBEX JR, 2001; SERVA, 2001; TEIXEIRA, 2011;).

1.4 MÉTODO/ METODOLOGIA

A pesquisa tem como recorte o período entre 2006 e 2016, que soma dez anos da criação da Lei Maria da Penha (2006). A seleção do material empírico ocorreu, então, a partir dos seguintes critérios: nas buscas iniciais, coletaram-se 4.065 notícias sobre violência contra a mulher publicadas pelo G1 em todos os estados brasileiros naquele período. Posteriormente, passaram por uma delimitação do conteúdo a fim de tornar possível a análise em tempo hábil. Estes registros foram agrupados por região e disponibilizados pelo próprio portal, em uma planilha, viabilizando maior quantificação dos dados.

A delimitação do *corpus* e o recorte deram-se por meio da observação das isotopias, que podem ser temáticas, figurativas e plásticas, conforme teoriza Fiorin (2016) e são mais detalhadas no capítulo sobre Semiótica Discursiva. No primeiro recorte, foi feita uma leitura inicial de cada uma das notícias, que durou cerca de três meses; no momento da primeira averiguação, identificaram-se, usando o conceito das isotopias, categorias como os tipos de agressões mais recorrentes, a saber: agressão física (que é o nosso foco de análise), feminicídio, estupro, abuso, violência psicológica e patrimonial. Constatou-se que a agressão física ou lesão corporal é, como apontado nas pesquisas descritas na introdução, uma das agressões mais praticadas contra a mulher, seguida de feminicídio, estupro e abuso (violência sexual) (IMP, 2018).

A partir do Capítulo 4, as informações são detalhadas com os demais achados e estatísticas. Em segundo, identificamos os temas, os semantismos e os papéis temáticos mais usados para compor as categorias relacionadas aos motivos da violência, entre eles: "não aceitava o fim de relacionamento", "ciúmes", "suposta traição" (entre aspas porque é assim que, nos textos, geralmente aparece), "responsabilização da vítima"; as formas pelas quais se davam as agressões: "refém", "sequestro", "atear fogo". Além disso, observarmos a faixa etária dos agressores e mulheres, se o nome deles eram citados nas notícias, ou se na matéria são publicadas fotos (imagens) tanto do agressor quanto da vítima; quantificamos os números da violência por estado e a partir de um programa/planilha criados no Microsoft Excel, cuja aplicação possibilita mensurar e precisar os dados em gráficos também.

O livro é composto por nove capítulos, a saber: 1) Introdução; 2) Semiótica e Abordagem Teórico-Metodológica; 3) Gênero, Comunicação e Semiótica; 4) Tipologias da Violência; 5) G1 e a Prática do Jornalismo Sensacional; 6) Simulacros da Mulher que Emergem

nas Notícias do G1: conformada (geralmente nesse caso, foram encontradas notícias que destacavam o tempo de relação e, por isso, foram identificados tais semantismos, refém (invisibilidade); 7) Simulacros do Homem que Emergem nas Notícias do G1: "bravura", "valente", "destemido", "desobediente", "negacionista"; 8) Responsabilização da Vítima; 9) Paixões Sob a Ótica do G1 nos Casos de Violência. As recorrências mais frequentes serviram como inspiração para a criação e produção dos capítulos.

No próximo capítulo, fazemos uma descrição detalhada do arcabouço teórico-metodológico apreendido, explicando os conceitos que estruturam o trabalho.

SEMIÓTICA E ABORDAGEM TEÓRICO-METODOLÓGICA

Em primeira mão, iniciamos este capítulo tratando das isotopias como recurso teórico importante que embasa e dá suporte a toda análise da linguagem verbal e imagética do *corpus* estudado. Segundo a semiótica discursiva de Greimas (2008), as isotopias configuram, em primeiro lugar, a repetição de temas e figuras em um determinado texto (FIORIN, 2016, p. 112). Neste "mecanismo de constituição do sentido [...] o enunciador pode combinar figuras ou temas do discurso de tal maneira que chame a atenção do enunciatário para determinados aspectos da realidade que descreve ou explica" (FORIN, 2016, p. 120). Significando, ainda, em Fiorin (2016, p. 96), que "uma figura sozinha não produz sentido, é a relação entre elas que o faz". No entanto, os conceitos de isotopia enquanto "repetição" de elementos específicos foram utilizados para a análise do plano da expressão, contemplando, também, as recorrências de traços plásticos como "formas", "cores", "arranjos topológicos".

Contextualizando um pouco sobre a metodologia de análise do discurso, esta, de acordo com Greimas e Courtés (2008, p. 29) representa "o conjunto de procedimentos utilizados na descrição de um objeto semiótico, os quais se particularizam por considerar, em seu ponto de partida, o objeto em questão como um todo de significação e, por outro, entre as partes e o todo que ele constitui" (GREIMAS; COURTÉS, 2008, p. 29).

A semiótica greimasiana, surgida nos anos de 1970, se concentra no estudo da significação, nos mecanismos e efeitos de sentido produzidos nos e pelos textos e, aqui, é importante dizer, que "texto", para Greimas e Courtés (2008, p. 502-3), não se resume apenas à ideia de discurso. Ambos "[...] podem ser empregados indiferentemente para designar o eixo sintagmático das semióticas não linguísticas: um ritual, um balé, podem ser considerados textos ou discurso" (GREIMAS; COURTÉS, 2008, p. 503). Para Greimas (2008, p. xx apud DEMURU, 2019, p. 87) "o texto nunca foi um 'objeto físico', uma 'coisa' (um livro, um filme, um quadro, uma fotografia). Muito pelo contrário, 'texto' sempre foi um 'modelo' para a construção e a descrição de qualquer tipo de fenômeno" (DEMURU, 2019, p. 87). E, segundo Demuru (2019, p. 87), "[...] independentemente de sua natureza expressiva e de seu tamanho".

Por meio de elementos do Percurso Gerativo do Sentido (PGS), compreendendo um vasto arcabouço teórico-metodológico, elaborados pelo lituano Algirdas J. Greimas, é possível mostrar "[...] como se produz e se interpreta o sentido, num processo que vai do mais simples ao mais complexo, em três níveis distintos: fundamental, narrativo e discursivo" (FIORIN, 2016, p. 20).

No nível fundamental, Greimas e Courtés (2008) tratam da sintaxe e a semântica de base do PGS, que aborda os tipos de relações por meio das quais se desdobram estas análises fundamentadas em uma oposição (GREIMAS, COURTÉS, 2008). Um exemplo são os eixos homem/mulher que são abordados ao longo da obra. No entanto, segundo

Fiorin (2016, p. 22), a fim de “[...] que os termos possam ser apreendidos conjuntamente é preciso que tenham algo em comum e é sobre esse traço comum que se estabelece uma diferença”. Outra definição usada é a das “qualificações semânticas” denominadas “euforia *versus* disforia”, sendo considerada a primeira como valor positivo e a segunda como negativo (GREIMAS; COURTÉS, 2008, p. 149; p. 192; FIORIN, 2016, p. 23).

No nível narrativo do PGS, Fiorin (2016, p. 27) explica que “[...] nem todos os textos são narrativos” e faz uma distinção entre narratividade e narração. Ele define que “a narratividade é uma transformação situada entre dois estados sucessivos e diferentes [...] significa que ocorre uma narrativa mínima, quando se tem um estado inicial, uma transformação e um estado final” (FIORIN, 2016, p. 27-8). Para Fiorin (2016, p. 29), “[...] os textos não são narrativas mínimas. Ao contrário, são narrativas complexas, em que uma série de enunciados de fazer e de ser (de estado) estão organizados hierarquicamente”. Por sua vez, esse tipo de explanação “[...] estrutura-se numa sequência canônica, que compreende quatro fases: a manipulação (por tentação, intimidação sedução e provocação), a competência, a performance e a sanção” (FIORIN, 2016, p. 29-31). Passando do nível narrativo para o discursivo, a diferença principal entre eles é que o narrativo é composto por formas abstratas e, no nível discursivo, estas “[...] formas abstratas são revestidas de termos que lhes dão concretude” (FIORIN, 2016, p. 41). Estes são pontos relevantes da teoria greimasiana que sustentam os estudos em questão.

2.1 O ESQUEMA NARRATIVO CANÔNICO E O CICLO DA VIOLÊNCIA SOB O VIÉS SEMIÓTICO

O esquema narrativo e suas atribuições fundam-se em “princípios lógicos de organização [...] dificilmente percebidos” (GREIMAS; COURTÉS, 2008, p. 331). Eles incidem na “[...] iteração das três provas: qualificante, decisiva e glorificante [...] a prova considerada um sintagma narrativo recorrente [...] de modo que só o investimento semântico – inscrito na sequência – permitia distingui-las entre si” (GREIMAS; COURTÉS, 2008, p. 331). Estes conceitos, que transitam, em especial, entre os níveis narrativo e discursivo do PGS de Greimas e Courtés (2008), se aplicam no caso específico do tema da Violência contra a Mulher e os ciclos da violência de Walker (1979), que são pormenorizados no Capítulo 3. A título de esclarecimento, são quatro as fases do ciclo da violência: aumento da tensão, ato da violência, lua de mel e calma, começando, depois, tudo de novo.

Para dar um exemplo de como a junção entre teoria e os dados empíricos funcionam, com base no “ciclo da violência”, imaginemos o começo de uma relação pelo viés afetivo. O nível narrativo constitui aquilo que é abstrato, conforme Fiorin (2016, p. 41), que está na ordem do desejável, e poderia representar um relacionamento de “conto de fadas”, que a mulher (nosso foco de estudo) constrói no seu íntimo, ou o sonho com o casamento, a idealização de uma família e união que lhe trará satisfação e que, por fim, culminará na

conquista de um dos objetivos de valor mais almejado pelo ser humano – a felicidade, como também expuseram Pereira *et al.* (2013, p. 9). Vários investimentos são feitos pelos sujeitos no percurso da relação a fim de atingir seu propósito. Digamos que siga uma rotina "programada" que, conforme o sentido atribuído ao termo por Landowski (2014, p. 28), baseia-se na repetição de elementos em ordem diversa, seja causal ou social, definindo o caráter previsível dos comportamentos de um ator. Segundo o semioticista, a programação tem, por efeito, "[...] produzir ao mesmo tempo identidades impermeáveis entre si [...] um pode (e não pode mais que) ou sabe (e não sabe mais que)" (LANDOWSKI, 2014, p. 28).

Em todos os processos de construção, não diferentemente daqueles relacionados aos vínculos sentimentais, competência, *performance*, fases de manipulação (tentação, intimidação, sedução e provocação) são engendrados, mesmo que não ocorram todos ao mesmo tempo (FIORIN, 2016, p. 29). Ao se desencadear um ciclo violento (WALKER, 1979), que também segue uma ordem, inicia-se com processo que nem sempre é fácil de "perceber" ou "distinguir", como diriam Greimas e Courtés (2008, p. 331). A partir de uma ruptura em que a "fúria", as "ameaças", os "xingamentos" por "coisas insignificantes" (WALKER, 1979, p. 2) começam a sair do controle (das abstrações), do verbal para o ato em si, e além do "desmoronar do castelo", também ocorre a transformação de estado, o deslocamento de níveis do Percurso Gerativo do Sentido (PGS), passando do narrativo (que não deixa de ser o que se idealizou) ao discursivo (a concretude) da ação. Esta fratura representa o que Landowski (2014) chama de acidente, que roça na lógica imprevisível, e começa, de acordo com os ciclos apresentados por Walker (1979, p. 2), a ocorrer em etapas (1 e 2), ou do "aumento da tensão" para o "ato de violência". Com o tempo, talvez, depois de ter vivenciado pela primeira vez, tal situação nem possa mais ser considerada como imprevisto e passe a fazer parte de uma "nova" rotina na vida familiar, dependendo da decisão que a mulher tomar, transformando-se, novamente, em uma "programação".

Landowski (2014, p. 70) demonima que algo assim, embora não se justifique, acaba "[...] fazendo parte das contingências da vida prática [...] enquanto irrupções da descontinuidade a mais radical no curso das coisas, produzem, ao mesmo tempo, as maiores incertezas no plano do conhecimento e, evidentemente, as piores destruições e as mais terríveis dores" (LANDOWSKI, 2014, p. 71). Deste modo, *a priori*, não é possível determinar exatamente o que desencadeia tal circunstância e o desfecho de uma situação de agressão (que parece vago ou vazio de significado), até porque não é o nosso propósito explicar como se dá esse fenômeno, mas, a partir destas ferramentas teóricas disponíveis para a análise do objeto, poder identificar os efeitos de sentido estabelecidos por esses discursos e práticas.

2.2 FORMANTES FIGURATIVOS, PLÁSTICOS E PAPÉIS TEMÁTICOS

Além das noções e fases do esquema narrativo canônico apresentados, os conceitos de semiótica figurativa e plástica expandem ao mesmo tempo que permitem complementar a análise de um objeto, incluindo as imagens que investigamos nas notícias junto à linguagem verbal, por exemplo (GREIMAS, 1984). As categorias plásticas são compostas pelos formantes pictórios em quatro dimensões: cromática (cor, tonalidade, graus de saturação, espessura e ritmo); topológica (distribuição das formas no espaço: alto, baixo, formato, direção); eidética (diferentes tipos de simetria, forma, curva, reto) e matérica (materialidade do significante) desenvolvido por Oliveira (2004).

Outro conceito acionado ao longo desta obra é o dos papéis temáticos (GREIMAS; COURTÉS, 2008, p. 495). O que são e quais são eles? No escopo semiótico, papel temático é uma espécie de personagem "[...] que um ator desenvolve ao longo de uma determinada narrativa. Trata-se de funções social, cultural e discursivamente estereotipadas (o pescador, o ladrão, a bruxa, aqui, no caso, a submissa, o valente)" (DEMURU; GARCIA, 2020, p. 90). Estão frequentemente relacionadas a traços e/ou isotopias figurativas estabelecidas. Ou, como diria Fiorin (2016, p. 91), são "[...] figuras do mundo natural efetivamente existente, mas também no mundo natural construído". Mais sobre papéis temáticos é abordado no capítulo 4, no Tópico "Estereótipos de Gênero".

2.3 SOCIOSSEMIÓTICA DE LANDOWSKI: ESTESIA, CONTÁGIO, REGIMES DE INTERAÇÃO E SENTIDO NO ESTUDO DA VIOLÊNCIA

No texto "De Greimas a Eric Landowski - A experiência do sentido, o sentido da experiência: semiótica, interação e processos sócio-comunicacionais", o semioticista Paolo Demuru (2019) descreveu que o percurso semiótico criado por Greimas e Courtés (2008) representa "um dos êxitos mais radicais [que a] fenomenologia da primeira metade do século XX [...] se deparou, no final de sua trajetória, com o problema da constituição intersubjetiva do sentido", sendo necessária "uma nova cientificidade capaz de descrevê-la" (DEMURU, 2019, p. 99).

A nova cientificidade vem sendo concebida por Landowski (2016), principal desenvolvedor da semiótica greimasiana em chave sociossemiótica. A Sociossemiótica tem seus desdobramentos, que são "homologáveis à perspectiva comunicacional [e] é a teoria alargada que estamos construindo [...] A semiótica estândar apresenta-se, neste quadro, como uma construção de transição" (LANDOWSKI, 2016, p. 211). É por meio da "semiótica estândar [...] nos seus princípios epistemológicos e mediante uma crítica metódica de seus pressupostos, que se tornou possível a refundação que propomos [...] rumo a um mesmo tema, o da interação" (LANDOWSKI, 2016, p. 211). Tal disciplina permite expandir os estudos e análises sobre fenômenos sociais, culturais e políticos, como o tema por nós empreendido.

O laço entre a semiótica “mãe” e a sociossemiótica, conforme Mendes (2018), interage em seus conceitos teóricos, constituindo “o viés comunicacional, graças ao qual se constrói o objeto desse campo para, em seguida, localizar o papel da semiótica como dinâmica da comunicação, sob a perspectiva dessa última” (MENDES, 2018, p. 15).

Como seguidor de Greimas, Landowski (2005; 2014; 2016) ampliou o modelo da narratividade proposto pelo semioticista lituano. Elaborou, segundo Demuru (2019), além da programação e manipulação, já estruturados por Greimas e Courtés (2008), outros “regimes de interação, que podem levar a reconfigurar (por ajustamentos sucessivos) ou subverter (por acidentes ou séries de acidentes pontuais) as configurações precedentes” (DEMURU, 2019, p. 90). Dentro deste arcabouço, Landowski (2014) criou, ainda, “um percurso [...] elíptico, cuja evolução pretende seguir a forma como ele procurou desdobrar o pensamento de Greimas: tensionando-o sem nunca chegar a rompê-lo” (DEMURU, 2019, p. 87).

Outro conceito desenvolvido por Landowski (1992) bastante utilizado no decorrer das análises, inclui o regime de visibilidade, conforme destacamos na introdução. Esse sistema prevê, de acordo com o sociossemiótico “[...] a relação mínima do *ver [...]* em níveis mais superficiais, diferentes especificações modais (essencialmente do tipo *querer, dever, saber e poder* “ver”) (LANDOWSKI, 1992, p. 90, grifos do autor), dos quais o “emprego condiciona a maneira como os actantes, no caso os dois agentes, individuais ou coletivos, designados como o que “vê” e o que “é visto”, estabelecem relações inclusive opostas do “não ver” e não ser visto” (LANDOWSKI, 1992, p. 90). Logicamente, como a figura elíptica que Landowski (2014) escolheu para representar possibilidades infinitas de interpretação, a ideia do regime de visibilidade, ou, do contrário, da invisibilidade (no caso, da mulher que não denuncia), a partir das modalidades do “ver”, “ser visto”, ou “não ver” e “não ser visto”, depende de cada objeto analisado e o sentido que dele emerge (LANDOWSKI, 1992, p. 90).

Um outro regime de sentido que Landowski (2005) elaborou está descrito na publicação “Aquém ou além das estratégias: a presença contagiosa”. Neste artigo, Landowski (2005) trata do “contágio” e também da “estesia”, ou, do sensível, conforme já tinha sido postulado por Greimas (2017), em “Da Imperfeição”, em que ele analisa textos literários.

O “contágio”, para Landowski (2005; 2014b), está “[...] fundado sobre as qualidades sensíveis dos parceiros da interação, isto é, de um lado, a consistência estésica (plástica e rítmica) dos objetos, e, de outro, a competência estésica dos sujeitos” (LANDOWSKI, 2014b, p. 17). O contágio, como explica, ainda, Landowski (2014b, p. 17-8),

> Em termos epidemiológicos, o contágio define-se como uma transformação de estado provocada pela transferência de um objeto (o vírus) entre sujeitos: ele obedece à lógica da junção. O conceito sociossemiótico de contágio depende, ao contrário, da lógica da união. Se o rir, o bocejar ou o desejo são ditos contagiosos, é porque, para provocá- los, não é sempre necessário

conjugar o interlocutor a algum objeto especialmente “risível”, “aborrecido” ou “desejável”. Ao deixar tão somente transparecer o seu próprio estado hilário, de fastio ou de desejo, um sujeito pode “acender” (como diz Rousseau) o mesmo “fogo” no coração dos que o olham. Sentir o sentir do outro é, em muitos casos, já prová-lo por sua própria conta, como se, por uma espécie de performatividade da copresença sensível, a percepção das manifestações somáticas de certos estados vividos por outros tenha o poder de nos fazer experimentá-los. O contágio assim entendido como relação entre sensibilidades, intervindo, portanto, no plano estésico, não se confunde com a “imitação” intencional, nem com a “empatia”, situada no plano cognitivo (LANDOWSKI, 2014b, p. 17-8).

O autor dá exemplos e faz associação de ordem epidemiológica (que, diga-se, não nos interessam nesse caso), mas que, na esfera da sociossemiótica, como o conceito pode ser aplicado, quando se refere ao “sentir o sentir do outro [...] por ser uma performatividade da copresença sensível, a percepção das manifestações somáticas de certos estados vividos por outros tenha o poder de nos fazer experimentá-los” (LANDOWSKI, 2014b, p. 18). E, claro, como Landowski (2018) afirma, “sentir o sentir do outro” nada têm a ver com empatia, que se encontra, segundo ele, no plano do cognitivo (LANDOWSKI, 2014b, p. 18).

A “estesia”, de acordo com Landowski (2014), “[...] serve de base, em sociossemiótica, à definição de um regime de interação específico, aquele chamado de ajustamento” (LANDOWSKI, 2014, p. 18). É nos processos do regime do ajustamento que os “efeitos de sentido provenientes das qualidades estésicas [...] imanentes ao ‘discurso sensível’ que cada um dos parceiros endereça ao outro através da dinâmica de sua presença em movimento” (LANDOWSKI, 2014, p. 18). Em “Da Imperfeição”, Greimas (2017) fundamenta as análises de textos literários, problematizando “o tema da estesia no discurso literário, mas procurando identificar uma semiótica da recriação e da reinvenção da cotidianidade a partir do corpo e do sensível” (DEMURU, 2019, p. 105).

Outros conceitos acionados nesta estrutura composta por Landowski (2014) são a junção e união. De acordo com Landowski (2014, p. 18), a “[...] lógica da junção condiciona os estados (inclusive os passionais) dos sujeitos com as suas relações de conjunção ou de disjunção com objetos autônomos aptos a circular entre eles” (LANDOWSKI, 2014, p. 18; GREIMAS; COURTÉS, 2008, p. 90; p. 149). Já a união, em sua lógica, “[...] dá conta de processos de emergência do sentido e do valor que resultam diretamente das relações de copresença sensível, face a face ou corpo a corpo, entre actantes dotados de uma competência estésica” (LANDOWSKI, 2014, p. 18). Este último termo, a “união”, caracteriza “não um estado (nem de conjunção nem de fusão), mas uma dinâmica interacional” (LANDOWSKI, 2014, p. 18). É nesta esfera, segundo Landowski (2014), que “[...] as relações de interação tomam a forma de ajustamentos recíprocos e tendem para formas de realização mútua nas quais se desenvolve o potencial específico próprio a cada um dos interagentes” (LANDOWSKI, 2014, p. 18).

2.4 "SEMIÓTICA DAS PAIXÕES" COMO PILAR PARA A COMPREENSÃO DO ATO VIOLENTO

A este importante alicerce teórico-metodológico e epistemológico, tanto de Greimas (1984; 2008; 2017) quanto de Landowski (2005; 2014), não poderíamos deixar de acrescentar, nesta etapa do trabalho, "A epistemologia das paixões", apresentada em "Semiótica das Paixões", de Greimas e Jacques Fontanille (1993). Como no decorrer do livro e, mais especificamente, no Capítulo 9, entramos no terreno do "sensível", Greimas e Fontanille (1993) refletem que "[...] as paixões aparecem no discurso como portadoras de efeitos de sentido muito particulares; ele exala como que um cheiro confuso, difícil de determinar" (GREIMAS; FONTANILLE, 1993, p. 20). Isso porque, para os semioticistas, "as paixões não são propriedades exclusivas dos sujeitos (ou do sujeito), mas propriedades do discurso inteiro" (GREIMAS; FONTANILLE, 1993, p. 20).

Nas estratégias discursivas, conforme Greimas e Fontanille (1993, p. 22), "[...] poder falar de paixão é, portanto, tentar reduzir esse hiato entre o 'conhecer' e o 'sentir'". Ambos abordam sobre as configurações do "apego e rivalidade", as constituições sintáticas ou simulacros do ciúme como: a "inveja", a "inquietude", além de outros componentes desse texto clássico que nos parecem tão atuais, como "emulação do ódio", "presunção do ciumento", "manipulações passionais", todos pontos extremamente pertinentes que circundam o tema da violência contra a mulher e dão suporte às análises (GREIMAS; FONTANILLE, 1993, p. 172, 176, 193, 201-213).

Nesta obra, Greimas e Fontanille (1993 apud Demuru, 2019, p. 99) tratam, ainda, de "buscar uma resposta à pergunta não resolvida sobre a gênese do sentido". Isso requer, segundo Greimas e Fontanille (1993 apud Demuru, 2019, p. 99), a aceitação de um "discurso epistemológico próximo àquele "[...] das ciências da natureza, quando elas falam, por exemplo, do universo e de suas origens [...] bem com a identificação de um novo 'mínimo epistemológico', no caso, 'o imperativo fenomenológico'". Por meio de tais inspirações, "a semiótica poderá dar vida a um espaço teórico 'imaginário' e até mítico, um pouco à maneira desses anjos newtonianos, condutores da atração universal", segundo Greimas e Fontanille (1993 apud DEMURU, 2019, p. 99).

2.5 SIMULACROS

Trata-se de um conceito utilizado nesta obra, já que lidamos com a linguagem de texto e imagem, substituímos este último objeto de análise por uma definição própria do campo do discurso greimasiano: o simulacro. Simulacro é a forma semiótica do imaginário humano, que é mencionada ao longo do trabalho, por assumir, dentro das categorias estruturais desta disciplina, uma roupagem que reveste a mulher vítima da violência e o homem agressor com papéis temáticos construídos pelo destinador G1. Para relembrar, os papéis temáticos são "personagens estereotipados" que exercem tipos de funções sociais e culturais na sociedade (DEMURU; GARCIA, 2020, p. 86).

A associação entre simulacro e papéis temáticos será desvendada nos capítulos seguintes. Por meio destas retratações, os "objetos imaginários que o sujeito projeta fora de si e, não tendo nenhum fundamento intersubjetivo, determinam, entretanto, de maneira eficaz, o próprio comportamento intersubjetivo" (GREIMAS, 1983, p. 230 apud SIMULACRO, 2016, p. 4).

Para Oliveira (2000, p. 7), simulacro é um "modelo de um modo de estar que dá visibilidade ao sujeito no social e que, como simulacro da aparência (ou seria da presença?), pode ser tomado como uma das manifestações primeiras da construção identitária". Pode representar, ainda, como defende Landowski (2012, p. 13), um "[...] inventário fixo dos traços diferenciais que, de preferência a outros possíveis, servirão para construir, diversificar e estabilizar o sistema de 'figuras do outro' que estará, temporária ou duradouramente, em vigor no espaço sociocultural" (LANDOWSKI, 2012, p. 13). Assim, segundo os dois semioticistas (OLIVEIRA, 2000; LANDOWSKI, 2012), entende-se ou se define o "simulacro" como uma representação da "figura do outro". Os simulacros projetam "imagens a sua volta" constroem os "estereótipos" e,

> É claro que sociologicamente falando, a coexistência entre pessoas ou coletividades se insere no âmbito de situações de fato que têm toda a aparência de estado das coisas baseado na natureza ou herdados da história e, por conseguinte, de realidades "incontornáveis". Assim, sem que praticamente eu possa fazer nada contra isso, minha língua, meu sotaque, minha nacionalidade, minha educação, minhas 'ideias', eventualmente minha religião – ou pior, meu ateísmo – e, em geral, todos os meus dados de ser, adquirem em contato com o meio em que vivo, fazem por si sós de mim o que eu pareço, isto é, pelo menos para os outros, o que eu sou" (LANDOWSKI, 2012, p. 33).

Landowski (2012) prescreve que "é impossível escapar a esses rótulos; e, no entanto, eles só correspondem a uma maneira possível – a mais amplamente difundida, talvez, e, contudo, toda contingente – de construir o simulacro do outro" (LANDOWSKI, 2012, p. 33). No campo das análises que aqui são feitas, remetem à ideia de "colonização do imaginário", estudada por Baudrillard (1981 apud ARBEX JR, 2001, p. 54), que se refere, de maneira um tanto hiperbólica, à uma transformação da "opinião em mero simulacro". Por outro lado, como já foi dito, figura como uma representação que, segundo Greimas e Courtés (2008), "[...] insinua – de maneira mais ou menos explícita – que a linguagem teria por função estar no lugar de outra coisa, de representar uma 'realidade' diferente" (GREIMAS; COURTÉS, 2008, p. 419).

Segundo os semioticistas, "está aí, como se vê, a origem da concepção das línguas enquanto denotação: as palavras não são então nada mais do que signos, representações das coisas do mundo" (GREIMAS; COURTÉS, 2008, p. 419). Já a "função denotativa ou referencial da linguagem não é, na terminologia de R. Jakobson, senão uma roupagem mais moderna da [...] representação de K. Bühler" (GREIMAS; COURTÉS, 2008, p. 419). Mais sobre esses conceitos, que apontam para outra peça importante nesta obra, ou seja, da "notícia como espetáculo", são abordados no Capítulo 5.

A metodologia usada no desenvolvimento da pesquisa de natureza quanti-qualitativa é análise do discurso baseado na Escola Francesa de Semiótima, de Algirdas J. Greimas. Para melhor compreensão dos elementos acionados no *corpus*, discorremos, a seguir, acerca das categorias de análise.

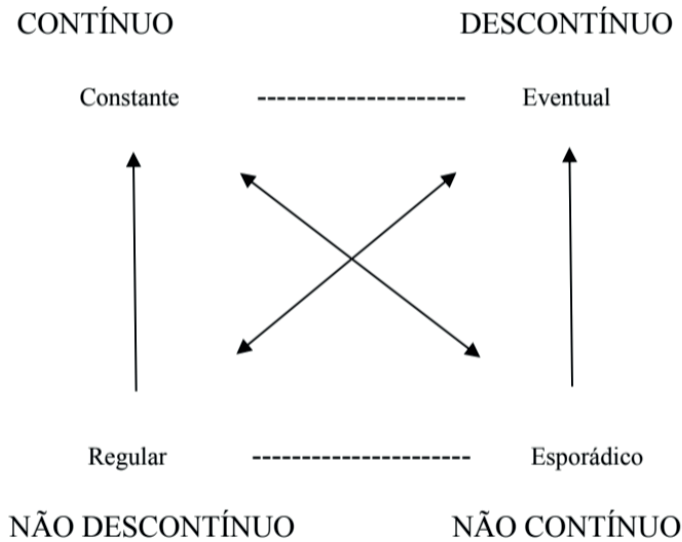
2.6 CATEGORIAS QUE ABARCAM A PESQUISA

As categorias que constituem este trabalho, correspondendo os simulacros específicos incorporados em papéis temáticos da mulher, como conformada e refém, e do homem, como sujeito dotado de bravura, inconformação, desobediência e negação, foram pensados a partir de recorrências de termos observados explícita ou implicitamente nas notícias e estão agrupados da seguinte maneira: 1) modos de violências; 2) motivos da violência; 3) comportamento do homem e da mulher (modos de "ser" ou "parecer"). Em todos os casos, buscamos identificar o modo de enunciar das expressões, identificando se pertenciam às declarações de cunho objetivo ou sensacionalista, que é outra abordagem a ser feita nos capítulos posteriores.

De pronto, é possível dizer que 54,9% dizem respeito a um processo com base no sensacionalismo. Os critérios para escolha das notícias apresentadas têm base na quantidade de informação disponíveis nos textos (com ou sem fotografia) que amparam a análise e as palavras mais recorrentes em relação à violência física.

Como apontado nos estudos de Clemente (2015), "Modo e Moda: de consumo no Brasil do Século XX: revistas e a construção de aparências", alguns dos elementos levantados por nós aparecem de modo constante, outros aparecem de vez em quando e outros, raramente (CLEMENTE, 2015, p. 147). Seguindo o modelo efetivo proposto por Greimas e Courtés (2008 apud CLEMENTE, 2015, p. 147), tais componentes desenvolvem "uma relação opositiva entre a continuidade e a descontinuidade" das palavras enunciadas. E "tal oposição, contínuo *vs.* descontínuo, é uma categoria aspectual e que diz respeito ao aspecto durativo, acabado/inacabado, incoativo ou terminativo dos fenômenos estudados" (CLEMENTE, 2015, p. 147).

Neste contexto, inspirados no desenvolvimento do trabalho de Clemente (2015), pensamos em alguns verbetes para descrever, de forma objetiva e sucinta, as ocorrências ou recorrências encontradas, de maneira clara e outras, implícitas, nas notícias. Nos termos contrários, usamos o vocábulo "constante", que compõem as isotopias temáticas enunciadas de maneira contínua e porque é o modo como os textos mencionam casos em que a mulher era "constantemente vítima de violência" ou "a agride com frequência"; "eventual", que é possível, mas incerto, e abrange as ocorrências descontínuas; na esfera dos eixos subcontrários, destacamos o verbete "regular", que está relacionado às recorrências que se repetem em ocasiões mais ou menos contínuas; e o esporádico, que abarcam denominações raramente vistas na notícia, mas que, ainda assim, fazem parte deste contexto e verificação e, por isso, são inclusas, conforme Fig. 2.

Figura 2 - Quadrado semiótico

Fonte: Elaborado pela autora (2023).

Em cada uma das categorias propostas a seguir, associadas aos eixos trabalhados no quadrado semiótico, apontamos os achados da pesquisa no *corpus* do G1, como seguem:

Modos de violência:

Constante: agressão, feminicídio.

Eventual: patrimonial, sequestro.

Regular: estupro, abuso, cárcere, refém (psicológica), fogo.

Esporádico: moral.

Motivos da violência:

Constante: ciúmes, não aceitava fim de relacionamento.

Eventual: separação.

Regular: inconformação (inconformado), passional, suposta traição.

Esporádico: sem motivos (era agredida sem haver nenhum motivo).

Modos de "ser-parecer" (homem):

Constante: desobediente, inconformado.

Eventual: suicídio.

Regular: bravura, negacionista.

Esporádico: valoroso/corajoso (no sentido eufórico, aparece uma notícia apenas diz

que o agressor pediu para ser preso a fim de ser contido e não cometer mais a violência contra a mulher).

Modos de "ser-parecer" (mulher):

Constante: conformada, refém.

Eventual: passiva.

Regular: cúmplice (conivente), coragem (corajosa).

Esporádico: omissa.

Como fenômeno aqui estudado é complexo, algumas das categorias como "motivos da violência" e "modos de 'ser-parecer'" em relação ao homem (agressor) que comete o ato são preenchidas com poucos vocábulos nas classes: eventual e esporádico, por exemplo. Clemente (2015) explica que "[...] pode ser que essas transições ocorram entre todas essas posições do quadrado semiótico". Complementamos, ou não, "passando, assim, a uma elipse aspectual" dos elementos identificados, "possivelmente gerando uma elipse dos ciclos", em que tais fatos se desencadeiam/manifestam (CLEMENTE, 2015, p. 147). Entretanto, por se tratar de um objeto de difícil interpretação e compreensão, entendemos ser preciso, em outros momentos, aprofundar melhor tais análises. Nesta obra, todavia, nos concentramos em explicar e dissertar acerca do que foi mostrado no quadrado semiótico.

O próximo capítulo traz um referencial teórico sobre alguns dos estudos realizados no século XX até então do conceito de gênero sob várias óticas e autores do campo das Ciências Sociais e Humanas. Além disso, tratamos da interação entre as disciplinas de comunicação e semiótica (sociossemiótica) e como ambas podem contribuir para a compreensão dos universos fenomenológicos presentes ao nosso redor.

GÊNERO, COMUNICAÇÃO E SEMIÓTICA

A temática gênero e suas imbricações é estudada por pesquisadores e teóricos do mundo todo que dão ao assunto vários enfoques em correntes diversificadas. Para compor este capítulo, buscou-se traçar um panorama das publicações relacionadas ao tema no Banco de Dissertações e Teses da Capes. As palavras-chave usadas foram: comunicação, semiótica, gênero, violência contra a mulher. Na busca refinada por tipo de curso (doutorado), encontramos 36.442 itens afins. Importante dizer que se tratava de programas diversos de pós-graduação (em Direito, Estudos Contemporâneos, Saúde, Educação, Serviço Social, Sociologia, entre outros das áreas de Humanas e Sociais). Refinando ainda mais a pesquisa por "Área de Conhecimento", ou, "Comunicação", chegou-se em 8.025 trabalhos; quando limitamos a pesquisa por "Área de Concentração", chegamos em 854 resultados. Ao buscarmos por publicações específicas que tivessem relação com nossa área de maior interesse, ou seja, "Comunicação e Semiótica", chegamos ao total de 102 itens. No entanto, os temas eram bem abrangentes.

Assim, finalizamos a pesquisa com apenas oito publicações (incluindo teses e dissertações) que utilizam a mesma metodologia que usamos, a Semiótico-Discursiva. Destas, apenas uma dizia respeito a um tipo de "Violência contra a Mulher", no caso, a violência sexual (assédio, abuso, estupro). E o trabalho "Mulheres de saia na publicidade: regimes de interação e de sentido na construção e valoração de papéis sociais femininos", de Baggio (2014). Além desta, outra publicação de Baggio (2021) sobre culpabilização ou responsabilização da vítima nos interessa, já que abordaremos o assunto no Capítulo 8.

Procuramos trabalhos condizentes com a temática em um dos congressos mais renomados da área no País, a Compós. Ali, as pesquisas se concentraram em dois Grupos de Trabalho: Práticas Interacionais, Linguagens e Produção de Sentido na Comunicação (Semiótica) e Comunicação, Gênero e Sexualidades, este disponível somente a partir de 2019. Interessante destacar que os filtros nos levaram a apenas um trabalho, que analisa exclusivamente tanto o tema da "violência contra a mulher" quanto o viés semiótico, e também é de Baggio (2018), sobre "assédio sexual de rua". Outros dois textos que nos interessaram são "Comunicação e Gênero no Brasil: discutindo a relação", de Escosteguy (2020), e "Desafios metodológicos à pesquisa sobre gênero e Comunicação: reflexões a partir de narrativas de um problema", de Leal e Antunes (2020). Achamos pertinente a abordagem de Leal e Antunes (2020) e, pelo que foi buscado desde o início das pesquisas, são poucas as publicações que tratam da definição de "gênero" sob a perspectiva da Comunicação, como abordam Leal e Antunes (2020).

No geral, a análise feita vai diretamente ao ponto da desigualdade de gênero, não traçando uma genealogia deste conceito. Este é um desafio que empreendemos e começamos a discutir agora, deixando claro que os pesquisadores que trazemos são de várias áreas do saber: sociologia, saúde, filosofia, destacando que buscamos autores

estrangeiros da área da semiótica, como a italiana Cristina Demaria (2019). Vale ressaltar que pesquisamos os anais da Compós desde o ano de 2006, quando inicia nosso recorte, até o derradeiro evento que contém os trabalhos já publicados nos anais, em 2020.

3.1 DEFINIÇÕES PARA GÊNERO

Passamos agora a conceituação de "gênero". Nesta seção, traremos algumas definições para o termo, utilizando autores brasileiros e estrangeiros de diversas vertentes e épocas. A escolha dos autores se dá: (i) em função de questões teórico-metodológicas, (ii) porque são escritores referência na área de ciências sociais/humanas, comunicação e feminismo (iii) por serem precursores no desenvolvimento de teorias sob a perspectiva do gênero dos tempos remotos até a era da pós-modernidade.

A definição de "gênero", segundo Spizzirri, Pereira e Abdo (2014), do programa de estudos de sexualidade da Universidade de São Paulo, passou a fazer parte do léxico e contexto social após a II Guerra Mundial, devido à reivindicação de grupos feministas, dando conta das diferenças sociais referentes ao "sexo" (nascimento) (SPIZZIRRI; PEREIRA; ABDO, 2014, p. 42). Mulheres que estavam engajadas em defender pautas femininas "[...] diferenciavam-se das demais por estarem envolvidas em tarefas tidas como masculinas na ocasião, surgindo, dessa forma, a categoria gênero como sinônimo de mulher" (SPIZZIRRI; PEREIRA; ABDO, 2014, p. 42-3). Por isso, em alguns trabalhos, essa definição ainda está relacionada à mulher, ou à figura feminina, mas ele é, de fato, mais abrangente.

Uma das primeiras vezes em que o conceito de gênero teria sido utilizado em uma publicação cientifica foi em 1955, por Money, Hampson e Hampson (1955a; 1955b), que eram psicólogos e sexólogos, especializados em pesquisa de identidade sexual e biologia de gênero. Naquela ocasião, eles desenvolveram estudos, apresentando as diferenças existentes entre sexo biológico e gênero como papel social. Até aquele momento, não era comum o uso deste termo, a não ser quando se referisse às classes gramaticais.

Como a semiótica se concentra em investigar fenômenos presentes nas práticas do cotidiano e é uma disciplina interdisciplinar, frequentemente traz a possibilidade de se fazer relação a estudos de outras áreas do conhecimento, no intuito de entender problemáticas existentes na sociedade. Esta primeira definição de gênero foi encontrada no artigo escrito no campo da saúde por Money, Hampson e Hampson (1955a; 1955b), bem como no programa de estudos de sexualidade de que Spizzirri, Pereira e Abdo (2014) participam, traçando uma genealogia do conceito, e explicam que, na concepção do uso do termo, foi feita uma relação com distúrbios ou "transtorno mentais". Deste modo, começou a "fazer parte do Manual Diagnóstico e Estatístico dos Transtornos Mentais (DSM) da Associação Psiquiátrica Americana (APA), em 1994" (SPIZZIRRI; PEREIRA; ABDO, 2014, p. 42).

A primeira edição do Manual foi publicada em 1952 e a segunda, em 1968. Depois de passar por diversas revisões em 1980, 1987, 1990 e 1994, como forma de acompanhar

os processos psicanalíticos, o conceito surgiu “[...] na identificação de indivíduos que não estão confortáveis com o seu sexo de nascimento e/ou apresentam a necessidade de serem considerados como membros do sexo oposto” (SPIZZIRRI; PEREIRA; ABDO, p. 42), entendendo que “a identidade de gênero[1] do indivíduo não está somente ligada à sua genitália” (SPIZZIRRI; PEREIRA; ABDO, 2014, p. 42). Em 2000, então, considerou-se que a identidade de gênero está ligada a um “[...] complexo sistema de crenças sobre a autossubjetividade em relação à masculinidade e feminilidade, e culturalmente prescritas funções atribuídas” (SPIZZIRRI; PEREIRA; ABDO, 2014, p. 43).

Entender a autossubjetividade também faz parte dos estudos científicos no campo da comunicação e, neste aspecto, pode fazer algum sentido a compreensão do tema da violência contra a mulher. Spizzirri, Pereira e Abdo (2014, p. 43) consideraram que “como elemento constitutivo das relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos, o gênero implica quatro elementos relacionados entre si”. São eles:

> Símbolos culturalmente disponíveis que evocam representações múltiplas e frequentemente contraditórias; conceitos normativos que colocam em evidência interpretações do sentido dos símbolos que tentam limitar e conter as suas possibilidades metafóricas. Esses conceitos são expressos nas doutrinas religiosas, educativas, científicas, políticas e jurídicas e tipicamente tomam a forma de uma oposição binária: afirmam, de forma categórica, o sentido do masculino e do feminino; representação binária dos gêneros e identidade subjetiva (SPIZZIRRI; PEREIRA; ABDO, 2014, p. 43).

Tais referências dos autores apontam para as convenções sociais – normalmente representadas por símbolos, normas na sociedade que obedecem a uma ordem binária – prescrevendo como cada indivíduo deve “ser”, “agir”. Um exemplo disso, na prática, é conceituação, na página da Organização Mundial da Saúde (GENDER..., 2017, *on-line*), o tópico de “Programas” direcionado a “Gênero, mulheres e saúde”, que menciona a dificuldade existente para se entender a diferença entre o termo “sexo” e “gênero”. O sexo seria “características biológicas e fisiológicas que definem homens e mulheres” (GENDER..., 2017, *on-line*, tradução nossa). Já, segundo a publicação, “gênero” diz respeito “aos papéis, comportamentos, atividades e atributos socialmente construídos que uma determinada sociedade considera apropriados para homens e mulheres” (GENDER..., 2017, *on-line*, tradução nossa).

O assunto tem várias interpretações, mas, pelo que foi visto até agora, se defende a distinção entre os termos sexo e gênero. Em consulta à Biografia de Nísia Floresta[2], primeira feminista brasileira, e de outras autoras importantes, como Simone de Beauvoir (1976), Betty Friedan (1971), Bell Hooks (2015) e Vilma Piedade (2017), estas duas últimas

---

1 Sobre a abordagem de gênero trataremos mais adiante.

2 Em 12 de outubro de 1810, nascia Nísia Floresta Brasileira Augusta, pseudônimo de Dionísia Gonçalves Pinto. Sua cidade natal, Papari, no Rio Grande do Norte, agora leva seu nome. A educadora, escritora e poetisa viveu ainda em diferentes estados brasileiros e na Europa e é considerada a primeira feminista brasileira. Disponível em: https://educacaointegral.org.br/reportagens/nisia-floresta/. Acesso em: 3 fev. 2021.

focando seus estudos na Interseccionalidade[3], Cristina Demaria (2019), Heleieth Saffiotti (1987; 1995; 2011) e Adriana Piscitelli (2009), buscamos outras definições.

Saffioti (2011), no livro “Gênero, Patriarcado e Violência”, também trata da origem e concepção de gênero. Diferentemente da informação que trouxemos sobre quando o termo teria sido anunciado pela primeira vez, Saffioti (2011) destaca que o “[...] primeiro estudioso a mencionar e a conceituar gênero foi Robert Stoller (1968)[4]. O conceito, todavia, não prosperou logo em seguida” (SAFFIOTI, 2011, p. 107).

Rubin (1975) tratava da opressão sexual das mulheres e diz que sentiu falta de um termo mais preciso para falar de gênero. Então, chamou de “sistema de sexo/gênero”, que, para ela, “[...] é uma série de arranjos pelos quais uma sociedade transforma a sexualidade biológica em produtos da atividade humana, e nos quais essas necessidades sexuais transformadas são satisfeitas” (RUBIN, 1975, p. 3). Saffioti (2011, p. 8) creditou que, a partir dessa designação feita por Rubin, “frutificaram os estudos”, trazendo novas “perspectivas de gênero”. Para Saffioti (2011, p. 108), a teoria de Rubin quis dizer, preliminarmente, que tal conceito “[...] consiste numa gramática, segundo a qual a sexualidade biológica é transformada pela atividade humana, gramática esta que torna disponíveis os mecanismos de satisfação das necessidades sexuais transformadas”.

Um desses frutos de Rubin (1975) pode ser encontrado em Lerner (2019), em que traz uma explicação bem convincente sobre as diferenças entre sexo e gênero e como são apreendidos, a saber:

> MUITAS feministas argumentam que o número limitado de diferenças biológicas comprovadas entre os sexos foi demasiadamente exagerado por interpretações culturais e que o valor dado às diferenças sexuais é, por si só, um produto cultural. Atributos sexuais são fatos biológicos, mas gênero é produto de um processo histórico. O fato de mulheres terem filhos ocorre em razão do sexo; o fato de mulheres cuidarem dos filhos ocorre em razão do gênero, uma construção social. É o gênero que vem sendo o principal responsável por determinar o lugar das mulheres na sociedade (LERNER, 2019, p. 60, grifo do autor).

De maneira bem simples, os “atributos sexuais são fatos biológicos”, enquanto “gênero é um produto de um processo histórico” e complementa que o “fato de mulheres terem filhos ocorre em razão do sexo; o fato de mulheres cuidarem dos filhos ocorre em

---

3 Trata-se de um conceito disponibilizado para análises ao longo do processo de preparação da III Conferência Mundial contra o Racismo, Xenofobia e Intolerâncias Correlatas. Elaborado por Kimberlé Crenshaw no final da década de 1980, a interseccionalidade “[...] traduz as várias formas como raça e gênero interagem para moldar as múltiplas dimensões das experiências” das mulheres negras (CRENSHAW, 1991, p. 2). Sua utilização como ferramenta de análise permite visibilizar a complexidade da vivência cotidiana, que cria um contexto híbrido e fluido em que diferentes pessoas e grupos existem, se articulam e empreendem suas lutas por melhores condições de vida (WERNECK, 2010, p. 18). Disponível em http://www.bibliotecadigital.abong.org.br/bitstream/handle/11465/886/81.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 4 fev. 2022.

4 No campo das ciências da saúde, Robert Stoller, em 1968, no livro “Sex and Gender”, introduziu a palavra gênero para diferenciar do termo sexo, que estava tão somente associado às condições biológicas. Esse livro trata de intervenções cirúrgicas em pessoas intersexuais e transgêneros, para adaptar a anatomia genital ao gênero desejado. Para Stoller, o sentimento de ser mulher ou homem era mais importante do que as características anatômicas” (SPIZZIRRI; PEREIRA; ABDO, 2014, p. 43).

razão do gênero, uma construção social" (LERNER, 2019, p. 60). Enfaticamente, a autora conclui que "gênero [...] vem sendo o principal responsável por determinar o lugar das mulheres na sociedade" (LERNER, 2019, p. 60), parecendo logicamente mais uma forma de enjaular a mulher quando se trata dos efeitos do patriarcado.

No Brasil, de acordo com Saffioti (2011), os primeiros escritos sobre o termo a serem disseminados foram de Juan Scott (1990), que "[...] ressalta o gênero como categoria analítica, o que ocorre também ao longo do texto" (SCOTT, 1990 apud SAFFIOT, 2011, p. 109-110). Saffioti (2011) indica, ainda, que o título usado por Scott teve base num dicionário, "[...] que reforça, de maneira radical, o caráter analítico da categoria gênero" (SAFFIOTI, 2011, p. 210). Embora outros dicionários sigam uma linha diferente de Scott (1990 apud SAFFIOTI, 2011, p. 210),

> O "The Concise Oxford Dictionary chega a registrar gênero como o sexo de uma pessoa, em linguagem coloquial. Para manter o rigor conceitual, entretanto, pode-se adotar a expressão categorias de sexo para se fazerem referências a homens e a mulheres como grupos diferenciados, embora a gramática os distinga pelos gêneros masculino e feminino e apesar de o gênero dizer respeito às imagens que a sociedade constrói destes mesmos masculino e feminino. Neste sentido, o conceito de gênero pode representar uma categoria social, histórica, se tomado em sua dimensão meramente descritiva, ainda que seja preferível voltar à velha expressão categoria de sexo (SAFFIOTI, 1969a; 1977). Uma das razões, porém, do recurso ao termo gênero foi, sem dúvida, a recusa do essencialismo biológico, a repulsa pela imutabilidade implícita em "a anatomia é o destino", assunto candente naquele momento histórico (SAFFIOTI, 2011, p. 210).

Com base neste dicionário, Saffioti (2011) menciona que "gênero" pode ser lido e entendido como "[...] categorias de sexo para fazerem referências a homens e a mulheres como grupos diferenciados, embora a gramática os distinga pelos gêneros masculino e feminino" (SAFFIOTI, 2011, p. 210). A socióloga acrescenta, ainda, que isso ocorre "apesar de o gênero dizer respeito às imagens que a sociedade constrói destes mesmos masculino e feminino" (SAFFIOTI, 2011, p. 210). Para Saffioti (2011, p. 45), também "diz respeito a uma categoria histórica, cuja investigação tem demandado muito investimento intelectual". Sendo assim, evocando outros autores que estudam o tema, Saffioti (2011, p. 45) traz para o debate o enfoque que cada um deles dá ao conceito,

> [...] como aparelho semiótico (LAURETIS, 1987); como símbolos culturais evocadores de representações, conceitos normativos como grade de interpretação de significados, organizações e instituições sociais, identidade subjetiva (SCOTT, 1988); como divisões e atribuições assimétricas de características e potencialidades (FLAX, 1987); como, numa certa instância, uma gramática sexual, regulando não apenas relações homem-mulher, mas também relações homem-homem e relações mulher- mulher (SAFFIOTI, 1992, 1997b; SAFFIOTI; ALMEIDA, 1995) etc. Cada feminista enfatiza determinado aspecto do gênero, havendo um campo, ainda que limitado, de consenso: o gênero é a construção social do masculino e do feminino. O conceito de gênero não explicita, necessariamente, desigualdades entre homens e mulheres.

> Muitas vezes, a hierarquia é apenas presumida. Há, porém, feministas que veem a referida hierarquia, independentemente do período histórico com o qual lidam. Aí reside o grande problema teórico, impedindo uma interlocução adequada e esclarecedora entre as adeptas do conceito de patriarcado, as fanáticas pelo gênero e as que trabalham, considerando a história como processo, admitindo a utilização do conceito de gênero para toda a história, como categoria geral, e o conceito de patriarcado como categoria específica de determinado período, ou seja, para os seis ou sete milênios mais recentes da história da humanidade (LERNER, 1986; JOHNSON, 1997; SAFFIOTI, 2001). (SAFFIOTI, 2011, p. 45).

A partir destes pensadores, Saffioti (2011, p. 45) levanta alguns pontos: (i) o gênero é a construção social do masculino e do feminino; (ii) que a concepção de gênero não deixa clara, necessariamente, que existam desigualdades entre homens e mulheres, mas que as pode produzir. Neste momento, Saffioti (2011) levanta outra discussão, que soa também como uma crítica a respeito da falta de interlocução entre estudiosas que têm uma abordagem sobre gênero, outras acerca do patriarcado e outras, segunda ela, atribuem a um processo histórico que admite "[...] a utilização do conceito de gênero para toda a história, como categoria geral, e o conceito de patriarcado como categoria específica de determinado período [...] para os seis ou sete milênios da história da humanidade" (SAFFIOTI, 2011, p. 45). Sobre o ponto de vista de Saffioti (2011) e as discussões relativas ao patriarcado, tratamos adiante.

Seguindo, ainda, a lógica de busca no dicionário, não podemos deixar de citar a definição de gênero do Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa:

> s.m. Grupo da classificação dos seres vivos que reúne espécies vizinhas, aparentadas, afins, por apresentarem entre si semelhanças constantes; maneira de ser ou de fazer: é esse o seu gênero de vestir-se; gênero literário, variedade da obra literária, segundo o assunto e a maneira de tratá-lo, o estilo, a estrutura e as características formais da composição; gênero humano, a espécie humana. Gênero de vida, modo de viver, de proceder. (FERREIRA, 2004 apud SPIZZIRRI; PEREIRA; ABDO, 2014).

É, segundo Ferreira (2004 apud apud SPIZZIRRI; PEREIRA; ABDO, 2014), "[...] classificação de seres vivos, maneira de ser ou de fazer, vestir, gênero literário", entre outros conceitos, mas nada específico se fala sobre as questões sexuais. Já no Dicionário de Semiótica, de Greimas e Courtés (2008), que é um instrumento de consulta e de introdução geral à teoria da linguagem, não há um conceito concreto sobre o termo. No verbete "gênero", Greimas e Courtés (2008, p. 228) declaram que "[...] designa uma classe de discurso". Além disso, os linguistas dizem que é uma "[...] teoria dos gêneros para muitas sociedades, se apresenta sob a forma de uma taxionomia explícita de caráter não científico" (GREIMAS; COURTÉS, 2008, p. 228). Nestes escritos, os autores esboçam que "[...] dependendo de um relativismo cultural evidente e fundada em postulados ideológicos implícitos, tal teoria nada tem de comum com a tipologia dos discursos" (GREIMAS; COURTÉS, 2008, p. 228); fora isso, o vocábulo trata da conceituação de gêneros como literários.

No campo da linguagem, na época de Nísia Floresta, assim como outras feministas, começou-se a levantar teorias relativas aos direitos das mulheres. No entanto, o termo “gênero” não era utilizado ou, quando a autora queria transmitir esta ideia, usava frases, por exemplo, como “tirar o gênero feminino da submissão (DUARTE, 2010, p. 78)”, compreendendo os aspectos gramaticais, como já foi dito, ou seja, tratando dos desafios ou desigualdades enfrentadas pela mulher. Outra mostra disso são alguns trechos encontrados na obra “Segundo Sexo”, de Simone de Beauvoir (1976). Ela afirmou que “nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade” (BEAUVOIR, 1976, p. 8), e enfatizou a diferença baseada e imposta pela relação ao “outro”, falando que “o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado que qualificam de feminino. Somente a mediação de outrem pode constituir um indivíduo como um Outro” (BEAUVOIR, 1976, p. 8).

Sobre esta pensadora, Saffioti (2011) disse que “[...] a rigor, embora não haja formulado o conceito de gênero, Simone de Beauvoir mostra que só lhe faltava a palavra, pois, em sua famosa frase – ‘Ninguém nasce mulher, mas se torna mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade’[5] – estão os fundamentos do conceito de gênero” (SAFFIOTI, 2011, p. 107).

Em outro caso, Beauvoir (1976, p. 22) mencionava que “[...] um gênero de educação que o pai de bom grado dá à filha, as mulheres educadas por um homem escapam, em grande parte, às taras, da feminilidade”. Segundo a feminista, ainda “Os costumes opõem-se a que as meninas sejam tratadas exatamente como meninos”. (BEAUVOIR, 1976, p. 22). Ou, relatando trechos de diários, como o de Maria Bashkirtseff, expressava que “[...] é célebre e é um modelo no gênero. A jovem fala com seus cadernos como falava antes com suas bonecas, é um amigo, um confidente, interpela-o como se fôra uma pessoa” (BEAUVOIR, 1976, p. 77). Ou seja, se referia ao estilo que Maria escrevia no “diário”, a “boneca”, todos “objetos” representantes de coisas de menina.

Em “Segundo Sexo”, de Beauvoir (1976), e na “Mística Feminina”, de Betty Friedan (1971), que inspiraram muitas teorias feministas nas décadas de 1960 e 1970, e o fazem até agora, em determinadas correntes, não é incomum, quando se pesquisa sobre o conceito de “gênero”, em ambos os livros, aparecerem as palavras “generosa” e “generosidade”, que são bem diferentes do significado do termo em questão, mas que, por outro lado, catapultam para o problema da desigualdade que é construída também pela linguagem. Estes termos vêm do latim “*gens*”, que significam gerar ou fazer nascer. Beauvoir (1976) cita aproximadamente 50 vezes o termo “generosidade”, por exemplo, atrelado ao feminino “terna, dócil, receptiva”, (características atribuídas culturalmente às mulheres); ou, “[...] sempre pronta para se tornar grande amorosa”, mas não se tratava especificamente do conceito do termo (BEAUVOIR, 1976, p. 100). Obviamente que, transgredindo as tradições, Beauvoir (1976) falava de uma maneira irônica, no intuito de chamar a atenção da sociedade.

5 Beauvoir (1976, p. 9).

Em Friedan (1971), quando se busca a definição de “gênero”, vemos também que “nos sonhos, o marido parece menos importante, mas, em geral, tem a força indestrutível de um pai, e a suavidade, dedicação e generosidade de uma boa mãe” (FRIEDAN, 1971, p. 242). Ou seja, encontra-se o termo “generosidade” associado à característica que representa a mulher e outros traços, denotando “força” atribuída ao homem (FRIEDAN, 1971, p. 242). A palavra mais próxima do termo “gênero”, porém, com significado distinto, aparece apenas duas vezes ao longo do livro com 311 páginas (FRIEDAN, 1976).

Como vimos nos escritos de Beauvoir (1976) e Friedan (1971), os sujeitos “homem” e “mulher” são inscritos em determinadas características e este processo também é construído pela linguagem, tornando a mulher submissa, por exemplo, e o homem superior, não só em relação ao “corpo feminino”, mas a qualquer outro corpo que não seja encaixe no construto dele, conforme os padrões concebidos por Butler (2003). Todas as atitudes que convergem com os modelos de violência contra a mulher são discutidas nesta obra.

3.2 “GENERE DERIVATO” (GÊNERO DERIVADO), FEMININO E SEMIÓTICA A PARTIR DA PERSPECTIVA DE DEMARIA (2019) E VIOLI (1975)

Por que trouxemos exemplos de Beauvoir (1976) e de Friedan (1971) a respeito do uso corrente da linguagem e de alguns significados? Além de esta ser uma pesquisa que segue a metodologia de análise do discurso inspirada na Escola Francesa de Semiótica, esta é sobretudo, uma confirmação do que a semioticista italiana Cristina Demaria, em “Teorie di Genere: Femminismi Poscoloniale e Semiótica” (2019), afirma, a partir de vários estudos, a fim de entender o conceito, trazendo algumas destas visões para suas obras com vistas ao feminino. Para ela, uma das definições sobre o termo “se deve ao sistema de língua” (DEMARIA, 2019, p. 92). Segundo Demaria (2019, p. 232), “a prática semiótica e práticas culturais coincidem [...] os signos são forças sociais”. Seja no Brasil, na Itália, França, na América do Norte, todos são lugares “[...] onde sempre uma moral pré-estabelecida sai vitoriosa, onde o que mais importa é o aparecimento e manutenção de convenções e valores” (DEMARIA, 2019, p. 96). A partir da linguagem, outros desdobramentos são feitos.

Demaria (2019), que, na época do doutorado, foi instigada por Umberto Eco a estudar cultura de gênero, reflete que existe muita confusão sobre esta teoria. Desta forma, com base no arcabouço teórico-metodológico da semiótica, ela tem se preocupado em entender como diversos autores não apenas tratam dos efeitos acerca do tema, mas como constroem o conceito. Voltando à ideia de que esse construto “se deve ao sistema de língua” (DEMARIA, 2019, p. 92), a semioticista expõe que

> é talvez o sulco mais importante que divide o feminino e o de gênero, estudos ou críticas pós-coloniais a partir da semiótica, situando seu status (sua natureza) em diferentes níveis. Por um lado, há o plano de projeto crítica, transdisciplinar e política, que tem como objeto o gênero e a diferença sexual, e que para investigar tais objetos ele também precisa da semiótica; isto porque

> no território extremamente vasto, fragmentário e plural de teorias feministas, algumas categorias de derivação semiótica foram colocados ao serviço das políticas de identidade e representação, que utilizou textos e práticas para não intervir apenas na interpretação, mas também na produção da cultura Contemporâneo (DEMARIA, 2019, p. 232, tradução nossa) [6].

Com base em Eco, em “Trattato di semiotica generale” (Tratado sobre Semiótica Geral, 1975), Demaria relaciona que a “[...] lógica do fenômeno cultura se delineia como aquela própria dos processos de comunicação baseados em sistema de significação” (DEMARIA, 2019, p. 233) e, sendo assim, parafraseado Eco (1975), “[...] os objetos, comportamentos e valores, como provavelmente se tornarão entidades semânticas, constituem sistemas de significados em que as unidades culturais convergem, ou seja, o conteúdo de possíveis comunicações” (ECO, 1975, p. 42 apud DEMARIA, 2019, p. 233).

Segundo Demaria (2019), outros linguistas apresentam referenciais teóricos, como Patrizia Violi (1975), para quem “[...] o universo linguístico não faz parte do mundo entendido como objetividade externa, [...] é a experiência do mundo físico, psíquico e intersubjetivo” (VIOLI, 1975 apud DEMARIA, 2019, p. 247). A linguagem, conforme expõe Violi (1975 apud DEMARIA, 2019, p. 247, tradução nossa), “[...] nada mais é do que o sistema semiótico mais poderoso que o ser humano tem a sua disposição para se referir, descrever, evocar e construir o universo de sua própria experiência”.

Com base neste escopo teórico-metodológico, em um seminário da Universidade Politécnica de Milão com o Título “Design e Alterità”, do Departamento de Design[7], Demaria (2021) foi entrevistada sobre as pesquisas que desenvolve nesta área e, na apresentação de “Alterità e culture di genere: lo sguardo semiótico”[8] (2019), ampliou a abordagem sobre feminino, gênero, linguagem (semiótica), trabalhando os aspectos da alteridade. Segundo Demaria (2021), não é possível falar apenas de um sujeito sem entender o que se passa na relação entre sujeitos (masculino e feminino). Ou seja, compreende uma categoria relacional, mas não simétrica (DESIGN E ALTERITÀ, 2021). Logo, para Demaria, “gênero é uma categoria social imposta a um corpo sexuado e, portanto, este é fator primordial na manifestação das relações de poder” (DEMARIA, 2019, p. 141; 277; 298; DESIGN E ALTERITÀ, 2021, *on-line*). Segundo a semioticista ainda,

> são construções sociais e ideológicas que compõem a interpretação histórica e cultural desse mesmo dado biológico [...], mas é também um conjunto de constrangimentos. [...] é sobretudo uma forma de sujeição, pois os esquemas de inteligibilidade de gênero configuram e reconfiguram a própria inteligibilidade do sujeito (DESIGN E ALTERITÀ, 2021, *on-line*).

---

6 È questo, forse, il solco più importante che divide i Women’s e Gender Studies o la critica postcoloniale dalla semiotica, collocando il loro statuto (la loro natura?) su piani diversi. Da una parte esiste il piano del progetto critico, transdisciplinare e politico, che ha come oggetto il genere e la differenza sessuale, e che per indagare tali oggetti ha bisogno anche dela semiotica; questo perché nel campo estremamente vasto, frammentario e plurale delle teorie femministe, alcune categorie di derivazione semiótica sono state effettivamente messe a servizio di politiche dell’identità e dela rappresentazione, che hanno usato i testi e le pratiche per ntervenire non solo nell’interpretazione, ma anche nella produzione della cultura contemporanea. (DEMARIA, 2019, p.232

7 Disponível em: https://www.designealterita.polimi.it/incontri/cristina-demaria/. Acesso em: 22 jul. 2022.

8 Alteridade e culturas de gênero: o olhar semiótico (TRADUÇÃO NOSSA).

Apropriando-se também do conceito de gênero conforme acolhido pela autora italiana Tereza de Lauretis, em “Technology of Genders: essays on theory, film, and fiction” (1987, p. 3), Demaria explica que “gênero”,

> [...] é uma categoria utilizada na investigação das características que definem o modo como o pertencimento a um sexo não é apenas vivenciado, mas também transmitido por instituições sociais (como a família, a escola e os meios de comunicação de massa): tecnologias de gênero (DEMARIA, 2019, p. 41).

Outra concepção da escritora italiana sobre gênero diz respeito a uma categoria que é intrinsecamente relacional e social. Assim, Demaria (2019) entende que o sentido do feminino é compreensível apenas em relação ao sentido do masculino e pode ser rastreado até sistemas de representações que sancionam termos, propõem modelos capazes de organizar e compreender a relação entre homens e mulheres.

Interessante observar que, na maior parte das referências, os achados dizem respeito a autoras (feministas) que se dedicaram e escreveram as teorias que, hoje, são possíveis consultar. Como aponta Demaria (2019, p. 97), são mulheres que estão mais engajadas nesta discussão, levando para o lado do feminismo e sendo uma espécie de “intérpretes da empatia” da condição de mulher. Segundo Demaria (2019, 97-8), “muitas vezes é o reflexo, ou o sintoma das condições de sofrimento e opressão que o escritor sofreu, e que o intérprete empaticamente reconhece”.

Com uma visão mais voltada aos desafios enfrentados pela mulher negra, outra autora que despontou na década de 1970 com este sentimento, mas ampliando-o para a importância de não apenas as mulheres cultivarem a união para vencer o sexismo, foi Bell Hooks. Hooks (2018) não se concentrava apenas em discutir desigualdades de gênero, mas defendia estudos englobando outros tipos de discriminações, como as raciais e de classe (a interseccionalidade). Em “Sou eu uma mulher? (2018)”, Hooks expressa que “[...] as ativistas que se importavam com o bem-estar de todas as mulheres” acolhiam a ideia de que “a solidariedade expressa na sororidade ia além de reconhecimento positivo das experiências de mulheres, e também da compaixão compartilhada em casos de sofrimento comum” (HOOKS, 2018, p. 30).

A sororidade, para Machado, Schons e Melo Dourado (2019, p. 40), “deve ser incentivada desde que reconheça as diferenças existentes entre as mulheres, o que só ocorre quando estamos atentas à interseccionalidade das opressões”. Isso porque, se para a mulher branca e burguesa, a situação, muitas vezes, é complexa, “o que dizer de uma vítima negra, periférica e que não esteja em um relacionamento aprovado socialmente?” (FREIRE FILHO; CAVALCANTI VERSANI DOS ANJOS, 2022, p. 11).

Com uma perspectiva mais vivida, a feminista brasileira Vilma Piedade toma as dores da mulher negra, refletindo sobre esses conceitos e, sobretudo, criando a “Dororidade”. Para ela, a “Dororidade carrega no seu significado a dor provocada em todas as Mulheres

pelo Machismo. Contudo, quando se trata de Nós, Mulheres Pretas, tem um agravo nessa dor. A Pele Preta nos marca na escala inferior da sociedade” (PIEDADE, 2017, p. 17). Parafraseando Elza Soares, ela expressa “A Carne Preta ainda continua sendo a mais barata do mercado. É só verificar os dados...” (PIEDADE, 2017, p. 17).

Diante destas noções interseccionais, associava-se o conceito à mulher, fortalecendo a necessidade de aplicação desta irmandade. A propósito, há homens que já se interessam em estudar sobre questões de gênero, mas, pelo viés da masculinidade, como os pesquisadores Souza (2015) e Miklos (2020). Como aponta Souza (2015), as mulheres iniciaram os debates sobre gênero, suas interpretações e seus percalços, mas o público masculino tem embarcado nesta jornada, buscando entender sobre como a sociedade constrói a temática das masculinidades, o que também é válido[9].

Dando sequência à discussão com base nos estudos de Demaria, no mesmo seminário, semiotizando sobre as diferenciações do masculino e feminino, Demaria (DESIGN E ALTERITÀ, 2021, *on-line*) diz que, para

> definir a mulher devemos partir da peculiaridade de sua natureza: ser algo assimétrico em relação ao homem. O homem não coloca um problema, ele não precisa ser definido como tal; porque é o positivo e o negativo ao mesmo tempo: e a mulher que parece estar na condição peculiar de resíduo dentro do gênero homem que permanece depois de ter subtraído o que é homem em sentido forte [...] o homem representa tanto o positivo quanto o negativo, ao ponto que dizemos homens para indicar seres humanos, tendo o significado singular da palavra vir assimilado ao sentido geral da palavra homem” (DESIGN E ALTERITÀ, 2021, *on-line*, tradução nossa).

Inspirada em Violi (1986), no que tange à relação homem e mulher, Demaria (2019) aciona um conceito novo, ou seja, do “Genere Derivato” ou gênero derivado. O que representaria essa definição? “A categoria tímica[10] [...] postulada como categoria universal [...] não descreve axiologias específicas, mas sim uma camada do sentido que, precisamente como é profundo e ligado ao corpo, garante sua universalidade” (VIOLI, 1986 apud DEMARIA, 2019, p. 246). Interagindo com esse conceito, Violi (1986) especifica que, “na realidade, mesmo quando se reflete sobre a percepção de seu próprio corpo, é sempre um corpo masculino que reconstrói o caminho” (VIOLI, 1986, p. 151).

---

9 Na publicação denominada “Do Genérico ao Gênero: a experiência masculina como ponto de partida para o fazer teórico”, Souza (2015) reconhece que “Até há pouco tempo, pesquisas cuja problemática fosse a masculinidade eram impensáveis. A partir de uma compreensão de que gênero é assunto de mulher, rareavam sujeitos e objetos masculinos das pesquisas. No entanto, a hermenêutica de gênero logrou sucesso no meio acadêmico, figurando entre as categorias relevantes para a compreensão da realidade, ao lado de classe e raça/etnia” (SOUZA, 2015, p. 7). Miklos (2020, p. 1) definiu a masculinidade como “conjunto de comportamentos e valores, comumente associados a meninos e homens que são construídos e reforçados por instituições sociais [...] A experiência de masculinidade é variável para cada pessoa ao longo da vida, no entanto, existem crenças enraizadas no imaginário social sobre ‘o que é ser homem’ que moldam as expectativas grupais, formatam narrativas e plasmam comportamentos que induzem um modelo machista, patriarcal e violento” (MIKLOS, 2020, p. 1). Tal reflexão encontra e abre caminhos para quebras de paradigmas.

10 No entanto, ao tratar das apreciações coletivas, Hjelmslev limitou-se a indicam atitudes sociais. Só mais tarde Algirdas Greimas (1966), colocando os processos no centro da profunda estruturação do sentido de realce articulada pela categoria tímica através da oposição entre euforia e disforia, postula um primeiro nível de realce. Esse nível tem raízes na corporeidade e nos movimentos de atração e repulsão que eles sobre determinam cada investimento de significado (DEMARIA, 2019, p. 264)

Caminham para uma universalização, em que, segundo Pereira (2018, p. 15), se passa por "referência aos sistemas de significação que se amparam no binarismo de gênero como prevalência do masculino como significante principal". Um exemplo compreensível e próximo é "quando se vai falar em um grupo de pessoas em que há homens e mulheres presentes, o grupo todo será reduzido a 'eles'" (PEREIRA, 2018, p. 15). Ou seja, o homem é um representante de "todos", segundo a desinência de gênero "o" atribuída ao masculino, ainda válida em muitas formas e estruturas linguísticas.

A propósito, existe a proposta de uma mudança "neolinguística de gêneros gramaticais que seja inclusiva para/com as mulheres, as pessoas não-binárias, as pessoas T entre gêneros", que substituiria o "todos", por exemplo, por "tod@s", "todes" ou "todxs" (ROCHA, COELHO; FERNANDES, 2020), para não fazer exclusiva menção ao "todos" ou "gênero derivado", segundo nominaram Violi (1986, p. 151) e Demaria (2019, p. 246). Em outras palavras, na atual conjuntura, ainda prevalece a ideia de que o feminino seria "um corpo derivado". Isto é,

> envolve considerar as formas através do qual o feminino se tornou um gênero derivado e subordinado, obrigado ao cancelamento da própria diferença. A diferença é, portanto, rastreada a um dualismo masculino/feminino que se opõe a termos considerados antinômico e irredutível: uma dicotomia em que o feminino assume o seu sentido como uma negação do masculino, do qual é ao mesmo tempo um limite e condição de existência (DEMARIA, 2019, p. 243, tradução nossa).

Nesta concepção, o feminino, assim como outras formas de pensar o gênero (mulheres e outros grupos), são cancelados pela diferença e superioridade do sujeito masculino. E, para Violi (1986 apud DEMARIA, 2019, p. 243) "[...] argumentar que a linguagem é sexual significa, portanto, pensar sobre gênero não apenas como uma categoria gramatical capaz de regular a mecânica de concordância" (DEMARIA, 2019, p. 242). Além disso, com base em Violi (1986), também é, de acordo com Demaria (2019), "[...] uma categoria semântica capaz de manifestar um simbolismo ligado ao corpo. Gênero como categoria gramática é baseada em uma base semântica, e sua significação se refere a uma ordem ligada à nossa experiência corporal" (DEMARIA, 2019, p. 242-3).

Então, conforme explica Demaria (2019), "[...] a diferença sexual participa, portanto, da estruturação simbólica da língua, começando pela categoria linguística do gênero gramatical (DEMARIA, 2019, p. 242) e que frequentemente é "analisado como um dado linguístico arbitrário e imotivado [...] independentemente de qualquer forma de atribuição de valor [...]" (DEMARIA, 2019, p. 242). Pelo contrário, segundo a semioticista, "[...] determina significado dos dois gêneros gramaticais nas relações sintáticas entre o masculino no momento, o mesmo termo específico e geral, e o feminino, sempre derivado e definível exclusivamente em relação ao masculino" (DEMARIA, 2019, p. 242). Nesta linha, Demaria (2019) destaca ainda que "este último significa a universalidade da humanidade, dentro da qual eles foram trazidos de volta e todas as especificidades do feminino são eliminadas" (DEMARIA, 2019, p. 242).

> [...] a linguagem dá voz a um único sujeito, aparentemente universal e neutro, na verdade masculino, dentro do qual toda diferença é trazida de volta. É neste sentido que linguagem pode ser considerada inadequada e deficiente em relação à Mulher; é um sistema que tende a esconder a diferença, a removê-la negando ao universo feminino a especificidade de seu gênero (DEMARIA, 2019, p. 242, tradução nossa).

Nesta fundamentação, Demaria (2019) aciona novamente Violi (1986) que ressalta,

> Na própria base da produção de sentido, a diferença entre masculino e feminino é inscrito de acordo com a dupla posicionalidade de sujeito e objeto. A forma do dualismo, da oposição, da redução é assim simbolizado na linguagem de tal maneira que, para a mulher, a possibilidade de se identificar com a posição do sujeito já está bloqueada, identificação [que] só é possível sob a condição de negar a especificidade de seu gênero e tornar-se 'Ser humano', que se chama, precisamente, 'homem' (VIOLI, 1986, p. 155)[11].

Diante dessas condições que nos encontramos, fora alguns projetos/mudanças de regras linguísticas, sob a ótica da universalidade, a linguagem continua fazendo todos os seres humanos serem "representados" pelo masculino. Como lembrou Demaria (2019, p. 241), "a linguagem não é neutra". Por isso, ela reforça que "os conceitos de gênero e de sujeito sexual não servem para estabelecer o quanto representações, práticas, modelos de comportamento são aproximações mais ou menos fiéis da realidade, ou de uma realidade particular" (DEMARIA, 2019, p. 276). Conforme Violi (1986 apud DEMARIA, 2019, p. 275), "o gênero, como tentei demonstrar, pode atuar como uma possível categoria transversal a esses dois níveis, participando da rearticulação em formas específicas (línguas, discursos) das subjetividades contemporâneas" (DEMARIA, 2019, p. 275).

3.3 CONCEITOS DE GÊNERO EM HARAWAY (2004) E PISCITELLI (2009)

A filosofa americana Donna Haraway falou da experiência que teve, ao ser desafiada por um grupo feminista atuante no Jornal Marxista *Das Argument.* Para construir um conceito de gênero, deu a entender que observava, nos escritos de Marx e Engels, a "ausência" da mulher. Com diversas publicações neste campo da ciência, escreveu "Gênero: para um dicionário marxista" (2004). Na obra, ela trata de como o termo "gênero" foi construído, que diz respeito à problemática da linguagem, conforme Demaria (2019). Haraway (2004) conta que, em 1983, recebeu uma carta de Nora Ratzel, do coletivo feminista autônomo do "jornal marxista *"Das Argument",* e relata as "[...] desventuras que teve após aceitar escrever um verbete sobre 'gênero' para um dicionário marxista reputado" (HARAWAY, 2004, n. p.).

Haraway (2004), como Spizzirri, Pereira e Abdo (2014, p. 42), confirma que em um "[...]sentido crítico, político, o conceito de gênero foi articulado e progressivamente

11 Alla base stessa della produzione del senso, la differenza tra maschile e femminile è iscritta secondo la doppia posizionalità di soggetto e oggetto. La forma del dualismo, della opposizione, della riduzione è così simbolizzata nella lingua in modo tale che per la donna la possibilità di identificarsi con la posizione del soggetto è già bloccata, l'identificazione è possibile solo a patto di negare la specificità del suo genere e divenire "essere umano", che si dice, per l'appunto, "uomo". (VIOLI, 1986, p. 155, tradução nossa).

contestado e teorizado no contexto dos movimentos de mulheres feministas do pós-guerra" (HARAWAY, 2004, p. 211). Ou seja, o termo em si passou a ser teorizado depois da Segunda Guerra Mundial. Para Haraway (2004), deve ter sido um tanto desafiador criticar Marx e Engels por não tratar dessa concepção da palavra, "[...] embora seus escritos e outras práticas, e as de outros da tradição marxista, tenham oferecido instrumentos importantes, assim como barreiras, para as teorizações posteriores sobre gênero" (HARAWAY, 2004, p. 211). Na publicação, ela expõe um trecho da correspondência pessoal, de 2 de dezembro de 1983, que recebeu do *"Das Argument"*[12]. Com esta incumbência, Haraway (2004), foi a fundo na pesquisa para buscar uma definição de gênero, como tarefa que lhe tinha sido confiada. Assim, descreve a etimologia da palavra:

> Palavra-chave [...] Gender (inglês), Geschlecht (alemão), Genre (francês), Género (espanhol) [A raiz da palavra em inglês, francês e espanhol é o verbo latino generare, gerar, e a alteração latina gener-, raça ou tipo. Um sentido obsoleto de "to gender" em inglês é "copular" (Oxford English Dictionary). Os substantivos "Geschlecht", "Gender", "Genre" e "Género" se referem à idéia de espécie, tipo e classe. "Gênero" em inglês tem sido usado neste sentido "genérico", continuadamente, pelo menos desde o século quatorze. Em francês, alemão, espanhol e inglês, "gênero" refere-se a categorias gramaticais e literárias. As palavras modernas em inglês e alemão, "Gender" e "Geschlecht", referem diretamente conceitos de sexo, sexualidade, diferença sexual, geração, engendramento e assim por diante, ao passo que em francês e em espanhol elas não parecem ter esses sentidos tão prontamente. Palavras próximas a "gênero" implicam em [*sic*] conceitos de parentesco, raça, taxonomia biológica, linguagem e nacionalidade. O substantivo "Geschlecht" tem o sentido de sexo, linhagem, raça e família, ao passo que a forma adjetivada "Geschlechtlich" significa, na tradução inglesa, sexual e marcado pelo gênero. Gênero é central para as construções e classificações de sistemas de diferença. A diferenciação complexa e a mistura de termos para "sexo" e "gênero" são parte da história política das palavras. Os significados médicos acrescentados a "sexo" se somam progressivamente a "gênero", no inglês, através do século vinte. Significados médicos, zoológicos, gramaticais e literários têm, todos, sido contestados pelos feminismos modernos. Os significados compartilhados das categorias raciais e sexuais de gênero apontam para as histórias modernas das opressões coloniais, racistas e sexuais entrelaçadas nos sistemas de produção e inscrição do corpo e seus conseqüentes discursos libertários e de oposição. A dificuldade de acomodar as opressões racial e sexual nas teorias marxistas de classe encontra paralelo na própria história das palavras. Este pano de fundo é essencial para a compreensão das ressonâncias do conceito teórico do "sistema de sexo/gênero" construído pelas feministas ocidentais anglófonas nos anos setenta. Em todas as suas versões, as teorias feministas de gênero tentam articular a especificidade da opressão das mulheres no contexto de culturas nas quais as distinções entre sexo e gênero são marcantes. Quão marcantes depende de um sistema relacionado de significados reunido em torno de uma família de pares de oposição: natureza/cultura, natureza/história, natural/humano, recursos/produtos. Esta interdependência capital de um campo político-filosófico ocidental de oposições binárias – funcionalmente, dialeticamente,

12 Nós, isto é, o grupo editorial feminista, vamos sugerir algumas palavras-chave que estão ausentes e queremos que algumas outras sejam reescritas, porque as mulheres não aparecem onde deveriam (HARAWAY, 2004, p. 203).

estruturalmente ou psicanaliticamente compreendidas – problematiza as alegações de utilização universal de conceitos relacionados a sexo e gênero; esta questão é parte do debate em andamento sobre a relevância (HARAWAY, 2004, p. 209-10).

Nos vários idiomas, inglês, francês, alemão e espanhol, a autora trouxe definições, que, no português, não mencionado por ela, já tínhamos descrito no início deste capítulo. Então, segundo Haraway (2004), "[...] a diferenciação complexa e a mistura de termos para 'sexo' e 'gênero' são parte da história política das palavras" (HARAWAY, 2004, p. 209), passando pela questão da linguagem, que, nesta esteira, traz uma explicação da base de construção de ideologias vigentes que governam os processos discriminatórios no mundo. Ainda em Haraway (2004), "as histórias específicas do movimento de mulheres nas vastas áreas do mundo, nas quais essas linguagens eram parte da política vivida, eram as razões principais das diferenças" (HARAWAY, 2004, p. 4).

Para Adriana Piscitelli, teórica brasileira que estuda acerca do assunto, ainda com estudos sobre tráfico de mulheres, o termo "gênero" que é encontrado nas mais diversas versões é uma definição criada por pensadoras feministas com o objetivo de "desmontar esse duplo procedimento de naturalização mediante o qual as diferenças que se atribuem a homens e mulheres são consideradas inatas, derivadas de distinções naturais" (PISCITELLI, 2009, p. 119). Piscitelli se apega ao pensamento e à interpretação de que "[...] na linguagem do dia a dia e também das ciências a palavra sexo remete a essas distinções inatas, biológicas". Assim, "as desigualdades entre uns e outros são percebidas como resultados dessas diferenças" (PISCITELLI, 2009, p. 117). Ainda segundo Piscitelli (2009, p. 119), "[...] as autoras feministas usaram esse termo para referir-se [*sic*] ao caráter cultural das distinções entre homens e mulheres, entre ideias sobre feminilidade e masculinidade". Resumindo, a autora define que "Sexo está vinculado à biologia (hormônios, genes, sistema nervoso e morfologia) e gênero tem relação com a cultura (psicologia, sociologia, todo o aprendizado vivido desde o nascimento" (PISCITELLI, 2009, p.123). Combina com o que Beauvoir (1976) exemplificou na década de 1960, parecendo a forma que ela descreve, mesmo sem estar entre aspas, uma metáfora ou ironia, quando ela fala de características relacionadas às mulheres, como terna, dócil, receptiva, que deriva de um fundamento linguístico, cultural.

Saffioti (1987) dedicou tempo de sua carreira como pesquisadora e docente, tentando entender o conceito de "gênero" e suas disparidades e os estereótipos de gênero, falando que eles "[...] temem ser considerados menos machos se forem flexíveis, pacíficos e generosos" (SAFIOTTI, 1987, p. 39). Por outro lado, "as mulheres temem ser tomadas como pouco femininas, incapazes de conservar o 'amor' do companheiro, se se revelarem empreendedoras, dinâmicas, bem-sucedidas" (SAFFIOTTI, 1987, p. 39), convergindo com o que Beauvoir (1976) e Friedan (1971) teorizaram. Para Saffioti (1987, p. 39), "os estereótipos têm, realmente, a força do molde. Quem não entrar na forma corre o risco de ser marginalizado das relações consideradas 'normais'. A conceito de 'normal' e socialmente construído pelo costume".

Assim como Beauvoir (1976) e Friedan (1971) falavam da problemática de gênero, mas não como uma definição, justamente porque o conceito somente começou a ser tratado por alguns teóricos mais tarde, Saffiotti (1987) também usa as palavras "generosa", "generoso" e "generosidade" para descrever as características entre homens e mulheres, conforme prescrito pela sociedade patriarcal. A propósito, entrando na seara dos estereótipos, pensamos ser necessário trazer uma abordagem mais detalhadas a respeito deste termo, no próximo tópico.

3.4 ESTEREÓTIPOS DE GÊNERO

Em alguns momentos deste capítulo, foi levantada a questão dos estereótipos, que descende da temática de gênero, sobre ser ou não ser, representar ou não representar determinado gênero/indivíduo. Estas caracterizações se tornam "moldes", como disse Saffioti (1987, p. 39). Por isso, buscamos aprofundar, neste ponto do trabalho, o conceito e suas implicações.

Na pesquisa de Consenza, Colombari e Gasparri (2017), sobre a influência da propaganda italiana na representação do homem e da mulher, as autoras trazem o conceito de estereótipo. Segundo as pesquisadoras, a "palavra deriva de *stereós* gregos antigos, que significa rígido, e *týpos*, que significa impressão. Foi usado pela primeira vez, no século XVII, nos círculos da tipografia francesa para descrever a reprodução de imagens com impressão de formas fixas" (CONSENZA, COLOMBARI; GASPARRI, 2017, p. 192).

> No século XIX o conceito era introduzido às ciências sociais pelo jornalista norte- americano Walter Lippmann em seu trabalho seminal em opinião pública, da qual todo o terceiro capítulo foi dedicado ao estereótipo. Desde então, o conceito tem sido uma prerrogativa das ciências sociais, incluindo sociologia, ciência política, social estudos de psicologia e comunicação de massa. Quando aplicado às ciências sociais, de Lippman em diante, o conceito de estereótipo indica um conjunto rígido e simplificado de crenças que um certo social compartilha e reencena (como se fosse uma impressão, um týpos) sobre um assunto, um estado das coisas, um evento, um comportamento ou outro grupo social, que é considerado monolítico e sem exceções, sem considerações aprofundadas ou raciocínio crítico sobre possíveis diferenças ou nuances dentro desse grupo. Esta definição descreve o funcionamento de estereótipos relativos às características nacionais, segundo as quais, por exemplo, os alemães são supostamente "frios e racionais", os franceses são "esnobes" e os italianos são "grandes amantes". Também explica outros tipos de estereótipos sobre profissões, que veriam os engenheiros como "rígidos", professores como "pedantes", e assim por diante. Finalmente, ele contabiliza estereótipos de gênero em relação a mulheres, homens, gays (bem como outras orientações sexuais), que teriam as mulheres como "maternal", "mais emocional do que os homens" "menos inclinado para estudos científicos", enquanto os homens seriam "mais capazes de controlar suas emoções", "menos inclinado a cuidar", e os gays "sensíveis" mais "sensíveis", e assim por diante. (CONSENZA; COLOMBARI; GASPARI, 2017, p. 192)

A partir das definições propostas por Lippmann (1992 apud CONSENZA; COLOMBARI; GASPARI, 2017, p. 192) são levantadas características (ou estereótipos de gênero) para homens, mulheres e *gays*: por meio destes, as mulheres seriam mais inclinadas aos instintos maternais, do cuidado com o outro, mais emocionais que os homens; os homens, por sua vez, seriam "mais capazes de controlar suas emoções", e os gays, "mais sensíveis" (CONSENZA; COLOMBARI; GASPARRI, 2017, p. 192). As autoras apontam também, em sua publicação, que isso ocorre, muitas vezes, implicitamente, por meio das "[...] expressões faciais dos sujeitos, marchas, roupas, ambientes sociais e profissionais (estereótipos de gênero correspondentes relacionados com essas configurações)" (CONSENZA; COLOMBARI; GASPARI, 2017, p. 190, tradução nossa). Lembrando, ainda, dos papéis mencionados anteriormente por Beauvoir (1976, p. 100), ou seja, mulher como mais "dócil, terna, generosa" quanto o homem mais "forte" se inscrevem nesta ordem.

Os estereótipos também podem ser associados aos papéis sociais (GENDER..., 2017). O estudo acerca de sexualidade e do conceito de "gênero", feito por Spizzirri, Pereira e Abdo (2014, p. 43), "[...] facilitou a observação dos papéis sociais e das relações entre feminino e masculino e foi ponto de apoio na composição de subjetividades políticas, públicas e/ou relacionais".

Ao procurar no Dicionário de Ciências Humanas a respeito do termo "papel", a semioticista Baggio (2014), que segue a mesma vertente da semiótica greimasiana, "[...] designa um fenômeno inerente a qualquer sociedade" (BAGGIO, 2014, p. 14). O dicionário diz também que "[...] num contexto determinado, cada um dos membros dessa sociedade tende a exibir uma série de condutas que caracteriza um personagem como no teatro" (BAGGIO, 2014, p. 15). Assim, de acordo com Baggio (2014), os papéis sociais são estabelecidos em conformidade com "[...] as expectativas das pessoas com as quais convivemos, corresponde a um modelo de conduta estereotipado [...] assumir um papel social implica 'vestir uma indumentária social' (DORTIER, 2010, p. 473), como o ator que representa um papel em cena" (BAGGIO, 2014, p. 15).

Neste sentido, Baggio (2014) prossegue:

> Ao mesmo tempo em que os papéis normalizam e estabilizam as relações entre as pessoas, também podem bloquear a espontaneidade e liberdade de ação. Novamente notamos que estes verbos, usados no dicionário em sentido figurado, são tomados literalmente quando descrevem situações de real bloqueio e espontaneidade do corpo feminino vestido para certos papéis sociais (BAGGIO, 2014, p. 15).

Ou seja, esses determinados papéis, a forma de agir, de vestir, conforme Baggio (2014), podem causar aproximação ou distanciamento nas relações interpessoais. A pesquisadora destaca também, com base no exposto no Dicionário de Ciências Humanas, que "a noção de papel teria sido abandonada após os anos de 1960, sendo substituída pela de 'identidade'" (BAGGIO, 2014, p. 15). Esta, por sua vez "designa, entre outros fenômenos, uma posição social relacionada ao sexo ou ao gênero e à qual correspondem "papéis e

códigos sociais mais ou menos claros'" (BAGGIO, 2014, p. 15). "Mais ou menos claros" abrem precedente para interpretações infinitamente relacionais como observamos até então, ao tratar, por exemplo, do conceito de gênero, apontando que não é algo estanque ou fechado, assim como a semiótica, devendo, portanto, estar aberto a diversos tipos de análises.

Outra semioticista da linha de Greimas, Sardinha (2015) afirma que tais caracterizações ou "[...] os poderosos estereótipos estão reavivados pelos atos de linguagem da instância produtora do discurso" (SARDINHA, 2015, p. 147).

Demaria (2019, p. 39) corrobora a questão, "destacando o sistema de relações e significados dos quais gênero e preferência sexuais fazem parte, o gênero permite separá-los e distingui-los papéis sociais que são atribuídos a cada um dos dois sexos".

Voltando a outra autora de temáticas relacionadas ao gênero, Piscitelli (2009, p. 126) ressalta que "grande parte da produção sobre diferença foi produzida no momento em que se difundia o conceito de papel social, a partir da década de 1930". Segundo ela,

> a teoria dos papéis sociais busca compreender os fatores que influenciaram o comportamento humano. A ideia é que os indivíduos ocupam posições na sociedade, desempenhando papéis de filho, de estudante, de avô. Como o enredo em uma peça de teatro, as normas e regras sociais determinam quais são os papéis possíveis e como devem ser desempenhados. [...] um dos atributos que pode servir como base para definição dessas categorias é a idade [...] outros desses atributos pode ser o sexo. Nesse caso homens e mulheres desempenham papéis culturalmente construídos (PISCITELLI, 2009, p. 126-7).

Tanto Saffioti (1987) quanto Piscitelli (2009) refletem como os papéis sociais representam posições ocupadas na sociedade por homens e mulheres. Este fenômeno, segundo Saffioti (1987), não é exclusivo no Brasil. Ocorre em todas as partes do mundo.

> A identidade social da mulher, assim como a do homem, e construída através da atribuição de distintos papéis, que a sociedade espera ver cumpridos pelas diferentes categorias de sexo. A sociedade delimita, com bastante precisão, os campos em que pode operar a mulher, da mesma forma como escolhe os terrenos em que pode atuar o homem (SAFFIOTI, 1987, p. 8).

Trocando em miúdos, como diz Saffioti (1987), "[...] o estereótipo funciona como uma máscara. Os homens devem vestir a máscara do macho, da mesma forma que as mulheres devem vestir a máscara das submissas" (SAFFIOTI, 1987, p. 40). É um sistema constituído na linguagem, nas normas e em todos os aspectos pelo homem e a serviço do homem. É como dizer que se a mulher não estiver com o jantar preparado quando o marido chegar, ele pode se sentir no direito de agredi-la porque ela não cumpriu com uma de suas obrigações ou papéis: fazer o jantar, como vemos em uma notícia a ser analisada no *corpus*, com o enunciado "Para revidar agressão, mulher é suspeita de esfaquear companheiro. A PM disse que o homem agrediu a mulher porque ela não fez o jantar" (PARA..., 2012), conforme Fig. 3.

Figura 3 - Para revidar agressão, mulher é suspeita de esfaquear companheiro

G1 MINAS GERAIS

30/11/2012 07h39 - Atualizado em 30/11/2012 07h52

Para revidar agressão, mulher é suspeita de esfaquear companheiro

PM disse que ele agrediu mulher porque ela não fez o jantar.
Ele não corre risco de morte; ela foi presa em flagrante.

Do G1 MG

Tweetar Recomendar 0

Uma mulher de 31 anos é suspeita de esfaquear o companheiro, de 26, no bairro Tony, em Ribeirão das Neves, na Região Metropolitana de Belo Horizonte, por volta das 23h desta quinta-feira (29). De acordo com a Polícia Militar (PM), para revidar uma agressão, ela feriu o marido. A PM disse que o homem agrediu a mulher porque ela não fez o jantar.

O homem foi atingido por uma facada no peito e foi socorrido na Unidade de Pronto-Atendimento Justinópolis (Upa Justinópolis). Ele não corre risco de morte. A mulher foi presa em flagrante.

Para ler mais notícias do **G1** Minas Gerais, clique em **g1.globo.com/mg**. Siga também o **G1** Minas Gerais no **Twitter** e por **RSS**.

Fonte: Para... (2012). Disponível em: https://g1.globo.com/minas-gerais/noticia/2012/11/para-revidar-agressao-mulher-esfaqueia-companheiro-na-grande-bh.html. Acesso em: 3 mar. 2022.

Tanto no título quanto na linha fina, vemos a mulher com destaque disfórico na briga, representada como a vilã da história; a frase “para revidar a agressão” atribui a violência cometida pelo homem a um plano secundário. O discurso enfatiza a “culpa” dela em dois aspectos e vitimiza o parceiro: (i) apanhou por não ter feito o jantar e (ii) por “revidar a agressão”. Além de legitimar o dito que “violência gera violência”, o destinador G1 fortaleceu o estereótipo da “divisão sexual do trabalho”, ou seja, que o feminino é responsável por tarefas como “fazer o jantar” e o masculino por trazer o sustento da família.

Estes simulacros reforçam a ideia de que se, a mulher não cumprir com seu papel, pode ser punida. Em muitos outros exemplos, a vítima continua fazendo o jantar e, mesmo assim, é agredida porque a questão não é esta e sim “vestir” e se “moldar” à máscara estabelecida numa sociedade patriarcal (SAFFIOTI, 1987, p. 40). Independentemente da época, este discurso é recorrente, como nesta outra notícia, atual de 2023 (que apesar de não integrar o recorte trabalhado), faz-se necessário citar, mostrando como se trata de um problema estrutural, na Fig. 4.

Figura 4 - Marido é suspeito de jogar panela com feijão quente na mulher em Belo Horizonte porque o jantar não estava pronto

g1 MINAS GERAIS

Anúncios Google

Não exibir mais este anúncio | Anúncio? Por quê?

Marido é suspeito de jogar panela com feijão quente na mulher em Belo Horizonte porque jantar não estava pronto

Crime aconteceu no fim da noite desta quinta-feira (12) no bairro Jaqueline, na Região Norte.

Por Alex Araújo e Yuri Henderson, g1 Minas — Belo Horizonte
13/01/2023 06h41 · Atualizado há 4 dias

Fonte: Araújo e Henderson (2023). Disponível em: https://g1.globo.com/mg/minas-gerais/noticia/2023/01/13/marido-e-suspeito-de-jogar-panela-com-feijao-quente-na-mulher-em-belo-horizonte-porque-jantar-nao-estava-pronto.ghtml. Acesso em: 14 jan. 2023.

Neste caso, ele a agrediu “porque jantar não estava pronto”, o que recorre ao enunciado principal à concepção da “divisão sexual do trabalho” e de “tarefas”. Por fim, cada qual veste uma “máscara”, como apontou Saffioti (1987). Ele, do “macho”, que é superior, e ela, da “submissa” (SAFFIOTI, 1987, p. 40). Ainda traz neste contexto mais um significado “da repressão de todos os desejos que caminharem em outra direção [...] e a sociedade atinge alto grau de êxito neste processo repressivo, que modela homens e mulheres para relações assimétricas, desiguais, de dominador e dominada” (SAFFIOTI, 1987, p. 40).

Saffioti (1987) é realista e mostra uma gota de esperança no fundo do poço das desigualdades, “[...] embora se deva pagar um alto preço pela rejeição do modelo imposto, vale a pena cotejá-lo com o custo pessoal da repressão exigida pelo uso da máscara” (SAFFIOTI, 1987, p. 40). A socióloga reflete que “quando alguém se recusa a submeter-se ao estereótipo, arrisca-se a ser posto à margem das relações consideradas normais” (SAFFIOTI, 1987, p. 40). No entanto, em Saffioti (1987, p. 40), “além de poder encontrar muitos adeptos ou simpatizantes, podendo criar espaços mais livres, realiza um maior número das potencialidades que traz. E talvez valha a pena experimentar”. Para ela, “[...] todo processo é válido quando caminha na direção da verdade, da autenticidade, da igualdade; porque, enfim, trata-se de democracia”.

Embora o foco do livro não seja teorizar sobre violência contra a mulher, e sim fazer uma análise discursiva, tendo como *corpus* textos publicados no Portal de Notícias G1, entende- se que, por se tratar de um trabalho da área de comunicação, a importância de contextualizar a respeito do fenômeno cada vez mais crescente, bem como trazer conceitos como forma de facilitar a compreensão sobre o assunto e suas tipologias, como propomos no próximo item e, respectivamente, capítulo. Considera-se que tais explicações corroboram com a investigação do objeto de pesquisa.

3.5 VIOLÊNCIA DE GÊNERO

As mulheres têm liderado movimentos com o objetivo de pôr fim nas desigualdades (SOUZA, 2015), que culminam em outro problema mais grave ainda: o da violência de gênero. Este termo se torna mais abrangente, quando se inclui o que Carletti (2019) denomina de “grupos chamados minoritários” (CARLETTI, 2019, p. 7), o mesmo que grupos marginalizados como os LGBTQIA+, sigla para denominar o público composto por lésbicas, gays, bissexuais, travestis, trans, *queers*, pansexuais, agêneros, pessoas não binárias e intersexo. Campos (2013) traça uma genealogia sobre a insistência das mulheres nas décadas de 1920, 1930, depois nos anos de 1960, 1970 até o momento da criação da Lei n.º 11.340, de 7 de agosto de 2006, denominada “Maria da Penha”[13] (CAMPOS, 2013), que visa especificamente atender a mulher que sofre com estes males, abarcando, em alguns casos, outros públicos como os trans. Há apenas oito registros observados na coleta de dados do *corpus*.

As sociólogas Saffioti e Almeida (1995) escreveram “Violência de Gênero: poder e impotência” (1995), que foi fruto de um trabalho de pesquisa de campo que durou seis anos. Neste período, elas observaram a relação: vítima, agressor, policiais, assistentes sociais, entre outros, e, a partir daí, desenvolveram sua leitura e teoria sobre o problema. Para Saffioti e Almeida (1995), a problemática “grassa como erva daninha desta gramática sexual que rege as relações entre homens e mulheres, aí se incluindo a impunidade dos perpetradores de atos considerados delituosos” (SAFFIOTI; ALMEIDA, 1995, n. p.). As pesquisadoras apontam quão generalizada é a violência que ocorre dentro dos lares em vários locais do Brasil, chegando a comparar esse tipo de ação como uma “erva daninha” que se alastra, culminando com o efeito da impunidade (SAFFIOTI; ALMEIDA, 1995, n. p.).

Para Saffioti e Almeida (1995),

> Embora estas condutas estejam tipificadas no Código Penal brasileiro, são extensamente toleradas pela sociedade simplesmente por se tratar de violência cometida por homens. Com relação à mulher a sociedade revela muito menor ou nenhuma complacência. Isso equivale dizer que o inimigo da mulher não é propriamente o homem, mas a organização social de gênero cotidianamente alimentada não apenas por homens, mas por mulheres (SAFFIOTI; ALMEIDA, 1995, n. p.).

Mesmo a violência ocorrendo dos dois lados, conforme foi descrito nesta citação, as autoras se manifestam no sentido de “pintar o retrato da violência contra a mulher”, e dar visibilidade a esse tipo de conduta presente e justificada pela “organização social” (SAFFIOTI; ALMEIDA, 1995, n. p.).

Garcia e Lima (2021, *on-line*) apontam que,

13 O caso Maria da Penha é representativo da violência doméstica à qual milhares de mulheres são submetidas em todo o Brasil [...] A sua trajetória em busca de justiça durante 19 anos e 5 meses faz dela um símbolo de luta por uma vida livre de violência (INSTITUTO MARIA DA PENHA, 2018). Disponível em https://www.institutomariadapenha.org.br/quem-e-maria-da-penha.html. Acesso em: 21 fev. 2022.

> Segundo informações do Serviço Nacional de Saúde (2016), "apesar da violência contra a mulher ser muito superior, os homens também são vítimas deste crime" (SNS, 2016). O dado apresentado nesta pesquisa do SNS (2016) aponta que 14,4% dos homens brasileiros indicaram ter sido agredidos. Não encontramos nenhuma pesquisa atualizada sobre esse tipo de agressão contra homens. Porém, como diz o enunciado da pesquisa feita pela SNS, a violência é "muito superior" em relação ao público feminino (SNS, 2016). Quase na mesma época do estudo feito pelo SNS ser divulgado, a Secretaria de Saúde do Distrito Federal divulgou sondagem realizada pelo Núcleo de Estudos e Programas na Atenção e Vigilância em Violências (Nepav) e pelo Sistema de Informação de Agravos e Notificação (Sinan) do órgão mostrando que "A violência contra a mulher é cerca de três vezes maior que contra o gênero masculino. Isto é, dos 1.694 casos de violência notificados nas unidades da capital em 2015, 1.230 foram direcionados ao gênero feminino. Ou seja, 72,6% do total" (SINAN, 2016). (GARCIA; LIMA, 2021, *on-line*)

Entretanto, no período de pandemia, em relação às agressões voltadas às mulheres, o Fórum Brasileiro de Segurança encomendou um levantamento, feito no início de junho de 2021. De acordo com a investigação feita com duas mil mulheres no País nos últimos 12 meses, 75% delas, que corresponde a 17 milhões de entrevistadas, disseram ter sofrido algum tipo de violência durante a pandemia, que converge com a pesquisa que desenvolvemos com esse recorte (PAULO, 2021, *on-line*). Note-se, pelas percentagens do SINAN (2016), que existe diferença a respeito de quem sofre mais ou menos violência, ou seja, das mulheres em relação aos homens. Por isso, é importante buscar entender essa problemática. Esta é a maneira que temos de mostrar como ocorrem esses processos, na tentativa de estimular ações e um debate amplo que vise a uma mudança, no que Greimas e Courtés (2008, p. 324) chamam de "mundo natural" ou do "senso comum", representando aquele que segue uma ordem de naturalização das coisas (GREIMAS; COURTÉS, 2008, p. 423).

Para Pereira *et al.* (2013), "[...] as evidências empíricas revelam que a violência estrutural está presente na sociedade brasileira, facilitando e oferecendo uma referência à violência do comportamento" (PEREIRA *et al.* 2013, p. 5). Aplicam-se nas "[...] estruturas organizadas e institucionalizadas [...] refletindo-se na formação dos sujeitos, em suas visões de mundo, crenças e expectativas" (PEREIRA *et al.* 2013, p. 5). Desse modo, as autoras entendem que "[...] para cada pessoa que morre devido à violência, muitas outras são feridas ou sofrem devido a vários problemas físicos, sexuais, reprodutivos e mentais" (PEREIRA *et al.* 2013, p. 5).

De acordo com Saffioti e Almeida (1995), "[...] embora estas condutas estejam tipificadas no Código Penal Brasileiro, são extensamente toleradas pela sociedade simplesmente por se tratar de violência cometida por homens" (SAFFIOTI; ALMEIDA, 1995, n. p.). Para as sociólogas, quando se trata de violência cometida contra a mulher "a sociedade revela muito menor ou nenhuma complacência [...] equivale a dizer que o inimigo da mulher não é propriamente o homem, mas a organização social de gênero cotidianamente

alimentadas não apenas por homens, mas também por mulheres" (SAFFIOTI; ALMEIDA, 1995, n. p.). Nesses modelos de sociedade que Saffioti e Almeida (1995) descreveram, podem estar inclusas, mulheres que, porventura, sigam omissas, o que conota conivência com uma relação abusiva, sem denunciar. No *corpus*, temos relatos como este, de São José do Rio Preto, na Fig. 5, enuncia,

Figura 5 - Aposentada denuncia marido após ser agredida por golpes de chicote

MENU G1 RIO PRETO E ARAÇATUBA

15/01/2015 19h38 - Atualizado em 15/01/2015 20h38

Aposentada denuncia marido após ser agredida por golpes de chicote

Caso teria ocorrido em outubro, mas mulher não registrou agressão.
Com fortes dores, ela precisou de atendimento médico e contou versão.

Do G1 Rio Preto e Araçatuba

FACEBOOK

Uma aposentada de 63 anos registrou um boletim de ocorrência na noite desta quarta-feira (14), depois de ser agredida pelo marido no bairro Jardim Atlântico em **Araçatuba** (SP). A agressão teria ocorrido em outubro, mas, por medo, a mulher ficou em silêncio.

saiba mais

Ladrões se passam por policiais e realizam sequestro relâmpago

Segundo informações da polícia, o homem estaria bêbado quando chicoteou a mulher. Ela foi socorrida por vizinhos ao Pronto Socorro, onde recebeu cuidados médicos, mas não denunciou o homem.

Nesta quarta-feira (14), a idosa sentiu fortes dores no local das agressões e precisou procurar novamente o atendimento médico. Só então, ela decidiu contar o que havia acontecido. A mulher foi transferida à Santa Casa de Araçatuba, onde permanece em observação. O agressor está foragido e a polícia irá investigar o caso.

Fonte: Aposentada... (2015). Disponível em: https://g1.globo.com/sao-paulo/sao-jose-do-rio-preto-aracatuba/noticia/2015/01/aposentada-denuncia-marido-apos-ser-agredido-por-golpes-de-chicote.html. Acesso em: 12 mar. 2022.

"A agressão teria ocorrido em outubro, mas, por medo, a mulher ficou em silêncio [...] Ela foi socorrida por vizinhos e levada ao Pronto Socorro, onde recebeu cuidados médicos, mas não denunciou o homem" (APOSENTADA..., 2015). O uso do chicote faz lembrar o regime de escravidão, quando os que eram vistos à margem da sociedade levavam chicotadas por resistirem ou não cumprirem as ordens dos seus senhores. Nesta notícia de Santarém no Pará, Fig. 6, o enunciado diz:

Figura 6 - Agredida a socos pelo marido, mulher desiste da denúncia: ‘dependo dele’

MENU G1 SANTARÉM E REGIÃO TV TAPAJÓS

16/01/2015 17h15 - Atualizado em 16/01/2015 17h17

Agredida a socos pelo marido, mulher desiste de denúncia: 'dependo dele'

Homem foi imobilizado e liberado pela polícia.
Caso foi flagrado pela TV Tapajós na manhã desta sexta-feira (16).

Do G1 Santarém, com informações da TV Tapajós

FACEBOOK

Uma mulher foi agredida a socos pelo companheiro, segundo testemunhas, no fim da manhã desta sexta-feira (16), na orla de Santarém, oeste do Pará. O repórter cinematográfico da **TV Tapajós**, Rafael Ferreira, registrou a vítima sentada ao chão minutos após a agressão. O homem foi imobilizado e depois liberado. A polícia disse que a mulher desistiu da denúncia. *(Veja o vídeo).*

Nas imagens é possível observar populares, que presenciaram a violência, ao redor de Dionéia Ferreira, de 23 anos. Junto com ela, o homem, que seria o autor da violência.

Vítima não quis proceder com denúncia e polícia liberou homem (Foto: Reprodução/TV Tapajós)

Uma equipe da Polícia Militar, que fazia ronda na área, fez a detenção do homem algemando-o, mas em seguida ele foi liberado porque a vítima não efetivou a denúncia. "Como foi uma agressão muito forte que ela chegou a desmaiar, a gente teve que intervir. Como ela não quis proceder, a gente não pode fazer nada devido a isso. A gente liberou o cidadão e eles vão seguir a vida normal. Se não tem vítima, não tem crime. Não é a gente que faz a lei, a gente só executa", explicou o soldado Uderlei Oliveira.

Em entrevista à equipe de reportagem ela disse que não denunciou porque depende do companheiro. "Dependo dele para me sustentar com minha filha", afirmou Dionéia.

Já o suspeito, que trabalha como tripulante em uma embarcação, alegou que agrediu a mulher porque ela demonstrou ciúmes dele por causa das viagens.

Após a confusão, a equipe de TV ainda registrou a vítima indo atrás do homem.

saiba mais

Mulheres santarenas relatam casos de violência vividos em casa

Santarém é 3º na lista do Disque 180 com denúncias de violência a mulher

Lei Maria da Penha vale mesmo sem queixa da agredida, decide STF

Mudança na lei

A Lei Maria da Penha, que protege as mulheres contra a violência doméstica entrou em vigor no ano de 2006. No início de 2012, sofreu mudanças. O **Supremo Tribunal Federal decidiu que o Ministério Público pode denunciar o agressor, mesmo que a mulher não apresente queixa contra quem a agrediu.**

De acordo com norma de 2006, o agressor só era processado se a mulher agredida fizesse uma queixa formal.

Serviço

Denúncias de agressão contra a mulher podem ser feitas diretamente para a polícia, por meio do 190.

Fonte: Agredida... (2015). Disponível em: https://g1.globo.com/pa/santarem-regiao/noticia/2015/01/agredida-socos-pelo-marido-desiste-de-denuncia-e-diz-dependo-dele.html. Acesso em: 24 mar. 2022.

“Agredida a socos pelo marido, mulher desiste de denúncia: ‘dependo dele’” (AGREDIDA..., 2015). Nesta matéria, vemos mais um exemplo de jornalismo declaratório, ou seja, que privilegia determinadas construções linguísticas em primeiro plano (no título, na linha fina, no *lead*), fazendo perceber que a parcialidade do destinador explicitamente é uma marca do jornalístico sensacional. Na utilização do enunciado “dependo dele” e sob a perspectiva de Moraes (2022, p. 9), tanto elementos “[...] presentes na concepção de uma reportagem quanto aqueles que foram descartados” fazem parte de uma concepção “política e “arbitrária” do veículo. De acordo ainda com a autora “toda pauta organiza e desorganiza visibilidade e invisibilidades, toda pauta hierarquiza e desierarquiza vozes e representações, toda pauta estrutura e desestrutura discursos” (MORAES, 2022, p. 9).

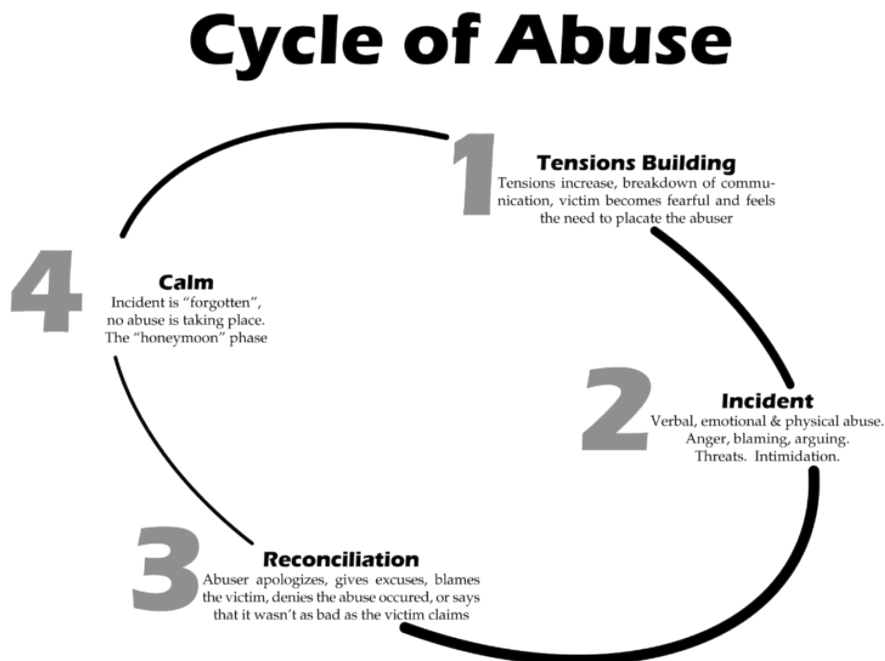
Deste modo, é possível dizer que, quando usa o “dependo dele”, é exatamente essa a crença que permeia a visão do jornal, atribuindo, de certo modo, uma incapacidade ou inferioridade da vítima e superioridade do agressor que, em outras palavras, a sustenta. A primeira é disfórica, enquanto a segunda encena o representante dominador na cultura patriarcal. Tais construções jornalísticas desumanizam a figura da mulher em relação a do homem.

Nesta notícia que dá ênfase ao “dependo dele”, bem como a que diz que a vítima silenciou (APOSENTADA..., 2015; PEREIRA *et. al.*, 2013, p. 9) apontam para uma mulher dependente, fraca, desencorajada. Assim, se uma dose a mais de coragem não as acompanhar, que é um dos efeitos de sentido gerados, sempre continuarão sendo vítimas deles, delas mesmas e das implicações sociais, culturais como um todo. É como permitir que o autor da violência se mantenha fortalecido em seus atos e a validação do sistema. Ou também podem fazer parte desta sociedade, descrita por Saffioti e Almeida (1995), aquelas que ainda não abriram os olhos para o problema porque nunca o vivenciaram e, quando ocorre, minimizam ou agem de maneira indiferente diante da situação de violência alheia. Isso é que Saffioti e Almeida (1995) mencionam a respeito do “inimigo da mulher” e da falta de “complacência”, que tem origem na “organização social de gênero cotidianamente alimentadas não apenas por homens, mas também por mulheres” (SAFFIOTI; ALMEIDA, 1995, n. p.). Outros exemplos, como estes destacados acima, são abordados e mais bem analisados no tópico “conformada” deste livro.

Antes da Lei Maria da Penha ser aprovada e sancionada, “a violência doméstica e familiar era tratada como crime de menor potencial ofensivo e enquadrada na Lei n.º 9.099/1995. “[...] as penas geralmente se reduziam em cestas básicas ou trabalhos comunitários” (INSTITUTO MARIA DA PENHA, 2018, p. 1). Além de ser o delito considerado como algo trivial, “após denunciar o agressor, a vítima ainda tinha que levar a intimação para que ele comparecesse perante o delegado” (INSTITUTO MARIA DA PENHA, 2018, p. 1). Neste contexto, tal fato, segundo os idealizadores da Lei Maria da Penha, mostrava “[...] o descaso e a falta de sensibilidade com que esse problema era tratado” (INSTITUTO MARIA DA PENHA, 2018, p. 1). Graças aos movimentos organizados pelo Consórcio

de Organizações Não Governamentais (ONGs), foi possível, depois de quatro anos, desvincular a lei antiga da atual, entrando em vigor o texto publicado em 2006 (INSTITUTO MARIA DA PENHA, 2018, p. 2).

Embora a violência contra a mulher seja um fenômeno com várias facetas, ocorrem em etapas, conforme a "*Social Cycle Theory*", ou teoria do ciclo social, descrita pela psicóloga norte-americana Lenore Walker (1979), tendo sido denominada como "Ciclo da Violência", mencionado ligeiramente no Capítulo 2. Para detalhar melhor, a Fig. 7 traz o Ciclo da Violência, feito por Walker (1979).

Figura 7 - Ciclo da Violência

Fonte: Walker (1979, p. 1).

Na primeira fase[14], chamada de "Aumento da Tensão", o agressor se mostra furioso por "coisas insignificantes, chegando a ter acessos de raiva. Ele também humilha a vítima, faz ameaças e destrói objetos" (INSTITUTO MARIA DA PENHA, 2018). Estas "coisas insignificantes" ou "questões domésticas comuns como dinheiro, filhos, emprego", que vêm acompanhada de xingamentos ou outros tipos de ofensas verbais (WALKER, 1979, p. 2, tradução nossa). Neste ponto, a mulher busca tranquilizar o ofensor, evitando qualquer atitude que possa representar uma provocação, tenta controlar a situação e o agrada. Ou,

14 Original text in English: Cycle of Violence. Phase 1- Tension builds over common domestic issues like money, children or jobs. Verbal abuse begins. The victim tries to control the situation by pleasing the abuser, giving in or avoiding the abuse. None of these will stop the violence. Eventually, the tension reaches a boiling point and physical abuse begins (WALKER, 1979, p. 2).

quem sabe, dependendo do humor, já revida, passando logo para a segunda fase, que descreveremos a seguir. Mas, o sentimento que a mulher carrega a partir do primeiro evento é “de tristeza, angústia, ansiedade, medo e desilusão” (INSTITUTO MARIA DA PENHA, 2018, n. p.). Segundo Walker (1979, p. 2, tradução nossa), “eventualmente, a tensão atinge um ponto de ebulição e o abuso físico começa”. Pode ser que esta sequência do “ciclo da violência” se desdobre a partir do exemplo dado acerca do esquema narrativo canônico, abordado no Capítulo 2, e passa de um nível para o outro (do narrativo ao discursivo).

Na primeira fase da violência, ainda ocorrem dois tipos de manipulação por parte dos dois actantes: homem e mulher. O sujeito manipulador a manipula por intimidação (ameaça) para que ela faça o que ele quer (GREIMAS; COURTÉS, 2008; FIORIN, 2016, p. 30). O que poderia ser, neste caso? Submeter-se a ele, às vontades ou imposições dele, fazê-la sentir medo, em outras palavras, mostrar que ele é superior, se firmar como homem “macho forte”, de acordo com Saffioti (1987, p. 29), com as características previstas na sociedade (BEAUVOIR, 1976; FRIEDAN, 1971). Enfim, muitos poderiam ser os motivos, de acordo com a visão de mundo dele. Quando a mulher, por sua vez, tenta “tranquilizar, agradar, não provocar”, para acalmar os ânimos, talvez, dependendo do caso, naquele momento, surta efeito e faça o agressor recuar por algum momento. Ela o manipula por sedução, tentação (WALKER, 1979, p. 2; FIORIN, 2016, p. 30), enaltecendo um “juízo de valor positivo” nele, ou seja, a “euforia” (GREIMAS; COURTÉS, 2008, p. 192). Desta forma, se apazigua a situação por um determinado tempo e a mulher até chega a pensar que não vai mais acontecer, mas, em um dado momento, tais atos recomeçam sempre em um estágio mais avançado.

A segunda fase[15] do ciclo na teoria de Walker (1979) é conhecida como “Ato de Violência”. Esta etapa começa com episódios de “espancamento agudo, quando a tensão atinge o pico da violência física” (WALKER, 1979, p. 2). Normalmente, “é desencadeada pela presença de um evento externo ou pelo estado emocional do agressor – mas, não pelo comportamento da vítima [...] significa que o início do episódio de espancamento é imprevisível e além do controle da vítima” (WALKER, 1979, p. 2). De acordo com Walker (1979) estudos mostram que “em alguns casos vítimas podem inconscientemente provocar o abuso para que possam liberar a tensão, e passar para a fase de lua de mel” (WALKER, 1979, p. 2, tradução nossa). Nesta etapa, “toda a tensão acumulada na Fase 1 se materializa em violência verbal, física, psicológica, moral ou patrimonial” (INSTITUTO MARIA DA PENHA, 2018, n. p.). Aqui, mesmo “tendo consciência de que o agressor está fora de controle e tem um poder destrutivo grande em relação à sua vida, o sentimento da mulher é de paralisia e impossibilidade de reação” (INSTITUTO MARIA DA PENHA, 2018,

15 Original text in English: Cycle of Violence. Phase 2 - Acute battering episode—When the tension peaks, the physical violence begins. It is usually triggered by the presence of an external event or by the abuser’s emotional state—but not by the victim’s behavior. This means the start of the battering episode is unpredictable and beyond the victim’s control. However, some experts believe that in some cases victims may unconsciously provoke the abuse so they can release the tension, and move on to the honeymoon phase (WALKER, 1979, p. 2).

n. p.). Quando entra nesta etapa, a vítima sente pressão "psicológica severa (insônia, perda de peso, fadiga constante, ansiedade), medo, ódio, solidão, pena de si mesma, vergonha, confusão e dor" (INSTITUTO MARIA DA PENHA, 2018, n. p.). A partir daí, cada mulher determina quais serão os próximos passos. Algumas das reações que a mulher tem são: denunciar, pedir ajuda, terminar o relacionamento, se esconder na casa de amigos ou parentes ou, até mesmo em alguns casos, cometer suicídio.

Na terceira fase[16], conhecida como "Lua de Mel", segundo a teoria de Walker (1979), "primeiro, o agressor tem vergonha de seu comportamento. Ele expressa remorso, tenta minimizar o abuso e pode até culpar a parceira" (WALKER, 1979, p. 2). Em seguida, "ele pode então exibir um comportamento amoroso e gentil seguido por desculpas, generosidade e ajuda. Ele vai tentar genuinamente convencer o parceiro de que o abuso não acontecerá novamente" (WALKER, 1979, p. 2). Outro aspecto importante nessa etapa é que "a mulher se sente confusa e pressionada a manter o seu relacionamento diante da sociedade, sobretudo quando o casal tem filhos. Em outras palavras: ela abre mão de seus direitos e recursos", acreditando em uma mudança da parte dele (INSTITUTO MARIA DA PENHA, 2018, n. p.). A partir desse ponto, se fortalece o "vínculo entre os parceiros", que convence a vítima a seguir no relacionamento (WALKER, 1979, p. 2).

A quarta e última fase[17] é a da calma, um momento em que se esquece o que aconteceu e não se fala mais no assunto (WALKER, 1979, p. 2). Neste ponto, "a mulher se sente feliz por constatar os esforços e as mudanças de atitude, lembrando também os momentos bons que tiveram juntos" (INSTITUTO MARIA DA PENHA, 2018, n. p.). Após, existe uma "demonstração de remorso, ela se sente responsável por ele, o que estreita a relação de dependência entre vítima e agressor. Um misto de medo, confusão, culpa e ilusão fazem parte dos sentimentos da mulher" (INSTITUTO MARIA DA PENHA, 2018, n. p.). Logo, o ciclo se inicia novamente, seguindo um intervalo cada vez menor, apresentando, contudo, quadros ou cenários cada vez mais graves, estando nas "mãos" da mulher decidir se rompe ou permanece nesta condição.

Ou seja, na ordem do discurso, aciona-se "sem perceber" a experiência de um acidente *estésico* (GREIMAS; COURTÉS, 2008, p. 331) que se descola para o regime denominado ajustamento (LANDOWSKI, 2014, p. 18). O estado de "paralisia e impossibilidade de reação", como mencionado no Tópico do Ciclo de Violência do site do Instituto Maria da Penha (INSTITUTO MARIA DA PENHA, 2018, n. p.), faz parte de "um efeito do sentido proveniente das qualidades *estésicas*" (LANDOWSKI, 2014, p. 18), desenvolvido, neste processo, diante dos desafios que se apresentam na vida da mulher. A

16 Original text in English: Cycle of Violence. Phase 3- First, the abuser is ashamed of his behavior. He expresses remorse, tries to minimize the abuse and might even blame it on the partner. He may then exhibit loving, kind behavior followed by apologies, generosity and helpfulness. He will genuinely attempt to convince the partner that the abuse will not happen again. This loving and contrite behavior strengthens the bond between the partners and will probably convince the victim, once again, that leaving the relationship is not necessary (WALKER, 1979, p. 2).

17 Original text in English: Cycle of Violence. Phase 4 – Calm. Incident is forgotten. No abuse is talking place. Return to the initial phase (WALKER, 1979).

“paralisia”, em muitos casos, leva-a se render e se sujeitar à situação devido à “pressão da sociedade” e às crenças que a envolvem, sucumbindo ao sistema. Porque, como argumenta Saffioti (2011, p. 1), “há que se preservar a família, por pior que ela seja, na medida em que esta instituição social está envolta pelo sagrado, ou porque se tem vergonha de expô-los” (SAFFIOTI, 2011, p. 1). O efeito disso, ainda é, de acordo com Saffioti (2011), ter “um marido que espanca sua mulher, em geral, é poupado em vários dos ambientes por ele frequentados, em virtude de este fato não ser de conhecimento público” (SAFFIOTI, 2011, p. 1).

Para Walker (1979, p. 2), “muitos relacionamentos violentos” seguem um “padrão ou ciclo comum”. A autora acredita que, dependendo do caso, “o ciclo pode acontecer em um dia ou pode levar semanas ou meses. É diferente para cada relacionamento e não para todos [...] seguem o ciclo – muitos relatam um estágio constante de cerco com pouco alívio” (WALKER, 1979, p. 2).

Na sequência, vamos entender melhor quais as formas de violência e como estão tipificadas na Lei Maria da Penha. Este tópico, num contexto geral, esclarece quais espécies de agressões[18] se enquadram em cinco tipologias diferentes de violência contra a mulher, a saber: física, psicológica, sexual, patrimonial e moral (INSTITUTO MARIA DA PENHA, 2018, p. 1- 10) e como o G1 constrói cada uma delas. Para isso, no próximo capítulo, há uma análise demonstrando estas construções em todos os tipos de violências. Como já havíamos dito no capítulo anterior, não se trata de teorizar sobre a violência, e sim entender o fenômeno a partir do ponto de vista semiótico e as estratégias discursivas que o circundam. Outrossim, entende- se a necessidade de se conhecer o objeto de uma forma mais ampla, tendo maior subsídio para dissertar em relação a ele e suas particularidades.

18 Essas formas de agressão são complexas, perversas, não ocorrem isoladas umas das outras e têm graves consequências para a mulher. Qualquer uma delas constitui ato de violação dos direitos humanos e deve ser denunciada (INSTITUTO MARIA DA PENHA, 2018).

TIPOLOGIAS DA VIOLÊNCIA

Neste capítulo, pretende-se trazer, de modo geral, alguns esclarecimentos relativos às formas de violência, como são descritas nas notícias e aos atos que abarcam cada uma delas, a saber: violência física e feminicídio que, em muitos casos, decorrem dos casos graves de lesão corporal; violências psicológica, sexual, patrimonial e moral (BRASIL, 2006). Também é fundamental, para responder a pergunta de pesquisa, as hipóteses e os objetivos levantados nesta obra, entender como o destinador G1 constrói, dentro desta temática, os simulacros ou representações da mulher e do homem que enfrentam este problema. Como disse Saffioti e Almeida (1995), de uma forma ou de outra, todos perdem, não existindo vencedores, embora sejam as mulheres as mais afetadas por tais atos lesivos. Deste modo, justifica-se por que este ponto do trabalho faz menção, com base na metodologia proposta, à semiótica do discurso, a todos os tipos de violações sofridas pelas vítimas.

Dito isso, as análises apontam os achados sobre violência física no *corpus* oferecido pelo G1, de acordo com a quantificação a que submetemos esses dados, conforme Gráficos 1, 2 e 3.

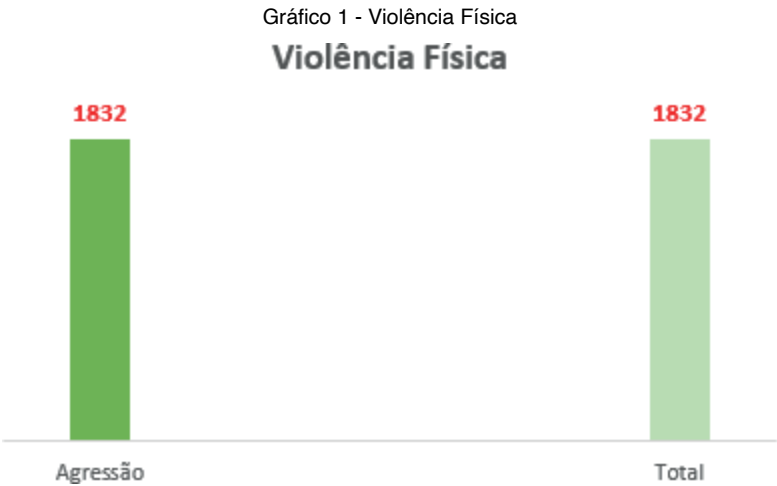
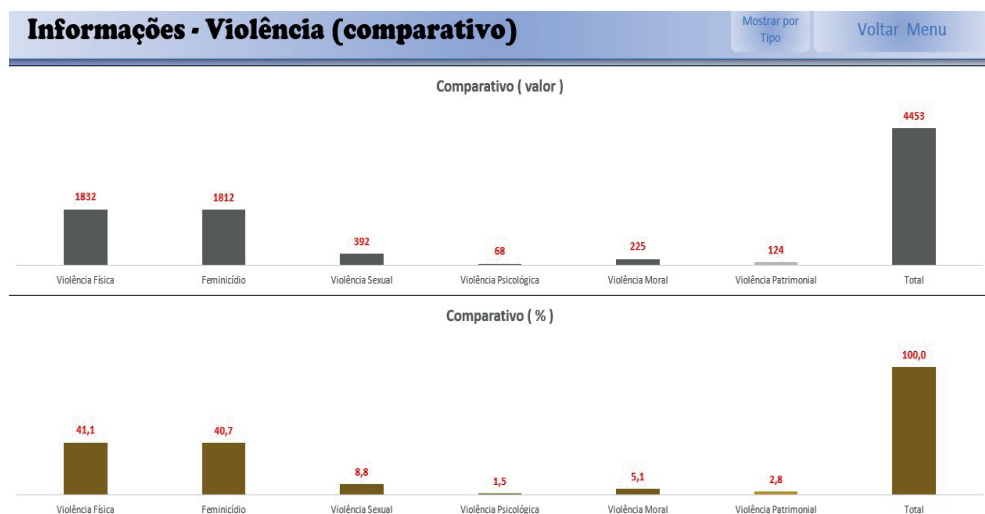
Gráfico 1 - Violência Física

Fonte: Elaborado pela autora (2022).

Gráfico 2 - Tipo de Violência

Fonte: Elaborado pela autora (2022).

Gráfico 3 - Comparativo de Violência

Fonte: Elaborado pela autora (2022).

Por meio dos números obtidos, confirmando outras estatísticas, a violência física contra a mulher é a mais cometida, com 41,1%; em seguida, próximo da modalidade de lesão corporal, está o feminicídio, com 40,7%; depois, a violência sexual (estupro, abuso e assédio), com 8,8%. A violência psicológica representa 1,5%, a moral 5,18% e patrimonial 2,8%.

No primeiro tópico das tipologias, discorreremos sobre a violência física, lembrando que esta é a mais cometida (41,1%) e que, quando não leva a mulher à morte, pode representar a que mais deixa sequelas, incluindo a invalidez (INSTITUTO MARIA DA

PENHA, 2018, *on- line*). Uma pesquisa realizada pela Universidade Federal do Ceará aponta consequências “[...] da violência doméstica na vida profissional da mulher que [...] [chega] a faltar ao trabalho dezoito dias por incapacidade física e psicológica ou para realizar tratamentos” (OLIVEIRA, 2017). Ou seja, representa aspecto negativo não somente para as mulheres, mas para a economia. Os cálculos feitos pelo estudo com vítimas de violência só no Ceará apontam que é de 1 bilhão de reais por ano de perda salarial para as vítimas (OLIVEIRA, 2017). Nos casos de invalidez, o estado tem que arcar, literalmente, com as despesas e sequelas da violência.

Outra pesquisa feita pela Federação das Indústrias de Minas Gerais, em 2019, (ESTUDO..., 2021), mostrou alguns efeitos dos “Impactos Econômicos da Violência Contra a Mulher”: 134.358 registros de agressões (manifestos) representaram 505 dias de ausência no trabalho. Destes índices, 90% dos atos violentos são praticados por familiares ou pessoas conhecidas. Gera, segundo o levantamento, 215 bilhões no Produto Interno Bruto (PIB) brasileiro, em um período de dez anos. Isso, na prática, reflete na diminuição da atividade produtiva. São 2 milhões de empregos afetados diretamente, redução da arrecadação do governo e comprometimento da renda das famílias. Fora isso, tem os custos de tratamento, internações, entre outros gastos.

4.1 VIOLÊNCIA FÍSICA

Este tipo de violência é compreendido como “qualquer conduta que ofenda a integridade ou a saúde corporal da mulher” (INSTITUTO MARIA DA PENHA, 2018, p. 2). Os atos incluem: espancamento, atirar objetos, sacudir e apertar os braços, estrangulamento ou sufocamento, lesões com objetos cortantes ou perfurantes, ferimentos causados por queimaduras ou armas de fogo e tortura. Dos dados colhidos nas 4.065 notícias do G1, 1.832 são de violência física (ou agressões, como identificamos na coleta) e 1.812 feminicídios, cujos elementos são tratados no fim desse tópico. Os critérios por grau de importância que nos fizeram selecionar qual tipo de violência deveríamos abordar no *corpus* diz respeito às isotopias, ou recorrências correspondentes a esse crime.

Cabe ressaltar que a apuração apresentada representa o número de registros feitos pelo G1 entre 2006-2016, sendo, portanto, apenas uma amostra do problema, haja visto, como disse Saffioti, “não se conhece as cifras correspondentes à violência” (SAFFIOTI, 1987, p. 80), uma vez que nem todas as mulheres denunciam. Mas, com base nestes índices disponibilizados pelo G1, buscamos trazer uma ideia de números da violência física, entre outras.

A partir deste ponto, trazemos alguns casos encontrados no *corpus* de cada tipo de violência, utilizando, como critério o grau de recorrência, bem como identificamos a forma que o destinador G1 enunciou sobre o ocorrido. A primeira delas é de Guajará-Mirim, em Rondônia. O enunciado da notícia de Freitas (2015), na Fig. 8, é o seguinte:

Figura 8 - Suspeito é preso por agredir e tentar matar esposa com faca, em RO

MENU G1 RONDÔNIA REDE AMAZÔNICA

17/11/2015 16h52 - Atualizado em 17/11/2015 23h25

Suspeito é preso por agredir e tentar matar esposa com faca, em RO

Amiga da vítima que interferiu na briga também foi agredida pelo suspeito. Mulheres conseguiram fugir, mas infrator correu atrás com uma faca.

Júnior Freitas
Do G1 RO

FACEBOOK

Caso deve ser investigado pela Polícia Civil de Guajará-Mirim (Foto: Júnior Freitas/ G1)

Um homem de 23 anos foi preso na noite de segunda-feira (16) por agredir a esposa com socos, tapas e empurrões, em Guajará-Mirim (RO), município a 330 quilômetros de Porto Velho. De acordo com a Polícia Militar (PM), uma amiga da vítima que tentou conter o suspeito também foi agredida. As duas mulheres correram para a rua durante o ataque e o homem, de posse de uma faca, foi atrás das duas amigas.

A esposa do suspeito, de 24 anos, que prefere não se identificar contou ao **G1** que o casal vive juntos há quatro anos. No último sábado (14), os dois tiveram uma primeira discussão e a mulher foi agredida fisicamente, momento em que ela decidiu fugir de casa. Na segunda-feira (16), ela foi até a casa do marido para terminar o relacionamento. Ao chegar no local ela encontrou o suspeito bêbado e, enquanto tentou iniciar o diálogo, foi atingida com socos e tapas.

"Ele diz que eu não tenho direito a nada e não mereço nada. Eu sempre estive com ele e até cheguei a trabalhar em obras o ajudando de servente de pedreiro. Não fazia serviço pesado, mas ajudava ele no que podia. Eu voltei na casa para buscar o resto das minhas coisas e ele me bateu. Se não fosse minha amiga eu tinha apanhado muito. Não tem mais volta, quero que ele pague por tudo que fez. Que fique na cadeia", conta.

De acordo com Lucilane Ribeiro, de 24 anos, que é amiga da vítima, durante as agressões o homem pegou uma faca e tentou atacar as das duas. Dois amigos do rapaz que estavam perto da rua conseguiram conter o suspeito. Após a chegada da Polícia Militar (PM), todos os envolvidos foram conduzidos à delegacia de Polícia Civil.

saiba mais

Homem invade casa e ameaça menina de 11 anos com faca em Porto Velho

Mulher de RO ferida com ácido já tinha registrado 12 ocorrências contra ex

Em entrevista, a amiga da vítima contou porque decidiu interferir nas agressões. "Mulher não foi feita para apanhar. Homem é mais forte do que a gente, mas quando vi ela apanhando não pensei duas vezes e entrei na briga para defendê-la. Isso já aconteceu comigo e eu sei como é ruim. Ele pegou uma faca e disse que ia matar a gente. Ele só não nos pegou porque seguraram ele, senão a gente não sabe o que teria acontecido", declarou.

De acordo com a Polícia Civil, o suspeito chegou a ser encaminhado ao presídio masculino de Guajará-Mirim, mas pagou fiança e foi liberado.

Fonte: Freitas (2015). Disponível em: https://g1.globo.com/ro/rondonia/noticia/2015/11/homem-e-preso-por-agredir-e-tentar-matar-esposa-com-faca-em-ro.html. Acesso em: 26 fev. 2022.

Com todas as descrições do texto verbal, o interessante é que o enunciador opta por usar o termo “suspeito”. A palavra, no dicionário, faz referência a alguém do qual não se tem certeza de que foi o responsável. No entanto, o *lead* – primeiro parágrafo – relata que ele agrediu não apenas a esposa “a socos, tapas e empurrões”, mas a amiga que tentou defendê-la. Ou seja, foram duas mulheres agredidas e, mesmo contando a versão à polícia, creditar o homem como “suspeito” passa a impressão de minimizar a atuação dele e desacreditar o que as vítimas contaram. A notícia encerra dizendo que, depois de encaminhado ao presídio, o agressor pagou fiança e foi liberado. Mesmo tendo tal delito previsão de endosso da pena pelo Código Penal, confirma, segundo o Instituto Maria da Penha (INSTITUTO MARIA DA PENHA, 2018, p. 1), certa banalidade na condução do caso de violência, já que o homem fica solto, sem ter passado por nenhum tipo de programa de

recuperação[1], conforme está previsto como medida da Lei Maria da Penha, e, quem sabe, saia por aí fazendo mais vítimas ou concluindo o crime iniciado contra a esposa.

Outro ponto importante a ser destacado em relação à problemática desta notícia é o quanto os estereótipos de gênero se fazem presentes no texto do G1, que coloca tal posição na fala da vítima e da amiga que interferiu na briga. Na entrevista ao G1, a vítima teria declarado, "Eu sempre estive com ele e até cheguei a trabalhar em obras o ajudando de servente de pedreiro. Não fazia serviço pesado, mas ajudava ele no que podia". A frase "não fazia serviço pesado, mas ajudava ele no que podia", além de atribuir à mulher a ideia de "fraqueza", e de segundo plano, como "ajudante", ou dos papéis designados a cada um, mesmo nesta situação em que ele é o agressor, parece o colocar no centro do protagonismo, retirando a carga disfórica de cima dele (BAGGIO, 2014; DEMARIA, 2019; GARCIA, 2022). Já na citação da amiga, lê- se que

> Mulher não foi feita para apanhar. Homem é mais forte do que a gente, mas quando vi ela apanhando não pensei duas vezes e entrei na briga para defendê-la. Isso já aconteceu comigo e eu sei como é ruim. Ele pegou uma faca e disse que ia matar a gente. Ele só não nos pegou porque seguraram ele, senão a gente não sabe o que teria acontecido (FREITAS, 2015, *on-line*).

Ou seja, a frase "homem é mais forte que a gente" mostra que a amiga da vítima traz, no imaginário, a concepção de que força e virilidade pertencem ao homem; consolida as exposições acima e traz consigo o termo "forte" como característica masculina. Isso pode, de certa maneira, explicar o pensamento de homens que "temem ser considerados menos machos se forem flexíveis, pacíficos e generosos" (SAFIOTTI, 1987, p. 39) ou menos "macho forte", se não tiver atitudes como essa relacionada ao sujeito que ele considera mais fraco (SAFFIOTI, 1987, p. 29). Sobretudo, as impressões referem-se à prática do "jornalismo declaratório", conforme mencionado por Moraes (2022, p. 9), que é uma forma do jornal, como destinador, trazer implicitamente seu posicionamento.

No contexto do "homem forte" e da "mulher fraca", Saffioti (1987) explica que "[...] a força desta ideologia da 'inferioridade' da mulher é tão grande que até as mulheres que trabalham na enxada, apresentando maior produtividade que os homens, admitem sua 'fraqueza'" (SAFFIOTI, 1987, p. 12). Este é apenas um exemplo em relação a esta realidade. As construções discursivas são tão fortes neste sentido que tornam a mulher refém deste pensamento, a ponto de "se assumirem como seres inferiores aos homens", ou que "dependem dele", conforme visto em Freitas (2015) e em Agredida... (2015).

Em Jablonka (2021), entende-se que o "[...] pensamento patriarcal acredita que o homem [é] superior devido a seu sexo, mas ele também valoriza o gênero, que é a maneira de criar um 'si mesmo masculino'" (JABLONKA, 2021, p. 78). Este processo é também linguístico: como

1 No Brasil, apenas 15 unidades federativas (BA, CE, DF, GO, ES, MA, MT, MS, PE, RN, RS, RR, SE, SC e SP) têm programas voltados para atendimento de agressores. Mesmo assim, não são todas as cidades desses estados que têm um projeto em funcionamento (ZAREMBA, 2020, *on-line*). Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2020/02/projeto-que-obriga-reeducacao-de-agressores-esbarra-em- falta-de-oferta-de-grupos-e-regras.shtml. Acesso em: 2 maio 2022.

> [...] o masculino se materializa em corpos, ritos, instituições, é possível elaborar seu quadro antropológico, sensível às variações do ser-homem ao qual o inglês dedica não menos que cinco palavras: ***virility, manhood, manliness, maleness* e *masculinity***, que, resumidamente, no francês e português, significam: "virilidade" e "masculinidade. (JABLONKA, 2021, p. 78)

Estas são formas de demonstrar masculinidade, que é "a capacidade" de "impor-se enquanto homem", inclusive, pela força (JABLONKA, 2021, p. 85). É necessário contrapor esta ideia e Saffioti busca fazer isso insistindo que, "do ponto de vista biológico, o organismo feminino é muito mais diferenciado que o masculino, estando já provada sua maior resistência" (SAFFIOTI, 1987, p. 13). Dentro destas narrativas, Jablonka (2021) diz que "a estatura, a força e a agressividade podem parecer 'vantagens' para os homens. Mas isso não significa que a dominação masculina esteja inscrita em nossos genes" (JABLONKA, 2021, p. 49), sendo assim, estas regras podem ser modificadas.

No terceiro parágrafo ainda, menciona quando a vítima teria dito: "Ele diz que eu não tenho direito a nada e não mereço nada. Eu sempre estive com ele e até cheguei a trabalhar em obras o ajudando de servente de pedreiro. Não fazia serviço pesado, mas ajudava ele no que podia". Na fala, ela destaca que o ajudou na função de "servente de pedreiro" e que ela "não fazia serviço pesado, mas ajudava no que podia". Nesse trecho está implícito também o pensamento da "divisão sexual do trabalho" e as oposições "pesado" atribuída ao antônimo "leve", no contexto, denota a ideia de "fragilidade" da mulher atrelada ao universo machista da profissão. Ou que homem faz isso e mulher, aquilo (FRIEDAN, 1971; BEAUVOIR, 1976; FERNANDES *et. al.*, 2021, p. 1012).

Além disso, o verbo "ajudava" traz o sentido de que ela não protagoniza a ação, sendo uma das formas de representar o 'segundo sexo" (BEAUVOIUR, 1976). Apenas neste texto sobre agressão física contra a mulher, encontramos vários efeitos que a linguagem traz e como "molda" as práticas do cotidiano (SAFFIOTI, 1987, p. 39; LANDOWSKI, 2014). Isso assinala que os envolvidos (mídia, actantes, a sociedade) pensam e agem assim e não se pode dissociar uma coisa da outra. Lembrando Fiorin (2016), "[...] a finalidade última de todo ato da enunciação não é informar, mas persuadir o outro a aceitar o que está sendo comunicado. Por isso, o ato de comunicação é um complexo jogo de manipulação com vistas a fazer o enunciatário crer naquilo que se transmite", modalizando a prática por meio dos verbos "crer" e "fazer" (FIORIN, 2016, p. 75).

Outros casos que chamam a atenção são os de quanto fazem uso do pronome possessivo "sua/seu", que aparece na forma também de ser a mulher "dele", como neste caso em Piracicaba (SP): um comerciante agrediu a filha de 15 anos e a "mulher dele" (COMERCIANTE..., 2015). Ao longo do texto, o destinador vai reforçando essa prática, em frases como essa "foi agredida fisicamente por seu marido" (COMERCIANTE..., 2015), na Fig. 9.

Figura 9 - Comerciante é preso após agredir a filha de 15 anos e ameaçar a mulher

01/03/2015 13h04 - Atualizado em 01/03/2015 13h04

Comerciante é preso após agredir a filha de 15 anos e ameaçar a mulher

Homem de 43 anos foi flagrado logo após ação na casa deles em Piracicaba. Outros 2 casos de lesão corporal e ameaça aconteceram com mais um preso.

Do G1 Piracicaba e Região

FACEBOOK

Um comerciante de 43 anos foi preso em flagrante depois de agredir a filha de 15 anos em casa, no Jardim das Flores, em Piracicaba (SP), na noite de sábado (28). O homem ainda ameaçou a jovem e a mulher dele, mãe da garota, que também registrou queixa. Outros dois casos de lesão corporal e ameaça foram registrados no mesmo plantão policial. Em um deles, um pedreiro também foi preso.

O comerciante foi encontrado pela Polícia Militar logo depois que agrediu a filha e fez ameaças a ela e à mulher dele, uma confeiteira de 42 anos. As vítimas formalizaram a denúncia contra ele na delegacia e solicitaram medidas protetivas previstas na Lei Maria da Penha, para que o indiciado não se aproxime e nem mantenha qualquer tipo de contato. O homem foi preso em flagrante e será encaminhado ao Centro de Detenção Provisória (CDP) de Piracicaba.

saiba mais

Faxineira é detida após bater na filha de 15 anos com cinta em Piracicaba

Piracicaba registra aumento de 57% nas prisões por violência à mulher

Homem é preso após espancar filha de 2 anos em Piracicaba, afirma PM

Outros casos

Também na noite de sexta, um pedreiro de 32 anos foi indiciado após ameaçar a companheira, uma faxineira de 40 anos. A briga ocorreu na casa dele, que fica na Rua Ipiranga. O homem foi flagrado logo após a ação e foi detido pela PM. A faxineira também formalizou a representação criminal contra ele e solicitou as medidas protetivas de urgência previstas tem lei. A prisão foi confirmada pelo delegado e o pedreiro será levado para o CDP.

No terceiro caso, ocorrido na madrugada deste domingo (1º), uma promotora de vendas de 23 anos foi agredida fisicamente por seu marido, um montador de 28 anos, que ainda a xingou e a ofendeu. A mulher registrou ocorrência contra ele e agora tem prazo de seis meses para formalizar a denúncia junto à Delegacia de Defesa da Mulher (DDM) para que ele responda pelos atos. O caso foi registrado como lesão corporal.

E na quinta-feira, uma faxineira de 42 anos foi **presa depois de bater na filha com uma cinta** em Piracicaba. A adolescente de 15 anos foi atingida na cabeça e precisou ser socorrida. Ela levou cinco pontos.

Fonte: Comerciante... (2015). Disponível em: https://g1.globo.com/sp/piracicaba-regiao/noticia/2015/03/comerciante-e-preso-apos-agredir-filha-de-15-anos-e-ameacar-mulher-piracicaba.html.

Acesso em: 11 abr. 2022.

Ou, então, “um homem de 23 anos foi preso em flagrante na noite quinta-feira (24), em Ouro Preto do Oeste (RO), por tentativa de homicídio, após atropelar por duas vezes a esposa dele, em uma via da cidade” (HOMEM..., 2014a). Nesta notícia, observa-se o emprego frequente do termo “dele”. Ou seja, no *lead* expõe a “esposa dele”, o “carro dele”. (HOMEM, 2014a). Em outro relato, vemos “homem é preso após agredir esposa e PM, na Zona Leste de Porto Velho”, no lead diz: “Um homem de 27 foi preso após agredir sua esposa” (HOMEM, 2016).

Figura 10 - Homem atropela mulher duas vezes e é preso por tentativa de homicídio

MENU G1 RONDÔNIA REDE AMAZÔNICA

25/04/2014 13h06 - Atualizado em 25/04/2014 17h54

Homem atropela mulher 2 vezes e é preso por tentativa de homicídio

Segundo polícia, mulher foi arrastada por 50 metros e teve ferimentos leves. Caso aconteceu na quinta-feira, 24, em Ouro Preto do Oeste, RO.

Do G1 RO

FACEBOOK

Moto da vítima que foi arrastada e atropelada (Foto: Camilo Estêvão/Ouropretodoeste.com)

Um homem de 23 anos foi preso em flagrante na noite quinta-feira (24), em **Ouro Preto do Oeste** (RO), por tentativa de homicídio, após atropelar por duas vezes a esposa dele, em uma via da cidade. De acordo com a polícia, o suspeito bateu o veículo dele contra a moto que a mulher de 20 anos pilotava e a arrastou por cerca de 50 metros. Em seguida, retornou o carro e a atropelou. A filha do casal, de um ano e oito meses, estava no carro com o pai.

A polícia apurou que o suspeito da tentativa de homicídio aguardou a mulher sair do trabalho para conversar, mas os dois iniciaram uma discussão. A vítima tentou ir embora na motocicleta, momento em que foi atingida pelo carro que o marido dirigia.

Câmeras de segurança também flagraram o momento do atropelamento. A ação foi vista por testemunhas que estavam em um restaurante próximo ao local e por um vigilante que trabalha em uma residência na rua. A vítima foi atendida pelo Corpo de Bombeiros e levada ao Hospital Municipal Laura e passa bem.

Após a ação, o suspeito procurou abrigo na casa da mãe, ligou para a Polícia Militar, e contou que havia atropelado a esposa acidentalmente. Ele foi capturado e encaminhado para a Delegacia de Polícia Civil, onde foi autuado em flagrante por tentativa de homicídio. Em seguida, o suspeito foi encaminhado para a Casa de Detenção da cidade.

Colaborou Camilo Estevam, Ouro Preto do Oeste

Fonte: Homem... (2014a). Disponível em: https://g1.globo.com/ro/rondonia/noticia/2014/04/homem-atropela-mulher-2-vezes-e-e-preso-por-tentativa-de-homicidio.html. Acesso em: 11 abr. 2022.

Figura 11 - Homem é preso após agredir esposa e PM, na Zona Leste de Porto Velho

MENU G1 RONDÔNIA REDE AMAZÔNICA

08/04/2016 14h32 - Atualizado em 08/04/2016 14h32

Homem é preso após agredir esposa e PM, na Zona Leste de Porto Velho

Suspeito agrediu policial militar quando ele tentava prendê-lo. Esposa de agressor disse que ele a ameaçou com uma faca.

Do G1 RO

FACEBOOK

Homem foi levado a Central de Flagrantes, em Porto Velho-RO (Foto: G1)

Um homem de 27 foi preso após agredir sua esposa e um policial militar, na madrugada desta sexta-feira (8), no bairro Socialista, Zona Leste de **Porto Velho**. De acordo com o boletim de ocorrência, o jovem estava sobre efeito de drogas. O suspeito estava mantendo a esposa trancada dentro de casa.

A Polícia Militar (PM) foi chamada e pouco depois o homem libertou sua esposa. Segundo a vítima, o homem havia se drogado e, ao chegar em casa, a chamou para dormir no mesmo quarto, junto com seu filho de 8 anos. Pouco depois a criança passou mal e começou a vomitar, porém, o homem não o deixou sair do quarto. O homem passou a enforcar a esposa e empurrá-la contra a parede, sempre a ameaçando com uma faca, até que a irmã do suspeito chamou a PM.

Para o homem sair da casa, os policias precisaram arrombar a porta, pois ele não queria se entregar. O suspeito ainda chegou a agredir um policial que tentava contê-lo. O suspeito foi preso por violência doméstica e lavado para a Central de Flagrantes.

Fonte: Homem... (2016). Disponível em: https://g1.globo.com/ro/rondonia/noticia/2016/04/homem-e-preso-apos-agredir-esposa-e-pm-na-zona-leste-de-porto-velho.html. Acesso em: 18 maio 2022.

Todas a descrições, em nível profundo do discurso, lembram o que foi dito, ao comentar estudos do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) sobre perfil de agressores, durante o Fórum Brasileiro de Segurança, de que “mulher é vista como propriedade. Homem pode fazer o que quiser do corpo feminino”, seja nos casos de violência física, sexual, entre outras (BENEVIDES, 2014). Sobre a noção ou sentimento de “posse” em relação à vítima, trazemos no capítulo final do livro.

Para discorrermos acerca destes componentes linguísticos na construção das notícias do G1, que podem atuar como pano de fundo do ato à prática discursiva, fazendo reverberar o problema da violência, a língua, como disseram Greimas e Courtés (2008, p. 166), é “sistema social”, e Demaria (2019, p. 92) de que a semiótica se encarrega de estudar e, nesse sentido, a enunciação é “[...] componente autônomo da teoria da linguagem” (GREIMAS; COURTÉS, 2008, p. 166). Ela é “um ato” ou “intencionalidade, que interpretamos como uma ‘visão de mundo’ [...] graças à qual o sujeito constrói enquanto objeto ao mesmo tempo que constrói a si mesmo” (GREIMAS; COURTÉS, 2008, p. 167-8). O enunciado, por sua vez, diz respeito “a toda grandeza dotada de sentido, pertencente à cadeia falada ou ao texto escrito [...] é oposto à enunciação [...] é o estado dela resultante” (GREIMAS; COURTÉS, 2008, p. 168).

Segundo Fiorin (2016, p. 78), a partir das “[...] marcas deixadas pela enunciação no enunciado (por exemplo, pronomes pessoais e possessivos...) [...] pode-se reconstruir o ato enunciativo”. Por ser um texto jornalístico, que é escrito em terceira pessoa, o recurso usado, como informou Fiorin (2016, p. 78) “[...] contém frequentemente elementos que remetem à instância do dizer”, ou seja, nessa construção linguística “a sua esposa”, a “esposa dele”, a “mulher dele” trazem um efeito de que se ela é “dele”, ele pode fazer o que quiser, inclusive agredir, porque tudo gira em torno “dele”. Faz mais sentido ainda, quando se pensa na ideia de um ser “possessivo”. O significado atribui a ideia de “domínio”.

Assim, a “língua como sistema social”, seguida de uma lógica de “visão de mundo”, se alia ao sistema patriarcal, do qual também se originam as violências (SAFFIOTI; ALMEIDA, 1995, p. 185; GREIMAS; COURTÉS, 2008, p. 166-8; SAFFIOTI, 2011, p. 116). Quando

Greimas e Courtés (2008, p. 166) sobre “sistema de língua”, especialmente o lituano, já trazia uma ideia da necessidade de associar este estudo aos fenômenos contemporâneos que, mais tarde, Landowski (2014; 2016) conceituou como sociossemiótica, cujo objeto e tema da violência contra a mulher nos esforçamos em entender por abarcar tal assunto tamanha relevância social.

Outra observação a ser destacada diz respeito às diversas vezes que o enunciador não menciona o nome do agressor, e sim “suspeito”, e já adiantamos que, em outros casos que serão vistos no decorrer do trabalho, os “suspeitos” não têm seus nomes divulgados, são apenas chamados de “marido/namorado”, “comerciante”, ou seja, a profissão, ou simplesmente “um homem”. Parece uma tentativa de preservar a identidade do culpado,

mesmo existindo, no texto, provas textuais ou testemunhais de que ele cometeu o ato. Tais elementos podem representar uma forma de inocentação por parte do destinador que, implicitamente, nesta esfera linguística, ameniza a carga negativa do ator do crime; pode parecer, ainda nesse contexto, uma manifestação de atos que Greimas e Fontanille (1993, p. 196) chamam de "sujeito que protege seu território". Estas constatações fazem sentido sobre a "proteção" do autor se destacarmos sentenças como a de que "o jovem estava sob efeito de drogas" ou "segundo a vítima, o homem havia se drogado", que ressaltam uma espécie de "justificativa" para a violência. Acerca dos estados patêmicos construídos pelo G1, aprofundaremos no Capítulo Semiótica das Paixões.

Ao adentramos na esfera do patriarcado e dos problemas que dele descendem, não podemos deixar de trazer para a discussão os estudos de Lerner (2019) a respeito da "Criação do Patriarcado: História da Opressão das mulheres pelos homens", que segundo a autora, existe há mais de 2.500 anos. Dos escritos bíblicos até os tempos atuais, Lerner (2019) traça a genealogia do sistema, que pode auxiliar no entendimento (mas não aceitação) das maneiras pelas quais estas práticas são desencadeadas. Para ela, as formas simbólicas criadas, lembrando o uso da própria linguagem, para explicar o mundo e o universo mostram, desde o início, como a mulher já se encontrava em posição desfavorável, que acaba em determinadas construções narrativas e discursivas, gerando uma defesa a certos padrões de violência (LERNER, 2019, p. 330).

Todavia, no prefácio da obra, é exposto que o pensamento e atitudes patriarcais "só funcionam com a cooperação das mulheres" (LERNER, 2019, p. 26). Isso é construído dentro de casa, na escola, nos costumes adquiridos por meio de doutrinação. Deste modo, algumas mulheres se privam, muitas vezes, de buscar educação e autonomia, gerando uma espécie de negação do problema e de sua história. Fatores como esses corroboram para uma

> [...] divisão das mulheres entre respeitáveis e não respeitáveis, no acesso a recursos econômicos e poder político, e da recompensa de privilégios de classe dada às mulheres que se conformam. Acabam aceitando esses processos porque retêm a ideia de inferioridade (LERNER, 2011, p. 26).

Esta "cooperação" da mulher, de acordo com o historiador francês Jablonka (2021, p. 74), é "[...] obtida pelo doutrinamento, pela privação educacional, pela coerção e pela discriminação, mas também pelo consentimento das interessadas, em proveito de um sistema de regulação social". Estes códigos e convenções se perpetuam ao longo do tempo, preservando o domínio patriarcal que continua fortemente atuante a partir do princípio da inferiorização da mulher, mesmo diante de diversas lutas e conquistas feministas das últimas décadas. Na verdade, conforme defende Jablonka (2021), as diferenças entre homens e mulheres se iniciaram no período Paleolítico e Neolítico, ou seja, muito antes de Cristo, correspondendo a cerca de dez a 2,2 mil anos. A "conclusão mínima" é de que "[...] os grupos humanos do paleolítico criaram a *divisão entre os sexos*, enquanto as sociedades

neolíticas fizeram a *desigualdade entre os sexos* prevalecer" (JABLONKA, 2021, p. 50, grifos do autor). É, segundo o historiador, um regime "longevo [...] que sobreviveu a todas as épocas e a todos os regimes em todo os continentes" (JABLONKA, 2021, p. 72).

Jablonka (2021) sustenta que o patriarcado seja, substancialmente, um conjunto de "[...] pensamento, baseado em leis, normas, crenças, tradições, práticas [...] que envolve instituições tão complexas quanto o Estado, a religião, a família delas tirando argumentos que convergem na subordinação das mulheres" (JABLONKA, 2021, p. 72-3). Em suma, constrói-se como efeito a ideia de que esta submissão é algo "[...] normal, estabelecida pela natureza, fundada na razão, de acordo com o que 'sempre se fez'" (JABLONKA, 2021, p. 73). Chega ao ponto de parecer um contrato em que, "por meio de exclusões e sofrimentos [...]", as mulheres tenham a garantia de se tornarem "dignas dos homens" e do "desejo deles, esforçando-se humildemente para inverter as normas negativas que eles produzem sobre elas" (JABLONKA, 2021, p. 61).

Não é de se admirar que, como consequência desse tipo de relação, de violação, vejamos mulheres sem qualquer autonomia e estima a fim de se libertar por terem sido tão subjugadas ao longo de anos, não tendo forças para constituir uma vida fora deste modelo escravocrata, devido à maneira que tal regimento a cria em troca de uma pseudo-segurança. E principalmente porque "[...] perder a proteção masculina é sinônimo de exclusão. A sociedade do século XIX é extremamente dura com as mulheres que estão fora do círculo patriarcal" (JABLONKA, 2021, p. 76).

Antes de encerrar este tópico, faz-se necessário lembrar de um dos acontecimentos mais emblemáticos em relação ao tema estudado: a agressão de Maria da Penha, como vimos no início do trabalho, e que, anos depois, deu origem ao dispositivo constitucional que hoje conhecemos como "Lei Maria da Penha" (BRASIL, 2006). Embora seja proposto pelo destinador G1 tratar e "mostrar" acontecimentos acerca da violência contra a mulher" nos dez anos de criação da lei, pelo que se vê no *corpus*, as discussões sobre o assunto não são aprofundadas pelo veículo e sim, superficializadas. A mesma observação foi feita no documentário "História mal contada: os feminicídios na cobertura jornalística" (HISTÓRIA MAL CONTADA, 2023), do Grupo Transverso, ou seja, da falta de aprofundamento nas notícias a respeito da violência e das leis de proteção às vítimas.

Isso é tão factível que uma situação, em 2021, repercutida em diversos jornais envolvendo o ex-marido e agressor de Maria da Penha, Antonio Heredia Viveros, não foi, de acordo com nossas buscas, mencionada pelo G1. Tal ocorrência pode ser vista como "sonegação" que, segundo Serva (2001), é "[...] aquela informação que, sendo de conhecimento do órgão de imprensa, não foi coloca na edição por alguma razão", entre elas "[...] quando a direção da empresa considera que não é do interesse de seu leitor ou fere seus interesses corporativos" (SERVA, 2001, p. 66).

Considerando isso, no dia 31 de agosto de 2021, passados 15 anos desde aprovação da lei, o deputado estadual por Santa Catarina, Jessé Lopes, recebeu em seu gabinete o

ex-marido de Maria da Penha. O parlamentar publicou em sua rede social (Instagram) foto ao lado do visitante, na Fig.12. Meios de comunicação, incluindo o Portal de Notícias Metrópoles (MONTANINI, 2021, *on-line*) divulgaram a postagem que, posteriormente, foi excluída pelo deputado. Segundo ele, “porque começaram a distorcer o propósito da publicação” (MONTANINI, 2021, *on-line*).

Figura 12 - Reprodução do Instagram do deputado pelo Portal Metrópole

Fonte: Montanini (2021). Disponível em: https://www.metropoles.com/brasil/politica-brasil/deputado-recebe-ex-marido-e-agressor-de-maria-da-penha-versao-intrigante. Acesso em: 9 mar. 2022

A fotografia em que o deputado aparece lado a lado com o ex-marido de Maria da Penha foi excluída do Instagram de Jessé Lopes. Figurativamente, o “lado a lado” parece também simbolizar um elo ou característica forte do machismo que “se abraça” e não se rompe facilmente. A página de Cultura do Portal de Notícias anunciou que, “[...] após críticas que recebeu pela postagem, Jesse afirmou crença de que “há uma verdade sufocada por trás disso” (DEPUTADO..., 2021, *on-line*) corroborando com a ideia dos “laços” que une ambos – o deputado e o ex-marido de Maria da Penha.

Após essas manifestações, o Ministério Público de Santa Catarina (MPSC), por meio do Grupo de Enfrentamento à Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher (GEVIM) e do procurador-Geral de Justiça, Fernando da Silva Comin, divulgou nota de repúdio

> Ao relativizar um crime tão grave, denota um flagrante retrocesso à garantia de uma sociedade livre de violência contra as mulheres e é inaceitável que isso ocorra em um país que, somente em 2020, teve aproximadamente 17 milhões de mulheres vítimas de violência física, psicológica ou sexual e, infelizmente, ocupa a triste e incômoda posição de ser um dos países onde mais se mata mulheres. O Ministério Público de Santa Catarina também se

> solidariza com os familiares e amigos das vítimas desse grave e covarde crime: são mais de 20 vítimas só este ano em nosso estado. Promotores de Justiça, Policiais, Magistrados, Profissionais de saúde e toda uma rede de apoio lutam incessantemente para que esses números diminuam e os criminosos sejam punidos. Atitudes como a do Parlamentar em nada contribuem para a diminuição dessa violência. Ao buscar legitimar a ação de um criminoso condenado por crime de sangue, o Parlamentar ofende os familiares das vítimas que lamentam a perda de seus entes queridos, assim como deslegitima aqueles que buscam que os criminosos sejam punidos pelos seus crimes. A violência e o crime não podem jamais ser relativizados (MPSC; COMIN; GEVIM, 2021, *on-line*).

O Ministério Público esclareceu: “Seu ex-marido, recebido pelo Deputado em gabinete, foi definitivamente condenado pelos crimes de que foi acusado, portanto, só existe uma versão para o fato: ele realmente tentou matar Maria da Penha” (MPSC, 2021). Na publicação, o Ministério Público de Santa Catarina reforçou, ainda, a seguinte estatística: “é inaceitável que isso ocorra em um país que, somente em 2020, teve aproximadamente 17 milhões de mulheres vítimas de violência física, psicológica ou sexual e [...] ocupa a triste e incômoda posição de ser um dos países onde mais se mata mulheres” (MPSC; COMIN; GEVIM, 2021, *on-line*).

No dia seguinte, em 1.º de setembro, o deputado Jessé Lopes se posicionou dizendo que, devido à polêmica gerada em relação à postagem, decidiu publicar um vídeo justificando sua fala. No vídeo, ele conta que recebeu “inesperadamente”, ou, “sem agendamento prévio” o ex- marido de Maria da Penha, que fazia uma visita na Casa Legislativa, acompanhado dos assessores. Trazia o livro que publicou com a sua versão do crime, mostrou toda a documentação relativa ao caso e o deputado e sua equipe “ficaram intrigados” por “se tratar de versão completamente oposta aos fatos julgados nos autos” (LOPES, 2021, *on-line*). Lopes disse ainda, que só por ter recebido o “indivíduo responsável pelo crime”, de forma alguma, é contrário à lei federal em relação à violência contra a mulher (LOPES, 2021, *on-line*). Numa visão mais crítica de todos estes discursos e as formas de expressá-los, observa-se que não existe uma mudança de pensamento. Ao contrário, as raízes fortes do machismo e misoginia permanecem sólidas e sendo disseminadas do mesmo modo.

Qual é ou foi o efeito desse discurso? Após a publicação, 375 seguidores do Instagram do deputado manifestaram, a começar: “Parabéns guerreiro pelo posicionamento”. Ao passo que Jessé Lopes respondeu “obrigada parceiro” (LOPES, 2021, *on-line*). Uma seguidora comentou: “aí sim, deputado”; outro escreveu: “parabéns, deputado, transparência é tudo”; E assim por diante: “Finalmente, o deputado de coragem que não tem medo das feministas. Parabéns e continue com o bom trabalho” [*sic*]. Outro usuário do perfil do deputado falou: “Não ceda a pressões da mídia de esquerda, deputado! Não há problema nenhum em ouvir o lado dele!”; outro seguidor (com nome de homem e de mulher juntos no perfil) disse “Parabéns pelo seu trabalho. Concordo com você”. O deputado interagiu: “Obrigada, tmj” [*sic*], que significa “estamos juntos”. Outro comentou “infelizmente brasileiro não

sabe interpretar texto e nem vídeo, você foi bem claro em seu vídeo, parabéns"; um outro seguidor falou: "a verdade tem que prevalecer". Provavelmente, porque o deputado disse que "há uma verdade sufocada por trás disso", da história da agressão de Maria da Penha (DEPUTADO..., 2021, *on-line*).

Uma seguidora expressou: "Vc é top Deputado Jessé!!! parabéns por seu trabalho e compromisso !!!!" [*sic*]; Outro manifestou: "Parabéns pelo ótimo trabalho. A lei brasileira necessita preservar homens e mulheres.#direitosiguais". Mais uma seguidora disse: "Parabéns Deputado, se tivesse fechado as portas estariam por outro lado falando mal de você. Quem não tem pecado que atire a primeira pedra, o Próprio Jesus perdoa nossos pecados, quem somos nós para estarmos julgando as pessoas? Continue fazendo seu trabalho, é uma pena que moro tão distante da cidade a qual o senhor trabalha, se eu morasse aí, meu voto seria seu" (LOPES, 2021, *on-line*)).

Sucessivamente, os comentários mostravam concordância com as posições de Jessé Lopes. Outro seguidor falou: "Claro e direto, to contigo deputado"; mais um seguidor mencionou: "[...] se puder leia o livro a verdade não contada no caso Maria da Penha. Se surpreenderá. Deixem o es [*sic*] marido dela tentar se defender"; outro disse: "Eu no seu lugar faria o mesmo, não vi nada de mais, só gente oportunista querendo ferrar vc mesmo"; na sequência: "Parabéns pela coragem, tem muita gente sendo acusada por essa lei que só beneficia mulheres que querem vingança. A lei é ótima mas não esta [*sic*] sendo usada de forma certa". Outro opinou: "para mim sua atitude foi exemplar para um deputado. Deve-se sempre ouvir os dois lados. O importante é o lado que se toma após ouvir". Mais um seguidor disse: "Pra cima Jesse! Tamo junto" [*sic*]. Outros expressaram: "Excelentes esclarecimentos... Ponto final". "Parabéns pela postura nobre Deputado". "Eu confio em ti deputado!!! Força e honra"; duas outras seguidoras escreveram "Parabéns pela postura nobre Deputado". "Você continua tendo o meu respeito". "Deputado...as pessoas têm medo da verdade. Não querem nem escutar o outro lado. Tem medo de se decepcionarem com a verdade. Condenaram o homem, mas essas pessoas que criticam nunca nem leram o processo dele" (LOPES, 2021, *on-line*)).

Em alguns momentos, o deputado respondia os comentários e, depois deste último, mencionou "deslizes podem acontecer"; em seguida, argumentou "É sempre assim: na primeira brecha que damos, os inimigos saem da toca para criticar e inventar narrativas. É sempre assim [...] Mas isso não compromete tudo que faço e venho fazendo" (LOPES, 2021, *on-line*). Ele continua "É só olhar minhas postagens, projetos e pronunciamentos. Isso fala por mim" (LOPES, 2021, *on-line*); outros seguidores continuavam o apoiando "Parabéns deputado, só querem ouvir um lado da história, e como sempre só o lado da mulher"; "Muito bem"; "Excelente publicação deputado!". Dando continuidade, uma mulher disse: "Parabéns pela transparência. Assim como todos, ele também é cidadão e deve ser recebido. O fato de receber não quer dizer que vc o apoia. Obrigada pelos esclarecimentos".

Outros usuários do perfil disseram “Parabéns pela sua atuação no Parlamento Catarinense e está tudo muito bem explicado não entende quem não quer entender e vem com todas estas narrativas infundadas contra você [...]”; “Força e honra! Não deixe o pessoal da lacração se fazer em cima do senhor! Tmj! Judiciário neles [*sic*]!”; “Vossa excelência não precisava dar explicações, nós, teus seguidores te conhecemos”; “Força”; “Parabéns pelo posicionamento deputado”; “Muito bem Deputado, essa minoria sempre assim, bora pra cima”; outro deles manifestou de forma impositiva “SÓ PRA DAR UM DESTAQUE: Najila Trindade, Pituxita, Patrícia Lelis, Mariana Ferrer e muitas outras são ótimos exemplos de que essa lei é um lixo e PRECISA SIM ser revisada”; em seguida, um outro seguidor disse “Bora pro choque guerreiro deixa a turma fraca falar”; outro argumentou “Deputado, li o livro e acompanhei tudo o que aconteceu com o processo dele. Ele foi condenado pelo tribunal do júri por 4x3. E basicamente as provas contra ele foram apenas as palavras da vítima. Tudo baseado em ciúmes e vingança. Ele serviu de bode expiatório para a criação de uma lei que colocaria o Brasil na ONU. Um caso comprovado de invasão e roubo que virou uma tentativa de homicídio contra um homem que nunca foi violento com a esposa. Ela mesma diz que nunca foi agredida por ele. Leia o livro e tenha coragem de bater de frente com esse sistema criado para destruir homens. A violência é doméstica e não de gênero. Leia o livro, tire suas conclusões e ajude esse homem a recuperar sua dignidade” (LOPES, 2021, *on-line*).

Adiante, o deputado declarou: “Sem querer defendê-lo. Mas no inquérito a defesa dele não é no intuito de justificar o tiro. Pois na primeira perícia policial, foi constatado que o tiro, que os dois receberam, foi em decorrência de um assalto durante a madrugada. Isso não é versão, está no inquérito. Não estou defendendo ninguém, mas que vale a pena ler, até por curiosidade” (LOPES, 2021, *on-line*). Na sequência, uma mulher falou “Perfeitas palavras Deputado, parabéns pelo posicionamento claro e simples!” Outros comentários entre aspas e pontos e virgulas diziam “Quem lhe julgou são pessoas extremamente ignorantes”; “Não baixe sua cabeça pra essas malucas! Elas vão espernear ao saber que Maria da Penha pode ter mentido. Mas mantenha seu propósito e sua verdade do que é certo!”; “Estamos falando de crimes com evidencias ou sem? [*sic*]; Onde só a palavra da mulher basta como prova...vc sabe qto homens são presos e estuprados dentro da cadeia por conta de falsas acusações de mulheres?” (LOPES, 2021, *on-line*).

O deputado novamente entrou na discussão: “Essa foi a causa de sua condenação. Abomino isso e se pego no ato, deveria ter sido morto! Mas hoje ele está solto, com sua “ficha limpa” e mesmo depois de 30 anos do ocorrido, dizendo que foi injustiçado pelas mentiras de sua esposa” (LOPES, 2021, *on-line*). Segue: “Não disse que acreditei, mas algumas coisas que ele disse são intrigantes. Se quiser saber mais, ouça dele mesmo “[...] sempre que a gente entra em assuntos que são de “autoridade” da esquerda, será polêmico (LOPES, 2021, *on-line*). O deputado continua “Seja as doutrinações em universidades, pautas LGBT, feministas, racial... sempre que eu bato nisso gera polêmica. O que fazer então?? Deixarem falar sozinhos?” (LOPES, 2021, *on-line*).

Para ele, “O caso da Maria da Penha é emblemático, com um processo onde ele perdeu de 4x3, ou seja, 3 pessoas acharam que ele não era culpado. Então pq eu não posso ouvir a versão dele??” (LOPES, 2021, *on-line*). As justificativas do deputado prosseguem. “O fato de eu ter feito um *STORIES* com sua foto, pode até ser questionável, porém, isso não ofusca tudo que tenho feito pelo conservadorismo em SC” (LOPES, 2021, *on-line*). Outros quatro emojis na sequência deram “joinha”, “bateram palmas”; e mais seguidores se engajavam “Parabéns Deputado pela sua fala. O bom trabalho incomoda muitos que não o querem... continue! O Sr nos representa”; na sequência, outra mulher diz “Sempre tem aqueles que não lêem, não sabem discutir e nem escutar, já fazem disso uma polêmica... triste estarmos numa situação dessa” (LOPES, 2021, *on-line*).

Ressalte-se que os comentários foram copiados na íntegra, tal como cada seguidor se expressou. Foram pelo menos 47 declarações a favor da fala do deputado, sendo oito delas feitas por mulheres. Confirma absolutamente o que Saffioti e Almeida (1995) disseram. “Isso equivale dizer que o inimigo da mulher não é propriamente o homem, mas a organização social de gênero cotidianamente alimentada não apenas por homens, mas por mulheres (SAFFIOTI; ALMEIDA, 1995, n. p.).

Sobre manifestações contrárias ao *post*, um seguidor comentou que o deputado é contra o feminismo, ao que ele respondeu “sou contra o feminismo. Com muita convicção”. Jessé responde “Ser contra o feminismo, [*sic*] não é ser contra as mulheres e nem contra leis que defendem as pessoas da violência doméstica. Uma coisa não tem a ver com a outra” (LOPES, 2021, *on-line*). Mais um seguidor defende “Parabéns pela coragem, o loby [*sic*] feminista está desiquilibrado [*sic*] os direitos na sociedade e está destruindo a família” (LOPES, 2021, *on- line*).

Alguns pontos a destacar aqui: (i) conforme Fiorin (2016, p. 79), falar uma coisa e fazer outra faz parte de uma figura chamada de “antífrase ou ironia”, que é quando “o enunciador diz algo que deve ser compreendido como seu contrário”. Nesse caso ainda,

> O enunciador pode, em função de suas estratégias para fazer crer, construir discursos em que haja um acordo entre enunciado e enunciação ou discursos em que haja conflitos entre duas instâncias. É preciso sempre lembrar que a discordância entre enunciado e enunciação não é um desacordo entre conteúdo manifestado e uma intenção comunicativa inefável, uma vez que as únicas intenções do sujeito que se podem apreender estão inscritas no discurso. Isso quer dizer que o conflito pode estabelecer-se entre o enunciado e enunciação enunciada, ou seja, as marcas deixadas pela enunciação no enunciado, os elementos do discurso que remetem ao eu que o organiza (FIORIN, 2016, p. 79)

No mínimo, os comentários mostram como determinados indivíduos pensam ou se posicionam sobre o assunto. Isso porque “as únicas intenções do sujeito que se podem apreender estão inscritas no discurso [...] quer dizer que o conflito pode estabelecer-se entre o enunciado e enunciação enunciada” (FIORIN, 2016, p. 79). No entanto, importa “[...] as marcas deixadas pela enunciação no enunciado, os elementos do discurso que remetem ao eu que o organiza (FIORIN, 2016, p. 79).

Outras questões: (ii) as narrativas se consolidam nas práticas discursivas (GREIMAS; COURTÉS, 2008, p. 144; 331; FIORIN, 2016, p. 27; 41) e reproduzem, segundo alguns comentários: (a) um caso típico de responsabilização da mulher, que é uma inversão (trocar a ordem das coisas), conforme detalhado no Capítulo 8; (b) configura uma banalização, como falamos anteriormente, e, principalmente, uma harmonia, que aqui é preciso explicar – significa um valor eufórico (positivo) da parte dos promotores deste discurso, e disfórico (negativo) para a mulher (GREIMAS; COURTÉS, 2008, p. 149; 192); (c) houve, ainda, tentativa de decompetencialização da vítima da agressão (DEMURU; GARCIA, 2020, p. 88), em falas do deputado a respeito do ex-marido de Maria da Penha, como "foi injustiçado pelas mentiras de sua esposa"[2] que busca se libertar desta condição e que representa ainda qualquer outra mulher, em meio a milhares, que sofrem com esta prática. Ora, se todas as marcas (materialização) da violência deixadas em Maria da Penha não legitimam este crime, o que mais poderia reivindicá- lo ou legalizá-lo? (d) além de falas como "sou contra o feminismo com muita convicção" e "ser contra o feminismo, não é ser contra as mulheres e nem contra leis que defendem as pessoas da violência doméstica. Uma coisa não tem a ver com a outra" (LOPES, 2021, *on-line*), além de significar uma contradição, confundem e buscam deslegitimar tanto as conquistas dos movimentos feministas, como se fosse algo ruim, que foram responsáveis diretos na elaboração da Lei Maria da Penha, cujo objetivo é proteger a mulher (entre outros feitos históricos), quanto a própria Justiça e júri que julgaram o caso e condenaram o agressor. Esse discurso contra o feminismo se mostra muito vigente e mal interpretado por parte de quem prega o machismo e misoginia.

A última questão (iii) converge com o que Saffioti e Almeida (1995, n. p.) dizem sobre o posicionamento da sociedade em relação à violência "[...] que o inimigo da mulher não é propriamente o homem, mas a organização social de gênero cotidianamente alimentadas não apenas por homens, mas também por mulheres". Mesmo que, em menor escala, haja vista que já existe maior consciência por parte delas, esse tipo de discurso ainda é validado por mulheres. Aqui, é importante destacar o conceito da Sororidade e como ele promove uma reflexão dentro desse debate, a fim de que uma mulher "acolha" a outra como se tivesse realmente acolhendo uma irmã (HOOKS, 2018; MACHADO, SCHONS; MELO, 2019; PIEDADE, 2017).

Na sequência abordaremos outro tipo de violência: a psicológica.

4.2 VIOLÊNCIA PSICOLÓGICA

Nessa segunda tipologia, trazemos a definição de "Violência Psicológica". Esta modalidade é acompanhada de comportamento que "cause dano emocional e diminuição da autoestima; prejudique e perturbe o pleno desenvolvimento da mulher; ou vise a degradar

---

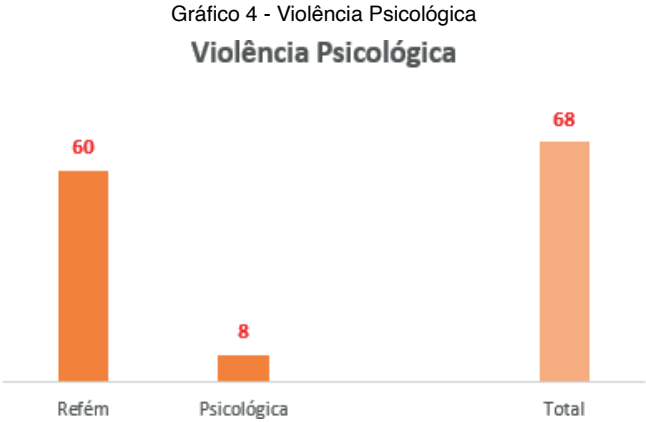
2 Conceito usado no Artigo "De dama de ferro" a "bruxa desequilibrada": uma análise semiótico-discursiva da figura de Dilma Rousseff na mídia impressa brasileira (2005-2016), de Demuru e Garcia (2020, p. 88), que significa o mesmo que tentar tornar a mulher um sujeito "inapto" ou "incapaz de conduzir a própria vida e desempenhar suas *performances.*

ou controlar suas ações, comportamentos, crenças e decisões" (INSTITUTO MARIA DA PENHA, 2018, p. 3). A violência psicológica abarca as ameaças, os constrangimentos, a humilhação, a manipulação, o isolamento (proibir de estudar e viajar ou de falar com amigos e parentes), a vigilância constante, a perseguição costumaz, os insultos, a chantagem, a exploração, a limitação do direito de ir e vir (que, nos textos analisados, aparecem sob o termo "refém" ou "cárcere privado"), a ridicularização, tirar a liberdade de crença, distorcer e omitir fatos para deixar a mulher em dúvida sobre sua memória e sanidade (*Gaslighthing*).

Embora este tipo de violação esteja presente em todas as demais, ela é silenciosa, de acordo com Silva *et. al.* (2007). No *corpus*, foi a forma menos encontrada, ou seja, seis registros, o que pode configurar uma espécie de invisibilidade por parte do veículo. Este é um ponto relevante a se destacar, uma vez que se percebe que o G1 não aprofunda esta discussão nas notícias referentes ao assunto. Somadas às quantidades de vezes que as notícias traziam no enunciado o termo "refém", assim como usavam explicitamente as palavras "violência psicológica", encontramos um total de 68 ocorrências nesse sentido, conforme ilustrado no Gráfico 4:

Gráfico 4 - Violência Psicológica

Violência Psicológica

60
8
68
Refém
Psicológica
Total

Fonte: Elaborado pela autora (2022).

Esta é uma espécie de violência que engloba outras, seja antes ou depois do ato ter sido praticado. Existem duas maneiras em que esse tipo de caso se presentifica no *corpus*: explicitamente, quando se menciona, por exemplo, que no município de Presidente Prudente não dispõe de "abrigos para mulheres que são vítimas de violência domésticas. Esta situação faz com que, muitas vezes, a tortura física e psicológica se prolongue justamente pela falta de opção a quem recorrer" (OESTE PAULISTA..., 2014, *on-line*), conforme Fig. 13.

Figura 13 - Oeste Paulista não possui abrigo para mulheres vítimas de violência

02/06/2014 14h25 - Atualizado em 02/06/2014 15h40

Oeste Paulista não possui abrigo para mulheres vítimas de violência

Mulheres dizem que continuam em situação de riscos por não terem opção. Local de acolhimento mais próximo fica a cerca de 300 km.

Do G1 Presidente Prudente

FACEBOOK

A região de Presidente Prudente não conta com abrigos para mulheres que são vítimas de violência domésticas. Esta situação faz com que, muitas vezes, a tortura física e psicológica se prolongue justamente pela falta de opção a quem recorrer.

De acordo com uma pesquisa do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), apenas 2,7% das cidades do país possuem locais para receberem mulheres nestas condições de risco.

"O Governo Federal oferece toda uma linha de financiamentos para a implantação do abrigo. Agora, nos Estados, aqueles vão implantar o abrigo tem que ter um órgão responsável pela Política das Mulheres. O Estado de São Paulo não possui esse órgão, o que atrapalha a implantação na região", explicou a coordenadora do Centro de Referência Especializada em Assistência Social (Creas), Simone Duran.

Ainda segundo ela, o Creas atende por mês cerca de 50 mulheres. No passado, 29 precisaram de abrigo, mas como a cidade não possui, tiveram que procurar locais por conta própria.

"A gente percebe que as mulheres que não têm esse apoio dificilmente conseguem romper com a violência e, muitas vezes, voltam para casa, 'para viver aquele inferno particular' com seus filhos", ressaltou.

Uma mulher de 56 anos, que não quis se identificar, conta que foram mais de 30 anos apanhando do marido dentro de casa. "Ele aparecia na esquina e eu começava a tremer dentro de casa. Ele dava cada bofetão em mim que eu caía no chão".

Conforme a vítima de agressão, se tivesse um lugar para ir, provavelmente ela e a filha teriam tido uma história diferente. "Não teria sido assim, porque eu pegaria a minha filha e teria corrido para lá", falou.

Segundo a Secretaria de Políticas Para as Mulheres, órgão do Governo Federal, não existe nenhum projeto para a construção de abrigos no Oeste Paulista. No município, uma Organização Não Governamental (ONG) ou o Estado podem apresentar propostas com este objetivo. O abrigo mais próximo da nossa região fica há quase 300 km, em São José do Rio Preto.

Fonte: Oeste Paulista... (2014). Disponível em: https://g1.globo.com/sp/presidente-prudente-regiao/noticia/2014/06/oeste-paulista-nao-possui-abrigo-para-mulheres-vitimas-de-violencia.html. Acesso em: 11 mar. 2022.

A linha fina da matéria aponta que "mulheres dizem que continuam em situações de riscos por não terem opção" (OESTE PAULISTA..., 2014, *on-line*). Ao invés de inquirir o estado, que é o responsável por oferecer este tipo de proteção para a vítima, parece que o destinador está dizendo "implicitamente" que essa é uma desculpa dada pela vítima para continuar nesta condição "por não ter opção" (OESTE PAULISTA..., 2014, *on-line*). Embora o G1 mencione a pesquisa acerca dessa falha dos governos, no texto, insiste na ideia de que a mulher é conformada – em sentenças como uma das personagens entrevistadas pela reportagem "[...] conta que foram mais de 30 anos apanhando do marido dentro de casa" (OESTE PAULISTA..., 2014, *on-line*). Este é um dos simulacros (papéis temáticos ou estereótipos) mais observados durante a investigação do *corpus* e que está mais bem detalhado no Capítulo 6.

No entanto, é importante ressaltar que a notícia aponta para algumas situações: (i) a falta de abrigos; (ii) visto que, em 2014, somente "[...] 2,7% das cidades do país possuem locais para receberem mulheres nestas condições de risco" (OESTE PAULISTA..., 2014); (iii) que a inércia por parte dos poderes públicos soa como uma espécie de impeditivo para a mulher sair desta condição, como uma incapacidade, uma inaptidão.

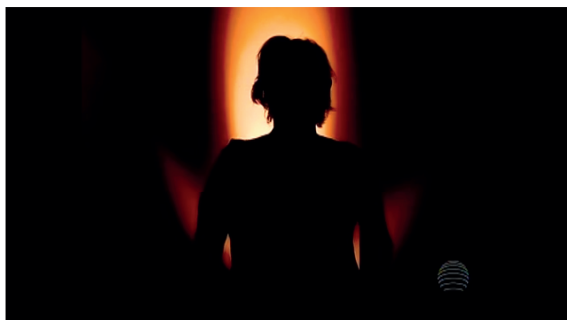
Mais uma notícia que claramente usa o termo "violência psicológica" é: "Mesmo com o passar dos anos, muitas mulheres continuam a sofrer com a violência doméstica, seja ela física ou psicológica" (DADO..., 2015). Esta construção, já no *lead*, vai na mesma direção da análise anterior que, de maneira implícita, designa a vítima como "conformada" (DADO..., 2015), conforme Fig. 14.

Figura 14 - Dado revela que 36% de agressores de mulheres são ex-companheiros

07/03/2015 19h09 - Atualizado em 09/03/2015 09h48

Dado revela que 36% de agressores de mulheres são ex-companheiros

Maioria das vítimas, 41%, tem idades entre 37 e 41 anos.
Psicóloga diz que além de punição, homem deve passar por tratamento.

Do G1 Presidente Prudente

FACEBOOK

Mesmo com o passar dos anos, muitas mulheres continuam a sofrer com a violência doméstica, seja ela física ou psicológica. O Centro de Referência Especializado de Assistência Social (Creas), de Presidente Prudente, atendeu, em 2014, 44 vítimas desse tipo de abuso, e por meio disso, foi possível constatar que 41% das pessoas agredidas tem idades entre 37 e 41 anos. Mais de 30% dos agressores são ex-companheiros.

Uma aposentada de 70 anos, que não quis se identificar, conta que o medo é o sentimento que ela tem pelo atual marido, e que passa por acompanhamentos psicológicos, pois a violência acontece há muitos anos, desde o seu primeiro casamento. "Ele é agressivo, bruto. Eu tenho medo dele", confidenciou.

Atualmente, com o terceiro companheiro, a idosa enfrenta novamente um relacionamento com muita dor e sofrimento. "Ele me agrediu após eu não ter gostado do que ele falou. Me pegou pelo pescoço e me deu murros nos olhos", contou.

Diante dos atendimentos prestados pelo Creas, além da maioria das mulheres registradas, foi possível apontar que 34% das vítimas têm entre 31 e 36 anos. Outros 14% possuem idades de 26 a 30 anos. Em seguida, são 7% com 19 e 25 anos, e por fim, 4% acima de 49 anos.

Ainda nos dados coletados, dá para destacar que 57% das mulheres que sofreram violência são de etnia branca, 36% da parda e 7% são negras. Destas, 60% das vítimas não completaram o ensino fundamental. Na maioria dos casos, 46% passaram por abusos físicos e psicológicos.

Outro número que o levantamento aponta é que 84% das mulheres procuram a delegacia, mas apenas 77% registram um boletim de ocorrência. A pesquisa também traçou o perfil dos agressores, e 36% deles já não possuem mais nenhuma relação com a vítima, conforme explica a coordenadora do levantamento, Juliene Aglio Parrão.

"Esses ex-companheiros também geram uma preocupação, pois eles não tem mais um vínculo de moradia, mas continuam perseguindo e violentando essas mulheres", ressaltou.

Ainda sobre os agressores, os dados mostram que 42% têm idades entre 31 e 40 anos e são da cor parda. Os reincidentes somam 54%. Segundo a psicóloga Zilda Rodrigues, os autores precisam passar por tratamento, além de receberem punição.

"Esse agressor também tem dificuldades psicológicas, das quais ele precisa ser tratado, mas não se pode entendê-lo apenas como um doente, pois ele cometeu um ato delitivo e deve ser punido com todo o rigor da lei", pontuou.

Fonte: Dado... (2015). Disponível em: https://g1.globo.com/sp/presidente-prudente-regiao/noticia/2015/03/dado-revela-que-36-de-agressores-de-mulheres-sao-ex-companheiros.html. Acesso em: 11 mar. 2022

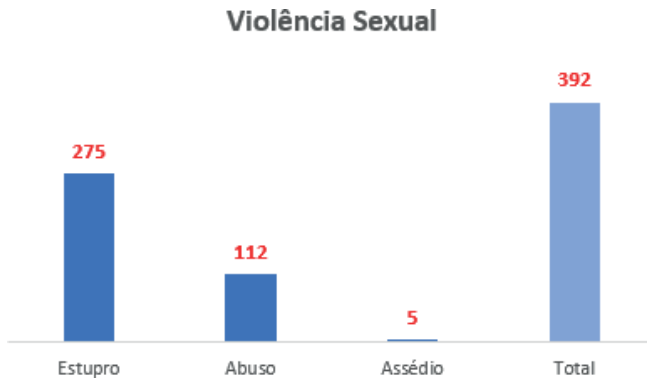
Na mesma publicação, sobre uma senhora de 70 anos, aposentada e vítima de violência, relata "[...] que o medo é o sentimento que ela tem pelo atual marido, e que passa por acompanhamentos psicológicos, pois a violência acontece há muitos anos, desde o seu primeiro casamento. Ele é agressivo, bruto. Eu tenho medo dele" (DADO..., 2015, *on-line*). O medo, em destaque, mostra contrariedade em relação ao atributo da coragem, sendo outra forma de dizer, de modo implícito, que essa é uma característica de uma pessoa "fraca", no caso, representada pela mulher. Esta linguagem verbal, associada a um cenário escuro como o da imagem no qual a vítima está imersa, é uma expressão da violência psicológica, que pode simbolizar um dos efeitos e inúmeros traumas na vida das vítimas.

No entanto, outras formas de se referir à violência psicológica, segundo identificada tanto na teoria do "ciclo da violência" de Walker (1979) quanto no Site do Instituto Maria da Penha (2018), não são claras, ou, estão implícitas nos textos. São aquelas que aparecem sob o enunciado "cárcere privado" ou "refém", quando a mulher é literalmente encarcerada pelo agressor. De acordo com o Dicionário, o vocábulo significa "em situações extremas, aquele que fica, contra a sua vontade, em poder de outrem" (HOUAISS; VILLAR, 2009). Ambas, conforme quantificado no início deste tópico, além de caracterizar que a vítima está privada do "direito de ir e vir da vítima", literalmente "presa", trazendo traumas (WALKER, 1979; INSTITUTO MARIA DA PENHA, 2018), denotam uma submissão ainda pior, a compulsória (refém de maneira involuntária). No capítulo, esta questão, que também representa um "papel temático", é abordada mais detalhadamente.

4.3 VIOLÊNCIA SEXUAL

A violência sexual é o próximo tipo de crime contra a mulher a ser definido. Trata-se de qualquer espécie de conduta que cause constrangimento à vítima, que a force a manter ou participar de relação sexual, sem consentimento, mediante ameaça, coação. Incluem-se nesta situação de violência o estupro, obrigar a mulher a realizar atos sexuais que causam desconforto ou repulsa, impedir o uso de métodos contraceptivos ou forçar a mulher a cometer aborto, forçar matrimônio, gravidez ou prostituição por meio de coação, chantagem, suborno ou manipulação, limitar ou anular o exercício dos direitos sexuais e reprodutivos da mulher (INSTITUTO MARIA DA PENHA, 2018, p. 4). A esta violência integram-se os abusos e assédios (BRASIL, 2006, p. 46-7).

Por meio das indicações de Walker (1979) e da Lei Maria da Penha (BRASIL, 2006), a violência sexual contra a mulher demanda atos relacionados ao assédio, abuso e estupro. Nas pesquisas feitas no *corpus* proposto, encontramos 392 casos, conforme Gráfico 5.

Gráfico 5 - Violência Sexual

Fonte: Elaborado pela autora (2022).

São 275 registros de estupros, 112 casos de abuso e 5 assédios. Sendo assim, os crimes mais praticados são de estupro, seguido de abuso e assédio, incluindo mulheres de todas as faixas etárias (crianças, adolescentes, adultas), conforme as idades das vítimas apontadas no *corpus*, que veremos detalhadamente tais índices no fim deste capítulo. Esta subdivisão foi feita e calculada com base nos termos usados nas notícias, apontando para esse tipo de crime. Vale destacar que, na maioria dos casos, o estupro e abuso podem estar relacionados, embora tenham especificações distintas e se difiram do assédio. Mas, todos configuram "violência sexual" e incidem em punições previstas pela lei (MATO GROSSO DO SUL, 2021, *on-line*).

Quais as diferenças entre uma prática e outra? O estupro implica contato físico ou relação sexual (com penetração do órgão genital, uso de outras partes do corpo como mãos, por exemplo, ou até mesmo objetos no corpo da mulher). Importante observar que representa uma agressão porque o ato é cometido à força, sem o consentimento da pessoa, ou quando ela está em "situação de vulnerabilidade", que "é o que acontece, por exemplo, quando a vítima é dopada por drogas, como o golpe do 'boa noite, cinderela'" (STROCHERO, 2018, *on-line*), como informado na notícia do G1, com o título "Entenda as diferenças jurídicas entre crimes sexuais". A participação da vítima sem consentimento ou então porque está em "situação de vulnerabilidade" torna a forma mais grave de violência sexual.

Já o abuso, de acordo com o artigo 216 do Código Penal, está ligado diretamente à privação de liberdade da vítima. Ocorre sem o uso da violência física, mas por meio da manipulação, indução ao erro, de fazer outras pessoas presenciarem atos obscenos. Em outras palavras, é todo tipo de importunação com o objetivo de obter vantagem sexual em relação ao outro. Inclui práticas sem consentimento também como toques, esfregação, casos bastante frequentes no transporte público, que aumentaram em 9% no primeiro semestre de 2018, de acordo com levantamento feito pela Secretaria de Segurança Pública

(STOCHERO, 2018, *on- line*). Quando algumas dessas violações acontecem dentro de casa, por exemplo, podem apresentar todas as versões: abuso, depois estupro e, por fim, se tornarem uma prática comum, como é o caso de pais que mantêm relação sexual com filhas desde cedo.

O crime de assédio sexual, por sua vez, se efetua quando "[...] uma pessoa se utiliza da relação de hierarquia que possui em relação à vítima para obter um favorecimento sexual [...] prevalecendo-se de superioridade hierárquica ou ascendência em emprego ou função" (STOCHERO, 2018, *on-line*). As cantadas vindas de chefias, conversas com segundas intenções, insinuações, convites impróprios acompanhadas de ameaças, que fazem a vítima acreditar que será prejudicada se não ceder, são alguns exemplos. Além disso, pode acontecer ainda na escola ou em outros ambientes, como na rua, conforme estudos e publicações de Baggio (2014; 2018).

Percebe-se que, em alguns textos jornalísticos, existe uma certa confusão entre um ato e outro. Por isso, trouxemos tais definições para esta pesquisa da área da comunicação. É o caso de uma moça de 14 anos do município de Andradina (SP). O tio, que estava de passagem pela casa dela, a chamou para ir de carona com ele até a cidade de Batagassu (MG), onde ela veria o namorado. Quando estava no meio do caminho, ele disse que precisava parar para descansar porque estava com sono. Os dois dormiram e, quando o tio acordou, abusou dela (HOMEM..., 2015a). Ao voltar para casa, contou para a mãe que sentia fortes dores nos órgãos genitais. Um exame médico feito confirmou o "abuso" (HOMEM..., 2015a). No título, na Fig. 15, enuncia "Homem é preso suspeito de abusar da sobrinha de 14 anos em Andradina", ou seja, o destinador usa o termo "abuso" e no *lead* "estupro" como se ambos tivessem o mesmo significado. Indo adiante com as análises, da forma que é relatada, fortalece implicitamente o discurso de que, ao aceitar o "convite para viajar", a mulher "consente" sofrer violência sexual.

Figura 15 - Homem é suspeito de abusar da sobrinha de 14 anos em Andradina

MENU G1 RIO PRETO E ARAÇATUBA

24/09/2015 11h15 - Atualizado em 24/09/2015 11h15

Homem é suspeito de abusar da sobrinha de 14 anos em Andradina

Tio ofereceu carona à garota até Três Lagoas (MS).
Mãe e filha deverão ser ouvidas na Delegacia da Mulher em Andradina.

Do G1 Rio Preto e Araçatuba

Um homem de 43 anos é suspeito de estuprar a sobrinha de 14 anos, em Três Lagoas (MS). O caso aconteceu no dia 13 de setembro, mas o boletim de ocorrência só foi registrado na noite desta quarta-feira (22), em **Andradina** (SP), cidade onde a menina mora.

saiba mais

Menor é apreendido com celular combinando fazer disparo com arma

Casal simula pedido de socorro e assalta motel em Araçatuba

Segundo informações da polícia, o tio estava de passagem na casa da adolescente e teria oferecido carona para ela se encontrar com o namorado na cidade de **Bataguassu** (MS). Ainda segundo os policiais, quando chegaram a Três Lagoas, o homem disse que estava cansado e precisava dormir. A adolescente teria dormido e acabou sendo abusada pelo tio.

De acordo com o boletim de ocorrência, a garota começou a sentir fortes dores no órgão genital e avisou a mãe apenas 10 dias depois do ato. Um exame médico comprovou o abuso. A garota ainda vai passar por exame de corpo de delito. Mãe e filha serão ouvidas na Delegacia da Mulher de Andradina ainda esta semana.

Fonte: Homem... (2015a). Disponível em: https://g1.globo.com/sao-paulo/sao-jose-do-rio-preto-aracatuba/noticia/2015/09/homem-e-suspeito-de-abusar-da-sobrinha-de-14-anos-em-andradina.html. Acesso em: 11 mar. 2022.

Não se sabe o que aconteceu, de fato. É um relato sem um desfecho acerca de quem teria sido o responsável: tio, namorado. Observa-se, desse modo, uma "superficialidade" ou "redução" a informação, talvez em nome de uma pseudo "objetividade" que o jornal defende (SERVA, 2001, p. 95). Outra dúvida gerada no texto diz respeito ao que representa uma violência. Quem sabe, só como reflexão, isso influencie direta ou indiretamente na compreensão e nos efeitos de sentido em relação ao tema. Outra notícia, intitulada "No AC, padrasto e tio-avô são presos suspeitos de estuprar adolescente" (CARVALHO, 2015), na Fig. 16, segue a mesma linha.

Figura 16 - No Acre, padrasto e tio-avô são presos suspeitos de estuprar adolescente

23/07/2015 14h31 - Atualizado em 23/07/2015 14h33

No AC, padrasto e tio-avô são presos suspeitos de estuprar adolescente

Dupla foi conduzida para o presidio de Cruzeiro do Sul.
Exames comprovaram os abusos, diz Policia Civil.

Adelcimar Carvalho
Do G1 AC

FACEBOOK

Sebastião Souza de Araújo, de 43 anos, e Sebastião Assis da Conceição, 61, foram encaminhados ao presidio (Foto: Divulgação/Polícia Civil)

Os agricultores Sebastião Souza de Araújo, de 43 anos, e Sebastião Assis da Conceição, 61, foram presos e conduzidos ao presidio de Cruzeiro do Sul, interior do Acre, suspeitos de estuprar uma adolescente de 13 anos. De acordo com a polícia, os abusos inicialmente eram cometidos por Araújo, padrasto da vítima, e depois foram aderidos pelo tio-avô da adolescente. O padrasto foi preso na segunda (20) e tio nesta quarta-feira (22) na comunidade São João, na BR-364, onde morava e praticavam os abusos.

Em depoimento o delegado responsável pelo caso, Lindomar Ventura, disse que a menina confirmou as ameaças e os abusos e relatou que era abusada desde os 7 anos pelo padrasto. O tio-avô teria descoberto o crime passou a chantageá-la para também ter relações sexuais com a menor.

Abusos ocorriam em casa da família, na zona rural de Cruzeiro do Sul (Foto: Divulgação/Polícia Civil)

"Ela confirmou que os dois abusavam dela. Quanto à autoria do crime não há dúvida, os fatos foram mencionado pela menor e comprovados pelos exames. É minha obrigação investigar tudo com cautela, fazer um estudo psicossocial da vítima, ouvir possíveis testemunhas para concluirmos o inquérito da melhor forma", explica.

O delegado disse que as investigações continuam para tentar descobrir se outros familiares eram coniventes com o crime. "Não dá para imaginar que uma criança seja abusada durante tanto tempo dentro de uma casa, sem que ninguém tivesse conhecimento dos abusos. A vítima disse que recebia ameaças e por isso não denunciava. Isso é um crime grave", diz.

O mandado de prisão foi expedido pela juíza de direito Adimaura Souza da Cruz, da Vara da Infância e Adolescência da Comarca de Cruzeiro do Sul, e os dois foram encaminhados para o presidio da cidade, onde ficam à disposição da Justiça.

Fonte: Carvalho (2015). Disponível em: https://g1.globo.com/ac/acre/noticia/2015/07/no-ac-padrasto-e-tio-avo-sao-presos-suspeitos-de-estuprar-adolescente.html. Acesso em: 11 mar. 2022.

O texto versa sobre a acreana, de 13 anos, que era enteada e sobrinha-neta deles e vítima de violência sexual desde os sete anos de idade. Interessante destacar que, no enunciado, ambos são "suspeitos" de cometer o crime, quando, na metade da matéria, segundo delegado responsável, Lindomar Ventura, "ela confirmou que os dois abusavam dela" (CARVALHO, 2015, *on-line*). Mesmo dizendo que "não existe dúvida da autoria do crime [...] comprovados pelos exames", ocorre uma insistência em chamá-los apenas de "suspeitos". Inclusive a notícia encerra informando que eles foram encaminhados ao presídio mais próximo. Crimes como esses têm se repetido, assim como a forma de relatá-los.

Tais recorrências de "temas" e escolhas dos semantismos para descrever o fato contribuem com a ideia de desacreditar a vítima e parece uma tentativa de minimizar o ato, bem como e inocentar os culpados. Além disso, os atos são confundidos nos termos "estupro" e "abuso". Em momento nenhum menciona que se trata de um incesto, que é a relação ocorre entre parentes próximos.

Nos próximos casos, fazemos menção a estudos que Baggio (2018) desenvolveu sobre a violência sexual com foco no assédio de rua[3] e a tese de doutorado "Mulheres de saia na publicidade: regimes de interação e de sentido na construção e valoração de papéis sociais femininos" (BAGGIO, 2014), em que a pesquisadora fez um estudo acerca do uso da saia pela mulher que, muitas vezes, serve como desculpa para o agressor ter cometido o crime, caracterizando outro problema (da culpabilização da vítima que é tratada no Capítulo 8). Por ora, a obra nos interessa devido ao teor de notícias analisadas no nosso *corpus* sobre assédio cometido em ocasiões que as vítimas usavam: saia. Aqui, incluímos os "*shorts*".

Na primeira delas, que tem como enunciado "Homem é preso por assediar mulheres em shopping de Belém" (HOMEM..., 2016a). O homem, de 21 anos, foi "flagrado com um celular fazendo imagens por baixo da saia de mulheres que usavam a escada rolante" (HOMEM..., 2016a). Além do mais, o texto diz que houve confirmação, por parte da polícia, de "que os vídeos foram feitos [...] o suspeito vai responder em liberdade, mas só será liberado mediante pagamento de fiança" (HOMEM..., 2016a, *on-line*). Segue a mesma linha das notícias anteriores em que o vocábulo "suspeito" é reiterado, parecendo gerar dúvidas ou tirando o foco do infrator, mesmo ele tendo sido "flagrado" cometendo o ato com destaque ao pagamento do endosso. Apesar do recurso previsto em lei, o efeito gerado por este discurso e a menção de que o sujeito "será liberado, após pagar a fiança" parece banalizar a infração e dar o aval para que ele volte a cometer o mesmo ato ou pior (INSTITUTO MARIA DA PENHA, 2018). Produz, ainda, a ideia de que a mulher que usa a saia ou *shorts*, mostrando as pernas, está pedindo para ser estuprada, abusada ou assediada (BAGGIO, 2014; 2021).

---

3 A publicação, com o título "Aplicativos de mapeamento de assédio sexual de rua: regimes de interação e de sentido", que trata o desenvolvimento de "aplicativos que permitem a sinalização e a consulta, em um mapa, dos locais de ocorrência de assédio nas cidades" (BAGGIO, 2018, p. 2).

Outra notícia diz que "Jovem que gravou assédio diz que padrasto tentou estupro aos 12 anos" (JOVEM..., 2014). A adolescente de São Roque (SP), que estava com 19 anos quando registrou o assédio, disse que, em outras ocasiões, ele tentou violentá-la. O padrasto relatou "Que eu me lembre, meu desejo começou agora com ela moça. A minha vontade de ter relações com ela começou porque eu a via sempre de shorts curto" (JOVEM..., 2014), na Fig. 17.

Figura 17 - Jovem que gravou assédio diz que padrasto tentou estupro aos 12 anos

MENU G1 SOROCABA E JUNDIAÍ TV TEM

Jovem que gravou assédio diz que padrasto tentou estupro aos 12 anos

Vítima de 19 anos afirma que voltou a ser procurada sete anos depois. Homem confessou o crime em São Roque e está preso em Pilar do Sul.

Do G1 Sorocaba e Jundiaí

O homem preso suspeito de tentar abusar da enteada já teria tentado assediá-la quando era criança. A vítima, que gravou as investidas do padrasto, disse em depoimento à Polícia Civil de São Roque (SP) nesta quinta-feira (11) que o primeiro assédio foi quando ela tinha 12 anos. Segundo a jovem, agora com 19 anos, o padrasto voltou a procurá-la depois de sete anos.

Acusado durante depoimento na DDM em São Roque (Foto: Reprodução / DDM)

Marcelo Honorato, que é casado com a mãe da vítima há 16 anos, foi preso na quarta-feira (10) depois que a enteada entregou a **gravação em áudio**, feita com um celular, à polícia afirmando que ele fez outras tentativas anteriormente.

Questionado durante o depoimento, Marcelo negou a denúncia da enteada. "Que eu me lembre, meu desejo começou agora com ela moça. A minha vontade de ter relações com ela começou porque eu a via sempre de shorts curto", afirmou à polícia. O caseiro confessou que tentou fazer sexo com a jovem. "Eu tentei estuprar a minha enteada. Falei que estava com vontade de transar com ela, que ela estava muito 'gostosa'. Eu coloquei a mão no ombro e na bunda, mas não agarrei ela", relata.

De acordo com informações da delegada responsável pela investigação do caso, Priscila de Oliveira, a jovem foi até a Delegacia de Defesa da Mulher (DDM) sozinha e fez a denúncia. Segundo o boletim de ocorrência, a vítima relata que ele chegou a passar a mão nas partes íntimas dela.

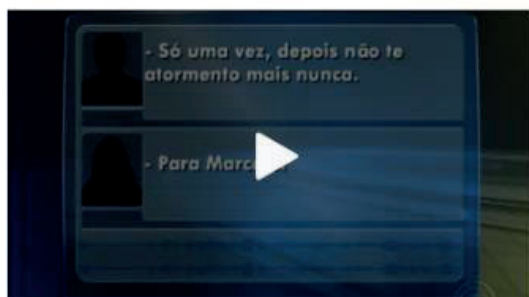
saiba mais

Em vídeo, padrasto diz que tentou estuprar a enteada em São Roque

Jovem grava áudio durante assédio sexual e denuncia padrasto

Suspeito de estuprar e matar criança em Itu era inquilino da família

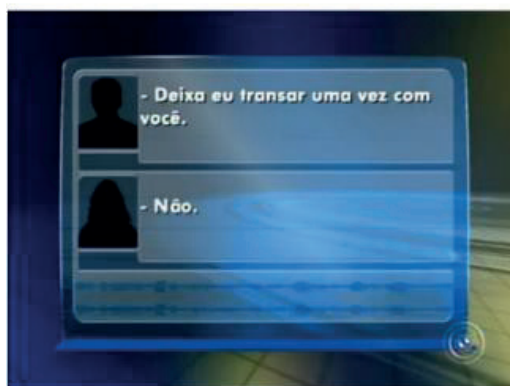
Durante os depoimentos, ele confessou também que ameaçou matar a mulher com quem é casado caso ela terminasse o casamento. "Eu pedi para ela me perdoar, mas ela disse que não seria minha mulher mais. Eu falei que, se ela não fosse minha, ela matar ela e me matar depois arrastando nós dois para debaixo de um caminhão."

A esposa disse aos policiais que as brigas entre o casal eram constantes. Além da filha que foi assediada, ele ainda tem mais dois filhos. Eles moravam em uma chácara no bairro Saboó, onde trabalhavam como caseiros.

O caseiro foi preso em flagrante e encaminhado à cadeia de Pilar do Sul (SP). Honorato foi acusado de tentativa de estupro da enteada e violência doméstica por ameaça contra a vida da esposa.

O inquérito foi concluído nesta quinta-feira (11) e entregue ao Fórum de São Roque (SP).

Gravação da enteada no celular

Pelo áudio, é possível perceber que o homem chega a pegar a jovem, que pede para que ele a solte. Confira trechos do áudio:

Suspeito: *Deixa eu transar uma vez com você?*
Vítima: *Não!*
- *Só uma vez*
- *Não! Tira a mão de mim.*
- *Só uma vez*
- *Não!*
- *Só uma vez, depois não te atormento nunca mais.*
- *Para!*
- *Deixa*
- *Me larga!*
- *Só uma vez, fia*
- *Tira a mão de mim.*
- *Tô ficando doido.*
- *Para!*

Jovem grava áudio durante assédio sexual e denuncia padrasto (Foto: Reprodução/TV TEM)

Fonte: Homem... (2014). Disponível em: https://g1.globo.com/sao-paulo/sorocaba-jundiai/noticia/2014/09/jovem-que-gravou-assedio-diz-que-padrasto-tentou-estupro-aos-12-anos.html. Acesso em: 11 mar. 2022.

Neste ponto, acionamos Baggio (2014) para dar conta desta análise discursiva, fazendo uma relação com a "saia" e o "*shorts* curto" (JOVEM..., 2014a). Com base em Bard (2010a apud Baggio, 2014, p. 19) "a saia [...] estaria sendo evitada pelas mulheres no dia a dia devido ao potencial risco de assédio ou de serem vistas como 'disponíveis'". Percebe-se que esta é uma insistência no discurso do agressor, ao longo de todo o texto, usando nas aspas expressões como "a minha vontade de ter relações com ela começou porque eu a via sempre de shorts curto" (JOVEM..., 2014a, *on-line*).

Retomando Moraes (2022, p. 9), "[...] todos os elementos presentes na concepção de uma reportagem quanto aqueles que foram descartados" representam uma escolha do veículo de comunicação. Deste modo, também é possível identificar, nos recursos verbais e fotográficos usados, que se trata de uma axiologia manifesta pelo destinador. Neste sentido, pode-se lembrar o que disse Landowski (2012, p. 13) sobre os "estereótipos" que, "[...] uma vez construídos, só farão, uns e outros, reforçarem-se na mesma proporção do uso repetido que deles será feito".

Utilizando os estudos de Baggio (2014), "[...] diferentemente da calça, a saia possui um aspecto de vulnerabilidade: as pernas ficam menos protegidas; [...] representa um limite corporal muito tênue em um ônibus ou metrô lotados; deixa o corpo da mulher mais exposto" (BAGGIO, 2014, p. 19). Além disso "a abertura da vestimenta feminina evoca a facilidade de acesso ao sexo feminino, sua disponibilidade, sua penetrabilidade" (BAGGIO, 2014, p. 19). Os assediadores parecem ficar cada vez mais criativos, estabelecendo novos lugares para cometerem o delito, como ficar "embaixo das escadas rolantes do *shopping*" para espiar a mulher que usa saia. Sob a perspectiva do jornal, quem sabe, ainda, se tira o foco do homem que cometeu a violência para colocar implicitamente a mulher no lugar de culpada, já que, usando saia, ela "estaria mais disponível" ou "vulnerável" a esse tipo de situação, como destacou Baggio (2014).

Outra questão é o sentimento, por parte dos ofensores, de impunidade e de que, se apenas "pagar a fiança", estarão livres para continuar realizando tais práticas. Segundo Baggio (2014, p. 34) "[...] o assédio aconteceria não apenas porque se trata de uma mulher, mas porque ao usar saia esta mulher assume e exibe marcas da feminilidade [...] motivaria a necessidade de uma 'ação corretiva' efetuada por parte de segmentos intolerantes da sociedade".

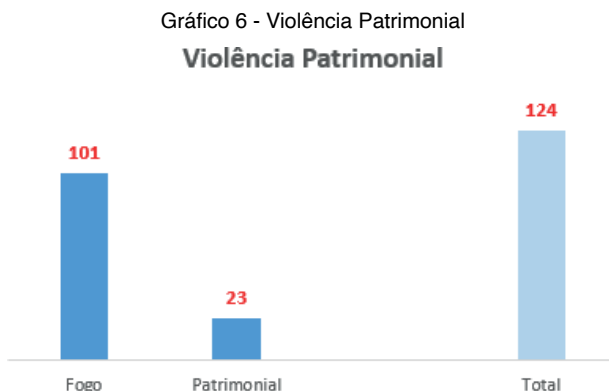
Em relação à "saia", vestimenta que Baggio (2014) analisa, o "*shorts* curto" que, embora apresente algumas características diferentes das citadas por Baggio (2014), também foi usado como desculpa para o padrasto "querer" "ter relações" com a moça da cidade de São Roque (JOVEM..., 2014a; LANDOWSKI, 1992). Isso reforça implicitamente o pensamento de que a mulher quis e provocou tal comportamento no autor do delito.

Outra observação nesta notícia é que, mesmo com todos os relatos e provas colhidas, o agressor negou a violência. Sobre a característica da "negação", tratamos no Capítulo 7, que foca na "imagem do homem" construída no e pelo discurso do G1.

4.4 VIOLÊNCIA PATRIMONIAL

Como violência patrimonial, segundo a Lei Maria da Penha (BRASIL, 2006), entende-se como qualquer tipo de retenção, subtração, destruição parcial ou total de objetos pelo agressor, bem como instrumentos de trabalho, documentos pessoais, bens, valores e direitos ou recursos econômicos, incluindo os destinados a satisfazer suas necessidades. Crimes que fazem parte dessa tipologia? Controlar o dinheiro, deixar de pagar pensão alimentícia, destruição de documentos pessoais, furto, extorsão ou dano, estelionato, privar de bens, valores ou recursos econômicos, causar danos propositais a objetos da mulher ou dos quais ela goste. Crimes assim encontramos, nos registros do G1, 124 casos.

Embora não fique claro na maior parte das notícias sobre este assunto, muitos casos de violência doméstica também são seguidos de violação patrimonial ou vice-versa. Um dos exemplos seria "atear fogo" na vítima ou na residência (que tem a ver com destruir bens). A tabulação dos dados se baseia na Lei Maria da Penha (BRASIL, 2006, p. 16-7) e informações disponíveis no *site* do Instituto Maria da Penha (2018) descritos acima. A seguir, o Gráfico 6, sobre esse tipo de violência, traz levantamento do *corpus*:

Gráfico 6 - Violência Patrimonial

Fonte: Elaborado pela autora (2022).

Como confirmam Pereira *et. al.* (2013, p. 8), esta forma de agressão "raramente se apresenta separada das demais, servindo, quase sempre, como meio para agredir física ou psicologicamente a vítima". Elas esclarecem, ainda, o fato de existir "certos tipos de violência, como é o caso da violência patrimonial, que são pouco reveladas e, muitas vezes, aceitas pelas vítimas, seja pela falta de conhecimento ou pela submissão ao agressor" (PEREIRA *et. al.*, 2013, p. 3).

Trazemos alguns casos que corroboram com essa ideia. O primeiro deles ocorreu na cidade de Matão (SP), em 2016. A notícia tem o título "Casa de sogra pega fogo e polícia apura suposta participação de genro" (CASA..., 2016), na Fig. 18.

Figura 18 - Casa de sogra pega fogo e polícia apura suposta participação de genro

06/07/2016 11h37 - Atualizado em 06/07/2016 11h37

Casa de sogra pega fogo e polícia apura suposta participação de genro

Imóvel em que moram a mulher e a filha do suspeito também foi incendiado. Casos aconteceram na madrugada e mobilizaram os bombeiros de Matão.

Do G1 São Carlos e Araquarara

FACEBOOK

Dois incêndios em imóveis de uma mesma família mobilizaram o Corpo de Bombeiros de **Matão** (SP) na madrugada desta quarta-feira (6). Nos dois casos, a suspeita é de que o fogo tenha começado por ação de um homem em liberdade condicional.

Segundo a polícia, ele teria ateado fogo nos pertences de sua mulher e de sua filha no Portal Terra da Saudade e, na sequência, teria provocado um incêndio na casa da sogra, na Vila Santa Cruz.

A primeira ocorrência foi comunicada aos bombeiros por volta de 1h30. Uma equipe foi à casa da família para extinguir o fogo e logo em seguida houve um segundo chamado, para um incêndio de grandes proporções na Avenida Santa Cruz. No segundo imóvel, móveis e objetos ficaram totalmente queimados e um papagaio morreu.

Buscas

Depois dos dois casos, uma testemunha disse aos bombeiros que viu o homem pulando um muro e policiais militares passaram a patrulhar vários bairros à procura do suspeito, mas ele não foi encontrado.

O episódio já começou a ser investigado pela Polícia Civil e o suspeito poderá ter a prisão solicitada caso fique comprovada sua participação nas duas ocorrências.

Fonte: Casa... (2016). Disponível em: https://g1.globo.com/sp/sao-carlos-regiao/noticia/2016/07/casa-de-sogra-pega-fogo-e-policia-apura-suposta-participacao-de-genro.html. Acesso em: 12 mar. 2022.

Primeiramente, o homem, que está em liberdade condicional, queimou os pertences da mulher e da filha. Em seguida, teria colocado fogo também na casa da sogra. No imóvel da sogra, “móveis e objetos ficaram totalmente queimados e um papagaio morreu” (CASA..., 2016, *on-line*). Esta forma de violência “tripla” agride não somente a mulher e a filha, mas a sogra, além do animal de estimação. O título, por si só “Casa de sogra pega fogo”, além de parecer irônico, aciona no senso comum ou “mundo natural”, como aponta Greimas e Courtés (2008, p. 324), estereótipos do preconceito, da piada, da “palhaçada”, como diz Sodré (2016, p. 22), tirando o foco de algo tão sério, como a violência, para dar lugar a uma linguagem “cômica”, “grotesca”, especificamente direcionada à mulher (SODRÉ, 2016, p. 22). Mais do que isso, remonta o estereótipo de que “casa de sogra” é um “ambiente” de confusão, onde rende uma “fofoca”, mexerico ou intriga.

A questão principal está em perceber como o G1, que se diz um portal que prioriza a notícia com base em critérios de impessoalidade e objetividade, trata do assunto. É um tipo de jornalismo que se centra, como mencionou Pedroso (2001), nos recursos que valorizam a “[...] emoção em detrimento da informação; exploração do extraordinário e do vulgar, de forma espetacular e desproporcional; destaque de elementos insignificantes, ambíguos, supérfluos ou sugestivos; subtração de elementos importantes” (PEDROSO, 2001, p. 122-3).

Para lembrar, de acordo com o levantamento quantitativo feito do *corpus*, 54,9% das notícias são de cunho sensacionalista. É dentro deste arcabouço, como destacou Teixeira (2011, p. 26), "[...] que o leitor tem o primeiro contato com a notícia. Elas devem atrair o consumidor para a compra daquele produto, por isso precisam despertar a atenção e o interesse do público".

Para este tipo de caso, segundo a Lei Maria da Penha (BRASIL, 2006), "são previstas medidas protetivas uma vez que visam a proteção do patrimônio da mulher, em resposta à violência patrimonial sofrida" (PEREIRA *et. al.*, 2013, p. 6). Entretanto, Tannuri e Gagliato (2012 apud PEREIRA *et. al.* 2013, p. 6) explicam que "[...] essas medidas são ainda pouco aplicadas pelos magistrados, devido à baixa procura das vítimas em garantir seus direitos". O texto publicado (CASA..., 2016) menciona que o "suspeito" de atear fogo tanto na casa da mulher, filha e sogra está em liberdade condicional, porém, não se aprofunda no motivo da prisão anterior. Na hipótese de ter sido por violência contra a mulher, a Lei Maria da Penha prevê medida protetiva para esse tipo de situação também. Então, ou ele transgrediu a medida ou ela não foi executada (BRASIL, 2006, p. 16-7; PEREIRA *et. al.*, 2013, p. 6)

Em muitas notícias selecionadas do *corpus*, seguindo os critérios das recorrências (isotopias) de temas e figuras, que são analisadas no Capítulo 7, Simulacros do homem que emergem nas notícias do G1, coincidem com a descrição do agressor, ou seja, "desobediente", e também "destemido", obviamente, no sentido disfórico do termo ligado conotativamente à ideia de "força" (GREIMAS; COURTÉS, 2008, p. 149).

Ainda no texto do G1 analisado (CASA..., 2016), o enunciado também utiliza o pronome possessivo "sua mulher" e que, por si só, configura o pertencimento analisado no Capítulo 9. No *corpus*, encontramos, pelo menos, 45 dos pronomes "sua mulher", "sua esposa" na construção das frases que, nos discursos, indicam uma relação de posse ou são, de acordo com Fiorin (2016, p. 78), "[...] as marcas deixadas pela enunciação no enunciado (por exemplo, pronomes pessoais e possessivos...) [...] pode-se reconstruir o ato enunciativo".

No segundo caso de violência patrimonial, depois de ter arrombado a porta da casa da ex-mulher, o homem a agrediu "com tapas e puxões de cabelos", além de levar consigo R$ 900 da vítima, que ela tinha recebido vendendo cosméticos para ajudar nas despesas de casa (HOMEM..., 2016b). Por fim, ele tirou a bateria do carro dela e colocou no dele, na Fig. 19.

Figura 19 - Homem agride ex-mulher dentro de casa e foge com R$ 900 em Piracicaba

14/03/2016 14h16 - Atualizado em 14/03/2016 14h16

Homem agride ex-mulher dentro de casa e foge com R$ 900 em Piracicaba

Cozinheira de 29 anos afirmou ao G1 que levou tapas e puxões de cabelo. Polícia Militar foi até a residente, mas o suspeito de 37 anos já tinha fugido.

Do G1 Piracicaba e Região

Homem arrombou porta da casa com chutes e estourou o vidro (Foto: Acervo pessoal)

Uma cozinheira de 29 anos foi agredida pelo ex-marido no domingo (13), no bairro Santa Rosa, em Piracicaba (SP). Segundo a Polícia Civil, o desempregado de 37 anos arrombou a porta da casa da vítima, deu tapas e puxões de cabelo e ainda levou R$ 900 da mulher. Ao **G1**, a cozinheira relatou que acionou a Polícia Militar, mas os policiais só chegaram ao local duas horas depois.

O boletim de ocorrência foi registrado no plantão policial da cidade como lesão corporal e dano. O agressor foi identificado e qualificado como autor, mas não foi preso.

A cozinheira, que pediu para não ser identificada, afirmou que está separada do desempregado há um mês e, no domingo, ele voltou à residência e arrombou a porta da cozinha com chutes. Já dentro da casa, ele a jogou no chão e deu vários tapas na mulher, além de puxar os cabelos. Segundo ela, o rapaz estava alcoolizado.

"Ele pegou uma chave de fenda para me machucar, mas eu consegui sair e corri para a casa do meu irmão. Se eu não fugisse, ele ia me matar", relatou. Segundo a vítima, o desempregado ficou na residência e pegou alguns pertences dele que estavam no local, além dos R$ 900. Ele ainda retirou a bateria do carro dela e colocou no veículo dele.

"O dinheiro era da venda de produtos de beleza, uso para interar minha renda e demorei um tempo para juntar a quantia", disse a mulher. Ela ainda afirmou que ligou para a Polícia Militar quando estava no caminho da casa do irmão.

De acordo com a cozinheira, quando os policiais chegaram em sua casa, o desempregado já tinha fugido. A PM orientou a mulher registrar a ocorrência no plantão policial.

Fonte: Homem... (2016a). Disponível em: https://g1.globo.com/sp/piracicaba-regiao/noticia/2016/03/homem-agride-ex-mulher-dentro-de-casa-e-foge-com-r-900-em-piracicaba.html. Acesso em: 12 mar.2022.

São dois pontos a ressaltar a partir dos recursos de linguagem utilizados nesta notícia: (i) o fato enunciado “o rapaz estava alcoolizado”, que traz, novamente, o pensamento estabelecido na análise anterior, e que é mais bem abordada no Capítulo 9, como sendo uma espécie de justificativa de que o agressor não estava, como se diz no “mundo do senso comum”, “no seu juízo perfeito” (GREIMAS; FONTANILLE, 1993; GREIMAS; COURTÉS, 2008, p. 324); (ii) aponta a recorrência trabalhada nos capítulos anteriores sobre o uso do termo “suspeito”, que implicitamente, parece suavizar o julgamento em relação ao ofensor; estes discursos repetitivos vêm sendo observados ao longo das análises e também foram utilizados neste último e no primeiro exemplo analisados no tópico em questão.

Por outro lado, o próprio enunciador já transmite a noção de impunidade ou

negligência, quando menciona que “[...] os policiais só chegaram ao local duas horas depois [...] e mesmo tendo sido identificado e qualificado como autor [...] não foi preso” (HOMEM..., 2016b, *on- line*). Na mesma esteira, traz outra nuance para a análise: de que a justiça e as leis são brandas, o que lembra o caso de “assédio” em *Shopping* de Belém, em que o agressor gravou vídeos embaixo da escada rolante para ver as roupas íntimas de mulheres que usavam saias e, depois de “pagar a fiança”, ficou livre (HOMEM..., 2016a).

No próximo tópico, é tratada a Violência Moral, que segue a mesma linha dos casos ora analisados, ou seja, no texto não são reconhecidas como tal, porém, conseguimos identificá-las, de acordo com as definições disponíveis na Lei Maria da Penha (BRASIL, 2006; INSTITUTO MARIA DA PENHA, 2018).

4.5 VIOLÊNCIA MORAL

A última definição que trazemos é da “Violência Moral”. De acordo com o Artigo 7 da Lei Maria da Penha (BRASIL, 2006, p. 17), inciso V, “a violência moral, é entendida como qualquer conduta que configure calúnia, difamação ou injúria". O *site* do Instituto Maria da Penha traz mais detalhes com base na lei: “acusar a mulher de traição, emitir juízo moral sobre a conduta, fazer críticas mentirosas, expor a vida íntima, rebaixar a mulher por meio de xingamentos que incidem sobre a sua índole, desvalorizar a vítima pelo seu modo de se vestir” (INSTITUTO MARIA DA PENHA, 2018).

No entendimento do termo “moral”, o dicionário traz as seguintes definições: “denota bons costumes segundo os preceitos estabelecidos por um determinado grupo social”, ou, então, “conjunto de valores individuais ou coletivos, considerados universalmente como norteadores das relações sociais ou da conduta do homem" (HOUAISS; VILLAR, 2009, p. 1316). Por si só esses significados mostram que muitas destas ações podem ser motivadas por construções feitas acerca do próprio termo e de quem os criou, refletindo no pensamento da sociedade. Deste modo, a esta violência se enquadram crimes como: acusar a mulher de traição, emitir juízos morais, fazer críticas mentirosas, expor a vida íntima, rebaixar a mulher por meio de xingamentos que incidem sobre sua índole e desvalorizar a vítima pelo seu modo de se vestir (INSTITUTO MARIA DA PENHA, 2018).

Ou seja, significa que, se a mulher “não está vivendo dentro dos padrões estabelecidos” pelas normas socioculturais, por exemplo, dentro de uma visão sexista, isso pode justificar, no imaginário coletivo, a sensação de que ela pode sofrer determinadas “consequências”, como a violência moral, ou qualquer outro tipo de agressão. Selecionamos os registros que mencionavam que o agressor teria cometido a violência por “ciúmes” e “suposta traição”. Em boa parte das notícias, o enunciado é acompanhado do substantivo feminino “suposta”, significando que não é uma certeza.

Na mesma ordem, em nenhum texto ficou evidente o uso do termo “violência moral”, mas os identificamos, por meio das tipificações e exemplos dados na Lei Maria

da Penha (BRASIL, 2006) e no *site* do Instituto Maria da Penha (2018), principalmente no que tange à “suposta traição” como juízo de valor. Além do mais, os recursos oferecidos pela metodologia de análise discursiva em questão, que, por sinal, são muito consistentes, nos dão todo o suporte e permitem perceber certas relações, insistências ou elementos implícitos na construção dos objetos e discursos midiáticos. No *corpus*, foram encontrados 225 casos relacionados a este tipo de violência, segundo mostra o Gráfico 7.

Gráfico 7 - Violência Moral

Fonte: Elaborado pela autora (2022).

São 178 registros de “ciúmes” e mais 47 de “traição”. O caso que trazemos para análise, a seguir, é denominado como “Homem é suspeito de agredir namorada por traição virtual em MG” (HOMEM..., 2011a), na Fig. 20.

Figura 20 - Homem é suspeito de agredir namorada por traição virtual em MG

MENU G1 MINAS GERAIS MINAS

10/11/2011 15h51 - Atualizado em 10/11/2011 15h51

Homem é suspeito de agredir namorada por traição virtual em MG

Segundo PM, suspeito teria a mandado acessar o e-mail e eles discutiram.
Polícia informou que ele teria agredido a vítima com socos.

Do G1 MG

saiba mais

PF investiga fraude entre ONG em Minas e Ministério do Esporte

Onze mandados são cumpridos durante operação em Divinópolis, MG

Polícia prende caminhoneiro suspeito de distribuir drogas em Arcos, MG

Um homem é suspeito de ter agredido a namorada com socos na noite desta quarta-feira (9), por ciúmes de uma possível traição virtual em Muriaé, na Região da Zona da Mata, em Minas Gerais. A Polícia Militar (PM) informou que o suspeito foi até a casa da vítima, que fazia um trabalho escolar no momento, e mandou que acessasse o e-mail porque acreditava que ela o traía com outro homem. Eles discutiram e ele a teria agarrado e jogado no chão.

De acordo com os militares, a mãe da vítima percebeu que ela estava sendo agredida e chamou a polícia. Quando a PM chegou ao local, a namorada estava deitada e reclamou que sentia tontura e fortes dores na cabeça. Ela foi encaminhada ao Hospital São Paulo e liberada após atendimento.

Ainda segundo a PM, o homem está foragido. As idades dos dois não foram informadas.

Fonte: Homem... (2011a). Disponível em: https://g1.globo.com/minas-gerais/noticia/2011/11/homem-e-suspeito-de-agredir-namorada-por-traicao-virtual-em-mg.html. Acesso em: 14 mar. 2022.

Porém, o texto descreve: “Um homem é suspeito de ter agredido a namorada com socos na noite desta quarta-feira (9), por ciúmes de uma possível traição virtual em Muriaé, na Região da Zona da Mata, em Minas Gerais”. No mesmo parágrafo, descreve que ele “Foi até a casa da vítima, que fazia um trabalho escolar no momento, e mandou que acessasse o e-mail porque acreditava que ela o traía com outro homem” (HOMEM..., 2011a, *on-line*).

De pronto, em se tratando do homem, ele é tido como “suspeito”, mas em relação à mulher, o enunciador consuma o fato, quando diz: “suspeito de agredir namorada por traição virtual em MG” (HOMEM..., 2011a, *on-line*). Certa escolha de linguagem textual atribui os seguintes formatos: (i) abre margem para um juízo de valor sobre a vítima, enquanto ameniza o comportamento do agressor; (ii) cria um efeito de sentido que justifica o crime. É o mesmo de dizer que ela cometeu o erro, logo, deve ser punida (SAFFIOTI, 1987, p. 80) ou, como faziam, nos templos bíblicos, os antigos acusadores da mulher pega “cometendo adultério”, que só não foi apedrejada porque Cristo disse “Quem dentre vós não tiver pecado, atire a primeira pedra” (A BÍBLIA, 2011).

Remete-se, ainda, ao que Lerner (2019) estudou sobre a existência do patriarcado. Qual a diferença entre um discurso e outro? Quase nenhuma, a não ser a época, ficando nós, aqui, na esperança de que os enunciatários deste discurso absolvam a “culpada” A Bíblia (JOÃO, 8:7). Representa como a visita “inesperada” do ex-marido de Maria da Penha

ao gabinete deputado Jessé Lopes (LOPES, 2021), em que o ex-marido de Maria da Penha a culpou do crime, entrando em um contexto inocentador do réu, aludindo ao que Saffioti (1987) disse que, dentro deste sistema, é bem possível que, em muitos casos de violência ou até morte (feminicídio), a mulher mesmo depois de morta, seja “convertida de vítima em ré” (SAFFIOTI, p. 1987, p. 80).

Por fim, como não se provou nada no texto sobre a “traição”, a mulher foi vítima de dois tipos de violência: além de “socos” desferidos pelo agressor, houve a moral, uma vez que, como foi descrita a notícia, pode representar uma espécie de “calúnia e difamação” (BRASIL, 2006, p. 17). Ademais, o texto parece não se sustentar exatamente pela forma como foi descrito, “um homem é suspeito de ter agredido a namorada com socos na noite desta quarta-feira (9), por ciúmes de uma possível traição virtual em Muriaé, na Região da Zona da Mata, em Minas Gerais” (HOMEM..., 2011a, *on-line*). Além de redundar na narrativa do “suspeito”, menciona possível traição. Logo, novamente, parece “fofoca” ou mexerico sem fundamento. No entanto, pela difamação ocasionada no ato comunicacional, a mulher, de fato, sofreu violência moral.

Além destas questões, quando a matéria destaca “A Polícia Militar (PM) informou que o suspeito foi até a casa da vítima, que fazia um trabalho escolar no momento, e mandou que acessasse o e-mail porque acreditava que ela o traía com outro homem” (HOMEM..., 2011a, *on-line*), aponta para uma possível responsabilização da vítima, que é detalhada no Capítulo 8.

Em outro caso parecido, que incide sobretudo no discurso da “culpa da vítima”, há a violência moral com respeito ao juízo de valor negativo tanto no título quanto na linha fina que descrevem, a saber, na Fig. 21.

Figura 21 - Jovem é agredida pelo namorado e mãe diz que filha deu motivos

MENU G1 ESPÍRITO SANTO tvgazeta

08/03/2012 20h36 - Atualizado em 08/03/2012 21h15

Jovem é agredida pelo namorado e mãe diz que filha deu motivos, no ES

'Ele só deu uns tapas nela, porque a encontrou em lugar errado', diz a mãe.
Rapaz foi preso em flagrante e encaminhado a delegacia de Vitória.

Conteúdo não disponível.

Fonte: Jovem... (2012). Disponível em: https://g1.globo.com/espirito-santo/noticia/2012/03/jovem-e-agredida-pelo-namorado-e-mae-diz-que-filha-deu-motivos-no-es.html. Acesso em: 15 mar. 2022.

Na linha fina, esta ideia é reforçada na seguinte sentença: “ele só deu uns tapas nela, porque a encontrou em lugar errado” (JOVEM..., 2012, *on-line*). Vai ao encontro da análise e notícia anterior de que a mulher apanhou do ofensor devido “a uma traição virtual”, ou seja, mesmo sem nenhuma comprovação, tal como neste texto, na concepção do destinador, assim como na da mãe, a jovem estava em “lugar errado” e, por isso, foi agredida. O “lugar errado” é uma construção da sociedade para legitimar a violência. É o mesmo que dizia Saffioti (1987) sobre as falas ou ditos comuns nesses casos, “mulher que apanha agiu incorretamente” (SAFFIOTI, 1987, p. 80).

O próximo tópico trata de feminicídio, fechando, assim, a abordagem sobre os conceitos de cada tipo de violência, no intuito de que este livro chegue ao maior número de mulheres, conscientizando a respeito desta condição e da informação, que podem ajudá-la a romper este ciclo.

4.6 FEMINICÍDIO

Antes de encerrar o capítulo, abordamos sobre o Feminicídio (BRASIL, 2015), que pressupõe todos os tipos de agressão, sendo a prática final de toda a violência contra a mulher. A Lei n.º 13.104, de 9 de março de 2015, foi aprovada no mandato da presidente da República Dilma Rousseff. A determinação "altera o art. 121 do Decreto-Lei n.º 2.848, de 7 de dezembro de 1940 - Código Penal [...] e inclui no art. 1.º da Lei n.º 8.072, de 25 de julho de 1990" este ato "no rol dos crimes hediondos" (BRASIL, 2015). Em suma, a violação do direito à vida é efetuada contra a mulher "por razões das condições do sexo feminino" (BRASIL, 2015). A lei prevê aumento de um terço da pena para os seguintes casos: durante a gestação ou até três meses após o parto; quando ocorre contra menores de 14 anos, maiores de 60 ou pessoas com deficiência; na presença de parentes ascendentes (pais, avós) ou descendentes da vítima (filhos, netos). Sobre a incidência de feminicídio, o Gráfico 8 tem os seguintes dados:

Gráfico 8 - Quantidade de feminicídio nas notícias do G1 de 2002-2016

Fonte: Elaborado pela autora (2022).

Quanto a este tipo de crime, foram registrados 1.812 casos, sendo o segundo mais cometido, ficando pouco atrás, de acordo com o levantamento dos dados do *corpus*, da violência física, assim como aparece nas estatísticas do Instituto Maria da Penha (2018), por exemplo. Os percentuais para o feminicídio apontam para 40,7% dos casos, enquanto os atos relacionados à lesão corporal mostram 41,1%.

Um dos registros que tem o título "Suspeito de matar mulher no Rio anuncia crime em rede social" (BRITO, 2014, *on-line*), chama a atenção, principalmente, devido à frieza do agressor (que analisamos junto a outros casos no último capítulo do livro). Seguindo os modismos da contemporaneidade, em que tudo que se faz sem respeitar limites, precisa ser mostrado, antes de cometer o crime, que o agressor fez uma publicação, no dia 1.º de junho, nas redes sociais, apontando sua intenção: "filho papai te ama mamãe trai pagou safada vai morrer hoje" [*sic*] (SANTOS, 2014 apud BRITO, 2014, *on-line*). No *print* feito pelo repórter do G1, observa-se que, na fotografia do agressor, provavelmente uma foto de perfil, ele aparece dentro de um carro sorrindo, na Fig. 22.

Figura 22 - Suspeito de matar mulher no Rio anuncia crime em rede social

MENU G1 RIO DE JANEIRO

03/06/2014 10h49 - Atualizado em 03/06/2014 15h07

Suspeito de matar mulher no Rio anuncia crime em rede social

'Safada vai morrer hoje', dizia postagem no Facebook, no domingo (1º). Franque Nascimento dos Santos se entregou à polícia logo depois.

Guilherme Brito
Do G1 Rio

FACEBOOK

Homem publica intenção de matar a mulher em rede social (Foto: Reprodução / Facebook)

Franque se entregou após o crime (Foto: Reprodução / Facebook)

Um homem suspeito de matar a própria mulher a facadas depois de uma suposta traição foi preso no domingo (1º) em Senador Camará, Zona Oeste do Rio. Antes de praticar o crime, Franque Nascimento dos Santos resolveu publicar a sua intenção nas redes sociais e aproveitou para declarar amor ao filho na mesma mensagem. Segundo a Polícia Civil, Franque se entregou na Divisão de Homicídios da Polícia Civil (DH) no mesmo dia e confessou que matou Juliana de Melo Moreira, de 23 anos.

"Filho papai te ama mamae trai pagou safada vai more hoje (sic)", escreveu o suspeito, no próprio perfil na internet. A postagem foi alvo de críticas e mensagens de revolta de amigos do casal e foi compartilhada por diversos perfis horas depois.

Segundo policiais da especializada, Franque foi até a 33ª DP (Realengo) e confessou ter dado três facadas no pescoço da mulher. Já na Divisão de Homicídios, ele disse aos agentes que não tinha provas da traição de Juliana, apenas suspeitas. Franque teria confirmado aos policiais que postou a frase na rede social.

O **G1** tentou localizar a defesa de Franque Nascimento dos Santos, mas não conseguiu o contato até a publicação desta reportagem.

Ainda segundo a Polícia Civil, a mulher foi encontrada morta em casa, que fica na Estrada do Taquaral, durante a manhã. Policiais da DH realizaram perícia no local e o suspeito foi autuado em flagrante por homicídio.

Fonte: Brito (2014). Disponível em: http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2014/06/homem-anuncia-que-vai-matar-mulher-em-rede-social-e-pratica-o-crime-no-rio.html. Acesso em: 14 mar. 2022.

A página do agressor, no Facebook, mostra, na capa, uma criança, que deve ser filho dele, a qual ele dirige a mensagem, dizendo “Filho papai te ama mamae trai pagou safada vai more hoje [*sic*]” (BRITO, 2014, *on-line*). Na fotografia de perfil, o homem sorri. Ao associar tal descrição ao fato, percebe-se que o assunto é tratado de maneira banal e que se perdeu a oportunidade de aprofundar e conscientizar sobre o tema, tanto em relação à violência quanto ao uso das redes sociais. Os recursos usados pela notícia sensacional do G1, principalmente ao reproduzir a postagem, primeiro envolve a criança, que, por si só, gera comoção, típico deste fazer jornalístico (ARBEX JR, 2001; SERVA, 2001; TEIXEIRA, 2011).

Cabe fazer um adendo para destacar que o *lead* da notícia expõe “antes de praticar o crime [...] aproveitou para declarar amor ao filho na mesma mensagem” (BRITO, 2014, *on- line*). Tal sentença parece poetizar uma questão tão grave, atribuindo humanização mais ao ofensor do que propriamente à vítima. Em segundo lugar, na linha fina da matéria, multiplica a ideia do autor do crime na rede social, que difama a vítima, quando diz “safada vai more [*sic*]” (BRITO, 2014. *on-line*). Trata-se, portanto, de vários tipos de violações: moral, física e de feminicídio. Entretanto, depois de todas estas estratégias do ato comunicativo, apenas no terceiro parágrafo o sujeito teria dito na Divisão de Homicídios que “não tinha provas da traição de Juliana, apenas suspeitas” (BRITO, 2014, *on-line*). Quem lê apenas os elementos iniciais nem chega à informação que se encontra quase no fim do texto.

De toda a repercussão, tanto nas redes sociais quanto nos simulacros criados pelo G1, destaca-se que, apesar de o *post* ter 50 curtidas, conforme aponta Brito (2014), além de um compartilhamento e nenhum comentário, o ponto pertinente que se levanta neste sentido é: ninguém fez nada para impedir o crime. Esta é uma observação relevante a ser feita, já que, em muitos casos, parte da sociedade ainda se cala, não impedindo que o pior aconteça. Duas compreensões, uma de Saffioti e Almeida (1995) e outra de Saffioti (1987), convergem com essa ideia, significando a “complacência” diante do fato, que diz respeito aos discursos e às práticas vigentes no senso comum, ou seja, de que “em briga de marido, não se mete a colher” (SAFFIOTI, 1987, p. 80). Pode representar, ainda, uma apologia em relação ao delito cometido tanto pela plataforma social quanto, do modo como abordado, pelo destinador G1.

Observa-se que, mesmo diante de todas as confirmações sobre o feminicídio, no texto, o homem foi chamado de “suspeito” (BRITO, 2014, *on-line*). Por fim, estas são formas de violência em que a vítima, depois de morta, tem sua memória constrangida e difamada por não poder se defender mais e, ainda assim, sendo “tornada ré mesmo depois de morta” (SAFFIOTI, 1987, p. 80), como ocorreu, em 1976, com Ângela Diniz. Pensando assim, fica a reflexão sobre as recorrências deste discurso, sejam manifestas nos temas ou nas figuras.

Outro caso, registrado em Manaus (AM), leva o seguinte título “‘Me ofendeu’, diz suspeito de matar esposa por ciúmes no interior do AM” (‘ME OFENDEU’..., 2015). De pronto, a escolha do enunciado passa a ideia de que a mulher ofendeu o marido e, por

isso, morreu (MORAES, 2022). No texto, o *site* de notícias insiste em chamar de “suspeito” o autor do crime que, ao longo da notícia, se sabe que se entregou à polícia.

No primeiro parágrafo, o *lead* traz outra explicação para o delito ter sido praticado. “Eu estava sofrendo de depressão, eu jamais faria isso. Me arrependi muito” sentenças que são uma marca do jornalismo sensacionalista, além de transmitir o pensamento que ele “estava doente” e, por isso, cometeu o feminicídio (‘ME OFENDEU’..., 2015). Visa, ainda, gerar o efeito de atenuar o ato. No segundo parágrafo, então, o discurso é reforçado na fala da delegada responsável pelo caso, que informou: “ele alega crime passional, ter sido traído pela vítima, razão pela qual ele se descontrolou e, em discussão com a vítima, acabou tirando a sua vida, afirmou a delegada plantonista da Delegacia Especializada em Homicídios e Sequestros (DEHS), Sansha Sodré” (‘ME OFENDEU’..., 2015, *on-line*), na Fig. 23.

Figura 23 - ‘Me ofendeu’, diz suspeito de matar esposa por ciúmes no interior do AM

05/05/2015 20h22 - Atualizado em 05/05/2015 20h22

'Me ofendeu', diz suspeito de matar esposa por ciúmes no interior do AM

Crime ocorreu em setembro de 2014; família da vítima protestou em delegacia. Leomar da Silva foi preso no município de Beruri, após denúncia anônima.

Do G1 AM

Leomar foi preso no interior do Amazonas após matar esposa a facadas (Foto: Indiara Bessa/G1 AM)

Um homem de 38 anos foi preso na última sexta-feira (1º) suspeito de matar a esposa em setembro de 2014, no bairro Colônia Antônio Aleixo, Zona Norte de Manaus. Leomar José da Silva teria desferido quatro facadas contra Yone Alexandre da Silva, de 37 anos. Ele foi preso no município de Beruri, a 172km de Manaus após denúncias anônimas sobre o seu paradeiro. Eu estava sofrendo de depressão, eu jamais faria isso. Me arrependi muito", disse ao **G1**.

saiba mais

Passageiro reage a assalto em ônibus e mata suspeito, diz polícia do AM

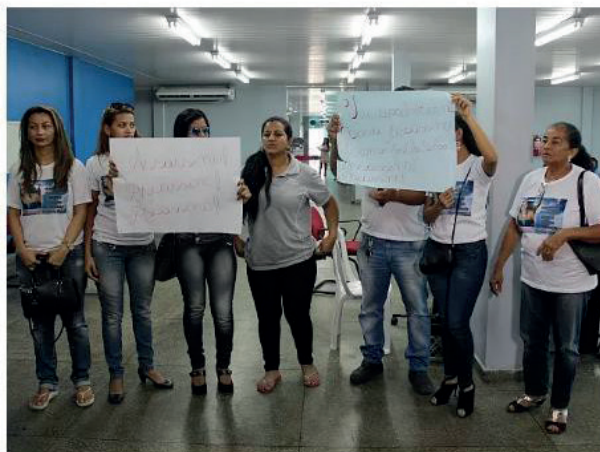
Grupo suspeito de homicídios é preso durante operação em Manaus

Morador de rua é morto a tiros em Manaus enquanto dormia, diz polícia

Segundo a Polícia Civil, Leomar foi preso em via pública e não resistiu à abordagem dos policiais. "Ele foi abordado pelos policiais e confessou a prática do crime e se entregou. Ele alega crime passional, alega ter sido traído pela vítima, razão pela qual ele se descontrolou e em discussão com a vítima acabou tirando a sua vida", afirmou a delegada plantonista da Delegacia Especializada em Homicídios e Sequestros (DEHS), Sansha Sodré.

O crime, ocorrido dentro da residência onde o casal morava, aconteceu em setembro de 2014. De acordo com a Polícia Civil, após ser esfaqueada, a vítima foi encaminhada ao Hospital Pronto-Socorro (HPS) Platão Araújo, na Zona Leste da cidade, mas não resistiu aos ferimentos.

A família da vítima compareceu à DEHS na tarde desta terça-feira (5), quando o suspeito foi apresentado em uma coletiva de imprensa. A irmã da vítima, Rosely Alexandre da Silva afirmou que nunca imaginou que não sabia sobre as questões do relacionamento entre Leomar e Yone, e pediu Justiça no julgamento do suspeito.

"O que ele fez foi covardia com a minha irmã, minha irmã não merecia morrer dessa forma, era uma pessoa do bem. Ele premeditou a morte dela, deixou a filha de seis anos na igreja e voltou para matar ela", afirmou.

Família da vítima compareceu à delegacia na tarde desta terça-feira com cartazes pedindo justiça (Foto: Indiara Bessa/G1 AM)

À imprensa, o suspeito afirmou que ciúme foi o principal motivo do crime. "Eu só sei que ela me traiu, eu não tinha o direito de matar mas ela também vacilou muito. As pessoas riam da minha cara, me faziam de tolo e todo mundo ria de mim", contou. "Ela me chamou de corno, disse 'tu é como mesmo', e me agrediu com uma faca e eu empurrei ela e furei ela. Me arrependo, espero cumprir e pagar pelo que eu fiz" disse Leomar, que teria tentado forjar um assalto após assassinar a esposa a facadas.

Segundo a Polícia Civil, Leomar será indiciado pelo crime de homicídio qualificado e encaminhado a Cadeia Pública Raimundo Vidal Pessoa, onde ficará a disposição da Justiça.

Fonte: 'ME OFENDEU'... (2015). Disponível em: https://g1.globo.com/am/amazonas/noticia/2015/05/me-ofendeu-diz-suspeito-de-matar-esposa-por-ciumes-no-interior-do-am.html. Acesso em: 2 maio 2022.

O texto segue com a isotopia temática da "inocentação" do agressor, que declarou ter sido o ciúme a maior motivação para cometer crime. "Só sei que ela me traiu, eu não tinha o direito de matar, mas ela também vacilou muito. As pessoas riam da minha cara, me faziam de tolo e todo mundo ria de mim" ('ME OFENDEU'..., 2015, on-line). Sobre a "passionalidade" e o "ciúme" neste tipo de crime, tratamos no Capítulo 9, em que Greimas e Fontanille (1993) oferecem um arcabouço teórico-metodológico e epistemológico sobre as perspectivas que circundam e podem explicar tal discurso.

Outro ponto a destacar é que este é mais um caso em que o culpado transfere a culpa para a vítima, em frases como "eu não tinha o direito de matar mas ela também vacilou muito" ('ME OFENDEU'..., 2015, on-line), assunto com maior abordagem no Capítulo 8 "Responsabilização da Vítima". Além disso, é a tentativa de se colocar como inocente ou vítima, identificadas em declarações como "estava sofrendo de depressão" ou "me arrependi muito" ('ME OFENDEU'..., 2015, on-line).

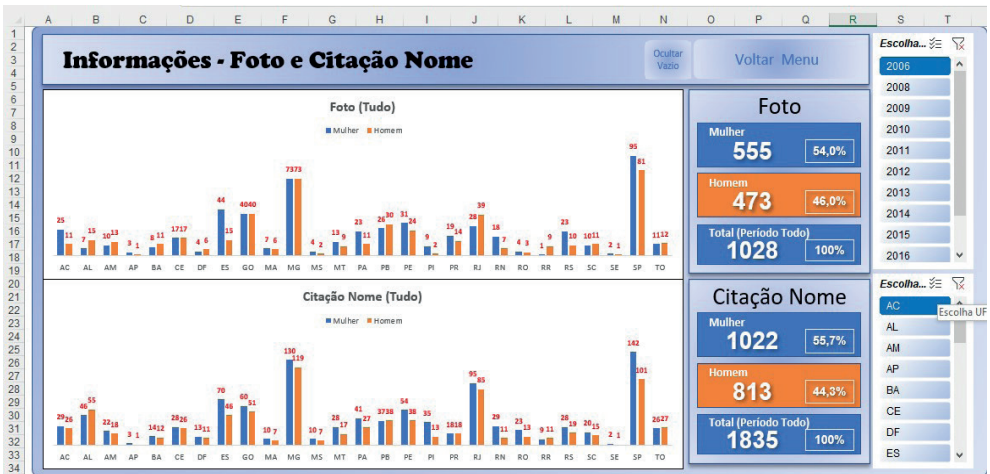
Tal acontecimento e toda a narrativa que o envolve nos fazem lembrar sobre a construção feita tanto por parte dos advogados quanto pela mídia, da época, do caso do playboy Doca Street que, em 1976, matou Ângela Diniz, em Búzios (RJ). Ocorrido há mais de quatro décadas, o Jornal O Globo resgatou o caso na Coluna "Fatos Históricos". Na

linha fina, cita que “a defesa alegou ‘legitima defesa da honra’” (ÂNGELA..., 2013, on-line). Na reportagem, o veículo de comunicação destacou o seguinte:

> Ângela tinha 32 anos e uma vida de princesa. Adolescente típica de classe média mineira, já tinha a alcunha de “pantera de Minas” quando se casou com o engenheiro Milton Villa-Boas Filho, união da qual saiu, dez anos depois, sem traumas e com muito dinheiro. Doca era neto do empresário paulista Jorge Street, que fizera fortuna nos anos 30. Aventureiro sem trabalho fixo - havia muito deixara de ter dinheiro - já se havia empregado como acompanhante de mulheres ricas em Miami, vendedor de carros e corretor imobiliário. Era sustentado pela ex-mulher Adelita Scarpa, filha de um milionário paulista (ÂNGELA..., 2013, on-line).

Sobre Ângela, foi expressa a axiologia de que “tinha uma vida de princesa [...] alcunha de ‘pantera de Minas’”, e que saiu de um casamento de dez anos com o engenheiro, “sem traumas e com muito dinheiro” (ÂNGELA..., 2013, on-line). Mais adiante, o texto recorda que o “[...] advogado de defesa de Doca, o criminalista Evandro Lins e Silva” se referiu à vítima durante o julgamento do cliente como uma “Vênus lasciva”, “dada a amores anormais”, em referência, segundo o enunciador, “a um caso homossexual que ela teria tido” (ÂNGELA..., 2013, on-line). Nestas falas, fica claro que não só no passado, mas, anos depois da morte de Ângela, o discurso acerca dela continua ecoando e seguindo uma linha de construção do simulacro de uma mulher que parecia ter “vida fácil”, ser “irresponsável”, ou, “leviana”, e que, por apresentar estas características, poderia ter “traído”, conforme acusação da defesa de Docas, justificando, assim, seu assassinato em “defesa da honra” do playboy. Nesse, como no caso trazido do corpus (‘ME OFENDEU’..., 2015), reiteramos, com base em Saffioti (1987) que a “vítima” se torna ré e o réu, “vítima” (SAFFIOT, 1987, p. 80).

De acordo com a publicação de Marques, Barros e Moreira (2020, p. 10), sobre a temática envolvendo vítima e agressor, no período entre 2014 e 2019, que compreendem anos que integram o corpus deste estudo, “o que se pode notar após a revisão dos artigos e análise dos dados é que em sua maioria os Homem Autor de Violência Doméstica (HAVs) estão na faixa etária dos 19 aos 40 anos”. Além disso, a maior parte deles têm “ensino fundamental completo” e são “casados ou em união estável”. Quanto ao trabalho, “possuem ocupação remunerada” e também têm “filhos com a vítima” (MARQUES; BARROS; MOREIRA, 2020, p. 10). Agregando às pesquisas, fizemos levantamento no corpus em questão para saber quem tem a foto, o nome e a idade mais divulgados e encontramos, conforme o Gráfico 9:

Gráfico 9 - Foto e citação de nome

Fonte: Elaborado pela autora (2022).

No que se refere à exposição nas notícias, as mulheres são representadas 54% e os homens, 46%. Quanto à citação do nome, 55,7% são de mulheres e de homens, 44,3%. Em relação à idade, vemos que 80,2% dos registros do G1 divulgaram este dado. Trabalhou-se com a predefinição de grupos etários que são utilizados no Brasil para fins de divisão populacional: crianças (1-14 anos), jovens (15-24 anos), adultos (25-64 anos) e idosos (a partir de 65 anos), conforme Gráfico 10.

Gráfico 10 - Números gerais idade, citação de nome

Números Gerais (Banco de Dados Idade)

Voltar Menu

Total Registros 4392 (100%)

sem Idade 870 (19,8%)

com Idade 3522 (80,2%)

Total Citações Idade 5503 (100%)

Citações Idade Mulher 3065 (55,7%)

Crianças (1 a 14) 391 (12,8%)

Jovens (15 a 24) 875 (28,5%)

Adultos (25 a 64) 1743 (56,9%)

Idosos (a partir de 65) 56 (1,8%)

Citações Idade Homem 2438 (44,3%)

Crianças (1 a 14) 12 (0,5%)

Jovens (15 a 24) 500 (20,5%)

Adultos (25 a 64) 1860 (76,3%)

Idosos (a partir de 65) 66 (2,7%)

Fonte: Elaborado pela autora (2022).

Verificou-se que 55,7% das notícias citam a idade de mulheres e 44,3%, a de homens; as mulheres na fase “adulta” foram as que mais sofreram agressões e somam 56,9%, seguida das “jovens”, com 28,5%. As “crianças” vítimas de violência correspondem

a 12,8% e “idosas”, a 1,8%. Os homens que mais cometem agressão estão na faixa etária “adulta” e representam 76,3%, seguidos de “jovens”, que totalizam 20,5%, e idosos, ficando com 2,7%.

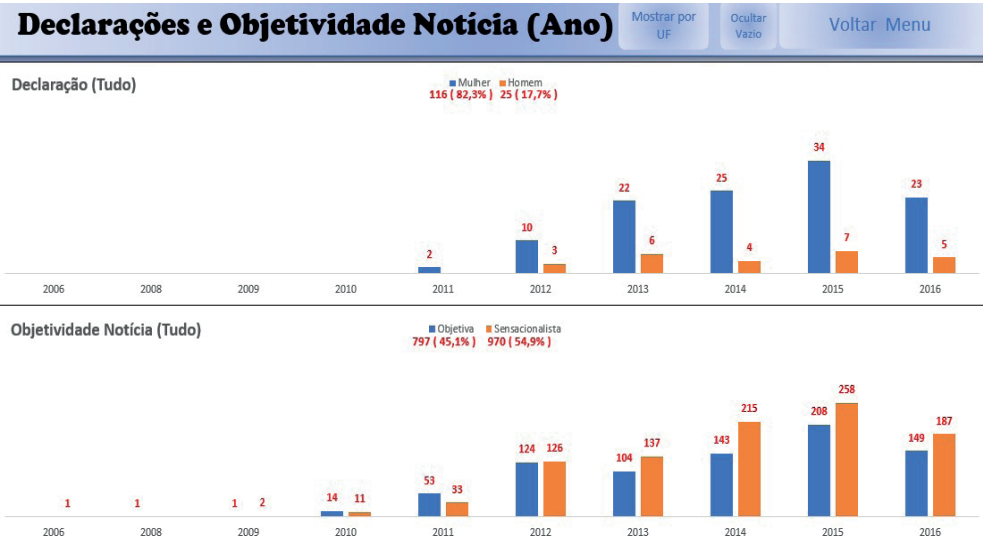
Estes índices possibilitam dizer que, além da violência em si, a mulher é o sujeito menos preservado nesses relatos, uma vez que tem sua identidade, assim como outras características, mais reveladas do que as do agressor e que, conforme analisado no corpus, parece ter sua aura poupada em diversos aspectos, não sendo diferente nesta abordagem.

Nos capítulos seguintes, se fez necessário, para dar conta da análise, delimitar o objeto, dada quantidade de notícias oferecidas pelo corpus. Esta escolha se justifica pelos quantitativos que apontam a “violência física” como a mais cometida, ou seja, 41,1%. Sendo assim, os relatos a serem analisados, deste momento em diante, seguirão este arcabouço, com vistas a identificar quais simulacros/papéis temáticos o G1 utiliza na construção da imagem do homem e da mulher nos casos de agressão.

G1 E A PRÁTICA DO JORNALISMO ESPETACULAR

A concepção dos próximos capítulos foi pensada a partir das observações feitas durante a coleta e tabulação dos dados, em particular nas recorrentes estratégias discursivas do jornal, cujos recursos utilizados para a divulgação dos casos de violência contra a mulher, apontam para um "jornalismo espetáculo" (ARBEX JR, 2001; TEIXEIRA, 2011), como já mostrado no decorrer dos últimos capítulos. Destaque-se que este é um importante achado que sustenta esta pesquisa no campo da comunicação e semiótica. Por se tratar de um *corpus* tão extenso, foi necessário efetuar uma delimitação, possibilitando a sequência das análises; levaram-se em consideração os resultados obtidos no levantamento dos dados, que mostraram ser a violação física o tipo de crime mais cometido contra a mulher, ou 41,1% do total.

No Gráfico 11, vê-se os índices que confirmam a hipótese inicial de que o G1 exerce em maior parte das notícias (54,9%) sobre agressão física a prática do sensacionalismo, parecendo "mexerico" ou "fofoca" porque este tipo de estratagema, embora seja colocada de maneira implícita, tem o intuito, de acordo com a definição do termo, de causar "sensações fortes [...] para atrair a atenção do público". Assim, tais simulacros da "realidade" atuam no sentido de causar impacto do que de proporcionar a reflexão, trazendo, muitas vezes, a ideia de que se trata de questões isoladas e não estruturantes na sociedade (SAFFIOTI, 1987; 2011; BARBOSA; RABAÇA, 2002 apud TEIXEIRA, 2011; JABLONKA, 2021).

Gráfico 11 - Declarações e Característica da Notícia

Fonte: Elaborado pela autora (2022).

No quadro total de 1.832 notícias analisadas, com o recorte sobre a agressão física ou lesão corporal, 970 delas assumem esta estratégia, correspondendo a 54,9%. As objetivas somam 797 ou, 45,1%. Quantificamos, também, em quantos destes registros continham declarações de homens e mulheres. Os resultados apontam para 116 relatos com a "fala" de mulheres e 25, de homens, que resultaram, respectivamente, em 82,3% e 17,7%. Este último dado sobre as declarações (homem/mulher) é analisado ao longo do capítulo.

Retomando a concepção do "jornalismo sensacionalista", diz que "sensacionalismo é a exploração [...] pelo extraordinário, pela aberração, que é suposto existir apenas na classe baixa [...] a informação sensacional que se instala como cômica ou trágica, chocante ou atraente" (PEDROSO, 2001, p. 52). Aqui, faz-se um adendo para tratar da ideia de que a prática deste tipo de jornalismo prende mais a atenção de um público com menor poder aquisitivo (PEDROSO, 2001), semelhante àquela de que a violência ocorre entre as classes menos favorecidas e que é comumente presentificada nos discursos do cotidiano, quando, na verdade, este fenômeno faz parte de uma ampla conjuntura. Isso se dá, de acordo com Teixeira (2011, p. 24), porque são criados "[...] estereótipos de que a criminalidade e a tragédia estão presentes nas classes baixas e, por isso, noticiários apelativos (que se distanciam da objetividade e da imparcialidade, próprias das normas jornalísticas)" e que estes "[...] são produzidos para o público popular, carente de instrução cultural".

De acordo com Guimarães (2014), este tipo de prática jornalística, no Brasil, inspirada em *faits divers,* iniciou em meados do século XIX, tratando-se de fatos que "são largamente difundidos na imprensa periódica [...] mesmo em veículos que os evitam em nome do que se entende por profissionalismo e comprometimento com a informação" (GUIMARÃES, 2014, p. 104). Em sua origem, ou no Francês, é "[...] uma rubrica de jornal em que é possível achar [...] notícias sem critério, que vão de crimes a suicídios, acidentes e acontecimentos fantásticos [...] O que os une é a representação da prática desviante" (GUIMARÃES, 2014, p. 104). Em suma, é o "gênero jornalístico em que o sensacionalismo se expressa" (GUIMARÃES, 2014, p. 104).

Uma pesquisa sobre as *"faits divers"* no Brasil, entre os anos de 1840 e 1930, dá conta dos jornais brasileiros que praticavam essa "rubrica". Os jornais "A Gazeta" e "Correio da Manhã", por exemplo, foram considerados, neste levantamento, como os mais sensacionalistas. Sob tal influência, 50% das publicações do periódico paulista "A Gazeta" (que iniciou suas atividades em 1906) passaram, em 1910, a mostrar "cenas de sangue". Já o carioca "Correio da Manhã", começou, em seu primeiro ano de fundação, em 1901, a noticiar 40% deste material relacionado a "notícias diversas, pelo subúrbio, na polícia, nas ruas" (GUIMARÃES, 2014, p. 124).

O padrão da "notícia espetacular" se estrutura no "exagero gráfico, temático, linguístico e semântico, contendo em si valores e elementos desproporcionais, destacados, acrescentados ou subtraídos no contexto de representação ou reprodução do real social" (TEIXEIRA, 2011, p. 26). E, nesse quesito, "[...] o sexo e a violência são os temas mais

explorados e o conteúdo do seu noticiário detém-se na valorização da violência passional, apresentando maior quantidade de informações que se referem à violência pessoal [...]” (PEDROSO, 2001, p. 47). Outra característica do jornalismo sensacionalista é o “apelo [...] e a exacerbada utilização de ‘personagens’ da vida real para dramatizar o cotidiano humano” (TEIXEIRA, 2011, p. 28), parecendo, por vezes, tornar um assunto tão sério em algo corriqueiro, sem importância (ARBEX JR, 2001, p. 47).

Arbex Jr (2001) aponta que “[...] uma das conseqüências[1] da prática de apresentar o jornalismo como o ‘show-rnalismo’ é o enfraquecimento ou o total apagamento da fronteira entre o real e o fictício” (ARBEX JR., 2001, p. 32), significando que ambas as narrativas, neste caso, se confundem, podendo causar uma espécie de abstração ou desatenção para um fato de tamanha relevância, como a guerra, a violência que culmina no desvio de foco, promovendo exatamente o que Guimarães (2014, p. 104) destacou acerca das “práticas desviantes”.

Associado a estes conceitos de Arbex Jr (2001), a notícia “No CE, homem agride a mulher e diz que estava ‘possuído pelo demônio’” (NO CE, HOMEM..., 2012) traz o enunciado apelativo, que explora, de acordo com Pedroso (2001, p, 122-3) “o extraordinário de forma espetacular”.

Figura 24 - No CE, homem agride a mulher e diz que estava ‘possuído pelo demônio’

MENU G1 CEARÁ TV VERDES MARES

21/03/2012 06h59 - Atualizado em 21/03/2012 06h59

No CE, homem agride mulher e diz que estava 'possuído pelo demônio'

Segundo delegada, mulher foi agredida gravemente pelo marido.
Homem foi preso em flagrante e encaminhado à Delegacia de Capturas.

Do G1 CE

FACEBOOK

Um homem foi preso suspeito de agredir a mulher na madrugada desta terça-feira (20), em Fortaleza. O marido confessou a agressão à polícia mas disse não ter culpa porque estava "possuído pelo demônio", de acordo com a titular da Delegacia de Defesa da Mulher do Ceará, Rena Gomes.

saiba mais

Delegada tira dúvidas da população sobre a Lei Maria da Penha

Ainda conforme a delegada, a mulher de 48 anos foi lesionada gravemente, mas não corre risco de morrer. Ela foi atendida no Hospital Doutor Instituto José Frota e já recebeu alta. O agressor foi preso em flagrante e encaminhado à Delegacia de Capturas. "A afirmação dele de estar endemoniado não isenta da culpa. Ele oferece risco à mulher e a terceiros", afirma a delegada.

A polícia investiga se o suspeito já havia agredido a mulher outras vezes. Rena Gomes diz também que a mulher fez exame de corpo de delito que deve confirmar a agressão. O suspeito fez exame psicológico para checar se ele tinha consciência da agressão.

O suspeito será julgado com base na Lei Maria da Penha e, se condenado, pode pegar de um a seis anos de reclusão.

Fonte: No CE, Homem... (2012). Disponível em: https://g1.globo.com/ceara/noticia/2012/03/no-ce-homem-agride-mulher-e-diz-que-estava-possuido-pelo-demonio.html. Acesso em: 15 mar. 2022.

1 Lembre-se que o “trema”, sinal gráfico, foi excluído de palavras como “consequência”, devido ao acordo ortográfico que entrou em vigor em 2009; somente continua sendo aplicado apena em nome próprios como: Müller, Bündchen.

Mesmo causando espanto e impacto, tal linguagem subtrai elementos importantes e desvia o foco da mensagem e do sujeito principal, que é a violência e a mulher. Assume uma estratégia que “termina sempre em sonantes gargalhadas” (SILVA, 2000, p. 43). Segundo Teixeira (2011, p. 33) “encontramos esse tipo de narrativa muito facilmente [...] o que prova que a sociedade alimenta tal estilo jornalístico”. Para Silva, esta prática sempre foi comum, mas “a novidade é a tentativa de fazer crer que se trata de algo sério” (SILVA, 2000, p. 43).

O efeito da “gargalhada” diante de uma notícia séria como essa é prontamente reproduzida pelo destinatário e se pode dizer, até mesmo, sem que este perceba (LANDOWSKI, 2012, p. 11), porque no pano de fundo, conforme Silva (2000 apud TEIXEIRA, 2011, p. 32) “abriga-se a refutação do pensamento, o repúdio à reflexão, a rejeição ao intelectualismo, o esvaziamento da função educativa da imprensa. Na era do lúdico, somente o gozo fácil justifica o investimento” (TEIXEIRA, 2011, p. 32).

No próximo tópico, acionamos os conceitos teóricos fundados por Greimas (2014) para uma compreensão sob o viés semiótico acerca do tema.

5.1 CAMUFLAGEM OBJETIVANTE E SUBJETIVANTE

Neste ponto, explica-se, utilizando o arcabouço semiótico de Greimas (2014), como o agir sensacionalista colide com princípios básicos da notícia como a precisão e a impessoalidade. Isto porque, percebem-se, no proceder do destinador G1, elementos constituintes nesta prática jornalística que não correspondem às características de um texto objetivo. Semioticamente, trata-se de um jornalismo revestido e camuflado de “objetividade”, mas que, na realidade, reforça estereótipos sociais e culturais acerca da mulher e do homem, a partir de uma “visão de mundo natural” (GREIMAS; COURTÉS, 2008, p. 324).

Greimas (2014) entende este princípio como “camuflagem objetivante”, que faz com que a definição de “verdade” seja cada vez mais substituída pela ferramenta da “eficácia” (GREIMAS, 2014, p. 124). É como usar uma espécie de disfarce e, nesta “ordem da camuflagem”, significa que “para ser aceito [...] procura parecer não o discurso de um sujeito, mas o puro enunciado das relações entre as coisas, e, para isso, apaga, tanto quanto possível, todas as marcas da enunciação” (GREIMAS, 2014, p. 123). Esta afirmação de Greimas (2014) confirma o que diz Guimarães (2014) sobre os fatos sensacionais e os efeitos gerados amplamente pelo destinador G1 “que os evitam em nome do que se entende por profissionalismo e comprometimento com a informação” (GUIMARÃES, 2014, p. 104).

Deste modo, tal discurso que parece ser “objetivo” está impregnado de axiologias como uma “máquina de produzir o efeito de verdade” e que, por meio da linguagem (verbal, visual), acabam por definir e moldar comportamentos (GREIMAS, 2014, p. 123). Sendo assim, também representa uma “camuflagem subjetivante”, uma vez que, neste “pano de fundo”, sustentam-se componentes com caráter de julgamento que se reproduzem nas

condutas do dia a dia incorporadas na sociedade (GREIMAS, 2014, p. 122-3). A mídia e seus discursos, segundo Landowski (2012, p. 13), "cumprem papel determinante nisso".

Nesse quesito, Arbex Jr (2001, p. 106) considera também que "tais fatos" passam a ser "capturados 'objetivamente' e retransmitidos fielmente ao público, como se o jornal fosse um espelho da realidade". Para Arbex Jr (2001, p. 107) "o olhar do observador é seletivo quanto ao evento presenciado, como ao relatar um evento [...] seleciona, hierarquiza, ordena as informações expostas, fazendo aí interferir as suas estratégias de narração". Estes mecanismos atrelam-se à ideia de simulacros (ARBEX JR, 2001, p. 106), explicados no Capítulo 2 (Tópico 2.5).

Estas cópias, conforme Landowski (2012, p. 33), desenham "imagens a sua volta", construindo modelos de verdade que se instalam no imaginário dos sujeitos sociais como "eventos naturais" (ARBEX JR, 2001, p. 107; GREIMAS; COURTÉS, 2008, p. 324).

Acionando novamente Arbex Jr (2001, p. 110), quando se trata do "texto jornalístico, a expressão 'verdade da notícia' pode ser entendida de duas formas distintas: ela é um texto (um discurso sobre determinado evento) e também é uma tessitura expressiva, que remete a uma dimensão extratextual, ao fato propriamente dito" cuja pertinência se concentra no 'impacto' da mensagem (ARBEX JR, 2001, p. 52). Cria ou forja o que Arber Jr (2001) chama de "simulacro de participação" do leitor com o jornal, que pode, ainda, fazer parte do "contrato" assumido entre sujeitos, no caso, o destinador G1 e seu destinatário.

Com base neste raciocínio, outro teórico brasileiro do campo da comunicação, Leão Serva (2001, p. 131), entende que "[...] entre os instrumentos de construção da notícia se alinham procedimentos, voluntários ou não, que produzem essa percepção alterada". Ou seja, de "edição, de submissão, de redução, de saturação e de informação que tornam a representação um signo com pouca fidelidade ao fato original". Desta maneira, "o jornalismo concede informação, surpreende o leitor, provoca e aplaca sua curiosidade, para, em seguida retirar o fato da ordem do dia, relaxar a curiosidade, provocar esquecimento" e, por fim, "atenuar a atenção ao fato narrado" (SERVA, 2001, p. 133).

Faz parte deste tipo de jornalismo "que determina que devem ser destacadas as notícias 'quentes', surpreendentes, e suspensas as coberturas quando não houver novas informações a respeito do tema de cobertura" (SERVA, 2001, p. 113). Estes podem trazer, segundo os conceitos trabalhados por Serva (2001), alguns dos efeitos produzidos pela notícia, causando uma espécie de distração para o tema da violência, tornando-o insignificante. Faz mais sentido ainda quando Serva (2001) menciona que esse fenômeno ocorre porque "nessas seqüências de fatos", as agressões, bem como o exemplo de corpos mutilados que ele usa para tratar das descrições feitas pela mídia em guerras contra civis na Croácia, Kossovo, Sérvia e as marcas por ela deixadas, "se revelam freqüentes e sem importância, perdendo o caráter de novidade", se esvaindo ainda "mais rápido" (SERVA, 2001, p. 31; 114) com a ideia, mesmo que implícita, de que o que não é "novo" não é interessante, como se este tema fosse algo novo (SERVA, 2001, p. 78-9). O "novo" se

esgota em si, mas as causas, a longo prazo, não são visíveis para o leitor" (SERVA, p. 2001, p. 109). Neste estado, sustenta-se uma parcela da sociedade, conforme descrita por Saffioti e Almeida (1995), que ainda despreza ou ignora a violência como um problema sério a ser encarado e superado, sendo um tanto "complacente", ou aceitando, de modo passivo, hipnótico e até anestésico, o problema (ARBEX JR, 2001, p. 50;54).

Uma das barreiras para o enfrentamento desta realidade ocorre na mesma proporção em que os "meios de comunicação se associaram em 'oligopólios' eles foram obrigados a inibir as funções críticas do jornalismo [...] e também a esfera da vida privada foi enfraquecida, já que, em princípio, tudo pode ser publicado, mesmo os detalhes mais íntimos da vida de uma pessoa, se isso gerar lucro" (ARBEX JR, 2001, p. 60). Este processo, de certo modo, faz com que as 'massas' não tenham a capacidade de julgar aquilo que é melhor para a sociedade como um todo", ocasionado um "fascínio hipnótico" (ARBEX JR, 2001, p. 61; 83)

5.2 CRITÉRIOS DO FAZER JORNALÍSTICO SENSACIONAL

No *corpus* em questão, foram considerados, para a interpretação e análise dos dados, os critérios textuais, visuais e as marcas de enunciação (a descrição, o conteúdo com teor apelativo da notícia, os termos usados no título e texto, imagens). Como colocado anteriormente, estes tipos de publicações são parecidas com "[...] os programas que abordam as mazelas da sociedade facilmente considerados sensacionalistas" como os "noticiários apelativos (que se distanciam da objetividade e da imparcialidade, próprias das normas jornalísticas) produzidos para o público popular, carente de instrução cultural" (TEIXEIRA, 2011, p. 24), semelhante à reprodução de "estereótipos de que a criminalidade e a tragédia estão presentes nas classes baixas" (TEIXEIRA, 2011, p. 24).

No caso das matérias de natureza "objetiva", estas conseguem ser mais precisas/impessoais e se apropriam da terceira pessoa, apontam estatísticas, declarações (geralmente de profissionais ouvidos pelo G1) ou, ainda, não apresentam detalhes, que é próprio da objetividade da notícia. Em um grau mais aprofundado, ela pode se tornar uma grande reportagem, que é um gênero mais minucioso a respeito de um assunto, que não se observa tanto nesta compilação de casos de violência contra a mulher feita pelo G1. Como ponto em comum, as reportagens de cunho sensacional trazem relatos, declarações dos envolvidos, com descrições postas de modo exagerado (PEDROSO, 2001), sem contar as "imagens" que chocam e, por isso, algumas delas não são usadas nesta obra, para evitar ainda mais exposição das vítimas.

Esta forma de fazer jornalístico (sensacional) pode ser dividida em três categorias: gráfico, linguístico e temático. De acordo com Teixeira (2011, p. 27), "o primeiro é destinado aos leitores que não possuem o hábito da leitura, então o jornal utiliza mais elementos visuais em detrimento do fato propriamente dito". O segundo diz respeito à "categoria

linguística", que faz "uso da linguagem para chamar a atenção; e, por fim, o temático, é destinado para descrever a categoria das matérias [...] não há preocupação com o interesse social da reportagem, mas do seu conteúdo (que deve despertar emoções no leitor)" (TEIXEIRA, 2011, p. 28). Estes também foram os critérios utilizados por nós para definir, durante a coleta, quando se tratava de uma notícia "objetiva" ou aquela de cunho "sensacional". Nesta etapa, só a título de exemplo, foram separados 209 casos dos mais "excêntricos", que soam uma aberração e são condizentes com estes conceitos acionados.

Em alguns deles, o "sensacionalismo" aparece apenas sob a forma da linguagem verbal; em outros, na visual e, na maioria dos registros, em ambas. No caso ocorrido no Amapá (2016), a vítima teve a região da coluna pressionada até quebrar a bacia. Segundo relato do delegado, o agressor teria justificado "foi uma brincadeira entre o casal" (SANTIAGO, 2016), na Fig. 25.

Figura 25 - "Foi uma brincadeira entre casal"

MENU G1 AMAPÁ REDE AMAZÔNICA

24/05/2016 10h19 - Atualizado em 24/05/2016 10h37

Preso suspeito de agredir e deixar a mulher com paralisia temporária

Vítima teve a região da coluna pressionada até quebrar a bacia, diz polícia. Homem disse que foi brincadeira; caso foi em Oiapoque, no Amapá.

Abinoan Santiago
Do G1 AP

FACEBOOK

Mulher teria sido agredida pelo marido em Oiapoque, no Amapá (Foto: Divulgação/Polícia Civil)

A Polícia Civil do Amapá prendeu um homem de 27 anos suspeito de agredir a mulher, de 36 anos, no domingo (22), em Oiapoque, a 590 quilômetros de Macapá. Ele teria provocado paralisia temporária nas pernas da vítima, ao pressionar com o joelho a região da coluna, quebrando, segundo a polícia, a bacia dela.

A polícia informou que a agressão aconteceu após o casal chegar de uma festa. O suspeito teria ficado com ciúmes da mulher que teria aceitado uma bebida de um outro homem durante a noite.

Apesar de a mulher ter tentado impedir a prisão do marido, ele foi preso e levado para o Cento de Operações em Segurança Pública (Ciosp) de Oiapoque, onde aguarda parecer da Justiça.

saiba mais

'Fui agredida com palavras e porradas', diz mulher vítima no Amapá

Maioria das mulheres vítimas de violência em Macapá é reincidente

Mais de 1,3 mil mulheres foram vítimas de violência em 2014, diz MP

De acordo com o delegado Charles Corrêa, a vítima teve parte da região lombar da coluna e a bacia quebradas pelo marido, causando a perda temporária do movimento das pernas.

Segundo ele, a vítima conseguiu mexer os membros novamente, mas ainda apresenta dificuldade de movimento. A mulher continua internada no Hospital Estadual de Oiapoque.

"Ela restabeleceu o movimento das pernas, mas o médico atestou uma lesão grave, que demanda um exame complementar daqui a 30 dias para saber a real extensão da coluna da vítima", falou o delegado.

Segundo ele, a suposta agressão ocorreu na frente da filha do casal, de 5 anos. Ela teria tentado chamar a atenção dos vizinhos, mas o suspeito a teria impedido com ameaças. Com a internação da mãe, a menina foi levada pelo pai para a casa da avó paterna.

"Fomos até a região onde o casal mora e fomos informados de que a menina foi levada por ele [suspeito] para a casa da avó. A menina foi peça chave e pôde ser testemunha", disse o delegado.

O suspeito foi preso na noite do mesmo dia durante visita ao hospital de Oiapoque. Ele negou na delegacia que tenha tido a intenção de machucar a mulher, e disse, conforme o delegado, que o caso não passou de uma brincadeira entre o casal.

Tem alguma notícia para compartilhar? Envie para o ***VC no G1 AP*** *ou por Whatsapp, nos números (96) 99178-9663 e 99115-6081.*

Fonte: Santiago (2016). Disponível em: https://g1.globo.com/ap/amapa/noticia/2016/05/preso-suspeito-de-agredir-mulher-deixando-com-paralisia-temporaria.html. Acesso em: 16 mar. 2022.

O discurso da "brincadeira", que sai do abstrato das falas se concretiza nas práticas costumeiras, foi multiplicado (ARBEX JR, 2001, p. 47) pelo destinador duas vezes no texto como declaração do agressor, que deixou a mulher com paralisia temporária, sem poder se mover. A "multiplicação" destes elementos, segundo os preceitos de McLuhan e Debord (1977 apud ARBEX JR, 2001, p. 69) acerca de que o "meio é a mensagem", é um dos pilares de transformação do público naquilo que o autor chama de "sociedade de consumo" ou "sociedade espetáculo". A notícia segue os princípios do fazer jornalístico sensacional, uma vez que torna um assunto tão grave uma "brincadeira", tirando o foco da violência e, principalmente, amenizando o acontecimento. Observa-se, deste modo, que as duas linguagens, a do texto e a da imagem, são contraditórias, uma vez que o uso da "brincadeira" remete a algo divertido, mas a fotografia mostra a mulher inválida em uma maca de hospital.

Outra notícia do Distrito Federal trata de um sequestro, ameaça, estupro e tortura e diz, já no enunciado, que "foi por amor", utilizando as aspas por fazer referência à declaração do homem (NASCIMENTO, 2016). Mais um exemplo, também colhido no DF, por Formiga (2015), traz no título "dei um tapinha", na Fig. 26. A representação mostra o braço da mulher manchado com a cor roxa da marca da agressão, seguindo a mesma linha da construção do velho dito que "tapinha de amor não dói" ou que "mulher gosta de apanhar" (SAFFIOTI, 1987).

Figura 26 - “Dei um tapinha”

MENU G1 DISTRITO FEDERAL

Suspeito de agredir ex-noiva, servidor público do DF diz: 'Dei um tapinha'

Vítima publicou fotos de hematomas na web: 'Tapinha está roxo até hoje.' Objetivo de publicação é incentivar mulheres a denunciar agressores, diz ela.

Isabella Formiga
Do G1 DF

Vítima de agressão mostra hematoma no braço (Foto: Reprodução)

Agredida pelo ex-noivo, uma servidora pública do Distrito Federal que não quis se identificar diz que decidiu divulgar nas redes sociais imagens do hematoma deixado pelo agressor, de 45 anos, depois de receber um e-mail dele que dizia: "Só te (dei) um tapinha porque você me provocou".

A servidora do Judiciário de 34 anos afirma que o relacionamento de pouco mais de um ano e meio terminou há dois meses. O ex a procurou no último fim de semana para tentar uma reaproximação. "Ele é uma pessoa calma e tranquila e me procurou parecendo muito perdido. Disse que não conseguia trabalhar, estudar, viver sem mim", diz. "Parecia estar bem transtornado."

Ela concordou em sair com o ex-noivo para uma conversa no fim de semana. Embora "balançada", ela disse que estava decidida a não reatar o relacionamento. Na volta para casa, os dois discutiram. A servidora disse a ele que tinha direito de sair com quem quisesse enquanto estivesse solteira, o que despertou a ira do ex.

> Ele escreveu: 'Não te dei um tapinha porque quis, você me provocou com suas palavras desaforadas'. "
>
> — servidora pública agredida

"No momento em que falei essa frase, ele me deu um soco no braço", conta ela. "Eu falei: 'você me bateu. Quando sair do carro, vou à delegacia'. E ele ficou calado. Ele estacionou, me deixou na minha quadra e eu realmente fui para a delegacia."

A mulher diz que, no mesmo dia, recebeu e-mail do ex se desculpando, mas responsabilizando ela pela agressão. "Ele escreveu: 'Não te dei um tapinha porque quis, você me provocou com suas palavras desaforadas", diz ela. "'Tapinha' esse que está roxo até hoje. Até o murro que ele me deu foi culpa minha."

Publicação nas redes sociais de hematoma no braço (Foto: Instagram/Reprodução)

Ainda enquanto realizava o exame de corpo de delito no Instituto Médico Legal, a servidora publicou as primeiras fotos nas redes sociais relatando a agressão. Com a divulgação das imagens, ela espera incentivar outras mulheres a denunciarem abusos à polícia.

"Primeiro, gostaria de mostrar que é uma coisa errada, não deve ser feito. Segundo, mostrar que não se deve ter vergonha. A pessoa agredida não deve ter vergonha, quem tem que ter vergonha é o agressor. O terceiro objetivo é pedir para irem à delegacia, procurem a Justiça, procurem seus direitos, não deixem o homem impune. Existe a Lei Maria da Penha para nos proteger, o que há poucos anos atrás não existia."

saiba mais

Empresária tem corte no rosto no DF em briga por vaga de estacionamento

Contra 'patrulha do moralismo', grupo faz 'deitaço' no asfalto em Brasília

Mulher agredida por marido no DF tem membros reimplantados

Lojista é morta a facadas por ex-marido em shopping no DF

A servidora diz que o desejo de dar fim à impunidade se sobrepõe ao receio de sofrer algum tipo de retaliação do ex-companheiro. "Estou com medo. Estou com medo agora porque, apesar de saber que ele já foi intimado e não pode se aproximar de mim, ele pode vir a querer fazer alguma coisa pior comigo", diz. "Mas o medo é o grande obstáculo que faz com que muitas mulheres prefiram se calar."

"Sei que um ato só não vai mudar uma sociedade que é machista desde sempre, desde que existiu", diz. "Não é uma questão pessoal com ele, é mesmo uma luta contra o machismo, para dizer que pode acontecer com qualquer pessoa. Se acontecer com você, não tenha vergonha, denuncie, vá na delegacia, procure seus direitos e faça com que ele arque com as consequências."

Para a servidora, agressões sofridas diariamente por centenas de mulheres são banalizadas por conta do machismo. "Uma das coisas do machismo é a 'coisificação' da mulher, tratar a mulher como coisa, objeto, posse. Então eles podem fazer o que quiserem com aquela 'coisa'", diz. "Ele achava que poderia me trair, mentir, enganar, porque estava no direito de fazer isso comigo, como homem. Quando descobria, a gente brigava."

"Tenho duas filhas e sou solteira. Ele tinha vergonha de me apresentar para os amigos dele, de dizer que ele ia casar com uma mulher que já tinha filhos. Isso tem muito do machismo. Eles acreditam que a mulher tem que ser 'pura'."

GOVERNO DO DISTRITO FEDERAL
POLÍCIA CIVIL DO DISTRITO FEDERAL
DELEGACIA ESPECIAL DE ATENDIMENTO À MULHER - DEAM
Brasília, 6 de setembro de 2015.

com ele, é mesmo uma luta contra o machismo, para dizer que pode acontecer com qualquer pessoa. Se acontecer com você, não tenha vergonha, denuncie, vá na delegacia, procure seus direitos e faça com que ele arque com as consequências."

Para a servidora, agressões sofridas diariamente por centenas de mulheres são banalizadas por conta do machismo. "Uma das coisas do machismo é a 'coisificação' da mulher, tratar a mulher como coisa, objeto, posse. Então eles podem fazer o que quiserem com aquela 'coisa'", diz. "Ele achava que poderia me trair, mentir, enganar, porque estava no direito de fazer isso comigo, como homem. Quando descobria, a gente brigava."

"Tenho duas filhas e sou solteira. Ele tinha vergonha de me apresentar para os amigos dele, de dizer que ele ia casar com uma mulher que já tinha filhos. Isso tem muito do machismo. Eles acreditam que a mulher tem que ser 'pura'."

GOVERNO DO DISTRITO FEDERAL
POLÍCIA CIVIL DO DISTRITO FEDERAL
DELEGACIA ESPECIAL DE ATENDIMENTO À MULHER - DEAM
Brasília, 6 de setembro de 2015.

"As mulheres têm vergonha porque muitos homens acham que se a mulher apanhou, a culpa é dela, que ela fez alguma coisa errada, que o homem tem o direito de bater nessa mulher, tem o direito de castigar. As mulheres crescem ouvindo isso. É uma vergonha para elas, por isso elas se calam."

Fonte: Formiga (2015). Disponível em: https://g1.globo.com/distrito-federal/noticia/2015/09/suspeito-de-agredir-ex-noiva-servidor-publico-do-df-diz-dei-um-tapinha.html. Acesso em: 16 mar. 2022.

Matérias como essas, que trazem os registros de violência, destacando o uso dos termos "brincadeira", que foi "por amor" e que um "tapinha de amor não dói", suprimem ou invertem a ordem dos significados reais e banalizam a situação, transformando um assunto sério em algo efêmero, que se desfaz com a próxima notícia (ARBEX JR, 2001, p. 47; SERVA, 2001, p. 133). Arbex Jr nos lembra que "fatos existem, mas só podemos nos referir a eles como construções de linguagem" (ARBEX JR, 2001, p. 107), como a maneira que tais eventos são descritos.

Deste modo, é reproduzido e reforçado exatamente muito do que se ouve nos discursos e "ditados" do cotidiano acerca da violência. Até um *single* cantado por Naldinho e Mc Beth, lançado em 2001, se tornou um sucesso, inclusive internacionalmente. Detalhe

é que, na música, o autor e cantor diz “Um tapinha eu vou te dar, por quê?” e, em seguida, justamente uma mulher, Mc Beth, “contracena” com ele cantando redundantemente o refrão: “um tapinha não dói, um tapinha não dói, um tapinha não dói, só um tapinha...” (NALDINHO, 2001). A parte “só um tapinha” fica novamente por conta dele. Este exemplo mostra como tais comportamentos são recorrentes e estão absorvidos pela sociedade, deixando-a, por vezes, alienada ou anestesiada sem perceber processos assim.

Nas matérias com fotos que causam impacto pelo nível de violência, e que não serão reproduzidas aqui para não replicar tal momento delicado que diz respeito à mulher vítima de violência, há a indicação, em vermelho, de um texto “Atenção, imagem abaixo é forte”. Observamos 209 fotografias com o alerta e os mesmos recursos de linguagem para expor a ideia. A descrição é posta antes da foto, como se o destinador (G1) estivesse preocupado com a cena que o leitor se deparará, mas, ao rolar a barra até o fim da página, se encontra o conteúdo apelativo. Ou, quem sabe, esta seja uma estratégia para prender a atenção de quem está lendo, causando mais curiosidade para que veja o registro como um todo.

O sincretismo da fotografia em questão se une ao texto, que diz, no título, “Jovem diz que cravou canivete no peito da ex-mulher para se defender” (RESENDE, 2016, *on-line*). Outro fato parecido ocorreu em Tatuí, interior de São Paulo. O enunciado principal menciona: “Jovem é preso por bater na cabeça da ex-cunhada com panela de pressão” (JOVEM..., 2016a). Vale observar que o mecanismo ou isotopias (tanto na forma verbal quanto figurativa) usadas são as mesmas. A situação que ficou a cabeça da vítima faz até pensar se foi “apenas” a “panela de pressão”, dada tamanha agressividade e marcas expostas.

Outras notícias concentram-se, a exemplo, nas “ferramentas” usadas para o crime, como a pedra de 4 quilos utilizada na agressão (HOMEM..., 2014b). A segunda, com marcas de sangue no enunciado, diz “mulher nega beijo e é agredida por rapaz em Ribeirão Branco” (MULHER..., 2016a), na Fig. 27.

Figura 27 - “Pedra de 4 kg” e “Mulher nega beijo e é agredida”

MENU G1 SOROCABA E JUNDIAÍ

05/06/2014 14h35 - Atualizado em 05/06/2014 15h37

Homem é preso em Sorocaba por bater em mulher com pedra de 4 kg

Morador de rua foi detido em flagrante e encaminhado ao CDP.
Vítima teve ferimentos na cabeça e foi socorrida.

Do G1 Sorocaba e Jundiaí

Fios de cabelo da vítima ficaram grudados na pedra (Foto: Divulgação/GCM)

A Guarda Civil Municipal de **Sorocaba** (SP) prendeu em flagrante, na noite desta quarta-feira (4), um morador de rua por agredir uma mulher com uma pedrada na cabeça. O agressor foi preso no centro da cidade.

Segundo a GCM, os guardas que faziam patrulhamento na região perceberam uma movimentação estranha na rua e, ao chegar ao local, viram uma mulher caída com um ferimento na cabeça. A mãe da vítima disse aos guardas que ela e a filha andavam pela rua quando o agressor desferiu o golpe de repente, sem motivo aparente.

saiba mais

Mulher é agredida a pedradas por marido em Jundiaí

Pessoas que passavam pela rua seguraram o agressor até a chegada da GCM. A pancada foi tão violenta que a pedra, de aproximadamente quatro quilos, ficou com fios de cabelo grudados e manchas de sangue.

A vítima foi socorrida e o agressor foi autuado por lesão corporal e encaminhado ao Centro de Detenção Provisória de Sorocaba (CDP).

MENU G1 ITAPETININGA E REGIÃO

09/02/2016 18h05 - Atualizado em 09/02/2016 21h06

Mulher nega beijo e é agredida por rapaz em Ribeirão Branco, diz polícia

Segundo polícia, ele tentou agarrar vítima à força na Vila Bom Jesus.
Mulher foi encaminhada inconsciente para o Hospital de Sorocaba (SP).

Do G1 Itapetininga e Região

Suspeito bateu cabeça da vítima em pedra, afirma polícia (Foto: Divulgação/ Polícia Militar)

Uma mulher de 42 anos foi agredida após se recusar a beijar um rapaz de 26 anos, na noite desta segunda-feira (8), em Ribeirão Branco (SP), informou a Polícia Militar. De acordo com a PM, o jovem jogou a vítima no chão, bateu a cabeça da mulher em uma pedra que serve como assento na calçada e, em seguida, roubou o celular dela. A vítima foi socorrida inconsciente.

O crime aconteceu em uma rua da Vila Bom Jesus, na zona rural. Segundo a polícia, a mulher caminhava pelo local, quando o jovem tentou agarrá-la. Como se recusou, o rapaz a jogou no chão, a agrediu e fugiu com o celular.

saiba mais

PM usa bombas de gás para conter confusão em festa de carnaval; vídeo

Marido é preso após esfaquear mulher em Avaré

Devido às agressões, a mulher ficou inconsciente. Testemunhas a viram caída e acionaram uma Unidade de Resgate, que a socorreu e a encaminhou para o Hospital Regional de **Sorocaba**, onde segue internada.

Ainda segundo a polícia, durante o período da tarde, ela acordou e contou aos parentes que quem a agrediu é o sobrinho de uma conhecida dela. A polícia foi até a residência do suspeito e o encaminhou para a delegacia, onde foi autuado por tentativa de latrocínio. Em seguida, ele foi recolhido para a cadeia de **Capão Bonito** (SP).

Fonte: Homem... (2014b), à esquerda. Disponível em: https://g1.globo.com/sao-paulo/sorocaba-jundiai/noticia/2014/06/homem-e-preso-em-sorocaba-por-bater-em-mulher-com-pedra-de-4-kg.html. Acesso em: 16 mar. 2022.

Fonte: Mulher... (2016a), à direita. Disponível em: https://g1.globo.com/sao-paulo/itapetininga-regiao/noticia/2016/02/mulher-nega-beijo-e-e-agredida-por-rapaz-em-ribeirao-branco-diz-policia.html. Acesso em: 16 mar. 2022.

Jablonka (2021, p. 38) explica que tanto período “neolítico, como no paleolítico, é difícil distinguir ferramenta de uma arma, ou uma arma de caça e uma arma de guerra. Até onde se pode dizer, o masculino assimila precocemente o uso e a simbologia da violência”. Tais condutas, conforme Jablonka (2021), sobreviveram e se transportaram no tempo, nos dando a possibilidade de entendermos hoje que qualquer instrumento destes (pedra, arma de fogo, pedaço de cano, panela de pressão, barra de ferro, machado, faca, canivete) é capaz de ser utilizado para agredir e ferir mulheres. Correspondendo a uma noção ainda mais brutal desses elementos e atos, de acordo com os estudos de Jablonka (2021), “a arma, privilégio das elites masculinas, é portadora de novos significados: se a mulher tem o dom de criar a vida, o homem é capaz de tirá-la” (JABLONKA, 2021, p. 39).

Retomando a segunda figura “mulher nega beijo e é agredida”, resgata-se que, na letra do hit de Naldinho (2001), na sexta estrofe, é reproduzido o pensamento de que o homem pode fazer o que quiser e a mulher é obrigada a aceitar, talvez porque ela seja

vista como um sujeito segundo ou “derivado e subordinado” (DEMARIA, 2019, p. 243). O enunciado em questão diz: “Em seu cabelo vou tocar, sua bôca [*sic*] vou beijar, tô visando tua bundinha, maluquinho prá apertar...” (NALDINHO, 2001). A reflexão acerca disso é: qual a diferença do discurso pregado na música e na notícia? Nenhuma, a não ser o campo textual e períodos da história. Ambas são textos analisáveis, como ensinam Greimas e Courtés (2008). A letra expressa a mesma ideia e tom sensacionalista postos na linguagem verbal e visual das notícias divulgadas pelo G1. Estas “crenças enraizadas no imaginário social sobre ‘o que é ser homem’ que moldam as expectativas grupais, formatam narrativas e plasmam comportamentos que induzem um modelo machista, patriarcal e violento” (MIKLOS, 2020, p. 1) (GREIMAS; COURTÉS, 2014, p. 123; SAFFIOTI; ALMEIDA, 1995, p. 24). Sem contar que estas “declarações” atuam na esfera da “mulher disponível”, segundo Baggio (2014), e são uma escolha do destinador justamente como forma de prender a atenção do leitor para os fatos sensacionais (ARBEX JR, 2001; SERVA, 2001; TEIXEIRA, 2011; MORAES, 2022).

Outros registros da violência mostram os espaços quebrados, bagunçados, como nas imagens de Sorocaba, na Fig. 28, em que o “homem foi detido após agredir a mãe e quebrar móveis de casa” (HOMEM..., 2015b) ou nas segundas fotos (Fig. 12, 13 e 14) relativas ao sujeito que agrediu “a esposa por cerca de seis horas na PB” (HOMEM..., 2014c). Ambos os casos (que não exibem a figura da mulher) vão na linha da notícia sensacionalista cujos recursos visam a “chamar a atenção”, mostrando machas de sangue, ambientes desarrumados, partes da residência (portas, janelas) mobília quebradas pela força, enaltecendo os simulacros da violência (PEDROSO, 2001, p. 52; TEIXEIRA, 2011, p. 28).

Figura 28 - “Agrediu a mãe e quebrou móveis de casa” e “Agrediu a esposa por cerca de seis horas na PB”

MENU G1 SOROCABA E JUNDIAÍ TV TEM

30/08/2015 17h00 - Atualizado em 30/08/2015 17h00

Homem é detido após agredir mãe e quebrar móveis de casa em Sorocaba

Mulher contou a PM que agressor estava alterado e queria dinheiro. Vítima foi levada para Pronto Socorro com lesões na mão e cotovelo.

Do G1 Sorocaba e Jundiaí

Homem é detido após agredir mãe e quebrar móveis de residência (Foto: Divulgação / PM)

Um homem foi detido neste domingo (30) por policiais militares após destruir os móveis e agredir a própria mãe dentro de casa no bairro [illegible], zona rural de **Sorocaba** (SP). De acordo com informações da polícia, a mulher foi encaminhada para o Pronto Socorro com lesões na mão e cotovelo.

Por dinheiro, homem chegou a ameaçar mãe com espingarda (Foto: Divulgação / PM)

A vítima contou aos policiais que o homem chegou na residência alterado e exigindo dinheiro. Com a negativa da mãe, ela acabou sendo agredida e ficando ferida no dedo da mão e no cotovelo.

Em seguida, o rapaz teria entrado novamente na casa com uma espingarda e feito ameaças a mulher. Com medo, os ocupantes da residência fugiram.

Quando retornaram, encontraram o local com todos os imóveis destruídos. De acordo com a polícia, o criminoso chegou a tombar a estante da sala, arrancar uma pia na cozinha e vasculhar armários dos quartos em busca de dinheiro que poderia estar escondido na residência.

O homem fugiu, mas foi encontrado pela polícia ainda nas proximidades da residência. Ele confessou a agressão e os danos ao patrimônio da família. Com o rapaz, a PM apreendeu uma espingarda calibre 32 municiada. Ele foi levado para a delegacia do Plantão Norte e permaneceu à disposição da justiça.

Mulher contou a PM que agressor estava alterado e queria dinheiro (Foto: Divulgação / PM)

Homem é detido após agredir mãe e quebrar móveis de residência (Foto: Divulgação / PM)

Fonte: Homem... (2015b), à esquerda. Disponível em: https://g1.globo.com/sao-paulo/sorocaba-jundiai/noticia/2015/08/homem-e-detido-apos-agredir-mae-e-quebrar-moveis-de-casa-em-sorocaba.html. Acesso em: 17 mar. 2022.

MENU G1 PARAÍBA

17/06/2014 11h42 - Atualizado em 17/06/2014 11h42

Homem é preso suspeito de agredir esposa por cerca de seis horas na PB

Suspeito foi preso em flagrante na manhã desta terça-feira, em Santa Rita. Segundo vítima, agressões começaram após discussão por volta das 2h.

Do G1 PB

Policiais arrombaram a porta para prender suspeito e socorrer mulher (Foto: Walter Paparazzo/G1)

Um homem de 55 anos foi preso no início da manhã desta terça-feira (17), no bairro de Tibiri em **Santa Rita**, na Grande João Pessoa, suspeito de trancar e espancar sua esposa, de 43 anos. Segundo informações da Polícia Militar, o suspeito foi preso em flagrante, após ter sido encontrado agredindo a vítima. De acordo com informações colhidas pela polícia, a dona de casa ficou pelo menos seis horas sofrendo agressões.

Ainda conforme a polícia, um vizinho ouviu os gritos da mulher sendo agredida e acionou a polícia pelo telefone. Os policiais que foram até a residência do casal precisaram arrombar a porta para socorrer a mulher. No local foram apreendidos um pedaço de pau e uma faca de serra que teriam sido usados na agressão. A polícia informou ainda que o suspeito sofre de esquizofrenia e estava sem tomar os medicamentos no momento das agressões.

saiba mais

Polícia desarticula ponto de venda de drogas e prende foragidos na Paraíba

Suspeitos em caso de homicídios após casamento são presos na PB

De acordo com a vítima, as agressões começaram por volta das 2h desta terça-feira após uma discussão entre os dois. O homem preso suspeito de agredir a esposa trabalha como auxiliar de serviços gerais, mas está afastado das funções por invalidez, segundo depoimento do próprio suspeito.

O casal foi levado para Delegacia da Mulher de Santa Rita, onde foram ouvidos pela delegada Maria Rodrigues. A mulher foi encaminhada para o Hospital de Emergência e Trauma de João Pessoa devido aos ferimentos. O suspeito estava detid na carceragem da delegacia à espera do laudo que confirmasse os problemas psiquiátricos para ser transferido para um presídio da capital paraibana ou para um hospital psiquiátrico judicial.

A casa ficou revirada após agressões em Santa Rita (Foto: Walter Paparazzo/G1)

Fonte: Homem... (2014c), à direita. Disponível em: https://g1.globo.com/pb/paraiba/noticia/2014/06/homem-e-preso-suspeito-de-agredir-esposa-por-cerca-de-seis-horas-na-pb.html. Acesso em: 17 mar. 2022.

Uma das publicações mais "espetaculares" nesse sentido é a que o agressor de São José do Rio Preto justifica a violência da seguinte maneira: "'Deve ser o capeta', diz suspeito de usar machado para agredir mulher" ('DEVE SER..., 2016, *on-line*). Este mesmo caso é abordado mais detalhadamente no Capítulo 7, tópico "Negacionista". Em relação a estas abordagens, em uma crítica ao modo como os meios de comunicação tratam, muitas vezes, os fatos jornalísticos, na publicação com o título "Mídia, espetáculo e grotesco", Sodré (2015, p. 21-2) as compara à peça teatral "Cromwell", do romancista e dramaturgo francês Vitor-Marie Hugo, em que apresenta "o cômico, o feio, o monstruoso, a palhaçada" que representam "sobretudo um modo novo e geral de conceber o fato estético". Em outras palavras e, sendo mais objetivos, Sodré (2015, p. 22) as designa como algo que beira o ridículo ou obra de "mau gosto".

Antes de encerrar, cabe destacar que, no levantamento sobre "Declarações", no Gráfico 11, quantificamos os registros que continham "falas" de homens e mulheres. Os resultados apontam para 116 relatos com a "fala" de mulheres e 25, de homens: 82,3% e respectivamente, 17,7%. Se, por um lado, esse dado pode significar que o jornal "dá voz às mulheres", por outro, em notícias como a da Fig. 29, em que destaca a vítima com "alteração de humor", utilizam-se estereótipos da "mulher desequilibrada", conforme Demuru e Garcia (2020), configurando, ainda, uma certa "desqualificação" ou "descrédito" do que é dito pela vítima em discurso ainda tão vigente na sociedade (DEMURU; GARCIA, 2020).

Figura 29 - Mulher vai à delegacia denunciar marido, e ele a ameaça por celular

MENU G1 PRUDENTE E REGIÃO TV FRONTEIRA

14/09/2014 17h19 - Atualizado em 14/09/2014 17h19

Mulher vai à delegacia denunciar marido, e ele a ameaça por celular

Vítima foi agrediada com socos e chutes neste sábado (13).
Acusado foi preso em flagrante; crime foi em Presidente Prudente.

Do G1 Presidente Prudente

FACEBOOK

Uma vendedora de 21 anos foi agredida e ameaçada pelo seu marido, um auxiliar administrativo de 33 anos, durante a manhã deste sábado (13), no Conjunto Habitacional Brasil Novo, em **Presidente Prudente**. De acordo com o boletim de ocorrência, enquanto a mulher estava na delegacia para denunciar o agressor, ele passou a mandar mensagens de texto em seu celular com ameaças de morte.

A vítima informou em depoimento aos policiais que ao chegar em casa, por volta das 6h, o acusado desferiu socos e chutes contra ela. Devido as lesões sofridas, ela foi ao Hospital Regional, onde foi medicada e liberada em seguida.

Após passar por atendimento, a jovem foi até a delegacia para registrar a agressão, quando recebeu as mensagens em seu celular, nas quais o indiciado alegava "que iria lhe matar", segundo o registro policial. Os policiais notaram que a vendedora teve "uma alteração de humor" e a ajudaram. Ao ser questionada sobre o paradeiro do acusado, ela contou à polícia onde o marido estava, e ele foi detido.

Diante do interrogatório do auxiliar administrativo, com respostas infundadas, e dos depoimentos da vítima e de uma testemunha, foi ratificada a prisão em flagrante pelos crimes de lesão corporal agravada pelo convívio marital e ameaça.

O homem foi encaminhado à Cadeia de Presidente Venceslau, para posterior remoção ao Centro de Detenção Provisória (CDP) de Caiuá, pois segundo o delegado responsável pelo registro do boletim, "é a instrução criminal para evitar que ele atrapalhe o andamento do processo, ameaçando testemunhas ou destruindo provas e para assegurar a aplicação da lei penal".

A vendedora passou por exame de corpo de delito.

Fonte: MULHER... (2014a). Disponível em: https://g1.globo.com/sp/presidente-prudente-regiao/noticia/2014/09/mulher-vai-delegacia-denunciar-marido-e-ele-ameaca-por-celular.html. Acesso em: 17 mar. 2022.

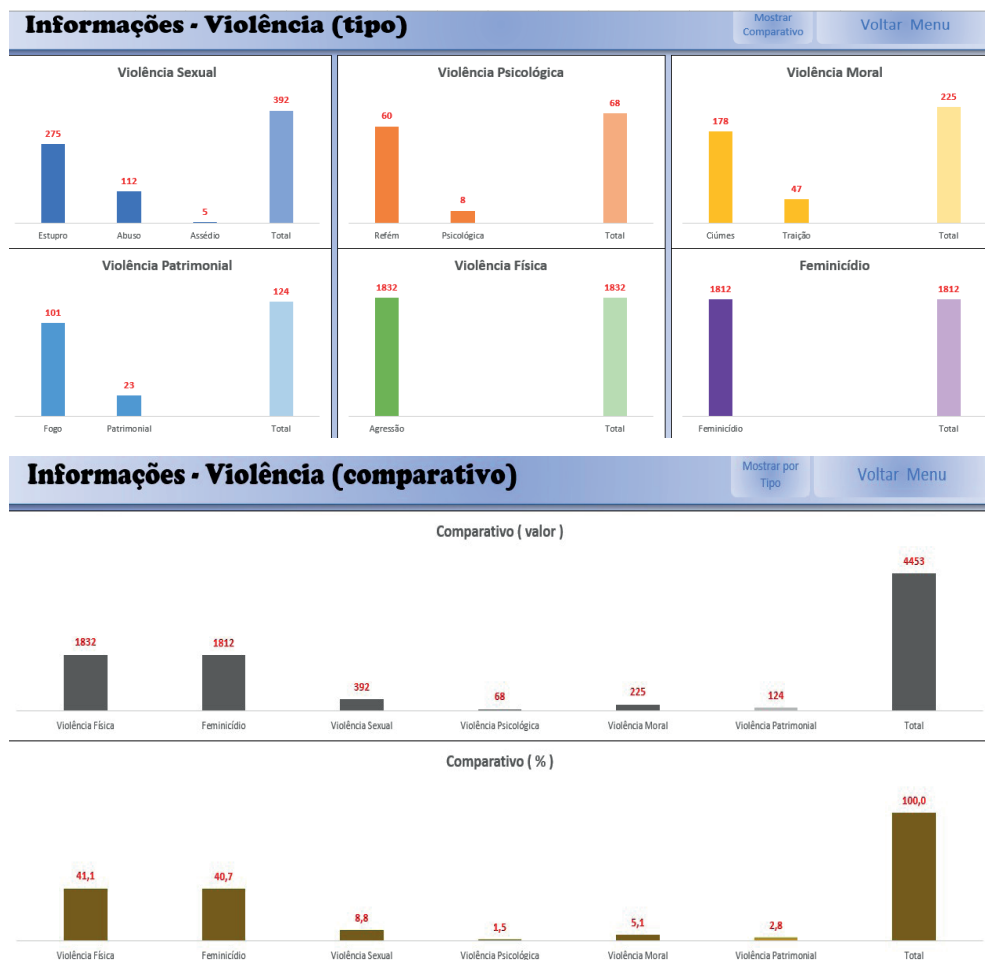
No levantamento do *corpus*, aparecem 116 notícias com declarações de mulheres, correspondendo a 82,3%, enquanto as de homens são apenas 25, significando 17,7%, o que mostra uma margem grande em relação ao pronunciamento de um e de outro sujeito, podendo estar associada à esta ideia de que vítima “fala muito”. Ou, segundo abordam Freire Filho e Cavalcanti Versani dos Anjos (2022, p. 6), sobre a construção do caso de Poliana Bagatin, esposa agredida pelo cantor Victor Chaves, cuja cobertura do G1 reforçou, nas manifestações e “falas dela”, o estereótipo de mulher “transtornada”, apontando para uma “revitimização”, mais detalhada no Capítulo 8.

É possível associar esta construção à notícia de que “Jornalista é preso após dar soco em mulher e diz: ‘barraqueira merece’” (MARCEL, 2016, *on-line*), que se utiliza do estereótipo da mulher “barraqueira”. O fato ocorreu depois que a funcionária do Sindicato dos Trabalhadores de Educação do Acre perguntou ao assessor se uma informação sobre pagamento do Prêmio de Valorização de Desenvolvimento Profissional que havia sido divulgada no grupo da entidade tinha sido autorizada pela presidência. De acordo com a descrição da vítima, “ele se exaltou, agrediu a mim e a um presidente de núcleo que estava lá. Saiu me empurrando da sala [...] [eu] disse que a sala era minha e quando

tentei entrar novamente ele me deu um murro com muita força" (MARCEL, 2016, *on-line*). O destinador fez a reprodução de uma postagem do assessor em uma rede social que, reforçando a agressão como se estivesse gritando: "Mulher barraqueira merece, SIM [*sic*], umas bordoadas, principalmente quando não sabe ser rejeitada [...] a Lei Maria da Penha pune sem observar causas e consequências. Ainda terei o prazer de ler a Lei de Proteção aos Direitos dos Homens" (MARCEL, 2016, *on-line*). O "SIM" com veemência, revela um estado aspectual-passional de um sujeito "transtornado" diante do ato violento (GOMES, 2018, p. 115).

Esta publicação, de pronto, transmite: (i) o pensamento de que a mulher apanhou porque fez questionamentos relacionado à divulgação feita pelo jornalista; (ii) o agressor manifestou que ela não sabia "ser rejeitada", dando a entender que havia outro tipo de relação entre os dois, além da profissional, como se isso justificasse a violência; (iii) a ideia de que a mulher tem de se "calar". Logo, é o mesmo que dizer "se tivesse ficado calada ou não reclamado de determinada situação", teria sido poupada, o que não representa a realidade, uma vez que, em boa parte dos casos, seja falando ou ficando quieta, diante de uma discussão, ela é punida, e ocorre, como exposto no Capítulo 8, a revitimização (quando a vítima é responsabilizada pelos atos do homem que a agrediu). Tais elementos discursivos e o uso do termo "barraqueira" foram empregados dentro de um estilo com forte característica de um jornalismo sensacionalista (TEIXEIRA, 2011).

Após esta apresentação acerca do jornalismo espetacular e das tipologias de violência contra a mulher, trazidas no Capítulo 4, passamos às análises acerca da construção do objeto de pesquisa (sujeito) nas notícias do G1, com o foco naquelas relacionadas à agressão física ou lesão corporal, lembrando que esse é o tipo de violência mais praticado, segundo dados apurados pela Secretaria de Política para as Mulheres, do Governo Federal (DOSSIÊ, 2015; INSTITUTO MARIA DA PENHA, 2018). Além desses dados e fontes, tais constatações são confirmadas a partir do material pesquisado no *corpus*. Focamos nesta categoria de violência com o objetivo de reforçar que, depois dela, ainda existe vida e, sendo assim, a possibilidade de sair deste ciclo antes que seja demasiadamente tarde. Estes são os números em relação a todas as violências, conforme o Gráficos 12:

Gráfico 12 - Valores e comparativos das violências

Fonte: Elaborado pela autora (2022).

Em relação a outros tipos de agressões contra a mulher, a física ou lesão corporal (41,1%) e feminicídio (40,7), resultado de violência que, dada a brutalidade, ela não resiste e morre, somam 81,1%. Seguindo a mesma lógica de Greimas (2014) em relação às “camuflagens”, encontramos, nos textos, tanto de maneira explícita quanto implícita, algumas categorizações (axiologias, juízo) referentes aos homens e às mulheres, que se associam a um senso comum, e são abordadas a seguir. Primeiramente, os estereótipos apontam para a figura e simulacros da mulher como “conformada”.

SIMULACROS DA MULHER QUE EMERGEM NAS NOTÍCIAS DO G1

Nesta etapa, iniciamos a análise propriamente dita sobre os simulacros construídos pelo destinador G1, referentes à vítima de violência doméstica. Parte dos textos apontam, implicitamente, para uma mulher que está conformada com a situação, em frases como “essa não foi a primeira agressão sofrida pela paciente, mas ela nunca registrou ocorrência na delegacia” (MULHER..., 2013), ou outra sentença, quando enfatiza que “era constantemente vítima de violência” (MULHER..., 2014), ou, “é a terceira vez que isso acontece. Ele já bateu na mulher diversas vezes” (MANTIDA..., 2016). Além disso, muitas notícias mencionam o tempo de casamento ou relação, configurando, neste aspecto, o mesmo que dizer que elas haviam se adaptado aquele tipo de vida. Estes e outros exemplos veremos mais detalhadamente nas descrições a seguir.

6.1. CONFORMADA

O termo “conformada” diz respeito a uma pessoa que se submeteu ou se conformou em viver de determinada maneira (HOUAISS; VILLAR, 2099, p. 520, 1780). Conforme abordado no Capítulo 2 deste livro, acerca das categorias de análises, o vocábulo foi enunciado nas notícias de forma “constante”, integrando as ocorrências que, no quadrado semiótico proposto em relação ao nosso objeto de estudo, compõem o eixo “contínuo”, constituindo a *deixis* positiva na posição dos eixos dos “contrários” (GREIMAS; COURTÉS, 2008, p. 400-4; CLEMENTE, 2015, p. 147). Tal simulacro da mulher (estereótipo) se presentifica no grupo denominado como “modo de ‘ser-parecer’ da mulher”.

Segundo Jablonka (2021), um “ser” conformado cria um dos cenários favoráveis para o fortalecimento do patriarcado, servindo tal constatação, de certo modo, para os dois sujeitos: homem e mulher. Isto porque “a honra masculina depende da conformidade feminina” e a “realização dos homens se baseia na exploração das mulheres” (JABLONKA, 2021, p. 69; 75). Ou, como frisa Cortina (2004), ao analisar como os textos de Nelson Rodrigues tratam de manifestações passionais, acerca da constituição do sentido e a discursivização dos personagens, observa que “o conselho reiterado em todas as circunstâncias é o conformismo, a aceitação de que os relacionamentos humanos são incompletos e que amor e felicidade não podem coexistir na mesma proporção” e que “essa valorização da passividade é dirigida de maneira direta à mulher” (CORTINA, 2004, p. 89).

Landowski (2012) confirma esse processo de “conformidade”, que conduz “a uma certa *intencionalidade* – consciente ou não, segundo o caos – e até eventualmente, de um verdadeiro cálculo por parte dos indivíduos ou dos grupos envolvidos” (LANDOWSKI, 2012, p. 41). Embora esta caracterização e a de “refém” tenham sido as mais percebidas no recorte da pesquisa, existe a indicação, mesmo que implícita, e que aparece em menor

número de outras axiologias, tais como a do sujeito “cúmplice” da violência, ou seja, aquela que, por ser tantas vezes agredida, acaba se tornando defensora do homem, como nesta notícia de Manaus: “Um homem de 40 anos foi preso nesta terça-feira [...] por tentar agredir a companheira com um facão. Segundo a Polícia Civil, o suspeito já foi preso pelo mesmo crime há dois anos, mas a mulher teria pedido a liberdade dele à Justiça” (SEVERIANO, 2014). Ela se torna conivente com esses atos contra ela mesma, indo ao encontro do que Saffioti (1987) disse, que essas são práticas legitimadas tanto por homens quanto mulheres; em outros casos, mesmo que representassem poucos, observa-se uma tentativa de mudança da parte da vítima, que vem acompanhada de coragem, ainda que este sentimento, de acordo com as descrições textuais, na maior parte, venha após anos de agressão, como este que vale destacar: “Mulher é agredida a socos, denuncia filho à polícia e rapaz acaba preso” (MULHER..., 2016b), na Fig. 30.

Figura 30 - Mulher é agredida a socos, denuncia filho à polícia e rapaz acaba preso

MENU G1 MATO GROSSO DO SUL

04/07/2016 10h15 - Atualizado em 04/07/2016 10h15

Mulher é agredida a socos, denuncia filho à polícia e rapaz acaba preso

Caso aconteceu em Iguatemi na madrugada desta segunda-feira.
Mulher teve ferimentos e precisou de atendimento médico.

Do G1 MS

FACEBOOK

Um rapaz de 18 anos foi preso na madrugada desta segunda-feira (4), em Iguatemi, a 451 quilômetros de Campo Grande, suspeito de agredir a mãe de 36 anos. Foi ela mesmo quem denunciou o filho à polícia.

saiba mais

Idoso de 71 anos nega dinheiro ao filho e é agredido até desmaiar em MS

Mulher é agredida ao negar R$ 20 para marido comprar cigarro em MS

Segundo informações do boletim de ocorrência, quando os policiais chegaram na residência da família, a mulher estava chorando e contou o que havia acontecido. O filho já não estava mais no local, mas foi localizado perto da casa.

O rapaz aparentava ter usado entorpecente e foi preciso algemá-lo devido ao estado agressivo. A mulher foi encaminhada ao hospital com lesão no joelho esquerdo e disse aos policiais que esta já era a terceira vez que havia sido agredida pelo filho, sendo que nesta última o rapaz lhe deu dois socos na orelha esquerda e a empurrou para fora de casa.

O jovem foi autuado em flagrante por lesão corporal dolosa em situação de violência doméstica.

Fonte: Mulher... (2016b). Disponível em: https://g1.globo.com/mato-grosso-do-sul/noticia/2016/07/mulher-e-agredida-socos-denuncia-filho-policia-e-rapaz-acaba-preso.html. Acesso em: 19 mar. 2022.

Não parece ser tarefa fácil denunciar o filho e isso se confirma na maior parte dos casos em que ocorre o inverso, ou acobertamento da agressão. Mas, neste relato, a mãe tomou coragem e, após “a terceira vez que havia sido agredida”, decidiu entregá-lo à polícia. Tal exemplo retoma ou se associa à ideia de conformismo, mas que durou menos

tempo. Pensa-se em tratar mais destas representações da mulher, nas categorias como a da coragem, em outros trabalhos. Por ora, nos concentramos em analisar os registros da mulher “conformada”, que são amis frequentes.

No primeiro deles, menciona que o homem “chegou em casa embriagado, por volta das 22h30. A vítima estava em um quarto, que não era do casal, já para evitar possíveis agressões dele” (MULHER..., 2016c), na Fig. 31.

Figura 31 - Mulher é agredida ao negar R$ 20 para marido comprar cigarro em MS

MENU G1 MATO GROSSO DO SUL

04/04/2016 08h52 - Atualizado em 04/04/2016 09h21

Mulher é agredida ao negar R$ 20 para marido comprar cigarro em MS

Agressão ocorreu na noite desse domingo (3), em Sidrolândia.
Suspeito chegou em casa embriagado, diz boletim de ocorrência.

Do G1 MS

FACEBOOK

Uma mulher de 45 anos foi puxada pelo cabelo e levou um soco no olho após negar dar R$20 para o marido comprar cigarros, na noite desse domingo (3), em Sidrolândia, a 64 quilômetros de Campo Grande.

Segundo informações do registro policial, o homem, de 44 anos, chegou em casa embriagado, por volta das 22h30 (de MS). A vítima estava em um quarto, que não era do casal, já para evitar possíveis agressões dele.

Ainda conforme o boletim de ocorrência, o suspeito entrou no cômodo, pediu o dinheiro e diante da negação da mulher, ele a agrediu. Ela disse ainda aos policiais que é constantemente vítima de violência doméstica.

O caso foi registrado como vias de fato em situação de violência doméstica pela Delegacia de Polícia do município. O homem foi preso. Contra ele já havia mandado de prisão em aberto.

Fonte: Mulher... (2016c). Disponível em: https://g1.globo.com/mato-grosso-do-sul/noticia/2016/04/mulher-e-agredida-ao-negar-r-20-para-marido-comprar-cigarro-em-ms.html. Acesso em: 28 mar. 2022.

Ao informar que a vítima registrou boletim de ocorrência, o enunciado menciona que “Ela disse ainda aos policiais que é constantemente vítima de violência doméstica” (MULHER..., 2016c). Por meio de frases como “estava em outro quarto [...] já para evitar possíveis agressões” e “é constantemente vítima de violência doméstica”, o enunciador está insinuando que, mesmo não sendo a primeira vez que ela foi agredida fisicamente, continua convivendo com o agressor, se enquadrando como uma mulher conformada, não somente em relação ao comportamento do marido, mas a esse tipo de situação.

Outra forma das notícias atribuírem a ideia de conformismo é quando enfatiza, por exemplo, o tempo de relação, a saber: “Uma mulher, que viveu um relacionamento de mais de duas décadas, relata que teve dificuldade para se livrar desse tipo de problema” (VIOLÊNCIA..., 2015), na Fig. 32.

Figura 32 - Violência doméstica tem marido como agressor em 74% dos casos, diz DDA

30/09/2015 17h08 - Atualizado em 30/09/2015 17h32

Violência doméstica tem marido como agressor em 74% dos casos, diz DDA

Disque-Denúncia Agreste fez o registro de 231 casos até agosto de 2015. Tema foi destaque na série 'As Sombras do Crime', no ABTV 1ª Edição.

Do G1 Caruaru

FACEBOOK

Desde 2006, quando foi criada a Lei Maria da Penha, o número de mulheres assassinadas no estado diminuiu em 28%, de acordo a Secretaria da Mulher de Pernambuco. Até 29 de agosto de 2015, a central do Disque-Denúncia Agreste recebeu 231 informações sobre crimes de violência contra a mulher. Em 74% dos casos, o agressor é apontado como sendo o marido. O tema foi destaque no **ABTV 1ª Edição** desta quarta-feira (30), na terceira reportagem da série "As Sombras do Crime".

Uma mulher, que viveu um relacionamento de mais de duas décadas relata que teve dificuldade para se livrar desse tipo de problema. A vítima não quis se identificar, para preservar a privacidade dela e a dos filhos. Para sair da situação, a mulher foi em busca de apoio, conseguiu se separar do companheiro e decidiu retomar os projetos ao lado dos filhos.

"Durante o noivado, o namoro era bem tranquilo. Nós resolvemos colocar nosso próprio negócio, começamos a trabalhar juntos. Foi quando começaram as humilhações, todos os dias, me humilhava de todas as formas na frente dos meus filhos, na frente dos funcionários. Ele saía, me deixava só, me desprezava. Só que depois ele vinha, pedia perdão, dizia que ia mudar, chorava. E, quando você está apaixonado - que toda relação vem a paixão, no começo -, aí eu acreditava naquele amor", detalhou a vítima.

Saúde psíquica da vítima é uma das mais afetadas (Foto: Reprodução/ TV Asa Branca)

Saúde psíquica

A consequência mais grave e prejudicial, segundo a psicóloga Ana Maria Branquinho, é para a saúde psíquica da mulher. "Existe a fase, primeiramente, da tensão, em que essa relação já vai para um conflito maior e esse homem começa a insultá-la, a humilhá-la e essa mulher vai se permitindo. Daqui a pouco, esse homem vai dizer: assim não está resolvendo; vou partir para a agressão física. A [fase] psicológica perpassa por todas as etapas e é mais prejudicial para a saúde psíquica da mulher. Então, esse homem vai realmente agredi-la. Depois que agride, ele recorre a pedir perdão. Essa mulher, de certa forma, se coloca [impõe], mas ele tenta até conseguir e, ao voltar, promete muitas coisas e começa-se a segunda lua de mel, que é a de reconciliação. No início, passa-se um mês, dois meses, e ele tenta policiar essa impulsividade, que, na verdade, não cessa. Então, com o decorrer do tempo, esse homem volta a agredi-la", explica a profissional.

As agressões praticadas dentro de casa também afetam os filhos. Presenciar esse tipo de situação pode gerar problemas para o desenvolvimento afetivo das crianças. A escritora Carmen Nusinov, por exemplo, viveu em uma casa no município de Altinho - região Agreste - onde as agressões eram frequentes. A violência que atormentava a mulher e os irmãos culminou na morte da mãe. Para tentar se livrar do ambiente, a filha saiu de casa durante a adolescência e foi morar nos Estados Unidos.

Escritora viaja o mundo fazendo palestras sobre o assunto (Foto: Reprodução/ TV Asa Branca)

A escritora detalhou a história de vida em um livro e, atualmente, viaja o mundo inteiro fazendo palestras sobre o assunto. Dos EUA, onde mora atualmente, ela falou sobre o tema. "Ele batia nela na frente da gente, falava coisas muito feias com ela na frente da gente; ele simplesmente não se importava. Todas as vezes que ele batia nela, ele a expulsava de dentro de casa e ela tinha que dormir no frio, na chuva, não importava, ela só podia voltar para casa às 5h, que era a hora que ele saía para trabalhar. Eu esperava ele dormir, colocava a minha cabeça na parede e, quando escutava o ronco dele, eu pulava a janela e levava o meu cobertor para socorrer a minha mãe. Eu tremia de medo que ele descobrisse que eu estava ali fora ajudando. No dia em que minha mãe morreu, porque a gente morava num sítio - a gente não tinha água potável, eletricidade, transporte -, a gente não tinha como socorrer a minha mãe e ela acabou morrendo por falta de socorro", relatou.

Como denunciar
A violência que acontece dentro de casa fica às escondidas, o que dificulta uma intervenção policial. Nesses casos, para mudar a realidade é fundamental que haja denúncia – que pode partir de qualquer pessoa. O denunciante fica sob sigilo e as informações são repassadas para as autoridades. Em alguns municípios existe a Delegacia da Mulher, que tem um serviço especializado para combater esse tipo de crime.

A denúncia pode evitar que a situação se transforme em um crime ainda pior, como destaca a delegada da Mulher Débora Bandeira - que atua no Agreste Meridional. "A denúncia é importante para que a mulher se fortaleça, para que a mulher tenha vontade de sair desse ciclo de violência, para que o agressor venha a ser punido, responder pela Lei Maria da Penha. Então, a denúncia é, de fato, importantíssima"

saiba mais

Grupo especial da Polícia Civil em Caruaru investiga tráfico de drogas

G1 mapeia percentual de homicídios por bairros em Caruaru; veja índices

Caruaru, PE, registra aumento de 18% no número de roubos de veículos

'Serei sua amiga', diz tia de vítima ao perdoar autor de latrocínio em PE

Projeto de música da PM busca afastar crianças do crime em Caruaru, PE

O Disque-Denúncia recebe e repassa informações às autoridades. O sigilo é garantido para o denunciante. Depois da denúncia feita é gerada um número de protocolo, que permite o acompanhamento da mesma. O coordenador do Disque-Denúncia Agreste, Alexandre César, destaca a importância da contribuição da sociedade. "A comunidade pode trazer essa informação - não só pode, como deve. Quando esta chega à central do Disque-Denúncia, é encaminhada à delegacia que tem atribuição, nas cidades que têm a delegacia especializada. Nas que não, elas são direcionadas à Polícia Civil - às suas delegacias -, para que haja o início de uma investigação, já que é possível, quando há uma violência real, inclusive com investigação que não depende de representação da vítima".

As denúncias podem ser feitas a qualquer momento, pelo (81) 3719-4545 - no interior - ou (81) 3421-9595 - na Região Metropolitana do Recife e Zona da Mata Norte. Também é possível repassar informações **por meio do portal** da central, que permite o envio de fotos e vídeos. O serviço funciona durante 24 horas, todos os dias da semana.

Se a violência estiver ocorrendo, a polícia recebe a informação de forma imediata. "Primeiro, para que se evite a evolução daquela agressão e chegue a uma situação mais grave, segundo, pela situação do flagrante delito, quando o agressor nessa situação pode ser justamente preso pelo flagrante do crime", explica o coordenador.

Assistência à vítima
Para as autoridades, a denúncia é o caminho mais eficaz para oportunizar uma vida melhor a quem sofre esse tipo de agressão. "Vários organismos se unem para dar todo esse apoio que a mulher vítima de violência doméstica precisa: as entidades que trabalham com assistência social, psicólogas, assistência jurídica, para que essa mulher seja realmente amparada, seja acolhida e tenha todo o amparo que o estado pode prestar a essa mulher que é vítima da violência", finaliza a delegada Débora Bandeira.

Fonte: Violência... (2015). Disponível em: https://g1.globo.com/pe/caruaru-regiao/noticia/2015/09/violencia-domestica-tem-marido-como-agressor-em-74-dos-casos-em-pe.html. Acesso: em 30 mar. 2022.

Ao apontar o tempo da relação, o texto constrói a ideia de "conformação" da vítima, mostrando sua silhueta em um cenário escuro englobante, de modo a esconder a identidade dela. Ao longo do percurso, desenvolve a narrativa da coragem da mulher ao sair do problema que, reforça, "tinha dificuldade de se livrar"; passa, deste modo, a impressão de inferiorização do sujeito que tenta vencer os desafios e, no fim, se torna seu próprio herói. Na mesma linha, confronta a primeira experiência com a de outra actante (escritora), que surge no relato derradeiro, contando sua história e superação da violência. Lembra-nos fases do esquema narrativo canônico, em que a personagem parece ter de trilhar um caminho, que já está traçado na mente humana, pondo todos os personagens a viver como se participassem de um conto de fadas com final feliz, mesmo sabendo que a "realidade" se apresenta de forma mais desafiadora do que isso (GREIMAS; COURTÉS, 2008; FIORIN, 2016).

Pensamos nestes aspectos para mostrar como o jornalismo sensacional atua e se alimenta destas construções simulacrais da verdade. É nesse sentido que Baudrillard (1981 apud ARBEX JR, 2001, p. 54) manifesta a ideia de "colonização do imaginário" que se refere de maneira um tanto hiperbólica a uma transformação da "opinião em mero simulacro", fazendo com que os destinatários desse conteúdo permaneçam fixos nesta teia.

Em outra matéria, o título menciona "Em MS, homem arrasta esposa por ser contra ela trabalhar em mercado" (EM MS, HOMEM..., 2015), na Fig. 33.

Figura 33 - Em MS, homem arrasta esposa por ser contra ela trabalhar em mercado

MENU G1 MATO GROSSO DO SUL

28/12/2015 15h23 - Atualizado em 28/12/2015 15h23

Em MS, homem arrasta esposa por ser contra ela trabalhar em mercado

Vítima contou à polícia que discutiu com o suspeito e foi arrastada.
Violência doméstica foi em Costa Rica, nesse domingo.

Do G1 MS

FACEBOOK

Um homem de 30 anos foi preso na noite desse domingo (27), em **Costa Rica**, a 338 quilômetros de Campo Grande, após arrastar a esposa pelos cabelos. O suspeito não se pronunciou durante o depoimento. A vítima, de 25 anos, disse à polícia que a agressão foi porque ele não concordou que ela trabalhasse em um supermercado.

saiba mais

Homem é preso após agredir esposa e queimá-la com cigarro em MS

Jovem é agredida por ex-namorado em MS por causa do WhatsApp

De acordo com informações do boletim de ocorrência, a jovem contou ao marido que havia conseguido um emprego em um supermercado. Ele não concordou e eles então discutiram.

A vítima foi ofendida e arrastada pelos cabelos pela casa. No pescoço dela ficaram marcas de agressão. Quando os policiais chegaram no local da briga, a jovem estava com medo e nervosa.

Segundo informações do delegado Alexandro Mendes de Araújo, a jovem já havia sido agredida outras vezes, porém, esta foi a primeira vez que denuncia à polícia.

O suspeito foi preso e autuado em flagrante por lesão corporal dolosa em situação de violência doméstica. Ele foi liberado nesta segunda-feira (28), após pagamento de fiança no valor de dois salários mínimos.

Fonte: Em MS, homem... (2015). Disponível em: https://g1.globo.com/mato-grosso-do-sul/noticia/2015/12/em-ms-homem-arrasta-esposa-por-ser-contra-ela-trabalhar-em-mercado.html. Acesso em: 28 mar. 2022.

O texto não só atribui a ela a ideia de ser “submissa”, mas outro traço recorrente na condição da mulher vítima de violência: a de “dependente” (GARCIA, 2022). Tanto que, quando ela decide sair dessa situação, ele se acha no direito agredi-la, na tentativa de fazê-la voltar ao padrão antigo de dependência dele. Além de recorrer à ideia da “divisão sexual do trabalho”, expõe o que Giddens (1992, p. 101-2 apud Saffioti, 2011, p. 84) explica sobre pessoas “codependentes”.

> Uma pessoa codependente é alguém que, para manter uma sensação de segurança ontológica, requer outro indivíduo, ou um conjunto de indivíduos, para definir as suas carências; ela ou ele não pode sentir autoconfiança sem estar dedicado às necessidades dos outros. Um relacionamento codependente é aquele em que um indivíduo está ligado psicologicamente a um parceiro, cujas atividades são dirigidas por algum tipo de compulsividade [sic]. Chamarei de relacionamento fixado aquele em que o próprio relacionamento é objeto do vício (GIDDENS, 1992, p. 101-2 apud SAFFIOTI, 2011, p. 84)

Isso se dá não só no sentido das relações afetivas, mas da dependência financeira também, entre outras. E, para Saffioti (2011), “sem dúvida, mulheres que suportam violência

de seus companheiros, durante anos a fio, são codependentes da compulsão do macho e o relacionamento de ambos é fixado, na medida em que se torna necessário” (SAFFIOTI, 2011, p. 84). Desse modo, como aponta Saffioti (2011) “[...] é a própria violência, inseparável da relação, que é necessária. É verdade, por outro lado, que há mulheres resilientes que não se deixam abater por condições adversas” (SAFFIOTI, 2011, p. 84). A resiliência, nesse caso, sem que a vítima perceba, é disforicamente sua inimiga (GREIMAS, 2008, p. 149).

Em outros momentos, o enunciado da mesma notícia do G1 (EM MS, HOMEM..., 2015) reforça tal simulacro, dizendo que “a jovem já havia sido agredida outras vezes, porém, esta foi a primeira vez que denuncia à polícia”, como visto na análise anterior, da “mulher que dormia em outro quarto para evitar as agressões dele” (MULHER..., 2016c, *on-line*). A diferença está na frase “esta foi a primeira vez que denuncia à polícia” (EM MS, HOMEM... 2015, *on-line*), processo que, se encorajar a vítima a ir adiante, é um passo importante para a quebra deste ciclo. A matéria encerra, dizendo que ele foi detido, mas “liberado após pagamento da fiança no valor de dois salários-mínimos” (EM MS, HOMEM..., 2015, *on-line*). Tal induto, mesmo sendo previsto por lei, pode levar o agressor a ferir novamente a vítima, como, de fato, muitas vezes, acontece porque o “preço” que paga para sair da prisão, além de não o recuperar do estado de agressor, é ínfimo comparado às marcas que deixa. Sobre esta questão, abordamos no Capítulo 8, com o Título de “Ausência do Estado”.

Casos assim se repetem sucessivamente. Em 2014, segundo o G1 publicou, “Homem é preso ao tentar agredir esposa com faca em João Pessoa”, na Fig. 34.

Figura 34 - Homem é preso ao tentar agredir esposa com faca em João Pessoa

MENU G1 PARAÍBA TV CABO BRANCO TV PARAÍBA

05/08/2014 15h24 - Atualizado em 05/08/2014 15h25

Homem é preso ao tentar agredir esposa com faca em João Pessoa

Mulher conseguiu chamar a polícia enquanto ainda estava sendo ameaçada. Vítima já havia sido agredida outras vezes, mas nunca denunciou.

Do G1 PB

FACEBOOK

Um homem foi detido no início da tarde desta terça-feira (5), após ameaçar a companheira com uma faca, na residência do casal, no bairro do Rangel, em João Pessoa. Segundo informações obtidas na Delegacia da Mulher, na capital, a vítima conseguiu ligar para a polícia e evitar a agressão física.

Durante depoimento, a mulher revelou que já havia sido agredida outras vezes, mas que nunca denunciou o companheiro com medo que ele fosse preso, segundo informou a polícia. O acusado foi autuado pela Lei Maria da Penha, aplicada nos casos de violência contra a mulher. Ele será levado para a Central de Polícia e posteriormente para o Presídio do Róger, na capital, conforme declarou a polícia.

Fonte: Homem... (2014d). Disponível em: https://g1.globo.com/pb/paraiba/noticia/2014/08/homem-e-preso-ao-tentar-agredir-esposa-com-faca-em-joao-pessoa.html. Acesso em: 10 maio 2022.

Segundo as descrições, a mulher conseguiu telefonar para a polícia e, no depoimento, “revelou que já havia sido agredida outras vezes, mas nunca denunciou o companheiro com medo de que ele fosse preso” (HOMEM..., 2014d, *on-line*). No *lead* e na linha fina da matéria, este pensamento é reverberado em “ela já havia sido agredida outras vezes, mas nunca denunciou” (HOMEM..., 2014d, *on-line*), reforçando o modelo de sujeito “conformada”.

Há de se pensar se este discurso não tem como pano de fundo a noção de Pereira *et. al.* (2013) de que “o silencio frente aos maus-tratos está apoiado nos sentimentos de família idealizada internalizada” (PEREIRA *et. al.*, 2013, p. 9) que, embora não justifique, faz a mulher permanecer em uma relação abusiva, em alguns pontos: (i) por dependência; (ii) para não perder o homem que “ama”; e (iii) para preservação da família, que é fundada no estilo patriarcal abusivo (LERNER, 2019; JABLONKA, 2021).

Em outro registro de violência, o ministro Luiz Fux “autoriza inquérito para apurar se deputado Pedro Paulo agrediu mulher” (OLIVEIRA, 2016), na Fig. 35.

Figura 35 - Fux autoriza inquérito para apurar se deputado Pedro Paulo agrediu mulher

MENU G1 RIO DE JANEIRO

25/02/2016 17h03 - Atualizado em 25/02/2016 19h19

Fux autoriza inquérito para apurar se deputado Pedro Paulo agrediu mulher

Ministro do STF determinou que Polícia Federal faça oitivas em 30 dias.
Após coleta de provas, PGR decidirá se faz denúncia ou se arquiva caso.

Mariana Oliveira
Do G1, em Brasília

FACEBOOK

Deputado licenciado, secretário do Rio Pedro Paulo (Foto: Reprodução/TV Globo)

O ministro Luiz Fux, do **Supremo Tribunal Federal**, autorizou a abertura de inquérito para investigar se o secretário executivo da Prefeitura do Rio de Janeiro, Pedro Paulo Carvalho Teixeira, praticou o crime de lesão corporal contra a ex-mulher.

No fim do ano passado, a imprensa divulgou que Pedro Paulo foi acusado de agredir a ex-mulher em 2009 na frente da filha de dois anos. O **pedido de investigação** foi feito pelo procurador-geral da República, Rodrigo Janot, que requereu a coleta do depoimento da ex-mulher dele, Alexandra Teixeira, para que ela esclareça "as sucessivas alterações na sua versão do ocorrido, esclarecendo o que efetivamente ocorreu".

Janot também pediu para ouvir a babá da filha Ana Paula Bernades, que teria testemunhado a agressão. E requereu que o autor do laudo do exame do corpo de delito sobre a agressão contra a mulher seja ouvido. Fux autorizou a coleta dos depoimentos e determinou que a **Polícia Federal** faça as oitivas em 30 dias.

O caso está no Supremo porque Pedro Paulo Carvalho Teixeira é deputado federal licenciado e, por isso, tem foro privilegiado. Em nota por meio da assessoria de imprensa, Pedro Paulo rinformou que está à disposição da Procuradoria Geral da República e do Superior Tribunal Federal para prestar todos os esclarecimentos e colaborar com o inquérito.

saiba mais

PGR pede ao Supremo investigação de Pedro Paulo por lesão corporal

Pedro Paulo diz agora em defesa que reagiu a agressões da ex-mulher

Pedro Paulo agrediu a ex mais de uma vez, indica boletim de ocorrência

Ministério Público do Rio encaminha inquérito de Pedro Paulo à PGR

Depois da fase de coleta de provas, o procurador-geral vai decidir se denuncia o secretário por crime de lesão corporal ou se arquiva o caso. Se denunciar, o Supremo terá que decidir se transforma ou não o parlamentar licenciado em réu.

Pedido de investigação

No documento no qual requereu a instauração do inquérito, Janot diz que Alexandra Teixeira, em 6 de fevereiro de 2010, às 23h54, registrou boletim de ocorrência contra Pedro Paulo afirmando teria sido agredido na tarde daquele dia a "socos e chutes".

Em 3 de novembro do ano passado, segundo Janot, a mulher requereu a retirada da acusação. Ela disse que tomou conhecimento de uma relação extraconjugal e o agrediu, lançando objetos em sua direção. Os ferimentos por ela sofridos teriam porque ele tentou contê-la.

O procurador-geral lembrou que o plenário do Supremo já decidiu que, em relação à Lei Maria da Penha, se houve a agressão, mesmo que a mulher retire a queixa, o Ministério Público pode continuar com o caso.

Janot juntou ao processo o laudo do exame de corpo de delito feito pela Polícia Científica do Rio de Janeiro.

Fonte: Oliveira (2016). Disponível em: https://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2016/02/fux-autoriza-inquerito-contra-pedro-paulo-e-manda-coletar-depoimentos.html. Acesso em: 4 abr. 2022.

O uso do “se” no título cria um efeito de sentido de proteção em relação ao agressor. A notícia enfatiza que “o pedido de investigação foi feito pelo procurador-geral da República, Rodrigo Janot, [...] e requereu a coleta do depoimento” da vítima. Enunciado principal e foto parecem dar “voz” ao ofensor que, neste simulacro, faz uso de um microfone, como se tivesse a palavra. No entanto, ao longo da matéria, trata insistentemente de pedido de uma explicação por parte da mulher. Janot pede que “ela esclareça as sucessivas alterações na sua versão do ocorrido, esclarecendo o que efetivamente ocorreu” (OLIVEIRA, 2016, *on-line*). Em um dos últimos parágrafos, o texto insiste “segundo Janot, a mulher requereu a retirada da acusação. Ela disse que tomou conhecimento de uma relação extraconjugal e o agrediu (marido), lançando objetos em sua direção” (OLIVEIRA, 2016, *on-line*). E, de acordo com a descrição, “os ferimentos por ela sofridos apareceram porque o marido tentou contê-la quando ela o atacou” (OLIVEIRA, 2016, *on-line*). Neste registro, parece ocorrer uma tentativa de inversão: (i) primeiro tornando a vítima o centro da narrativa, porém, com uma conotação mais disfórica para ela do que para o homem; (ii) de agredida, ela passa ao “banco dos réus” (Saffioti, 1987, p. 80); (iii) o marido aparenta ficar preservado. Diante destes achados, a pergunta que fica é: o que encorajou a mulher a “retirar a denúncia”? Pelas análises, aparenta este ser um daqueles casos da mulher que, por tantas vezes ter ficado calada, se torna cúmplice ou conivente com a violência contra ela própria, já que foi dito reiteradas vezes que ela “retirou a denúncia”, como se dissesse, ainda, “perdeu a coragem”, o que representa um descrédito a ela. Obviamente, por esta ser uma análise do discurso implícito, o texto não diz por que ela “retirou a acusação”. Por isso, pela leitura de todos esses elementos oferecidos na notícia, pode se pensar em uma manipulação por

“intimidação”, em que ela é “obrigada”, quem sabe, a “retirar a denúncia” e, por outro lado, pressionada a prestar esclarecimentos, ficando sujeita, não somente às agressões que sofreu do ex-marido, mas por outro lado, às da Justiça (FIORIN, 2016, p. 30; OLIVEIRA, 2016). Faz parte do entendimento que, a mulher que tenta sair desse ciclo, “perde a proteção” do sistema patriarcal (JABLONKA, 2021, p. 76).

De novo, trata-se de uma reportagem sensacionalista que tira o foco do homem e passa toda carga negativa para a vítima. Sobretudo, demonstra o desenrolar do que Fiorin (2017) analisou no artigo “Uma teoria da enunciação: Benveniste e Greimas”, significando a falta de aceitação da sociedade (representados no discurso pelo meio de comunicação, pelo homem, pela Justiça) em relação àqueles que “fogem à norma” (FIORIN, 2017, p. 974). “[...] se discursiviza a impotência dos indivíduos diante das convenções sociais e se estabelece uma tipologia dos sujeitos” (FIORIN, 2017, p. 975), o que, talvez, explique a “conformação e cumplicidade”, evitando ainda mais constrangimentos, descrença e revitimização.

Deste modo, podemos criar até um novo sentido para este tópico chamado de “submissão involuntária”. Significa que a mulher está submissa ou conformada quando o texto insiste em dizer que ela fez e retirou a queixa inúmeras vezes e depois, foi obrigada pela Justiça a esclarecer os fatos. Além de passar a impressão de conivência, por parte deste sujeito, o discurso reforça a ideia, tão presente na sociedade, de que ela é uma pessoa confusa, “desequilibrada”, que não sabe o que quer, sendo essa também uma forma bem comum de desacreditar a vítima. Nas palavras de Demuru e Garcia (2020), trata-se da narrativa de “decompetencialização” da mulher, tornando-a “inadequada [...] justamente pelo fato de ser ‘mulher’” (DEMURU, GARCIA, 2020, p. 97), estando ligada a uma questão e construção de gênero.

Em outra notícia sobre tais caraterizações referentes à mulher que sofre violência, observa-se, já no título, um tipo de efeito comum nestas formas de vida, ou, um “tratado de submissão”, quando é mencionado que “justiça solta suspeito [...] após pedido da vítima” (JUSTIÇA, 2013), na Fig. 36.

Figura 36 - Justiça da Paraíba solta suspeito de agredir esposa após pedido da vítima

MENU G1 PARAÍBA

09/10/2013 12h15 - Atualizado em 09/10/2013 12h15

Justiça da Paraíba solta suspeito de agredir esposa após pedido da vítima

Câmara Criminal do TJ concedeu habeas corpus para suspeito.
Para desembargador, pedido movido por vítima fragiliza argumento da prisão.

Do G1 PB

FACEBOOK

A Câmara Criminal do Tribunal de Justiça da **Paraíba** concedeu liberdade a um homem que havia sido preso por suspeita de agressão contra a esposa. A decisão foi tomada na terça-feira (8) e atendeu a um habeas corpus movido pela própria vítima do crime. O relator do caso, desembargador João Benedito da Silva, considerou fundamental para soltar o suspeito o fato da mulher de ter feito o pedido.

O crime aconteceu no dia 2 de agosto deste ano. O homem teria chegado embriagado em casa e em seguida iniciado uma discussão com a esposa e com um dos filhos do casal, chegando a ameaçá-los com uma faca. A polícia foi acionada e efetuou a prisão em flagrante do suspeito, que foi convertida em preventiva por juiz de Direito da Vara de Violência Doméstica e Familiar da Comarca de **João Pessoa**.

Segundo o relato da vítima no processo, o suspeito é trabalhador, pai de oito filhos e responsável pelo sustento da casa. Ela afirmou ainda que ele "não é uma pessoa agressiva" quando está sóbrio, mas muda de atitude quando está sob efeito de álcool.

saiba mais

MPF entra na Justiça da PB para cobrar distribuição de medicamentos

CNJ determina que TJ da Paraíba nomeie aprovados em concurso

Ao analisar o processo e ao optar pela concessão parcial do habeas corpus, o desembargador João Benedito recorreu à aplicação de medidas cautelares diversas da prisão, como forma mais adequada ao caso em questão.

"Sobreleva considerar, também, a curiosa circunstância de que a própria vítima, cônjuge do paciente, foi quem manejou o presente habeas corpus, fragilizando o argumento, utilizado como principal fundamento para a decretação da prisão preventiva, de que ele representaria perigo para a ofendida e sua família", afirmou o relator. Os demais membros da Câmara Criminal acompanharam o entendimento de João Benedito.

A decisão concedeu o habeas corpus de forma parcial, pois o suspeito fica impedido de ingerir bebidas alcoólicas e frequentar bares, tem que estar em sua residência nos dias úteis das 19h às 5h e tem que se apresentar à Justiça todo último dia de cada mês.

Fonte: Justiça... (2013). Disponível em: https://g1.globo.com/pb/paraiba/noticia/2013/10/justica-da-paraiba-solta-suspeito-de-agredir-esposa-apos-pedido-da-vitima.html. Acesso em: 12 abr. 2022.

O destaque no texto é para o seguinte parágrafo: "Segundo o relato da vítima no processo, o suspeito é trabalhador, pai de oito filhos e responsável pelo sustento da casa" (JUSTIÇA..., 2013, *on-line*). Ela afirmou ainda que ele "não é uma pessoa agressiva quando está sóbrio, mas muda de atitude quando está sob efeito de álcool" (JUSTIÇA..., 2013, *on-line*). Percebe-se, nestas declarações, uma poetização com aspecto de inocentação do agressor em detrimento da vítima, próprias do jornalismo sensacional (TEIXEIRA, 2011; MORAES, 2022).

Falando de “tratados” que se assumem ao longo do discurso e destas práticas de vida, e seus efeitos, este e outros tipos de violência, como o assédio estudado por Baggio (2021), estão na esfera daquilo que “fixa valor” e não pode jamais ser visto como “inocente”, conforme sinaliza o semioticista Eric Landowski, em “Presenças do Outro”, ao estabelecer as categorias da “segregação”, “assimilação”, “exclusão” e “admissão” (LANDOWSKI, 2012, p. 15). Segundo Landowski (2012), cada um desses “metatermos” está manifesto na obra ou mesmo, diríamos, segue implícito nos “discursos sociais [...] que fixam seu valor” e, assim sendo, não se pode “abstrair totalmente as cargas semânticas que disso resultam” (LANDOWSKI, 2012, p. 15).

Entre acordos e desacordos provenientes deste tipo de semantismo e a relação entre sujeitos (destinador e destinatário, enunciador e enunciatário), retomamos os princípios do “contrato semiótico”, que Baggio (2021) traz para sua análise e que Greimas (2014) entende como “contrato de veridicção”. Teoricamente, segundo Greimas (2014, p. 117), “provêm de um acordo implícito entre os dois actantes” em cada processo.

Este conceito serve à análise das circunstâncias que envolvem agressões, sejam elas por assédio ou outra forma de violência, como a física, que optamos por abordar. Mas, como o termo “acordo implícito”, de Greimas (2014), cabe nestes casos? Observando os depoimentos que Baggio (2021) analisou referente às mulheres assediadas, qual dos testemunhos (vítima e agressor) atua com maior força levando à comprovação de culpa ou inocência? As falas diziam respeito às roupas usadas no dia do crime, aos comportamentos, à forma de pensamento do violentador e do policial que atendeu a ocorrência.

Baggio (2021) faz a representação do “contrato semiótico ou de veridicção” em um quadrado semiótico que ela intitula de contrato de culpabilização: aceitar, despistar, recusar, questionar – ou ignorar? Os exemplos que ela traz dos depoimentos colhidos no Mapa “Chega de Fiu Fiu” e analisados apontam para algumas representações visuais, a saber: aceitação do contrato, “eu estava decente, não merecia o assédio”; recusa do contrato, “a culpa pelo assédio não é minha”; despista o contrato, “roupas causam o assédio, mas uso mesmo assim”; e, por último, o questionamento do contrato, “roupas causam assédio, mas acho um absurdo” (BAGGIO, 2021, p. 83).

No nosso caso e no *corpus*, o destaque no texto Justiça... (2013, *on-line*) é para o seguinte parágrafo “Segundo o relato da vítima no processo, o suspeito é trabalhador, pai de oito filhos e responsável pelo sustento da casa”. E que ela afirmou ainda que ele “não é uma pessoa agressiva quando está sóbrio, mas muda de atitude quando está sob efeito de álcool” (JUSTIÇA...., 2013), o que representa, na prática, uma espécie de contrato entre vítima e agressor. Tais relações analisadas pelo viés semiótico combinam ainda com a ideia da mulher “conformada” e codependente abordada por Saffioti (2011, p. 84).

Haja vista o sujeito assediador/agressor não pensar que está incorrendo em uma transgressão porque, para ele, no geral, esse tipo de atitude não é passível de avaliação, já que faz parte de uma visão naturalizada do “senso comum” ou “mundo natural”, tratando-

se de uma posição que ganha eco e é abraçada por uma parcela da sociedade, incluindo homens e mulheres (GREIMAS; COURTÉS, 2008, p. 324; SAFIOTTI; ALMEIDA, 1995). Nestes momentos em que os papéis se invertem, e a responsabilização vai para a conta da vítima e não de fato, para quem deve; assim, sucessivamente, o fenômeno ocorre em outros casos, incluindo a violência física, porque, como ouviu Saffioti (1987), em suas pesquisas de campo, "mulher gosta de apanhar" ou "tapinha", "pancada de amor não dói" (SAFFIOTI, 1987, p. 80; VALENÇA; MELLO, 2020).

Estes costumes estão previstos no sistema patriarcal em que a mulher é vista como inferior, ou uma espécie de "propriedade", da qual o homem pode fazer com ela o que bem entender, conforme argumentou a coordenadora e responsável pelas Delegacias de Proteção à Criança, ao Adolescente, à Mulher e ao Idoso, a delegada Patrícia Maria Zimmermann D'Ávila. "Já ouvi de pais que tinham mantido relações sexuais com as filhas, 'porque eram deles' e faziam com elas o que quisessem" (CINCO MULHERES..., 2016).

A autora de "A criação do patriarcado: história da opressão das mulheres pelos homens", Gerda Lerner, citou exemplos de culturas, como, na China, em que "[...] mulheres continuaram sendo estranhas marginalizadas em relação ao grupo de seus parentes. Enquanto os homens "faziam parte" de uma família ou linhagem, as mulheres "pertenciam a homens que adquirissem direitos sobre elas" (LERNER, 2019, p. 148). No país asiático, este costume é mais conhecido, ou, explícito, do que em outros lugares que, simbolicamente, consumam tal prática dentro da ideia de pertencimento. A conduta se presentifica no discurso e no ato. Outra forma de "pertencimento" atribuído pela linguagem é o uso do pronome "sua", "próprio", que leva a este pensamento, como o da jovem agredida pelo "próprio pai" (Tópico Refém). Esse conceito é trabalhado no Capítulo 9.

No entanto, nada disso é ou pode ser visto como "inocente", como diz Landowski (2012, p. 15) e, muito menos, justificável. Salvo determinadas exceções, em que a mulher se fecha para o problema, sendo o sujeito que se cala ou omite estes acontecimentos, conforme destacou Lerner (2019, p. 26), "consentindo" com o contrato, não existe nenhuma possibilidade de compreensão lógica sobre a legitimação destes processos (BAGGIO, 2021).

As descrições, segundo Baggio (2021, p. 74), "possibilitam apreender aspectos da discursivização e da narrativização do assédio a partir da visão de seus sujeitos, e é o que se faz neste artigo: justificar e puxar para o problema da violência doméstica". A proposta da análise visa a mostrar estratégias usadas pelas enunciadoras, no caso, as mulheres, "para se resguardarem de uma possível revitimização: a culpabilização da própria vítima pela violência perpetrada contra ela, algo bastante frequente nos casos de violência contra a mulher" (FARIA; CASTRO, 2014 apud BAGGIO, 2021, p. 74).

6.2 REFÉM

Uma das formas de violência que se inscreve na tipologia da “violência psicológica”, de acordo com a Lei Maria da Penha (BRASIL, 2006; WALKINS, 1979), e é bastante reiterada nos textos do G1, é a de “refém”. Este tipo de violência, geralmente, vem acompanhada de agressão física, incluindo, por exemplo, as “torturas” e os maus tratos físicos (BRASIL, 2006; WALKINS, 1979). Encontramos, no *corpus*, 60 casos, que, se somados ao grupo identificado como “violência psicológica”, que fazem alusão a esse tópico, chegam a 68. Outro termo bastante usado e que se pode associar ao “refém” é “cárcere”. Este último verbete é o espaço físico onde, literalmente, a vítima é aprisionada, geralmente dentro da própria casa, e que aparece em 118 notícias selecionadas para compor o *corpus*.

“Refém”, de acordo com o dicionário significa, “Em situações extremas, aquele que fica, contra sua vontade, em poder de outrem, como garantia de que alguma coisa será feita” (HOUAISS; VILLAR, 2009, p. 1630), tendo cerceada sua liberdade, convergindo com o sentido aqui trabalhado. Segundo explicamos no Capítulo 2 do livro sobre as categorias de análise, o termo foi enunciado nas notícias de maneira “constante”, integrando as ocorrências que, no quadrado semiótico proposto em relação ao nosso objeto de estudo, compõem o eixo “contínuo”, constituindo a *deixis* positiva na posição dos eixos dos “contrários” (GREIMAS; COURTÉS, 2008, p. 400-4; CLEMENTE, 2015, p. 147).

No geral, esse tipo de violência vem acompanhado de outra, a física, como neste registro “Homem atira em mulher após mantê-la refém dentro de casa, em BH” (HOMEM..., 2011b), na Fig. 37. O texto pode representar uma metáfora que, implicitamente, significa que a mulher é refém nesses casos específicos de violência e, que, por outro lado, manifesta a ideia de vítima que não consegue se libertar desta condição. É alguém que segue prisioneiro em um sistema de dominação.

Figura 37 - Homem atira em mulher após mantê-la refém dentro de casa, e BH e Mulher mantida em cárcere privado por quase quatro dias é liberada

MENU G1 MINAS GERAIS

02/02/2011 09h08 - Atualizado em 02/02/2011 09h21

Homem atira em mulher após mantê-la refém dentro de casa, em BH

De acordo com as primeiras informações, vítima foi ferida na orelha. Casal estaria separado, segundo vizinhos.

Do G1 MG

Um homem foi preso na manhã desta quarta-feira (2), em Belo Horizonte, depois de manter a mulher refém dentro de casa e tentar matá-la, de acordo com a Polícia Militar. O crime aconteceu no bairro Lajedo, na região Norte da capital. O casal, segundo relato de vizinhos, estaria separado há pelo menos um mês.

De acordo com as primeiras informações da Polícia Militar, a mulher foi baleada na orelha. Depois de atirar, o homem teria se trancado em um cômodo da casa e a vítima pode ser socorrida. Ela foi encaminhada para o Hospital Risoleta Tolentino Neves, na região de Venda Nova. O Grupo de Ações Táticas Especiais (Gate) foi chamado e, após negociação, o homem se entregou.

MENU G1 SANTA CATARINA

29/01/2013 11h03 - Atualizado em 29/01/2013 11h03

Mulher mantida em cárcere privado por quase quatro dias é libertada

Marido a manteve presa entre a noite de quinta e a manhã de segunda (28). Segundo delegada, vítima sofria agressões frequentes há quatro anos.

Janara Nicoletti
Do G1 SC

Uma mulher de 19 anos de idade foi mantida em cárcere privado pelo marido durante por quase quatro dias, em Blumenau. Segundo a Polícia Civil, ela foi libertada na manhã desta segunda-feira (28), depois que um policial militar denunciou o caso ao tomar conhecimento da situação. O agressor, de 29 anos, não chegou a ser preso e deve ser ouvido pela polícia ainda nesta semana. A vítima e os dois filhos do casal estão em um abrigo municipal.

Nesta terça-feira (29), a jovem deve prestar novo depoimento. Segundo a delegada que comanda as investigações, quando a polícia chegou ao local, a mulher já estava com as chaves de casa e podia entrar e sair livremente. "Ela não estava trancada quando a encontramos, mas toda a situação confirmava o cárcere", salienta a responsável pelo caso, Juliana Cintia de Souza Tridapalli.

A mulher contou para a polícia que estava separada do marido e morava com a mãe. Quinta-feira (24) à noite, eles se encontraram em uma festa e o homem a levou a força até o carro. Depois parou em um terreno baldio no bairro Escola Agrícola e a violentou. Ele fez o mesmo em outro local, no bairro Encano, em Indaial. Em seguida, buscou os dois filhos do casal que estavam na casa da avó materna e os levou para a casa da mãe dele. Lá, manteve a família sem poder sair. Eles voltaram para a residência do casal, onde a mulher continuou trancada dentro de casa até domingo (27), segundo a delegada.

De acordo com os depoimentos ouvidos até esta terça de manhã, a mulher era agredida frequentemente pelo marido. "De janeiro para cá, ela fugia com os filhos e, dois, três dias depois, ele os buscava na casa da mãe dela. Mas as agressões começaram muito antes, quando ela estava grávida do primeiro filho, aos 15, 16 anos", explica a delegada.

O casal vive juntos há quatro anos. Conforme a delegada responsável pelas investigações, em 2012, a mulher chegou a denunciar as agressões, mas sempre retirava as queixas. "Nós a chamávamos para prestar depoimento e ela negava os fatos", comenta Juliana.

Para ler mais notícias do G1 Santa Catarina, clique em g1.com.br/sc. Siga também o G1 SC no Twitter e por RSS.

Fonte: Homem... (2011b), à esquerda. Disponível em: https://g1.globo.com/minas-gerais/noticia/2011/02/home-atira-em-mulher-apos-mante-la-refem-dentro-de-casa-em-bh.html. Acesso em: 10 maio 2022.

Fonte: Nicoletti (2013), à direita. Disponível em: https://g1.globo.com/sc/santa-catarina/noticia/2013/01/mulher-mantida-em-carcere-privado-por-quase-quatro-dias-e-libertada.html. Acesso em: 5 abr. 2022.

Outra notícia diz que "Uma mulher de 19 anos de idade foi mantida em cárcere privado pelo marido [...] por quase quatro dias, em Blumenau" (NICOLETTI, 2013). O texto menciona ainda que "a mulher era agredida frequentemente pelo marido [...] chegou a denunciar as agressões, mas sempre retirava as queixas. Nós a chamávamos para prestar depoimento e ela negava os fatos" (NICOLETTI, 2013, *on-line*), podendo se dizer, também, que tal frase passa a ideia de conivência. Além de mostrar um conformismo, nos parece uma das fases do ciclo da violência, a terceira em que a "a mulher se sente confusa e pressionada a manter o seu relacionamento diante da sociedade, sobretudo quando o casal tem filhos", como nesse caso. Em outras palavras: "ela abre mão de seus direitos e recursos", acreditando em uma mudança da parte dele (WALKINS, 1979; INSTITUTO MARIA DA PENHA, 2018). A partir deste ponto, se fortalece o "vínculo entre os parceiros" ou a confirmação do "contrato" (GREIMAS, 2014, p. 117), que convence a vítima a seguir no relacionamento (WALKER, 1979, p. 2). Adiante, veremos alguns casos nas análises da linguagem verbal e imagética.

Um dos elementos mais recorrentes encontrados nas notícias são portões com grades, que transmitem a ideia de "prisão", que pode ser associada ao "cárcere", como empregado em alguns enunciados. Representam não somente um lugar físico em que a

mulher está trancada, mas um encarceramento de ideias, de liberdade, como dizíamos anteriormente, até que ela crie coragem para encontrar uma saída para o problema. Parece com aquele caso em que o marido bate na esposa que estava trabalhando no mercado no intuito de mantê-la presa, submissa ou dependente dele (EM MS, HOMEM..., 2015).

Encontramos com frequência outras informações que literal e conotativamente fortalecem ainda mais este discurso. Na matéria “Homem é preso suspeito de manter mulher refém por três horas em BH” (HOMEM..., 2012a), no último parágrafo, menciona “homem estava insatisfeito com o fim do relacionamento”, na Fig. 38.

Figura 38 - Homem é preso suspeito de manter mulher refém por três horas em BH

MENU G1 MINAS GERAIS MINAS

02/02/2012 19h51 - Atualizado em 02/02/2012 19h51

Homem é preso suspeito de manter mulher refém por três horas em BH

Segundo PM, mulher era ameaçada com uma faca.
Após resgate, ela foi levada ao hospital em estado de choque.

Do G1 MG

FACEBOOK

saiba mais

Três são presos suspeitos de manter família refém e assaltar casa em BH

Assaltantes levam R$ 22 mil de agência dos Correios em Moema, MG

Polícia prende suspeito de queimar ônibus em 2011, em Belo Horizonte

Um homem foi preso, nesta quinta-feira (2), suspeito de manter a companheira refém por aproximadamente três horas no bairro Letícia, na Região de Venda Nova, em **Belo Horizonte**. De acordo com a Polícia Militar (PM), ele ameaçava a mulher com uma faca. Os policiais do Grupo de Ações Táticas Especiais (Gate) foram ao local e negociaram a liberdade da vítima.

Ainda segundo informações da polícia, o homem estava insatisfeito com o fim do relacionamento. Depois do resgate, a mulher foi levada ao hospital em estado de choque. O suspeito foi encaminhado para a Delegacia Especializada de Crimes Contra a Mulher em Belo Horizonte.

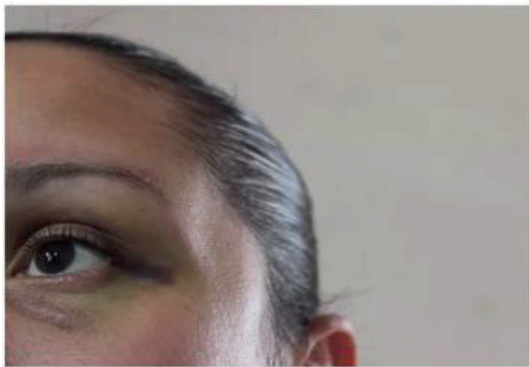
Fonte: Homem... (2012a). Disponível em: https://g1.globo.com/minas-gerais/noticia/2012/02/homem-e-preso-suspeito-de-manter-mulher-refem-por-tres-horas-em-bh.html. Acesso em: 5 abr. 2022.

“Depois do resgate, ela foi levada ao hospital em estado de choque” (HOMEM..., 2012a, *on-line*). O que nos faz entender que, após ter tentado colocar um ponto final na relação, ele a “prendeu” dentro de casa, buscando, quem sabe, uma forma de impedi-la de sair da relação também. Pesquisas como esta denominada “Maioria dos feminicídios são cometidos por companheiros ou ex que não aceitam o fim do relacionamento e acontecem na casa da vítima”, feita pela Coordenaria Estadual da Mulher em Situação de Violência Doméstica e Familiar, do Tribunal de Justiça do Rio Grande do Sul (MAIORIA..., 2022) apontam que o “fim do relacionamento” ainda é uma das maiores “causas” da violência contra a mulher justamente porque o agressor não aceita ou não respeita a escolha dela, de pôr um fim na relação.

O levantamento feito no *corpus* do trabalho em questão confirma esse índice e informação, com 127 apontamentos específicos nas notícias para “fim de relacionamento” como motivação dos crimes. Se incluirmos ao termo “inconformado”, que aparece 63 vezes no texto, e “não aceitava”, 38 vezes, que estão associados e apenas em uma forma diferente de descrever a mesma coisa, temos 228 registros.

Na próxima notícia, com o título “‘Ele já me deixou sem roupa na rua’, diz mulher agredida em praça pelo ex” (‘ELE..., 2016), figura e texto trazem a noção de que, muitas vezes, é a vítima que vive em uma “prisão” ao invés do agressor. Nesta notícia, a mulher prefere não ter sua identidade revelada (o nome não é colocado no texto), mas parte do seu rosto machucado é divulgado na reportagem, como vemos na foto abaixo, na Fig. 39.

Figura 39 - ‘Ele já me deixou sem roupa na rua’, diz mulher agredida em praça pelo ex

MENU G1 PIAUÍ TV CLUBE

'Ele já me deixou sem roupa na rua', diz mulher agredida em praça pelo ex

Vítima relatou que já foi agredida diversas vezes pelo ex-companheiro. Agressor também já invadiu a casa onde ela mora com os pais em Teresina.

Mulher agredida denunciou medo para a polícia (Foto: Gustavo Almeida/G1)

A mulher que foi agredida com tapas e socos pelo ex-namorado em plena luz do dia em uma praça perto do Tribunal de Contas do Estado (TCE-PI) recebeu a reportagem do **G1** em sua casa, na Zona Sul de Teresina, na manhã desta sexta-feira (13). A agressão que ela sofreu ganhou repercussão após ser **flagrada pela equipe do Bom Dia Piauí na última segunda-feira (9)**

A vítima relatou os momentos da agressão e disse que o ex-companheiro é acostumado a espancá-la e ameaçá-la sempre que está sob o efeito de bebida alcoólica.

Vítima relata agressões e o medo de continuar sendo violentada (Foto: Gustavo Almeida/G1)

Segundo ela, que não quis ter a identidade revelada, o agressor já chegou a rasgar suas roupas algumas vezes e deixá-la totalmente nua no meio da rua.

"Já me deixou nua no meio da rua na frente de todo mundo e tudo por ciúmes. Ninguém pode falar comigo e nem posso atender ao telefone porque ele acha ruim. Fiquei com ele porque era ameaçada, mas agora espero que ele seja preso. No dia que filmaram ele me batendo, eu levei uma pancada tão forte que fiquei sem ar. Ele queria que subisse na moto", contou.

A mulher de 28 anos namorou o agressor durante um ano e chegou a morar com ele por um mês, mas voltou para a casa dos pais porque não aguentava mais tanta violência. Disse que não formulou a denúncia das outras vezes porque era ameaçada.

Em duas ocasiões, ainda ligou para a polícia após ser agredida, mas somente desta vez decidiu denunciar na Delegacia de Proteção à Mulher em **Teresina**

"Dessa vez eu fiz o Boletim de Ocorrência e o exame de corpo de delito. Mas estou indignada porque a audiência foi marcada para esta sexta-feira (13) e quando cheguei lá disseram que não teria audiência porque a delegada não estava e nem ele tinha comparecido. A gente já tem receio de denunciar e quando denuncia ainda tem uma coisa constrangedora dessas", desabafou.

A mãe da mulher, de 70 anos, diz que já presenciou várias vezes a filha sendo agredida e conta que o homem invadiu a casa dela algumas vezes ameaçando a família.

Ela afirma que ficou inconformada quando reconheceu a filha sendo espancada pelo homem na reportagem exibida na televisão. A idosa conta que nunca confiou no rapaz e que não aguenta mais ver sofrimento em sua casa, onde moram outros dois idosos.

"Quando eu vi a reportagem meu sangue ferveu nas veias. Posso lhe garantir que se eu fosse homem teria colocado minhas mãos naquele vagabundo naquela hora. Ele está aí andando tranquilo pelas ruas e ainda ameaça minha filha porque ele não presta e não vale nada", desabafou a idosa.

O **G1** procurou a Secretaria de Segurança Pública e foi informado que a delegada responsável pelo caso está afastada por motivos de doença, mas não explicou o motivo de outro delegado não ter assumido o caso.

Com medo do esposo, mulher coloca grade nas portas da casa (Foto: Gustavo Almeida/G1)

Fonte: 'Ele... (2016). Disponível em: https://g1.globo.com/pi/piaui/noticia/2016/05/ele-ja-me-deixou-sem-roupa-na-rua-diz-mulher-agredida-em-praca-pelo-ex.html. Acesso em: 6 abr. 2022

Ela teria declarado "Já me deixou nua no meio da rua na frente de todo mundo e tudo por ciúmes. Ninguém pode falar comigo e nem posso atender ao telefone porque ele acha ruim. Fiquei com ele porque era ameaçada, mas agora espero que ele seja preso" ('ELE..., 2016, *on- line*). Segundo a vítima que sofreu várias agressões, ela "não formulou a denúncia das outras vezes porque era ameaçada" ('ELE..., 2016, *on-line*). Quando criou coragem para denunciar, chegou na delegacia "[...] e disseram que não teria audiência porque a delegada não estava e nem ele tinha comparecido" ('ELE..., 2016, *on-line*).

Destaque-se o número de notícias que, explicita ou implicitamente, a mulher figura como "corajosa" que, no levantamento do *corpus*, foram identificados 26 registros, apontando para a coragem da mulher que, normalmente, veio após algum tempo de agressão sofrida. Votando ao caso do Piauí, em que a agredida foi deixada "nua no meio da rua" ('ELE..., 2016), o texto destaca que nenhum outro profissional assumiu o caso, o que parece transmitir uma falta de vontade de resolver a situação ou que é só mais uma ocorrência. Como o homem está solto diante dos crimes cometidos, ela decidiu colocar

grades, que têm barras arredondadas e mais finas, nas portas do domicílio. Deste modo, entende-se figurativamente que ele está livre e ela, presa dentro de casa. Enquanto ele não responde pelas agressões cometidas, produzindo um efeito de impunidade, a grade, constituída por barras paralelas feitas com material de ferro, traz a sensação de proteção frente a este cenário (que tratamos melhor adiante).

Se analisarmos tal simulacro, utilizando os conceitos de Greimas (1984), a partir da "Semiótica figurativa e plástica", em que o semioticista trabalha com as categorias ou formantes plásticos, sendo eles cromáticas (representando cores escura, clara, verde, azul), tons que vemos na foto, simbolizam passagens e experiências de vida difíceis que, em alguns momentos, remetem à escuridão e, em outros, emanam luz. Observa-se que o ângulo em que a fotografia foi feita mostra o escuro de dentro da residência contrastando com a claridade do ambiente externo da casa; independentemente da posição em que se mostram as grades, tais representações imagéticas apontam para a falta de sensibilidade do destinador (G1) em relação à vítima de violência, uma vez que esta mulher, que já se encontra em um estado de vulnerabilidade, não é deixada em paz. Neste sentido, de modo arbitrário e manipulado, ela tem sua privacidade invadida.

Além desta categoria, Greimas (1984) propõem outra dimensão, chamando-a de eidética (que são as formas: curvo, retilíneo, circular, quadrado), e os traços topológicos (alto vs. baixo, central vs. periférico, esquerda vs. direita), "Tanto as figuras, quanto os formantes plásticos constroem e dão corpo ao sentido da imagem, estabelecendo correlações entre os dois planos da linguagem, neste caso, a verbal e visual" (DEMURU, 2020, p. 211-2). Ainda sobre as "grades", como apresentadas, são em formato vertical, que podem se associar às relações verticais baseadas na interação entre um sujeito superior (de cima) a outro sujeito subordinado (de baixo), visto e tratado de modo inferior (GREIMAS, 1984). Ou seja, tem a ver com a relação de poder e dominação da mulher, que é desigual e hierarquizada pelas regras a serem seguidas. São construções discursivas que fazem parte do cotidiano, inclusive, no modelo da grade, sem que se perceba, assim como muitos processos pautados no sistema patriarcal e seus efeitos perenes, como a violência que ocorre mediante a estas normas, a curto, médio e longo prazo (SAFFIOTI, 1978; 2011; LERNER, 2019; JABLONKA, 2021).

Formante desenvolvido por Oliveira (1992), da mesma linha de Greimas (1984), constitui-se "a partir de matérias, materiais, técnicas e procedimentos que lhe dão uma corporalidade que, quando é apreendida em sua fisicalidade, constitui-se por si mesma uma dimensão distinta das demais, a matérica" (OLIVEIRA, 1992, p. 3) que, no caso, está representada pelo elemento "ferro" da grade, do portão, que é forte, apresentando "dureza, resistência" (HOUAISS; VILLAR, 2009, p. 888). Outro significado que traz o verbete "ferro" no dicionário é "cadeia, prisão, cárcere" (HOUAISS; VILLAR, 2009, p. 888), combinando com todas as descrições ora apresentadas. Ao analisar o sistema semissimbólico de pinturas, no texto "Semiótica Pictória", que pode auxiliar a entender melhor este traço semiótico, Oliveira (2004, p. 120), explica que,

Em síntese, os formantes plásticos são unidades do plano de expressão que, quanto à sua identificação, podem corresponder a uma ou mais unidades do plano do conteúdo. A partir dos formantes e da sua combinação em figuras pode-se produzir um número infinito de ícones (OLIVEIRA, 2004, p. 120).

O componente plástico identificado como o "ferro" integra, em um contexto midiático e das demais categorias (cromática, eidética e topológicas), o nível profundo do plano da expressão, produz efeito de sentido e significado às construções feitas pela mídia (GARCIA, 2020, p. 41).

Seguindo a descrição e análise do *corpus*, percebe-se que, mesmo em menor grau, quando não é o companheiro ou ex que agridem, é o progenitor, como na notícia a seguir: "Jovem aciona a polícia após ser agredida e ameaçada pelo próprio pai" (JOVEM..., 2016b), na Fig. 40.

Figura 40 - Jovem aciona a polícia após ser agredida e ameaçada pelo próprio pai

MENU G1 PRUDENTE E REGIÃO

02/05/2016 11h51 - Atualizado em 02/05/2016 11h51

Jovem aciona a polícia após ser agredida e ameaçada pelo próprio pai

Vítima, de 19 anos, contou que levou socos e puxões de cabelo.
Ocorrência foi no Parque São Judas Tadeu, em Presidente Prudente.

Do G1 Presidente Prudente

FACEBOOK

Polícia requisitou exame de corpo de delito à vítima (Foto: Wellington Roberto/G1)

Uma jovem de 19 anos registrou um Boletim de Ocorrência por ameaça e lesão corporal após informar à Polícia Civil que havia sido agredida por seu próprio pai, por volta das 19h20 deste domingo (1º). O caso foi no Parque São Judas Tadeu, em **Presidente Prudente**.

De acordo com as informações do registro, a vítima afirmou que havia sofrido agressões físicas e sido ameaçada "por seu genitor", que, ainda segundo relato, "estava muito alterado".

Conforme a jovem, o homem, que não teve a idade divulgada, a agrediu com socos e puxões de cabelo e ainda a derrubou no chão. Os motivos que levaram os dois a se desentenderem não foram informados.

A polícia requisitou exame de corpo de delito ao Instituto Médico Legal (IML) para a vítima.

Fonte: Jovem... (2016b). Disponível em: https://g1.globo.com/sp/presidente-prudente-regiao/noticia/2016/05/jovem-aciona-policia-apos-ser-agredida-e-ameacada-pelo-proprio-pai.html. Acesso em: 6 de abr. 2022.

De acordo com os simulacros presentes na matéria, o genitor a “agrediu com socos, puxões de cabelo e ainda a derrubou no chão” (JOVEM..., 2016b, *on-line*). Em “Gênero, Patriarcado e Violência”, Saffioti, (2011, p. 73), aborda,

> A violência praticada por pai e mãe contra a prole pode ser considerada violência de gênero, intrafamiliar e doméstica? Indubitavelmente, sua natureza é familiar. Para quem define a violência doméstica em termos do estabelecimento de um domínio sobre os seres humanos situados no território do patriarca considerado, não resta dúvida de que a hierarquia começa no chefe e termina no mais frágil dos seus filhos, provavelmente filhas (SAFFIOTI, 2011, p. 73).

Neste tópico, Saffioti (2011, p. 73) confirma que a agressão, no ambiente familiar, em que a “hierarquia começa no chefe” e é praticada por ele, ou seja, pelo pai contra o “mais frágil”, provavelmente filhas”, corresponde, portanto, uma violência de gênero. O sincretismo ou fusão entre as linguagens propostas (verbal e imagética) do destinador G1 na reportagem (JOVEM..., 2016b) reforçam a conotação abordada nas análises anteriores. Mas, o destaque é a grade de metal do portão com barras paralelas e transversa parecendo um tanto mais largas do que a primeira foto. O portão fechado, que pode ser associado a uma linha que separa o ambiente externo do interno, remetendo à noção de segurança, faz pensar que: (i) a violência pode trazer como efeito também uma inversão de sentimentos e valores, já que se espera que, dentro de casa, seja o ambiente onde os laços de confiança e proteção se construam, mas, do contrário, em situações como esta, não se consolidam, visto que quem deveria proteger, se torna o risco.

Deste modo, um dos traumas deixados por esta experiência é: como esperar encontrar segurança no mundo lá fora se o perigo ronda até mesmo as paredes do lar? Além da violência física, de fato, temos, neste exemplo, uma violência psicológica, já que certas condições podem ser geradoras de traumas e insegurança; (ii) mesmo sendo desafiador para mulheres que sofrem violência se libertarem dos maridos que as agridem, quão mais difícil é conviver ou se livrar do próprio genitor que comete tais atos? A espessura da barra da grade, no contexto de uma filha agredida pelo pai, pode representar, na prática, esta ideia, da dificuldade em se libertar desta circunstância. Diferentemente da fotografia anterior, o ângulo desta foi feito de fora para dentro. Ora mostram cores mais claras, ora mais escuras, gerando a mescla de tons ou a nebulosidade de sentidos, mas culmina na claridade que aparece no final da parede. Em todas estas análises da mulher como “refém”, tendo as grades como forma representativa de consumação deste ato, trazem a mesma percepção acerca do destinador G1: de querer mostrar, de forma sensacional, o grau de espetacularização da notícia, da violência (PEDROSO, 2001; SERVA, 2001; ARBEX JR, 2004; TEIXEIRA, 2011; OLIVEIRA, 2012; GUIMARÃES, 2014). Sobre estas modalidades do “querer” e “mostrar (ver)”, elas são detalhadas adiante, ainda neste tópico, dentro dos regimes de visibilidade de Landowski (1992).

Mais uma reportagem segue a linha de pensamento construída na categoria "refém". A enunciado "Homem é preso em Olinda depois de fazer mulher e filha de 8 anos reféns" (HOMEM..., 2014e), na Fig. 41.

Figura 41 - Mulher e filha de 8 anos feitas reféns pelo marido/pai

13/09/2014 09h55 - Atualizado em 13/09/2014 10h32

Homem é preso em Olinda depois de fazer mulher e filha de 8 anos reféns

Vítima conta que foi espancada durante uma crise de ciúmes do marido.
Ele foi levado ao Cotel e vai responder por lesão corporal, injúria e ameaça.

Do G1 PE

Caso aconteceu na rua onde o casal vivia há um mês em Ouro Preto, Olinda (Foto: Marcelo Barreto/TV Globo)

Um homem foi preso, na noite de sexta-feira (13), por espancar e fazer reféns a mulher e a filha, de 8 anos, em Ouro Preto, Olinda. Ele tem 44 anos e estaria alcoolizado. O conflito ocorreu na casa onde o casal morava há um mês, na Rua Poeta Avelino Moreira Filho.

O homem foi levado à Delegacia de Casa Caiada, onde prestou depoimento e foi encaminhado ao Centro de Triagem Professor Everardo Luna (Cotel), em Abreu e Lima, Região Metropolitana do Recife. Segundo a polícia, ele deve responder por lesão corporal, domiciliar e familiar, além de injúria e ameaça.

Segundo a vítima, que não quis se identificar, o marido promoveu uma briga com ela por ciúmes. Ele não aceitaria o fato dela trabalhar, em regimes de plantão, como técnica de enfermagem em um hospital do Grande Recife. Ela contou que a discussão começou pela manhã, quando ela chegou do trabalho. Ele havia bebido bastante e começou a insinuar que ela estaria com outro homem. No início da tarde, começaram as agressões físicas. A mulher e a filha gritaram bastante, até que o marido a trancou no quarto, pegou uma faca e fez ameaças de morte.

saiba mais

Homem faz mulher e criança reféns dentro de casa em Olinda

Os dois são casados há nove anos. Há três meses, segundo a esposa, separaram-se, voltando a morar juntos um mês atrás. A vítima contou que os gritos dela e da filha foram suficientes para chamar a atenção da vizinhança, que se aglomerou na frente da casa. Por volta das 17h, ela conseguiu fugir da casa com a filha. Foram à Delegacia da Mulher, mas, o expediente já estava encerrado. Ela ligou para a polícia e registrou uma denúncia.

Polícia precisou ir ao local negociar e homem acabou se entregando (Foto: Marcelo Barreto/TV Globo)

Integrantes do 1º Batalhão de Polícia Militar chegaram à residência, mas o homem se trancou dentro da casa e disse que não ia sair de lá. Começou um trabalho de negociação, até que a polícia pediu o apoio do Centro Integrado de Operações Especiais (CIOE), que isolou um trecho da rua. Os policiais já se preparavam para invadir a casa quando o homem se entregou, às 22h30.

Moradores da rua disseram que o casal morava há pouco tempo na rua e nunca tinham ouvido barulho algum na residência. Muitos disseram ter ficado surpresos com a ação do homem.

Fonte: Homem... (2014e). Disponível em: https://g1.globo.com/pernambuco/noticia/2014/09/homem-e-preso-em-olinda-depois-de-fazer-mulher-e-filha-de-8-anos-refens.html. Acesso em: 7 abr. 2022.

Na matéria, o portão, na Fig. 41, em formato de grade, vai de um extremo ao outro da casa e é constituído por barras finas horizontais divididas em colunas. Como é noite, o predomínio de cor é escuro (preto, que é ausência de luz, tons de cinza, branco do muro e da parede do imóvel), em contraste à claridade de uma lâmpada acesa no centro da casa, destacando uma espécie de cor azul.

Ainda neste caso, a escuridão (que pode simbolizar o medo, solidão) é real, visto que tal experiência ocorre, ao mesmo tempo, com mãe e filha. Segundo as descrições, ambas foram espancadas e feitas reféns pelo agressor que é, respectivamente, marido e pai. No texto, enuncia- se que "ele não aceitaria o fato dela [*sic*] trabalhar, em regimes de plantão, como técnica de enfermagem em um hospital do Grande Recife" e o "ciúme" foi motivador da violência (HOMEM..., 2014e), resgatando a ideia, já abordada, da posse, da "divisão sexual do trabalho" e preservação da ordem patriarcal (JABLONKA, 2021).

O "ciúme" aparece, conforme levantamento feito no *corpus*, em primeiro lugar como motivador da violência, com 178 registros. Além disso, a notícia informa o tempo que os dois são casados, ou seja, nove anos, mas não fala se esta é a primeira vez que ele teria agido assim. Outra questão é "há três meses, [...] separaram-se, voltando a morar juntos um mês atrás" (HOMEM..., 2014e, *on-line*), manifestando, implicitamente e novamente, o estereótipo da mulher "conformada" ou "submissa".

Outra matéria é "Mulher é esfaqueada pelo marido e fica em estado grave em Varginha" (MULHER..., 2014b), na Fig. 42. As agressões iniciaram dentro do carro e terminaram dentro de casa, fechada com portão com grades e barras finas na vertical, além de detalhes representando um "S" ao longo da grade e, na ponta, tem formato de lança na parte superior, podendo salientar esta concepção. O local teve de ser invadido por vizinhos para socorrer a vítima e os dois filhos, um de quatro e outro de nove anos. Em alguns momentos, a notícia chama o homem de agressor e, em outros, de "suspeito", mesmo tendo ouvido testemunhas que relataram o ocorrido. Após receber 15 facadas, ela foi internada e passou por cirurgia e o marido tentou fugir, mas foi espancado pelos moradores próximos sofrendo "uma fratura em um dos braços" (MULHER..., 2014b).

Figura 42 - Mulher esfaqueada fica em estado grave em Varginha

MENU G1 SUL DE MINAS EPTV

01/01/2014 19h38 - Atualizado em 01/01/2014 20h21

Mulher é esfaqueada pelo marido e fica em estado grave em Varginha

Vítima de 29 anos foi socorrida e passou por cirurgia no hospital.
Agressor foi espancado por vizinhos e sofreu uma fratura no braço.

Do G1 Sul de Minas

FACEBOOK

Uma mulher de 29 anos ficou gravemente ferida depois de ter sido esfaqueada pelo marido na tarde desta quarta-feira (1º) no bairro Vila Barcelona, em **Varginha** (MG). Segundo o Corpo de Bombeiros, testemunhas disseram que o homem teria começado a agressão dentro do carro. Ao chegar em casa, o casal continuou a briga.

Ainda de acordo com os bombeiros, vizinhos ouviram gritos de socorro da mulher e tentaram invadir o local para retirar os dois filhos da vítima, de 4 e 9 anos. Uma das crianças sofreu um corte na mão. Marliane Cristina Guimarães sofreu 15 perfurações no corpo e foi socorrida para o Hospital Bom Pastor onde passou por cirurgia.

O agressor chegou a fugir pela rua com a faca em mãos, mas foi impedido e espancado pelos moradores. Ele sofreu uma fratura em um dos braços e também foi socorrido para o Hospital Bom Pastor. O suspeito foi preso depois de receber atendimento médico.

O filho mais novo, que sofreu o corte na mão, foi deixado na casa da avó materna. O outro menino foi entregue a parentes pelo Conselho Tutelar.

Mulher é esfaqueada pelo marido e fica em estado grave em Varginha (Foto: Claudemir Camilo /EPTV)

Fonte: Mulher... (2014b). Disponível em: https://g1.globo.com/mg/sul-de-minas/noticia/2014/01/mulher-e-esfaqueada-pelo-marido-e-fica-em-estado-grave-em-varginha.html. Acesso em: 6 abr. 2022

Todas as representações textuais estão associadas às isotopias temáticas, plásticas e figurativas, que são as repetições de elementos de linguagens, confirmando a análise de Fiorin (2016) de que se "[...] uma figura sozinha não produz sentido, é a relação entre elas que o faz" (FIORIN, 2016, p. 96).

Sob estas abordagens, é pertinente destacar os conceitos propostos por Landowski (1992, p. 86) referentes ao regime da "visibilidade" que estão ligados à "[...] intimidade, privacidade [...] ao segredo" (LANDOWSKI, 1992, p. 86). Dentro deste regimento, o semioticista acrescentou às competências modais (poder, dever, querer, saber). O verbo "ver", que em seu oposto incide no "não ver" ou "não querer ver", combina também com o verbo "mostrar" ou "não mostrar". São dois pontos a serem aqui discutidos acerca destes conceitos propostos por Landowski (1992): (i) o agressor, que tem a construção ou formação ideológica fundada no patriarcado violento, simbolicamente, espera, neste caso, "trancar a mulher", em uma tentativa de "não mostrar", de esconder/encobrir o problema para os outros, para ela e para si mesmo (LANDOWSKI, 1992, p. 90); (ii) já o destinador G1, como destacamos nas demais análises deste tópico, "quer mostrar", embora na maior parte dos casos, e assim, constrói, nessa narrativa, a vítima de modo disfórico (a conformada, a refém). Acionamos outro termo em relação aos pontos detalhados: da privacidade em oposição à visibilidade.

No primeiro caso, lembramos do vínculo estabelecido entre o objeto de estudo e os enunciados sobre "cárcere", por exemplo, que, geralmente, vêm acompanhados do termo "privado", e apontam para uma relação pressuposta à violência doméstica, que ocorre no domínio íntimo, ou seja, dentro de casa. É um lugar que cria, segundo Landowski (1992), um "[...] trajeto culturalmente estereotipado do ator" do "mesmo modo que o espaço das coxias (onde o ator deve, de preferência, não ser visto: espaço privado)" (LANDOWSKI, 1992, p. 91). Na esfera do "segredo", onde "ninguém o vê", investido de suas competências, ele mostra quem é e que tem "poder" diante daquele que considera mais fraco (LANDOWSKI, 1992, p. 90). Neste caso, o "espaço das coxias" é onde os atos violentos ocorrem (LANDOWSKI, 1992, p. 91) e onde o ator se "esconde" ou acha que o que fez pode permanecer em oculto, em "segredo" (LANDOWSKI, 1992, p. 91).

Landowski (1992) faz referência na parte do capítulo sobre as "condições de visibilidade" e "dispositivos de iluminação", que, se nos voltarmos às imagens apresentadas, estabelecem um ponto de convergência em relação a esta análise, já que os ambientes internos ou "privados" apareciam sempre escuros, desprovidos de luz, do lugar de "segredo", como o "espaço das coxias" ou "não lugar" e que, figurativamente, simboliza, ainda, o momento sombrio (tenebroso) vivido pela vítima de violência, representado pelas cromáticas vermelha, roxa e preta (GREIMAS, 1984; LANDOWSKI, 1992, p. 90). Já a mídia estudada, segue atravessando essa intimidade mostrando-as e fazendo-as reviver esta condição. Ou seja, diante de toda esta problemática, esta mulher parece não ter escolha e, a não ser que rompa esse ciclo de violência, ela vive um complexo paradoxo estruturado, ora pelo sistema patriarcal ora pelo discurso midiático.

A violência, segundo May (1981 apud SAFFIOTI; ALMEIDA, 1995, p. 45), "alimenta-se da baixa autoestima e da ausência de segurança da pessoa em si mesma. Também é coerente dizer que "[...] a covardia é companheira inseparável da violência. A insegurança também o é" (SAFFIOTI; ALMEIDA, 1995, p. 89). As sociólogas acrescentam que "[...] a violência assenta na exploração" (SAFFIOTI, ALMEIDA, 1995, p. 45). E, deste modo, mesmo que os sujeitos do conflito não percebam "[...] a sociedade faz com os homens uma barganha: deixem-se explorar e lhes será oferecido o poder frente às mulheres" (SAFFIOTI; ALMEIDA, 1995, p. 45). Para as autoras, "aparentemente, esta transação faz um vitorioso – o homem – e uma vítima – a mulher" (SAFFIOTI; ALMEIDA, 1995, p. 45). Mas, na verdade, como as autoras de "Violência de gênero: poder e impotência" ponderam, "os dois são vítimas" (SAFFIOTI; ALMEIDA, 1995, p. 45).

Com esta deixa de Saffioti e Almeida (1995) de que ambos, homem e mulher, cada um em sua esfera, se tornam vítimas da sociedade, ficando a mulher com o fardo mais pesado que, em determinados casos, pode literalmente lhe custar a vida, seguimos adiante para o capítulo que trata da construção dos simulacros acerca do homem nas notícias do G1.

SIMULACROS DO HOMEM QUE EMERGEM NAS NOTÍCIAS DO G1

No capítulo anterior, trouxemos elementos manifestos no discurso do G1 a respeito da construção da mulher vítima de violência. Neste capítulo, a abordagem será em torno das caracterizações sobre o homem agressor que emergem nos textos do Portal de Notícias.

Na leitura inicial e, depois as análises mais aprofundadas, observamos, primeiramente, nossa mente, por exemplo, a bravura, o destemor e a coragem como atitudes benéficas e admiráveis no ser humano. Nas notícias, embora estes termos ou estereótipos não estejam descritos, eles integram os elementos implícitos que identificamos, mesclando-se a um papel negativo para a parcela da sociedade que se opõe em relação ao indivíduo que pratica a violência contra a mulher. Isso, entretanto, leva-nos a pensar se esse "modo de 'ser-parecer' do homem" não faz parte da construção ou efeito que prevalece dentro de um conjunto de normas (os estereótipos) em que o homem precisa se encaixar em tal padrão a fim de ser visto e aceito como "macho", que é "corajoso", "destemido" e, quem sabe, por isso, gera uma certa confusão entre um significado e outro, cristalizando-se em nosso meio.

Importante dizer, como trabalhamos ao longo dos capítulos, que essa seja uma visão do destinador, segundo aborda Moraes (2022), identificada no contexto das relações violentas, que passa do sistema da língua, conforme diz Demaria (2019, p. 92) para a concretização do ato. Ou, como expressa Fiorin (2017, p. 973), "[...] o discurso é a produção social da linguagem", que pode influenciar e atuar na formação de identidades culturais. Para o linguista ainda,

> a língua [...] não contém um aparelho formal de enunciação, ela é um aparelho formal de enunciação, porque todas as formas convocadas para o estabelecimento do enunciado constroem o sujeito enunciador, estando, portanto, submetidas à ordem da enunciação. Não se quer, com isso, desprezar a singularidade das chamadas categorias da enunciação, mas chamar a atenção para o fato de que todos os elementos da língua estão subordinados ao domínio da enunciação (FIORIN, 2017, p. 982-3).

Então, a língua, como diz Fiorin (2017, p. 982-3), "é um aparelho formal da enunciação" e, sendo assim, "todos os elementos da língua estão subordinados ao domínio da enunciação". Porque, ao se aprofundar na compreensão de Benveniste (1974 apud FIORIN, 2017, p. 971) sobre o assunto, o "[...] que permite a passagem do virtual ao realizado é a enunciação, que é a 'colocação em funcionamento da língua por um ato individual de utilização'". Desta forma, a enunciação torna-se "a instância de mediação entre a língua e o discurso" (FIORIN, 2017, p. 971).

Ao produzir um “ato de fala, o enunciador apropria-se do conhecimento linguístico e, ao fazê-lo, institui-se como “eu”. “Eu” é quem diz “eu”, quem toma a palavra” (FIORIN, 2017, p. 971). Ou seja, assume um discurso, uma prática. “Então, o ato de dizer estabelece um ‘eu’ e, ao mesmo tempo, como esse ‘eu’ fala para alguém, ele constitui simultaneamente um ‘tu’. Esse ‘eu’ fala num determinado espaço, que é o ‘aqui’, o lugar do ‘eu’” (FIORIN, 2017, p. 971). Fiorin explica, ainda, que “a partir desse marco espacial, são estabelecidas todas as diferenças de espaço: por exemplo, em português, aqui, ali, lá, acolá etc. Além de falar num dado espaço, o “eu” fala num certo tempo, o “agora” (FIORIN, 2017, p. 971). E o “agora” é o momento da fala. “Agora” é o momento em que o “eu” toma a palavra (FIORIN, 2017, p. 971-2).

Nestas proposições, após levantar esses conceitos teóricos, passamos à parte analítica do texto tal como proposto pelo meio de comunicação. O primeiro tópico trata do homem que é dotado de “bravura”.

7.1. BRAVURA

Iniciamos este tópico, trazendo o conceito de bravura que, segundo o Dicionário Houaiss, é a “qualidade de ser bravo, coragem, bravor, ato de destemor, de valentia”. Também traz a noção de “ferocidade, selvageria, ímpeto, violência” (HOUAISS, 2009, p. 325). Conforme abordado no Capítulo 2 do livro acerca das categorias de análise, o vocábulo foi enunciado nas notícias de forma “regular”, integrando as ocorrências que, no quadrado semiótico proposto em relação ao nosso objeto de estudo, compõem o eixo “contínuo” na posição dos eixos dos subcontrários ou, no caso, “não descontínuo” (GREIMAS; COURTÉS, 2008, p. 400-4; CLEMENTE, 2015, p. 147). Tal simulacro, para o masculino (estereótipo), está presente na classe denominada: “modo de ‘ser-parecer’ do homem”.

Como tratado no início deste capítulo, a “bravura” deveria ser vista, de acordo com seu sentido literal, como adjetivo “eufórico”. No entanto, trabalhamos este termo como um componente “disfórico”, incorporado ao homem praticante da violência, servindo, para análise, a última definição do Houaiss (2009, p. 325), de “ferocidade” e “selvageria”, que está relacionada ao “sujeito apaixonado”, ou aquele que se manifesta na “carne viva ‘selvagem’ reclamando seus direitos”, como destacado por Greimas e Fontanille (1993, p. 19) e Landowski (2005, p. 97). Destaque-se, como mencionado anteriormente, que esta narração dos fatos gera o efeito de sentido em relação ao praticante do ato violento, como se fossem qualidades a serem ressaltadas e diz respeito a um “jornalismo declaratório” (MORAES, 2022).

Embora estas ideias estejam fundadas no texto, observa-se que não existe um aprofundamento dos aspectos temáticos pelo destinador, que configura uma espécie de "sonegação", conforme abordado por Serva (2001, p. 66), no Capítulo 5. O "comportamento de quem não tem medo", como sujeito construído nas notícias, insistimos, não pode e não deve ser visto no campo da euforia, que é "a categoria tímica", representante de um valor positivo (GREIMAS; COURTÉS, 2008, p. 192). Do contrário, tais condutas se associam à brutalidade ou "crueldade, desumanidade, estupidez" (HOUAISS; VILLAR, 2009, p. 332) ou, como Sodré (2015) comparou, ao "grotesco". É neste sentido que se baseia esta parte da pesquisa e dos dados empíricos sobre as práticas do cotidiano e a formação do homem praticante da violência.

Algumas das notícias que mais chamaram a atenção envolvem a presença da polícia e, de pronto, permitem dizer que, mesmo diante de policiais, ou autoridades da lei, como delegados, ou no espaço da delegacia, por exemplo, muitas vezes, o agressor não se intimida, mas impõe a força, que é própria do discurso do homem destemido, dotado de bravura. A primeira matéria a ser analisada é a do repórter Diego Souza que enuncia que "Homem espera esposa debaixo da cama com faca para matá-la em MG" (SOUZA, 2015, *on-line*), na Fig. 43.

Figura 43 - Homem espera esposa debaixo da cama com faca para matá-la em MG

MENU G1 VALES DE MINAS GERAIS

08/04/2015 18h09 - Atualizado em 08/04/2015 18h32

Homem espera esposa debaixo da cama com faca para matá-la em MG

Mulher denunciou o marido por ameaça e agressão física; ele foi preso. Ela chegou em casa junto com a polícia, que impediu o crime.

Diego Souza
Do G1 Vales de Minas Gerais

A polícia de **Governador Valadares**, no Vale do Rio Doce, conseguiu evitar um homicídio na manhã desta quarta-feira (8), após uma mulher de 25 anos denunciar o marido. Segundo a PM, a mulher teria saído de casa na terça-feira (7), após denunciá-lo por ameaça e agressão física

Ainda segundo a PM, a mulher pediu apoio na delegacia para ir até sua casa retirar os seus pertences. Ainda na delagacia ela mostrou aos investigadores uma mensagem recebida no celul enviada pelo marido.

"Deixei sua moto, a chave e os documentos na porta da casa. E já que você chamou a polícia, agora eu vou te mostrar o que é lei, pois não tenho medo de polícia. Vou acabar com você", dizia mensagem.

A policia informou também que a mulher foi até sua casa acompanhada de dois investigadores d Polícia Civil, e, ao chegarem no local, o marido estava escondido embaixo de uma cama com um faca, e foi contido pelos policiais.O homem foi preso em flagrante e encaminhado à delagacia.

Fonte: Souza, (2015). Disponível em: https://g1.globo.com/mg/vales-mg/noticia/2015/04/homem-espera-esposa-debaixo-da-cama-com-faca-para-mata-la-em-mg.html. Acesso em: 8 abr. 2022.

No texto, após ser denunciado pela esposa, é divulgada a mensagem que o agressor enviou para a mulher: "Deixei sua moto, a chave e os documentos na porta da casa. E já que você chamou a polícia, agora eu vou te mostrar o que é lei, pois não tenho medo de polícia. Vou acabar com você" (SOUZA, 2015, *on-line*). Observa-se que o destaque "não tenho medo de polícia" está ligado à ideia do homem "corajoso" e "destemido". Se associar aos vários textos analisados, na maior parte deles, descritos de modo explícito ou não, a mulher figura como a medrosa (que não tem coragem de sair de uma relação violenta) porque essa é uma característica criada para o "sexo frágil" ou "segundo sexo" (SAFFIOTI, 1987, p. 39; LANDOWSKI, 2012, p. 125). Em outras palavras, neste ato comunicativo, como descrito, primeiro parece que o destinador o condena, mas, depois, em frases como "vou te mostrar o que é lei" e "não tenho medo de polícia", o representa de modo eufórico, destacando sua "força", e a vítima, de maneira disfórica, termos que integram as categorias tímicas (positiva e respectivamente, negativa), propostas por Greimas e Courtés (2008).

Outra mostra disso está na matéria "Polícia prende empresário suspeito de ameaçar ex- mulher de morte no RJ" (POLÍCIA..., 2011), na Fig. 44.

Figura 44 - Polícia prende empresário suspeito de ameaçar ex-mulher de morte no RJ

MENU G1 RIO DE JANEIRO

20/04/2011 20h56 - Atualizado em 20/04/2011 20h56

Polícia prende empresário suspeito de ameaçar ex-mulher de morte no RJ

Homem foi preso em shopping em Niterói, na Região Metropolitana do Rio. Ele responderá por injúria e ameaça, de acordo com a Lei Maria da Penha.

Do G1 RJ

FACEBOOK

Agentes da Delegacia de Atendimento a Mulher (Deam) prenderam um empresário, nesta quarta-feira (20), suspeito de ameaçar de morte a ex-mulher, uma funcionária pública do Tribunal Regional do Trabalho. De acordo com a polícia, o homem foi preso num shopping em Piratininga, em Niterói, na Região Metropolitana do Rio.

Segundo a polícia, o empresário responderá por ameaça e injúria conforme prevê a Lei Maria da Penha. De acordo com o relato da vítima na delegacia, as brigas foram motivadas pela partilha dos bens do casal, que ficou junto por 14 anos.

Os agentes da Deam informaram ainda que o empresário chegou a ameaçar a ex-mulher de morte inclusive na frente de policiais.

Fonte: Polícia... (2011). Disponível em: https://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2011/04/policia-prende-empresario-suspeito-de-ameacar-ex-mulher-de-morte-no-rj.html. Acesso em: 8 abr. 2022.

Tal construção de simulacro do destinador em relação ao homem atua na linha da "coragem" e "destemor", conforme análise anterior. Nesta matéria, esta noção vem acompanhada da sentença "os agentes da DEAM informaram ainda que o empresário chegou a ameaçar a ex-mulher na frente de policiais" (POLÍCIA..., 2011, *on-line*). Antes de

encerrar, o texto ainda destaca que o casal "ficou junto por 14 anos" (POLÍCIA..., 2011, *on-line*), na mesma linha de pensamento do tempo em que a mulher permaneceu na relação, apontando para as caracterizações da mulher "submissa" e "conformada". Este outro caso menciona "Em RR, homem bate em ex-mulher e ameaça militares com faca, diz polícia" (EM RR, HOMEM..., 2014), na Fig. 45.

Figura 45 - Em RR, homem bate em ex-mulher e ameaça militares com faca, diz polícia

MENU G1 RORAIMA REDE AMAZÔNICA

25/07/2014 21h18 - Atualizado em 25/07/2014 21h18

Em RR, homem bate em ex-mulher e ameaça militares com faca, diz polícia

Suspeito teria ameaçado mulher de morte por não aceitar fim da relação. Segundo policiais, homem estava embriagado e os desafiou com uma faca.

Do G1 RR

FACEBOOK

Homem teria recebido a equipe da Polícia Militar com uma faca (Foto: G1 RR)

Uma equipe da Poícia Miltar (PM) atendeu uma ocorrêcia de agressão a uma muher de 42 anos no começo da noite desta sexta-feira (25), no bairro Aparecida, zona Norte de **Boa Vista**. Após bater na ex-mulher e ameaçá-la de morte, um pintor de 38 anos desafiou os policiais armado com uma faca.

Segundo a vítima, o ex-companheiro começou a agredi-la e ameaçá-la por não aceitar o fim do relacionamento de um ano e oito meses. Ainda de acordo com ela, o suspeito 'vive ofendendo seus filhos'.

"No sábado (19), ele jogou uma bicicleta no meu braço e hoje [sexta] me ameaçou de morte. Ele pulou o muro da minha casa e disse que de amanhã [sábado] eu não passava, iria me matar", relatou.

A PM informou que, após agredir a mulher, o suspeito foi para casa. "Eles não moram juntos. Depois da briga, ele retornou para sua residência. Ao abrir a porta, nos recebeu armado com a faca. Percebemos que ele estava embriagado", explicou.

De acordo com a mulher, que tem três filhos de outro relacionamento, o ex-marido se exaltava apenas quando bebia, mas nunca a agrediu. Até a publicação desta matéria, o suspeito aguardava para ser ouvido pela delegada plantonista.

Fonte: Em RR, homem... (2014). Disponível em: https://g1.globo.com/rr/roraima/noticia/2014/07/em-rr-homem-bate-em-ex-mulher-e-ameaca-militares-com-faca-diz-policia.html. Acesso em: 8 abr. 2022.

A linha fina desta notícia enuncia “Suspeito teria ameaçado mulher de morte por não aceitar fim da relação” e traz algumas ponderações: (i) se os policiais presenciaram o ocorrido, ele não é um “suspeito”, e sim o autor da agressão, como já abordamos em análises anteriores; (ii) “o fim da relação” confirma as estatísticas de que essa é uma das maiores motivações do agressor quando se vê perdendo o poder em relação à mulher, mas também traz, de novo, a ideia dele estar motivado pelo “fim da relação”, parecendo justificar a violência; (iii) que ele “não tem medo”, já que nem a presença da polícia o intimidou, e ele “desafiou os policiais armado com uma faca” (EM RR, HOMEM..., 2014, *on-line*). Logo, é mais um registro de um homem que é construído implicitamente no discurso como alguém “corajoso”, parecendo em determinados momentos criar até um homem mitológico ou “fabuloso”, pintado como aquele que não tem medo de nada e, justamente por isso, é mítico. São recursos de um jornalismo, como defendemos, que é declaratório e sensacionalista, explorando características excêntricas (TEIXEIRA, 2011; MORAES, 2022).

Em outra matéria, o enunciado diz que “Homem tenta matar mulher e dois policiais dentro da base da PM” (HOMEM..., 2016c). Chama a atenção, quando menciona “Um homem foi preso por tentativa de homicídio na tarde desta quarta-feira (6) dentro da base da Polícia Militar de Júlio Mesquita (SP)”, na Fig. 46.

Figura 46 - Homem tenta matar mulher e dois policiais dentro da base da PM

MENU G1 BAURU E MARÍLIA

06/01/2016 18h35 - Atualizado em 06/01/2016 18h35

Homem tenta matar mulher e dois policiais dentro da base da PM

Suspeito teria assediado a ex-empregada antes de tentar matá-la.
Ela correu para base da polícia em Júlio Mesquita e ele correu atrás.

Do G1 Bauru e Marília

Um homem foi preso por tentativa de homicídio na tarde desta quarta-feira (6) dentro da base da Polícia Militar de Júlio Mesquita (SP).

saiba mais

Vídeo mostra motociclista fugindo após furtar filhote de yorkshire

Três são presos por receptação e formação de quadrilha em Quatá

Segundo a polícia, o suspeito de 60 anos teria assediado a ex-empregada da casa dele, que tem 28 anos. Os dois prestaram depoimento na delegacia e foram liberados, mas pouco depois, o homem foi atrás da mulher na rua com uma faca. Ela correu para a Base da PM.

O suspeito entrou no local com a arma e tentou esfaquear a mulher e dois policiais. Ele foi detido e levado para a Central de Polícia Judiciária de Marília. Ninguém ficou ferido.

Fonte: Homem... (2016c). Disponível em: https://g1.globo.com/sp/bauru-marilia/noticia/2016/01/homem-tenta-matar-mulher-e-dois-policiais-dentro-da-base-da-pm.html. Acesso em: 8 abr. 2022.

Mais adiante, o texto descreve que o "[...] suspeito entrou no local com a arma e tentou esfaquear a mulher e dois policiais" (HOMEM..., 2016c). Ou seja, é a recorrência ou a isotopia temática inserindo o homem na posição de "suspeito", além de "corajoso". Para relembrar o conceito de isotopia, segundo explicou Fiorin (2016), trata-se da repetição de temas e figuras em um determinado texto. Neste "mecanismo de constituição do sentido [...], o enunciador pode combinar figuras ou temas do discurso de tal maneira que chame a atenção do enunciatário para determinados aspectos da realidade que descreve ou explica" (FORIN, 2016, p. 120). Outra questão mais séria é que ele "tentou esfaquear a mulher e dois policiais" (HOMEM..., 2016c, *on-line*), corroborando com a análise de que, nem estando dentro da base da Polícia Militar, o agressor "tem medo", apresentando-se como um homem cheio de "bravura" e "coragem".

Em suma, a "coragem", destacamos, assume um sentido do sujeito que "não tem medo" de ser pego, de ser preso, de machucar, de matar. Daquele que, sem pensar nos efeitos ou consequências, vai e comete o crime porque está em "seu território", que se constitui, inclusive, na esfera discursiva midiática, onde é, muitas vezes, exaltado, protegido (GREIMAS; FONTANILLE, 1993, p. 196).

O próximo item a ser trabalhado fortalece a noção de que o homem construído como um sujeito "sem medo" também pode ser levado a cometer atos que mostram sua desobediência em relação à lei, conforme configurado nas notícias do G1.

7.2 DESOBEDIENTE

Como fizemos em todos os demais tópicos, começamos este com a definição do termo "desobediente". Alguns registros foram encontrados, no *corpus,* manifestando claramente esta ideia do homem, que pode ser classificado como "desobediente" ou por ter promovido a desordem, a "desobediência". Aparece, nestes termos, de acordo com o levantamento feito no *corpus,* 77 vezes. Este vocábulo significa "que desobedece; não acata ordens, comandos ou prescrições" (HOUAISS; VILLAR, 2009, p. 662). Sugere como sinônimo "obstinado", que tem como significado "inflexível, irredutível, teimoso" (HOUAISS; VILLAR, 2009, p. 1374).

No entanto, nos leva a refletir também que ser "desobediente", no caso do homem, não se atrela à ideia do sujeito "soberano" ou "superior" que se sente no direito de agir como bem entender e que, seja como for (no caso da violência contra a mulher), carrega consigo o pensamento de que não será prejudicado? Talvez seja esse um dos efeitos causados no imaginário dos autores das barbáries cometidas. Geralmente, nos textos, este tipo de ator está associado ao desrespeito da medida protetiva, expedida no sentido de mantê-lo longe da vítima (BRASIL, 2006, p. 19). De acordo com as categorias de análises criadas em relação ao objeto de estudo, o verbete foi enunciado nas notícias de forma "constante", integrando as ocorrências, que, no quadrado, compõem o eixo "contínuo" na posição dos

eixos dos contrários (GREIMAS; COURTÉS, 2008, p. 400-4; CLEMENTE, 2015, p. 147). Tal simulacro para o masculino (estereótipo) está presente na classe denominada: “modo de ‘ser-parecer’ do homem”.

Em alguns momentos, esse papel está explícito na notícia. Em outras, não, mas diz respeito ao indivíduo que desobedeceu a tal determinação. Há que se dizer, que tanto essa construção quanto as que já abordamos, aparecem nos textos de um modo mais eufórico do que disfórico. Transmite a ideia eufórica desse sujeito, como se estivesse enunciando que ele pode “passar”, inclusive, por cima das leis e não será punido, criando, sobretudo, uma visão mitológica do agressor, invisibilizando as verdadeiras questões que precisam ser tratadas.

Um dos casos condizentes com essa construção traz o seguinte enunciado “Rapaz é preso em Paracambi, RJ, por ameaçar e agredir ex-namorada” (RAPAZ..., 2014), na Fig. 47. O texto aponta que “ela está sob medida protetiva de urgência” e o “suspeito está proibido de se aproximar da jovem [...], mas o rapaz estava descumprindo a decisão judicial, informou a polícia” (RAPAZ..., 2014). Fica evidente, neste contexto e na argumentação associada ao homem, que ele “pode”, quando diz, na linha fina, “suspeito está proibido de se aproximar da jovem, mas descumpria ordem” (RAPAZ..., 2014).

Figura 47 - Rapaz é preso em Paracambi, RJ, por ameaçar e agredir ex-namorada

MENU G1 SUL DO RIO E COSTA VERDE

18/04/2014 13h53 - Atualizado em 18/04/2014 13h53

Rapaz é preso em Paracambi, RJ, por ameaçar e agredir ex-namorada

Suspeito está proibido de se aproximar da jovem, mas descumpria ordem.
Ele responde pela Lei Maria da Penha, diz Polícia Civil.

Do G1 Sul do Rio e Costa Verde

FACEBOOK

Um jovem de 23 anos foi preso pela Lei Maria da Penha na tarde de quinta-feira (17), em **Paracambi**, RJ. De acordo com a Polícia Civil, ele é suspeito de ameaçar com uma arma de fogo e agredir a ex-namorada, de 17 anos. Ela está sob Medida Protetiva de Urgência, que impede que o suspeito se aproxime dela, mas o rapaz estava descumprindo a decisão judicial, informou a polícia.

Ainda segundo os agentes, o jovem foi localizado em casa, no bairro Chacrinha. Ele foi levado para a 51ª Delegacia de Polícia (Paracambi) e, depois, encaminhado a um presídio do Rio de Janeiro.

Fonte: Rapaz... (2014). Disponível em: https://g1.globo.com/rj/sul-do-rio-costa-verde/noticia/2014/04/rapaz-e-preso-em-paracambi-rj-por-ameacar-e-agredir-ex-namorada.html. Acesso em: 8 abr. 2022.

Outra matéria relata o que “Pedreiro é preso após agredir e tentar enforcar mulher em Carmo de Minas” (PEDREIRO..., 2013), na Fig. 48.

Figura 48 - Pedreiro é preso após agredir e tentar enforcar mulher

24/06/2013 09h29 - Atualizado em 24/06/2013 09h29

Pedreiro é preso após agredir e tentar enforcar mulher em Carmo de Minas

Vítima foi impedida de entrar em casa e sofreu agressões e empurrões.
Homem descumpriu medida preventiva para não se aproximar da mulher.

Do G1 Sul de Minas

Um pedreiro de 49 anos foi preso após agredir a esposa neste domingo (23) em **Carmo de Minas** (MG). Segundo a Polícia Militar, a esposa dele, de 45 anos, contou que foi impedida de entrar na própria casa e que ele a tentou enforcá-la, além de tê-la agredido com empurrões.

De acordo com a PM, o homem descumpriu ordem judicial, já que estava proibido, por medidas preventivas, de se aproximar da mulher a uma distância inferior a 50 metros.

Ainda segundo os militares, foi necessário o uso de força para afastar o homem do local, já que ele se recusava a sair. Ele e a vítima foram levados para o pronto-socorro da cidade e após atendimento o pedreiro foi levado para a delegacia da cidade.

Fonte: Pedreiro... (2013). Disponível em: https://g1.globo.com/mg/sul-de-minas/noticia/2013/06/pedreiro-e-preso-apos-agredir-e-tentar-enforcar-mulher-em-carmo-de-minas.html. Acesso em 12 abr. 2022.

A linha fina menciona que o “Homem descumpriu medida preventiva para não se aproximar da mulher” (PEDREIRO..., 2013, *on-line*). No segundo parágrafo, o texto segue descrevendo o episódio do descumprimento por parte do agressor, em Sul de Minas, à “ordem judicial, já que estava proibido, por medidas preventivas, de se aproximar da mulher a uma distância inferior a 50 metros” e que o grau de desobediência era tamanho que “[...] foi necessário o uso de força para afastar o homem do local, já que ele se recusava a sair” (PEDREIRO..., 2013, *on-line*). Esta sentença reforça a concepção do sujeito “sem limites”, cuja característica de “força” o representa, o que aponta, ainda, para um sentimento de superioridade deste indivíduo. Tais escolhas enunciativas que “fixam valor”, como diz Landowski (2012, p. 15), não podem ser vistas como “inocentes”.

Em outra ocasião, na cidade de Governador Valadares, “Médico é preso depois de ameaçar esposa com uma arma diante do filho” (MÉDICO..., 2013), na Fig. 49. De acordo com os registros, Minas Gerais é o estado com segundo com maior número de casos relacionados às agressões físicas de mulheres, com 224 ocorrências, de acordo com o levantamento do *corpus*, ficando atrás de São Paulo, que apresenta, na pesquisa qualitativa, 504 casos.

Figura 49 - Médico é preso depois de ameaçar esposa com uma arma diante do filho

13/12/2013 19h59 - Atualizado em 13/12/2013 20h04

Médico é preso depois de ameaçar esposa com uma arma diante do filho

Suspeito foi preso por porte ilegal de arma em Governador Valadares.
Homem teria tentado manter relações sexuais com a mulher.

Do G1 Vales de Minas Gerais

Um médico de 60 anos foi preso na noite desta quinta-feira (12), em **Governador Valadares**, no Leste de **Minas Gerais**, suspeito de ameaçar e tentar manter relações sexuais com a própria mulher de 57 anos. O casal estaria em processo de separação.

Além do revólver calibre 38, várias munições foram apreendidas na casa do médico.
(Foto: Divulgação/Polícia Militar)

Segundo a polícia, o fato aconteceu na presença do filho do casal. O médico estava armado com um revólver calibre 38 e por isso foi preso por porte ilegal de arma, em sua residência, na Rua Gonçalo Costa, no Bairro Nossa Senhora das Graças.

A mulher teria contado aos militares que o suspeito apresentava sintomas de embriaguez Ela afirmou ainda que era agredida com freqüência pelo marido e por isso abriu contra ele um processo onde lhe foi concedida uma medida protetiva de aproximação e contato cor base na Lei Maria da Penha.

O médico foi preso e encaminhado à delegacia de Valadares, juntamente com materiais apreendidos.

Fonte: Médico... (2013). Disponível em: https://g1.globo.com/mg/vales-mg/noticia/2013/12/medico-e-preso-depois-de-ameacar-esposa-com-uma-arma-diante-do-filho.html. Acesso em: 12 abr. 2022.

Neste acontecimento, a mulher relatou que “era agredida com frequência pelo marido e por isso abriu contra ele um processo em que lhe foi concedida uma medida protetiva de aproximação e contato com base na Lei Maria da Penha” (MÉDICO..., 2013, *on-line*). Deste texto, emergem algumas situações, já abordadas, mas, como se refere às recorrências (isotopias temáticas e figurativas) encontradas, ressalte-se que: (i) ele não desobedeceu a medida, enaltecendo a indiferença em relação à lei; (ii) aciona na frase “era agredida com frequência” o estereótipo da mulher “conformada”; (iii) mesmo informando que ofensor foi preso, o jornal continua o chamado tanto na linha fina quanto no *lead* de “suspeito” (MÉDICO..., 2013, *on-line*). Tais enunciados retiram o foco da violência para dar espaço frivolidades, que só contribuem para construir “uns e outros” modelos desiguais e violentos.

Outra notícia diz respeito a uma ação realizada, em Belo Horizonte, para identificar o tipo de agressor desobediente. O título é “Operação prende suspeitos de crimes contra mulheres em BH” (OPERAÇÃO..., 2013). A busca dos agressores foi idealizada pela delegada, Margareth Rocha, que divulgou a fotografia de alguns deles, na Fig. 50.

Figura 50 - Operação prende suspeitos de crimes contra mulheres em BH

MENU G1 MINAS GERAIS MINAS

10/04/2013 20h52 - Atualizado em 10/04/2013 20h53

Operação prende suspeitos de crimes contra mulheres em BH

Segundo polícia, eles não cumpriram medidas protetivas.
Quinze suspeitos eram procurados, mas oito não foram localizados.

Do G1 MG

FACEBOOK

Sete homens foram presos, nesta quarta-feira (10), em **Belo Horizonte**, por não cumprirem medidas protetivas determinadas pela Justiça. De acordo com a Polícia Civil, eles cometeram crimes de violência contra mulheres e já tinham várias ocorrências registradas.

Sete são presos em operação de combate a crimes contra mulheres (Foto: Reprodução/TV Globo)

Segundo a delegada responsável pelo caso, Margareth Rocha, uma equipe está há cerca de três semanas investigando as situações de descumprimento das medidas definidas pela Lei Maria da Penha, em combate a crimes contra a mulher. Na operação desta quarta-feira, a polícia buscava 15 suspeitos, mas oito não foram localizados, conforme a delegada.

Margareth disse ainda que os trabalhos de buscas vão continuar nos próximos dias. Os sete detidos foram encaminhados para o Centro de Remanejamento do Sistema Prisional – Ceresp São Cristóvão.

Fonte: Operação... (2013). Disponível em: https://g1.globo.com/minas-gerais/noticia/2013/04/operacao-prende-suspeitos-de-crimes-contra-mulheres-em-bh.html. Acesso em: 12 abr. 2022.

Nessa operação, sete homens foram presos por não cumprirem medidas protetivas. Segundo o texto, "[...] eles cometeram crimes de violência contra mulheres" e eram reincidentes, tendo outras "várias ocorrências registradas" (OPERAÇÃO..., 2013, *on-line*). O detalhe é que, neste trabalho conduzido por uma delegada, durante três semanas de investigações, "a polícia buscava 15 suspeitos, mas oito não foram localizados" (OPERAÇÃO..., 2013, *on-line*). Na foto, vemos cinco dos homens detidos e a imagem captada ou selecionada pelo destinador para ser publicada mostra a maior parte deles escondendo a face e outro rindo. Interessante observar que a notícia é do mesmo ano em

que as reportagens anteriores, já mencionadas nesta seção. Pelas estatísticas do *corpus*, 2013, com 46 notícias, além de 2012, com 46 notícias, e 2015, com 47 notícias, são os anos com mais casos de violência contra a mulher (lesão corporal) na capital mineira e, a contar pelos números, parece não assustar. No entanto, lembramos que esta é só uma amostra do que, de fato, acontece, já que nem todas as mulheres denunciam.

Para a análise desta encenação construída pelo destinador G1, recorremos aos traços plásticos desenvolvidos por Greimas (1984), em "Semiótica Figurativa e Plástica como eidético (curva *vs.* reto) e topológico (alto *vs.* baixo, superior *vs.* inferior). Três dos presos não mostram a face, escondendo-a dentro da camiseta/blusa; um deles abaixa a cabeça, pelo visto, como forma de expressar vergonha ou desconforto diante da circunstância, o que, necessariamente, não significa arrependimento, e sim preocupação com a imagem; os mesmos três homens se encurvam, que pode significar "um dobrar-se, sujeitar-se" (HOUAISS; VILLAR, 2009, p. 589); um dos detidos, que está na posição da direita para a esquerda, mantendo-se reto, cobre completamente o rosto e a cabeça, como forma de se "ocultar" ou se "proteger" (HOUAISS; VILLAR, 2009, p. 485) da exposição; e o outro sujeito, da esquerda para a direita, que tem apenas metade da face mostrada, usa uma camiseta vermelha de uma marca esportiva famosa, permanece com a cabeça erguida, que pode expressar, ainda, um sentimento de superioridade ou arrogância diante do ocorrido, de ser alguém que está "acima do outro" ou "acima da lei" (HOUAISS; VILLAR, 2009, p. 1791). Este preso mostra um riso que parece sarcástico, denotando, segundo Houaiss e Villar (2009), "ironia" (HOUAISS; VILLAR, 2009, p. 1712- 1713) ou "deboche, zombaria" (HOUAISS; VILLAR, 2009, p. 599), justamente pelo modo como ele se comporta diante de tal condição e, principalmente, que lhe é dada a visibilidade.

A representação desta figura de linguagem denominada, conforme Fiorin (2016), de "antífrase ou ironia" ocorre quando "[...] o enunciador diz algo que deve ser compreendido como seu contrário" (FIORIN, 2016, p. 79). Este ato, inerente à linguagem não verbal, destacada pelo jornal, pode significar muitas coisas, entre elas a conotação de indiferença ou discordância frente à situação. Dentro de uma visão crítica acerca do assunto, simboliza uma espécie de fraqueza, de covardia que, segundo Saffioti e Almeida (1995), "é companheira inseparável da violência. A insegurança também o é" (SAFFIOTI; ALMEIDA, 1995, p. 89).

Outro acontecimento é um tanto emblemático. O texto intitulado "Mulher posta fotos na web após ser agredida por ex-companheiro em MG" (MULHER..., 2014c), na Fig. 51, aponta para algumas reflexões que serão feitas na análise desse caso. O *lead* diz "Cansada de ser agredida pelo ex-companheiro, uma mulher de Elói Mendes (MG) postou fotos com os ferimentos que teriam sido causados por ele em uma rede social" (MULHER..., 2014c, *on-line*). Segundo a notícia, ainda, "a atitude indignada foi feita depois dela [*sic*] prestar queixa e a Polícia Civil informar que o suspeito não poderia ser preso sem o flagrante" (MULHER..., 2014c, *on-line*).

Figura 51 - Mulher postou fotos na web após agressão, em Elói Mendes, MG

01/10/2014 19h14 - Atualizado em 02/10/2014 18h07

Mulher posta fotos na web após ser agredida por ex-companheiro em MG

Suspeito teria agredido vítima com uma barra de ferro em Elói Mendes. Jovem que estava com ela também foi espancado e está internado.

Do G1 Sul de Minas

FACEBOOK

Cansada de ser agredida pelo ex-companheiro, uma mulher de **Elói Mendes** (MG) postou fotos com os ferimentos que teriam sido causados por ele em uma rede social. A atitude indignada foi feita depois dela prestar queixa e a Polícia Civil informar que o suspeito não poderia ser preso sem o flagrante. Na internet, várias pessoas compartilharam as imagens e deixaram comentários de apoio.

A última agressão teria acontecido na noite do sábado (27). A mulher estava no carro com um jovem quando percebeu que estava sendo seguida pelo ex-companheiro. Os dois seguiram pela estrada que liga Elói Mendes a **Varginha** (MG), mas foram alcançados pelo agressor, que usou uma barra de ferro pra atingi-los ainda dentro do veículo.

Os dois foram socorridos pela Polícia Militar e levados para o pronto-socorro do Hospital Nossa Senhora da Piedade, em Elói Mendes. A mulher teve várias escoriações e o nariz quebrado, mas foi liberada pouco tempo depois. Já o jovem, de 26 anos, teve pelo menos cinco fraturas no rosto e uma lesão no olho direito. Pela gravidade do caso, ele teve que ser transferido para o Hospital Bom Pastor, em Varginha, e deve passar por cirurgia nesta quinta-feira (2).

Separada do agressor há cinco anos, a vítima já recorreu à Lei Maria da Penha três vezes e estava com uma medida protetiva para que ele não se aproximasse. O suspeito está foragido. A polícia já abriu um inquérito para apurar o caso.

Mulher postou fotos após ser agredida por ex-companheiro em Elói Mendes, MG (Foto: Reprodução Facebook)

Fonte: Mulher... (2014c). Disponível em: https://g1.globo.com/mg/sul-de-minas/noticia/2014/10/mulher-posta-fotos-na-web-apos-ser-agredida-por-ex-companheiro-em-mg.html. Acesso em: 12 abr. 2022.

A frase dizendo que a mulher postou imagem da violência na rede social depois de ouvir da polícia que “o suspeito não poderia ser preso sem o flagrante” resgata a ideia de indiferença em relação ao assunto, tanto por parte do agressor quanto da polícia, no texto midiático, que poderia aprofundar ou dar outro foco para a notícia. Na figura, ela aparece com o rosto machucado, com marcas roxas abaixo dos olhos e o nariz com uma perfuração em tom de preto. Além disso, a foto publicada no Facebook mostra parte do corpo, peito e pescoço ensanguentados.

As análises sob o viés das categorias propostas por Greimas (1984) dão ênfase às cromáticas roxa, vermelha e preta e servem como rastro da violência. Pela ordem, podem simbolizar, de acordo com o Dicionário Houaiss (HOUAISS; VILLAR, 2009), manifestar ou um fazer “sentir intensidade, desmedido, excessivo [...], louco, apaixonado [...] perigoso” (HOUAISS; VILLAR, 2009, p. 1682-1683). A cor do “sangue coagulado” (HOUAISS; VILLAR, 2009, p. 1936) resulta de um ato inconsequente de um sujeito “[...] alterado por uma emoção ou um estado anormal [...] irado, furioso” (HOUAISS; VILLAR, 2009, p. 522). O preto retrata, em nossa cultura o luto, a dor, a tristeza, como o mínimo que pode se sentir diante de uma situação como esta. Saffioti e Almeida (1995, p. 176-7) corroboram que “[...] as cores do drama são realçadas literalmente e simbolicamente”. Todas são tonalidades fortes e, por sua vez, nesta análise, evidenciam estética e plasticamente os sinais da violência. São todos aspectos de um jornalismo que trata o enfoque do tema como “grotesco”, às vezes, “cômico, feio, monstruoso, palhaçada” (SODRÉ, 2015, p. 22).

Outra notícia, desta vez de Mato Grosso do Sul, diz que “Criança avisa polícia sobre violência doméstica e suspeito é preso” (CRIANÇA..., 2014), na Fig. 52.

Figura 52 - Criança avisa polícia sobre violência doméstica e suspeito é preso

MENU G1 MATO GROSSO DO SUL

22/06/2014 16h51 - Atualizado em 22/06/2014 16h51

Criança avisa polícia sobre violência doméstica e suspeito é preso

Segundo a polícia, menina contou que padrasto havia agredido a mãe dela. Crime aconteceu na noite desse sábado, em Japorã.

Do G1 MS

FACEBOOK

Um homem de 38 anos foi preso na noite desse sábado (21), em Japorã, distante 470 quilômetros de Campo Grande, após a enteada, de 12 anos, denunciá-lo à polícia. De acordo com boletim de ocorrência, a vítima, de 30 anos, já tinha medida protetiva contra o suspeito.

saiba mais

Em 2 dias, polícia registra 14 casos de violência doméstica em MS

Homem é suspeito de torturar mulher com máquina de choque em MS

Jovem é encontrada morta e polícia suspeita de violência doméstica

Segundo informações da Polícia Militar (PM), a menina foi até a unidade policial e contou que a mãe estava sendo agredida pelo padrasto. Os militares encontraram a mulher chorando no banheiro e o suspeito dormindo.

A vítima disse aos policiais que o suspeito havia lhe dado socos na cabeça, a puxado pelos cabelos e lhe apertado o pescoço. O homem foi preso e autuado em flagrante por lesão corporal dolosa, ameaça e desobediência, todos no contexto de violência doméstica.

Fonte: Criança... (2014). Disponível em: https://g1.globo.com/mato-grosso-do-sul/noticia/2014/06/crianca-avisa-policia-sobre-violencia-domestica-e-suspeito-e-preso.html. Acesso em: 12 abr. 2022.

Os simulacros do G1 exploram, no título, linha fina e o *lead*, acerca da criança, que avisou a polícia sobre o episódio, como recurso que comove e chama a atenção. O *lead* aponta que “de acordo com boletim de ocorrência, a vítima, de 30 anos, já tinha medida protetiva contra o suspeito” (CRIANÇA..., 2014, *on-line*). Se até medida protetiva já tinha sido expedida contra o ofensor, por que ele continua sendo chamado de suspeito? Este pensamento se contradiz, mas, apenas no último parágrafo, onde menciona que a vítima contou à polícia que marido tinha “[...] dado socos na cabeça, puxado pelos cabelos e lhe apertado o pescoço [...] foi preso e autuado em flagrante por lesão corporal dolosa, ameaça e desobediência, todos no contexto de violência doméstica” (CRIANÇA..., 2014, *on-line*). Ou seja, ele foi preso em “flagrante”, que significa “visto e registrado no próprio momento da realização [...], que não pode ser contestado, evidente, manifesto, incontestável” (HOUAISS; VILLAR, 2009, p. 903), mas que, em outros momentos, o enunciador ainda o denomina “suspeito”.

A próxima matéria é um tanto curta, mas vem a somar com as demais. Já no título apresenta a ideia da desobediência “Apesar de medida protetiva, homem tenta matar mulher em Montes Claros” (APESAR DE MEDIDA..., 2015), na Fig. 53.

Figura 53 - Apesar de medida protetiva, homem tenta matar mulher em Montes Claros

06/10/2015 10h23 - Atualizado em 06/10/2015 10h23

Apesar de medida protetiva, homem tenta matar mulher em Montes Claros

Mulher foi ferida com três facadas, ela foi socorrida e levada para hospital. Não há informações se ela e o homem namoraram ou se já foram casados.

Do G1 Grande Minas

A polícia procura por um homem de 40 anos que tentou matar uma mulher, de 34, nesta segunda-feira (5), no Bairro São Judas Tadeu, em **Montes Claros** (MG). Ela tinha uma medida protetiva contra ele. Não há informações se eles namoraram ou se já foram casados.

A vítima contou que estava na porta de casa, na Rua São Paulo, quando o homem chegou e a esfaqueou três vezes. O criminoso parou de agredi-la depois que algumas pessoas começaram a arremessar objetos contra ele.

A mulher foi socorrida pelo Samu e levada para um hospital.

Fonte: Apesar de medida... (2015). Disponível em: https://g1.globo.com/mg/grande-minas/noticia/2015/10/apesar-de-medida-protetiva-homem-tenta-matar-mulher-em-montes-claros.html. Acesso em: 12 abr. 2022.

O texto não traz muitas informações, bem como enuncia na linha fina e no fim do primeiro parágrafo, mas reforça que “ela tinha uma medida protetiva contra ele” (APESAR DE MEDIDA..., 2015, *on-line*). Logo, implicitamente, significa dizer que, ao se aproximar da vítima e tentar matá-la, pode ser denominado como desobediente.

Mais um dado no levantamento feito a partir do *corpus* aponta uma informação relevante: as ocorrências correspondentes à “desobediência” foram registradas em seis estados brasileiros. São eles, na sequência: Minas Gerais (7), Paraná (3), Pará (2), Paraíba, Rio de Janeiro e Rondônia tem um (1) cada. Já em relação ao termo “desobediente” foram encontrados registros em oito estados. Estão entre eles: São Paulo (18), Rio de Janeiro (11), Minas Gerais (4), Pará (2), Rondônia (2), Santa Catarina (1), Mato Grosso do Sul (1) e Roraima (1). Ou seja, neste balanço, os estados em que mais são registradas estas caracterizações são Minas Gerais, Rio de Janeiro, Pará e Rondônia.

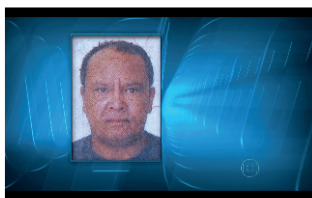
No próximo caso, o agressor também pode ser inscrito como “desobediente”. A notícia é intitulada “Homem é preso suspeito de ferir dois após discutir com ex-mulher em BH” (HOMEM, 2014f), na Fig. 54.

Figura 54 - Homem é preso suspeito de ferir dois após discutir com ex-mulher em BH

31/03/2014 06h54 - Atualizado em 31/03/2014 09h58

Homem é preso suspeito de ferir dois após discutir com ex-mulher em BH

Ele foi até a casa dela e depois desrespeitou ordem de parada da PM.
Na fuga, atingiu uma motocicleta e um pedestre.

Do G1 MG

Um homem de 52 anos foi preso, na Região de Venda Nova, em **Belo Horizonte**, depois de discutir com a ex-mulher e ferir duas pessoas durante uma fuga, na noite deste domingo (30).

De acordo com a Polícia Militar (PM), ele foi visto armado em frente à casa da ex-mulher, no bairro Céu Azul. Os dois teriam discutido e vizinhos escutaram barulho de tiros. Ninguém ficou ferido. Quando a PM chegou, o homem já tinha saído do local, mas voltou pouco tempo depois.

"Foi dada a ordem de parada para ele, e ele não obedeceu. De imediato, foi iniciado o plano de cerco e bloqueio. Ele evadiu em alta velocidade pelas ruas lá", contou o sargento Marcelo César.

Em um cruzamento, o suspeito atingiu uma motocicleta e um pedestre. O carro foi parar em cima da calçada e o motorista foi preso. O homem que estava na direção da moto foi levado inconsciente, em estado grave, para o Hospital de Pronto-Socorro João XXIII. Ele se recuperava de outro acidente acontecido há um ano. A outra vítima também foi levada ao hospital, mas não corria risco de morrer.

Segundo a PM, ele tem passagem pela polícia por homicídio e por agressões à ex-mulher. Ele foi levado para a delegacia.

Fonte: Homem... (2014f). Disponível em: https://g1.globo.com/minas-gerais/noticia/2014/03/homem-e-preso-suspeito-de-ferir-dois-apos-discutir-com-ex-mulher-em-bh.html. Acesso em: 12 abr. 2022.

Este registro aponta, na linha fina, que "ele foi na casa dela e depois desrespeitou ordem de parada da PM" e, no decorrer do texto, repete que "Foi dada a ordem de parada para ele, e ele não obedeceu" (HOMEM..., 2014f, *on-line*). Chama a atenção que, neste discurso, se transmite a ideia de esperteza do homem. Estas estratégias discursivas enaltecem as modalidades do "poder" e "fazer" do agressor e é pertinente complementar que, além de reforçar estereótipos, a mídia deixa de focar no que realmente importa, tirando a violência do centro das discussões (GREIMAS; COURTÉS, 2008; LANDOWSKI, 2012).

Este outro evento reforça a ideia de que existem muitos agressores que não respeitam a Justiça, quanto mais a mulher. A notícia enuncia que "Mulher é esfaqueada e anda até farmácia para pedir ajuda em MG" (MULHER..., 2014b), na Fig. 55.

Figura 55 - Mulher é esfaqueada e anda até farmácia para pedir ajuda em MG

≡ MENU G1 SUL DE MINAS EPTV

11/10/2014 10h51 - Atualizado em 11/10/2014 12h43

Mulher é esfaqueada e anda até farmácia para pedir ajuda em MG

Vítima foi golpeada pelo ex-companheiro dentro de casa em Alfenas (MG).
Corpo de Bombeiros levou ferida até o Hospital Alzira Velano.

Do G1 Sul de Minas

Uma mulher foi esfaqueada pelo ex-marido no bairro Recreio Vale do Sol, em **Alfenas** (MG), na manhã deste sábado (11) e, mesmo ferida, conseguiu sair da casa e andar até uma farmácia próxima para pedir ajuda. Ela aguardou o socorro no banheiro do estabelecimento. Segundo o Corpo de Bombeiros, a mulher foi levada para o Hospital Alzira Velano consciente e não corre risco de morte.

De acordo com a Polícia Militar, a vítima era constantemente ameaçada pelo ex-companheiro, que por volta das 9h foi até a casa dela, pegou uma faca e a golpeou no abdômen e no tórax. Já o agressor foi detido pela Polícia Militar e levado para a Delegacia de Polícia Civil, que vai investigar o caso. A vítima já tinha pedido medidas protetivas em relação ao ex-marido, que, segundo a polícia, havia sido preso na Lei Maria da Penha anteriormente.

Fonte: Mulher... (2014b). Disponível em: https://g1.globo.com/mg/sul-de-minas/noticia/2014/10/mulher-e-esfaqueada-e-anda-ate-farmacia-para-pedir-ajuda-em-mg.html.
Acesso em: 12 abr. 2022.

Nesta notícia, são dois destaques a fazer: (i) embora o texto inicie destacando características de uma mulher como “corajosa” e “forte”, na sequência, se opõe a essa ideia ao enunciar “era constantemente ameaçada pelo ex-companheiro” (MULHER..., 2014b); em seguida, o destinador retoma a noção de desobediência do homem, que “escapou” da lei, e atingiu a vítima com golpes de facada.

Seguindo para o próximo recorte analisado, no interior do Estado de São Paulo, “Homem viola ordem judicial e agride mulher com soco em Piracicaba, SP” (HOMEM..., 2016d), na Fig. 56. O verbo escolhido no título para descrever a atitude de desobediência do agressor em relação à “ordem judicial” é “viola”, que tem o mesmo sentido da característica do homem, que vem sendo apresentado neste ponto do trabalho.

Figura 56 - Homem viola ordem judicial e agride mulher com soco

MENU G1 PIRACICABA E REGIÃO EPTV

02/03/2016 10h16 - Atualizado em 02/03/2016 10h16

Homem viola ordem judicial e agride mulher com soco em Piracicaba, SP

Dona de casa de 31 anos foi atingida com golpe no peito, nesta terça-feira. Suspeito era impedido de se aproximar, mas invadiu a residência da vítima.

Do G1 Piracicaba e Região

FACEBOOK

Uma dona de casa de 31 anos foi agredida pelo marido, na noite da terça-feira (1), em Piracicaba (SP). Mesmo com ordem judicial que o impedem de se aproximar da mulher, o suspeito invadiu a casa dela, no bairro Jardim Planalto, e atingiu a vítima com um soco no peito. Apesar da agressão, ele não foi preso.

De acordo com as informações da ocorrência registrada como lesão corporal, o homem foi até a casa da vítima por volta das 20h. Após ser agredida, a mulher chamou a Polícia Militar, que não foi até o local e a orientou a registrar um boletim no plantão policial.

Segundo Polícia Civil, no dia 13 de janeiro deste ano, foi concedida à dona de casa medida protetiva, que proibia o suspeito de se aproximar dela. Ele também foi proibido de manter contato por qualquer meio de comunicação. A vítima relatou à polícia que ultimamente o homem tem violando as ordens da Justiça. Ele não foi localizado pela polícia.

Fonte: Homem... (2016d). Disponível em: https://g1.globo.com/sp/piracicaba-regiao/noticia/2016/03/homem-viola-ordem-judicial-e-agride-mulher-com-soco-em-piracicaba-sp.html. Acesso em: 13 abr. 2022.

Esta notícia traz, claramente, já no título, a concepção de força, ao enunciar “homem viola ordem judicial e agride mulher”, reconstruindo a noção de alguém que não se sujeita a nada. Nas sentenças “após ser agredida, a mulher chamou a Polícia Militar, que não foi até o local” e “vítima relatou à polícia que ultimamente o homem tem violado as ordens da Justiça” (HOMEM..., 2016d, *on-line*), o que se manifesta é um sujeito provido de “bravura” e, claro, “desobediente”.

Em outra matéria sobre o tema, de acordo com o promotor de Justiça, Francisco de Jesus Lima, “que atua no juizado de combate à violência contra a mulher [...] a demora de uma resposta da justiça favorece o agressor [...] essa sensação de impunidade faz com que os crimes aumentem” (NÚMERO..., 2014, *on-line*), na Fig. 57.

Figura 57 - Número de mulheres agredidas e que não denunciam ainda é alto no Piauí

25/03/2014 21h44 - Atualizado em 25/03/2014 21h45

Número de mulheres agredidas e que não denunciam ainda é alto no Piauí

Quem superou o drama sabe da importância de seguir em frente.
Número de mulheres assassinadas no Brasil subiu 200%, diz Ipea.

Do G1 PI

FACEBOOK

O número de mulheres assassinadas no Piauí aumentou. Sem proteção, muitas se calam e evitam denunciar. Quem superou o drama sabe da importância de seguir em frente e refazer a vida.

A comerciante Irene Rosa sentiu na pele a dor da violência doméstica. Na segunda vez que foi agredida pelo ex-marido decidiu denuncia-lo a polícia. "Não é fácil denunciar uma pessoa que é pai do meu filho, que um dia eu fui feliz com ele, mas foi bom que eu fui uma mulher corajosa, me senti aliviada e por minha causa, outras mulheres tiveram coragem e também procuraram a polícia", relatou.

Por ter vivenciado essa situação, ela decidiu participar da campanha do Ministério Público, que incentiva a denuncia. Alguns manequins do shopping da cidade foram vestidos com a camisa da campanha. O promotor Francisco de Jesus Lima, que atua no juizado de combate a violência contra a mulher, incentiva o tipo de comportamento, mas reconhece que a demora de uma resposta da justiça favorece o agressor.

"A vítima foi totalmente esquecida no sistema penal brasileiro. Nós preocupamos com a liberdade do agressor, menos com a situação da vítima. Essa sensação de impunidade faz com que os crimes aumente", contou o promotor.

Segundo o Instituto de Pesquisas Econômicas Aplicadas (Ipea) nos últimos 30 anos, o número de mulheres assassinadas no Brasil subiu 200%. No Piauí, de acordo com o Ministério Público, o índice cresce a cada ano cerca de 20%. Para quem é da área só a aplicação da lei não resolve o problema.

A delegada Vilma Alves, titular da Delegacia da Mulher, acredita que a violência contra o sexo feminino ainda está ligada a falta de conscientização por parte de alguns homens. "Não pensaram ainda na importância da cidadania da mulher. Quando a mulher vai trabalhar ela tem o horário certo de chegar em casa e os homens tratam a mulher como sua propriedade", argumentou a delegada.

Fonte: Número... (2014). Disponível em: https://g1.globo.com/pi/piaui/noticia/2014/03/numero-de-mulheres-agredidas-e-qe-nao-denunciam-ainda-e-alto-no-piaui.html. Acesso em: 14 abr. 2022.

O texto enfatiza no *lead* que a falta de “proteção” ou de atenção por parte de operadores da lei gera insegurança na mulher, que em outras palavras, acaba perdendo a coragem de denunciar. Embora alerte para o problema, pode por outro lado, construir o efeito de sentido de que não adianta buscar ajuda porque não receberá apoio, levando mulheres que sofrem violência a permanecerem no anonimato. Mesmo usando depoimento de uma vítima que se libertou das agressões do ex-marido, as frases “não é fácil denunciar uma pessoa que é pai do meu filho” ou “que um dia eu fui feliz” recorrem no discurso da dependência do homem mesmo que apresente tal comportamento. Tais ideias explicam o que Saffioti (1987) disse sobre esse ser um dos motivos para não se conhecer as cifras deste problema (SAFFIOTI, 1987).

Em outro caso, o texto enuncia “Apesar de medida protetiva, homem invade casa e ameaça ex-mulher” (APESAR DE MEDIDA PROTETIVA..., 2016), na Fig. 58.

Figura 58 - Apesar de medida protetiva, homem invade a casa e ameaça ex-mulher

MENU G1 PRUDENTE E REGIÃO TV FRONTEIRA

12/03/2016 16h32 - Atualizado em 12/03/2016 16h32

Apesar de medida protetiva, homem invade casa e ameaça ex-mulher

Ele disse que pode ser preso, mas que quando sair vai matar a vítima. Ocorrência foi no Residencial Monte Rey, em Presidente Prudente.

Do G1 Presidente Prudente

Um homem de 35 anos foi preso em flagrante pelos crimes de ameaça, injúria, desobediência, resistência e violação de domicílio. De acordo com o Boletim de Ocorrência, ele invadiu a casa de sua ex-esposa, no Residencial Monte Rey, em **Presidente Prudente**, mesmo com medida protetiva de afastamento.

A Polícia Militar foi acionada por volta das 20h10 para comparecer ao local, onde estaria acontecendo uma "desinteligência" entre um casal. Porém, a vítima, uma mulher de 35 anos, relatou que seu ex-marido estava no quintal dos fundos, "pois tinha invadido sua casa e a ameaçado de morte e a xingado".

Ela explicou aos policiais que há uma "medida protetiva de afastamento". Em seguida, o indiciado foi até os policiais e nada de ilícito foi localizado. Ele confirmou que sabe da "proibição judicial" para ficar afastado de sua ex-esposa, mas disse que estava na casa para "ver os filhos e soltar os cachorros que estavam no quintal".

A mulher falou também que ele entrou no quintal e tentou arrombar a porta da frente para entrar na casa, dizendo que a mataria. "O autor, neste momento, disse na frente dos policiais que poderiam levá-lo e que ele poderia ficar um ano, dois anos, mas quando saísse, iria matar a ex-mulher e botar fogo na casa", afirma o BO. Ele ainda xingou a vítima na frente da corporação.

Diante dos fatos, a Polícia Militar prendeu o indivíduo. Contudo, ele resistiu à prisão e os policiais fizeram o "uso de força física moderada e algemas para contê-lo".

Ele foi levado para a Delegacia Participativa, onde foi verificado que já havia outros Boletins de Ocorrência registrados por ameaça contra a vítima. A prisão foi ratificada pelo delegado de plantão e o homem foi encaminhado para a Cadeia de Presidente Venceslau, para posterior remoção ao Centro de Detenção Provisória (CDP) de Caiuá.

Fonte: Apesar de medida protetiva... (2016). Disponível em: https://g1.globo.com/sp/presidente-prudente-regiao/noticia/2016/03/apesar-de-medida-protetiva-homem-invade-casa-e-ameaca-ex-mulher.html. Acesso em: 13 abr. 2022.

O *lead* já deixa clara esta característica do agressor de que “foi preso em flagrante pelos crimes de ameaça, injúria, desobediência, resistência e violação de domicílio” e ele também “[...] invadiu a casa de sua ex-esposa, no Residencial Monte Rey, em Presidente Prudente, mesmo com medida protetiva de afastamento” (APESAR DE MEDIDA PROTETIVA..., 2016, *on-line*). O mais intrigante no texto é que a violência doméstica recebeu, naquele momento, outro nome e designação: “desinteligência”, que não deixa claro no registro de onde surgiu tal termo, mas talvez tenha sido usado no Boletim de Ocorrência. Foi descrito desta maneira: “A Polícia Militar foi acionada por volta das 20h10 para comparecer ao local, onde estaria acontecendo uma “desinteligência” entre um

casal” (APESAR DE MEDIDA PROTETIVA..., 2016, *on-line*). Uma ocorrência relacionada à violência doméstica é muito mais grave e séria do que uma simples “desinteligência” entre sujeitos. No entanto, foi uma escolha do enunciador usar este conceito que traz a seguinte reflexão: que muitos veem o fenômeno sob esse prisma, que o torna “banal”, de acordo com o Site do Instituto Maria da Penha (INSTITUTO MARIA DA PENHA, 2018, p. 1; MORAES, 2022).). Esta visão pode, por vezes, representar o espaço e tempo entre a vida e a morte de uma mulher que sofre com este tipo de problema.

O próximo registro é simbólico e serve como alerta para as mulheres que sofrem qualquer tipo de violência e para mostrar, também, como ela pode, com o tempo, passar de um grau a outro, a exemplo, da agressão física ao feminicídio. A notícia de Joinville (SC) enuncia “Ficava com ele ou era morte’, diz ex-mulher de suspeito de matar Mara” (RAACH, 2014, *on- line*). Trata-se do depoimento de “uma das ex-companheiras” do agressor, que matou a atual mulher, Mara, motivo pelo qual utilizamos este caso, já que uma das mulheres (a depoente) conseguiu superar tamanho desafio. O curioso na matéria é que “Ele apresentou-se à polícia de Navegantes na segunda (5) e confessou o crime” (RAASCH, 2014, *on-line*). Mas, como vemos tanto no título quanto ao longo do texto, é o uso do padrão linguístico ou estilo de escrita do veículo em que o homem é chamado de “suspeito”. Ora, se “ele se apresentou à polícia [...] e confessou o crime” (RAASCH, 2014, *on-line*), não se trata de um “suspeito”, ele é o autor confesso.

Seguindo a análise a notícia, a “ex”, usando o advérbio de intensidade “muito”, relata o “quanto foi agredida” por ele quando estavam juntos. “Muito, muito, muito. Não era pouco” (RAASCH, 2014, *on-line*). Segundo a mulher, ele “não tinha medo de ninguém” (RAASCH, 2014, *on-line*), reforçando a isotopia temática da “bravura” ou “coragem” do homem. A seguir, vemos outra descrição relevante da “ex”, mas que não é nenhuma surpresa,

> A ex-mulher chegou a procurar a polícia e registrou quatro boletins de ocorrência por agressão e ameaça. Mesmo conseguindo uma medida protetiva em 2013, em que o suspeito ficasse pelo menos 200 metros de distância, o ex-companheiro não obedeceu. Em janeiro, ao buscar a polícia para denunciar o desrespeito, não obteve apoio. “Falaram que não podiam fazer nada. Deixaram ele [*sic*] na rua para fazer o que ele fez” (RAASCH, 2014, *on-line*).

São duas questões reforçando nossas hipóteses sobre as caracterizações desse tipo de sujeito: (i) está na frase “mesmo conseguindo uma medida protetiva em 2013, em que o suspeito ficasse pelo menos 200 metros de distância, o ex-companheiro não obedeceu” (RAASCH, 2014, *on-line*). Primeiramente, segundo consta, ele foi “desobediente” à decisão judicial; (ii) na oração, “ao buscar a polícia para denunciar o desrespeito, não obteve apoio. Falaram que não podiam fazer nada. Deixaram ele [*sic*] na rua para fazer o que ele fez” (RAASCH, 2014, *on- line*), a ex-mulher confirma o estado de impunidade que contribuiu para o desfecho do caso, envolvendo a vítima de feminicídio em questão. A ênfase da declaração da ex “deixaram ele fazer o que quis”, resume este tópico e dos efeitos de

sentido nele tratado. Para encerrar essa análise, importante destacar o que a entrevistada declara após ter comparecido no velório de Mara: “Fui me enxergar no lugar dela. Cheguei tão perto daquilo ali” (RAASCH, 2014, *on- line*). Uma das vítimas, mesmo tendo “chegado tão perto” desta tragédia, conseguiu sair dessa relação, já Mara não teve mais tempo e oportunidade de vislumbrar um novo dia.

Outro caso de “desobediência” ocorreu em Porto Velho, onde “Agricultor agride enteada e companheira e ameaça PM, em RO” (AGRICULTOR..., 2014), na Fig. 59.

Figura 59 - Agricultor agride enteada e companheira e ameaça PM

22/10/2014 11h40 - Atualizado em 22/10/2014 11h40

Agricultor agride enteada e companheira e ameaça PM, em RO

Homem ameaçou vítimas com facão e quebrou janelas de casa, na capital. Na Central de Flagrantes, suspeito tentou fugir e ameaçou policial.

Do G1 RO

Central de Flagrantes da Polícia Militar em Porto Velho (Foto: Gaia Quiquiô/G1)

Um agricultor de 53 anos foi preso após ameaçar com um facão a companheira e a enteada, na noite desta terça-feira (21), no bairro Lagoinha, em **Porto Velho**. O homem também foi autuado por dano material, após quebrar as janelas da residência da mulher, e por desacato e ameaça a um policial militar.

A enteada do agricultor, uma adolescente de 17 anos, estava em frente à residência conversando com dois amigos, quando o suspeito mandou que ela entrasse e a agrediu, com um soco em suas costas. A mãe da menina viu que a filha estava sendo agredida e começou a empurrar o agricultor para fora de casa e o agrediu com um murro no rosto. O homem ficou trancado para fora, pegou um facão dentro de um veículo e começou a ameaçar de morte mãe e filha, quebrando os vidros das janelas da residência.

O agressor só parou quando percebeu que a mulher estava ligando para a polícia e fugiu do local. A Polícia Militar localizou o veículo próximo à casa e prendeu o homem por ameaça e dano material.

Já na Central de Flagrantes, o agricultor tentou fugir da carceragem, mas foi detido e começou a ameaçar toda a guarnição, sendo autuado também por desacato, desobediência e ameaça contra a PM.

Fonte: Agricultor... (2014). Disponível em: https://g1.globo.com/ro/rondonia/noticia/2014/10/agricultor-agride-enteada-e-companheira-e-ameaca-pm-em-ro.html. Acesso em: 13 abr. 2022.

Além de ter “ameaçado as vítimas” (mãe e filha) com facão e “quebrado as janelas da casa”, “ameaçou toda a guarnição” (AGRICULTOR..., 2014, *on-line*). Aqui temos mais uma vez um homem provido de duas características comuns nas análises anteriores: a “bravura” e “desobediência”. Outro sujeito “desobediente”, “resistente” e “corajoso”, segundo a notícia, agrediu “a ex-namorada, em Volta Redonda, RJ” (JOVEM..., 2016c), na Fig. 60.

Figura 60 - Jovem é preso após agredir ex-namorada em Volta Redonda, RJ

MENU G1 SUL DO RIO E COSTA VERDE

04/04/2016 12h09 - Atualizado em 04/04/2016 12h09

Jovem é preso após agredir ex-namorada em Volta Redonda, RJ

Ele também tentou agredir a vítima em frente aos agentes, diz PM.
Caso foi registrado na Vila Santa Cecília.

sul do rio costa verde

FACEBOOK

Um jovem de 19 anos foi preso em flagrante após agredir a ex-namorada na madrugada de domingo (3) na Vila Santa Cecília, em **Volta Redonda**, Sul do Rio. De acordo com a Polícia Militar, a vítima, também de 19 anos, e a irmã do rapaz, de 28, estavam fugindo do suposto agressor quando encontraram os agentes na Rua 90.

Ainda segundo os policiais, ele tentou atacá-la em frente aos agentes, que tiveram que algemá-lo a força. O jovem também tentou agredir a polícia fazendo ameaças. Os dois foram conduzidos para o Hospital São João Batista e em seguida levados para a Deam (Delegacia Especializada de Atendimento à Mulher), onde o caso foi registrado. O rapaz foi preso por lesão corporal, ameaça, desobediência, desacato e resistência.

Fonte: Jovem... (2016c). Disponível em: https://g1.globo.com/rj/sul-do-rio-costa-verde/noticia/2016/04/jovem-e-preso-apos-agredir-ex-namorada-em-volta-redonda-rj.html. Acesso em: 13 abr. 2022.

O jovem também "tentou atacá-la em frente aos agentes, que tiveram que algemá-lo a força [...] também tentou agredir a polícia fazendo ameaças" (JOVEM..., 2016c). Dentro desse mesmo tópico, em Castanhal, "Polícia prende suspeito de agredir e ameaçar ex-mulher no Pará" (POLÍCIA..., 2012), na Fig. 61.

Figura 61 - Polícia prende suspeito de agredir e ameaçar ex-mulher no Pará

G1 PARÁ REDE LIBERAL

31/07/2012 18h02 - Atualizado em 31/07/2012 18h02

Polícia prende suspeito de agredir e ameaçar ex-mulher no Pará

Homem teve prisão preventiva decretada porque descumpriu ordem judicial.
Ele responderá pelos crimes de ameaça, lesão corporal e injúria.

Do G1 PA

Tweetar Recomendar 0

A Polícia Civil divulgou nesta terça-feira (31), a prisão de um homem suspeito de agredir fisicamente e ameaçar de morte sua ex-mulher. A Delegacia de Atendimento à Mulher (Deam) de Castanhal, nordeste do Pará, informou que o suspeito teve a prisão preventiva decretada porque descumpriu uma medida protetiva concedida à ex-mulher.

Segundo a Polícia Civil, mesmo após ser notificado de que não poderia mais se aproximar da ex-mulher, o suspeito não respeitou a determinação judicial. A vítima decidiu então, denunciá-lo.

De acordo com a delegada Luiza Wanzeler, ele responderá pelos crimes de ameaça, lesão corporal, injúria e danos. Segundo ela, depois dos procedimentos cabíveis, o suspeito foi conduzido até o Centro de Recuperação de Castanhal, onde permanece à disposição da Justiça.

Fonte: Polícia... (2012). Disponível em: https://g1.globo.com/pa/para/noticia/2012/07/policia-prende-suspeito-de-agredir-e-ameacar-ex-mulher-no-para.html. Acesso em: 13 abr. 2022.

O homem “teve a prisão preventiva decretada porque descumpriu uma medida protetiva concedida à ex-mulher” (POLÍCIA..., 2012, *on-line*). Seguindo o mesmo modelo de “desobediente” de outros casos, “[...] mesmo após ser notificado de que não poderia mais se aproximar da ex-mulher, o suspeito não respeitou a determinação judicial” (POLÍCIA..., 2012, *on-line*).

Vez por outra, é realizada alguma campanha ou operação para dar maior atenção às vítimas de violência. A próxima notícia diz respeito às ocorrências registradas em Londrina, no Paraná. Tem o título “Patrulha Maria da Penha de Londrina atende 80 mulheres em cinco meses” (PATRULHA..., 2015), na Fig. 62. Segundo o texto, 42 dos registros feitos nesse período se relacionam a casos de “desacato e desobediência” (PATRULHA..., 2015).

Figura 62 - Patrulha Maria da Penha de Londrina atende 80 mulheres em cinco meses

MENU G1 NORTE E NOROESTE

28/12/2015 17h01 - Atualizado em 28/12/2015 17h01

Patrulha Maria da Penha de Londrina atende 80 mulheres em cinco meses

Vítimas em situação de violência foram atendidas pela Guarda Municipal. Durante o ano, Guarda ainda registrou 462 ocorrências, a maioria por furto.

Do G1 PR

FACEBOOK

Guarda Municipal de Londrina divulgou o balanço das operações realizadas em 2015 (Foto: Divulgação/ Prefeitura de Londrina/Luiz Jacobs e Vivian Honorato)

A Patrulha Maria da Penha de **Londrina**, no norte do **Paraná**, atendeu mais de 80 mulheres desde julho deste ano, quando foi criada. Todas passaram por alguma situação de violência e receberam atendimento diferenciado da Guarda Municipal. O número foi divulgado nesta segunda-feira (28) junto com o balanço das ações durante o ano.

Além dos atendimentos às mulheres, até o início de dezembro a Guarda Municipal de Londrina também atendeu outras 462 ocorrências. Destes, 82 foram registros de furtos e roubos, 46 por alguma situação de droga, 42 por desacato e desobediência, 38 da Patrulha Maria da Penha e 34 por ameaça. Também foram feitos 332 encaminhamentos para delegacias, hospitais e ao Conselho Tutelar.

saiba mais

Vítimas de violência doméstica serão vigiadas por Patrulha Maria da Penha

Londrina aprova utilização do 'Botão do Pânico' para proteger mulheres

Ao contabilizar os atendimentos feitos pelos telefones 153 e 199, o número chega a 25.539. Foram ligações relativas a ocorrências, perturbação de sossego, informação e chamadas para a Defesa Civil. Apenas a Defesa Civil atendeu 227 casos de quedas de árvores, destelhamentos de casas, derramamento de óleo, além de outras solicitações.

As 250 câmeras espalhadas pela cidade também flagraram 1.677 atos de pichação, arrombamentos, acidentes de trânsito, entre outros.

Fonte: Patrulha... (2015). Disponível em: https://g1.globo.com/pr/norte-noroeste/noticia/2015/12/patrulha-maria-da-penha-de-londrina-atende-80-mulheres-em-cinco-meses.html. Acesso em: 14 abr. 2022.

Interessante, como análise final deste tópico, que poucas notícias traziam "imagens" ou fotografias de homens, mesmo que, neste ponto, se faça a associação às características dos agressores. Combina com o levantamento do *corpus* que mostrou que a exposição também é maior em relação à vítima da violência.

7.3 NEGACIONISTA

Este item diz respeito, em particular, aos simulacros que apontam para um agressor com aspecto de "negacionista". Este sujeito é basicamente aquele que "não admite algo" (HOUAISS; VILLAR, 2009, p. 1347). No caso, que cometeu a violência ou talvez, que seja machista, agressivo e assim por diante. A atitude de "não assumir" pode estar associada à noção de "fraqueza", que não combina com o "homem forte" e, por isso, dificilmente em casos como esses, ele admite que agrediu e o discurso midiático, também neste ponto, segue a mesma linha. Assim, para este actante, criado em uma cultura sexista e opressora, negar pode representar um valor positivo (eufórico), enquanto, para a vítima, soa tão disfórico quanto o ato cometido contra ela. Deste modo, percebe-se como a subjetividade está presente principalmente nas relações humanas, uma vez que, o que parece ser uma atitude positiva para alguns, para outros, é negativa e vice-versa, de acordo com as crenças de cada um.

Segundo as categorias criadas para a análise do objeto de estudo e suas variantes, o vocábulo foi encontrado de forma "eventual", compreendendo as ocorrências que, no quadrado semiótico proposto, compõem o eixo "descontínuo", instituindo a *deixis* negativa na posição dos eixos dos "contrários" (GREIMAS; COURTÉS, 2008, p. 400-4; CLEMENTE, 2015, p. 147). Este simulacro para o masculino (estereótipo) está presente na classe denominada: "modo de 'ser-parecer' do homem".

Nas notícias, tal característica está descrita, em alguns momentos, de maneira explícita e o verbo usado para transmitir esta ideia é "negou". Às vezes a forma de negar aparece não com o uso literal da palavra, mas, no depoimento, o agressor conta, imagina, ou inventa uma versão diferente daquela declarada pela vítima ou testemunhas do crime, como esta que analisaremos em seguida.

O caso foi registrado em Fernandópolis (SP), em 2016, e chama a atenção pela barbárie, além de ser intrigante a forma de negação acerca da autoria da violência, representando o jornalismo declaratório e sensacional logo no título "Deve ser o capeta" ('DEVE SER O CAPETA'..., 2016).

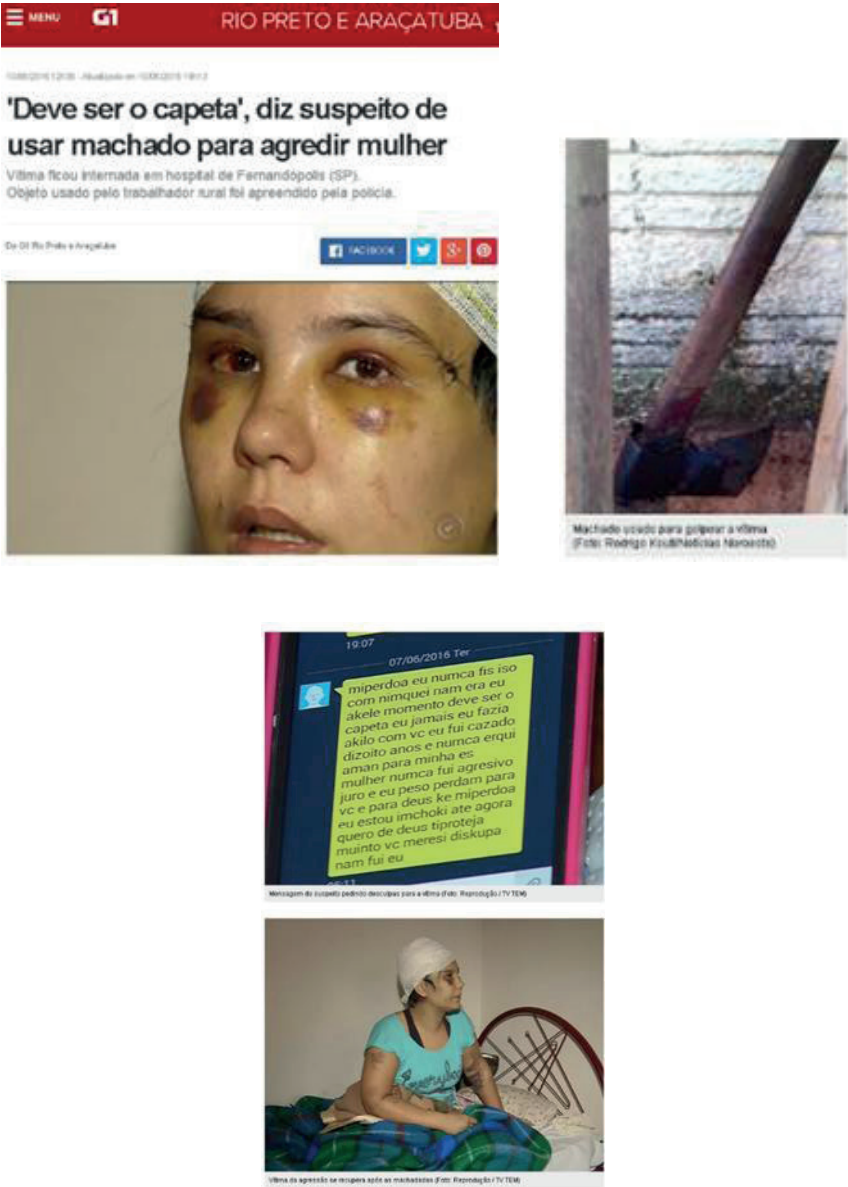
O enunciado "grotesco", conforme Sodré (2015, p. 22), prossegue com as seguintes descrições (com sucessivos erros gramaticais e ortográficos) "me perdoa eu nunca fiz isso com ninguém [*sic*], não era eu aquele momento, deve ser o capeta. Eu fui casado por 18 anos e nunca ergui a mão para minha ex-mulher" ('DEVE SER O CAPETA'..., 2016, *on-line*). Parece uma tentativa do destinador de tornar o agressor inocente e de fazê-lo a

vítima. Na Fig. 63, vemos a mulher com parte de uma gaze (curativo) branco na cabeça. Repetimos a figura que já foi abordada no Capítulo 5.

Figura 63 - Jovem machucada pelo namorado: “deve ser o capeta”

RIO PRETO E ARAÇATUBA

'Deve ser o capeta', diz suspeito de usar machado para agredir mulher

Vítima ficou internada em hospital de Fernandópolis (SP).
Objeto usado pelo trabalhador rural foi apreendido pela polícia.

Fonte: ‘Deve ser o capeta’... (2016). Disponível em: https://g1.globo.com/sao-paulo/sao-jose-do-rio-preto-aracatuba/noticia/2016/06/deve-ser-o-capeta-diz-suspeito-de-usar-machado-para-agredir-mulher.html. Acesso em: 14 abr. 2022.

Seguimos a análise sob a perspectiva da Semiótica Figurativa e Plástica de Greimas (1984), nas categorias "cromática": (o roxo) representa intensidade, violência e os sinais da agressão. Perto da íris, vemos cicatriz de cor arroxeada e, abaixo dos olhos, também. Tem ainda um corte do lado esquerdo que, provavelmente, por ser profundo, foi suturado a fim de conter o sangue e reconstruir aquela parte da face. Corrobora com a descrição da notícia, "[...] as marcas da agressão estão no corpo e rosto da vítima [...] o agressor continua solto" ('DEVE SER O CAPETA'..., 2016).

Tanto na linguagem verbal quanto na imagética, o destinador insiste em um discurso extraordinário que, primeiramente, causa impacto no destinatário para que ele se interesse pelo conteúdo, mas, depois, pode distrair a atenção e reflexão sobre o assunto dando a impressão que é só mais um caso de violência. Em outras palavras, é, como disse Teixeira (2011), típico "da prática sensacionalista, que busca o exagero e o sofrimento alheio para chamar atenção do público e comovê-lo" (TEIXEIRA, 2011, p. 109).

Neste tópico, trazemos não apenas um agressor que emerge como negacionista, mas também, de certo modo, um discurso que traz esta abordagem quando trata de uma situação grave. Representa, possivelmente, aspectos da "alteridade" em relação ao "outro", conforme abordado em "Presenças do Outro", de Landowski (2012). O "outro", nesse caso – a mulher "[...] se encontra de imediato desqualificado como sujeito" dentro da esfera patriarcal, que pode ser violenta por natureza (LANDOWSKI, 2012, p. 7). Como aponta o semioticista, isso ocorre nos "discursos sociais [...] que fixam seu valor" e neles/deles se formam identidades, se instauram as práticas de vida (LANDOWSKI, 2012, p. 15).

Outra notícia, de Porto Velho, menciona que "Homem é preso após quebrar o nariz de esposa em Porto Velho" (HOMEM, 2016e), na Fig. 64.

Figura 64 - Homem é preso após quebrar o nariz da esposa em Porto Velho

30/04/2016 14h09 - Atualizado em 30/04/2016 14h11

Homem é preso após quebrar o nariz de esposa em Porto Velho

Policias encontraram a vítima na rua de casa com o nariz sangrando. Suspeito foi levado à Central de Flagrantes de Porto Velho.

Do G1 RO

Suspeito foi levado à Central de Flagrantes,de Porto Velho (Foto: Suzi Rocha/G1)

Um homem de 36 anos foi preso após agredir a esposa com um soco na madrugada deste sábado (30), no bairro Tancredo Neves, Zona Leste de **Porto Velho**.

Segundo a Polícia Militar (PM), a vítima estava na rua Pedro Mancebo, com o nariz sangrando quando informou aos policiais que havia sido agredida pelo suspeito.

A PM socorreu a mulher a Unidade de Pronto Atendimento da Zona Leste, e o médico de plantão informou que o nariz da vítima estava quebrado devido a agressão.

O suspeito ao ser indagado o motivo de ter agredido a vítima, disse apenas que uma testemunha teria visto a mulher se ferindo e que ele negou a agressão contra a esposa. Os policiais conversaram com a suposta testemunha que informou não ter visto ou ouvido nada.

O homem foi detido e levado para a Central de Flagrantes. Ele responderá pelo crime de violência doméstica.

Fonte: Homem... (2016e). Disponível em: https://g1.globo.com/ro/rondonia/noticia/2016/04/homem-e-preso-apos-quebrar-o-nariz-de-esposa-em-porto-velho.html. Acesso em: 15 abr. 2022.

Ele deu um soco no nariz, que começou a sangrar e, no pronto atendimento, onde a mulher foi socorrida, "[...] o médico de plantão informou que o nariz da vítima estava quebrado devido a agressão" (HOMEM..., 2016e). No texto, encontramos o seguinte relato do sujeito à polícia: "disse apenas que uma testemunha teria visto a mulher se ferindo" e "negou a agressão contra a esposa". [...] os policiais conversaram com a suposta testemunha que informou não ter visto ou ouvido nada" (HOMEM..., 2016e, *on-line*).

Há alguns pontos para serem observados a partir do relato jornalístico reforçado na notícia: (i) a negação do homem frente ao crime, que nos lembra do "contrato de veridicção" ou "acordo implícito", segundo Greimas (2014, p. 117) de que esse tipo de sujeito tem com ele mesmo e sua classe (uma espécie de bolha), ou seja, de não "assumir", em primeiro lugar, que cometeu determinada violência; (ii) segue firme no "pacto" que se agrava mais ainda na falta de reconhecimento diante da vítima, no mínimo, no intuito de se retratar e amenizar os efeitos da agressão. Esta maneira de agir impede qualquer superação do problema que devia começar por ele mesmo a fim de não ser mais uma "vítima" desse sistema social, em que, segundo teorizam Saffioti e Almeida (1995), todos perdem (SAFFIOTI; ALMEIDA,

1995, p. 45); (iii) a questão e posição da “testemunha” no discurso. Ora ela “teria visto a mulher se ferindo” que, além de inverter os papéis, iria ao encontro do discurso de negação do agressor, ora, ao ser indagada pelos policiais em relação ao ocorrido, informando “não ter visto ou ouvido nada” (HOMEM..., 2016e, *on-line*).

É bem comum esta omissão ocorrer nas práticas do cotidiano, se revestindo do ditado tão costumaz como “em briga de marido e mulher, não se mete a colher”, “mulher gosta de apanhar” e também “mulher que apanha agiu incorretamente” (SAFFIOTI, 1987, p. 80), além do dito popular de que “roupa suja se lava em casa”. As sociólogas reforçam que “não meter a colher em briga de marido e mulher pode levar a verdadeiras tragédias criando, por exemplo, “condições para homicídios” (SAFFIOTI; ALMEIDA, 1987, p. 80). Sobretudo, esse tipo de linguagem não deixa de fazer parte de um “contrato de veridicção” que culmina na concretude da ação (GREIMAS, 2014, p. 45). Mais do que isso, é uma mentira contada no intuito de que se torne verdade, como veremos ainda em muitos casos nesta análise. Segundo Baldan (1988),

> Só poderemos entender as noções de verdade ou mentira reportando-as a textos como efeitos de leitura de qualquer prática social, tanto as representadas pelas condutas pragmáticas, no domínio do fazer, quanto as representadas pelas condutas cognitivas, no domínio do saber sobre o fazer. Só vai haver sentido para um sujeito na medida em que ele estiver em relação com enunciados que lhe forneçam, uma segunda vez, ao modo do ser, aquele mesmo sentido que ele apreendeu, uma primeira vez, ao modo do parecer (BALDAN, 1988, p. 49).

Nestes relatos do *corpus,* “negar” representa uma “mentira”, já que faz “sentido para um sujeito na medida em que ele estiver em relação com enunciados que lhe forneçam, uma segunda vez, ao modo do ser, aquele mesmo sentido que ele apreendeu, uma primeira vez, ao modo do parecer” (BALDAN, 1988, p. 49). Também representa uma espécie de metáfora como proposta por Landowski (2021) que, “uma vez acessa”, pode levar a “extremidades e fúria de ser Si” (LANDOWSKI, 2012, p. 9), convergindo com a ideia de Saffioti e Almeida (1995) de que, em uma situação como essa, não existe um vencedor. Do contrário, todos são perdedores, embora a mulher seja o principal alvo e maior vítima que, literalmente, sente na pele e na alma os horrores dessa cultura.

Ainda sobre o discurso da omissão diante de uma crise como essa, hoje, a sociedade, a família, o vizinho, todos que percebam todo e qualquer tipo de violência contra a mulher são convocados, por uma rede de apoio, acolhimento e proteção à vítima, a denunciar (BRASIL, 2006, p. 39-40). As denúncias, como informado anteriormente, podem ser feitas por meio do “Disque 100”, “Ligue 180”, diretamente nas delegacias ou centrais de polícia mais próximas.

Sucessivamente, essas ocorrências preenchem as páginas dos jornais e são relatadas, como vimos, de um modo superficial e sensacional (TEIXEIRA, 2011). Nesta outra matéria, descreve “Marido nega ter ateado fogo ao corpo da mulher em Campo Grande” (MARIDO..., 2010), na Fig. 65.

Figura 65 - Marido nega ter ateado fogo ao corpo da mulher em Campo Grande

MENU G1 RIO DE JANEIRO

01/07/2010 07h38 - Atualizado em 01/07/2010 07h41

Marido nega ter ateado fogo ao corpo da mulher em Campo Grande

Mulher teve 30% da parte superior do corpo queimados.
Tragédia teria ocorrido depois de uma briga do casal no meio da rua.

Do Bom Dia Rio

FACEBOOK

Em depoimento na Delegacia da Mulher (Deam), na Zona Oeste do Rio, o dentista Francisco Carlos Fernandes negou ter ateado fogo ao corpo da mulher, Andressa Sales, na tarde de quarta-feira (30).

A mulher teve 30% da parte superior do corpo queimados depois de uma discussão que teria começado no meio da rua, em Campo Grande, na Zona Oeste do Rio.

Segundo a polícia, após atear fogo à mulher ele ainda tentou fugir de carro, mas foi preso poucos minutos depois. O advogado do dentista, Athos Aurélio Santos, disse que ele negou qualquer envolvimento no ataque.

"Ele nega que tenha feito isso. Agora vamos aguardar o desenrolar das coisas", disse o advogado.

Briga no meio da rua
A briga foi na Rua Olinda Elis, em Campo Grande, na Zona Oeste do Rio, na tarde de quarta-feira (30). De acordo com as informações dos bombeiros, uma briga de casal teria motivado o crime.

A vítima foi socorrida por bombeiros e encaminhada ao Hospital Rocha Faria, também em Campo Grande. Segundo a Secretaria estadual de Saúde, a paciente teve queimaduras em 30% da parte superior do corpo. No início da noite ela foi transferida para o Hospital Joari, em Campo Grande.

Fonte: Marido... (2010). Disponível em: https://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2010/07/marido-nega-ter-ateado-fogo-ao-corpo-da-mulher-em-campo-grande.html. Acesso em: 15 abr. 2022.

O próprio título deixa explícita a negação da violência pelo homem, usando o verbo “nega”. A notícia enuncia que a vítima “[...] teve 30% da parte superior do corpo queimados” e o agressor, “o dentista Francisco Carlos Fernandes negou ter ateado fogo ao corpo da mulher” (MARIDO..., 2010, *on-line*). A forma incessante de emersão deste sujeito no discurso do G1 faz refletir acerca da visão do jornal, que é repetitiva, e ressalta este tipo de comportamento nos processos violentos. Outra forma de “negar” a violência está nas entrelinhas da reportagem produzida em Mato Grosso do Sul: “‘É ‘a palavra dela contra minha’, diz suspeito de deixar mulher em cárcere” (CASTRO, 2013), na Fig. 66.

Figura 66 - ‘É a palavra dela contra a minha’, diz suspeito de deixar mulher em cárcere

20/12/2013 17h40 - Atualizado em 20/12/2013 17h40

'É a palavra dela contra minha', diz suspeito de deixar mulher em cárcere

Servente de pedreiro nega violência contra a companheira e filhos em MS.
Ele está preso e, segundo a polícia, foi indiciado.

Nadyenka Castro
Do G1 MS

Servente de pedreiro nega todas as acusações feitas pela companheira (Foto: Nadyenka Castro/ G1 MS)

O servente de pedreiro suspeito de manter **a mulher e os quatro filhos em cárcere privado**, em Campo Grande, nega a violência. A dona de casa diz que não saía de casa nem recebia visitas porque era ameaçada pelo companheiro. Ao **G1**, o homem declarou que as alegações da vítima não são verdade. "É a palavra dela contra a minha".

Após denúncia de uma agente de saúde, que presenciou a situação vivida pela mulher e as crianças, o caso foi descoberto pela Delegacia Especializada de Atendimento à Mulher (Deam). O suspeito está preso e as vítimas estão em um abrigo.

saiba mais

Mulher que era mantida em cárcere reencontra o pai 15 anos depois

Mulher é mantida em cárcere privado por 20 anos em MS, diz polícia

O servente nega ter batido na companheira, conforme ela relatou. "Não sei de hematoma nenhum. Ela caiu e bateu no tanque. Joga água e sabão no chão e escorrega", justifica.

Ele também não confirma que proibia a mulher e os filhos de saírem de casa, mas fala que não gostava que os meninos fossem para a rua por receio de serem sequestrados. O homem diz ainda que levava a família para passear.

O caso

De acordo com a Polícia Civil, a mulher era proibida de sair de casa há 20 anos. Ela mora com o suspeito há 22 anos. Dos quatro filhos, só o mais novo, de cinco anos, ainda não foi à escola. O mais velho, de 15, foi retirado do colégio pelo pai em 2013. O homem alegou que o garoto havia recebido ameaça de morte.

A dona de casa declarou ao **G1** que tinha as chaves do imóvel, mas que devido às ameaças não saía e nem denunciava a situação. Falou também que os filhos tinham que ficar de joelhos para falar com o pai e que eram agredidos por ele.

Conforme a polícia, todos eram humilhados e agredidos pelo suspeito, que foi indiciado por cárcere privado, lesão corporal e ameaça.

Fonte: Castro (2013). Disponível em: https://g1.globo.com/mato-grosso-do-sul/noticia/2013/12/e-palavra-dela-contra-minha-diz-suspeito-de-deixar-mulher-em-carcere.html. Acesso em: 15 abr. 2022.

Observa-se que, em frases como "é a palavra dela contra a minha", o "pacto" social novamente se consuma com tom de superioridade que é legitimada na construção midiática (MORAES, 2022). No decorrer de todo o texto ele "nega a violência", também "nega ter batido na companheira" (CASTRO, 2013, *on-line*). As reiterações desse discurso confirmam a presença tão naturalizada em nosso meio não só do homem "negacionista", mas de todo o sistema de poder, que inclui a mídia. Além de negar, vemos também a tentativa de inversão, como em outros pontos do texto, quando o agressor justificou que "[...] ela caiu e bateu no tanque. Joga água e sabão no chão e escorrega" (CASTRO, 2013, *on-line*).

Em outro caso no município de Araguatins, a notícia menciona que "Mulher que teria sido agredida pelo marido está em coma em Tocantins" (MULHER..., 2014d), na Fig. 67.

Figura 67 - Mulher que teria sido agredida pelo marido está em coma no Tocantins

23/08/2014 09h15 - Atualizado em 24/08/2014 12h44

Mulher que teria sido agredida pelo marido está em coma no Tocantins

A vítima está internada na UTI do Hospital Geral de Palmas.
José Arcanjo dos Anjos, de 37 anos, foi preso em Araguatins.

Do G1 TO

FACEBOOK

Um homem de 37 anos foi preso em **Araguatins**, norte do estado, por suspeita de violência doméstica, lesão corporal e posse ilegal de arma de fogo. José Arcanjo dos Anjos teria, segundo a Secretaria de Segurança Pública (SSP), agredido violentamente a mulher no dia 10 de agosto. Por causa das lesões ela foi encaminhada ao Hospital Geral de Palmas (HGP), onde está internada na UTI em estado de coma. O homem foi preso após o cumprimento de um mandado de prisão preventiva do juízo da comarca de Araguatins.

José Arcanjo dos Anjos, 37 anos, está preso em Araguatins (Foto: Divulgação/SSP TO)

De acordo com a SSP, no dia da agressão os dois haviam discutido. O suspeito então teria agredido a mulher principalmente na região da cabeça. No mesmo dia, uma irmã da vítima, foi até a chácara onde o casal mora e viu a vítima caída no chão.

A irmã acionou a ambulância e a vítima foi levada para o hospital de Araguatins, mas pela gravidade dos ferimentos ela teve que ser encaminhada às pressas para o HGP. Por causa da agressão, os policiais civis iniciaram o processo investigatório para descobrir o suspeito pelo crime. Após as investigações, a Polícia Civil pediu a prisão preventiva de José Arcanjo.

De acordo com a SSP ele tem várias passagens pela polícia, também pelos crimes de agressão. Para o delegado, ele negou o crime cometido contra a mulher e disse que ela havia escorregado, caído e batido a cabeça. Mas, segundo a secretaria, os laudos periciais apontam que a vítima foi agredida na cabeça com um objeto.

O homem está preso na Cadeia Pública de Araguatins. No momento da prisão, os policiais encontraram uma espingarda escondida na casa dele. Por isso, ele também foi autuado pelo crime de posse ilegal de arma de fogo.

Fonte: Mulher... (2014d). Disponível em: https://g1.globo.com/to/tocantins/noticia/2014/08/mulher-que-teria-sido-agredida-pelo-marido-esta-em-coma-no-tocantins.html. Acesso em: 18 abr. 2022.

O texto diz que o agressor “tem várias passagens pela polícia, também pelos crimes de agressão” [...], mas ele negou o crime cometido contra a mulher e disse que ela havia escorregado, caído e batido a cabeça” (MULHER..., 2014d, *on-line*). Neste caso, fica clara a intencionalidade de eximir o agressor da culpa e responsabilizar a vítima. As desculpas são bem comuns: uma hora a vítima “escorrega no sabão”, em outros momentos, “foi a porta do carro”, ou, então “foi a quina da mesa” (FAMOSOS..., 2015), na Fig. 68.

Figura 68 - Famosos aderem à campanha contra a violência doméstica no Facebook

MENU G1 RIO DE JANEIRO

26/08/2015 09h19 - Atualizado em 26/08/2015 09h19

Famosos aderem a campanha contra a violência doméstica no Facebook

Disque Denúncia do Rio lançou a campanha 'Curiosidade Salva'.
Preta Gil, Bela Gil, Deborah Secco, Paolla Oliveira participaram.

Do G1 Rio

Paolla Oliveira foi uma das personalidades que participaram da ação (Foto: Reprodução / Internet)

A campanha 'Curiosidade Salva' realizada pelo Disque Denúncia do Rio está ganhando cada vez mais adeptos, inclusive de personalidades brasileiras. A iniciativa, que pretende combater a violência doméstica, se espalhou pelas redes sociais e ganhou repercussão nacional.

Pessoas postam em suas contas mensagens misteriosas como "Foi a porta do carro." ou "Foi a quina da mesa." com o objetivo de estimular os usuários a clicar no histórico de edições da postagem e descobrir a mensagem "É isso que você deve fazer sempre: reparou alguma coisa estranha, procure saber mais. Viu sinais de agressão? Denuncie."

A campanha já conta com a participação de personalidades como Preta Gil, Bela Gil, Deborah Secco, Paolla Oliveira, Luiza Possi, Eliana e outras. A hashtag #curiosidadeSalva também é uma das marcas da ação.

De acordo com o Disque Denúncia, no Rio de Janeiro a ligação pode ser feita através do telefone 2253 1177. O atendimento funciona durante 24 horas e o anonimato é garantido. Nas demais regiões do Brasil, é preciso ligar para o 180.

Preta Gil também participa da campanha contra violência doméstica (Foto: Reprodução / Internet)

Fonte: Famosos... (2015). Disponível em: https://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2015/08/famosos-aderem-campanha-contra-violencia-domestica-no-facebook.html. Acesso em: 15 abr. 2022.

Os dois últimos "bordões" fizeram parte de uma campanha contra a violência criada no Rio de Janeiro, que teve adesão de famosas e foi denominada de "Curiosidade Salva". A ação,

> [...] realizada pelo Disque Denúncia do Rio está ganhando cada vez mais adeptos, inclusive de personalidades brasileiras. A iniciativa, que pretende combater a violência doméstica, se espalhou pelas redes sociais e ganhou repercussão nacional [...] Pessoas postam em suas contas mensagens misteriosas como "Foi a porta do carro." ou "Foi a quina da mesa" com o objetivo de estimular os usuários a clicar no histórico de edições da postagem e descobrir a mensagem "É isso que você deve fazer sempre: reparou alguma coisa estranha, procure saber mais. Viu sinais de agressão? Denuncie." [...] A campanha já conta com a participação de personalidades como Preta Gil, Bela Gil, Deborah Secco, Paolla Oliveira, Luiza Possi, Eliana e outras. A hashtag #curiosidadeSalva também é uma das marcas da ação (FAMOSOS..., 2015, *on-line*)

Embora seja importante a campanha, de novo, a publicação coloca o foco ou holofotes sobre o mundo da fama, começando o enunciado do seguinte modo "famosos aderem a campanha contra a violência doméstica no Facebook" (FAMOSOS..., 2015). Parece mais uma forma de enaltecer atrizes e suas imagens do que propriamente tratar do assunto.

Para encerrar este capítulo acerca da "negação", analisamos mais duas notícias: na primeira, relativa à cidade de Iracema, em Roraima, descreve que "Mulher é mantida em cárcere com os 5 filhos pelo marido em RR: 'pesadelo' (COSTA, 2016, *on-line*), na Fig. 69.

Figura 69 - Mulher é mantida em cárcere com os cinco filhos pelo marido em RR

Mulher é mantida em cárcere com os 5 filhos pelo marido em RR: 'pesadelo'

Mãe e filhos foram mantidos em cárcere por 30 dias em sítio no Sul de RR.
Ele foi preso suspeito de estuprar a sobrinha que tem problemas mentais.

Emily Costa
Do G1 RR

Mulher de 29 anos foi mantida em cárcere com os cinco filhos pelo marido em um sítio no Sul de Roraima (Foto: Emily Costa/G1 RR)

"Foi um pesadelo, nós chorávamos ameaçados todos os dias", disse nesta segunda-feira (20) a mulher de 29 anos mantida em cárcere por 30 dias com os cinco filhos pelo próprio marido, um serralheiro, de 47 anos, **preso no domingo (19), em Iracema, no Sul de Roraima, acusado de estuprar a sobrinha de 14 anos.**

A vítima relata que ficou presa junto com os filhos com idades entre 3 e 11 anos em um sítio na vicinal do Roraima. Ela afirmou que foi sequestrada pelo próprio marido, após ele e o cunhado terem a prisão decretada pela Justiça **suspeitos de terem estuprado a adolescente de 14 anos, que tem deficiência física e mental.**

Crianças com idades entre 3 e 11 anos eram ameaçadas pelo próprio pai; dizia que ia queimar todo mundo (Foto: Emily Costa/G1 RR)

"Ele levou a gente para esse sítio após ameaçar matar a mim e a minha irmã [mãe da adolescente de 14 anos] e nos mantinha lá por um mês. A gente não tinha comida, a criança chorava muito", relata.

A mulher conta que durante todo o período em que foi mantida presa, sofria constantes ameaças de morte do marido, que é pai de quatro crianças. Eles eram casados há 10 anos.

"Ele dizia que ia queimar a gente, que ia tocar fogo na casa inteira se a gente tentasse denunciá-lo. Foi um pesadelo, chorávamos ameaçados todos os dias", relembra.

Caso

Homem nega crime

Fonte: Costa (2016). Disponível em: https://g1.globo.com/rr/roraima/noticia/2016/06/mulher-e-mantida-em-carcere-com-os-5-filhos-pelo-marido-em-rr-pesadelo.html. Acesso em: 15 abr. 2022.

Em um dos parágrafos, com o subtítulo “Homem nega crime”, o agressor justifica “‘não sei por que ela [mulher] disse isso. Eu não fiz nada’, declarou o homem que afirmou já ter cumprido pena por tentativa de homicídio” (COSTA, 2016, *on-line*). A expressão “não fiz nada”, reforçada pelo destinador, é bem recorrente no discurso do homem com esta formação ideológica, visto que “não fiz nada” significa o mesmo que não “admitir” ou negar um comportamento. Na segunda matéria, desta vez registrada no Estado de Minas Gerais, o título é “Homem é preso suspeito de envenenar a esposa em Elói Mendes” (HOMEM..., 2014g), na Fig. 70.

Figura 70 - Homem é preso suspeito de envenenar a esposa em Elói Mendes

MENU G1 SUL DE MINAS EPTV

15/10/2014 08h41 - Atualizado em 15/10/2014 09h08

Homem é preso suspeito de envenenar a esposa em Elói Mendes

Ele negou o crime e disse que a mulher teria tentando o suicídio.
Vítima foi socorrida e teve amostras de sangue colhidas para exames.

Do G1 Sul de Minas

FACEBOOK

Um homem foi preso suspeito de ter envenenado a própria esposa nesta terça-feira (14) em **Elói Mendes** (MG). Segundo a Polícia Civil, ele negou ter cometido o crime e disse que a mulher teria tentado o suicídio, tomando veneno.

De acordo com os policiais, a vítima foi levada para o Hospital de Elói Mendes, onde teve amostras de sangue colhidas e envidas para Belo Horizonte (MG), a fim de confirmar o tipo de substância ingerida e em que situação isso aconteceu. Já o marido está preso na Delegacia de **Varginha** (MG).

Fonte: Homem... (2014g). Disponível em: https://g1.globo.com/mg/sul-de-minas/noticia/2014/10/homem-e-preso-suspeito-de-envenenar-esposa-em-eloi-mendes.html. Acesso em: 15 abr. 2022

No *lead*, o agressor “negou ter cometido o crime e disse que a mulher teria tentado o suicídio, tomando veneno” (HOMEM..., 2014g). Observamos sucessivamente as recorrências, ou seja, os conceitos de isotopia (plásticas, temáticas e figurativas) de “um dado traço semântico ao longo do texto”, construindo os discursos da “negação” e “inversão da culpa” na rotina e nos processos violentos (GREIMAS, 1984; GREIMAS; COURTÉS, 2008; FIORIN, 2012, p. 112-3). Sobre a “inversão da culpa”, vários casos que trazem essa noção estão reunidos no Capítulo “Responsabilização da Vítima”.

No próximo tópico, abordamos acerca de mais uma característica do homem construída no discurso do G1 sobre o tema da violência. Desta vez, diz respeito ao sujeito “inconformado”. No capítulo anterior, as manifestações do discurso direcionavam à mulher a uma posição de “conformada”, por exemplo. O item seguinte trata do contrário. Interessante destacar que o universo teórico-metodológico e epistemológico da disciplina atua no sentido do “reconhecimento das diferenças” e da “relação sobre os termos que está na base do procedimento semiótico, tanto como projeto de construção de uma teoria geral da significação quanto como método dos discursos e das práticas significantes” (LANDOWSKI, 2012, p. 3). Em suma, é o mesmo que dizer que a mulher tem de se “conformar”, enquanto o homem pode ser “inconformado” e agir de tal modo.

7.4 INCONFORMADO

Este vocábulo tem certa relação com o anterior, já que não se conformar ou ser inconformado, têm “algo em comum” e, segundo Fiorin (2016), é a partir deste “[...] traço comum que se estabelece uma diferença” e a forma que “essas grandezas diferem em si

[...] o principal em todos os casos, é o reconhecimento de uma *diferença*" (FIORIN, 2016, p. 22, grifos do autor; LANDOWSKI, 2021, p. 3).

As palavras "fim de relacionamento" não são sinônimas de "inconformado", de "separação" e de "não aceitava" (como aparecem nos textos), mas podem ser associadas e, neste caso, uma se serve da outra como elemento linguístico na construção de um determinado sentido, a partir das sentenças analisadas nas publicações e da posição do veículo. Foram encontrados, no *corpus,* 289 casos relacionados a este termo. Conforme as categorias de análises criadas em relação ao nosso objeto de estudo, o verbete foi enunciado nas notícias de forma "constante", integrando as ocorrências que, no quadrado, compõem o eixo "contínuo" na posição dos eixos dos contrários (GREIMAS; COURTÉS, 2008, p. 400-4; CLEMENTE, 2015, p. 147). Tal simulacro para o masculino (estereótipo) está presente no grupo denominado: "modo de 'ser-parecer' do homem".

Tratando das oposições semióticas e "reconhecimento das diferenças", conforme disse Landowski (2012, p. 3), enquanto a mulher figura, em alguns casos, neste estudo, como sujeito "conformado", que se cala, permanecendo "obediente" e alinhada aos princípios do patriarcado, o homem literalmente representa uma contradição, quando é qualificado, implícita ou explicitamente, nos textos, como um indivíduo "inconformado". Esta talvez seja mais uma diferença crucial, visto que a mulher se "conforma", logo, se adéqua. Já o homem se "inconforma" e, no "direito" a ele concedido nas narrativas midiáticas, na esfera patriarcal violenta, desobedece e se "revolta".

Mais um modo de agir distinto, reforçando estereótipos de uma cultura que associa a mulher ao que Beauvoir (1976) destacou como "terna, dócil" (BEAUVOIR, 1976, p. 100) e o "furor" e a "robustez", atribuídas como característica dos homens que, em suas "rebeldias", justificam tudo (FRIEDAN, 1971, p. 242). Este é o sujeito que o machismo constrói e é sustentado nos e pelos discursos: o homem educado a não ser "sem limites" no intuito de "prestar contas aos demais membros da fratria masculina" (FREIRE FILHO; CAVALCANTI VERSANI DOS ANJOS, 2019, p. 6). E de que a mulher precisa sofrer calada. Mesmo tendo comportamento violento, conforme mostrado pelo *corpus* e pela análise, na prática e no sentido figurado, ele só leva uns poucos "puxões de orelhas", paga a fiança ou distribui cestas básicas para compensar os estragos e, em seguida, é liberado para cometer os mesmos crimes, talvez porque a não correção seja interessante para o sistema. O artigo 45 da Lei Maria da Penha prevê, em parágrafo único, que "nos casos de violência doméstica contra a mulher, o juiz poderá determinar o comparecimento obrigatório do agressor a programas de recuperação e reeducação." (BRASIL, 2006, p. 26). Normas e projetos existem, no entanto, o que se vê no "mundo real", como aponta a reportagem de Zaremba (2020, *on-line*), é a "falta de grupos reflexivos para homens, de investimentos e de diretrizes e regras comuns a todos", revelando uma espécie de ausência de vontade de quem está no poder, para que a solução deste problema, de fato, chegue.

Na esteira dos acontecimentos, seguimos a análise com uma notícia bem emblemática, visto que tem muitos aspectos da violência nela manifestada. O título é "Mulher de RO ferida com ácido já tinha registrado 12 ocorrências contra ex" (CAPISTRANO; FERNANDES, 2015). A vítima, que foi "atacada com ácido corrosivo pelo ex-marido já havia registrado 12 boletins de ocorrência por violência doméstica contra o suspeito, segundo a Polícia Civil" (CAPISTRANO; FERNANDES, 2015), na Fig. 70.

Figura 71 - Vítima teve lesões graves nos olhos devido a líquido corrosivo

MENU G1 RONDÔNIA

Mulher de RO ferida com ácido já tinha registrado 12 ocorrências contra ex

Suspeito já ameaçou mulher com facão e tentou enforcá-la, diz polícia.
'Corri pensando que ele ia me matar', relatou vítima sobre ataque com ácido.

Ísis Capistrano e Pâmela Fernandes
Do G1 RO

FACEBOOK

Vítima teve lesões graves nos olhos, devido a líquido corrosivo (Foto: Ísis Capistrano/G1)

A mulher de 34 anos **atacada com ácido corrosivo pelo ex-marido** já havia registrado 12 boletins de ocorrência por violência doméstica contra o suspeito, segundo a Polícia Civil. Ela e os dois filhos, de 5 e 7 anos, foram agredidos no último sábado (14), em Ouro Preto do Oeste (RO), pelo homem que é cadeirante e fugiu após o crime. O casal já estava separado há quatro anos e meio, mas, segundo a vítima, o ex nunca aceitou a separação. "Desde que me separei registro ocorrência", disse a dona de casa.

De acordo com a Polícia Civil, os boletins começaram a ser registrados em 2011. O delegado Ícaro Alex Soares conta que a mulher já denunciou o ex por ameaçá-la com um facão e tentativa de enforcamento. Além disso, ele teria invadido a casa e retido documentos pessoais dela.

saiba mais

Cadeirante joga soda cáustica na ex-mulher e dois filhos, em Rondônia

O suspeito também chegou a ser preso duas vezes por descumprir determinação judicial que o impedia de se aproximar ou manter qualquer contato com a vítima. "Ele quebrou todas as medidas cautelares. Foi preso em 2012 e em 2013, mas o tempo de prisão por ameaça é de

no máximo, seis meses", informou o delegado.

No último sábado, o ataque aconteceu quando a dona de casa foi buscar o dinheiro da pensão alimentícia dos filhos com o ex-marido. A pedido do suspeito, o encontro foi marcado no apartamento dele. "Eu cheguei, sentei no banquinho, ele pediu para o meu filho de sete anos pegar uma sacola e entrou. Na hora que o menino entrou, ele chegou com uma panela e jogou o negócio na minha cara", relata.

Mulher foi socorrida pela PM de Ouro Preto (RO) e depois transferida para Porto Velho (RO) (Foto: Ouropretodooeste.com/Reprodução)

O líquido, inicialmente identificado como soda cáustica, atingiu a cabeça, o rosto e parte do tórax da vítima. "Abri o olho e pensei que era resto de comida, mas não era. Aí ele disse: 'agora eu vou mostrar pra você', foi quando vi ele tentando pegar uma arma. Gritei pelo meu [filho] 'menorzinho', que puxou minha mão, e eu não consegui enxergar mais nada. Com pensando que ele ia me matar", relata.

O cadeirante fugiu logo após cometer o crime e, até a tarde desta segunda-feira (16), ainda não foi encontrado. "Acho incrível a polícia não conseguir pegar um cadeirante. Só poderia estar premeditado, ele fez e já tinha alguém esperando para buscá-lo. Ele jurou que, de um jeito ou de outro, iria me matar", finaliza a vítima.

A Polícia Civil alega que pedirá a prisão preventiva do cadeirante e que aguarda o resultado do laudo médico que apontará qual substância foi utilizada no crime.

Líquido
Após o ataque, a vítima e os filhos foram socorridos pela Polícia Militar e encaminhados ao Hospital Municipal de Ouro Preto. Como as crianças abraçaram a mãe, foram atingidas indiretamente por respingos do líquido e sofreram apenas ferimentos superficiais. A mulher precisou ser encaminhada para Porto Velho, devido à gravidade das lesões nos olhos.

Ela diz que os médicos descartaram que substância atirada contra ela seja soda cáustica, mas ainda não sabem definir o tipo de líquido usado no crime. A vítima não terá sequelas permanentes ou a visão afetada, mas terá que passar colírio específico e pomada constantemente.

Crime premeditado
A dona de casa suspeita que o crime já estava premeditado. Conforme a vítima, há cerca de um mês, o ex entregou a ela um suposto produto cosmético para a pele, dizendo que era arriscado. "Um mês atrás ele me mostrou um produto muito perigoso, insistiu para que eu passasse [no corpo] e eu disse que não. Fico com medo de ele ter misturado aquilo com outra coisa mais forte."

A mulher acredita que o ataque foi causado principalmente porque o ex não aceita estar separado dela. Após a separação, o suspeito perdeu o movimento das pernas e passou a depender de cadeira de rodas após cair de cima de um pé de coco e bater a coluna contra um meio fio.

Fonte: Capistrano e Fernandes (2015, *on-line*). Disponível em: https://g1.globo.com/ro/rondonia/noticia/2015/11/mulher-de-ro-ferida-com-acido-ja-tinha-registrado-12-ocorrencias-contra-ex.html. Acesso em: 18 abr. 2022.

De acordo com os relatos da vítima, "o ex nunca aceitou a separação" (CAPISTRANO; FERNANDES, 2015, *on-line*). Este é um exemplo de sujeito "inconformado" que, segundo o Dicionário Houaiss (2009), representa aquele "que não se conformou, não se resigna, recalcitrante" (HOUAISS; VILLAR, 2009, p. 1066). Em outras palavras, é reforçada pelo jornal a ideia de que, mesmo depois de tanto tempo separado, a vítima seja obrigada a ficar com ele, caso contrário ele se acha no direito de machucá-la de uma forma extremamente violenta. Como uma "fofoca", o destinador complementa a notícia, dizendo que o ofensor é cadeirante e já a ameaçou "com facão e tentativa de enforcamento" (CAPISTRANO; FERNANDES, 2015). De novo, faz parecer um sujeito mítico que comete o ato de modo ficcional e sem limites (MORAES, 2022).

Neste contexto, de não ter medo de nada e nem de ninguém, outra característica que lhe cabe no discurso midiático é a da "bravura" (GREIMAS; COURTÉS, 2008, p. 149). Na foto impactante da mulher publicada na matéria, ela aparenta estar chorando ou está

com os olhos fechados justamente pela dificuldade de abri-los em função das queimaduras por soda cáustica jogada pelo homem; tem os sinais da corrosão e ferida do ácido tanto nos cílios quanto na pele (rosto, mão). Faz pensar na exposição da vítima diante da situação, que pode representar outra forma de violência.

Outro registro enuncia que “Homem é suspeito de esfaquear mulher após pedido de divórcio no PI” (COSTA, 2014), na Fig. 72.

Figura 72 - Homem é suspeito de esfaquear mulher após pedido de divórcio no PI

MENU G1 PIAUÍ TV CLUBE

Homem é suspeito de esfaquear mulher após pedido de divórcio no PI

Segundo a Polícia Civil, suspeito atingiu com quatro facadas a esposa. Marido tentou fugir com a arma do crime, mas acabou sendo preso.

Catarina Costa
Do G1 PI

Mulher foi atingida por quatro facadas e encaminhada para Teresina (Foto: Jailson Lima/Portal PI 10)

Uma tentativa de homicídio foi registrada nessa segunda-feira (9) em **Castelo do Piauí**, a 190 Km de Teresina. Segundo a Polícia Civil, um homem atingiu a esposa com quatro facadas na residência do casal após a vítima pedir divórcio.

"Eles teriam discutindo e os vizinhos acionaram a polícia que chegou no momento em que o suspeito tentava fugir numa moto com a arma do crime suja de sangue, mas acabou sendo preso. Uma das facadas atingiu o pulmão da vítima, mas ela não corre risco de morte", relatou o escrivão Edson Lima.

Suspeito de esfaquear esposa foi preso com a arma do crime (Foto: Jailson Lima/Portal PI 10)

De acordo com o policial, a mulher alegou que o marido não aceitava a separação e estava ameaçando se matar caso ela o deixasse. A esposa contou ainda que o companheiro sempre prometia não fazer nada contra ela.

O Serviço de Urgência de Teresina (Samu) foi acionado e a vítima recebeu os primeiros atendimentos no Hospital Nilo Cunha, mas teve que ser transferida para o Hospital de Urgência de Teresina (HUT). Já o suspeito está preso na Delegacia de Castelo do Piauí.

Fonte: Costa (2014). Disponível em: https://g1.globo.com/pi/piaui/noticia/2014/06/homem-e-suspeito-de-esfaquear-mulher-apos-pedido-de-divorcio-no-pi.html. Acesso em: 18 abr. 2022.

Como diz no título, agressão veio “após pedido de divórcio” (COSTA, 2014, *on-line*). No penúltimo parágrafo, menciona que ele “não aceitava a separação e estava ameaçando se matar caso ela o deixasse” (COSTA, 2014, *on-line*). Tais sentimentos demonstram, no discurso e na prática, um dos efeitos da “inquietude”, que pode se manifestar no sujeito “inconformado”, e, independentemente do problema, ele quer manter a família de acordo com os seus moldes. Visão que parece um tanto conservadora e nos faz lembrar que a sociedade tradicional, em parte, não apoia a “dissolução” da família, parecendo que a narrativa segue esta linha, no sentido de euforizar o agressor que, dentro da modalidade do “querer” e “poder”, quer convencer a vítima a qualquer custo de seguir no relacionamento (WALKER, 1979, p. 2). A “inquietude” significa ainda “agitação, perturbação” (HOUAISS; VILLAR, 2009, p. 1087) e faz parte da construção sintática do ciúme (COSTA, 2014, *on-line*), que será melhor abordada no Capítulo 9 do livro, que trata das “paixões”, com um fator positivo em relação às motivações do homem que agride (GREIMAS; FONTANILLE, 1993, p. 193).

Já no Rio de Janeiro, “Homem é preso depois de fazer ex-mulher e 4 crianças reféns no RJ” (HOMEM, 2011c), na Fig. 73.

Figura 73 - Homem é preso depois de fazer ex-mulher e 4 crianças reféns no RJ

MENU G1 RIO DE JANEIRO

27/06/2011 08h56 - Atualizado em 27/06/2011 08h56

Homem é preso depois de fazer ex-mulher e 4 crianças reféns no RJ

Segundo a polícia, ele não se conformava com a separação.
Vítimas foram liberadas com a chegada da PM ao local.

Do G1 RJ

FACEBOOK

Um homem foi preso, no final da noite de domingo (26), numa casa na Rua Di Cavalcanti, no bairro Sapê, em Niterói, na Região Metropolitana do Rio, depois de fazer a ex-mulher e quatro crianças reféns. Segundo a PM, ele manteve a família em cárcere privado por não se conformar com a separação.

Vizinhos chamaram a polícia. O homem, segundo policiais do 12º BPM (Niterói), estava muito alterado. Na casa, os policiais encontraram munição calibre 765, mas não acharam arma alguma. A ex-mulher e os quatro filhos – de 12, 9, 7 e 5 anos – foram liberados com a chegada da PM. Ninguém estava ferido.

O homem foi levado para a 77ª DP (Icaraí), onde segundo a PM, bateu várias vezes com a cabeça na parede e no balcão de atendimento.

Fonte: Homem... (2011c). Disponível em: https://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2011/06/homem-e-preso-depois-de-fazer-ex-mulher-e-4-criancas-refens-no-rj.html. Acesso em: 18 abr. 2022.

Segundo as informações no *lead*, “ele manteve a família em cárcere privado por não se conformar com a separação” (HOMEM..., 2011c). No texto, utiliza-se o adjetivo “alterado” como declaração dos policiais para descrever o homem no momento da ocorrência, podendo

ser mais uma das consequências manifestas em um sujeito “inconformado” (HOMEM..., 2011c). O “alterado”, por sua vez, condiz com aquele “[...] que se encontra inquieto, que se revoltou” e visa implicitamente a inocentar o agressor (HOUAISS; VILLAR, 2009, p. 103), na mesma direção da “inquietude”, mencionada na análise anterior e que será mais bem explorada no Capítulo 9.

Já em São Gabriel, no Rio Grande do Sul, “Mulher é esfaqueada no RS ao tentar defender filha de ex-namorado” (MULHER..., 2016d), Fig. 74.

Figura 74 - Mulher é esfaqueada no RS ao tentar defender filha de ex-namorado

MENU G1 RIO GRANDE DO SUL rbs tv

18/05/2016 12h45 - Atualizado em 18/05/2016 12h45

Mulher é esfaqueada no RS ao tentar defender filha de ex-namorado

Conforme a polícia, o autor dos ataques é um adolescente de 17 anos. Elas já tinham reportado à polícia uma outra tentativa de invasão da casa.

Do G1 RS

Uma mulher de 37 anos perdeu um dos rins e teve os pulmões perfurados a facadas ao tentar defender a filha de um ataque do ex-namorado, de 17 anos. O caso aconteceu na cidade de **São Gabriel**, na Região da Campanha, na tarde de terça-feira (17).

Conforme o delegado José Enilvo Soares de Bastos, responsável pelas investigações, o rapaz se dizia inconformado com o final do relacionamento com uma das filhas da vítima. "A última ocorrência foi registrada em janeiro, teve um caso de invasão, e conforme elas me relataram, ele vinha rondando a casa", contou.

Conforme o delegado, no dia do atentado, ele invadiu a casa para atacar a ex-namorada. No entanto, a mãe partiu em defesa da filha e acabou levando duas facadas.

O adolescente fugiu do local do crime e ainda não foi localizado pela polícia. A vítima não corre riscos.

Fonte: Mulher (2016d). Disponível em: https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2016/05/mulher-e-esfaqueada-no-rs-ao-tentar-defender-filha-de-ex-namorado.html. Acesso em: 18 abr. 2022.

No episódio de violência, a vítima “perdeu um dos rins e teve os pulmões perfurados a facadas ao tentar defender a filha de um ataque do ex-namorado, de 17 anos” (MULHER..., 2016d). Segundo o relato do delegado do caso, “[...] o rapaz se dizia inconformado com o final do relacionamento com uma das filhas da vítima” (MULHER..., 2016d), passando a ideia, nesse contexto estudado, que ele tinha um “bom” motivo ou uma justificativa pertinente para cometer o crime.

Outro caso é intrigante, visto que “Mulher é atacada com facão por ficar em silêncio durante briga com marido” (FREITAS, 2016, *on-line*), na Fig. 75.

Figura 75 - Mulher é atacada com facão por ficar em silêncio durante briga com marido

05/02/2016 18h29 - Atualizado em 06/02/2016 15h59

Mulher é atacada com facão por ficar em silêncio durante briga com marido

Segundo polícia, vítima ficou em silêncio depois de marido retornar de rua. Durante agressões, filhos do casal ficaram na frente da mãe para protegê-la.

Júnior Freitas
Do G1 RO

Delegacia de Guajará-Mirim acompanha caso; suspeito está foragido (Foto: Júnior Freitas/G1)

Uma mulher, que não teve a idade divulgada, foi atacada pelo marido com golpes de facão após ficar em silêncio durante uma briga de casal, em **Guajará-Mirim** (RO), município distante a 330 quilômetros de Porto Velho. Segundo a Polícia Militar (PM), o crime aconteceu na quinta-feira (4) na residência do casal, no Bairro Caetano. As agressões foram motivadas porque o suspeito não aceitou o fim do relacionamento com a vítima. A mulher teve cortes no braço esquerdo e no pescoço, mas passa bem. O marido fugiu do local e não foi localizado.

De acordo com informações da Polícia Civil, o casal começou a discutir durante a manhã de quarta porque a mulher pediu a separação. O marido então saiu de casa e, ao retornar horas depois, iniciou uma nova discussão. Inconformado porque a esposa se manteve em silêncio durante a discussão, ele pegou um facão e passou a atacá-la.

Os filhos do casal, de 6 e 10 anos, ficaram na frente da mãe para protegê-la e pediram para que o pai parasse com as agressões. O homem disse aos filhos que iria matar a esposa. A mulher conseguiu sair da casa e pediu ajuda na residência de uma vizinha. A vítima foi socorrida pelo Corpo de Bombeiros e encaminhada ao pronto socorro do Hospital Regional de Guajará-Mirim.
Após receber cuidados médicos, a mulher foi levada pela PM até a delegacia de Polícia Civil para registrar a ocorrência.

saiba mais

Mulher tem pescoço cortado com caco de vidro pelo namorado, em RO

Mulher é presa após ser flagrada tentando furtar residência em RO

Ao **G1**, o delegado regional, Milton Santana, informou que os policiais realizaram buscas nas proximidades na tentativa de localizar o suspeito, mas não tiveram êxito. "Após o registro do boletim, a vítima foi encaminhada para fazer o exame de corpo de delito para comprovar as lesões. Ela foi intimada e orientada a prestar depoimento na Delegacia Especializada de Atendimento à Mulher (Deam) para narrar os fatos. A delegada titular vai instaurar um procedimento para apurar o que foi denunciado no boletim", explicou Milton.

Fonte: Freitas (2016, *on-line*). Disponível em: https://g1.globo.com/ro/rondonia/noticia/2016/02/mulher-e-atacada-com-facao-por-ficar-em-silencio-durante-briga-com-marido.html. Acesso em: 18 abr. 2022.

O *lead* destaca que ela “foi atacada pelo marido com golpes de facão após ficar em silêncio durante uma briga de casal, em Guajará-Mirim (RO), município distante a 330 quilômetros de Porto Velho” (FREITAS, 2016, *on-line*). Na frase “foi atacada pelo marido [...] após ficar em silêncio”, o texto sugere uma mulher com características de “conformada”, ou daquela que consente e, por isso, preferiu ficar quieta a fim de evitar a violência. Mesmo assim, a demonstração de “inconformismo” falou mais alto “porque o suspeito não aceitou

o fim do relacionamento com a vítima” (FREITAS, 2016, *on-line*) e cometeu o ato.

Outro registro de violação vem do município de Presidente Prudente (SP). “Rapaz é suspeito de incendiar casa de ex-namorada após fim de relação” (JUSTINO, 2015, *on-line*), na Fig. 76.

Figura 76 - Rapaz é suspeito de incendiar casa de ex-namorada após fim de relação

MENU G1 PRUDENTE E REGIÃO TV FRON

10/02/2015 12h06 - Atualizado em 10/02/2015 12h06

Rapaz é suspeito de incendiar casa de ex-namorada após fim de relação

Chamas destruíram completamente dois cômodos do imóvel.
Desempregado de 28 anos fugiu do local e está sendo procurado.

Gustavo Justino
Do G1 Presidente Prudente

Um incêndio queimou dois cômodos de uma residência em **Martinópolis** na noite desta segunda-feira (9). O fato aconteceu por volta das 21h30, no Conjunto Habitacional Pedro Zumira Bergamini. De acordo com a Polícia Militar, o suspeito botou fogo na casa por não se conformar com o fim do relacionamento.

Os agentes foram acionados para atender a um incêndio, que segundo a polícia, foi causado por um desempregado de 28 anos, que estava insatisfeito com a ex-companheira, uma dona de casa de 20 anos.

O suspeito aproveitou-se da ausência da jovem na residência e ateou fogo na casa, segundo boletim dos agentes. O Corpo de Bombeiros também chegou ao imóvel e conseguiu controlar as chamas, porém, não foi possível apontar onde começou o incêndio.

Dois cômodos foram completamente destruídos pelo fogo, de acordo com relatos da corporação. Colchão, cama, televisão, eletrodomésticos, além de outros móveis, foram queimados. A ocorrência é considerada de proporção média pelos bombeiros.

Após iniciar as chamas, o indivíduo fugiu do imóvel e até o fechamento desta matéria, não foi localizado. A polícia investiga o caso, procura o indivíduo, e a perícia foi acionada para apontar as causas do incêndio.

Fonte: Justino (2015, *on-line*). Disponível em: https://g1.globo.com/sp/presidente-prudente-regiao/noticia/2015/02/rapaz-e-suspeito-de-incendiar-casa-de-ex-namorada-apos-fim-de-relacao.html. Acesso em: 18 abr. 2022.

A motivação, segundo a Polícia Militar, foi por ele “[...] não se conformar com o fim do relacionamento”. Como vemos, é recorrente a ação do homem acompanhada de sentenças como “[...] não se conformava com o fim do relacionamento” (JUSTINO, 2015, *on-line*) ou, na próxima notícia, em que o título enuncia o “inconformado” com divórcio aparece entre aspas (HOMEM..., 2012b), na Fig. 77.

Figura 77 - Homem ‘inconformado’ com divórcio agride a ex-mulher em Piracicaba, SP

MENU G1 PIRACICABA E REGIÃO

19/08/2012 15h41 - Atualizado em 19/08/2012 15h41

Homem 'inconformado' com divórcio agride a ex-mulher em Piracicaba, SP

É a segunda queixa registrada pela dona de casa contra o ex-marido.
Casal está separado desde maio e ciúme seria o motivo da agressão.

Do G1 Piracicaba e Região

FACEBOOK

Uma mulher de 34 anos foi agredida em frente à casa dela pelo ex-marido na noite deste sábado (18), no Bairro Alto, em Piracicaba (SP). Segundo ela, o homem não aceita a separação do casal. Eles estão divorciados desde maio deste ano.

A vítima contou que foi agredida com socos e pontapés. "Ele me viu saindo com uma amiga, jogou uma garrafa de vinho na gente e me bateu até que meu pai separou", relatou ela, que sofreu lesões no cotovelo e no pé.

A agressão aconteceu por volta das 23h, mas a mulher contou que o ex-marido retornou às 5h deste domingo (19) fazendo mais ameaças. "Ele disse que iria colocar fogo no meu carro", afirmou. Segundo a mulher, desde que o casal se separou é comum o homem tentar invadir a casa dela.

A queixa no Plantão Policial de Piracicaba não foi a primeira. "Mas da primeira vez eu retirei quando ele foi internado, porque é dependente de drogas", contou a vítima, que nesta segunda-feira (20) vai fazer exame de corpo de delito no Instituto Médico Legal (IML) e registrar queixa na Delegacia de Defesa da Mulher (DDM).

Fonte: Homem... (2012b). Disponível em: https://g1.globo.com/sp/piracicaba-regiao/noticia/2012/08/homem-inconformado-com-divorcio-agride-ex-mulher-em-piracicaba-sp.html. Acesso em: 18 abr. 2022.

Neste segundo enunciado, a ideia e recursos utilizados pelo “jornalismo declaratório” reforçam, de novo, a perspectiva do destinador em relação ao assunto que converge com o pensamento de parte da sociedade, como tratamos anteriormente.

Outras duas notícias, uma do Sul de Minas e outra da Paraíba, além de apontarem a recorrência do “inconformado com o fim do relacionamento”, também apresentam requinte de agressão parecido, na Fig. 78.

Figura 78 - Mulher é esfaqueada pelo ex-companheiro em Lavras e Homem é preso suspeito de esfaquear duas mulheres em Santa Rita

MENU G1 SUL DE MINAS EPTV

20/02/2012 10h31 - Atualizado em 20/02/2012 10h31

Mulher é esfaqueada pelo ex-companheiro em Lavras

Vítima levou cinco golpes de faca no tórax, nos braços e nas mãos.
O ex-marido estava inconformado com o fim do relacionamento.

Do G1 Sul de Minas

FACEBOOK

Uma mulher de 30 anos foi esfaqueada pelo ex-companheiro na noite deste domingo (19) no Bairro Distrito Industrial em Lavras, no Sul de Minas. Ela foi socorrida pelo Corpo de Bombeiros e encaminhada com ferimentos graves para a Unidade Regional de Pronto Atendimento (URPA).

Segundo informações da Polícia Militar, o marido, de 35 anos, estava inconformado com o fim do relacionamento. Ele foi até a casa da mulher e tentou matá-la com 5 golpes de facas no tórax, nos braços e nas mãos.

O suspeito foi preso.

MENU G1 PARAÍBA

Homem é preso suspeito de esfaquear duas mulheres em Santa Rita, na PB

Vítimas estavam em uma praça no Centro da cidade.
Suspeito seria ex-companheiro de uma das vítimas.

Fonte: Mulher... (2012), à esquerda. Disponível em: https://g1.globo.com/mg/sul-de-minas/noticia/2012/02/mulher-e-esfaqueada-pelo-ex-companheiro-em-lavras.html. Acesso em: 18 abr. 2022. Fonte: Homem... (2016f), à direita. Disponível em: https://g1.globo.com/pb/paraiba/noticia/2016/03/homem-e-preso-suspeito-de-esfaquear-duas-mulheres-em-santa-rita-na-pb.html. Acesso em: 18 abr. 2022.

Ambas as mulheres foram esfaqueadas pelos ex-companheiros (MULHER..., 2012; HOMEM..., 2016f). Refletindo sobre os relatos, é possível dizer que esses sujeitos “inconformados” também podem ser levados a outro papel bem parecido, neste discurso, o de indivíduos “insatisfeitos”. Na ponta do inconformismo e da insatisfação, encontra-se a “contrariedade” (HOUAISS; VILLAR, 2009, p. 1088), que é própria do indivíduo que, ao ser contrariado, como dizia Landowski (2012), “[...] sabe-se lá qual extremidade pode levar sua fúria” em relação ao “outro” (LANDOWSKI, 2012, p. 9).

No próximo capítulo, “Responsabilização da Vítima”, são tratadas das sucessivas vezes em que a mulher que sofreu violência é culpabilizada pelo agressor, pelo advogado, pela Justiça, por outras mulheres, sendo, na maioria delas, apenas mais uma maneira de proteção do homem, que faz uma “barganha” com a sociedade de se deixar ser explorado pelo sistema e, em contrapartida, ter “o poder frente às mulheres” (SAFFIOTI; ALMEIDA, 1995, p. 45; BAGGIO, 2021). Só que essa é apenas uma infeliz sensação, já que, como lembram as sociólogas, “nessa transação” não existem vencedores (SAFFIOTI; OLIVEIRA, 1995, p. 45).

RESPONSABILIZAÇÃO DA VÍTIMA

Neste capítulo, trataremos dos registros sobre violência em que o enunciador ou enunciadores constroem a ideia da mulher como culpada pelo ato do agressor contra ela. O conceito de "responsabilização" corresponde à "obrigação de responder pelas ações próprias ou dos outros" [...]. Outro significado proposto pelo Dicionário Houaiss é o de "obrigação decorrente da prática de um ato ilícito" (HOUAISS; VILLAR, 2009, p. 1653), cabendo a este propósito.

A semioticista Baggio (2021) atua na produção de pesquisas acerca do tema, particularmente com foco no "assédio sexual de rua". Publicação de Baggio (2021), como "Discursos sobre assédio sexual de rua e seu diálogo com o contrato semiótico de responsabilização da vítima", servirá como pilar para essa discussão. Embora retomemos este ponto no decorrer do texto, é importante destacar, como afirmou Baggio (2021, p. 82), que nem sempre o discurso da "culpa" em relação à vítima é direto e, sim, pode ser construído de maneira indireta, quando um terceiro "fala em nome da mulher". Nestes casos, "não é a mulher quem aceita o 'contrato', mas os outros, ao culpabilizarem-na" (BAGGIO, 2021, p. 82; FREIRE FILHO; CAVALCANTI VERSANI DOS ANJOS, 2022, p. 7). Os outros podem ser: o companheiro, a polícia, a Justiça, alguém da família da vítima e a mídia, que constrói simulacros, utilizando, em torno destes sujeitos, um discurso de culpabilização da vítima, como a que a "mãe diz que a filha deu motivos" (JOVEM..., 2012), na Fig. 79.

Figura 79 - Jovem é agredida pelo namorado e mãe diz que filha deu motivos, no ES

MENU G1 ESPÍRITO SANTO tvgazeta

Jovem é agredida pelo namorado e mãe diz que filha deu motivos, no ES

'Ele só deu uns tapas nela, porque a encontrou em lugar errado', diz a mãe. Rapaz foi preso em flagrante e encaminhado a delegacia de Vitória.

Do G1 ES, com informações da TV Gazeta

FACEBOOK

Conteúdo não disponível.

Infelizmente este vídeo não está mais disponível. Desculpe-nos pelo inconveniente.

não aceita até hoje. Ele quer, simplesmente, mandar em mim e eu não aceito isso", disse. Por ser menor de idade, a jovem não pode representar contra o agressor na delegacia.

Segundo o agressor, esta foi a única agressão que ele cometeu. "Eu só a agredi desta vez, porque ela me traiu e estava andando com umas colegas, umas amizades erradas. Foi só isso que aconteceu", relatou.

O titular da Delegacia de Proteção à Criança e ao Adolescente (Deacle), Marcelo Nolasco, fez um alerta. "Mulher não é objeto de homem, mulher não é obrigada a ficar com homem que ela não queira. O mais absurdo da situação é ouvir da própria mãe que a filha apanhou porque tinha um motivo. Nós efetuamos a prisão desse cidadão em flagrante", ressaltou.

Uma adolescente, de 17 anos, foi espancada em Vitória. (Foto: Reprodução/TV Gazeta)

08/03/2012 20h36 - Atualizado em 08/03/2012 21h15

Jovem é agredida pelo namorado e mãe diz que filha deu motivos, no ES

'Ele só deu uns tapas nela, porque a encontrou em lugar errado', diz a mãe. Rapaz foi preso em flagrante e encaminhado a delegacia de Vitória.

Fonte: (JOVEM..., 2012).

O fato, que remete não só à legitimação da violência, bem como ao nível mais profundo do discurso vigente, está explicitado tanto no título quanto na linha fina, complementando que "ele só deu uns tapas nela, porque a encontrou em lugar errado" (JOVEM..., 2012). O sincretismo entre linguagem verbal e imagética constroem o mesmo julgamento condenatório em relação à moça: (i) mãe diz que a filha deu motivos [...] e, por isso, levou uns "tapas". Observa-se, na foto, olhos roxos causados pela agressão voltados para baixo, como se tivesse com vergonha, "confessando" a culpa por ter sido encontrada "em lugar errado" (JOVEM..., 2012). Os simulacros da notícia em relação à fala e justificativa da mãe para a brutalidade do rapaz com a namorada apontam, conforme Moraes (2022), que "toda pauta organiza e desorganiza visibilidade e invisibilidades, toda pauta hierarquiza e desierarquiza vozes e representações, toda pauta estrutura e desestrutura discursos" (MORAES, 2022, p. 9) e ainda "todos os elementos presentes na concepção de uma reportagem quanto aqueles que foram descartados" são sempre arbitrários (MORAES, 2022, p. 9), demonstrando, claramente, com este exemplo, que é uma escolha do jornal, a intenção de colocar a mulher na posição de culpada.

Atrela-se também ao constructo descrito por Saffioti (1987, p. 80) de que "mulher que apanha agiu incorretamente". Este enunciado se associa aos discursos de uma sociedade que preserva a agressividade e intolerância, segundo as construções de preceitos, "da moral e os bons costumes". Além disso, a frase "só uns tapas", além de lembrar do *hit*

“um tapinha não dói” (NALDINHO, 2001), também mostra como a sociedade minimiza a agressão contra a mulher. Como dizem Saffioti e Almeida (1995, n. p.), “isso equivale dizer que o inimigo da mulher não é propriamente o homem, mas a organização social de gênero cotidianamente alimentada não apenas por homens, mas por mulheres”. Ora, no simulacro discursivo criado e fortalecido pelo destinador, a própria mãe (mulher) enfraquece a causa e compromete os esforços para e extirpar este mal social, como de fato, muitas vezes ocorre. Nesta forma de discurso indireto, a própria mãe responsabilizou a filha por ter apanhado (BAGGIO, 2021). Ambas as práticas mostram quanto tais atos estão presentes em nosso meio e são reforçadas “naturalmente”, seja na música dos anos 2000 ou nas narrativas do jornal, em 2012, entre outros discursos.

Freire Filho e Cavalcanti Versani dos Anjos (2022) analisaram como o caso de Poliana Bagatini (esposa do cantor Victor) foi conduzido pela Justiça, família e noticiado pelo destinador G1. Os autores entenderam que “[...] existem coberturas de imprensa que demonstram inaptidão para lidar adequadamente com a violência de gênero” (FREIRE FILHO; CAVALCANTI VERSANI DOS ANJOS, 2022, p. 4). “[...] esse tipo de atuação acaba fazendo com que o jornalismo funcione como mais uma instância promotora de revitimização, isto é, de um processo de sofrimento contínuo infligido a uma pessoa que já foi vítima de um ato violento” (FREIRE FILHO; CAVALCANTI VERSANI DOS ANJOS 2022, p. 4). Deste modo, “[...] a mulher passa a vivenciar novas situações de violência, sobretudo em uma esfera institucional: entidades públicas ou privadas que deveriam apoiá-la” e que a fazem “relembrar repetidamente as agressões ou a estar no mesmo ambiente que o acusado, recriminá-la moralmente, culpá-la pela violência sofrida” (FREIRE FILHO; CAVALCANTI VERSANI DOS ANJOS, 2022, p. 4). Sobretudo, tendem a cair em um ciclo de “questionar a veracidade de suas declarações, diminuir a gravidade dos fatos narrados, conferir maior credibilidade à versão do homem” (FREIRE FILHO; CAVALCANTI VERSANI DOS ANJOS, 2022, p. 4).

Também faz lembrar do registro da esposa do deputado Pedro Paulo (RJ), no Capítulo 6. De acordo com a descrição no texto de Oliveira (2016, *on-line*), o destinador G1 reforça que “[...] os ferimentos por ela sofridos apareceram porque o marido tentou contê-la quando ela o atacou”, abrangendo todos os aspectos que temos abordado em determinados casos mencionados ao longo desta obra.

Durante a quantificação do *corpus*, observaram-se 76 notícias que têm relação direta e indireta com os termos: responsabilização e motivo. Vejamos, então, algumas situações em que a vítima é responsabilizada pelo agressor, pela defesa, pelo enunciador do discurso, enfim, na “reprodução da fala de outros” (BAGGIO, 2021, p. 82), sendo contínuo o processo de revitimização que a mulher agredida enfrenta (FREIRE FILHO; CAVALCANTI VERSANI DOS ANJOS, 2022, p. 7). O primeiro registro coletado em relação diz o seguinte: “Homem agride esposa por causa de ventilador em Porto Velho” (HOMEM..., 2016g), na Fig. 80.

Figura 80 - Homem agride esposa por causa de ventilador em Porto Velho

MENU G1 RONDÔNIA REDE AMAZÔNICA

18/01/2016 17h55 - Atualizado em 18/01/2016 17h59

Homem agride esposa por causa de ventilador em Porto Velho

Marido alegou que esposa o agrediu e xingou o pai dele.
Suspeito foi levado pela PM para a Central de Flagrantes.

Do G1 RO

FACEBOOK

Um homem de 24 anos foi preso após agredir a esposa que foi pedir o ventilador do casal de volta. O aparelho eletrônico tinha sido emprestado ao cunhado, e ela precisou usar na tarde deste domingo (17), em Porto Velho. De acordo com o boletim de ocorrência, a vítima afirmou que discutiu com o companheiro por ele ter emprestado o ventilador do casal para o cunhado.

saiba mais

Homem agride ex-mulher grávida com murros e é preso, em Porto Velho

Homem agride namorada e quebra móveis da vítima em Porto Velho

Mototaxistas agridem mulher após discussão em Rondônia; veja o vídeo

Com raiva, ela foi até a casa do sogro e o marido a acompanhou. Exigiu que o ventilador fosse devolvido, porém, o esposo não gostou do modo com que a mulher falou com o irmão dele e começou a agredi-la, com tapas na cabeça e socos em outras partes do corpo.

Para a polícia, o homem disse que tomou esta atitude porque a esposa o xingou, agrediu com um cabo de vassoura e xingou o sogro, que já é um senhor de idade. O homem foi encaminhado para a Central de Flagrantes, em Porto Velho, para ficar a disposição da Justiça.

Fonte: Homem... (2016g). Disponível em: https://g1.globo.com/ro/rondonia/noticia/2016/01/homem-agride-esposa-por-causa-de-ventilador-em-porto-velho.html. Acesso em: 19 abr. 2022.

Os simulacros construídos apontam que intrigas por causa de um “ventilador” teriam motivado a agressão à mulher (HOMEM..., 2016g, *on-line*). Na linha fina, esta ideia está expressa da seguinte maneira: “Marido alegou que a esposa o agrediu e xingou o pai dele” e, por isso, apanhou. Outra declaração do jornal, menciona que “o esposo não gostou do modo com que a mulher falou com o irmão” (HOMEM..., 2016g, *on-line*). Ou seja, todos esses recursos linguísticos usados apontam para uma culpabilização da vítima: motivada pela discussão com o companheiro por: (i) “ele ter emprestado o ventilador do casal para o cunhado”; (ii) por ela ter falado com o cunhado em um tom de que o marido dela não gostou; (iii) porque, de acordo com o agressor, “a esposa o agrediu”; (iv) e porque “xingou o pai dele”.

Este caso em que estavam envolvidos, de acordo com o relato sensacionalista, a mulher, o sogro, o marido e o cunhado, faz lembrar, segundo Segato (2003 apud FREIRE FILHO; CAVALCANTI VERSANI DOS ANJOS, 2022, p. 6; TEIXEIRA, 2011) a existência de “[...] outro alicerce comunicativo importante a ser destacado nessa análise: ele pode ser chamado de ‘horizontal, porque corresponde à relação entre pares’ (FREIRE FILHO; CAVALCANTI VERSANI DOS ANJOS, 2022, p. 6). Logo, “os homens que participam

desta comunicação atendem a um mandato, um imperativo de prestar contas aos demais membros da fratria masculina". Seria o mesmo que dizer que todos os sujeitos, no discurso indireto do destinador G1, levam a "crer" que a culpa foi da mulher (BAGGIO, 2021).

Em outro registro do G1, no interior do Ceará, que segue os mesmos moldes do jornalismo sensacional, parecendo, por vezes, "fofoca", a mulher foi agredida porque deu um sabonete de Dia dos Namorados para o companheiro (HOMEM..., 2016h) e ele achou pouco já que tinha gastado R$ 200,00 no presente dela, na Fig. 81.

Figura 81 - Homem recebe sabonete de Dia dos Namorados, agride a mulher e é preso

MENU G1 CEARÁ

13/06/2016 12h33 - Atualizado em 14/06/2016 14h21

Homem recebe sabonete de Dia dos Namorados, agride mulher e é preso

Namorado não gostou do presente e arranhou o rosto da namorada.
Ele foi preso e liberado após pagar fiança; caso ocorreu no interior do CE.

Do G1 CE

Uma dona de casa denunciou à polícia ter sido agredida pelo namorado no sábado (11), no interior do Ceará, após uma discussão por causa dos presentes do Dia dos Namorados. Em depoimento, o homem, que foi preso em flagrante, afirmou ter comprado um "presente de quase R$ 200" e ganhou um sabonete em troca, de acordo com a inspetora Érika Uchoa, da Delegacia Regional de Tauá.

saiba mais

Jogador Wesley é impedido de ver namorada após denúncia de estupro

'Ronda Maria da Penha' atende mulheres vítimas de violência no Ceará

Ainda segundo a inspetora, o suspeito ficou irritado, brigou com a namorada e feriu o rosto dela. Após pagar fiança de R$ 300, o homem foi liberado. O caso aconteceu em Aiuaba, na Região dos Inhamuns.

A mulher, de 31 anos, ligou duas vezes para a polícia para fazer a denúncia contra o namorado, um entregador de mercadorias de 28 anos, segundo Érika Uchoa. Na primeira ligação, às 19h, a dona de casa relatou que havia sofrido empurrões, mas que não havia sido lesionada. Cerca de 30 minutos depois, ela ligou novamente informando que havia sofrido a agressão física.

O casal foi conduzido à delegacia, onde foi registrada a prisão em flagrante do entregador. O exame de corpo de delito constatou que a mulher tinha escoriação no rosto.

Em depoimento, o homem disse que bebia cerveja desde o início da tarde do sábado, e que, ao chegar em casa, o casal discutiu pelo presente do Dia dos Namorados. Ele confessou que deu empurrões na companheira e argumentou com os policiais que ficou irritado ao receber um sabonete de Dia dos Namorados, após ter dado à vítima com um presente de quase R$ 200.

Fonte: Homem... (2016h). Disponível em: https://g1.globo.com/ceara/noticia/2016/06/homem-agride-mulher-por-ganhar-sabonete-no-12-de-junho-e-e-preso.html. Acesso em: 28 abr. 2022.

O simulacro criado faz o destinatário desviar o foco para o “motivo” da agressão, ou seja, o “sabonete” recebido no Dia dos Namorados, e não para a violência, como ocorreu na análise anterior acerca da intriga da mulher que apanhou devido às discussões causadas pelo “ventilador” (HOMEM..., 2016h; HOMEM..., 2016g). São formas indiretas, ainda, de responsabilizar a mulher como se dissesse: se “não fizer o que eu quero” ou “não fizer o que eu gosto”, apanha. Na linha fina da notícia em questão, a ideia está expressa na frase “namorado não gostou do presente e arranhou o rosto da namorada”. Já o *lead* supervaloriza o fato do seguinte modo: “em depoimento, o homem, que foi preso em flagrante, afirmou ter comprado um ‘presente de quase R$ 200’ e ganhou um sabonete em troca” (HOMEM..., 2016h).

Novamente, ocorre, em tal discurso, um desvio de foco do ato violento para a supervalorização do presente que a mulher deu para ele que, em outras palavras, implicitamente, pode ser associada com a culpa dela. Pertence a mesma linha do que foi tratado no início do livro sobre a mulher que apanhou porque não tinha feito o jantar ou porque o “jantar não estava pronto” (ARAÚJO; HENDERSEN, 2023, *on-line*). De uma forma ou de outra, é o mesmo que dizer que se a mulher não se encaixa no “padrão” moldado pela sociedade patriarcal, de “servir o homem da melhor maneira possível”, deve ser punida (JABLONKA, 2021).

Em alguns casos, de tanto conviver com essa situação, a mulher realmente passa a acreditar e assumir tal discurso como verdade, ou seja, o “contrato” (BAGGIO, 2021, p. 82), como na notícia a seguir de que, após ser agredida e abandonada pelo marido, a vítima falou “Eu queria entender ele, porque ele não me queria mais, porque eu fiz tudo certo e ele não quis mais” (ROSSI, 2014), na Fig. 82.

Figura 82 - Jovem reaparece após 10 dias e diz que fugiu após ser agredida em casa

12/02/2014 14h15 - Atualizado em 12/02/2014 18h18

Jovem reaparece após 10 dias e diz que fugiu após ser agredida em casa

Caroline Martins, de 20 anos, desapareceu em Praia Grande, SP, no dia 3. Jovem foi encontrada em shopping e registrou queixa contra o marido.

Mariane Rossi
Do G1 Santos

Caroline e a mãe dela, Carlota, na delegacia (Foto: Mariane Rossi/G1)

A jovem Caroline Martins Silva, de 20 anos, que estava desaparecida desde o dia 3 de fevereiro, foi encontrada nesta terça-feira (11) dentro de um shopping em **Praia Grande**, no litoral de São Paulo. A jovem diz que o marido pediu para ela sair de casa após uma briga entre eles. Ela disse que ele a agredia e pedirá medida protetiva para que o marido fique longe dela. Carolina afirma que irá voltar a morar na casa da mãe junto com a filha de dois anos.

Caroline e o marido, Luiz Fernando França, moravam juntos com a filha de dois anos. Porém, após uma briga entre eles, ela resolveu sair de casa. "Mais uma vez que ele chegou em casa bêbado. Ele me bateu, me xingou, me ameaçou, falava que ia me matar, matar meu pai e ia sumir. Falou que não me queria mais, para eu esquecer ele, que ele não queria mais a vida de casado. Eu saí, fui na casa da minha mãe, deixei a minha filha lá", conta ela. Caroline diz que tentou conversar com ele novamente, mas Luiz Fernando só a xingava.

saiba mais

- **Marido afirma ter batido em jovem que desapareceu em Praia Grande, SP**
- **'Já procurei até no IML', diz mãe de desaparecida após briga com marido**
- **Câmeras captam momento em que jovem é assassinado após assalto**
- **Policial militar reage a assalto e é assassinado em Praia Grande, SP**
- **Leia mais notícias da Baixada Santista e do Vale do Ribeira no G1**

A jovem conta que resolveu ficar na rua e esperar que o marido fosse procurá-la. "Fiquei desnorteada e saí. Eu fiquei na rua, não fiquei na casa de ninguém, fiquei andando mesmo. Todo mundo que me viu, me viu sozinha e na rua. Eu queria entender ele, porque ele não me queria mais, porque eu fiz tudo certo e ele não quis mais. Eu tinha esperanças dele me procurar para a gente conversar e voltar", afirma Caroline. Enquanto isso, ninguém sabia do paradeiro da jovem. A mãe dela, Carlota Gomes Martins, espalhou cartazes pela cidade e chegou a procurar a filha no IML da cidade.

Nesta terça-feira (11), Caroline resolveu procurar uma amiga que trabalha no Litoral Plaza Shopping porque queria avisar os familiares que estava bem. Um amigo de Luiz, porém, avistou a jovem dentro do shopping e entrou em contato com ele. Luiz foi atrás de Caroline. "Ele me viu, me segurou pelo braço, me xingou. Tem testemunhas. Ele sempre foi assim", conta a jovem, que depois foi levada para a casa da mãe.

Caroline, Luiz Fernando e familiares foram até a Delegacia da Mulher de Praia Grande nesta quarta-feira (12) para registrar o boletim de ocorrência do aparecimento da jovem. Além disso, Caroline quis prestar queixa contra o marido por injúria devido o modo como ele a tratou no shopping.

Delegada Rosemar Cardoso, da Delegacia da Mulher de Praia Grande (Foto: Mariane Rossi/G1)

Segundo a delegada Rosemar Cardoso Fernandes, Caroline já fez vários boletins de ocorrência contra Luiz Fernando. "Temos uns dois ou três inquéritos com relação a ele agredir ela. Em julho de 2013, ela fez um de cárcere privado. Ela disse que ele a trancou em casa, mas não há testemunhas", explica a delegada. Na época, Caroline pediu medidas protetivas, que determina o afastamento dele em relação a ela. Porém, a delegada diz que a medida foi quebrada porque Caroline decidiu voltar a morar com o marido. "A gente brigava muito mas, depois, ele se arrependia, pediu para eu voltar. Eu voltava porque eu acreditava nele", fala Caroline.

Luiz Fernando também prestou depoimento na delegacia. Ele, porém, não quis falar sobre o caso com a equipe do **G1**. A mãe dele, a dona de casa Maria Cristina França, admite que o filho já agrediu Caroline, mas ela sempre voltava para casa e provocava ele. "Eu não estou negando que ele já deu uns tapas nela. Mas ela procura ele. Ela mandava mensagem para ele do celular", diz. Ainda segundo Cristina, não é apenas o filho dela que é culpado na história. "No final das contas, a bronca está sobrando para ele e ela está saindo como vítima", afirma a mãe de Luiz Fernando.

A delegada Rosemar disse ainda que Caroline irá pedir, novamente, uma medida protetiva, para ficar longe de Luiz Fernando. "Se ele desobedecer judicialmente, cabe a prisão preventiva dele", afirma a delegada. Já Caroline espera que a situação se resolva. A jovem não quer mais morar com o marido. "Eu tentei mudar ele, tentei muito, mas ele não quer mudar. Eu quero ficar longe dele e que ele me respeite", finaliza a jovem.

Fonte: Rossi (2014). Disponível em: https://g1.globo.com/sp/santos-regiao/noticia/2014/02/jovem-reaparece-apos-10-dias-e-diz-que-fugiu-apos-ser-agredida-em-casa.html. Acesso em: 28 abr. 2022.

Nesta notícia, o simulacro gera o mesmo efeito de sentido, uma vez que aponta para a culpa da mulher "por não conseguido agradar" o companheiro, sensação que é passada, no texto, quando ela diz que "fiz tudo e ele não me quis mais" (ROSSI, 2014, *on-line*; JABLONKA, 2021). Parece se atrelar, ainda, a uma dependência emocional e pode, sobretudo, representar uma violência psicológica, ou, um *gaslighting*, que é uma percepção errada de que a mulher, neste processo, passa a ter de si mesma (INSTITUTO MARIA DA PENHA, 2018). Ou seja, ela passa a acreditar que é responsável pela relação não ter dado certo.

Como bem frisa Saffioti (1987), a mulher geralmente é culpabilizada, na maior parte das circunstâncias e graus de violência. Tanto que, quando essa culpa não lhe é diretamente delegada, em alguns casos, ela mesma a assume porque chega a acreditar neste constructo (SAFFIOTI, 1987, p. 80). Outras vezes, em enunciados como o da mulher que "[...] achava o cúmulo apanhar sem estar fazendo nada", constrói a ideia errônea de que se houver um "motor" para o crime, ele é justificável e se não existir um "motivo", o homem produz um para cometer a agressão, como os casos inusitados do "ventilador" e do "sabonete" (SAFFIOTI; ALMEIDA, 1995, p. 176).

Em outra esfera, dentro dos laços familiares, em Rondônia, "Mulher é agredida pelo próprio irmão na Zona Leste de Porto Velho" (MULHER..., 2016e), na Fig. 83. Cabe salientar que tanto título quanto o *lead* descrevem que a vítima "foi agredida pelo próprio irmão"

(MULHER..., 2016e). O pronome demonstrativo "próprio" ("próprio irmão/própria irmã", "próprio pai/própria filha", "próprio marido/própria esposa") ou possessivo ("sua filha", "sua esposa", "sua irmã") e como o "discurso" se manifesta nos aspectos da "produção social da linguagem" trazem a ideia de pertencimento, que discorremos no Capítulo "Semióticas das Paixões" (FIORIN, 2017, p. 973; DEMARIA, 2019, p. 92).

Figura 83 - Mulher é agredida pelo próprio irmão na Zona Leste de Porto Velho

MENU G1 RONDÔNIA REDE AMAZÔNICA

12/04/2016 09h56 - Atualizado em 12/04/2016 09h56

Mulher é agredida pelo próprio irmão na Zona Leste de Porto Velho

Vítima informou à PM que suspeito quebrou um copo na sua cabeça.
Mulher ficou internada em observação na UPA-Leste durante a madrugada.

Do G1 RO

FACEBOOK

UPA 24h

Mulher ficou em observação na UPA-Leste durante a madrugada (Foto: Ivanilson Tolentino/G1)

Uma mulher de 33 anos foi agredida pelo próprio irmão na madrugada desta terça-feira (12), no bairro Três Marias, Zona Leste de **Porto Velho**. De acordo com a vítima, seu irmão quebrou um copo de vidro na sua cabeça enquanto eles discutiam. A mulher teve um corte na cabeça.

Segundo o boletim de ocorrência, os irmãos estavam ingerindo bebida alcoólica, quando eles discutiram por conta de alguns bens. O suspeito quebrou um copo de vidro na cabeça da jovem causando um corte. A mulher foi levada à Unidade de Pronto Atendimento da Zona Leste (UPA-Leste), onde ficou internada para observação. No local, os médicos acionaram a Polícia Militar (PM).

Para a polícia, o suspeito informou que a irmã se auto-lesionou para culpá-lo dizendo que eles discutiram, porém ele não a agrediu. O homem foi preso e encaminhado à Central de Flagrantes.

Fonte: Mulher... (2016e). Disponível em: https://g1.globo.com/ro/rondonia/noticia/2016/04/mulher-e-agredida-pelo-proprio-irmao-na-zona-leste-de-porto-velho.html. Acesso em: 20 abr. 2022.

Embora a narrativa se concentre na agressão contra a mulher, ela traz um pano de fundo na frase do irmão da vítima, que diz que ela "se auto-lesionou para culpá-lo dizendo que eles discutiram, porém ele não a agrediu" (MULHER..., 2016e, *on-line*). São dois pontos a destacar: (i) quando o texto menciona que o irmão disse que ela "se auto-lesionou para culpá-lo" atua na tentativa de responsabilizá-la acerca do ocorrido; faz lembrar a notícia em que, no ato comunicativo, o destinador enuncia justificativas dos agressores como: "escorregou no sabão, caiu e bateu a cabeça", em outros momentos bateu na "porta do carro" ou, então, "na quina da mesa" (MULHER..., 2014c; FAMOSOS..., 2015). Estes textos apontam para uma "culpabilização" que está implícita no discurso e segue a mesma linha de quando o autor do crime depõe "não fiz nada" (COSTA, 2016, *on-line*). Deste modo,

indiretamente, se inscreve em outra característica trabalhada no item anterior, a de um sujeito “negacionista”, ou seja, que nega o ato.

No próximo caso, observa-se “Merendeira é agredida pelo marido com golpes de rodo” (MERENDEIRA..., 2014), na Fig. 84.

Figura 84 - Merendeira é agredida pelo marido com golpes de rodo

MENU G1 PRUDENTE E REGIÃO TV FRONTEIRA

06/01/2014 10h57 - Atualizado em 06/01/2014 10h57

Merendeira é agredida pelo marido com golpes de rodo

Vítima teve ferimentos no nariz. Agressão aconteceu após discussão.
Ocorrência foi no Jardim Humberto Salvador, em Presidente Prudente.

Do G1 Presidente Prudente

FACEBOOK

Uma merendeira de 41 anos foi agredida com um cabo de rodo pelo marido, um servente de pedreiro de 40 anos, neste domingo (5), às 2h30, no Jardim Humberto Salvador, em **Presidente Prudente**. De acordo com as informações do boletim de ocorrência, o homem não queria que sua mulher ficasse no quarto do casal, por isso começaram a discussão.

Conforme o depoimento da vítima à Polícia Militar, após não aceitar a decisão do marido de impedi-la de ficar no quarto, os dois se desentenderam, momento em que ele pegou um cabo de rodo e começou a golpeá-la pelo corpo. Um deles acertou o nariz da vítima, que começou a sangrar.

Durante a discussão, segundo o boletim de ocorrência, o servente teria ameaçado a merendeira de morte. Ele alegou aos policiais que foi ela quem começou as agressões e que teria pegado o cabo para se defender, dando golpes contra o ar.

A vítima foi encaminhada ao Pronto Atendimento da Cohab, onde foi atendida e liberada. Foi expedido o exame de corpo de delito à mulher.

O marido recebeu voz prisão com fiança estipulada em R$ 800. Como não apresentou a quantia, foi encaminhado para a cadeia de Presidente Venceslau, onde aguardará a remoção para o Centro de Detenção Provisória (CDP) de Caiuá.

Fonte: Merendeira... (2014). Disponível em: https://g1.globo.com/sp/presidente-prudente-regiao/noticia/2014/01/merendeira-e-agredida-pelo-marido-com-golpes-de-rodo.html. Acesso em: 26 abr. 2022.

Em um dos parágrafos, o agressor se defende e os “policiais”, assim como o portal de comunicação, reproduzem sua defesa, mencionando que ele “[...] alegou aos policiais que foi ela quem começou as agressões e que teria pegado o cabo para se defender, dando golpes contra o ar” (MERENDEIRA..., 2014). É aquilo que Baggio (2021) dizia sobre o discurso da “culpa” ser construído de maneira indireta e, sobretudo, estar na reprodução “da fala de outros”, consumando o “contrato” de culpabilização da vítima (BAGGIO, 2021, p. 82).

Em outra matéria, sujeito justifica que esfaqueou a esposa porque ela o traiu. No entanto, não existiu nenhum flagrante, a não ser a palavra do homem sobre a “suposta traição” da companheira (SUSPEITO..., 2014), na Fig. 85, como se esse ou qualquer outro “motivo” justificasse o crime. A mulher foi internada em estado grave no Centro de Tratamento Intensivo (CTI) de Rezende, no Rio de Janeiro.

Figura 85 - Suspeito de esfaquear a esposa é preso em Resende

≡ MENU G1 SUL DO RIO E COSTA VERDE

21/06/2014 08h48 - Atualizado em 21/06/2014 18h59

Suspeito de esfaquear esposa é preso em Resende, RJ

Ele confessou o crime e disse que foi motivado por traição, diz PM.
Segundo Polícia Civil, jovem foi golpeada 5 vezes e corre risco de morte.

Do G1 Sul do Rio e Costa Verde

FACEBOOK

O jovem suspeito de **esfaquear a esposa** foi preso na madrugada deste sábado (21), em Resende, no sul do Rio de Janeiro. Segundo a Polícia Militar (PM), agentes receberam uma denúncia anônima de que o rapaz — de 22 anos — estava escondido em uma casa do bairro São Caetano. No local, ainda de acordo com a PM, ele confessou o crime e disse que feriu a mulher porque ela o traiu.

A jovem, de 24 anos, foi esfaqueada na noite de sexta-feira (20), também no São Caetano. A PM disse que ela está internada em estado grave no Centro de Terapia Intensiva (CTI) do Hospital de Emergência. O **G1** entrou em contato com a unidade médica, que não divulgou detalhes do estado de saúde da vítima até a publicação desta reportagem.

A informação inicial da PM era que a vítima era namorada do suspeito e tinha recebido pelo menos 8 facadas, mas a Polícia Civil disse que os dois eram casados — apesar da relação ter acabado há três semanas — e que a jovem levou 5 golpes nas costas. Agentes da 89ª Delegacia de Polícia contaram ainda que foi cometido na frente do filho do casal, de um ano.

Também de acordo com a Polícia Civil, o suspeito tem passagem por outros tipos de violência doméstica: estupro, ameaça e lesão corporal.

Fonte: Suspeito... (2014). Disponível em: https://g1.globo.com/rj/sul-do-rio-costa-verde/noticia/2014/06/suspeito-de-esfaquear-namorada-e-preso-em-resende-rj.html. Acesso em: 20 abr. 2022.

De acordo com as descrições da linha fina, “ele confessou o crime e disse que foi motivado por traição” e, no *lead*, a ideia é defendida, ou seja, o veículo reproduz a narrativa de que a mulher “traiu” o companheiro e, por isso, ele a esfaqueou (SUSPEITO..., 2014, *on-line*), convergindo com a proposta deste capítulo sobre a responsabilização da vítima.

São muitas recorrências como esta no *corpus*, em que o “homem”, construído e reforçado nos simulacros da mídia, acusa a companheira de traí-lo, que também é uma forma de distrair a atenção do destinatário, para o que realmente importa tratar: a violência (ARBEX JR, 2001; SERVA, 2001). Além disso, no discurso, o homem é poupado e tem seu

"território defendido" (GREIMAS; FONTANILLE, 1993, p. 196). Ou seja, como diz Saffioti (1987, p. 80), o processo se inverte. No próximo caso, vemos outro relato em que o foco da agressão é totalmente desviado, de modo disfórico (GREIMAS; COURTÉS, 2008). A notícia enuncia que "Mulher é baleada pelo ex-marido em Campos, RJ, acaba detida, diz polícia" (MULHER..., 2013), na Fig. 86.

Figura 86 - Mulher baleada pelo ex-marido em Campos, RJ, acaba detida, diz polícia

MENU G1 NORTE FLUMINENSE

09/12/2013 15h15 - Atualizado em 09/12/2013 15h15

Mulher baleada pelo ex-marido em Campos, RJ, acaba detida, diz polícia

Ex-marido fugiu, mas mulher andava com arma na bolsa.
Ela vai responder por porte ilegal de arma.

Do G1 Norte Fluminense

A Polícia Militar registrou uma tentativa de homicídio em **Campos dos Goytacazes**, no Norte Fluminense, em que a própria vítima acabou sendo detida durante a madrugada de domingo (8). A mulher, não identificada, levou vários tiros do ex-marido, segundo a polícia, mas se encontra em prisão hospitalar.

Durante os primeiros atendimentos no hospital, na tentativa de identificar a mulher, uma enfermeira encontrou uma arma dentro da bolsa que a vítima carregava. A polícia foi acionada e a mulher foi detida. Assim que receber alta, ela será encaminhada à delegacia. O estado de saúde dela é considerado estável.

O crime aconteceu na Avenida 15 de Novembro, no Centro da cidade, próximo à ponte de ferro. A mulher foi alvejada por vários tiros que, segundo a polícia, foram disparados pelo ex-marido que nã[o] aceitava o fim da relação. Um amigo socorreu a vítima e a levou para o Hospital Ferreira Machado.

Outras tentativas de homicídio

Ainda durante a noite, a Polícia Militar registrou outras duas tentativas de homicídio, desta vez no Parque Saraiva, no distrito de Goitacazes. Dois homens foram baleados. Populares informaram à polícia que os tiros foram disparados por uma pessoa que estava dentro de um carro. A polícia investiga a autoria dos disparos.

Fonte: Mulher (2013). Disponível em: https://g1.globo.com/rj/norte-fluminense/noticia/2013/12/mulher-baleada-pelo-ex-marido-em-campos-rj-acaba-detida-diz-policia.html. Acesso em: 19 abr. 2022.

O lead menciona que "A Polícia Militar registrou uma tentativa de homicídio em Campos dos Goytacazes, no Norte Fluminense, em que a própria vítima acabou sendo detida" (MULHER..., 2013, *on-line*). Ela "levou vários tiros do ex-marido, segundo a polícia, mas se encontra em prisão hospitalar" (MULHER..., 2013, *on-line*). Em suma, sem pretender inocentar a infração cometida pela mulher, o enunciado parece desculpabilizar o homem e, de uma forma disfórica (GREIMAS; COURTÉS, 2008, p. 149), colocar a mulher no centro da narrativa como a "criminosa", que "carregava uma arma na bolsa", desqualificando o ato de violência cometido contra ela (MULHER..., 2013).

Como nos contos literários em que o bandido vira mocinho e o mocinho, bandido,

a vítima “toma” este lugar na cena, no sentido negativo, enquanto sobre ele, que está foragido, não se descreveu mais nada no texto, além da linha fina da matéria, que expressa “Ex-marido fugiu, mas mulher andava com arma na bolsa”. O “mas” indica “uma relação de subordinação”, sobrepondo o ato dela em relação ao do homem (HOUAUISS, 2009, p. 1545) e representa, ainda, uma forma indireta de amenizar a culpa dele.

Em Manaus, outro registro “Lutador é preso no AM por espancar namorada e alega ‘legítima defesa’” (LUTADOR..., 2016), na Fig. 87.

Figura 87 - Lutador é preso no AM por espancar namorada e alega ‘legítima defesa’

MENU G1 AMAZONAS REDE AMAZÔNICA

21/06/2016 19h34 - Atualizado em 21/06/2016 19h34

Lutador é preso no AM por espancar namorada e alega 'legítima defesa'

Bruno Augusto Almeida foi preso após se apresentar à Delegacia da Mulher. Em depoimento, ele alegou defesa e disse que briga iniciou por ciúmes.

Do G1 AM

FACEBOOK

Bruno foi preso após se apresentar na delegacia; Ele não sabia que havia mandado de prisão (Foto: Indiara Bessa/G1 AM)

Um lutador de MMA foi preso suspeito de espancar a namorada na madrugada deste sábado (18), no bairro Parque 10, na Zona Centro-Sul de Manaus. Segundo a polícia, crime ocorreu durante uma briga do casal. Bruno Augusto Almeida Mar, de 36 anos, teve uma crise de ciúmes após encontrar mensagens no celular da vítima. Em depoimento, ele alegou ter agredido a mulher em "legítima defesa".

O crime ocorreu no sábado enquanto a vítima dormia na casa do suspeito. A vítima alegou que foi acordada com socos durante a madrugada e que o suspeito teria tentado sufocá-la apertando o pescoço dela.

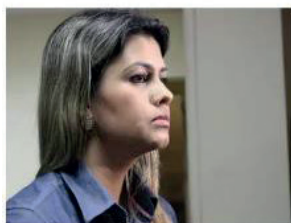
saiba mais

No AM, lutador de MMA é denunciado suspeito de espancar namorada

Mulher morre após ser agredida em rua de Manaus; namorado é suspeito

Mulher é morta após pedir divórcio de marido em Manaus, diz família

Segundo a titular da Delegacia Especializada em Crimes Contra a Mulher (DECCM), Andrea Nascimento, em depoimento, Bruno disse que a briga ocorreu durante discussão do casal. "O fato motivador foi ciúmes da vítima pelo fato de ele ter visto mensagens de cunho pessoal dela enquanto ela dormia", afirmou a delegada.

Ainda em depoimento, Bruno alegou defesa. "Ele contou a versão dele dos fatos, disse que eles brigaram e ele agrediu a vítima em uma tentativa de se defender. Disse que chegou a tampar a boca dela para não acordar os vizinhos, e não para sufocá-la", contou Andrea. Ele teria ainda levado a vítima para casa e a ameaçado de morte caso ela relatasse o caso à polícia.

Delegada Andrea Nascimento afirmou que homem confessou agressão e alegou defesa (Foto: Indiara Bessa/G1 AM)

Logo após o crime, ele não foi localizado pela polícia e teve um mandado de prisão preventiva expedido nesta segunda-feira (20). Os dois namoravam há dois meses, segundo a polícia.

"Ela chegou à delegacia bastante machucada, lesionada, com muito sangue não somente no rosto, mas pelo corpo, o que fez com que a delegada de plantão tomasse todas as medidas cabíveis. Uma equipe da delegacia foi até o local, como ele não foi localizado naquele momento, foram tomadas todas as medidas protetivas de urgência para que ele ficasse afastado da vítima", contou a delegada.

A prisão ocorreu na tarde desta terça-feira (21), quando Bruno se apresentou na delegacia na presença de advogados mas não sabia que havia um mandado de prisão preventiva em aberto. Ele deve permanecer preso na Delegacia da Mulher, e logo depois encaminhado à Cadeia Pública Raimundo Vidal Pessoa.

Fonte: Lutador... (2016). Disponível em: https://g1.globo.com/am/amazonas/noticia/2016/06/lutador-e-preso-no-am-por-espancar-namorada-e-alega-legitima-defesa.html. Acesso em: 20 abr. 2022.

O título já enuncia que a agressão foi em "legítima defesa", mostrando uma escolha do destinador em reforçar este simulacro (LUTADOR..., 2016; MORAES, 2022). Na linha fina, o homem alega que a "briga iniciou por ciúmes" e, no decorrer do texto, insiste que foi "[...] porque ele encontrou mensagens de cunho pessoal no celular da vítima" e recorre à "legítima defesa" (LUTADOR..., 2016, *on-line*). A foto mostra-o cobrindo a cabeça para não ser identificado, que pode representar, neste contexto, ou vergonha da exposição, ou não assumir a responsabilidade pela agressão, confirmando a tentativa nas demais construções discursivas da culpa se voltar para a mulher. Faz lembrar o caso de Ângela Diniz, que foi morta sob o mesmo argumento da defesa do *playboy* Doca Street e, mais ainda, pela construção midiática da época; ou parece outro caso, que ocorreu em 2012, no Rio Grande do Sul, com o título "Em bilhete, suspeito de matar mulher diz que traição motivaria 'tragédia'" (TRUDA, 2012), na Fig. 88.

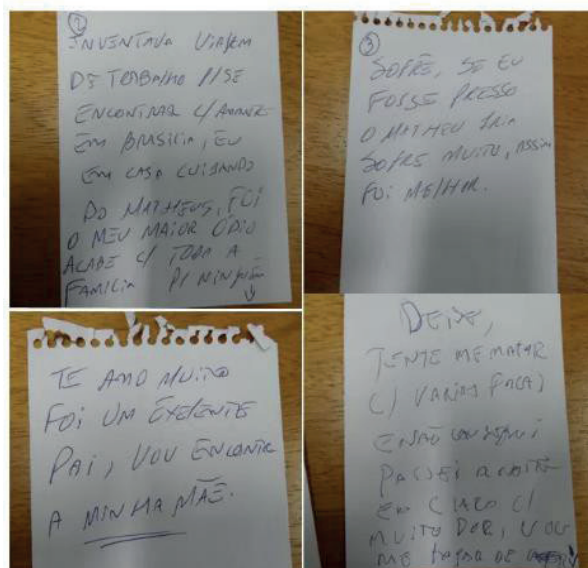
Figura 88 - Em bilhete, suspeito de matar mulher diz que traição motivaria ‘tragédia’

27/07/2012 13h53 - Atualizado em 27/07/2012 18h43

Em bilhete, suspeito de matar mulher diz que traição motivaria 'tragédia'

'Ela sabia que se colocasse guampa, acabaria em uma tragédia', diz papel.
Segundo delegado, carta de suicídio aumenta suspeitas contra marido.

Felipe Truda
Do G1 RS

FACEBOOK

Primeiro bilhete deixado pelo suspeito acusava mulher de traição. Ele também deixou um recado de despedida para o pai e notas para a empregada doméstica, afirmando que o desfecho do episódio foi melhor para o filho, que "iria sofrer muito" se ele fosse preso, e que se jogaria de uma ponte
(Foto: Montagem sobre fotos Felipe Truda/G1)

Um dos bilhetes encontrados na casa onde morreram Márcia Calixto Cametti, de 39 anos, e o filho de 5 dizia que uma possível traição da mulher acabaria em tragédia. Segundo o delegado Cléber Lima, da Delegacia de Homicídios de **Porto Alegre**, os bilhetes foram escritos pelo marido da vítima, apontado como principal suspeito dos assassinatos, e encontrados na cena do crime.

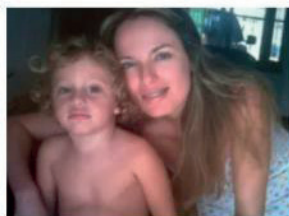
"Ela sabia que se colocasse guampa, acabaria em uma tragédia", dizia o texto, em expressão usada popularmente no Rio Grande do Sul para definir traição. O bilhete escrito à mão foi recolhido pela polícia na residência do casal, na Zona Sul da capital gaúcha.

O **G1** teve acesso a parte dos bilhetes deixados pelo suspeito. Um deles afirmava que ele sentiu "ódio" ao descobrir que a mulher "inventava uma viagem a trabalho para se encontrar com o amante em Brasília". Outro dizia que o desfecho do episódio foi "melhor" para o filho, pois se ele fosse preso, a criança "iria sofrer muito".

Outros bilhetes foram endereçados à empregada doméstica da casa. Ele dizia que havia deixado dinheiro para ela, e pedia para cuidar dos animais de estimação da família. Em mais uma nota, também destinada à funcionária, a caligrafia estava distorcida, evidenciando um transtorno por parte do autor. Ele diz ter não ter conseguido cometer suicídio. "Vou me jogar de carro no segundo vão da ponte do Guaíba", diz.

Também foi encontrado um recado para o pai, no qual o suspeito afirmava que ele havia sido "excelente". "Vou encontrar minha mãe", finaliza o texto.

O delegado aponta que o fato aumenta as suspeitas de que o ex-marido seja o criminoso. O homem se atirou de uma ponte na BR-290 na noite de quarta-feira (25), mas foi resgatado e hospitalizado. "Os bilhetes apontam uma motivação passional", disse ao **G1** o delegado.

Para a polícia, o suspeito desconfiava de uma traição. Ele usava um software instalado no computador de casa para ter acesso aos e-mails da mulher. Um dos bilhetes encontrados na casa evidencia a suspeita. "Ele deixa um bilhete dizendo que ela teria supostamente dito que viajaria a trabalho para, na verdade, encontrar um amante fora do estado", explicou o delegado.

Mãe e filho foram encontrados mortos em casa (Foto: Arquivo Pessoal)

O crime

A mulher de 39 anos e o filho de 5 foram encontrados mortos nesta quinta-feira (26) em um condomínio no Bairro Tristeza, na Zona Sul de Porto Alegre. Segundo a polícia, as vítimas estavam em quartos separados com marcas causadas por perfurações. Três facas sujas de sangue foram encontradas na residência, além dos bilhetes.

Os corpos foram sepultados no fim da manhã desta sexta-feira, no Cemitério São Miguel e Almas, em Porto Alegre.

Fonte: Truda (2012). Disponível em: https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2012/07/em-bilhete-suspeito-de-matar-mulher-diz-que-traicao-motivaria-tragedia.html. Acesso em: 20 abr. 2022.

O sincretismo das linguagens verbal e de imagem, construídos pelo destinador, seja no título, na linha fina, no *lead*, nos deixam clara a tentativa implícita de "inocentação" do agressor em detrimento da vítima. Em frases como "traição motivaria a tragédia", no enunciado principal, bem como se fossem declarações do homem, "ela sabia que se colocasse guampa, acabaria em tragédia", é absorvido no discurso e a mulher, condenada (TRUDA, 2012, *on-line*; MORAES, 2022). A matéria se torna mais sensacional ainda porque aciona o recurso da "comoção" (TEIXEIRA, 2011), já que não só a esposa foi morta, mas o filho de cinco anos.

Na análise, observam-se também outras questões: (i) além das sentenças que declaram "a culpa da vítima", a foto com os bilhetes está no início da notícia (na parte superior) para, veladamente, sustentar a narrativa, enquanto, localizada no fim da página (parte inferior), encontra-se o retrato de mãe e filho assassinados. Como forma de esclarecer o significado de "guampa", este termo trata-se de "expressão usada popularmente no Rio Grande do Sul para definir traição" (TRUDA, 2012, *on-line*), assim como o "chifre", trivialmente usado, principalmente, quando diz respeito a relatos envolvendo mulheres dentro das configurações de estereótipos de gênero.

Sem exceção, casos assim confirmam o que disse Saffioti (1987), em que "Mulheres vítimas de violência são, freqüentemente, transformadas em rés, inclusive depois de mortas" (SAFFIOTI, 1987, p. 80). Márcia Calixto Carnetti, em 2012, Ângela Diniz, em 1976 e a "namorada do lutador", em 2016 (40 anos depois de Ângela) representam muitas vítimas que diariamente sofrem violência e tantas outras que não têm mais chance de recomeçar. Tal semelhança não é mera coincidência, uma vez que se reiteram os mesmos temas: ciúme, traição e inversão de papéis que tornam a mulher "responsável" por ter sido morta, por ter sido espancada, estuprada etc. Bem como discute Baggio (2021), quando analisa

os casos de violência (por assédio sexual), assim se resume as prédicas do “contrato semiótico” ou “contrato de veridicção”, em que o culpado passa por vítima e a vítima, por culpado (BAGGIO, 2021, p. 79; 82; GREIMAS, 2014, p. 117). Neste registro e aspecto mostra uma clareza da mulher que levou “um tapinha”

> no mesmo dia, recebeu e-mail do ex se desculpando, mas responsabilizando ela pela agressão. “Ele escreveu: ‘Não te dei um tapinha porque quis, você me provocou com suas palavras desaforadas”, diz ela. “Tapinha” esse que está roxo até hoje. Até o murro que ele me deu foi culpa minha” (FORMIGA, 2015, *on-line*).

Pelo relato, a vítima entendeu o fato de que ele a culpa por tê-la agredido, sendo tal compreensão essencial para que a mulher se liberte do processo de violência. Esta noção e sentimento de Baggio (2021), por vezes, são compartilhados em algumas campanhas de conscientização, como a divulgada pelo destinador, realizada no Rio de Janeiro, com o título “Copacabana tem manifestação pelos direitos das mulheres” (COPACABANA..., 2015), na Fig. 89.

Figura 89 - Copacabana tem manifestação pelos direitos das mulheres

RIO DE JANEIRO

Copacabana tem manifestação pelos direitos da mulheres

Fonte: Copacabana... (2015). Disponível em: https://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2015/03/copacabana-tem-manifestacao-pelos-direitos-da-mulheres.html. Acesso em: 27 abr. 2022.

Trata-se do “Dia Internacional da Minissaia”, organizado pelo “Coletivo Mulheres Rodadas”, que visa a chamar a atenção da sociedade em relação a “atitudes machistas”, cujas práticas resultam, por exemplo, em todo tipo de agressão contra a mulher. Do topo ao rodapé da página do G1, mulheres são mostradas realizando diversas atividades, como dança com bambolês, entre outras. De acordo com uma das organizadoras do evento, “às vezes, a mulher sofre uma violência e está de roupa curta, ela sai como culpada” (COPACABANA..., 2015, *on- line*). Importante tal reflexão para educar que condutas direcionadas ao “outro”, no caso, a mulher, não devem ser vistas como naturalizadas ou inocentes, muito menos justificar qualquer espécie de crime nas relações de gênero.

Seguindo a análise do tópico proposto, neste outro caso típico de “responsabilização da vítima”, ocorrido em Montes Claros (Minas Gerais), o enunciado diz que “Homem que deu seis tiros em mulher é condenado a prisão domiciliar” (HOMEM..., 2013a), na Fig. 90.

Figura 90 - Homem que deu seis tiros em mulher é condenado a prisão domiciliar

MENU G1 GRANDE MINAS INTER TV

07/03/2013 19h01 - Atualizado em 08/03/2013 16h12

Homem que deu seis tiros em mulher é condenado a prisão domiciliar

Apesar dos seis tiros, Patrícia Pereira sobreviveu.
Crime aconteceu em 2006 em Montes Claros e teve repercussão nacional.

Do G1 Grande Minas

FACEBOOK

O julgamento do motorista de taxi, José Ferreira Bastos, o Zé Gotinha, acusado de matar a ex-companheira, correu nesta quinta-feira (07), no fórum Gonçalves Chaves em Montes Claros (MG). Patrícia Pereira Gonçalves, 27 anos, sofreu tentativa de homicídio em novembro de 2006. Zé Gotinhae foi condenado a quatro anos em regime aberto, e deve cumprir a pena em prisão domiciliar.

O crime aconteceu em 10 de novembro de 2006 no bairro Conjunto Joaquim Costa e alcançou repercussão nacional. A vítima levou seis tiros na cabeça, mas não morreu. Na ocasião, Patrícia foi levada para o hospital, e impressionou os médicos o fato dela ter sobrevivido.

José Ferreira foi preso seis dias depois do crime. Ele foi levado a julgamento pela primeira vez em julho de 2008 e foi condenado a dois anos e oito meses em regime aberto, mas o promotor Carlos Henrique Fleming Cecco recorreu, e o Tribunal de Justiça de Minas marcou novo julgamento.

O júri presidido pelo juiz Fausto Geraldo Ferreira Filho terminou no final da tarde desta quinta-feira. A acusação alegou que Zé Gotinha ficou revoltado com Patrícia pelo fim do relacionamento, e decidiu matá-la disparando seis tiros contra ela. Por sua vez, a defesa alegou que ele só agiu desta forma porque foi provocado pela ex-companheira.

Fonte: Homem... (2013a). Disponível em: https://g1.globo.com/mg/grande-minas/noticia/2013/03/homem-que-deu-seis-tiros-em-mulher-e-condenado-prisao-domiciliar.html. Acesso em: 26 abr. 2022.

A linha fina, “apesar dos seis tiros, Patrícia sobreviveu” (HOMEM..., 2013a) e a frase “[...] impressionou os médicos o fato dela ter sobrevivido”, no segundo parágrafo, parecem soar, disforicamente, neste contexto, em relação à vida da mulher, já que o uso

da palavra “apesar” significa “contrariam uma provável expectativa” de que ela morresse (HOMEM..., 2013a, *on-line*; HOUAISS; VILLAR, 2009, p.158). A notícia segue relatando que o homem teria “ficado revoltado pelo fim do relacionamento” e, então, “[...] decidiu matá-la disparando seis tiros contra ela”; “a defesa alegou que ele só agiu desta forma porque foi provocado pela ex-companheira” (HOMEM..., 2013a, *on-line*). Como é possível perceber, o texto segue no sentido de culpabilizar a vítima, tirando o foco do assunto principal a ser tratado (TEIXEIRA, 2011; SERVA, 2001; ARBEX JR, 2001). Os simulacros textuais correspondem à ideia implícita de que ele tinha “motivos” para praticar o crime, entre eles “porque foi provocado” (HOMEM, 2013a, *on-line*; GREIMAS; COURTÉS, 2008, p. 192). Sobre os “estados de alma” são abordados no Capítulo 9, associados aos comportamentos passionais.

Em outra descrição, que se inscreve na ordem das “paixões”, os termos usados no texto em relação ao agressor são “teve crise de ciúmes” e “ficou violento” e, ainda assim, seguem a ordem e tentativa de “responsabilização da esposa” (MULHER..., 2015a), na Fig. 91.

Figura 91 - Mulher queimada por maçarico tem melhora na saúde

MENU G1 PARÁ REDE LIBERAL

20/10/2015 13h31 - Atualizado em 20/10/2015 15h11

Mulher queimada por maçarico tem melhora de saúde, diz Metropolitano

Marcionilde Sousa foi alvo do próprio marido no último dia 10, em Belém. Polícia diz que agressor teve uma crise de ciúmes ao mexer em celular.

Do G1 PA

FACEBOOK

Vítima de violência doméstica segue internada no Hospital Metropolitano, em Ananindeua. (Foto: Elivaldo Pamplona/Amazonia Hoje)

A mulher **vítima de múltiplas queimaduras provocadas pelo próprio companheiro, que lançou as chamas de um maçarico sobre ela**, em Belém, apresentou melhora no estado de saúde nesta terça-feira (20), de acordo com nota divulgada pelo Hospital Metropolitano de Urgência e Emergência (HMUE), em Ananindeua.

Ainda segundo as informações do hospital, Marcionilde Sousa Freitas continua internada no Centro de Tratamento de Queimados (CTQ) e tem quadro geral considerado estável. **Ela deu entrada na unidade em estado gravíssimo, com queimaduras no rosto, braços e seios** e chegou a ficar em coma e sofrer duas paradas cardíacas, de acordo com a família.

saiba mais

Polícia prende suspeito de queimar esposa com maçarico em Belém

Homem que queimou esposa no PA é indiciado por tentativa de feminicídio

Marido queima mulher com maçarico durante briga em Belém

Segundo a polícia, no último sábado (10), Diógenes de Araújo mexia no celular de Marcionilde quando teve uma crise de ciúmes. Familiares contam que ele ficou violento, e tentou enforcar a esposa antes de começar a agressão com o maçarico. A vítima gritou e foi salva por um vizinho enquanto o suspeito fugia.

O suspeito da agressão apresentou-se no dia 15 na delegacia da Cabanagem acompanhado por familiares e de um advogado. A prisão dele já havia sido solicitada pelo delegado Ocimar Nascimento, titular da delegacia que conduz as investigações.

No mesmo dia, o homem foi encaminhado para a Central de Triagem Metropolitana II (CTM II), em **Ananindeua**, onde permanece aguardando julgamento. Segundo a Susipe, o processo corre em segredo de Justiça.

Versões

Em depoimento à polícia, Diógenes alegou que o fato foi um acidente, e exibiu queimaduras nas costas para explicar que a explosão de uma lata de thinner provocou as lesões nele e na esposa. Ele disse que o maçarico é sua ferramenta de trabalho, como técnico em refrigeração, e que iria utilizar o item para queimar a cama do casal, já que havia sido expulso de casa e não gostaria de ver outra pessoa dormindo em sua cama.

Segundo ele a esposa tentou intervir para preservar o móvel, e neste momento houve luta. O maçarico teria caído perto de uma lata de thinner, que explodiu causando as queimaduras.

No entanto, o delegado destaca que durante as três horas de depoimento, o marido tentou responsabilizar a esposa pelo caso. "Ele alega que ela pegou a maçarico para agredi-lo, mas ela não tem conhecimento técnico para usar o equipamento. A história dele é inverídica ao tentar imputar à vítima o grave crime que ele cometeu", diz Ocimar Nascimento, delegado.

O suspeito foi indiciado pelo crime de tentativa de feminicídio duplamente qualificado, por motivo torpe e uso de fogo.

Fonte: Mulher (2015a). Disponível em: https://g1.globo.com/pa/para/noticia/2015/10/mulher-queimada-por-macarico-tem-melhora-de-saude-diz-metropolitano.html. Acesso em: 26 abr. 2022.

Na linha fina, o destinador constrói a narrativa de que "o ciúme" foi a motivação do crime. No decorrer do texto, menciona que o autor da violência "[...] mexia no celular de Marcionilde quando teve uma crise de ciúmes" e os "[...] familiares contam que ele ficou violento" (MULHER..., 2015a, *on-line*). Na versão do homem dada ao jornal,

> alegou que o fato foi um acidente, e exibiu queimaduras nas costas para explicar que a explosão de uma lata de thinner provocou as lesões nele e na esposa. Ele disse que o maçarico é sua ferramenta de trabalho, como técnico em refrigeração, e que iria utilizar o item para queimar a cama do casal, já que havia sido expulso de casa e não gostaria de ver outra pessoa dormindo em sua cama [...]. Segundo ele a esposa tentou intervir para preservar o móvel, e neste momento houve luta. O maçarico teria caído perto de uma lata de thinner, que explodiu causando as queimaduras (MULHER..., 2015a, *on-line*).

A notícia traz muitas declarações ou frases que parecem inocentar o agressor, como "foi um acidente" e "a explosão de uma lata de thinner provocou as lesões nele e na esposa". As descrições aparentam dar um efeito de leveza em relação à violência em sentenças como "o maçarico é sua ferramenta de trabalho" (MULHER..., 2015a, *on-line*). O exemplo foi trazido nesta parte do livro porque, embora o destinador tenha usado elementos que, primeiramente, pareciam "responsabilizar a vítima", no último parágrafo, no entanto, a "fala" do delegado a inocenta. Trata-se da única vez observada, no *corpus*, que a narrativa terminou desta forma e tal escolha do jornal foi expor este fato, mesmo que no final da matéria.

Ao longo do capítulo, observaram-se manifestações parecidas com aquela estudada por Freire Filho e Cavalcanti Versani dos Anjos (2022) sobre a agressão de Victor Chaves em relação à esposa, levando, por fim, à mulher a culpa pelo ato do marido, segundo o desenrolar das narrativas construídas pelo cônjuge, pelo irmão, pela mãe do cantor e apresentada, resumidamente, pelo G1. Casos assim são recorrentes na linguagem, nas atitudes, na formação dos enunciadores, que legitimam os discursos violentos, perpassando

muitas vezes a ética que deve, particularmente, prevalecer na função dos incumbidos em manter a ordem e promover a segurança, a justiça. Representa grosso modo, o que descreveu Saffioti (1987). “Não obstante as leis que preveem penas para os agressores, os policiais, investigadores, delegados omitem- se nestes casos. Não cumprindo o que está estabelecido pelas leis, a polícia torna-se cúmplice do agressor masculino” (SAFFIOTI, 1987, p. 80), servindo para os demais atores em questão.

Em suma, na obra, a socióloga observou “o poder do macho leva os policiais, os investigadores, os delegados a se atribuírem o direito de propor manter relações sexuais com a mulher violentada, pois esta é considerada uma mulher disponível, uma mulher para uso e abuso de todos” (SAFFIOTI, 1987, p. 80). Existe uma “crença que está por trás desta conduta e a de que a mulher não é propriamente violentada, mas de que ela se comporta como sedutora” (SAFFIOTI, 1987, p. 80). Ainda de acordo com Saffioti (1987), “[...] na medida em que, na cabeça dos homens em geral e especificamente dos agentes da lei, policiais, juízes, promotores – a mulher é diabólica, seduzindo o homem inocente, ela é imediatamente convertida de vítima em ré” (SAFFIOTI, 1987, p. 80). Logo, “é nesta última condição que normalmente é posta, recebendo o tratamento correspondente”, servindo esta tese para contrapor qualquer ato de agressão relativa à mulher (SAFFIOTI, 1987, p. 80).

Conforme apontaram Freire Filho e Cavalcanti Versani dos Anjos (2022), não só no caso de Poliana Bagatini, mas em muitos outros, como vimos, “[...] o processo de revitimização [...] pode ser mais propriamente assimilado a partir da compreensão do papel que exerce a misoginia como ato comunicativo”. Manne (2018 apud FREIRE FILHO; CAVALCANTI VERSANI DOS ANJOS, 2022, p. 11) entende a necessidade de abordar, nesta discussão, a diferença existente entre machismo e misoginia.

O machismo é “um braço da ideologia patriarcal que justifica e racionaliza a ordem social, enquanto a misoginia seria o sistema que policia suas leis e normas, garantindo o seu cumprimento pela punição dos desviantes” (MANNE, 2018 apud FREIRE FILHO; CAVALCANTI VERSANI DOS ANJOS, 2022, p. 11). Assim, “o primeiro tende a defender diferenças entre homens e mulheres, enquanto o segundo geralmente separa as mulheres ‘boas’ daquelas consideradas ‘más’, e pune as últimas”. Remete, segundo Manne (2018 apud FREIRE FILHO; CAVALCANTI VERSANI DOS ANJOS, 2022, p. 11), a uma questão de “lugar”, ou seja, “as ações que envolvem ódio à mulher geralmente têm o objetivo de “diminuir, menosprezar, envergonhar ou rebaixá-la – para colocá-la em seu lugar” (MANNE, 2018 apud FREIRE FILHO; CAVALCANTI VERSANI DOS ANJOS, 2022, p. 11).

Estes conceitos nos fazem entender ainda por que, em muitos casos, o discurso é indireto, dando a palavra para “outros” falarem no lugar da mulher, principalmente no sentido de condená-la, fortalecendo o “ciclo comunicativo da misoginia” (BAGGIO, 2021, p. 82; FREIRE FILHO; DOS ANJOS, 2022, p. 11). Deste modo, “é comum [...] que os homens acusados de agressão neguem possuir sentimentos hostis contra o feminino e tentem

reconstruir seu ato de violência como uma reação justa a uma provocação ou ameaça da mulher” (FREIRE FILHO; CAVALCANTI VERSANI DOS ANJOS, 2022, p. 11) como vimos no tópico do “negacionista” do Capítulo 7. Interessante destacar que tanto no estudo de Freire Filho e Cavalcanti Versani dos Anjos (2022) como nesta análise por nós proposta, observou-se que a “narrativa foi difundida como natural nas notícias examinadas, sem maiores questionamentos” (FREIRE FILHO; CAVALCANTI VERSANI DOS ANJOS, 2022, p. 12).

Outra visão sobre o problema da “violência misógina como ato comunicativo”, segundo Segato (2018 apud FREIRE FILHO; CAVALCANTI VERSANI DOS ANJOS, 2022, p. 6), é a maneira “como a violência de gênero é tratada na mídia, na polícia e no campo judiciário”.

Nesta esteira, o enquadramento deste “tipo de agressão funciona como um enunciado, isto é, possui uma dimensão expressiva, diz algo a alguém. O violador, deste modo, está inserido em um cruzamento de dois eixos de interlocução” (SEGATO, 2018 apud FREIRE FILHO; CAVALCANTI VERSANI DOS ANJOS, 2022, p. 6). Significa que “o agressor dialoga com a vítima de seu enunciado violento, a quem acredita estar disciplinando e conduzindo a sua posição devida” (SEGATO, 2018 apud FREIRE FILHO; CAVALCANTI VERSANI DOS ANJOS, 2022, p. 6). Ele atua “como um moralista: alguém que se instala em um pedestal e confere a si mesmo o direito de julgar e punir. A agressão, em lugar de crime, se converte, para estes homens, em uma reação justa” (SEGATO, 2018 apud FREIRE FILHO; CAVALCANTI VERSANI DOS ANJOS, 2022, p. 6).

De acordo com Segato (2018 apud FREIRE FILHO; CAVALCANTI VERSANI DOS ANJOS, 2022, p. 6), existe outro alicerce comunicativo importante a ser destacado nessa análise: ele pode ser chamado de “horizontal, porque corresponde à relação entre pares”. Deste modo, “os homens que participam dessa comunicação atendem a um mandato, um imperativo de prestar contas aos demais membros da fratria masculina” (SEGATO, 2018 apud FREIRE FILHO; CAVALCANTI VERSANI DOS ANJOS, 2022, p. 6).

Mandato ou contrato de veridicção, segundo Greimas (2014), que incide no pensamento “[...] de que a masculinidade é vista como um *status*, algo que se adquire, mas que se sofre um constante risco de se perder e, portanto, pede frequentes atos de reforço [...] Enquanto responde a este mandato [...]” (FREIRE FILHO; CAVALCANTI VERSANI DOS ANJOS, 2022, p. 6).

Simboliza que, mesmo atuando “sozinho”, em sua “consciência”, precisa buscar continuamente a aprovação de outros para seguir seu caminho, sendo visto como macho.

8.1 AUSÊNCIA DO ESTADO NOS CASOS DE VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER

O nome deste tópico visa a discutir a ausência do Estado pois, tanto nos discursos jurídicos, quanto políticos e, em especial, midiáticos, se transmite a ideia de proteger a mulher e priorizar programas que beneficiam as vítimas de violência. Entretanto, percebe-se, na prática, que nem sempre isso se realiza. Observou-se ao logo deste trabalho uma invisibilidade ou carência em tratar dos equipamentos de segurança como abrigos e respectivamente, delegacias especializadas em dar atenção diferenciada à mulher que se encontra nesta situação, ambos previstos no artigo 8.º da Lei Maria da Penha (BRASIL, 2006, p. 49; 55). Agregado a este descuido, no recorte proposto pelo destinador G1 – no tocante aos dez anos da Lei Maria da Penha (2006-2016) – não são muitas as notícias que tratam ou aprofundam sobre este assunto configurando uma desatenção tanto por parte do enunciador midiático quanto do estado. Os dados encontrados no *corpus* do G1 implicitamente apontam para essa constatação.

Somando a esses fatores, são feitas algumas análises cujas observações desvendam procedimentos fundados no machismo/patriarcado, presentes no campo da Segurança Pública, que se reiteram no âmbito jornalístico, abrindo brechas para o agravamento da violência. O padrão do descaso e revitimização se repetem neste relato "Garçom atropela a ex-mulher e o namorado em São José" (GARÇOM..., 2012) apontando, no discurso indireto, que o delegado preliminarmente gera dúvida em relação à vítima, atribuindo indiretamente a ela a possível culpa da agressividade cometida pelo ex (MORAES, 2022; BAGGIO, 2021), na Fig. 92.

Figura 92 - Garçom atropela ex-mulher e o namorado

MENU G1 VALE DO PARAÍBA E REGIÃO

14/09/2012 13h32 - Atualizado em 14/09/2012 17h23

Garçom atropela a ex-mulher e o namorado em São José

Vítimas foram atingidas quando saiam do bar em que o suspeito trabalha. Delegado diz que crime deve ser enquadrado na Lei Maria da Penha.

Do G1 Vale do Paraíba

FACEBOOK

Garçom atropela ex-mulher e o namorado no centro (Foto: Divulgação / Centro de Operações Integradas)

Um homem, de 30 anos, atropelou a ex-mulher e o namorado dela na madrugada desta sexta-feira (14) no centro de **São José dos Campos**, no interior de São Paulo. Os dois foram atingidos no momento em que saíam do bar em que o suspeito trabalha como garçom. O momento do acidente foi registrado pelas câmeras de segurança do Centro de Operações Integradas (COI).

O crime ocorreu na rua Francisco Rafael por volta da 0h40. De acordo com a polícia, o garçom saiu do bar e foi para casa, que fica na rua Coronel José Monteiro, pegar o carro. Na volta, ele entrou na contramão e atingiu o casal que estava entrando no carro.

O carro estava com o licenciamento vencido e o garçom estava com a carteira de habilitação suspensa, segundo o delegado do 1º Distrito Policial, Carlos Daher. "Eu estou determinando que essa ocorrência vá para a Delegacia de Defesa da Mulher. Como existe uma relação entre a vítima e o autor do crime, isso se enquadraria na Lei Maria da Penha", disse ao **G1**.

A vítima, que ficou casada com o garçom por 14 anos, passou por uma cirurgia. De acordo com a prefeitura, ela foi encaminhada na tarde desta sexta-feira para a UTI do Hospital Municipal. O homem foi atendido e já foi liberado. Ainda de acordo com o delegado, será aberto um inquérito para investigar o crime.

"O inquérito vai apurar a intenção dela em ter ido ao bar, mas a grosso modo não vejo nada que justifique a atitude. Foi um crime passional. Não houve uma provocação injusta. Você deve ter o direito de ir onde quiser, mas não sei qual foi o comportamento dela no local. Se houve ou não provocação. Eventualmente poderá ou não haver circunstâncias que possam atenuar ou agravar a pena", afirmou Daher.

A Polícia Civil informou também em entrevista ao **G1** que as imagens capturadas pelas câmeras de segurança poderão ser usadas nas investigações do acidente.

Para ler mais notícias do G1 Vale do Paraíba e Região, clique em **g1.globo.com/vanguarda**. Siga também o G1 Vale do Paraíba no **Twitter** e por **RSS**.

Fonte: Garçom... (2012). Disponível em: https://g1.globo.com/sp/vale-do-paraiba-regiao/noticia/2012/09/garcom-atropela-ex-mulher-e-o-namorado-em-sao-jose.html. Acesso em: 27 abr. 2022.

Em declarações como esta, lemos, que

> [...] o inquérito vai apurar a intenção dela em ter ido ao bar, mas grosso modo não vejo nada que justifique a atitude. Foi um crime passional. Não houve uma provocação injusta. Você deve ter o direito de ir onde quiser, mas não sei qual foi o comportamento dela no local. Se houve ou não provocação (GARÇOM..., 2012, *on- line*).

O carro desgovernado que bate em uma árvore e no casal pode simbolizar a vida desenfreada por discursos do ciúme e da perturbação que destroem os sujeitos envoltos nesta prática (GREIMAS; FONTANILLE, 1993, p. 193) e que são discutidos no Capítulo 9.

Os simulacros da fala do delegado como "[...] o inquérito vai apurar a intenção dela em ter ido no bar", bem como "não sei qual foi o comportamento dela no local [...] se houve ou não provocação" (GARÇON..., 2012, *on-line*), além de focar "nela", sem mencionar, nesta declaração, nenhuma vez o agressor, criam o efeito de sentido que, dependendo do "comportamento dela", quem sabe, pautado nos princípios da "moral e dos bons costumes" e "se houve ou não provocação" da parte dela, o ato violento pode ser justificado e ela, responsabilizada. Enunciados como esses, além de tirarem o foco do que precisa ser tratado, que é a violência, parecem gerar dúvida mais em relação às atitudes da vítima do que do agressor. Segue a linha de pensamento do relato da mulher entrevistada por Saffioti e Almeida (1995), que "achava o cúmulo apanhar sem estar fazendo nada" (SAFFIOTI; ALMEIDA, 1995, p. 176). Tal manifestação fortalece o discurso e a ideia de que, se houver um "motor" para o crime, ele é justificável ou, então, pode levar determinados sujeitos a arranjar um motivo, como o "ventilador", o "sabonete" (SAFFIOTI; ALMEIDA, 1995, p. 176).

Outra publicação diz, na Fig. 93

Figura 93 - Juiz que comparou Lei Maria da Penha a ‘regras diabólicas’ tenta voltar

MENU G1 MINAS GERAIS MINAS

08/02/2011 12h33 - Atualizado em 08/02/2011 14h45

Juiz que comparou Lei Maria da Penha a ‘regras diabólicas’ tenta voltar

Afastamento do juiz foi uma decisão do Conselho Nacional de Justiça (CNJ). Edilson Rodrigues foi afastado por dois anos da comarca de Sete Lagoas.

Pedro Triginelli
De G1 MG

FACEBOOK

O juiz Edilson Rumbelsperger Rodrigues, que foi afastado por dois anos da comarca de Sete Lagoas (MG) em novembro de 2010 depois de declarações discriminatórias contra a Lei Maria da Penha, entrou com um mandado de segurança na quarta-feira (2), no Supremo Tribunal Federal (STF), para anular a decisão. A informação foi divulgada pelo STF nesta segunda-feira (7).

O afastamento do juiz foi uma decisão do Conselho Nacional de Justiça (CNJ) em novembro de 2010. De acordo com o STF, o juiz em uma decisão em novembro de 2007, quando era titular da 1ª Vara Criminal e Juizado da Infância e Juventude de Sete Lagoas (MG), chegou a dar declarações como "o mundo é masculino e assim deve permanecer".

saiba mais

CNJ afasta juiz que comparou Lei Maria da Penha a 'regras diabólicas'

Na época, Rodrigues atacou a lei em algumas sentenças, classificando-a como um "conjunto de regras diabólicas". Ainda segundo o juiz, a "desgraça humana" teria começado por causa da mulher. Ainda segundo o STF, além da sentença, o magistrado também teria manifestado a mesma posição em seu blog na internet e em entrevistas à imprensa.

De acordo com a alegação da defesa do magistrado, o CNJ não poderia ter dado tal punição, uma vez que caberia ao Tribunal de Justiça de Minas Gerais (TJMG) aplicar as penalidades. Além disso, o magistrado acrescenta que as críticas foram dirigidas a uma lei em tese.

O mandado de segurança também é assinado pela Associação dos Magistrados Mineiros (Amagis). De acordo com o presidente da Amagis, juiz Bruno Terra, Edilson Rodrigues é um associado da Amagis e como tal tem direito a assistência da associação. "O CNJ devia ter aguardado o pronunciamento do órgão em que o juiz é vinculado, no caso o Tribunal de Justiça de Minas Gerais", disse.

De acordo com a assessoria do STF, o juiz poderá voltar ao trabalho se o pedido de anulação da suspensão for aceito pelo STF. Ainda segundo a assessoria, ainda não tem data para o julgamento do mandado de segurança.

Fonte: Triginelli (2011). Disponível em: https://g1.globo.com/minas-gerais/noticia/2011/02/juiz-que-comparou-lei-maria-da-penha-regras-diabolicas-tenta-voltar.html. Acesso em: 1 maio 2022.

Como vemos na notícia de fevereiro de 2011, o juiz titular da 1.ª Vara Criminal e Juizado da Infância e Juventude de Sete Lagoas (MG) foi afastado, em 2007, pelo Conselho Nacional de Justiça (CNJ), por comparar a Lei Maria da Penha a “regras diabólicas”. Em uma sentença proferida por ele, defendeu o patriarcado, com as seguintes frases: “o mundo é masculino e assim deve permanecer” e que “a desgraça humana” teria iniciado em função da mulher (TRIGINELLI, 2011, *on-line*). No enunciado principal, as “aspas” na declaração “regras diabólicas” relacionadas à Lei Maria da Penha podem transmitir, neste contexto, que dá destaque à misoginia, não apenas o pensamento do magistrado, mas do destinador também (MORAES, 2022). O texto jornalístico reforça que o juiz teria propagado as mesmas ideias em entrevista à imprensa, bem como em seu *blog* na Internet.

Observa-se que esta notícia de Triginelli (2011) foi publicada pelo G1. Não foram achados no recorte trabalhado, ou pelo menos na planilha sobre casos de violência entre (2006- 2016), disponibilizada pelo destinador G1, nenhuma outra publicação sobre esta ocorrência com o desfecho do caso. Nem na ocasião do episódio (2007) e nem após este registro houve uma atualização deste fato, que teve um desfecho dias depois, mas não foi captado pelo destinador G1, podendo simbolizar um apagamento ou "invisibilidade" de um caso tão emblemático como este, ficando na ordem do "não ser visto" ou "não querer mostrar" (LANDOWSKI, 1992). Pode representar ainda, segundo Serva (2001), uma sonegação, que é "[...] aquela informação que, sendo de conhecimento do órgão de imprensa, não foi colocada na edição por alguma razão", porque pode ser: "fere interesses corporativos" (SERVA, 2001, p. 66). Dentro da perspectiva sensacionalista, "[...] surpreende o leitor, provoca e aplaca sua curiosidade, para, em seguida retirar o fato da ordem do dia, relaxar a curiosidade, provocar esquecimento" e, por fim, "atenuar a atenção ao fato narrado" (SERVA, 2001, p. 133; TEIXEIRA, 2011).

Para complementar a análise, buscaram-se outras possíveis publicações sobre este evento. O Portal "O Tempo", que acompanhou o caso, publicou o fato em 29 de abril de 2013, deste modo: "Juiz que criticou Lei Maria da Penha volta ao trabalho", destacando a sentença do ministro do Supremo Tribunal Federal (STF) Marco Aurélio Mello, que "[...] considerou inadequado o afastamento do magistrado" porque, segundo Mello, "as observações feitas pelo juiz foram abstratas, sem individualizar-se este ou aquele cidadão" (JUIZ..., 2013, *on-line*).

Outro meio de comunicação, o "Estado de Minas" divulgou o texto denominado "Associação dos Magistrados aprova volta de juiz que criticou Lei Maria da Penha", em 25 de fevereiro de 2011 (HEMERSON, 2011, *on-line*). Na reportagem, a entidade comemora o retorno do juiz à função "como uma vitória na luta pela defesa permanente das prerrogativas da magistratura". O representante da associação, Carlos Mário Velloso, ministro aposentado do STF, entendeu que "[...] os juízes são independentes nas suas funções. A independência dos juízes constitui garantia dos cidadãos" (HEMERSON, 2011, *on-line*). Todas as construções linguísticas e de formação ideológica já estão claras sobre a problemática, justificando, implicitamente, o caso, que dispensa quaisquer análises posteriores. Todavia, observando que tanto uma mídia como a outra agem de modo parcial, seguindo sua linha editorial, umas mais, outras menos, a título de comparação entre os enunciados, propusemos um exercício, a seguir, com base em Moraes (2022). Note-se a diferença entre como um veículo e outro descreveu o fato, no Quadro 1:

Quadro 1 - Diferenças entre os veículos na descrição do fato

Destinador (Mídia)	Enunciado
G1	Juiz que comparou a Lei Maria da Penha a "regras diabólicas" **tenta voltar**
O Tempo	Juiz que criticou Lei Maria da Penha **volta ao trabalho**
Estado de Minas	Associação dos Magistrados **aprova volta** de juiz que criticou Lei Maria da Penha

Fonte: Elaborado pela autora (2023).

Os jornais "O Tempo" e "Estado de Minas" são mais assertivos ao tratar do assunto, quando dizem "volta ao trabalho" e, respectivamente, "aprova a volta", do que o G1, que deixa incerteza no ar de que o magistrado tenha assumido novamente o posto, quando enuncia "tenta voltar". Diante disso, nos vêm algumas reflexões: a "coragem" tão requerida da mulher que sofre violência por: (i) sujeitos que não vivenciam a violência; (ii) por operadores da lei e do Direito; (iii) ou por aqueles que não praticam o conceito da "sororidade", também pode ser um dos efeitos gerados nas vítimas que ainda continuam não denunciando. São diversos registros no recorte em que a mulher denuncia e ocorre uma falha da justiça, que está implícita nos discursos, se encaixando na análise do estado que diz ser atuante, mas, na prática, quando a mulher toma coragem para buscar ajuda e chega à delegacia, como vimos em alguns textos, é ignorada, não tem respaldo. Saffioti (1987), mesmo quando menciona a inauguração da primeira delegacia da mulher, instalada em São Paulo (1985), observou que,

> Não obstante as leis que preveem penas para os agressores, os policiais, investigadores e delegados omitem-se nestes casos. Não cumprindo o que está estabelecido pelas leis, a polícia torna-se cúmplice do agressor masculino [...] conhecem-se centenas de casos de mulheres que, estando sendo ameaçadas de morte pelo companheiro, solicitaram proteção à polícia. Como esta não deu a menor importância à solicitação destas mulheres, elas acabaram sendo assassinadas pelos companheiros. Os tribunais, lamentavelmente, não se comportam de forma diferente. Mulheres vítimas de violência são, freqüentemente, transformadas em rés, inclusive depois de mortas. O tratamento que as mulheres recebem nas delegacias tradicionais é ainda pior, quando se trata de casos de estupro, o poder do macho leva os policiais, os investigadores, os delegados a se atribuírem o direito de propor manter relações sexuais com a mulher violentada, pois esta é considerada uma mulher disponível, uma mulher para uso e abuso de todos. A crença que está por trás desta conduta é a de que a mulher não é propriamente violentada, mas de que ela se comporta como sedutora. Na medida em que, na cabeça dos homens, em geral, e especificamente dos agentes da lei – policiais, juízes, promotores – a mulher é diabólica, seduzindo o homem inocente, ela é imediatamente convertida de vítima em ré. E é, nesta última condição que, normalmente, é posta, recebendo o tratamento correspondente (SAFFIOTI, 1987, p. 80).

Segundo a socióloga, este aparelho do estado representa uma conquista muito necessária para evitar que a vítima sofra constrangimento, mas entende que este meio, composto, em sua maioria por homens, está cercado de preconceitos de toda ordem, bem como se observam conflitos de interesses no cumprimento da função, como vimos nas notícias envolvendo delegados e juízes operando em favor do machismo e, por que não dizer, "legalizando" a violência (SAFFIOTI, 2011, p. 80).

As análises em questão nos fazem retomar, neste momento, a discussão inicial sobre o estado que não é protetor. Realizado no *corpus,* o levantamento de informações acerca do número "abrigos" e delegacias especializadas, conforme previsto como medida de proteção à vítima de violência (BRASIL, 2006, p. 49; 55), aponta que há, conforme Tabela 1:

Tabela 1 - Número de abrigos para mulheres nas notícias do *corpus*

Abrigos	
Quantidade (por notícia)	**Estado**
1	PA
2	PR
1	PI
1	SP

Fonte: Elaborada pela autora (2023).

Na interpretação dos dados, foram cinco notícias que fizeram referência (em estados brasileiros) a abrigos para acolhimento de mulheres que sofreram violência: um, no Pará, dois, no Paraná, um, no Piauí e um, em São Paulo. De pronto, é possível dizer que gira em torno de uma informação superficial com aspectos de "sonegação" (SERVA, 2001). Na reportagem com o título "Oeste Paulista não possui abrigo para mulheres vítimas de violência" (OESTE PAULISTA..., 2014), na Fig. 94, a linha fina indica que o abrigo mais próximo na região está situado a 300km, significando que, se as vítimas precisarem deste serviço para elas e seus filhos, a distância representará mais um desafio em meio ao caos.

Figura 94 - Oeste Paulista não possui abrigo para mulheres vítimas de violência

MENU G1 PRUDENTE E REGIÃO TV FRONTEIRA

02/06/2014 14h25 - Atualizado em 02/06/2014 15h40

Oeste Paulista não possui abrigo para mulheres vítimas de violência

Mulheres dizem que continuam em situação de riscos por não terem opção. Local de acolhimento mais próximo fica a cerca de 300 km.

Do G1 Presidente Prudente

FACEBOOK

A região de Presidente Prudente não conta com abrigos para mulheres que são vítimas de violência domésticas. Esta situação faz com que, muitas vezes, a tortura física e psicológica se prolongue justamente pela falta de opção a quem recorrer.

De acordo com uma pesquisa do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), apenas 2,7% das cidades do país possuem locais para receberem mulheres nestas condições de risco.

"O Governo Federal oferece toda uma linha de financiamentos para a implantação do abrigo. Agora, nos Estados, aqueles vão implantar o abrigo tem que ter um órgão responsável pela Política das Mulheres. O Estado de São Paulo não possui esse órgão, o que atrapalha a implantação na região", explicou a coordenadora do Centro de Referência Especializada em Assistência Social (Creas), Simone Duran.

Ainda segundo ela, o Creas atende por mês cerca de 50 mulheres. No passado, 29 precisaram de abrigo, mas como a cidade não possui, tiveram que procurar locais por conta própria.

"A gente percebe que as mulheres que não têm esse apoio dificilmente conseguem romper com a violência e, muitas vezes, voltam para casa, 'para viver aquele inferno particular' com seus filhos", ressaltou.

Uma mulher de 56 anos, que não quis se identificar, conta que foram mais de 30 anos apanhando do marido dentro de casa. "Ele aparecia na esquina e eu começava a tremer dentro de casa. Ele dava cada bofetão em mim que eu caía no chão".

Conforme a vítima de agressão, se tivesse um lugar para ir, provavelmente ela e a filha teriam tido uma história diferente. "Não teria sido assim, porque eu pegaria a minha filha e teria corrido para lá", falou.

Segundo a Secretaria de Políticas Para as Mulheres, órgão do Governo Federal, não existe nenhum projeto para a construção de abrigos no Oeste Paulista. No município, uma Organização Não Governamental (ONG) ou o Estado podem apresentar propostas com este objetivo. O abrigo mais próximo da nossa região fica há quase 300 km, em São José do Rio Preto.

Fonte: Oeste Paulista... (2014).

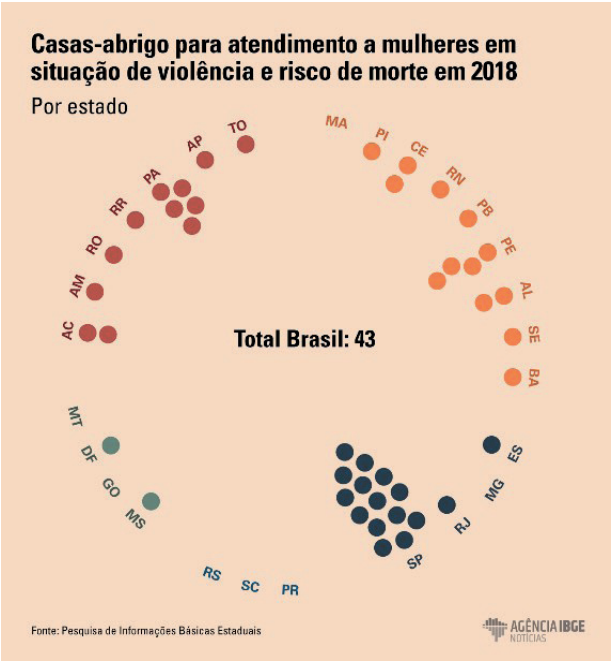
O texto manifesta, no segundo parágrafo, a baixa porcentagem deste instrumento para atender mulheres que vivem esta experiência, conforme dados do IBGE, 2,7% (LOSCHI, 2019). No entanto, também é pertinente destacar que, no discurso midiático, percebe-se a ausência deste tipo informação que converge com a falta do equipamento de segurança para a mulher. Sem avanços, pelo contrário, a última pesquisa do IBGE (2018)

aponta que “Mesmo com Lei Maria da Penha, somente 2,4% dos municípios oferecem casas-abrigo”. A notícia esclarece ainda,

> Em 2018 – 12 anos após a criação da Lei Maria da Penha – somente 2,4% dos municípios brasileiros contavam com casas-abrigo de gestão municipal para mulheres em situação de violência doméstica. Dos 3.808 municípios com até 20 mil habitantes, quase 70% do total de municípios no Brasil, apenas nove possuíam casas-abrigo. Na esfera estadual, existiam, ao todo, 43 casas-abrigo, todas com localização sigilosa. Esse modelo de acolhimento é exclusivo para que as mulheres vítimas de violência doméstica possam residir em local seguro até encontrarem condições para retomar o curso de suas vidas. O número de casas-abrigo de gestão do governo estadual aumentou de 12, em 2013, para 20, em 2018. O estado com o maior número de casas-abrigo é São Paulo, com 14 unidades de abrigamento (LOSCHI, 2019, *on-line*).

Apenas nove municípios com até 20 mil habitantes, no total de 3.808, têm casas-abrigo.

Na Fig. 95, consta o cenário real nesse aspecto, em cada estado.

Figura 95 - Pesquisa sobre casas-abrigo para mulheres vítimas de violência

Fonte: Loschi (2019, *on-line*). Disponível em: https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/25518-mesmo-com-lei-maria-da-penha-somente-2-4-dos-municipios-oferecem-casas-abrigo. Acesso em: 2 out. 2022.

Importante salientar que a Fig. 95 foi extraída da notícia do IBGE divulgando a estatística e não diz respeito às informações obtidas em matérias do destinador G1 porque não havia dados disponibilizados nesse sentido em nenhum recorte do período analisado. De acordo com a pesquisa publicada em detalhes pelo órgão, em seu site, mas que foi citada sem nenhum outro aprofundamento, em todo o Brasil, são 43 abrigos para atendimento da mulher vítima de violência. Por Estado, vemos: dois, no Acre; um, no Amazonas; um, em Rondônia; dois, em Roraima; cinco, no Pará; um, no Amapá; um, em Tocantins; um, no Piauí; dois, no Ceará; um, no Rio Grande do Norte; um, na Paraíba, quatro, em Pernambuco; dois, em Alagoas; um, em Sergipe; um, na Bahia; um, no Espírito Santo; um, no Rio de Janeiro; 14, em São Paulo; um, no Mato Grosso do Sul; e um, no Distrito Federal.

São Paulo tinha (na época), a maior cobertura, com 14 abrigos, seguido do Pará, com cinco; quatro, em Pernambuco; dois, em Roraima, no Ceará e Alagoas, e, nos demais estados, são um em cada. Em Mato Grosso, Goiás, Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, Minas Gerais e Maranhão não são registradas estas casas de acolhimento na reportagem do IBGE (LOSCHI, 2019, *on-line*).

Passando para outro dispositivo de segurança previsto na Lei Maria da Penha (BRASIL, 2006), nesta relação, a quantidade de delegacias especializadas não difere dos índices referentes às casas de atendimento. Uma verificação no *corpus* apontou, conforme Tabela 2, que,

Tabela 2 - Número de delegacias especializadas

	Delegacias especializadas
Quantidade (por notícia)	**Estado**
3	Teresina (PI) (na notícia, consta a falta de juízes, tornando os processos mais morosos)
6	Rio de Janeiro-RJ
6	Rondônia – Central de Polícia, uma chamada de “Delegacia Cidadã”
2	Amazonas
4	Presidente Prudente, Sertãozinho, Piracicaba, Praia Grande-SP (duas não especializadas e duas especiais)
1	Aracajú-Sergipe (não especializada)
1	Acre/Rio Branco, Cruzeiro do Sul
1	Vitória-Espírito Santo
1	Goiânia-Goiás (distrito policial)
2	Passos, Belo Horizonte (Minas Gerais)
2	Belém-Pará
1	João Pessoa-Paraíba (não especializada)
1	Petrolândia-Pernambuco (Delegacia normal)
1	Mato Grosso do Sul (Delegacia especial)

Fonte: Elaborada pela autora (2023).

São 32 destes aparelhos encontrados nos 1.832 relatos sobre violência, destacando o atendimento em delegacias, em 14 estados, mas chama a atenção que nem todas, neste recorte, são especializadas. No Piauí, vemos três, mas a notícia traz a informação de que "faltam juízes" para julgar os processos, o que traz a perspectiva disfórica (ou pessimista) em relação ao assunto; no Amazonas, Belém e Minas Gerais, são dois destes instrumentos para registro da denúncia; em São Paulo, são duas especializadas e duas normais; no Acre, Mato Grosso do Sul e Vitória, há uma delegacia especial; em Rondônia, Aracajú, Goiânia, Sergipe, João Pessoa, Petrolândia, há Distritos Policiais e Central de Polícia, considerados espaços normais que atendem todo tipo de ocorrência; e, no Rio de Janeiro, que apresenta, no histórico, o maior número de delegacias específicas para este acolhimento, as entrevistadas, na publicação a seguir, consideram o "atendimento hostil", na Fig. 96.

Figura 96 - Mulheres relatam atendimento hostil em delegacias especializadas do Rio

MENU G1 RIO DE JANEIRO

08/03/2016 09h21 - Atualizado em 08/03/2016 10h24

Mulheres relatam atendimento hostil em delegacias especializadas do Rio

Vítimas de violência doméstica dizem ter sido desestimuladas a denunciar. Atendimento por profissionais homens é reclamação recorrente.

Elisa de Souza*
Do G1 Rio

FACEBOOK

Mulheres relatam despreparo de profissionais nas Delegacias de Atendimento à Mulher. (Foto: Reprodução / Google Street View)

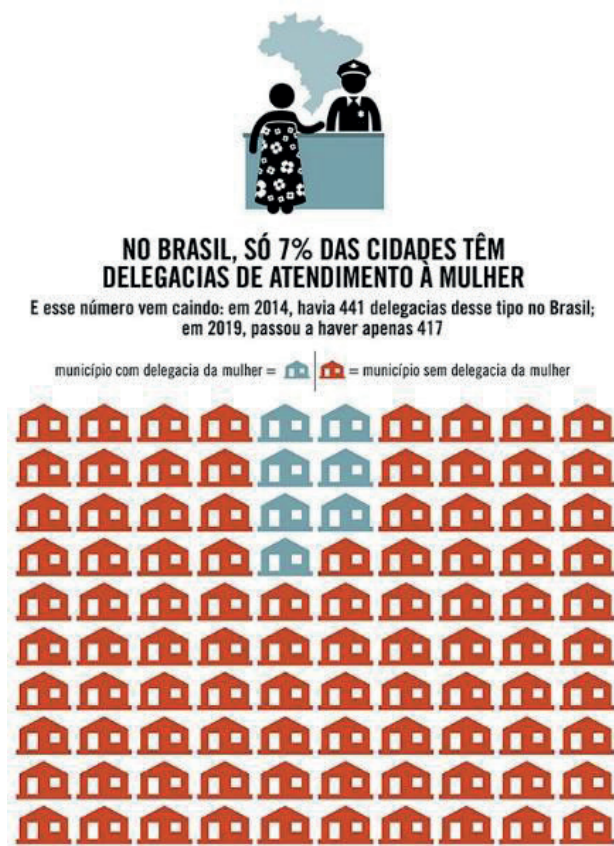
Fonte: Souza (2016, *on-line*). Disponível em: https://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2016/03/mulheres-relatam-atendimento-hostil-em-delegacias-especializadas-do-rio.html. Acesso em: 2 maio 2022.

Nesta página, o destinador mostra, além de outros elementos textuais, uma delegacia que parece estar numa área residencial, inclusive em um espaço pequeno, que se assemelha à parte debaixo de um sobrado. Tal característica representa uma espécie de indiferença, que vai ao encontro do que as mulheres ouvidas na reportagem de Souza (2016, *on-line*), tendo seus nomes ocultados, relatam sobre os mais diversos discursos com apologia ao machismo no local, a saber,

> ‘Você tem certeza de que vai mesmo denunciar o pai do seu filho? Isso pode prejudicar ele’. É essa frase que A. S., de 32 anos, relata ter ouvido do policial que a atendeu, em dezembro de 2015, quando tentava, com o braço roxo, denunciar um segundo episódio de violência física envolvendo o ex-companheiro. Para piorar, o episódio aconteceu numa Delegacia de Atendimento à Mulher (DEAM) do Centro do Rio. No Dia Internacional da Mulher (8), assim como A. S., outras mulheres que denunciaram agressões fazem uma segunda denúncia ao G1: são recorrentes os casos de tratamento hostil ou pouco acolhedor na hora de registrar agressões em delegacias do Rio, inclusive nas especializadas. [...] A. S., que prefere não ser identificada, afirma que se sentiu desestimulada em levar a denúncia adiante. “Primeiro que quem me atendeu foi um homem, o que já não tem sentido, e ele foi muito babaca. Já tinha sido muito difícil decidir fazer a denúncia e eu senti que ele estava me desestimulando, me perguntou três vezes se eu tinha certeza, chorei muito”, lembra ela, moradora de Jacarepaguá, na Zona Oeste (SOUZA, 2016, *on-line*).

Como lemos, A. S. se sentiu desestimulada em não seguir adiante com a denúncia ao ouvir do agente que a atendeu questionar “você tem certeza de que vai mesmo denunciar o pai do seu filho”? (SOUZA, 2016, *on-line*). Soa como uma espécie de deslegitimação das agressões sofridas por mulheres e o enaltecimento aos discursos machistas. Como se fosse hoje, em 1987, Saffioti escreveu “O Poder do Macho” e destacou que, em alguns destes ambientes, “as vítimas, já grandemente fragilizadas pela violência sofrida, são objeto de chacotas” (SAFFIOTI, 1987, p. 80). Ou seja, mais de 36 anos depois, vemos relatos como esses. Se com o atendimento diferenciado existem tais desafios, imaginem sem eles. Conforme reforçou Saffioti (1987), já vulnerável em todo o processo, diante de experiências assim, a mulher se vê numa condição mais delicada ainda.

O destinador G1 manifestou, neste recorte, poucos índices sobre o número de delegacias existentes no Brasil, o que pode dar a entender que não existe uma emergência em se falar sobre isso. Ao buscarmos esta informação em outras mídias, encontramos a seguinte notícia “No Brasil, só 7% das cidades têm delegacia de atendimento à mulher” (2020), na Fig. 97.

Figura 97 - Delegacias para atendimento da mulher vítima de violência

Fonte: Amorozo, Mazza e Buono (2020, on-line). Disponível em: https://piaui.folha.uol.com.br/no-brasil-so-7-das-cidades-tem-delegacias-de-atendimento-mulher/. Acesso em: 2 maio. 2022.

A arte de Amorozo, Mazza e Buono (2020) sintetiza que "[...] esse número vem caindo: em 2014, havia 441 delegacias desse tipo no Brasil; em 2019, passou a haver apenas 417" (AMOROZO; MAZZA; BUONO, 2020, *on-line*). Nesta direção, o levantamento do IBGE e a notícia de Costa e Tatsch (2019) mostram "[...] que não houve avanços nos últimos anos no acolhimento às vítimas de violência doméstica" (COSTA; TATSCH, 2019, *on-line*).

A pesquisa do IBGE serviu tanto para constatar a falta de disponibilidade de novos abrigos quanto de delegacias especializadas, uma vez que, em "2014, havia 441 delegacias" para atendimento específico à mulher, "em 2019, esse número passou para 417". A mesma sondagem que apontou esse panorama, no caso das delegacias, revelou que "em 2013 a quantidade de abrigos em todo o país era de 155 e em 2018, caiu para 153 "(COSTA; TATSCH, 2019, *on-line*). Logo, associando uma questão à outra, os dados apresentados expressam a realidade condizente com a hipótese apresentada no começo deste tópico

acerca da “ausência do estado”, evidenciando uma possível negligência ou falta de vontade do poder público em conceder a tão pregada atenção e segurança à mulher, já que, ao invés de aumentar a quantidade dos aparatos de segurança, que são atribuições de quem faz e deveria garantir o cumprimento da lei, do contrário, diminui, ao mesmo passo que a violência se alastra. Talvez essas questões possam ser geradoras de impunidade, que traz, como efeito, a falta de confiança e até a descrença na Justiça, levando mulheres que enfrentam este problema a agir, como neste caso em Minas Gerais: que em tom de desabafo, a vítima publicou fotos de seus ferimentos nas redes sociais e que “[...] a atitude indignada foi feita depois dela [sic] prestar queixa e a Polícia Civil informar que o suspeito não poderia ser preso sem o flagrante” (MULHER..., 2014c).

Sobretudo, faz pensar na ideia e impressão de Jablonka (2021) acerca da mulher que tenta romper o ciclo da violência imposta pelo patriarcado, ou seja, ela é colocada numa posição de quem perde “a proteção masculina” e, a partir deste ponto, tem que enfrentar, muitas vezes, de forma excluída, ou quem sabe, solitária, seus efeitos; porque, segundo o que o historiador tece, “[...] a sociedade do século XIX é extremamente dura com as mulheres que estão fora do círculo patriarcal” (JABLONKA, 2021, p. 76).

No próximo capítulo, referindo-se às “Paixões” que emergem nas construções do homem e da mulher nos casos de agressão, tratamos de possíveis discursos enaltecidos nas publicações, que circundam a base e o imaginário das relações abusivas, bem como podem construir caminhos para entender estados passionais cujos processos culminam na violência.

Semiótica das paixões é um modelo ou estatuto de análise discursiva voltado para a construção dos efeitos de sentido acerca da compreensão de estados patêmicos/emocionais (GREIMAS; FONTANILLE, 1993; GREIMAS; COURTÉS, 2008). A teoria elaborada por

Greimas e Fontanille (1993) vem acrescentar, ao arcabouço da semiótica discursiva e ao esquema narrativo canônico, o que vimos no Capítulo 2, formalizando outro tipo de organização ou composição específica para as investigações do objeto pesquisado. Trata-se do esquema passional canônico que se concentra em desvendar tais comportamentos a partir das seguintes fases: constituição, sensibilização e moralização, que compreendem, segundo Lima (2017), formas de construções (timias) dos universos passionais "[...] que controlam as culturas individuais e as coletivas" (LIMA, 2017, p. 855).

Quando empreenderam a missão de criar conceitos que dessem conta de tal abordagem, Greimas e Fontanille (1993) explicaram que "[...] esses três segmentos comportam, no esquema patêmico canônico, referências às axiologias passionais, e, mais particularmente, àquelas que asseguram a regulação das relações sociais interindividuais" (GREIMAS; FONTANILLE, 1993, p. 244-5). Este aporte teórico convoca "[...] grades idioletais e socioletais de representação da paixão, de suas causas, de seus efeitos, de seus critérios de identificação e de avaliação" (GREIMAS; FONTANILLE, 1993, p. 245). Como aponta Lima (2017, p. 855), "[...] dentro desse quadro, a disposição, a patemização e a emoção correspondem às etapas sucessivas do processo passional propriamente dito (sensibilização), do momento juntivo que marca a relação entre o sujeito e o seu objeto tímico". Cada uma destas etapas ou "segmentos" podem compreender outras, de acordo com a complexidade do tema estudado.

Dentro deste espectro, Greimas e Fontanille (1993) buscaram entender como se dá ou se desencadeia discursivamente as estratégias do ciúme, por exemplo. Inspirado neste estudo, muitas investigações já foram feitas utilizando esta estrutura, segundo Lima (2017, p. 845), com base em "[...] textos literários: a admiração (THÜRLEMANN, 1980), o desespero (FONTANILLE, 1980), a cólera (GREIMAS, 1981), a indiferença (MARSCIANI, 1984), a nostalgia (GREIMAS, 1986), BERTRAND (1986; 2003) e HÉNAULT (1986; 1994)".

Acrescentamos a esta leva de pesquisadores do estado da alma as contribuições do linguista Fiorin (2007), com a análise do ressentimento. Esses autores abrem possibilidades e dão suporte para outros estudos que se mostram pertinentes à medida que o objeto faz esta indicação em textos, no nosso caso, do destinador G1.

Em determinadas notícias, a patemização está explícita (em outras, traz caracterizações implícitas) e os simulacros apontam para homens que cometem a violência em momentos de: desequilíbrio, ira, irritação, alucinação, quando estão irrequietos ou muito violentos. Nos serviremos das publicações já existentes para construir estes conceitos, mas, antes, importante registrar que, no *corpus* analisado, o "ciúme" é 178 vezes

recorrente motivador para a agressão, seguido da "inconformação", 128 vezes, pelo fim de relacionamento.

Antes de tratar das análises a respeito dos "estados passionais", é necessário explicar que a semiótica das paixões é uma teoria das modalidades ou, como diz Lima (2017), "o aperfeiçoamento da teoria modal [...] e o estabelecimento de sequências modais canônicas, constitutivas da competência dos sujeitos" (LIMA, 2017, p. 844). De acordo com Lima (2017), quando Greimas e Fontanille (1993) somaram esforços para desbravar este novo olhar para a semiótica, pretendiam "não apenas identificar combinações modais nos afetos, mas, sobretudo, compreender os diferentes modos de articulação entre elas, o agenciamento sintáxico", por vezes "[...] incompatível, contraditório e paradoxal, bem como o funcionamento da dinâmica de conversão que dá a um arranjo de modalidades efeitos passionais" (LIMA, 2017, p. 845). Em todos os pontos de vista, conforme Lima (2017), eram exploradas "[...] as hipóteses da gramática narrativa e, em especial, os elementos levantados quando do estudo da manipulação, da ação, da sanção, e da problemática da persuasão" (LIMA, 2017, p. 845).

Os valores modais apurados por Greimas e Courtés (2008) ou, em semiótica das paixões, por Greimas e Fontanille (1993), como "dispositivos passionais" (querer, dever, poder e saber), integram as articulações do "percurso tensivo". Estão descritos, deste modo, no Dicionário de Semiótica de Greimas e Courtés (2008), conforme Quadro 2:

Quadro 2 - Dicionário de Semiótica de Greimas e Courtés (2008)

Modalidades	Virtualizantes	Atualizantes	Realizantes
exotáxicas	dever	poder	fazer
endotáxicas	querer	saber	ser

Fonte: Greimas e Courtés (2008, p. 315).

De acordo com a sugestão de M. Rengstorf, designam-se aqui como exotáxicas as modalidades capazes de entrar em relações translativas (de ligar enunciados que têm sujeitos distintos), e como endotáxicas simples (que ligam sujeitos idênticos ou em sincretismo) (GREIMAS; COURTÉS, 2008, p. 315).

Os estados passionais ou patêmicos, como o ciúme, entre outros, se baseiam nas modalidades destacadas e são "capazes de modalizar tanto o ser quanto o fazer" (GREIMAS; COURTÉS, 2008, p. 315; GREIMAS; FONTANILLE, 1993). Estes modais se presentificam nas estratégias discursivas, transitando da esfera abstrata até a concreta.

9.1 CIÚME

Como já indicamos anteriormente, entre os "motivos" ou "paixões que têm nome" (LANDOWSKI, 2014, p. 353), o que aparece com maior frequência no *corpus* analisado é o "ciúme". Greimas e Fontanille (1993), em especial, trazem um amplo aporte teórico para a compreensão das estratégias discursivas relativas a esse tema, que é composto por "[...] três atores: o ciumento, o objeto, o ciúme e o rival" (GREIMAS; FONTANILLE, 1993, p. 171). Como na maior parte dos registros oferecidos pelo destinador não existe ou, pelo menos, não aparece uma "terceira pessoa" envolvida na relação, entende-se, de pronto, que o rival é o próprio sujeito engendrador da crise, assumindo ou não a "modalidade realizante" do "querer- fazer" mal (GREIMAS; COURTÉS, 2008, p. 315; BARROS, 2005, p. 51). A primeira notícia que dá uma ideia desse *corpus* traz o seguinte discurso, na Fig. 98.

Figura 98 - Por ciúmes, homem agride a esposa com socos no rosto

MENU G1 PRUDENTE E REGIÃO TV FRONTEIRA

27/04/2016 10h55 - Atualizado em 27/04/2016 10h55

Por ciúmes, homem agride a esposa com socos no rosto

Autor havia ido buscar a vítima no trabalho, quando se desentenderam.
Ocorrência foi no Jardim Santa Eliza, em Presidente Prudente.

Do G1 Presidente Prudente

FACEBOOK

Uma mulher, que não teve a idade divulgada, foi agredida com socos no rosto por seu marido, por volta das 18h40 desta terça-feira (26), no Jardim Santa Eliza, em **Presidente Prudente**. De acordo com o relato da vítima à polícia, a agressão foi motivada por ciúmes.

Conforme o Boletim de Ocorrência, a mulher relatou que o autor foi lhe buscar no trabalho e, no caminho para casa, os dois discutiram, momento em que o marido começou a lhe "agredir com socos no rosto".

Segundo a vítima, o motivo da agressão seria o fato de "seu marido ser muito ciumento", de acordo com o documento.

A mulher relatou aos policiais que iria passar a noite na casa de sua mãe. Foi requisitado o exame de corpo de delito e ela foi orientada sobre a Lei Maria da Penha.

Fonte: Por ciúmes... (2016). Disponível em: https://g1.globo.com/sp/presidente-prudente-regiao/noticia/2016/04/por-ciumes-homem-agride-esposa-com-socos-no-rosto.html. Acesso em: 3 maio 2022.

Vê-se, já no título, que o destinador insere direta e claramente o pensamento de que "por ciúmes, homem agride a esposa" (POR CIÚMES..., 2016, *on-line*). Quase no fim do texto, lê- se a seguinte fala da vítima: "o motivo da agressão seria o fato de 'seu marido ser muito ciumento'" (POR CIÚMES..., 2016, *on-line*). Nas pesquisas acerca do assunto e de discursos muito comuns na sociedade para a legitimação desta prática, que tem um viés subjetivo, dada construção ideológica de cada sujeito, Cortina (2004) observa como textos escritos por Nelson Rodrigues tratam deste tipo de manifestação passional. Contextualizando,

> A carta que examinamos é característica de sessões de jornais (poderia aparecer também numa revista) em que uma pessoa dá conselhos a outra que lhe escreve expondo um problema. No caso da carta em questão, o problema discutido é o ciúme. O estatuto de coluna de conselho de jornal é assegurado pela expressão grifada que precede o título da carta: "Myrna escreve" (CORTINA, 2004, p. 82).

Nesta publicação de Rodrigues (2002 apud Cortina, 2004), os personagens são Myrna e Miriam, namorados. A análise trata de uma "carta" escrita em uma sessão do jornal em que o autor (Myrna) pede conselhos de leitores para as desavenças enfrentadas pelo casal. Em uma das frases usadas pelo enunciador (Myrna), ele fala diretamente à Miriam, dando provas "de que o ciúme é benéfico" (CORTINA, 2004, p. 82). Do contrário, como apuraram Greimas e Fontanille (1993), "o ciúme se organiza em torno de um acontecimento disfórico, que pode estar situado seja em prospectiva, seja em retrospectiva, transformando assim o ciumento quer em sujeito tímido, quer em sujeito sofredor" (GREIMAS; FONTANILLE, 1993, p. 192).

Continuando sobre Myrna e Miriam, segundo Cortina (2004), "o que distingue cada um dos dois tipos de ciúme (da fala específica para Miriam e como enunciação geral) é o fato de que, para o ciúme amoroso, o que importa é o objeto amado (ou objeto do ciúme), na medida em que ele é movido por um desejo de possessão (querer-ter)" (CORTINA, 2004, p. 84). Já para o "ciúme social o foco de atenção é o sujeito rival, na medida em que o que se manifesta é um desejo de emulação (querer-ser)" (CORTINA, 2004, p. 84). As modalidades do "querer- ter" e do "querer-ser" empregadas por Cortina (2004), dentro das variantes "virtualizantes e realizantes", cabem na notícia acima do G1 (POR CIÚMES..., 2016), uma vez que a vítima em questão é para o agressor tanto "objeto" de ciúme quanto um "rival" criado no imaginário do autor do crime, por não ter seus desejos atendidos.

De acordo com Greimas e Fontanille (1993 apud CORTINA, 2004, p. 84), para o meio social, tal discurso é fundado com base nos valores de que este "rival" parece estar sempre presente, disputando e representando um "terceiro", criado passionalmente, sem que o sujeito ciumento perceba que é seu próprio inimigo absorvido no e pelo discurso, principalmente porque, como reforça Landowski (2012), nesta problemática complexa, os processos não são ou "não querem" ser percebidos por aqueles que os engendram (LANDOWSKI, 2012, p. 11).

Segundo o sociólogo Maffesoli (2001), o imaginário, "[...] estabelece vínculo [...] é cimento social" (MAFFESOLI, 2001, p. 76). Faz lembrar que o "cimento" é construído e composto por outros elementos e que, quando combinados, se tornam firmes, sólidos e difíceis de serem quebrados. Neste sentido, "as construções mentais se tornam eficazes em relação ao concreto" (MAFFESOLI, 2001, p. 75). Do mesmo modo, ocorrem com as estratégias discursivas, que podem, mas levam tempo, até serem desconstruídas, porque, como bem Landowski (2012) alerta, e se pode aqui acionar na "teoria das modalidades", no caso do "não querer", ser percebida por mais que se queira advertir (MAFFESOLI, 2001, p. 76; LANDOWSKI, 1992; LANDOWSKI, 2012, p. 11).

Existe outra base de sustentação neste discurso. Segundo Cortina (2004), a narrativa construída no decorrer da "história da humanidade" é que "quem ama verdadeiramente tem ciúme e quem não ama não o tem" (CORTINA, 2004, p. 85); e que "o ciúme é um estímulo para o amor e, para tanto, tem que ser sem fundamento" (CORTINA, 2004, p. 86). Por outro lado, "[...] o ciúme com fundamento, resultado da traição da mulher em relação a seu parceiro, só pode levar ao fim do relacionamento, isto é, à descontinuidade do estado de conjunção" (CORTINA, 2004, p. 86) que termina, no geral, nas relações passionais, de modo violento.

Neste sentido, retira-se a carga negativa (disfórica) de que o sujeito ciumento (que é reativo) adquire na configuração patêmica, pois seu desejo de posse é "sinônimo" de amor. Além de esconder o lado obscuro, minimiza a violência e cria um valor eufórico do tipo "quem ama cuida"; ou, como vimos em outros registros no decorrer desta obra, "foi por amor", parecendo justificar tais ações "com ou sem fundamento" (CORTINA, 2004, p. 86; GREIMAS; FONTANILLE, 1993, p. 229).

As estratégias discursivas na notícia do destinador G1 (POR CIÚMES..., 2016) se legitimam nos dois enunciados "por ciúmes, homem agride a esposa" e, mais à frente, no simulacro correspondente à vítima que teria dito "o motivo da agressão seria o fato do [*sic*] seu marido ser muito ciumento" (POR CIÚMES..., 2016). Ambos transmitem a ideia de que "por ciúmes, ele agrediu", parecendo o caso ser justificado no "mundo natural" e, quem sabe, passa a impressão até de estar solucionando o problema, como dizia Serva (2001), transformando o assunto em algo superficial, que pode "logo cair no 'esquecimento' ou ser atenuada 'a atenção ao fato narrado' (SERVA, 2001, p. 133; GREIMAS; COURTÉS, 2008, p. 423).

Para Greimas e Fontanille (1993) as "variações dos papéis patêmicos desdobrados por ocasião da colocação em discurso não afetam o 'ciúme em si', que se trata agora de construir a partir dos dados coletados nos discursos realizados, mas, segundo os linguistas, "no próprio discurso, o simulacro passional do ciúme, e em particular a cena que o ciumento oferece, não é afetado pelas variações de perspectiva" (GREIMAS; FONTANILLE, 1993, p. 192).

A inquietude que Greimas e Fontanille (1993) depreendem na construção da obra da "semiótica das paixões" é outra nuança do discurso do ciúme. Ela "[...] parece mais geral que o temor ou a sombra, e é por isso que ela será considerada um dos constituintes sintáticos fundamentais do ciúme" (GREIMAS; FONTANILLE, 1993, p. 193). De acordo com Greimas e Fontanille (1993), "o temor apenas não supõe mais que um saber e um crer, uma espera, modalizada ao mesmo tempo e de modo conflitual pelo *poder-ser* (a eventualidade) e pelo *querer-não-ser* (a recusa)" de ter sido rejeitado, por exemplo (GREIMAS; FONTANILLE, 1993, p. 193, grifos dos autores; GREIMAS; COURTÉS, 2008, p. 315).

Pelas lentes das três "modalidades (virtualizantes, atualizantes e realizantes) do sujeito inquieto ou irrequieto, que têm como sinônimos o ansioso e o impaciente, foi

abordada, na linha fina e penúltimo parágrafo, onde o enunciador G1 relata que o "Suspeito ficou irrequieto, deixou quarto da casa e foi detido pela PM" (POLÍCIA..., 2013, *on-line*); e, no penúltimo parágrafo, repete que "No fim da tarde, o suspeito ficou irrequieto e saiu do quarto. Os policiais usaram uma arma de choque e conseguiram deter o suspeito, que foi encaminhado em seguida para a delegacia" (POLÍCIA..., 2013, *on-line*). Chama a atenção ainda a enunciação do destinador que, usando a pessoa do agente da polícia, diz que "O policial afirmou ainda que o suspeito sofreria de problemas psiquiátricos e que ele não fez nenhuma exigência para soltar a mulher" (POLÍCIA..., 2013, *on-line*). Abordamos esta observação no próximo tópico, mas é possível dizer que simboliza uma atenuação da culpa do autor do delito.

O discurso ou esquema passional acerca deste estado emocional – leva em determinados casos – ao sujeito "transtornado", como vemos a seguir.

9.1.2 Transtorno

A primeira notícia para os quais os simulacros textuais apontam é a homem "transtornado" pelo fim do relacionamento e traz em seu enunciado: "Mulher apanha do ex em delegacia ao tentar registrar queixa contra ele" (MULHER..., 2015b), na Fig. 99.

Figura 99 - Mulher apanha do ex em delegacia ao tentar registrar queixa contra ele

MENU G1 GOIÁS

Mulher apanha do ex em delegacia ao tentar registrar queixa contra ele

Após fim do relacionamento, ele fez ameaças via mensagens de celular; ouça. Suspeito foi preso em flagrante; vítima disse que já foi agredida, em Goiânia.

Do G1 GO

FACEBOOK

(...) Duma tal maneira que eu "vo" cobrar sua alma. Eu "vo" te buscar, me aguarde.

WEVERSON

VÍTIMA

Um homem de 30 anos foi preso em flagrante nesta quinta-feira (4) após agredir a ex-mulher na recepção do 5º Distrito Policial de Goiânia, no Setor Aeroviário, em frente aos policiais. Segundo a investigação, a vítima, que não quis se identificar, foi à delegacia justamente para registrar uma ocorrência contra o suspeito, que estaria a ameaçando através de mensagens no Whatsapp por não aceitar o fim do relacionamento **(ouça acima)**

saiba mais

Jovem é morto a facadas por ex de namorada em Goiás, diz pai

Preso suspeito de matar namorado de ex-mulher em Aparecida de Goiânia

Menor diz que matou ex-namorada grávida por duvidar da paternidade

Jovem sequestra ex-namorada por não aceitar fim de namoro, em Goiás

Jovem mata ex-namorada e amigo a facadas por ciúmes, diz polícia

Segundo a vítima, após morarem juntos por dois anos, ela resolveu se separar há seis meses, quando começou a apanhar dele. "Ele jogou minha cabeça na parede a primeira vez e a segunda vez, ele grudou no meu pescoço, ficou cicatriz. Depois disso a gente se separou", afirma.

Após terminarem, ele começou a ameaçá-la durante a madrugada. Em uma mensagem, ele diz: "Você vai se arrepender para o resto da sua vida. Vou me vingar de você de tal maneira que eu vou cobrar a sua alma. Eu vou te buscar, me aguarde".

Em outro trecho, ele aparenta estar transtornado e afirma não se importar com as consequências por ameaçar a ex. "Cadê você? Eu vou ser preso, não tô [sic] nem aí, mas eu vou voltar para te buscar".

Homem ameaçava a ex por mensagens no celular (Foto: Reprodução/TV Anhanguera)

A delegada que fez o flagrante, Maria Aparecida de Assis, disse que o homem só parou de bater na mulher após ser contido. "Ele chegou e começou a agredi-la fisicamente, xingando e ameaçando matá-la. Ele só não bateu mais nela dentro da delegacia porque os policiais civis conseguiram contê-lo e prendê-lo na cela", explicou.

Medida judicial

No último mês de abril, a mulher procurou a Justiça e obteve uma medida protetiva que determinava que o agressor ficasse a pelo menos 300 metros dela e de seus familiares.

A delegada explicou que o homem deve ficar preso por até 15 dias na Delegacia Estadual de Investigação de Homicídios (DIH). Nesse período, explica, vai pedir a prisão preventiva do homem alegando que ele é uma ameaça para a ex-mulher.

Mesmo assim, a vítima tem medo de ser perseguida caso o ex seja solto. "Ele já falou que vai me matar, que vem me buscar. Falou que não vai ficar na cadeia para o resto da vida", diz, amedrontada.

Homem foi preso em flagrante após a agressão à ex (Foto: Reprodução/TV Anhanguera)

Fonte: Mulher (2015b). Disponível em: https://g1.globo.com/goias/noticia/2015/06/mulher-apanha-do-ex-em-delegacia-ao-tentar-registrar-queixa-contra-ele.html. Acesso em: 5 maio 2022.

Na página onde está disponível a matéria, vemos, nas três passagens “topológicas”, na posição superior disfórica, uma montagem com a figura do homem ameaçando a vítima e, no centro da lauda, a mulher manuseia o aparelho celular em que mostra os áudios coativos. Abaixo, ele é mostrado com a cabeça baixa atrás de uma representação das grades da prisão. Figurativamente, é possível depreender algumas nuances e reflexões: (i) o pensamento do agressor é esse, que está acima e no direito de colocar a mulher em situação de risco; (ii) nestes episódios, a vítima literalmente tem sua vida posta “entre” agressor e a Justiça que, neste caso, funcionou, (foi superior-eufórica), e ele aparece, na fotografia, embaixo, preso, mostrando que não está acima da lei. Em uma análise mais detalhada do texto, no segundo parágrafo, lemos a declaração do agressor em uma mensagem de voz no celular da vítima: “Você vai se arrepender para o resto da sua vida. Vou me vingar de você de tal maneira que eu vou cobrar a sua alma. Eu vou te buscar, me aguarde” (MULHER..., 2015b, *on-line*). Após essas axiologias depreendidas pelo destinador G1, são reiteradas as ameaças. “Em outro trecho, ele aparenta estar transtornado e afirma não se importar com as consequências por ameaçar a ex. ‘Cadê você?’ Eu vou ser preso, não tô [*sic*] nem aí, mas eu vou voltar para te buscar’ (MULHER..., 2015b, *on-line*).

Na fase de constituição do discurso, vemos, na linguagem textual duas representações passionais: (i) o homem menciona que vai se vingar e (ii) é nomeado pelo enunciador como um sujeito transtornado. Fiorin (2007) trata de tais figuras acionando os conceitos fundados por Greimas e Fontanille (1993). É preciso dizer que este sujeito descrito na matéria do G1 também pode ser visto como “ressentido” aquele que está tomado do sentimento de “dar o troco”. Este desejo é motivado pelo “querer fazer mal a alguém” (FIORIN, 2007, p. 16; GREIMAS; COURTÉS, 2008, p. 315). Conforme propõe Fiorin (2007), “[...] o ressentido é o vingativo que recalca seu desejo de vingança. Resta-lhe uma cólera contida” que é exteriorizado “em certas condutas, num dado estado de humor e em determinados comportamentos” (FIORIN, 2007, p. 16). A cólera tem sua “sequência: espera/decepção/falta/malevolência segue, não um programa definitivamente elaborado, como é o caso da vingança, mas um programa de agressividade orientada, de hostilidade, para ‘afirmação de si e destruição do outro’” (SIMULACRO, 2016, p. 4; GREIMAS; FONTANILLE, 1993).

Tal patemia indica que, ao não conseguir conter suas emoções, de acordo com o adjetivo usado pelo destinador G1, transtornou-se e, dotado da “bravura”, já tratada no Capítulo 7, agrediu a ex-companheira na frente de policiais, na recepção do distrito policial de Goiânia. O dicionário Houaiss (HOUAISS; VILLAR, 2009) traz algumas definições para o adjetivo “transtornado”. Entre elas, o de “fora do juízo normal”, “maluco e perplexo” (HOUAISS; VILLAR, 2009, p. 1870). De certa forma, parece que o uso deste termo pelo enunciador discursivo vem carregado implicitamente de uma espécie de justificativa em relação ao ato violento. É o que Fontanille (2007 apud Lima, 2017, p. 852) destaca,

> Para que se possa, pois, compreender a estruturação discursiva da paixão, é preciso atentar tanto à articulação modal quanto ao aspecto propriamente sensível da configuração patêmica, das modulações tensivo-fóricas responsáveis pela sensibilização das modalidades em questão, indo além da ideia (ou da pressuposição lógica) de um "excedente modal", de uma intensidade subjacente. De grande importância à análise dos afetos, a observação relativa à foria – entendida como aspectualização no nível discursivo e como modulação tensiva no nível profundo – propicia o exame do desenvolvimento contínuo e progressivo do núcleo passional, ou seja, das modulações articuladas à direção tensiva que conduz e controla o encaminhamento discursivo, uma vez que a dimensão fórica perpassa todo o percurso gerativo, configurando o elemento sensível junto ao processo discursivo (LIMA, 2017, p. 852)

Ou seja, como posto, o discurso traz a carga patêmica dotada de "sensibilização", podendo acionar, nos destinatários, a ideia de que, se o agressor estivesse em "seu juízo normal", não teria tal atitude. Deste modo, lembramos dos processos fóricos em relação ao "sentir" de cada um: grupos que não percebem que a violência é assunto tão sério ou talvez "não queiram enxergar, apesar dos avisos", como diz Landowski (2012, p. 11) e, por conseguinte, parece cair logo "no esquecimento" ou se atenua tanto na esfera abstrata quanto em sua concretude (SERVA, 2001, p. 133). Fora deste círculo, outros não concordarão com a agressão em qualquer grau, mas sempre é gerado tal efeito de sentido de que, se houver um "motivo", como o "fim do relacionamento", a "inconformação", o agente infrator pode ter sua culpa amenizada.

Barros (2005), que trabalha também os aspectos de semiótica das paixões, analisando o conto Machado de Assis, "Papéis velhos" (1952), explica que "A reparação da falta manifesta- se, em primeiro lugar, sob a forma da hostilidade do sujeito para com o responsável por suas perdas" (BARROS, 2005, p. 52). Acionando as modalizações do "querer", "fazer" e "poder", ela expõe,

> Esse desejo de fazer mal instala, pelo querer-fazer, o sujeito reparador da falta. Para liquidar a falta, o sujeito malevolente deve ser ainda modalizado pelo poder-fazer. O poder-fazer manifesta-se como a possibilidade de destruição do ofensor, graças ao desejo desse aniquilamento provocado pelo sentimento de honra ofendida (BARROS, 2005, p. 52).

Nesta narrativa que, de certo modo, converge com a patemização que estudamos, Barros (2005) destaca, que "há paixões em que o sujeito quer o objeto-valor, como na cobiça, na ambição ou no desejo; outros em que o sujeito não quer o objeto-valor, como na repulsa, no medo ou na aversão. O desejo de valores cognitivos caracteriza, por exemplo, a curiosidade ou o querer-saber" (BARROS, 2005, p. 49).

Como sinônimo de "transtornado", outra matéria foi descrita usando o termo "alterado", que tem significado parecido e segue a mesma linha da primeira notícia analisada neste tópico, com o seguinte enunciado: "Homem tenta agredir mulher, quebra vidro de carro da PM e é preso em MT (HOMEM..., 2013b), na Fig. 100.

Figura 100 - Homem tenta agredir mulher, quebra vidro de carro da PM e é preso

MENU G1 MATO GROSSO TV CENTRO AMÉRICA

16/12/2013 09h03 - Atualizado em 16/12/2013 09h03

Homem tenta agredir mulher, quebra vidro de carro da PM e é preso em MT

Suspeito de 32 anos ameaçou moradores e a mulher com um facão.
Homem foi imobilizado e ainda conseguiu quebrar vidro de viatura.

Do G1 MT

FACEBOOK

Homem estava algemado dentro de carro e ainda quebrou vidro traseiro. (Foto: 4°BPM)

Um homem de 32 anos foi preso neste domingo (15) depois de ameaçar a mulher dele com um facão, no Bairro José Carlos Guimarães, em **Várzea Grande**, região metropolitana de Cuiabá. Conforme boletim de ocorrência do Comando Regional II da Polícia Militar, mesmo preso e algemado dentro do carro da PM, o suspeito ainda conseguiu quebrar o vidro do veículo e tentou fugir.

Os policiais foram chamados após moradores informarem que um homem estava armado com um facão e fazendo ameaças contra várias pessoas do bairro. A PM localizou a casa e a mulher do suspeito. No local ele ainda tentou agredir a vítima quando percebeu que os policiais tinham se aproximado da residência.

Ele foi detido e colocado no carro policial. Porém o suspeito estava alterado e acabou quebrando o vidro traseiro do veículo. O homem foi novamente imobilizado e encaminhado para a Central de Flagrantes de Várzea Grande. A mulher dele relatou que o companheiro tem distúrbios mentais e parou de fazer acompanhamento médico.

Fonte: Homem... (2013b). Disponível em: https://g1.globo.com/mato-grosso/noticia/2013/12/homem-tenta-agredir-mulher-quebra-vidro-de-carro-da-pm-e-e-preso-em-mt.html. Acesso em: 5 maio 2022.

Além da semelhança de significado entre o sujeito "transtornado" ou "alterado", o sincretismo da linguagem verbal conectada à foto da viatura com os vidros quebrados tem como pano de fundo o pensamento instituído culturalmente do homem "forte" e dotado de "bravura", aquele que não tem medo de nada, inclusive da "polícia", da lei e "tudo pode". Percebe-se, nesta situação, que a narrativa acerca do "suspeito", como relata o texto, é construída implicitamente em cima de características que soam positivas no imaginário social patriarcal (GREIMAS; COURTÉS, 2008, p. 324). Entrelaça-se na fase da moralização do esquema passional canônico ou esquema tensivo em um grau de desdobramento mais profundo, que corresponde ao que Greimas e Fontanille (1993, p. 154) chamam de "julgamento social do comportamento observável" na ordem da interação com o "observador social" para o qual o sujeito agressivo precisa prestar contas, dar satisfação.

Nos textos, notem-se determinadas recorrências que, no geral, parecem estratégias de (i) absolvição do culpado ou (ii) responsabilização da vítima, como já trabalhamos no Capítulo 8. Em primeiro, os simulacros atrelam-se à patemização (sob a ótica da sensibilização do esquema tensivo), como se criasse um tipo de "bolha", apelando para um efeito de sentido de proteção do ator da violência, que teria agido motivado por uma espécie de "força maior" (daquela que a natureza ou fraqueza humana não pode controlar) e geram ditados como "foi mais forte que eu". Vejamos como isso ocorre na notícia: na fala do policial que atendeu a ocorrência "Ele estava muito violento. Com certeza ele usou alguma coisa ou bebida ou alguma coisa tóxica", afirmou (HOMEM..., 2015c, *on-line*). A defesa do violador também pode vir desta forma "Embriagado e sob efeito de drogas, marido tenta matar a mulher com faca" (EMBRIAGADO, 2014), na Fig. 101.

Figura 101 - Embriagado e sob efeito de drogas, marido tenta matar a mulher com faca

MENU G1 PIAUÍ TV CLUBE

21/04/2014 10h48 - Atualizado em 21/04/2014 10h50

Embriagado e sob efeito de drogas, marido tenta matar a mulher com faca

Fato aconteceu por volta das 9h30 desta segunda (21) na Vila Irmã Dulce. Mulher foi agredida com um chute na boca e teve lábio inferior cortado.

Do G1 PI

Um jovem tentou matar a mulher a facadas por volta das 9h30 desta segunda-feira (21) na Vila Irmã Dulce, Zona Sul de Teresina. Segundo a Polícia Militar, a vítima identificada como Jamaira Laís Cunha, 20 anos, teria chegado do trabalho bem cedo e ao reclamar da bagunça na casa foi agredida com um chute na boca pelo marido. De acordo com o policial, o agressor estaria sob efeito de drogas e bebida alcoólica e ainda tentou esfaquear a mulher.

Fonte: Embriagado... (2014). Disponível em: https://g1.globo.com/pi/piaui/noticia/2014/04/embriagado-e-sob-efeito-de-drogas-marido-tenta-matar-mulher-com-faca.html.
Acesso em: 7 maio 2022.

Ora, estes enunciadores convergem em pontos comuns, transformando o que Greimas e Fontanille (1993) denominam de "apego modal", dentro de uma dimensão fiduciária determinada por uma "espera fiduciária", que se inscreve na ordem de uma representação do "sujeito que protege seu território" (GREIMAS; FONTANILLE, 1993, p. 196). Sobre a "espera, a relação fiduciária não é entre dois sujeitos, mas entre o sujeito e o simulacro que ele construiu do outro, pois ele quis que o outro o levasse a entrar em conjunção" com o objeto (SIMULACRO, 2016, p. 4). O apegado "[...] acreditou, ele creu que o outro sujeito o levasse a entrar em conjunção" consigo. Na esfera simulacral, "são esses objetos imaginários que o sujeito projeta fora de si, e não têm nenhum fundamento intersubjetivo, determinam entretanto, de maneira eficaz, o próprio comportamento intersubjetivo" (SIMULACRO, 2016, p. 4; GREIMAS; FONTANILLE, 1993, p. 230).

A próxima notícia segue a linha da matéria usada acima tratando da inquietude. Na frase “O policial afirmou ainda que o suspeito sofreria de problemas psiquiátricos e que ele não fez nenhuma exigência para soltar a mulher” (HOMEM..., 2013b, *on-line*) visa, parece-nos, a amenizar a responsabilidade do agressor e seu comportamento que corresponderia ou se justificaria a partir do seu estado emocional/passional a uma “defesa do espaço” em que se tenta inverter as posições, encontrando um “bode” expiatório para pôr no lugar e pagar o preço, neste caso, a fim de preservar a espécie patriarcal (GREIMAS; FONTANILLE, 1993, p. 196).

Outros dois textos convergem neste ponto sob o aspecto da culpabilização da vítima. Em um deles, o destinador G1 coloca: “Para o juiz Carlos Augusto Ferrari, o acusado não suportou ter sido substituído por outro homem e não ser aceito como companheiro novamente” (HOMEM..., 2012c, *on-line*) que, implicitamente, traz a ideia de que o agressor não “suportou” perder a mulher e, por isso, “[...] contrariado por ter sido substituído na relação afetiva com a vítima, ele entrou na casa com a intenção de tirar satisfações”. Acrescentando os termos “contrariado, inconformado e alucinado”, que sofre perturbações da mente e dos sentidos, colocou fogo na “casa da ex-mulher”. Os adjetivos parecem não explicar a motivação do sujeito passional, mas dizer, em outras palavras, que, por não ter mais seu “objeto de desejo”, entrou em estado de surto, perdeu a cabeça (HOMEM..., 2012c).

Em outro caso, o destinador G1, já na linha fina da matéria, descreve “Ex-marido afirmou que ficou ‘louco’ com separação, mas não assume crime” (EX-MARIDO..., 2011, *on- line*). O ator do crime teria dito que ficou “louco” porque sua mulher o trocou por outra e, ao mesmo tempo, negou a acusação de ter ateado fogo na casa (violência patrimonial).

O “louco” reforça a ideia de “irracionalidade” [...] “denota alterações patológicas das faculdades mentais” (HOUAISS; VILLAR, 2009, p. 1197). Tal discurso aponta para uma espécie de distúrbio ou patogenia deste destinador (o homem). A narrativa, em alguns pontos, faz “crer” na responsabilidade do sujeito em questão. No entanto, quase no último parágrafo, ao criar uma contradição, inverte o sentido quando menciona que “Detido, o ex-marido assumiu que perdeu o controle depois de ter se separado da diarista, mas nega que tenha incendiado a casa” (EX-MARIDO..., 2011, *on-line*). A descrição seguinte, além de se tratar de um tipo de justificativa, remonta o pensamento do indivíduo “inconformado” ou “negacionista”, ou seja, aquele que culpa a mulher pelo feito: “Se você ama uma mulher, e ela te troca por outra mulher, você fica louco”, declarou Djalma Barcelos (EX-MARIDO..., 2011, *on-line*).

Vemos, implicitamente, neste simulacro e ação passional, a estratégia discursiva do ciumento. A timia correspondente a cada um dos sujeitos é: (i) eufórica, para ele e sua fratria, simbolizando que, ao ter atitudes extremas, está “defendendo seu território” e objeto de valor do qual não se conforma por ter perdido; enquanto, para a vítima, que não é “ouvida” pela reportagem, soa um ato disfórico, uma vez que a coloca como “traidora”, quando diz

que o “troca por outra”, acionando, ainda, preconceitos em relação ao gênero (GREIMAS; COURTÉS, 2008, p. 505). Em outras palavras, no nível profundo deste discurso, ocorre um efeito de sentido de inocentação dele.

Outra reportagem com viés parecido e que usa o mesmo sentido de alucinado, ou, “fora de si”, enuncia que “A mulher contou que o suspeito chegou embriagado e que estava fora de si no momento em que a atacou”, contou a delegada. De acordo com ela, Manoel confessou à polícia que bebeu, mas alegou que, quando chegou em casa, estava sóbrio e que a esposa estava alterada” (VELASCO, 2015, *on-line*). No decorrer de toda a notícia, observa-se, veladamente, uma intencionalidade de culpar a mulher agredida.

Quando não busca um “fundamento” (CORTINA, 2004, p. 86; MORAES, 2022) na passionalidade do homem representado pelo estado “fora de si”, recorre-se à responsabilização da vítima, como nesta declaração de que “Ele alega que o crime foi em legítima defesa e que se lembra de ter dado três facadas na mulher, que, segundo ele, teria partido para cima dele com a faca” (VELASCO, 2015, *on-line*) em um esforço de maquiar ou “atenuar o fato” (SERVA, 2001, p. 133). Corrobora com o caso acima (EX-MARIDO..., 2011) já que, na maioria das vezes em que era usado esse argumento, dizia respeito à “traição”.

A propósito, em 2022, foi aprovado no Senado Federal projeto que proíbe e derruba a “tese da legítima defesa”. Além disso, “o texto também exclui os atenuantes e redutores de pena relacionados à “forte emoção” no caso de crimes contra as mulheres” (FEMINICÍDIO..., 2022, *on-line*). O componente “forte emoção” está diretamente relacionado aos casos analisados neste capítulo de “semiótica das paixões”, em que se descreve o agressor como “transtornado”, “alucinado”, “irrequieto”. Quem sabe seria possível refletir se tais conceitos, engendrados por Greimas e Fontanille (1993) nos estudos da linguagem, não representam uma conquista neste sentido, como reduzir as penalidades que, indiretamente, a mulher vítima de violência sofre, não somente no nível discursivo, mas, especialmente, nas práticas cotidianas.

O próximo item diz respeito aos discursos que colocam o agressor na posição de “descontrolado”, entre outros similares que veremos adiante.

9.1.3 Descontrole

Iniciamos conceituando o termo “descontrolado”, que é outra expressão usada pelo destinador G1 como forma de definir o estado patêmico do agressor. Este vocábulo traz a ideia de alguém que “não tem ou perdeu o controle”; significa, ainda, “desgovernado, incontrolável; ou aquele que não se pode conter; que perde o domínio de si mesmo” (HOUAISS; VILLAR, 2009, p. 638).

Na notícia “Jovem agride ex-namorada no Dia dos Namorados em Piedade, SP” (LANFRANCHI, 2012), lemos que, “Segundo a Polícia Militar, o jovem teria ido até a casa

da ex-namorada na tentativa de reatar o namoro na noite do Dia dos Namorados. Ele teria se descontrolado quando a menina negou o pedido" (LANFRANCHI, 2012, *on-line*). Imbuído do desejo do "querer" a qualquer custo, em "[...] abordagem descontínua do sentido, integrando os aspectos contínuos próprios à articulação entre inteligível e sensível", é acionado na compreensão de mundo dele e, depois, no "sentir", que o encaminha a um processo estésico e o faz agir desse modo (LIMA, 2017, p. 850).

Neste caso, de acordo com Fiorin (2007), "o sentimento não se opõe à razão, pois é uma forma de racionalidade discursiva" (FIORIN, 2007, p. 10). Voltando a exemplos como o descrito na matéria, trata-se de um destinador que "[...] quer que outro lhe atribua um determinado objeto, a que ele empresta um grande valor. Além disso, não apenas quer que o sujeito realize seu desejo, mas crê que ele deve fazê-lo" (FIORIN, 2007, p. 14). Para Fiorin (2007), "como ele não tem certeza de que o sujeito vai realizar o que ele acha que ele deve fazer, sua espera é tensa" (FIORIN, 2007, p. 14). Tais "arranjos modais que têm um efeito de sentido passional são determinados pela cultura" (FIORIN, 2007, p. 10). Inspirado em Fontanille (1995 apud FIORIN, 2007) revela também outro verbete para esse tipo de ser: o obstinado, que ilustra a figura do inflexível. Refere-se àquele que insiste em algo "apesar da impossibilidade evidente"; é um indivíduo dotado de "um querer ser aliado a um não poder ser" ou "não-poder-ter" (FIORIN, 2007, p. 10).

Ao abordar sobre a paixão pelas lentes de Fiorin (2007), ele explica que os antigos entendiam este tema como oponente à lógica como "[...] aquela subsumia a loucura, a morte, a obscuridade, o caos, a desarmonia" (FIORIN, 2007, p. 10). No entanto, a segunda "[...] abarcava o que era da ordem da razão, da vida, da claridade, dos cosmos, da harmonia. Essa maneira de considerar os estados passionais começa a mudar no século XVIII, quando se passa a conceber a paixão como o que impele" (FIORIN, 2007, p. 10).

Para Fiorin (2007), buscando um entendimento maior acerca dos estudos de Greimas e Fontanille (1993) "[...] ao reconhecer que há um componente patêmico a perpassar todas as relações e atividades humanas, que ele é o que move a ação humana e que a enunciação discursiviza a subjetividade, mostra que as paixões estão sempre presentes nos textos" (FIORIN, 2007, p. 10). Para deixar mais claro este ponto, Fiorin (2007) esclarece que "há uma diferença entre o 'discurso apaixonado' e o 'discurso da paixão'. Pode-se tomar essa distinção para dizer que a Semiótica estuda as paixões manifestadas na enunciação e no enunciado" (FIORIN, 2007, p. 11). Segundo o linguista, "na enunciação, temos o 'discurso apaixonado', quando dos elementos lingüísticos depreende-se um tom passional presente no próprio ato de tecer o texto" (FIORIN, 2007, p. 11). Sendo assim, ambos os destinadores representam suas "paixões" nas narrativas que estão inseridos.

Fiorin (2007) recorda que "os estados patêmicos são, por exemplo, a cólera, o amor, a indiferença, a tristeza, a frustração, a alegria, a amargura" (FIORIN, 2007, p. 10). E define que "a Semiótica, ao examinar as paixões, não faz um estudo dos caracteres e dos temperamentos. Ao contrário, considera que os efeitos afetivos ou passionais do discurso

resultam da modalização do sujeito de estado" (FIORIN, 2007, p. 10), como os que já vimos ao longo deste capítulo (poder, dever, querer, saber, ser, fazer).

Ainda sobre o "sentir", segundo Landowski (2014, p. 354), é "uma dimensão da experiência passional" que ele credita ter sido pouco trabalhada por Greimas e Fontanille (1993), que se concentraram analiticamente nas "paixões", como ciúme e avareza mediante "aplicações da gramática narrativa e modal mais clássica" (LANDOWSKI, 2014, p. 354). Aqui, é importante salientar a teoria desenvolvida por Landowski que, de modo propício, leva o nome "aquém e além das estratégias", que é o "contágio" (2005). Landowski (2014) associa este conceito com a passionalidade, exemplificando, com o "estado hilário", descrito por Greimas e Fontanille (1993), mas agrega a esse saber que muitas das modalidades vistas em operação (nos discursos e nas práticas) podem fazer parte de uma capacidade contagiosa em que se repetem determinadas formas de agir. Faz sentido se pensarmos que o sistema representante de toda a engrenagem – das desigualdades até as piores violências – de fato, pode ser alimentado por "contágio" (LANDOWSKI, 2005), porque perpassa qualquer compreensão racional dotada de uma "lógica da união", já que um sujeito pode "acender" (como diz Rousseau) o mesmo "fogo" no coração dos que o olham.

Sentir o sentir do outro é, em muitos casos, já prová-lo por sua própria conta, como se, por uma espécie de performatividade da copresença sensível (LANDOWSKI, 2014b, p. 17-8). Landowski (2014), salienta que "[...] a percepção das manifestações somáticas de certos estados vividos por outros tenha o poder de nos fazer experimentá-los" e que o "contágio assim entendido como relação entre sensibilidades, intervindo, portanto, no plano estésico, não se confunde com a 'imitação' intencional, nem com a 'empatia', situada no plano cognitivo" (LANDOWSKI, 2014b, p.17-8). De certo, transita na ordem do que "vai quem e além" e que não é possível se identificar com esse padrão.

De acordo com Landowski (2014a), diz respeito a uma "relação entre corpos ou, mais precisamente, entre sujeitos que, além da competência cognitiva, possuem uma competência "estésica", uma "sensibilidade" para captar (mais do que ler) a significação das dinâmicas do corpo do outro" (LANDOWSKI, 2014a, p. 354-5). Se pensar também que a violência física, em especial, como temos estudado compreende uma agressão direta ao "corpo do outro", explica-se como se engendram tais procedimentos que antes passam ou iniciam na cadeia inteligível (do imaginário), conforme já abordado.

Dando sequência na apresentação desta parte do *corpus*, foram encontradas outras notícias que se associam a esta primeira análise. Desta vez, a matéria traz, nas descrições, o seguinte termo sinônimo: "exaltado". Em uma delas diz que "Pedreiro ameaça esposa de morte com faca e é preso em Presidente Prudente" (PEDREIRO..., 2016), na Fig. 102.

Figura 102 - Pedreiro ameaça esposa de morte com faca

MENU G1 PRUDENTE E REGIÃO TV FRONTEIRA

28/02/2016 10h58 - Atualizado em 28/02/2016 11h16

Pedreiro ameaça esposa de morte com faca e é preso em Presidente Prudente

Homem ainda tentou agredir a vítima com um soco.
Caso foi na madrugada deste domingo (28), no Parque São Judas Tadeu.

Do G1 Presidente Prudente

Um pedreiro de 33 anos foi preso após ameaçar sua esposa de morte com uma faca e tentar agredi-la com um soco, na madrugada deste domingo (28), no Parque São Judas Tadeu, em Presidente Prudente. Conforme o boletim de ocorrência, a vítima alegou que o marido ainda quebrou os vidros da residência ocasionando um ferimento no lábio inferior.

Segundo o boletim, ao chegar na residência do casal, os policiais encontraram o homem que apresentava estar sob a influência de álcool e bastante exaltado. A vítima afirmou a polícia que os dois estavam tomando cervejas juntos quando em determinado momento seu esposo tentou sair com o carro, porém como não conseguiu, se irritou e armado com uma faca a ameaçou de morte.

A mulher ainda alegou que seu companheiro tentou agredi-la com um soco, porém ela conseguiu se esquivar e correr para a rua. Nesse momento a vítima avistou uma viatura da PM que fazia patrulhamento pelo bairro e pediu ajuda, conforme a ocorrência.

Em conversa com os policiais, o pedreiro estava visivelmente alterado e negou a prática de qualquer crime. Devido a exaltação, o homem foi algemado e conduzido para a Delegacia Participativa, onde a ocorrência foi registrada. Foi arbitrada fiança no valor de R$ 900 para que o pedreiro pudesse ser liberado, ainda conforme o boletim.

Fonte: Pedreiro... (2016). Disponível em: https://g1.globo.com/sp/presidente-prudente-regiao/noticia/2016/02/pedreiro-ameca-esposa-de-morte-com-faca-e-e-preso-em-presidente-prudente.html. Acesso em: 7 maio 2022.

No texto, por duas vezes o destinador G1 reafirma o estado patêmico de "exaltação" do homem. Traz estas declarações como informação do boletim de ocorrência, em que ele "apresentava estar sob a influência de álcool e bastante exaltado". Usando o advérbio de intensidade "bastante", assina, axiologicamente, o discurso passional. Além disso, repete-se a mesma ideia de que em seu "fazer" afetivo, o sujeito estava "sob a influência de álcool" e foi movido por "força maior" como se quisesse criar comoção mais como forma de amenizar o ato comunicativo em relação ao agressor do que refletir sobre o assunto e a condição da vítima, sendo esta uma estratégia discursiva empregada como recurso no jornalismo sensacionalista e "declaratório" (TEIXEIRA, 2011; MORAES, 2022).

Outras notícias acionam o termo "desequilibrado", que também cabe neste tópico. Na primeira notícia (HOMEM..., 2014h), o discurso indireto atrelado a outro destinatário, a polícia militar, diz que "Ainda de acordo com a PM, acionada para atender a ocorrência, foi dada voz de prisão para o homem e – apesar dele [*sic*] parecer "bastante desequilibrado" e resistir – ele foi levado para a 108ª DP (Três Rios)", na Fig. 103. O artifício usado segue a mesma recorrência dos demais já analisados, visando ao efeito de aliviar, na narrativa, a carga disfórica em relação ao agressor.

Figura 103 - Homem é preso em Três Rios, por ameaçar companheira com arma

MENU G1 SUL DO RIO E COSTA VERDE

25/08/2014 11h02 - Atualizado em 25/08/2014 11h02

Homem é preso em Três Rios, RJ, por ameaçar companheira com arma

Ele também ameaçou o pai dela, diz Polícia Militar.
Segundo agentes, chegou a fazer disparos, mas não feriu ninguém.

Do G1 Sul do Rio e Costa Verde

FACEBOOK

Um homem de 36 anos foi preso no domingo (24), em **Três Rios** (RJ). Segundo a Polícia Militar, ele ameaçou a companheira, de 26 anos, e o pai dela, de 52, com uma arma. Agentes disseram que o suspeito dirigia em alta velocidade pelo bairro Cariri quando viu os dois, parou o carro, fez xingamentos e cinco disparos para o alto.

Ainda de acordo com a PM, acionada para atender a ocorrência, foi dada voz de prisão para o homem e — apesar dele parecer "bastante desequilibrado" e resistir — ele foi levado para a 108ª DP (Três Rios). Ele foi autuado por dirigir alcoolizado e ameaça e resistência, para o qual foi estipulada fiança R$ 9 mil, mas ficou preso pela Lei Maria da Penha.

Fonte: Homem... (2014h). Disponível em: https://g1.globo.com/rj/sul-do-rio-costa-verde/noticia/2014/08/homem-e-preso-em-tres-rios-rj-por-ameacar-companheira-com-arma.html. Acesso em: 7 maio 2022.

As paixões, segundo abordou Fiorin (2007), acionam padrões parecidos, como, por exemplo, nesta notícia (HOMEM..., 2014h), que se utiliza dos termos “bastante desequilibrado” e, na anterior (PEDREIRO..., 2016), “bastante exaltado”. Seguem a lógica de escrita e de juízo de valor inscrito na patemização, proposta por Greimas e Fontanille (1993), sob a ótica e olhar de um ser “apaixonado” que “defende o seu território” (GREIMAS; FONTANILLE, 1993, p. 196). Estas paixões, segundo Fiorin (2007, p. 11), “manifestam-se comportamental (por exemplo, a adulação, a blandícia, a agressão, os gritos, as palavras doces) ou fisiologicamente” no “(aumento de batimentos cardíacos, choro, riso, sudorese, respiração ofegante, ampliação dos níveis de adrenalina ou serotonina)”.

Todas as axiologias trabalhadas neste capítulo têm algo em comum: elas reproduzem o efeito de sentido que o homem agiu deste modo por estar acometido de patemias, como: alucinação, descontrole, desequilíbrio, exaltação, entre outras. Parece uma forma de justificar suas ações perante o meio social que lhe confere “poder” para agir assim e, dependendo da visão dos sujeitos envolvidos, como no caso do “ciúme”, que abrange as demais categorias, pode perfeitamente parecer eufórico, como a famosa frase “lutar pelo que quer”, entrando em conjunção com a modalidade do “querer” (GREIMAS; COURTÉS, 2008; GREIMAS; FONTANILLE, 1993).

Estes discursos se inspiram, segundo Barros (2005, p. 51), na “insatisfação e decepção” que em contrapartida “conduzem [...] a outros estados, conforme as mudanças narrativas ocorridas: ou se volta à situação inicial de confiança e de satisfação, ou se passa, pelo recrudescimento do sentimento de falta ou de perda, às situações de aflição e de insegurança” Explica, ainda, que “a insegurança e a aflição são paixões tensas,

resultantes da certeza do sujeito de que não conseguirá os valores almejados e de que o sujeito em quem depositou confiança não era dela merecedor” (BARROS, 2005, p. 51). Por conseguinte, se manifesta o senso de “[...] falta, e o sujeito aflito e inseguro encontra-se em situação insustentável de tensão. A falta resolve-se de duas formas: pela reparação ou pela resignação e conformação” (BARROS, 2005, p. 51). Todos os casos analisados, culminam na “reparação” pela violência, que, conforme já foi discutido, se trata do ato executado pelo sujeito movido pela vingança.

9.2 SENTIMENTO DE POSSE NAS RELAÇÕES VIOLENTAS

Se antes falávamos na “defesa do território”, que pode estar relacionada a um “apego modal” (poder, dever, fazer), conforme prescrito por Greimas e Fontanille (1993, p. 196), neste ponto, agregam-se outras ideias percebidas nas estratégias discursivas que circundam a legitimação de processos violentos, entre elas a patemização do pertencimento (LERNER, 2019; DEMARIA, 2019).

Este pensamento vincula-se à construção do significado de “gênero” e suas desigualdades e, para Demaria (2019), esta

> [...] é uma categoria utilizada na investigação das características que definem o modo como o pertencimento a um sexo não é apenas vivenciado, mas também transmitido por instituições sociais (como a família, a escola e os meios de comunicação de massa): tecnologias de gênero (DEMARIA, 2019, p. 41).

Em seus estudos, a semioticista exemplifica que este “pertencimento”, em muitos casos, corresponde ao mesmo que fazer parte de uma “comunidade” organizada em “instituições” como da família, que ainda se baseia em um poder “limitado e absoluto” (DEMARIA, 2019, p. 172). De acordo com Lerner (2019, p. 148), isso também está previsto em culturas ainda existentes mundo a fora, em que “enquanto os homens ‘faziam parte’ de uma família ou linhagem, as mulheres ‘pertenciam a’ homens que adquirissem direitos sobre elas”, se estendendo dentro das fronteiras do casamento. Para Lerner (2019), “logo no início da formação do Estado e do estabelecimento de hierarquias e classes, os homens devem ter observado esta vulnerabilidade maior nas mulheres e aprenderam assim que podiam usar diferenças para separar e dividir um grupo de pessoas de outro”, além de ter controle sobre esta categoria (LERNER, 2019, p. 148).

Saffioti (2011) complementa esta noção instaurada no “processo de territorialização e domínio”, que significa, para ela, “[...] que não é não é puramente geográfico, mas também simbólico” (SAFFIOTI, 2011, p. 72). Com base neste arcabouço, Saffioti (2011) explica que funciona como “um elemento humano pertencente àquele território pode sofrer violência, ainda que não se encontre nele instalado” (SAFFIOTI, 2011, p. 72). É uma espécie de linha imaginária em que, dentro desta referência, “o sujeito projeta para fora de si” outras sensações que se desencadeiam no ciúme, na posse, na rivalidade, agressividade,

hostilidade (SIMULACRO, 2016; GREIMAS; FONTANILLE, 1993). Tais atos passionais estão fundados em uma idealização de se estar atuando dentro do que é estabelecido, a partir das modalizações de um "dever, poder e fazer" tudo o que está ao alcance para a "defesa do território" ou "defesa do seu bem", como foi elucidado por Greimas e Fontanille (1993, p. 196; GREIMAS; COURTÉS, 2008, p. 315).

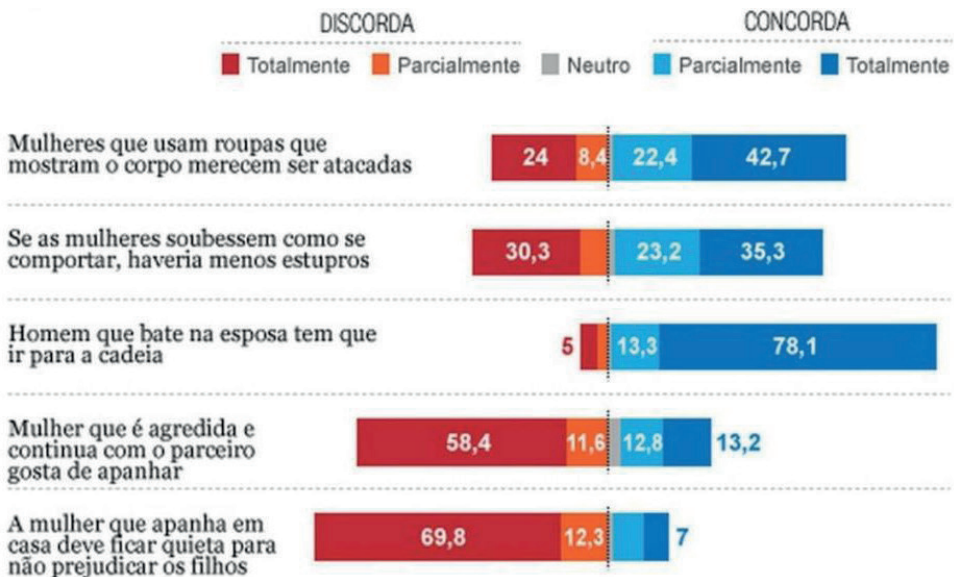
Sobre esse conceito, Alves e Alves (2010, p. 2) trazem em seus estudos as seguintes questões que nos fazem refletir quanto ao objeto ora estudado: "qual a relação entre pertencimento e identidade? Qual o papel da comunidade na construção do pertencimento? Quais elementos da cultura local favoreciam a manutenção e a transmissão do sentimento de pertencimento?" (ALVES; ALVES, 2010, p. 2). Segundo Alves e Alves (2010, p. 2), "na atualidade, a crise de pertencimento e a reprodução incessante de territorialidades [...] contrastam com o modo de vida de comunidades tradicionais para as quais pertencer continua a ser o destino". Para as autoras de "Identidade e pertencimento: reflexões sobre os processos culturais na modernidade", é por meio destas "comunidades [que] os processos culturais tendem a recriar as condições de pertencimento" (ALVES; ALVES, 2010, p. 2) servindo para as "comunidades", "territorializações" e aspectos teóricos que trabalharam (SAFFIOTI, 2011; LERNER, 2019; DEMARIA, 2019). A convergência importante entre estas pesquisas, o que traz um certo alívio em relação à violência contra a mulher, é que, como estes significados foram desenvolvidos, como estes espaços foram ocupados e "territorializados", eles podem estar "em franco processo de desterritorialização", começando no modo simbólico e passando ao literal (ALVES; ALVES, 2010, p. 2).

Leone (2014) associa que, em primeiro plano, "um ambiente de pertencimento e um de não pertencimento, é imaginada nas sociedades e nas culturas contemporâneas" (LEONE, 2014, p. 5). Corresponde dentro de "uma definição modal do apego e na definição de exclusividade" que o "horizonte do sujeito a um objeto" fica restrito à "espera fiduciária" e isso ocorre de forma "negativa – graças à qual o sujeito protege seu território" (GREIMAS; FONTANILLE, 1993, p. 196). Sendo assim, a superação deste regime é delonga.

Seguindo este mote, retomamos as definições sobre enunciação e enunciado. A primeira é considerada "um ato" ou "intencionalidade, que interpretamos como uma 'visão de mundo' [...] graças à qual o sujeito constrói enquanto objeto ao mesmo tempo que constrói a si mesmo" (GREIMAS; COURTÉS, 2008, p. 167-8). Já o segundo enunciado diz respeito à "toda grandeza dotada de sentido, pertencente à cadeia falada ou ao texto escrito [...] é oposto à enunciação [...] é o estado dela resultante" (GREIMAS; COURTÉS, 2008, p. 168). Segundo Fiorin (2016, p. 78), "as marcas deixadas pela enunciação no enunciado (por exemplo, pronomes pessoais e possessivos...) [...] pode-se reconstruir o ato enunciativo" (FIORIN, 2016, p. 78). Por ser um texto jornalístico, que é escrito em terceira pessoa, o recurso usado, como informou Fiorin (2016), "contém frequentemente elementos que remetem à instância do dizer", ou seja, nesta construção linguística "a sua esposa", a "esposa dele", a "mulher dele", a "própria filha" trazem um efeito de que se ela

é “dele”, ele pode fazer o que quer, inclusive agredir, porque tudo gira em torno “dele”. Faz mais sentido ainda quando se pensa na ideia de um ser “possessivo”. O significado atribui a ideia de “domínio”. Assim, a “língua como sistema social”, seguido de uma lógica de “visão de mundo”, se alia ao sistema patriarcal, do qual também se originam as violências (SAFFIOTI; ALMEIDA, 1995, p. 185; GREIMAS; COURTÉS, 2008, p. 166-8; SAFFIOTI, 2011, p. 116).

A reportagem do Jornal O Globo “Para especialistas, mulheres ainda são vistas como propriedades” (BENEVIDES, 2014) foi produzida na mesma época do recorte estudado e elucidou que, mesmo a Lei Maria da Penha sendo “reconhecida pelas Nações Unidas como uma das melhores legislações no enfrentamento à violência contra a mulher, [...] ainda não fez [...] com que uma parcela da sociedade passe a ver as mulheres como cidadãs” (BENEVIDES, 2014, *on-line*). Segundo avaliação de sociólogos que fazem parte do Fórum Brasileiro de Segurança Pública, “mulher é vista como propriedade. Homem pode fazer o que quiser do corpo feminino” (BENEVIDES, 2014, *on-line*). Em outras palavras, é o mesmo que dizer que o agressor se vê como dono da companheira. E tudo está relacionado ao fato de “que é que a população entende como violência”. A título de exemplo, o veículo disponibilizou pesquisa do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) com as seguintes informações acerca de vítimas de estupro e a “percepção do brasileiro em relação à tolerância da violência contra a mulher”, na Fig. 104.

Figura 104 - Para especialistas, mulheres ainda são vistas como propriedades

Fonte: Benevides (2014, *on-line*). Disponível em: https://oglobo.globo.com/politica/para-especialistas-mulheres-ainda-sao-vistas-como-propriedades-12014705. Acesso em: 12 maio 2022.

Neste quadro com uma amostra parcial sobre a questão, observa-se que existe uma concordância total de 42,7% , seguida de mais 22,4% parciais, somando 65,1% em situações como “mulheres que usam roupas que mostram o corpo merecem ser atacadas” e 35,3% acham que “se as mulheres soubessem como se comportar, haveria menos estupros”. Estas axiologias demonstradas semanticamente no levantamento feito pelo Ipea são deduzidas a partir de um posicionamento, pensamento e comportamento social. Isso está acoplado à mentalidade que, como dizem Saffioti e Almeida (1995), quando se trata da mulher, “a sociedade revela muito menor ou nenhuma complacência” (SAFFIOTI; ALMEIDA, 1995, n. p.).

No próximo tópico, retoma-se esta discussão com base nos achados no *corpus* do destinador G1 sobre como a linguagem, particularmente, cria, se adequa e reforça todo o sistema.

9.2.1 Os pronomes como constituintes linguísticos no discurso da violência

As normas linguísticas ou “sistema de língua”, conforme Demaria (2019), empregados nas notícias do destinador G1, em um conjunto, podem representar e reiterar códigos na esfera abstrata das práticas violentas. Isso se dá em razão de os signos serem “forças sociais” (DEMARIA, 2019, p. 232). As “[...] isotopias recorrentes neste discurso coloca[m] no mesmo plano o feminimo e o objeto” e, neste sentido, “uma retórica da violência”, que corrobora com a “a atitude de conquista e posse, de dominação real, que caracteriza muitas das expressões lingüísticas” (DEMARIA, 2019, p. 88, tradução nossa)[1].

Neste universo, Fiorin (2017, p. 973) entende o discurso como “produção social da linguagem”. Tal conceito é proposto, ainda, por Arbex Jr (2001, p. 107), quando diz que só podemos nos referir aos fatos “como construções da linguagem”. Todas estas equivalências integram aspectos pertinentes ao ato comunicativo que seguem uma lógica de “visão de mundo” alinhada ao patriarcado, do qual também se originam as violências (SAFFIOTI; ALMEIDA, 1995, p. 185; GREIMAS; COURTÉS, 2008, p. 166-8; SAFFIOTI, 2011, p. 116).

Como explica Fiorin (2016), “as marcas deixadas pela enunciação no enunciado (por exemplo, pronomes pessoais e possessivos...) [...] pode[m]-se reconstruir o ato enunciativo” (FIORIN, 2016, p. 78). Durante as observações do *corpus* e recorte proposto, eis que surgem notícias que transmitem esta noção e sentimento. O método, como informou Fiorin (2016), “contém frequentemente elementos que remetem à instância do dizer”, ou seja, nesta construção linguística, “a sua esposa”, a “esposa dele”, a “mulher dele” trazem um efeito de que se ela é “dele”, ele pode fazer, com base naquela noção do “pertencimento”, o que quiser, inclusive agredir.

1 L’isotopia ricorrente in questi discorsi è quella che pone sullo stesso piano il femminile e l’oggetto. [...] una retorica della violenza [...], come ribadisce de Lauretis (1985), presente per esempio nel discorso scientifico, come ha mostrato Fox Keller (1978) nel sottolineare l’atteggiamento di conquista e di possesso, di vera e propria dominazione, che caratterizza molte delle espressioni linguistiche con cui gli scienziati descrivono il proprio oggetto di studio (DEMARIA, 2019, p. 88).

A classe gramatical composta por pronomes como o “possessivo” dá “ideia de posse” ou “pertencimento” (HOUAISS; VILLAR, 2009, p. 1560, 1563). São usados para falar de algo indicando posse em relação a outra pessoa na conversa ou em uma narrativa. Incluem objetos, sentimentos, relações, espaços. Os exemplos encontrados nos textos são: sua esposa, sua mulher, sua filha e, como linguagem, representam uma espécie de território, onde estes discursos se constituem e modalizam. Em conjunto, observou-se o uso da expressão “própria” na construção das notícias: a própria mulher, a própria esposa, que também trazem a noção de “pertencer” a alguém. Vejamos alguns casos retirados do *corpus* que seguem agora para uma análise mais aprofundada.

Na primeira matéria, o *lead* menciona que “um homem de 27 [anos] foi preso após agredir sua esposa e um policial militar, na madrugada desta sexta-feira (8), no bairro Socialista, Zona Leste de Porto Velho” (HOMEM..., 2016i). Nesta outra notícia de Porto Velho, também no início, aciona o mesmo pronome para dizer que “um homem de 23 anos foi preso após agredir sua esposa de 26 anos” (RAPAZ..., 2016b), na Fig. 105.

Figura 105 - Rapaz é preso após agredir esposa com filho no colo em Porto Velho

MENU G1 RONDÔNIA REDE AMAZÔNICA

10/01/2016 15h45 - Atualizado em 10/01/2016 17h55

Rapaz é preso após agredir esposa com filho no colo em Porto Velho

Vítima teve ferimentos leves no olho esquerdo, a criança não se feriu.
Suspeito estava embriagado e pilotava uma moto quando foi detido.

Do G1 RO

FACEBOOK

CENTRAL DE POLÍCIA

Um homem de 23 anos foi preso após agredir sua esposa de 26 anos, a agressão aconteceu na madrugada deste domingo (10), no bairro Teixeirão Zona Leste de **Porto Velho**. De acordo com a vítima ela estava em casa quando o agressor chegou chutando a porta quando ela abriu para ele entrar, o homem deu um soco em seu rosto, a jovem estava com o filho de 2 anos no colo no memento da agressão.

Fonte: Rapaz... (2016). Disponível em: https://g1.globo.com/ro/rondonia/noticia/2016/01/homem-e-preso-apos-agredir-esposa-com-filho-no-colo-em-porto-velho.html. Acesso em: 5 maio 2022.

O simulacro imagético mostra em plano mais fechado uma viatura na frente da “central de polícia” e outro carro sujo de lama. Na parede, está “Governo de Rondônia, o Estado da Cooperação”, sendo que esta última palavra está cortada ao meio. Pode querer imprimir, com estas modalidades do “poder, querer” e também do “fazer”, e transmitir a ideia de “atenção” que os governantes locais dão ao assunto, segundo abordado no tópico 8.1 do Capítulo 8 (Estado que não protege, nos casos de violência contra a mulher). O “sua”

traz a conotação de que neste relacionamento, ela é dele, combinando com a narrativa do "pertencer" a alguém. No primeiro texto, parece recorrer à concepção, que dizíamos anteriormente, de justificação de tal estado patêmico do agressor, representando neste, um "com fundamento" (GREIMAS; FONTANILLE, 1993, p. 229; CORTINA, 2004, p. 86).

Outra publicação que remonta o mesmo pensamento substitui o possessivo de "sua" namorada pela namorada "dele" (HOMEM..., 2015d), que tem o mesmo significado, mas é descrito de modo diferente, na Fig. 106.

Figura 106 - Homem de 37 anos é preso após ameaçar namorada de 70, RO

MENU G1 RONDÔNIA REDE AMAZÔNICA

28/05/2015 14h36 - Atualizado em 28/05/2015 14h36

Homem de 37 anos é preso após ameaçar namorada de 70, em RO

Suspeito é de São Paulo e casal se conheceu pela internet.
Filho da vítima diz que homem tem problemas psiquiátricos.

Do G1 RO

FACEBOOK

Homem foi preso por ameaça e levado para a Central de Flagrantes (Foto: Gaia Quiquió/G1)

Um homem de 37 anos foi preso após ameaçar a namorada dele, de 70 anos de idade, no bairro Agenor de Carvalho, na Zona Norte de Porto Velho, na noite de quarta-feira (27). O suspeito também ameaçou o filho da vítima. Segundo a polícia, o homem disse que ia "tirar as tripas" da companheira com uma faca.

De acordo com o boletim de ocorrência, o filho da mulher relatou que presenciou o casal trocando ofensas e, quando foi intervir, o agressor o ameaçou.

O rapaz disse ainda que o suspeito tem problemas psiquiátricos e veio de São Paulo, há quatro meses, para conhecer a mãe dele pessoalmente, após o casal se conhecer por meio de uma rede social na internet.

O suposto agressor foi levado para a Central de Flagrantes da Polícia Civil e pode responder pelo crime de ameaça, cuja pena pode chegar a seis meses de detenção e multa.

Fonte: Homem... (2015d). Disponível em: https://g1.globo.com/ro/rondonia/noticia/2015/05/homem-de-37-anos-e-preso-apos-ameacar-namorada-de-70-em-ro.html. Acesso em: 5 maio 2022.

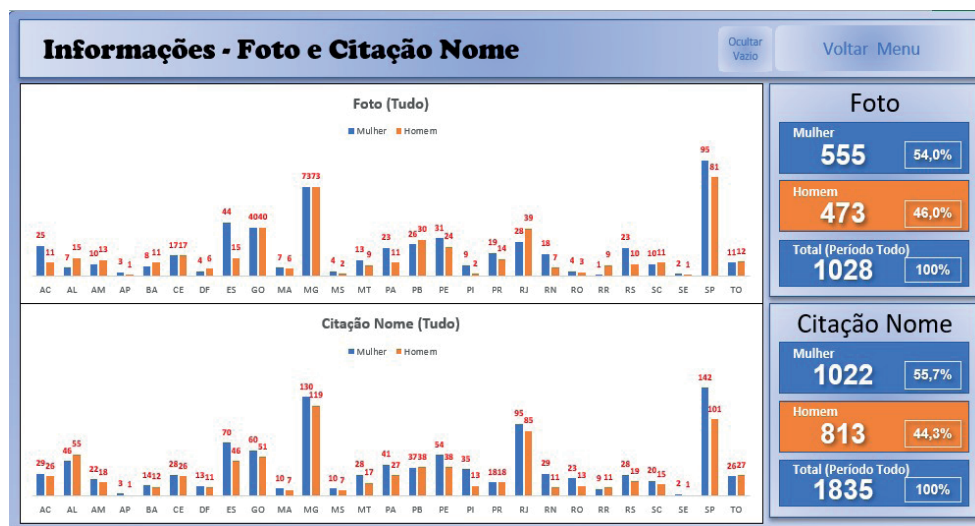
A fotografia é a mesma que a anterior só, que desta vez, o enquadramento é mais aberto, mostrando uma quantidade maior de carros em frente à delegacia, localizada em um espaço pequeno, parecendo um galpão. Aliás, sobre a figura usada, em várias notícias desta região, este recurso gráfico é, provavelmente, editado, reutilizado ou repetido, atribuindo um sentimento de generalização dos casos de violência, que pode construir um sentido de pouca importância ou descaso em relação ao sujeito prejudicado, já que se trata de local para atender as vítimas de agressão, mas não unicamente a elas. Todos estes textos têm uma semelhança: eles reforçam, por meio das classes gramaticais em questão

um pertencimento que, por outro lado, pode simbolizar uma estratégia discursiva como um elemento constitutivo de uma abstração passional. Lembra que estes, segundo Lima (2017), compreendem formas de construções (timias) dos universos passionais que, dentro de um percurso tensivo "controlam as culturas individuais e as coletivas" (LIMA, 2017, p. 855; GREIMAS; FONTANILLE, 1993).

Note-se, neste ato comunicativo, dois tipos de simulacros discursivos pelo mesmo destinador: o verbal (G1), destacando "a namorada dele" e, em contrapartida, o imagético, dando ênfase ao projeto institucional de "atenção" à mulher, multiplicando a mesma figura que, desta vez, traz uma possível representação de que muitos atendimentos estão sendo realizados no local.

Todos os enunciadores, em cada esfera, integram a modalidade do "poder": (i) o primeiro vem das estratégias discursivas do G1 que se manifestam no ato de comunicar; (ii) em transmitir a ideia do poder que o homem tem (ou acha) que tem sobre a namorada; (iii) e por exprimir que as instituições governamentais dão "atenção" às mulheres. Ou seja, nesses discursos, a vítima está em três aspectos sob sujeição de um terceiro: do destinador G1, do agressor e, por último, do Estado, parecendo nunca ter controle sobre si mesma. Também significa o que Fiorin (2007, p. 11) disse "na enunciação, temos o "discurso apaixonado", quando dos elementos lingüísticos depreende-se um tom passional presente no próprio ato de tecer o texto". Em todas estas estruturas, os emissores discursivos comunicam ou reforçam veladamente suas "paixões" ou estados patêmicos dentro das narrativas que se inserem.

Neste outro caso, o pronome "dele" também é reiterado (HOMEM..., 2014i). Enuncia "o homem foi preso [...] por tentativa de homicídio, após atropelar duas vezes a esposa dele, em uma via da cidade" (HOMEM..., 2014i). Percebe-se o uso recorrente tanta da fotografia da "central de polícia", nas ocorrências, como de pronomes; parte destes relatos associam-na ao actante da agressão, chamando-a de "sua mulher", "sua esposa" ou, a "mulher dele", quando poderiam citar seu nome e evitar, deste modo, tal vinculação, que passa a ser traumática diante desta situação. Nesta linha de raciocínio, é preciso lembrar, ainda, em que outros momentos isso ocorreu, conforme apontou a pesquisa quantitativa desse *corpus*, no Gráfico 13.

Gráfico 13 - Foto e citação de nome

Fonte: Elaborado pela autora (2022).

Na interpretação dos dados, no que tange à exposição das vítimas nas notícias, elas têm seus simulacros imagéticos mostrados em 54% das fotos, enquanto os homens, em 46%. Quanto à citação dos nomes da mulher, 55,7% das matérias trazem a identificação delas e 44,3%, dos atores das agressões. Entende-se, a partir desta análise, que o que prevalece em toda a problemática são as construções discursivas que seguem baseadas também no sistema linguagem.

Outro termo que é usado nos textos do G1 é “própria” para se referir à mulher: “própria mulher”, “própria esposa” e, dependendo da forma que usado nas construções linguísticas, também pode reforçar a ideia de propriedade. O substantivo “próprio” diz respeito ao “que pertence”, reforçando a ideia deste tópico sobre “pertencimento” (HOUAISS; VILLAR, 2009, p. 1563). Nesta matéria, na Fig. 107, diz

Figura 107 - Homem é preso por bater na própria mulher em Búzios

MENU G1 REGIÃO DOS LAGOS

01/05/2015 11h45 - Atualizado em 01/05/2015 11h45

Homem é preso por bater na própria mulher em Búzios, no RJ

Vítima procurou a delegacia toda machucada.
Mulher estava sob medida protetiva.

Do G1 Região dos Lagos

FACEBOOK

Um homem foi preso por agredir a mulher durante a noite de quinta-feira (30), no bairro São José, em Armação dos Búzios, na Região dos Lagos do Rio. Segundo informações da polícia, a vítima procurou a delegacia da cidade com vários ferimentos. Prestou depoimento e declarou que o companheiro a havia agredido.

Policiais civis foram até a casa do casal e encontraram o agressor. Ele resistiu à prisão, mas foi detido e enquadrado na Lei Maria da Penha, descomprimento de medida protetiva e desacato à autoridade. A mulher foi levada para o Hospital Rodolpho Perissé para ser atendida.

Fonte: Homem... (2015e). Disponível em: https://g1.globo.com/rj/regiao-dos-lagos/noticia/2015/05/homem-e-preso-por-bater-na-propria-mulher-em-buzios-no-rj.html. Acesso em: 8 maio 2022.

Pensando na linguagem como "signos [que] são forças sociais" e que o "o discurso é a produção social da linguagem", segundo Demaria (2019, p. 232) e Fiorin (2017, p. 973), logo no enunciado, o destinador G1 qualifica a vítima como "propriedade" do homem (HOMEM..., 2015e). Percebe-se que é possível descrever o fato de modo diferente. No *lead*, por exemplo: "um homem foi preso por agredir a mulher" [...] segundo informações da polícia, a vítima" (HOMEM..., 2015e). Corrobora com a análise de que o cuidado e a desassociação podem ser feitos a começar pelas narrativas midiáticas. Ora, se "os signos são forças sociais", como disse Demaria (2019), e podem, em um conjunto, fortalecer uma ideia, é propício, neste sentido, destacar o que Landowski (2012, p. 13) menciona que o "o discurso das mídias, evidentemente, cumpre um papel determinante nisso".

No próximo texto, na Fig. 108, enuncia,

Figura 108 - Homem esfaqueia a própria mulher durante discussão

MENU G1 RIO GRANDE DO NORTE INTER TV

09/06/2014 07h34 - Atualizado em 09/06/2014 07h34

Homem esfaqueia a própria mulher durante discussão no interior do RN

Crime aconteceu no início da noite deste domingo (8) em Assu.
Segundo a PM, vítima foi internada em estado grave e marido está foragido.

Rafael Barbosa
Do G1 RN

FACEBOOK

Um homem esfaqueou a própria mulher depois de uma discussão durante a noite deste domingo (8) dentro da residência do casal, na cidade de Assu, na região Oeste do **Rio Grande do Norte**. Segundo a Polícia Militar, a vítima foi atingida três vezes na altura do pescoço. Ela foi socorrida ao hospital em estado grave. Já o marido, permanece foragido.

saiba mais

RN tem maior crescimento do número de homicídios do Brasil em 10 anos

RN tem um branco assassinado para cada cinco negros, indica estudo

Jovem é morto a tiros em ponto de mototáxi em Assu, RN

Homem é morto com vários tiros no município de Assu, RN

De acordo com o cabo Canindé Lopes, do 10º Batalhão da PM, o crime aconteceu por volta das 18h30, no bairro João Paulo II. "Vizinhos nos acionaram informando que a mulher estava sendo agredida. Mas, quando chegamos lá, já a encontramos desacordada e sangrando bastante", relatou.

Ainda segundo o cabo, uma das vizinhas contou que esta não foi a primeira vez que a mulher sofre agressões. "Eles disseram que isso acontecia rotineiramente", acrescentou o policial. O suspeito não estava mais na casa no momento em que a polícia chegou.

Canindé Lopes afirmou também que o homem já foi preso alguma vezes por envolvimento com o tráfico de drogas na região. "Ele é conhecido aqui na cidade", confirma. Apesar ter ter a identificação do suspeito, o nome não foi revelado para não atrapalhar as investigações.

A mulher foi socorrida ao hospital de **Assu**, mas logo ao dar entrada na unidade foi encaminhada para o Hospital Regional Tarcísio Maia, em **Mossoró**, em virtude da gravidade dos ferimentos.

Fonte: Barbosa (2014, *on-line*). Disponível em: https://g1.globo.com/rn/rio-grande-do-norte/noticia/2014/06/homem-esfaqueia-propria-mulher-durante-discussao-no-interior-do-rn.html. Acesso em: 7 maio 2022.

Além de reiterar, tanto no título quanto no *lead*, que o "[...] homem esfaqueou a própria mulher", a narrativa recorre ao estereótipo da mulher "conformada" que trabalhamos no Capítulo 6, quando, veladamente, usa, no discurso indireto dos entrevistados "cabo" e "vizinha", no terceiro parágrafo, a construção frasal "[...] eles disseram que isso acontecia rotineiramente" (BARBOSA, 2014, *on-line*). Sucessivamente, as notícias alimentam o rótulo da mulher "conformada" e isso independe da região em que o ato se consuma. Por exemplo, na Fig. 109,

Figura 109 - Homem é preso ao agredir a mulher em distrito de Porto Velho

Fonte: Homem... (2016j). Disponível em: https://g1.globo.com/ro/rondonia/noticia/homem-e-preso-apos-agredir-a-propria-esposa-em-porto-velho.ghtml. Acesso em: 26 maio 2022.

Percebe-se, na linha fina e no *lead* desta matéria de Porto Velho (RO), que o padrão se repete: "ao agredir a socos a própria esposa [...] moradores e vizinhos disseram que as agressões são comuns" (HOMEM..., 2016j, *on-line*). Fora o dito de que tudo que é repetido incessantemente, em um dado tempo, se aprende. Para Serva (2001), a repetição nas notícias que parecem um "copia e cola" também pode gerar ou trazer um efeito de cansaço no leitor em relação ao tema, fazendo-o perder o interesse pelo assunto porque se constrói de modo automático. Ao mesmo tempo, é não percebido o pensamento de que se não tem nada de "novo" ou "novidade" para se saber, não precisa se ater (SERVA, 2001, p. 123). Além de quê, a reprodução dos "estereótipos", conforme propõe Landowski (2012, p. 13), "uma vez construídos, só farão, uns e outros, reforçarem-se na mesma proporção do uso repetido que deles é feito".

Em uma reportagem, vemos que o "homem esfaqueia a própria mulher" (BARBOSA, 2014, *on-line*), e, na outra, lê-se "um homem de 35 anos foi preso nesta quarta-feira (7) em Valparaíso de Goiás, no Entorno do Distrito Federal, suspeito de ter ateado fogo na própria esposa" (HOMEM..., 2014j), na Fig. 110.

Figura 110 - Homem é preso suspeito de atear fogo na esposa

MENU G1 GOIÁS TV ANHANGUERA

07/05/2014 20h14 - Atualizado em 07/05/2014 20h14

Homem é preso suspeito de atear fogo na esposa em Valparaíso de GO

Crime ocorreu no início do mês passado; delegado crê em crime passional. Vítima teve 80% do corpo queimado e está internada em estado grave.

Do G1 GO, com informações da TV Anhanguera

FACEBOOK

Um homem de 35 anos foi preso nesta quarta-feira (7) em **Valparaíso de Goiás**, no Entorno do Distrito Federal, suspeito de ter ateado fogo na própria esposa, de 28. Ela teve 80% do corpo queimado e está internada em estado grave no Hospital Regional da Asa Norte, em Brasília.

O crime ocorreu no início do mês passado. Desde então, o suspeito, que se declara inocente, estava foragido. Segundo o delegado Eduardo Gomes, responsável pelo caso, testemunhas disseram que o casal era bastante ciumento e brigava muito. Ele acredita na possibilidade de crime passional.

"[As testemunhas] informaram que havia um ciúme muito grande por parte de ambos. A gente acredita que foi algo passional", afirma Gomes.

O delegado informou ainda que a mulher já havia denunciado o marido por ameaça. A polícia tem dez dias para encerrar o inquérito.

"A gente ouve outras testemunhas que possam ajudar e juntar à perícia de local de crime para corroborar", explica o responsável pela apuração.

Fonte: Homem... (2014j). Disponível em: https://g1.globo.com/goias/noticia/2014/05/homem-e-preso-suspeito-de-atear-fogo-na-esposa-em-valparaiso-de-go.html. Acesso em: 8 maio 2022.

Nos processos ou estados de patemização do sujeito agressor, estão contidas as modalizações do ser “apaixonado” que é, segundo Cortina (2004), “movido por um desejo de possessão (querer-ter)”, tal como significam redundantemente os enunciados constituídos dentro da lógica do esquema passional canônico. O discurso do “ciumento” literalmente é enunciado no segundo parágrafo, nestes termos: “testemunhas disseram que o casal era bastante ciumento e brigava muito” (HOMEM..., 2014j, *on-line*). Ou seja, nesta carga emocional descrita no texto como “passional”, o ato ganhou força na tentativa de destruição do corpo do “rival” criado no imaginário do homem, no caso, a mulher, pelo

fogo. (GREIMAS; FONTANILLE, 1993, p. 171; 230; CORTINA, 2004, p. 84; SIMULACRO, 2016, p. 4).

Ora é pela facada, ora pelo fogo ou outras “armas” e, como disse Maffesoli (2001, p. 75), “as construções mentais se tornam eficazes em relação ao concreto” como “cimento” social que é difícil de se quebrar”. Na arma, o meio de agredir a mulher ou até “eliminá-la” também se percebem as modalizações “atualizantes” do “saber” e “poder” e “realizantes” do “fazer” em ato do sujeito passional (GREIMAS; COURTÉS, 1993; GREIMAS; COURTÉS, 2008, p. 315). Simbolicamente, traz a ideia, segundo os estudos de Jablonka (2021), de que “a arma, privilégio das elites masculinas”, ou não necessariamente das “elites”, uma vez que, quando se “quer” algo, se encontra uma forma de “eliminar”, mesmo que seja pelo fogo, e passa a portar “novos significados: se a mulher tem o dom de criar a vida, o homem é capaz de tirá-la” (JABLONKA, 2021, p. 39).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O tema da violência contra a mulher não se esgota e, embora a Lei Maria da Penha (BRASIL, 2006), tenha representado uma conquista e um grande avanço nas lutas feministas dos últimos dois séculos – no intuito de tratar, de modo efetivo, desta problemática, que tem base no sexismo e patriarcado (SAFFIOTI, 1987; 2011; LERNER, 2019; JABLONKA, 2021) –, observou-se, ao logo deste trabalho, que as recorrências são sempre as mesmas no nível em que se constroem os discursos e se seguem as práticas.

Um exemplo são termos que se ressignificam ao mesmo tempo em que ganham um novo sentido, como o verbete “brincadeira”. No ato comunicativo, o significado de brincadeira perde o sentido original, que é de “diversão” ou de algo “saudável” (HOUAISS; VILLAR, 2009, p. 327) para dar lugar ao feito violento. O mais intrigante nisso é que o efeito de sentido gerado pode ser exatamente o de que é algo sem importância, corriqueiro (ARBEX JR, 2001). Na notícia “Preso suspeito de agredir e deixar a mulher com paralisia temporária” (SANTIAGO, 2016, *on-line*), a linha fina enuncia “Homem disse que foi brincadeira” e, em um dos parágrafos, o delegado teria mencionado “foi uma brincadeira de casal”. Ou seja, de acordo com a matéria, a “brincadeira deixou a vítima com paralisia temporária” (SANTIAGO, 2016, *on-line*) que, nas “aspas”, soa uma ironia que nem todos os destinadores podem vir a compreender. Todas são análises com base nas escolhas e construções discursivas do destinador G1 (MORAES, 2022).

Vemos que casos como esses correspondem ao que Landowski (2012) disse acerca de publicações midiáticas em relação a problemáticas existentes no meio social. “Reforçam-se na mesma proporção do uso repetido que deles será feito. O discurso das mídias, evidentemente, cumpre um papel determinante nesse sentido” (LANDOWSKI, 2012, p. 13).

Percebeu-se, no *corpus* trabalhado, que as notícias não se aprofundaram sobre a Lei Maria da Penha (BRASIL, 2006) e nos direitos das mulheres nos episódios de violência e, quando se fazia menção, era sucintamente, ou de modo superficializado. Observamos, ainda no levantamento do *corpus*, que, em alguns dos anos que o próprio destinador G1 informou disponibilizar na planilha publicada sobre os “10 anos de comemoração da LMP” (2006-2010), não havia nenhum registro, a exemplo: em 2007. Em 2006, foram publicadas somente três matérias e, em 2008, apenas uma. Tal fato pode ser associado a uma falta de visibilidade e, neste ponto, são acionadas modalidades como poder, querer e fazer, relacionadas ao “poder não ver”, “não querer ver”, “não fazer ver” o assunto (LANDOWSKI, 1992; GREIMAS; FONTANILLE, 1992; GREIMAS; CORTÉS, 2008). Ou se explica por meio de uma estratégia que Serva (2001, p. 66) chama de sonegação.

No entanto, é justo observar que, entre 2009 e 2016, começaram a ser divulgados mais casos e isso é um destaque a ser feito, representando a contribuição da mídia, que pode convergir com a ideia da “mudança” de estratégia discursiva, associada, quem sabe,

às modificações dos “logos” do G1 no decorrer dos anos, conforme foi trabalhado no início do livro, como forma de dar mais atenção e espaço para tratar do assunto.

Sucessivamente, foram identificadas isotopias temáticas discursivas do ciúme, fim de relacionamento e inconformismo como uma espécie de justificativa para a agressão; além destas “motivações”, vimos outras no capítulo de semiótica das paixões ou do “discurso apaixonado” (GREIMAS; FONTANILLE, 1992; FIORIN, 2007, p. 11), que se assemelham a aspectos de proteção ou amenização da culpa do agressor, utilizando termos estados patêmicos, como “desequilíbrio”, “transtorno”, “descontrole”.

Fora estas estratégias, outros exemplos encontrados seguem a linha de que o homem estava “sob o efeito de álcool ou droga” (EMBRIAGADO..., 2014), parecendo que há sempre uma explicação para o ato violento. Outras vezes, foram percebidas nas construções textuais o discurso da “posse”, que vem acompanhada do uso dos “possessivos” (“sua mulher”, “sua filha”), que dão a ideia, ainda, de “pertencimento” (FIORIN, 2016, p. 78; LERNER, 2019). Nesta esteira, foi observado que, em 52 simulacros discursivos indiretos (do pai, da mãe, da família, do delegado, do policial) do destinador G1, especialmente impressos por meio da linguagem verbal, se encontraram aspectos de culpabilização da vítima, o que traduz uma visão de mundo (GREIMAS; COURTÉS, 2008), que torna a mulher culpada por ser estuprada, por ter sido agredida, por ter sido morta.

A pesquisa retratada por Benevides (2014), embora diga a respeito, sobretudo, à violência sexual, dialoga com esta informação. Nesta sondagem, mostrou-se que existe uma concordância total de (42,7%) em situações como as de que “mulheres que usam roupas que mostram o corpo merecem ser atacadas” e 35,3% acham que “se as mulheres soubessem como se comportar, haveria menos estupros”. Nos casos de violência física, uma parcela dos entrevistados (26%) concorda que “mulher que é agredida e continua com o parceiro gosta de apanhar”. Assim, percebe-se que o que é replicado no campo das ideias ou discursos se legitima nas práticas cotidianas. Corresponde exatamente aos “ditos populares” que Saffioti (1987) lembrou há quase 40 anos sobre as crenças e “chacotas” sofridas até mesmo nas delegacias, conduzidas por homens, de que “mulher gosta de apanhar” ou “mulher que apanha agiu incorretamente”.

Mesmo que os textos se refiram às representações de estados (regiões) diferentes do País, com panoramas sociais, culturais distintos, as isotopias temáticas, figurativas e plásticas se repetem justamente por se tratar de um sistema hegemônico que vai desde as narrativas apresentadas até as vivências cotidianas.

Importante lembrar, segundo levantamento quantitativo do *corpus*, que 54,9% das notícias são de cunho sensacionalista, o que incide em algumas questões baseadas em Arbex Jr e Serva (2001): (i) tornam cansativo um assunto tão relevante que apenas desperta interesse superficial no destinatário, não contribuindo para uma conscientização maior; (ii) a própria característica da notícia, de certa forma, descredita os fatos. Neste ponto, considera-se a necessidade de tratar casos tão graves de modo menos sensacional para

não, apenas, causar impacto nos destinatários em relação ao conteúdo, mas a reflexão acerca do assunto (SERVA, 2001; ARBEX JR, 2001; TEIXEIRA, 2011).

Sobre o tópico “Ausência do Estado”, ficou configurado que, tanto nos discursos midiáticos quanto políticos, a vítima de violência ainda carece de mais atenção, podendo esta constatação ser feita a partir do número de delegacias e abrigos, que ainda é muito baixo em todo o território nacional (COSTA; TATSCH, 2019; AMOROZO; MAZZA; BUONO, 2020). É importante destacar que pesquisas como estas visam promover maior conscientização tanto em relação à mídia quanto aos órgãos responsáveis em prestar atendimento à mulher, uma vez que aparelhos importantes de segurança, que fazem parte de diretrizes da Lei Maria da Penha (BRASIL, 2006), ainda são poucos. É necessário apontar que em 2023, o atual governo criou o Ministério da Mulher, que deve ter um olhar mais atento para essas questões. Além disso, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva sancionou uma lei, em abril, que prevê medidas protetivas de urgência às mulheres a partir da denúncia (SENADO, 2023).

Tendo em vista que um número maior de pesquisas e esforços têm sido empregados na atualidade para reduzir a “erva daninha”, como atribuem Saffioti e Almeida (1995, n. p.), sugere-se, de modo enfático, a realização de outros trabalhos com base neste estudo, utilizando do mesmo arcabouço teórico-metodológico e expandindo ainda mais o olhar para esse fenômeno. Ou que se desenvolvam produções a partir de outros métodos, dada importância de que, cada vez mais, se trate de maneira clara e compreensível deste tema de tamanha demanda e pertinência, a fim de educar e dialogar com a sociedade como um todo sobre o problema, buscando alternativas e soluções mais urgentes.

REFERÊNCIAS

A BÍBLIA. **Quem dentre vós não tiver pecado, atire a primeira pedra**. Tradução de João Ferreira de Almeida. São Paulo: Sociedade Bíblica Trinitariana do Brasil, 2011, xx p. Velho e Novo Testamento.

AGREDIDA a socos pelo marido, mulher desiste da denúncia: 'dependo dele'. G1 Santarém e região, 2015. Disponível em: https://g1.globo.com/pa/santarem- regiao/noticia/2015/01/agredida-socos-pelo-marido-desiste-de-denuncia-e-diz-dependo- dele.html. Acesso em: 24 mar. 2022.

AGRICULTOR agride enteada e companheira e ameaça PM, em RO. G1 Rondônia, 22 out. 2014. Disponível em https://g1.globo.com/ro/rondonia/noticia/2014/10/agricultor-agride- enteada-e-companheira-e-ameaca-pm-em-ro.html. Acesso em: 13 abr. 2022.

ALVES, Carley Rodrigues; ALVES, Márcia Brito Nery. Identidade e pertencimento: reflexões sobre os processos culturais na modernidade. *In*: COLÓQUIO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO E CONTEMPORANEIDADE, 4, Sergipe, 2010. **Anais** [...]. Sergipe: Universidade Federal de Sergipe, 2010. Disponível em: https://ri.ufs.br/bitstream/riufs/10312/6/5.pdf. Acesso em: 25 maio 2022.

AMOROZO, Marcos; MAZZA, Luigi; BUONO, Renata. **No Brasil, só 7% das cidades têm delegacias de atendimento** à **mulher**. Piauí, 30 dez. 2020. Disponível em: https://piaui.folha.uol.com.br/no-brasil-so-7-das-cidades-tem-delegacias-de-atendimento- mulher/. Acesso em: 2 maio. 2022.

ÂNGELA Diniz é morta a tiros em Búzios, em 1976, pelo playboy Doca Street. Acervo O Globo, 24 set. 2013. Disponível em: https://oglobo.globo.com/acervo/fatos-historicos/angela- diniz-morta-tiros-em-buzios-em-1976-pelo-playboy-doca-street-10125920. Acesso em: 14 mar. 2022.

APESAR DE MEDIDA protetiva, homem tenta matar mulher em Montes Claros. G1 Grande Minas, 6 out. 2015. Disponível em: https://g1.globo.com/mg/grande- minas/noticia/2015/10/apesar-de-medida-protetiva-homem-tenta-matar-mulher-em-montes- claros.html. Acesso em: 12 abr. 2022.

APESAR DE MEDIDA protetiva, homem invade casa e ameaça ex-mulher. G1 Prudente e região, 12 mar. 2016. Disponível em: https://g1.globo.com/sp/presidente-prudente- regiao/noticia/2016/03/apesar-de-medida-protetiva-homem-invade-casa-e-ameaca-ex- mulher.html. Acesso em: 13 abr. 2022.

APOSENTADA denuncia marido após ser agredida por golpes de chicote. G1 Rio Preto e Araçatuba, 2015. Disponível em: https://g1.globo.com/sao-paulo/sao-jose-do-rio-preto- aracatuba/noticia/2015/01/aposentada-denuncia-marido-apos-ser-agredido-por-golpes-de- chicote.html. Acesso em: 12 mar. 2022.

ARAÚJO, Alex; HENDERSON, Yuri. Marido é suspeito de jogar panela com feijão quente na mulher em Belo Horizonte porque jantar não estava pronto. G1 Minas Gerais, 2023. Disponível em: https://g1.globo.com/mg/minas-gerais/noticia/2023/01/13/marido-e-suspeito-de-jogar-panela-com-feijao-quente-na-mulher-em-belo-horizonte-porque-jantar-nao-estava- pronto.ghtml. Acesso em: 14 jan. 2023.

ARBEX JÚNIOR, José. **Shownarlismo**: a notícia como espetáculo. São Paulo: Casa Amarela, 2001.

BAGGIO, Adriana Tulio. **Mulheres de saia na publicidade**: regimes de interação e de sentido na construção e valoração de papéis sociais femininos. 2015. 217 f. Tese (Doutorado em Comunicação) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2015.

BAGGIO, Adriana Tulio. Discursos sobre assédio sexual de rua e seu diálogo com contrato semiótico de responsabilização da vítima. **Acta Semiotica et Lingvistica**, São Paulo, v. 26, n. 1, p. 72-87, maio 2021. Disponível em https://periodicos.ufpb.br/index.php/actas/article/view/57776. Acesso em: 24 maio 2022.

BALDAN, Maria de Lourdes Ortiz Grandin. Veridicção: um problema de verdade. **Alfa**, São Paulo, v. 32, p. 47-52, 1988.

BARROS, Diana Luz Pessoa de. **Teoria Semiótica do Texto.** Série Fundamentos. 4. ed., São Paulo. Editora Palma, 2005.

BEAUVOIR, Simone. **Segundo Sexo**: mitos e fatos. Tradução de Sérgio Milliet, São Paulo, 4. ed. [*S. l.*]: Difusão Européia do Livro, 1970.

BARBOSA, Rafael. **Homem esfaqueia a própria mulher durante discussão no interior do RN**. G1 Rio Grande do Norte, 9 jun. 2014. Disponível em: https://g1.globo.com/rn/rio-grande- do-norte/noticia/2014/06/homem-esfaqueia-propria-mulher-durante-discussao-no-interior-do- rn.html. Acesso em: 7 maio 2022.

BENEVIDES, Carolina. **Para especialistas, mulheres ainda são vistas como propriedades**. O Globo, 2014. Disponível em: https://oglobo.globo.com/politica/para-especialistas-mulheres- ainda-sao-vistas-como-propriedades-12014705. Acesso em: 12 maio 2022.

BRASIL. **Lei n.º 11.340**, de 7 de agosto de 2006 (Lei Maria da Penha). Cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher, nos termos do § 8º do art. 226 da Constituição Federal, da Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra as Mulheres e da Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência contra a Mulher; dispõe sobre a criação dos Juizados de Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher; altera o Código de Processo Penal, o Código Penal e a Lei de Execução Penal; e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004- 2006/2006/Lei/L11340.htm. Acesso em: 27 jul. 2018.

BRASIL. Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania. Disque 100, 2022a. Disponível em: https://www.gov.br/mdh/pt-br/disque100. Acesso em: 3 mar. 2022.

BRASIL. Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania. Ligue 180, 2022b. Disponível em: https://www.gov.br/mdh/pt-br/ligue180. Acesso em: 3 mar. 2022.

BRASIL. Presidência da República. Secretaria de Comunicação Social. Pesquisa brasileira de mídia 2014: hábitos de consumo de mídia pela população brasileira. Brasília: Secom, 2014. Disponível em: http://fndc.org.br/publicacoes/pesquisas-e-relatorios/pesquisa-brasileira-de-midia-2014-habitos-de-consumo-de-midia-pela-populacao-brasileira/. Acesso em: 31 jul. 2021.

BRITO, Guilherme. **Suspeito de matar mulher no Rio anuncia crime em rede social**. G1 Rio de Janeiro, 3 jun. 2014. Disponível em: http://g1.globo.com/rio-de- janeiro/noticia/2014/06/homem-anuncia-que-vai-matar-mulher-em-rede-social-e-pratica-o- crime-no-rio.html. Acesso em: 14 mar. 2022.

CAMPOS, Danieli Aparecida. **Pra que rimar amor e dor**: análise das representações da violência de gênero na revista Marie Claire (2002-2011). Orientadora: Barbara Heller. 2013. 187 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Programa de Pós-Graduação, Universidade Paulista, São Paulo, 2013. Disponível em: https://repositorio.unip.br/dissertacoes-teses-programa-de-pos-graduacao-stricto-sensu-em-comunicacao/pra-que-rimar-amor-e-dor-analise-das-representacoes-da-violencia-de-genero-na-revista-marie-claire-2002-2011/#gid=tainacan-item-gallery-block_id-tainacan-item-attachments_id-6075&pid=1. Acesso em: 20 jan. 2022.

CAPISTRANO, Ísis; FERNANDES, Pâmela. **Mulher de RO ferida com** ácido **já tinha registrado 12 ocorrências contra ex**. G1 Rondônia, 16 nov. 2015. Disponível em: https://g1.globo.com/ro/rondonia/noticia/2015/11/mulher-de-ro-ferida-com-acido-ja-tinha-registrado-12-ocorrencias-contra-ex.html. Acesso em: 18 abr. 2022.

CARLETTI, Isabela. **Corpo, mídia e gênero**: comunicação na prática instável da existência. 2019. 76 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Semiótica) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2019. Disponível em: https://tede2.pucsp.br/bitstream/handle/22439/2/Isabela%20Carletti.pdf. Acesso em: 16 maio 2022.

CARVALHO, Adelcimar. **No AC, padrasto e tio-avô são presos suspeitos de estuprar adolestente**. G1 Acre. Disponível em: https://g1.globo.com/ac/acre/noticia/2015/07/no-ac- padrasto-e-tio-avo-sao-presos-suspeitos-de-estuprar-adolescente.html. Acesso em: 11 mar. 2022.

CASA de sogra pega fogo e polícia apura suposta participação de genro. G1 São Carlos e Araraquara, 2016. Disponível em: https://g1.globo.com/sp/sao-carlos- regiao/noticia/2016/07/casa-de-sogra-pega-fogo-e-policia-apura-suposta-participacao-de- genro.html. Acesso em: 12 mar. 2022.

CASTRO, Hadyenka. **'É a palavra dela contra minha', diz suspeito de deixar mulher em cárcere**. G1 Mato Grosso do Sul, 20 dez. 2013. Disponível em: https://g1.globo.com/mato- grosso-do-sul/noticia/2013/12/e-palavra-dela-contra-minha-diz-suspeito-de-deixar-mulher- em-carcere.html. Acesso em: 15 abr. 2022.

CASTRO, Luiz Felipe. **Subnotificação e gatilhos**: o drama da violência doméstica na quarentena. Veja, 26 mar. 2021. Disponível em: https://veja.abril.com.br/brasil/subnotificacao- e-gatilhos-o-drama-da-violencia-domestica-na-quarentena. Acesso em: 11 mar. 2022.

CINCO MULHERES sofrem violência a cada hora em Santa Catarina. G1, 2016. Disponível em: https://g1.globo.com/sc/santa-catarina/noticia/2016/05/cinco-mulheres-sofrem-violencia-cada-hora-em-santa-catarina.html. Acesso em: 19 abr. 2022.

CLEMENTE, Mariana Braga. **Moda e modos de consumo no Brasil do século XX**: revistas e a construção de aparências. 2015. 360 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2015.

COMERCIANTE é preso após agredir a filha de 15 anos e ameaçar a mulher. G1 Piracicaba e região, 2015. Disponível em: https://g1.globo.com/sp/piracicaba- regiao/noticia/2015/03/comerciante-e-preso-apos-agredir-filha-de-15-anos-e-ameacar-mulher- piracicaba.html. Acesso em: 11 abr. 2022.

COPACABANA tem manifestação pelos direitos das mulheres. G1 Rio de Janeiro, 8 mar. 2015. Disponível em: https://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2015/03/copacabana-tem- manifestacao-pelos-direitos-da-mulheres.html. Acesso em: 27 abr. 2022.

CONSENZA, Giovanna; COLOMBARI, Jennifer; GASPARRI, Elisa. How Italian Advertising Represents Women and Men. Towards a Methodology for the Semiotic Analysis of Stereotypes. **Gender/Sexuality/Italy**, [**S. l.**], v. 4, p. 190-2017, set. 2017. Disponível em: https://www.gendersexualityitaly.com/wp-content/uploads/2017/08/24.-Cosenza-Colombari- Gasparri-How-Italian-Advertising-Represents-Women-and-Men_Formatted.pdf. Acesso em: 24 maio 2022.

CORTINA, Arnaldo. A semiótica das paixões e a análise da dimensão passional dos enunciados. **Alfa**, São Paulo, v. 48, n. 2, p. 79-94, 2004.

COSTA, Catarina. Homem é suspeito de esfaquear mulher após pedido de divórcio no PI. G1 Piauí, 10 jun. 2014. Disponível em: https://g1.globo.com/pi/piaui/noticia/2014/06/homem-e-suspeito-de-esfaquear-mulher-apos-pedido-de-divorcio-no-pi.html. Acesso em: 18 abr. 2022.

COSTA, Daiane; TATSCH, Constança. Treze anos após Lei Maria da Penha, só 2,4% das cidades têm casas-abrigo para mulheres. O Globo, 25 set. 2019. Disponível em: https://oglobo.globo.com/brasil/celina/treze-anos-apos-lei-maria-da-penha-so-24-das-cidades-tem-casas-abrigo-para-mulheres-23972179. Acesso em: 5 dez. 2022.

COSTA, Emily. **Mulher** é **mantida em cárcere com os 5 filhos pelo marido em RR: 'pesadelo'**. G1 Roraima, 20 jun. 2016. Disponível em: https://g1.globo.com/rr/roraima/noticia/2016/06/mulher-e-mantida-em-carcere-com-os-5- filhos-pelo-marido-em-rr-pesadelo.html. Acesso em: 15 abr. 2022.

CRIANÇA avisa polícia sobre violência doméstica e suspeito é preso. G1 Mato Grosso do Sul, 22 jun. 2014. Disponível em: https://g1.globo.com/mato-grosso-do-sul/noticia/2014/06/crianca-avisa-policia-sobre-violencia-domestica-e-suspeito-e-preso.html. Acesso em: 12 abr. 2022.

DADO revela que 36% de agressores de mulheres são ex-companheiros. G1 Prudente e região. Disponível em: https://g1.globo.com/sp/presidente-prudente-regiao/noticia/2015/03/dado- revela-que-36-de-agressores-de-mulheres-sao-ex-companheiros.html. Acesso em: 11 mar. 2022

DEMARIA, Cristina. **Teorie di Genere**: Femminismo, critica postcoloniale e semiótica. Milão: RCS Libri S.p.A, 2019.

DEMURU, Paolo. De Greimas a Eric Landowski. A experiência do sentido, o sentido da experiência: semiótica, interação e processos sócio-comunicacionais. **Galáxia,** São Paulo, Especial 2, p. 85-113, dez. 2019. Disponível em: https://revistas.pucsp.br/index.php/galaxia/article/view/45630/30560. Acesso em: 18 jan. 2022.

DEMURU, Paolo; GARCIA, Janete Monteiro. De "Dama de ferro" a "bruxa desequilibrada": ama análise semiótico-siscursiva da figura de Dilma Rousseff na mídia impressa brasileira (2005-2016). **Animus** Revista Interamericana de Comunicação Midiática, Santa Maria, v. 19, n. 39, p. 86-107, maio 2020. Disponível em: https://periodicos.ufsm.br/animus/article/view/38941/pdf. Acesso em: 5 maio 2021.

DEPUTADO Jessé Lopes encontra ex-marido de Maria da Penha: "Contou sua versão". Uol, 31 ago. 2021. Disponível em: https://cultura.uol.com.br/noticias/38390_deputado-jesse-lopes-encontra-ex-marido-da-maria-da-penha-contou-sua-versao.html. Acesso em: 10 mar. 2022.

'DEVE SER O CAPETA', diz suspeito de usar machado para agredir mulher. G1 Rio Preto e Araçatuba, 10 jun. 2016. Disponível em: https://g1.globo.com/sao-paulo/sao-jose-do-rio-preto- aracatuba/noticia/2016/06/deve-ser-o-capeta-diz-suspeito-de-usar-machado-para-agredir- mulher.html. Acesso em: 17 mar. 2022.

DORTIER, J. F. **Dicionário de Ciências Humanas**. Rev. e coord. Tradução por Márcia V. M. de Aguiar. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

DOSSIÊ do ISP mostra os crimes mais cometidos contra mulheres em 2014. G1, 2015. Disponível em: https://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2015/04/dossie-do-isp-mostra-os-crimes-mais-cometidos-contra-mulheres-em-2014.html. Acesso em: 22 jan. 2022.

DUARTE, Constância L. **Nísia Floresta**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010. 168 p.: il. – (Coleção Educadores)

ECO, Umberto. **Trattato di semiotica generale**. Tradução por A. de Pádua Danesi e G. de Souza. São Paulo: Perspectiva, 1980.

‘ELE já me deixou sem roupa na rua’, diz mulher agredida em praça pelo ex. G1 Piauí, 13 maio 2016. Disponível em: https://g1.globo.com/pi/piaui/noticia/2016/05/ele-ja-me-deixou-sem- roupa-na-rua-diz-mulher-agredida-em-praca-pelo-ex.html. Acesso em: 6 abr. 2022.

EM MS, HOMEM arrasta esposa por ser contra ela trabalhar em mercado. G1 Mato Grosso do Sul, 28 dez. 2015. Disponível em: https://g1.globo.com/mato-grosso-do- sul/noticia/2015/12/em-ms-homem-arrasta-esposa-por-ser-contra-ela-trabalhar-em- mercado.html. Acesso em: 28 mar. 2022

EMBRIAGADO e sob efeito de drogas, marido tenta matar a mulher com faca. G1 Piauí, 21 abr. 2014. Disponível em: https://g1.globo.com/pi/piaui/noticia/2014/04/embriagado-e-sob-efeito-de-drogas-marido-tenta-matar-mulher-com-faca.html. Acesso em: 7 maio 2022.

EM RR, HOMEM bate em ex-mulher e ameaça militares com faca, diz polícia. G1 Roraima, 25 jul. 2014. Disponível em https://g1.globo.com/rr/roraima/noticia/2014/07/em-rr-homem-bate-em-ex-mulher-e-ameaca-militares-com-faca-diz-policia.html. Acesso em: 8 abr. 2022.

ESCOSTEGUY, Ana C. D. **Comunicação e Gênero no Brasil: discutindo a relação.** Disponível em https://revistaecopos.eco.ufrj.br/eco_pos/article/view/27643/pdf . Acesso em 20 jan 2021.

ESTUDO revela que violência afasta mulher do trabalho por longo período. Larissa Carvalho. Belo Horizonte: Rede Globo, 2021. Programa de TV. Disponível em: https://globoplay.globo.com/v/9962421/. Acesso em: 30 set. 2022.

EX-MARIDO é principal suspeito de incendiar casa de mulher no ES. G1 Espírito Santo, 21 set. 11. Disponível em: https://g1.globo.com/espirito-santo/noticia/2011/09/ex-marido-e- principal-suspeito-de-incendiar-casa-de-mulher-no-es.html. Acesso em: 13 abr. 2022.

FAMOSOS aderem à campanha contra a violência doméstica no Facebook. G1 Rio de Janeiro, 26 ago. 2015. Disponível em: https://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2015/08/famosos-aderem-campanha-contra-violencia-domestica-no-facebook.html. Acesso em: 15 abr. 2022.

FEMINICÍDIO: aprovado projeto que proíbe tese da ‘legítima defesa da honra’. Senado Notícias, 6 jul. 2022. Disponível em: https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2022/07/06/feminicidio-aprovado-projeto-que- proibe-tese-da-legitima-defesa-da-honra. Acesso em: 7 jul. 2022.

FERNANDES, C. M.; FARNESE, P.; GARCIA, J. M.; DEMURU, P. Imunização e desigualdade de gênero: a construção da imagem da mulher nos primeiros atos de vacinação contra a covid-19. **Revista Eletrônica de Comunicação, Informação & Inovação em Saúde**, [*S. l.*], v. 15, n. 4, 2021. Disponível em: https://www.reciis.icict.fiocruz.br/index.php/reciis/article/view/2412. Acesso em: 31 maio 2023.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa**. Curitiba: Positivo, 2010.

FLOCH, J.-M. **Identités visuelles.** Paris: PUF, 1995.

FIORIN, José Luiz. Uma teoria da enunciação: Benveniste e Greimas. **Gragoatá**, Niterói, v. 22, n. 44, p. 970-985, set.-dez. 2017.

FIORIN, José Luiz. **Elementos de Análise do Discurso,** 15. ed. São Paulo: Contexto, 2016.

FIORIN, José Luiz. Semiótica das paixões: o ressentimento. **Alfa**, São Paulo, v. 51, n. 1, p. 9- 22, 2007.

FORMIGA, Isabella. Suspeito de agredir ex-noiva, servidor público no DF diz: 'Dei um tapinha'. G1 Distrito Federal, 10 set. 2015. Disponível em: https://g1.globo.com/distrito- federal/noticia/2015/09/suspeito-de-agredir-ex-noiva-servidor-publico-do-df-diz-dei-um- tapinha.html. Acesso em: 16 mar. 2022.

FREIRE FILHO, J.; CAVALCANTI VERSIANI DOS ANJOS, J. Jornalismo, misoginia e a revitimização da mulher. **E-Compós**, [*S. l.*], v. 25, 2022. Disponível em: https://www.e- compos.org.br/e-compos/article/view/2555. Acesso em: 29 maio. 2023.

FREITAS, Júnior. **Suspeito é preso por agredir e tentar matar esposa com faca, em RO**. G1 Rondônia. Disponível em: https://g1.globo.com/ro/rondonia/noticia/2015/11/homem-e- preso-por-agredir-e-tentar-matar-esposa-com-faca-em-ro.html. Acesso em: 26 fev. 2022.

FREITAS, Júnior. **Mulher é atacada com facão por ficar em silêncio durante briga com marido**. G1 Rondônia, 5 fev. 2016. Disponível em: https://g1.globo.com/ro/rondonia/noticia/2016/02/mulher-e-atacada-com-facao-por-ficar-em- silencio-durante-briga-com-marido.html. Acesso em: 18 abr. 2022.

FRIEDAN, Betty. Mística Feminina. São Paulo. Edição Comemorativa dos 50 Anos da 1ª. Edição. Trad.: Carla Bitelli, Flávia Yacubian, Bhuvi Libanio, Marina Vargas. São Paulo. Editora: Rosa dos Tempos Record, 2020.

GARCIA, Janete Monteiro. **Misoginia e sexismos na mídia impressa brasileira**: uma análise semiótico-discursiva da imagem das candidatas à Presidência da República (1989 a 2018). 2020. 167f. Orientador: Paolo Demuru. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Universidade Paulista, São Paulo, 2020.

GARCIA, Janete Monteiro; LIMA, Pedro Augusto Farnese de. Ciberfeminismo: análise das publicações da ong Não Me Kahlo no Twitter e YouTube e o engajamento das mulheres nos meios digitais contra a dominação masculina. *In*: CONGRESSO INTERNACIONAL INTERDISCIPLINAR EM SOCIAIS E HUMANIDADES, 10, 2021, Niterói. **Anais** [...].
Niterói (RJ), 2021. Disponível em: https://www.even3.com.br/anais/xc22021/437611- ciberfeminismo--analise-das-publicacoes-da-ong-nao-me-kahlo-no-twitter-e-youtube-e-o-engajamento-das-mulheres-nos/. Acesso em: 27 maio 2023.

GARCIA, Janete Monteiro; FARNESE, Pedro; RAMIREZ RAMIREZ, Ivete Maria Soares; PARÓDIA, Mariane Silva. Desigualdades e opressões: análise de discurso no podcast "Geração P" do UOL relacionados à construção da imagem da mulher durante a pandemia e os efeitos da sobrecarga de funções sobre elas. *In*: COSTA, Edwaldo (org.). **Ciências da Comunicação**: chave para a Ascensão em Organizações e Relacionamentos. Ponta Grossa - PR: Atena, 2021. Disponível em: https://sistema.atenaeditora.com.br/catalogo/post/desigualdades-e-opressoes-analise-de-discurso-no-podcast-geracao-p-do-uol-relacionados-a-construcao-da-imagem-da- mulher-durante-a-pandemia-e-os-efeitos-da-sobrecarga-de-funcoes-sobre-elas. Acesso em:7 ago. 2022.

GARÇOM atropela a ex-mulher e o namorado em São José. G1 Vale do Paraíba e região, 14 set. 2012. Disponível em: https://g1.globo.com/sp/vale-do-paraiba-regiao/noticia/2012/09/garcom-atropela-ex-mulher-e-o-namorado-em-sao-jose.html. Acesso em: 27 abr. 2022.

GOMES, Regina Souza. Um olhar semiótico sobre a atualidade: a aspectualização a partir de Greimas. **Estudos Semióticos**, São Paulo, v. 14, n. 1, p. 108-116, mar. 2018. Disponível em: https://www.revistas.usp.br/esse/article/view/144314/138713. Acesso em: 1 set. 2021.

GREIMAS, A. J.; COURTÈS, J. **Dicionário de Semiótica**. Vários tradutores. São Paulo: Contexto, 2008.

GREIMAS, A. J.; FONTANILLE, J. **Semiótica das paixões**: dos estados de coisas aos estados de alma. Trad. Maria José Rodrigues Coracini. São Paulo: Editora Ática, 1993.

GREIMAS, A. J.; FONTANILLE, J. Algirdas Julien: Semiótica figurativa e plástica. **Significação** - Revista Brasileira de Semiótica, n. 4, jun. 1984.

GREIMAS, A. J.; FONTANILLE, J. Sobre o sentido II: ensaios semióticos / Algirdas Julien Greimas. Tradução de Dilson Ferreira da Cruz. – 1. ed. – São Paulo: Nankin Edusp, 2014.

GRUPO GLOBO bate recorde de acessos no digital e passa de 100 milhões de usuários únicos. G1, 2018. Disponível em: https://g1.globo.com/economia/midia-e- marketing/noticia/2018/11/26/grupo-globo-bate-recorde-de-acessos-no-digital-e-passa-de- 100-milhoes-de-usuarios-unicos.ghtml. Acesso em: 31 jul. 2021.

GUIMARÃES, Vanessa. Primórdios da história do sensacionalismo no Brasil: os *faits divers* criminais. **ArtCultura**, Uberlândia, v. 16, n. 29, p. 103-124, jul-dez. 2014.

HARAWAY, Donna. "Gender" for a Marxist Dictionary: the Sexual Politics of a Word. *In*: SIMIANS, CYBORGS, AND WOMEN. The Reinvention of Nature. Tradução de Mariza Corrêa. Londres: Free Association Books Ltd., 1991, p. 127-148.

HEMERSON, Landercy. **Associação dos Magistrados aprova volta de juiz que criticou Lei Maria da Penha**. Estado de Minas, 2011. Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2011/02/25/interna_gerais,212054/associacao-dos-magistrados-aprova-volta-de-juiz-que-criticou-lei-maria-da-penha.shtml. Acesso em: 14 maio 2022.

HISTÓRIA MAL CONTADA: a cobertura jornalística de feminicídios. Grupo Transverso Estudos em Jornalismo, Interesse Público e Crítica. 10 mar. 2023. (27 min). Disponível em: https://youtu.be/puwlnRp1HWE. Acesso em: 27 mar. 2023.

HOOKS, B. Sororidade: solidariedade política entre mulheres. Teoria Feminista: da margem ao centro. *In*: SILVEIRA, H. I. B. **Reflexão sobre questões de tradução da obra Feminist theory from marg into center, de Bell Hooks**. Dissertação (Mestrado em Tradução) - Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, Lisboa, 2018. Disponível em: https://repositorio.ul.pt/handle/10451/36735. Acesso em: 17 out. 2018.

HOMEM é suspeito de agredir namorada por traição virtual em MG. G1 Minas Gerais, 2011a. Disponível em: https://g1.globo.com/minas-gerais/noticia/2011/11/homem-e-suspeito-de-agredir-namorada-por-traicao-virtual-em-mg.html. Acesso em: 14 mar. 2022.

HOMEM atira em mulher após mantê-la refém dentro de casa, em BH. G1 Minas Gerais, 2 fev. 2011b. Disponível em: https://g1.globo.com/minas-gerais/noticia/2011/02/home-atira-em- mulher-apos-mante-la-refem-dentro-de-casa-em-bh.html. Acesso em: 10 maio 2022.

HOMEM é preso depois de fazer ex-mulher e 4 crianças reféns no RJ. G1 Rio de Janeiro, 27 jun. 2011c. Disponível em: https://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2011/06/homem-e-preso-depois-de-fazer-ex-mulher-e-4-criancas-refens-no-rj.html. Acesso em: 18 abr. 2022.

HOMEM é preso suspeito de manter mulher refém por três horas em BH. G1 Minas Gerais, 2 fev. 2012a. Disponível em: https://g1.globo.com/minas-gerais/noticia/2012/02/homem-e-preso-suspeito-de-manter-mulher-refem-por-tres-horas-em-bh.html. Acesso em: 5 abr. 2022.

HOMEM 'inconformado' com divórcio agride a ex-mulher em Piracicaba, SP. G1 Piracicaba e região, 19 ago. 2012b. Disponível em: https://g1.globo.com/sp/piracicaba-regiao/noticia/2012/08/homem-inconformado-com-divorcio-agride-ex-mulher-em-piracicaba- sp.html. Acesso em: 18 abr. 2022.

HOMEM é condenado por agredir e incendiar casa de ex-mulher em MT. G1 Mato Grosso, 24 mar. 2012c. Disponível em: https://g1.globo.com/mato-grosso/noticia/2012/03/homem-e-condenado-por-agredir-e-incediar-casa-de-ex-mulher-em-mt.html. Acesso em: 18 abr. 2022.

HOMEM que deu seis tiros em mulher é condenado a prisão domiciliar. G1 Grande Minas, 7 mar. 2013a. Disponível em: https://g1.globo.com/mg/grande-minas/noticia/2013/03/homem-que-deu-seis-tiros-em-mulher-e-condenado-prisao-domiciliar.html. Acesso em: 26 abr. 2022.

HOMEM tenta agredir mulher, quebra vidro de carro da PM e é preso. G1 Mato Grosso, 16 dez. 2013b. Disponível em: https://g1.globo.com/mato-grosso/noticia/2013/12/homem-tenta-agredir-mulher-quebra-vidro-de-carro-da-pm-e-e-preso-em-mt.html. Acesso em: 5 maio 2022.

HOMEM atropela mulher 2 vezes e é preso por tentativa de homicídio. G1 Rondônia, 2014a. Disponível em: https://g1.globo.com/ro/rondonia/noticia/2014/04/homem-atropela-mulher-2-vezes-e-e-preso-por-tentativa-de-homicidio.html. Acesso em: 11 abr. 2022.

HOMEM é preso em Sorocaba por batem em mulher com pedra de 4kg. G1 Sorocaba e Jundiaí, 5 jun. 2014b. Disponível em: https://g1.globo.com/sao-paulo/sorocaba-jundiai/noticia/2014/06/homem-e-preso-em-sorocaba-por-bater-em-mulher-com-pedra-de-4- kg.html. Acesso em: 16 mar. 2022.

HOMEM é preso suspeito de agredir esposa por cerca de seis horas na PB. G1 Paraíba, 17 jun. 2014c. Disponível em: https://g1.globo.com/pb/paraiba/noticia/2014/06/homem-e-preso-suspeito-de-agredir-esposa-por-cerca-de-seis-horas-na-pb.html. Acesso em: 17 mar. 2022.

HOMEM é preso ao tentar agredir esposa com faca em João Pessoa. G1 Paraíba, 5 ago. 2014d. Disponível em: https://g1.globo.com/pb/paraiba/noticia/2014/08/homem-e-preso-ao-tentar-agredir-esposa-com-faca-em-joao-pessoa.html. Acesso em: 10 maio 2022.

HOMEM é preso em Olinda depois de fazer mulher e filha de 8 anos reféns. G1 Pernambuco, 13 set. 2014e. https://g1.globo.com/pernambuco/noticia/2014/09/homem-e-preso-em-olinda-depois-de-fazer-mulher-e-filha-de-8-anos-refens.html. Acesso em: 7 abr. 2022.

HOMEM é preso suspeito de ferir dois após discutir com ex-mulher em BH. G1 Minas Gerais, 31 mar. 2014f. Disponível em: https://g1.globo.com/minas-gerais/noticia/2014/03/homem-e-preso-suspeito-de-ferir-dois-apos-discutir-com-ex-mulher-em-bh.html. Acesso em: 12 abr. 2022.

HOMEM é preso suspeito de envenenar a esposa em Elói Mendes. G1 Sul de Minas, 15 out. 2014g. Disponível em: https://g1.globo.com/mg/sul-de-minas/noticia/2014/10/homem-e-preso-suspeito-de-envenenar-esposa-em-eloi-mendes.html. Acesso em: 15 abr. 2022.

HOMEM é preso em Três Rios, por ameaçar companheira com arma. G1 Sul do Rio e Costa Verde, 25 ago. 2014h. Disponível em: https://g1.globo.com/rj/sul-do-rio-costa-verde/noticia/2014/08/homem-e-preso-em-tres-rios-rj-por-ameacar-companheira-com- arma.html. Acesso em: 7 maio 2022.

HOMEM atropela mulher 2 vezes e é preso por tentativa de homicídio. G1 Rondônia, 25 abr. 2014i. Disponível em: https://g1.globo.com/ro/rondonia/noticia/2014/04/homem-atropela-mulher-2-vezes-e-e-preso-por-tentativa-de-homicidio.html. Acesso em: 30 abr. 2022.

HOMEM é preso suspeito de atear fogo na esposa em Valparaíso de GO. G1 Goiás, 7 maio 2014j. Disponível em: https://g1.globo.com/goias/noticia/2014/05/homem-e-preso-suspeito-de-atear-fogo-na-esposa-em-valparaiso-de-go.html. Acesso em: 8 maio 2022.

HOMEM é suspeito de abusar da sobrinha de 14 anos em Andradina. G1 Rio Preto e Araçatuba, 2015a. Disponível em: https://g1.globo.com/sao-paulo/sao-jose-do-rio-preto- aracatuba/noticia/2015/09/homem-e-suspeito-de-abusar-da-sobrinha-de-14-anos-em- andradina.html. Acesso em: 11 mar. 2022.

HOMEM é detido após agredir mãe e quebrar móveis de casa em Sorocaba. G1 Sorocaba e Jundiaí, 30 ago. 2015b. Disponível em: https://g1.globo.com/sao-paulo/sorocaba-jundiai/noticia/2015/08/homem-e-detido-apos-agredir-mae-e-quebrar-moveis-de-casa-em- sorocaba.html. Acesso em: 17 mar. 2022.

HOMEM é preso suspeito de bater na mulher e ameaçar bebê de 3 meses. G1 Goiás, 23 nov. 2015c. Disponível em: https://g1.globo.com/goias/noticia/2015/11/homem-e-preso-suspeito-de-bater-na-mulher-e-ameacar-bebe-de-3-meses.html. Acesso em: 3 maio 2022.

HOMEM de 37 anos é preso após ameaçar namorada de 70, RO. G1 Rondônia, 28 maio 2015d. Disponível em: Disponível em: https://g1.globo.com/ro/rondonia/noticia/2015/05/homem-de- 37-anos-e-preso-apos-ameacar-namorada-de-70-em-ro.html. Acesso em: 5 maio 2022.

HOMEM é preso por bater na própria mulher em Búzios, no RJ. G1 Região dos Lagos, 1 maio 2015e. Disponível em: https://g1.globo.com/rj/regiao-dos-lagos/noticia/2015/05/homem-e- preso-por-bater-na-propria-mulher-em-buzios-no-rj.html. Acesso em: 8 maio 2022.

HOMEM é preso após agredir esposa e PM, na Zona Leste de Porto Velho. G1 Rondônia, 2016a. Disponível em: https://g1.globo.com/ro/rondonia/noticia/2016/04/homem-e-preso- apos-agredir-esposa-e-pm-na-zona-leste-de-porto-velho.html. Acesso em: 18 maio 2022.

HOMEM agride ex-mulher dentro de casa e foge com R$ 900 em Piracicaba. G1 Piracicaba e região, 2016b. Disponível em: https://g1.globo.com/sp/piracicaba-regiao/noticia/2016/03/homem-agride-ex-mulher-dentro-de-casa-e-foge-com-r-900-em- piracicaba.html. Acesso em: 12 mar. 2022.

HOMEM tenta matar mulher e dois policiais dentro da base da PM. G1 Bauru e Marília, 5 jan. 2016c. Disponível em: https://g1.globo.com/sp/bauru-marilia/noticia/2016/01/homem-tenta-matar-mulher-e-dois-policiais-dentro-da-base-da-pm.html. Acesso em: 8 abr. 2022.

HOMEM viola ordem judicial e agride mulher com soco em Piracicaba, SP. G1 Piracicaba e região, 2 mar. 2016d. Disponível em: https://g1.globo.com/sp/piracicaba-regiao/noticia/2016/03/homem-viola-ordem-judicial-e-agride-mulher-com-soco-em- piracicaba-sp.html. Acesso em: 13 abr. 2022.

HOMEM é preso após quebrar o nariz de esposa em Porto Velho. G1 Rondônia, 30 abr. 2016e. Disponível em: https://g1.globo.com/ro/rondonia/noticia/2016/04/homem-e-preso-apos- quebrar-o-nariz-de-esposa-em-porto-velho.html. Acesso em: 15 abr. 2022.

HOMEM é preso suspeito de esfaquear duas mulheres em Santa Rita, na PB. G1 Paraíba, 31 mar. 2016f. Disponível em: https://g1.globo.com/pb/paraiba/noticia/2016/03/homem-e-preso-suspeito-de-esfaquear-duas- mulheres-em-santa-rita-na-pb.html. Acesso em: 18 abr. 2022.

HOMEM agride esposa por causa de ventilador em Porto Velho. G1, Rondônia, 18 jan. 2016g. Disponível em: https://g1.globo.com/ro/rondonia/noticia/2016/01/homem-agride-esposa-por-causa-de-ventilador-em-porto-velho.html. Acesso em: 19 abr. 2022.

HOMEM recebe sabonete de Dia dos Namorados, agride a mulher e é preso. G1 Ceará, 13 jun. 2016h. Disponível em: https://g1.globo.com/ceara/noticia/2016/06/homem-agride-mulher-por-ganhar-sabonete-no-12-de-junho-e-e-preso.html. Acesso em: 28 abr. 2022.

HOMEM é preso após agredir esposa e PM, na Zona Leste de Porto Velho. G1 Rondônia, 8 abr. 2016i. G1 Rondônia, 8 abr. 2016i. Disponível em: https://g1.globo.com/ro/rondonia/noticia/2016/04/homem-e-preso-apos-agredir-esposa-e-pm- na-zona-leste-de-porto-velho.html. Acesso em: 30 abr. 2022.

HOMEM é preso ao agredir mulher em distrito de Porto Velho. G1 Rondônia, 25 jun. 2016j. Disponível em: https://g1.globo.com/ro/rondonia/noticia/homem-e-preso-apos-agredir-a-propria-esposa-em-porto-velho.ghtml. Acesso em: 26 maio 2022.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

INSTITUTO MARIA DA PENHA. Disponível em: https://www.institutomariadapenha.org.br/. Acesso em: 24 maio 2022.

JABLONKA, Ivan. **Homens justos**: Do patriarcado à novas masculinidades. Tradução: Julia Rosa Simões. São Paulo: Todavia, 2021.

JOVEM é agredida pelo namorado e mãe diz que filha deu motivos. G1 Espírito Santo, 2012. Disponível em: https://g1.globo.com/espirito-santo/noticia/2012/03/jovem-e-agredida-pelo-namorado-e-mae-diz-que-filha-deu-motivos-no-es.html. Acesso em: 15 mar. 2022.

JOVEM é preso por bater na cabeça de ex-cunhada com panela de pressão. G1 Itapetininga e Região, 27 mar. 2016a. Disponível em: https://g1.globo.com/sao-paulo/itapetininga- regiao/noticia/2016/03/jovem-e-preso-por-bater-na-cabeca-de-ex-cunhada-com-panela-de- pressao.html. Acesso em: 17 mar. 2022.

JOVEM aciona a polícia após ser agredida e ameaçada pelo próprio pai. G1 Prudente e região, 2 maio 2016b. Disponível em: https://g1.globo.com/sp/presidente-prudente-regiao/noticia/2016/05/jovem-aciona-policia-apos-ser-agredida-e-ameacada-pelo-proprio- pai.html. Acesso em: 6 de abr. 2022.

JOVEM é preso após agredir ex-namorada em Volta Redonda, RJ. G1 Sul do Rio e Costa Verde, 4 abr. 2016c. Disponível em https://g1.globo.com/rj/sul-do-rio-costa-verde/noticia/2016/04/jovem-e-preso-apos-agredir-ex-namorada-em-volta-redonda-rj.html. Acesso em: 13 abr. 2022.

JUIZ que criticou Lei Maria da Penha volta ao trabalho. O Tempo, 29 abr. 2013. Disponível em: https://www.otempo.com.br/cidades/juiz-que-criticou-lei-maria-da-penha-volta-ao- trabalho-1.373598. Acesso em: 14 maio 2022.

JUSTIÇA da Paraíba solta suspeito de agredir esposa após pedido da vítima. G1 Paraíba, 3 out. 2013. Disponível em: https://g1.globo.com/pb/paraiba/noticia/2013/10/justica-da-paraiba- solta-suspeito-de-agredir-esposa-apos-pedido-da-vitima.html. Acesso em: 12 abr. 2022.

JUSTINO, Gustavo. **Rapaz** é **suspeito de incendiar casa de ex-namorada após fim de relação**. G1 Prudente e região, 10 fev. 2015. Disponível em: https://g1.globo.com/sp/presidente-prudente-regiao/noticia/2015/02/rapaz-e-suspeito-de- incendiar-casa-de-ex-namorada-apos-fim-de-relacao.html. Acesso em: 18 abr. 2022.

LANDOWSKI, E. **A sociedade refletida**: ensaios de sociossemiótica. São Paulo: Educ/Pontes, 1992.

LANDOWSKI, E. **Presenças do outro**: ensaios de sociossemiótica. São Paulo: Perspectiva, 2012.

LANDOWSKI, E. **Interações arriscadas**. Tradução de Luiza Helena Oliveira da Silva. São Paulo: Estação das Letras e Cores e Centro de Pesquisa Sociossemióticas, 2014a.

LANDOWSKI, E. Sociossemiótica: uma teoria geral do sentido. **Galaxia,** São Paulo, n. 27, p. 10-20, jun. 2014b. Acesso em: 15 ago. 2021.

LANDOWSKI, E. Entre comunicação e semiótica, a interação. **Revista Parágrafo**, São Paulo, v. 4, n. 2, jul. – dez, 2016. Disponível em: https://www5.pucsp.br/cps/downloads/489-1532-1- pb.pdf. Acesso em: 13 ago. 2022.

LANDOWSKI, E. **Aquém ou além das estratégias, a presença contagiosa.** São Paulo: Centro de Pesquisas Sóciossemióticas, 2005.

LANFRANCHI, Mariana. **Jovem agride ex-namorada no Dia dos Namorados em Piedade, SP**. G1 Sorocaba e Jundiaí, 13 jun. 2012. Disponível em: https://g1.globo.com/sao- paulo/sorocaba-jundiai/noticia/2012/06/jovem-agride-ex-namorada-no-dia-dos-namorados- em-piedade-sp.html. Acesso em: 1 jun. 2022.

LEAL, Bruno Souza; CARVALHO, Carlos Alberto; ANTUNES, Elton. Desafios metodológicos à pesquisa sobre gênero e Comunicação: reflexões a partir de narrativas de um problema cotidiano. In: LEAL, Bruno Souza; CARVALHO, Carlos Alberto; ANTUNES, Elton (Org.). **Narrativas de um problema cotidiano**: jornalismo e violência contra a mulher. Belo Horizonte: Selo PPGCOM, 2020, p. 201-215.

LEONE, Massimo. Regimes semióticos do pertencimento nas metrópoles contemporâneas. **Logos**, [*S. l.*], v. 2, n. 24, dez. 2014. Disponível em: https://www.e- publicacoes.uerj.br/index.php/logos/article/view/14152. Acesso em: 25 maio 2023.

LERNER, Gerda. **A criação do patriarcado**. São Paulo: Editora Pensamento Cultrix, 2019. LIMA, Elima Soares de. A semiótica das paixões e a análise da dimensão passional dos enunciados. **Revista de Estudos da Linguagem,** Belo Horizonte, v. 25, n. 2, p. 841-871, 2017.

LOPES, Jessé. **Nota ao Público**. Florianópolis, 1 set. 2021. Instagram: @deputadojesselopes. Disponível em: https://www.instagram.com/tv/CTSU8VqNRHI/?igshid=MzRlODBiNWFlZA==. Acesso em: 9 mar. 2022.

LOSCHI, Marília. **Mesmo com Lei Maria da Penha, somente 2,4% dos municípios oferecem casas-abrigo**. Agência de Notícias IBGE, 2019. Disponível em: https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/25518-mesmo-com-lei-maria-da-penha-somente-2-4-dos-municipios- oferecem-casas-abrigo. Acesso em: 2 out. 2022.

LUTADOR é preso no AM por espancar namorada e alega 'legítima defesa'. G1 Amazonas, 21 jun. 2016. Disponível em: https://g1.globo.com/am/amazonas/noticia/2016/06/lutador-e-preso-no-am-por-espancar-namorada-e-alega-legitima-defesa.html. Acesso em: 20 abr. 2022.

MACHADO, Liliane M. M.; SCHONS, Aline da Silva; MELO DOURADO, Laila Carolline Sival de. A construção da sororidade nos discursos da Revista Azmina. **Revista Latino- americana de Jornalismo**, João Pessoa, v. 6, n. 2, p. 229-257, jul./dez. 2019. Disponível em: https://periodicos.ufpb.br/index.php/ancora/article/view/49582/28806. Acesso em: 8 jun. 2022.

MAFFESOLI, Michel. O imaginário é uma realidade. [Entrevista concedida a Juremir Machado da Silva]. **Revista Famecos**, Porto Alegre, n. 15, p. 74-82, ago. 2001. Disponível em: https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/3123/2395. Acesso em: 5 out. 2022.

MAIORIA dos feminicídios são cometidos por companheiros ou ex que não aceitam o fim do relacionamento e acontecem na casa da vítima. CEVID, 2022. Disponível em: https://www.tjrs.jus.br/novo/violencia-domestica/noticias-relacionadas/?idNoticia=79878. Acesso em: 11 abr. 2022.

MARCEL, Yuri. **Jornalista** é **preso após dar soco em mulher e diz: 'barraqueira merece'**. G1, 2016. Disponível em: https://g1.globo.com/ac/acre/noticia/2016/07/jornalista-e-preso- apos-dar-soco-em-mulher-e-diz-barraqueira-merece.html. Acesso em: 18 mar. 2022.

MARIDO nega ter ateado fogo ao corpo da mulher em Campo Grande. G1 Rio de Janeiro, 1 jul. 2010. Disponível em https://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2010/07/marido-nega-ter- ateado-fogo-ao-corpo-da-mulher-em-campo-grande.html. Acesso em: 15 abr. 2022.

MARQUES, Nara Lígia; BARROS, Tainara Carvalho; MOREIRA, Tatiana Valéria Emídio. O perfil do homem autor de violência doméstica. In: SEMINÁRIO DE PRODUÇÃO CIENTÍFICA DO CURSO DE PSICOLOGIA DA UNIEVANGÉLICA, 5, Anápolis, 2020.

Anais [...], Anápolis, 2020. Disponível em: http://repositorio.aee.edu.br/bitstream/aee/17355/1/O%20PERFIL%20DO%20HOMEM%20AUTOR%20DE%20VIOL%C3%8ANCIA%20DOM%C3%89STICA.pdf. Acesso em: 11 mar. 2022.

MATO GROSSO DO SUL. Subsecretaria de Políticas Públicas para Mulheres. 2021. Disponível em: https://www.naosecale.ms.gov.br/violencia-sexual/. Acesso em: 11 mar. 2022.

MÉDICO é preso depois de ameaçar esposa com uma arma diante do filho. G1 Vales de Minas Gerais, 13 dez. 2013. Disponível em: https://g1.globo.com/mg/vales- mg/noticia/2013/12/medico-e-preso-depois-de-ameacar-esposa-com-uma-arma-diante-do- filho.html. Acesso em: 12 abr. 2022.

MENDES, C. M. Semiótica discursiva e comunicação: questões sobre linguagem, texto e interação. **Estudos Semióticos**, [S. l.], v. 14, n. 3, p. 16-31, 2018. Disponível em: https://www.revistas.usp.br/esse/article/view/149044. Acesso em: 31 maio 2023.

'ME OFENDEU', diz suspeito de matar esposa por ciúmes no interior do AM. G1 Amazonas, 6 maio 2015. Disponível em: https://g1.globo.com/am/amazonas/noticia/2015/05/me-ofendeu-diz-suspeito-de-matar-esposa-por-ciumes-no-interior-do-am.html. Acesso em: 2 maio 2022.

MENDES, Conrado Moreira. Semiótica discursiva e comunicação: questões sobre linguagem, texto e interação. **Estudos Semióticos**, [*S. l.*], v. 14, n. 3, p. 16-31, 2018. Disponível em: https://www.revistas.usp.br/esse/article/view/149044. Acesso em: 26 maio. 2023.

MERENDEIRA é agredida pelo marido com golpes de rodo. G1 Prudente e região. Disponível em: https://g1.globo.com/sp/presidente-prudente-regiao/noticia/2014/01/merendeira-e- agredida-pelo-marido-com-golpes-de-rodo.html. Acesso em: 26 abr. 2022.

MIKLOS, Jorge. O dilema das masculinidades no mundo contemporâneo. 2020. Nota de aula. Disponível em: https://unip.br/eceeic/admin/Anexos/Conteudo/C2020/C8/file_05082020151110430.pdf. Acesso em: 20 maio 2022.

MINISTÉRIO PÚBLICO DE SANTA CATARINA (MPSC); COMIN, Fernando da Silva;

GRUPO de Enfrentamento à violência Doméstica e Familiar contra a Mulher (GEVIM). **Nota Institucional**, 1 set. 2021. Disponível em: https://www.mpsc.mp.br/noticias/nota-de-repudio. Acesso em: 10 mar. 2022.

MLAMBO-NGCUKA, Phumzile. **'A violência contra a mulher** é **uma pandemia tão devastadora quanto o coronavírus', diz diretora da ONU Mulheres**. [Entrevista concedida a Alejandra Agudo. El País, Madrid, 16 fev. 2021. Disponível em: https://agenciapatriciagalvao.org.br/violencia/a-violencia-contra-a-mulher-e-uma-pandemia- tao-devastadora-quanto-o-coronavirus-diz-diretora-da-onu-mulheres/. Acesso em: 3 mar. 2022.

MONEY, J.; HAMPSON, J. G.; HAMPSON, J. L. Hermaphroditism: recommendations concerning assignment of sex, change of sex and psychologic management. **Bull Johns Hopkins Hosp.**, [*S. l.*], v. 97, n. 4, p. 284-300, out. 1955a.

MONEY, J.; HAMPSON J. G.; HAMPSON J. L. An examination of some basic sexual concepts: the evidence of human hermaphroditism. **Bull Johns Hopkins Hosp.**, [*S. l.*], v. 97, n. 4, p. 301-319, out. 1955b.

MONITORADOS por Lei Maria da Penha passam de 300 na Grande BH. G1, 2013. Disponível em: https://g1.globo.com/minas-gerais/noticia/2013/08/monitorados-por-lei-maria-da-penha-passam-de-300-na-grande-bh.html. Acesso em: 21 jan. 2022.

MONTANINI, Marcelo. **Deputado recebe ex-marido e agressor de Marida da Penha: "Versão intrigante"**. Metrópoles, 31 ago. 2021. Disponível em: https://www.metropoles.com/brasil/politica-brasil/deputado-recebe-ex-marido-e-agressor-de- maria-da-penha-versao-intrigante. Acesso em: 9 mar. 2022.

MORAES, Fabiana. **A pauta é uma arma de combate**: subjetividade, prática reflexiva e posicionamento para superar um jornalismo que desumaniza. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2022.

MULHER é esfaqueada pelo ex-companheiro em Lavras. G1 Sul de Minas, 20 fev. 2012. Disponível em: https://g1.globo.com/mg/sul-de-minas/noticia/2012/02/mulher-e-esfaqueada- pelo-ex-companheiro-em-lavras.html. Acesso em: 18 abr. 2022.

MULHER baleada pelo ex-marido em Campos, RJ, acaba detida, diz polícia. G1 Norte Fluminense, 9 dez. 2013. Disponível em: https://g1.globo.com/rj/norte- fluminense/noticia/2013/12/mulher-baleada-pelo-ex-marido-em-campos-rj-acaba-detida-diz- policia.html. Acesso em: 19 abr. 2022.

MULHER vai à delegacia denunciar marido, e ele a ameaça por celular. G1 Prudente e região, 14 set. 2014a. Disponível em: https://g1.globo.com/sp/presidente-prudente- regiao/noticia/2014/09/mulher-vai-delegacia-denunciar-marido-e-ele-ameaca-por- celular.html. Acesso em: 17 mar. 2022.

MULHER é esfaqueada e anda até farmácia para pedir ajuda em MG. G1 Sul de Minas, 11 out. 2014b. Disponível em: https://g1.globo.com/mg/sul-de-minas/noticia/2014/10/mulher-e- esfaqueada-e-anda-ate-farmacia-para-pedir-ajuda-em-mg.html. Acesso em: 12 abr. 2022

MULHER posta fotos na web após ser agredida por ex-companheiro em MG. G1 Sul de Minas, 1 out. 2014c. Disponível em: https://g1.globo.com/mg/sul-de-minas/noticia/2014/10/mulher- posta-fotos-na-web-apos-ser-agredida-por-ex-companheiro-em-mg.html. Acesso em: 12 abr. 2022.

MULHER que teria sido agredida pelo marido está em coma no Tocantins. G1 Tocantins, 23 ago. 2014d. Disponível em: https://g1.globo.com/to/tocantins/noticia/2014/08/mulher-que- teria-sido-agredida-pelo-marido-esta-em-coma-no-tocantins.html. Acesso em: 18 abr. 2022.

MULHER queimada por maçarico tem melhora na saúde. G1 Pará, 20 out. 2015a. Disponível em: https://g1.globo.com/pa/para/noticia/2015/10/mulher-queimada-por-macarico-tem-melhora-de-saude-diz-metropolitano.html. Acesso em: 26 abr. 2022.

MULHER apanha do ex em delegacia ao tentar registrar queixa contra ele. G1 Goiás, 2015b. Disponível em https://g1.globo.com/goias/noticia/2015/06/mulher-apanha-do-ex-em- delegacia-ao-tentar-registrar-queixa-contra-ele.html. Acesso em: 5 maio 2022.

MULHER nega beijo e é agredida por rapaz em Ribeirão Branco, diz polícia. G1 Itapetininga e região, 9 fev. 2016a. Disponível em: https://g1.globo.com/sao-paulo/itapetininga-regiao/noticia/2016/02/mulher-nega-beijo-e-e-agredida-por-rapaz-em-ribeirao-branco-diz- policia.html. Acesso em: 16 mar. 2022.

MULHER é agredida a socos, denuncia filho à polícia e rapaz acaba preso. G1 Mato Grosso do Sul, 4 jul. 2016b. Disponível em: https://g1.globo.com/mato-grosso-do- sul/noticia/2016/07/mulher-e-agredida-socos-denuncia-filho-policia-e-rapaz-acaba- preso.html. Acesso em: 19 mar. 2022.

MULHER é agredida ao negar R$ 20 para marido comprar cigarro em MS. G1 Mato Grosso do Sul, 4 abr. 2016c. Disponível em: https://g1.globo.com/mato-grosso-do- sul/noticia/2016/04/mulher-e-agredida-ao-negar-r-20-para-marido-comprar-cigarro-em- ms.html. Acesso em: 28 mar. 2022.

MULHER é esfaqueada no RS ao tentar defender filha de ex-namorado. G1 Rio Grande do Sul, 18 maio 2016d. Disponível em: https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do- sul/noticia/2016/05/mulher-e-esfaqueada-no-rs-ao-tentar-defender-filha-de-ex- namorado.html. Acesso em: 18 abr. 2022.

MULHER é agredida pelo próprio irmão na Zona Leste de Porto Velho. G1 Rondônia, 12 abr. 2016e. Disponível em: https://g1.globo.com/ro/rondonia/noticia/2016/04/mulher-e-agredida- pelo-proprio-irmao-na-zona-leste-de-porto-velho.html. Acesso em: 20 abr. 2022.

NALDINHO. Um tapinha não dói. Rio de Janeiro: Furacão 2000, 2001. Disponível em: https://youtu.be/UnKX1loPnCo. Acesso em: 16 mar. 2022.

NASCIMENTO, Jéssica. **'Foi por amor', diz jovem suspeito de sequestrar e estuprar ex- mulher no DF**. G1, 2016. Disponível em: https://g1.globo.com/distrito- federal/noticia/2016/03/foi-por-amor-diz-jovem-suspeito-de-sequestrar-e-estuprar-ex-mulher- no-df.html. Acesso em: 16 mar. 2022.

NICOLETTI, Janara. **Mulher** é **mantida em cárcere privado por quase quatro dias** é libertada. G1 Santa Catarina, 21 jan. 2023. Disponível em: https://g1.globo.com/sc/santa-catarina/noticia/2013/01/mulher-mantida-em-carcere-privado-por-quase-quatro-dias-e- libertada.html. Acesso em: 5 abr. 2022.

NO CE, HOMEM agride a mulher e diz que estava 'possuído pelo demônio'. G1 Ceará, 21 mar. 2012. Disponível em: https://g1.globo.com/ceara/noticia/2012/03/no-ce-homem-agride-mulher-e-diz-que-estava-possuido-pelo-demonio.html. Acesso em: 15 mar. 2022.

NOVA LEI determina proteção imediata à mulher que denuncia violência. Agência Senado, 20 abr. 2023. Disponível em: https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2023/04/20/nova-lei-determina-protecao-imediata-a-mulher-que-denuncia-violencia. Acesso em: 29 maio 2023.

NÚMERO de mulheres agredidas e que não denunciam ainda é alto no Piauí. G1 Piauí, 23 mar. 2014. Disponível em: https://g1.globo.com/pi/piaui/noticia/2014/03/numero-de-mulheres-agredidas-e-qe-nao-denunciam-ainda-e-alto-no-piaui.html. Acesso em: 14 abr. 2022.

OESTE PAULISTA não possui abrigo para mulheres vítimas de violência. G1 Prudente e região, 2014. Disponível em: https://g1.globo.com/sp/presidente-prudente-regiao/noticia/2014/06/oeste-paulista-nao-possui-abrigo-para-mulheres-vitimas-de- violencia.html. Acesso em: 11 mar. 2022.

OLIVEIRA, Ana Claudia de. **Semiótica Plástica.** São Paulo: Hacker Editora, 2004.

OLIVEIRA, Ana Claudia de. Fait Divers na ressignificação da vida. **CASA**, [*S. l.*], v.10, n. 2, dezembro de 2012.

OLIVEIRA. Ana Claudia de. Nas interações corpo e moda, os simulacros. PUC-SP, 2016. Disponível em:

https://www5.pucsp.br/cps/downloads/biblioteca/2016/oliveira a c nas_intera_oes_corpo_e_moda os_ simulacros .pdf. Acesso em: 20 out. 2022.

OLIVEIRA, Ana Claudia de. A dupla expressão da identidade do jornal. **Revista Galáxia,** São Paulo, n. 14, p. 63-80, dez. 2007. Disponível em: https://revistas.pucsp.br/index.php/galaxia/article/view/1478/948. Acesso em: 15 out 2022.

OMS. **What do we mean by "sex" and "gender"?** Disponível em: http://web.archive.org/web/20170130022356/http://apps.who.int/gender/whatisgender/en/ . Acesso em: 24 maio 2022.

OLIVEIRA. Ana Claudia de. **As semioses pictóricas**. Centro de Pesquisas Sociossemióticas, 1993. Disponível em: https://www5.pucsp.br/cps/downloads/biblioteca/as-semioses-pictoricas-ana-claudia.pdf. Acesso em: https://www5.pucsp.br/cps/downloads/biblioteca/as-semioses-pictoricas-ana-claudia.pdf. Acesso em: 11 jan. 2022.

O TEMPO. Juiz que criticou Lei Maria da Penha volta ao trabalho. Disponível em https://www.otempo.com.br/cidades/juiz-que-criticou-lei-maria-da-penha-volta-ao-trabalho- 1.373598 . Acesso em dez 2022.

OLIVEIRA, Aline. **Pesquisa mostra que violência doméstica impacta vida profissional**. G1 Jornal Hoje, 2017. Disponível em: https://g1.globo.com/jornal-hoje/noticia/2017/08/pesquisa-mostra-que-violencia-domestica-impacta-vida-profissional.html. Acesso em: 2 mar. 2022.

OLIVEIRA, Mariana. **Fux autoriza inquérito para apurar se deputado Pedro Paulo agrediu mulher**. G1 Rio de Janeiro, 25 fev. 2016. Disponível em: https://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2016/02/fux-autoriza-inquerito-contra-pedro-paulo-e-manda-coletar- depoimentos.html. Acesso em: 4 abr. 2022.

OPERAÇÃO prende suspeitos de crimes contra mulheres em BH. G1 Minas Gerais, 10 abr. 2013. Disponível em: https://g1.globo.com/minas-gerais/noticia/2013/04/operacao-prende-suspeitos-de-crimes-contra-mulheres-em-bh.html. Acesso em: 12 abr. 2022.

PAULO, Paula Paiva. **Uma em cada quatro mulheres foi vítima de algum tipo de violência na pandemia no Brasil, aponta pesquisa**. G1 São Paulo, 2021. Disponível em: https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2021/06/07/1-em-cada-4-mulheres-foi-vitima-de-algum-tipo-de-violencia-na-pandemia-no-brasil-diz-datafolha.ghtml. Acesso em: 7 jun. 2022.

PARA revidar agressão, mulher é suspeita de esfaquear companheiro. G1 Minas Gerais, 2012. Disponível em: https://g1.globo.com/minas-gerais/noticia/2012/11/para-revidar-agressao-mulher-esfaqueia-companheiro-na-grande-bh.html. Acesso em: 3 mar. 2022.

PATRULHA Maria da Penha de Londrina atende 80 mulheres em cinco meses. G1 Norte e Noroeste, 28 dez. 2015. Disponível em: https://g1.globo.com/pr/norte-noroeste/noticia/2015/12/patrulha-maria-da-penha-de-londrina-atende-80-mulheres-em-cinco- meses.html. Acesso em: 14 abr. 2022.

PEDREIRO é preso após agredir e tentar enforcar mulher em Carmo de Minas. G1 Sul de Minas, 24 jun. 2013. Disponível em https://g1.globo.com/mg/sul-de- minas/noticia/2013/06/pedreiro-e-preso-apos-agredir-e-tentar-enforcar-mulher-em-carmo-de- minas.html. Acesso em 12 abr. 2022.

PEDREIRO ameaça esposa de morte com faca e é preso em Presidente Prudente. G1 Prudente e região, 28 fev. 2016. Disponível em: https://g1.globo.com/sp/presidente-prudente- regiao/noticia/2016/02/pedreiro-ameca-esposa-de-morte-com-faca-e-e-preso-em-presidente- prudente.html. Acesso em: 7 maio 2022.

PEDROSO, Rosa Nívea. **A construção do discurso de sedução em um jornal sensacionalista.** São Paulo: Annablume, 2001. PEREIRA, J. C. (2019). A abordagem do portal de notícias G1 frente aos casos de denúncias de assédio sexual contra Harvey Weinstein e Kevin Spacey. RELACult - Revista Latino-Americana De Estudos Em Cultura E Sociedade, 5(4). https://doi.org/10.23899/relacult.v5i4.1205 . Disponível em: https://periodicos.claec.org/index.php/relacult/article/view/1205 . Acesso em 10 out 2022.

PEREIRA, Jéssica Corrêa. A abordagem do portal de notícias G1 frente aos casos de denúncias de assédio sexual contra Harvey Weinstein e Kevin Spacey. **RELACult** - Revista Latino- Americana de Estudos em Cultura e Sociedade, [*S. l.*], v. 5, n. 4, 2019. Disponível em: https://periodicos.claec.org/index.php/relacult/article/view/1205. Acesso em: 27 maio. 2023.

PEREIRA, Jéssica Oliveira. **“Meu corpo, minhas regras”?** feminismos e os sentidos do corpo em rede digital. 2018. 127 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Semiótica) - Programa de Estudos Pós-Graduados em Comunicação e Semiótica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2018. Disponível em: https://tede.pucsp.br/handle/handle/21295. Acesso em: 20 jun. 2022

PEREIRA, Rita de Cássia Bhering Ramos; LORETO, Maria das Dores Saraiva de; DAMIANO TEIXEIRA, Karla Maria; SOUSA, Júnia Marise Matos de. O fenômeno da violência patrimonial contra a mulher: percepções das vítimas. **Oikos: Família e Sociedade em Debate**, [*S. l.*], v. 24, n. 1, p. 206-235, 2013. Disponível em: https://periodicos.ufv.br/oikos/article/view/3653. Acesso em: 26 maio. 2023.

PIEDADE, Vilma. **Dororidade.** São Paulo: Editora Nós, 2017.PISCITELLI, Adriana. Gênero: a história de um conceito. *In*: BUARQUE DE ALMEIDA, Heloisa; SZWAKO, J. (org.). **Diferenças, igualdade**. São Paulo: Berlendis & Vertecchia, 2009. p. 116-148.

PISCITELLI, Adriana. Recriando a (categoria) mulher? *In*: ALGRANTI, Leila Mezan (org.). **A prática feminista e o conceito de gênero**. Textos didáticos. Campinas, IFCH, 2002. P. 7- 42.

POLÍCIA prende empresário suspeito de ameaçar ex-mulher de morte no RJ. G1 Rio de Janeiro, 20 abr. 2011. Disponível em: https://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2011/04/policia- prende-empresario-suspeito-de-ameacar-ex-mulher-de-morte-no-rj.html. Acesso em: 8 abr. 2022.

POLÍCIA prende suspeito de agredir e ameaçar ex-mulher no Pará. G1 Pará, 31 jul. 2012. Disponível em: https://g1.globo.com/pa/para/noticia/2012/07/policia-prende-suspeito-de- agredir-e-ameacar-ex-mulher-no-para.html. Acesso em: 13 abr. 2022.

POLÍCIA usa arma de choque e liberta mulher que era mantida refém em MT. G1 Mato Grosso, 20 ago. 2013. Disponível em: https://g1.globo.com/mato-grosso/noticia/2013/08/policia-usa- arma-de-choque-e-liberta-mulher-que-era-mantida-refem-em-mt.html. Acesso em: 10 maio 2022.

POR CIÚMES, homem agride a esposa com socos no rosto. G1 Prudente e região, 27 abr. 2016. Disponível em: https://g1.globo.com/sp/presidente-prudente-regiao/noticia/2016/04/por- ciumes-homem-agride-esposa-com-socos-no-rosto.html. Acesso em: 3 maio 2022.

QUEM é Maria da Penha? IMP, 2018. Disponível em: https://www.institutomariadapenha.org.br/quem-e-maria-da-penha.html. Acesso em: 20 dez. 2021.

QUESADA TAVARES, C.; GOULART MASSUCHIN, M. Interesse público ou entretenimento: que tipo de informação o leitor procura na internet?. **E-Compós**, [*S. l.*], v. 20, n. 3, 2017. DOI: 10.30962/ec.1338. Disponível em: https://www.e-compos.org.br/e- compos/article/view/1338. Acesso em: 26 maio. 2023.

RAASCH, Cinthia. **"Ficava com ele ou era morte", diz ex-mulher de matar Mara**. G1 Santa Catarina, 9 maio 2014. Disponível em https://g1.globo.com/sc/santa- catarina/noticia/2014/05/ficava-com-ele-ou-era-morte-diz-ex-mulher-de-suspeito-de-matar- mara.html. Acesso em: 13 abr. 2022.

RAPAZ é preso em Paracambi, RJ, por ameaçar e agredir ex-namorada. G1 Sul do Rio e Costa Verde, 18 abr. 2014. Disponível em https://g1.globo.com/rj/sul-do-rio-costa- verde/noticia/2014/04/rapaz-e-preso-em-paracambi-rj-por-ameacar-e-agredir-ex- namorada.html. Acesso em: 8 abr. 2022.

RAPAZ é preso após agredir esposa com filho no colo em Porto Velho. G1 Rondônia, 10 jan. 2016. Disponível em: https://g1.globo.com/ro/rondonia/noticia/2016/01/homem-e-preso-apos- agredir-esposa-com-filho-no-colo-em-porto-velho.html. Acesso em: 5 maio 2022.

RESENDE, Paula. **Jovem diz que cravou canivete no peito da ex-mulher para se defender**. G1 Goiás, 12 abr. 2016. Disponível em: https://g1.globo.com/goias/noticia/2016/04/jovem-diz- que-cravou-canivete-no-peito-da-ex-mulher-para-se-defender.html. Acesso em: 16 mar. 2022.

ROCHA, José Damião Trindade; COELHO, Marcos Irondes; FERNANDES, Alexandre Araripe. Experiências de/com uma "pessoa T" indígena entre-gêneros do/no cotidiano tocantinense. **Revista Teias**, [*S. l.*], v. 21, n. 61, p. 117-127, maio 2020. Disponível em: https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistateias/article/view/49500/33610. Acesso em: 31 maio 2023.

ROSSI, Mariane. **Jovem reaparece após 10 dias e diz que fugiu após ser agredida em casa**. G1 Santos e região, 12 fev. 2014. Disponível em: https://g1.globo.com/sp/santos- regiao/noticia/2014/02/jovem-reaparece-apos-10-dias-e-diz-que-fugiu-apos-ser-agredida-em- casa.html. Acesso em: 28 abr. 2022.

RUBIN, Gayle. **O tráfico de mulheres**. Notas sobre a "Economia Política" do sexo. Tradução de Christine Rufino Dabat. Recife: SOS Corpo, 1993.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. **Gênero, Patriarcado, Violência.** São Paulo. Editora Expressão Popular, 2015.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. **O Poder do Macho.** São Paulo: Editora Moderna, 1987.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. **Violência de Gênero**: Poder e impotência. Rio de Janeiro: Editora Revinter, 1995.

SAFFIOTI, Heleieth I. B.; ALMEIDA, Suely Souza. **Violência de gênero**: poder e impotência. Rio de Janeiro: Livraria e Editora Revinter, 1995.

SALVADOR NETO. Violência contra mulher supera em três vezes agressões contra homens. Palavra Livre, 9 maio 2016. Disponível em: https://www.palavralivre.com.br/2016/05/violencia-contra-mulher-supera-em-tres-vezes- agressoes-contra-homens/. Acesso em: 31 jan. 2022.

SANTIAGO, Abinoan. **Preso suspeito de agredir e deixar a mulher com paralisia temporária**. G1 Amapá, 24 maio 2016. Disponível em: https://g1.globo.com/ap/amapa/noticia/2016/05/preso-suspeito-de-agredir-mulher-deixando- com-paralisia-temporaria.html. Acesso em: 16 mar. 2022.

SARDINHA, Gabriela Pavanato. **Estratégias de significação no jornalismo on-line**: o espanto em narrativas dramáticas. 2015. 200 f. Tese (Doutorado em Comunicação) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2015. Disponível em: https://tede2.pucsp.br/handle/handle/4692. Acesso em: 25 jun. 2022.

SERVA, Leão. **Jornalismo e desinformação**. 2ª ed. rev. atual. – São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2001.

SOUZA, Ezequiel. **Do genérico ao gênero: As experiencias masculinas como ponto de partida para o fazer teológico;** orientadora Marga Janete Ströher ; – São Leopoldo : EST/PPG, 2009.

SEVERIANO, Adneison. **Homem é preso por tentar agredir companheira com facão em Manaus**. G1, 2014. Disponível em: https://g1.globo.com/am/amazonas/noticia/2014/07/homem-e-preso-por-tentar-agredir- companheira-com-facao-em-manaus.html. Acesso em: 19 mar. 2022.

SILVA, Luciane Lemos da; COELHO, Elza Berger Salema; CAPONI, Sandra Noemi Cucurullo de. Violência silenciosa: violência psicológica como condição da violência física doméstica. **Interface - Comunicação, Saúde, Educação**, v. 11, n. 21, p. 93-103, jan. 2007. Disponível em: https://www.scielo.br/j/icse/a/9SG5zGMVt4VFDZtzbX97MkP/#. Acesso em: 25 jul, 2021.

SIMULACRO. Centro de Pesquisas Sociossemióticas 1994-2021. PUC-SP, 2016. Disponível em: https://www5.pucsp.br/cps/downloads/biblioteca/2016/simulacro defini_oes .pdf. Acesso em: 5 jun. 2021.

SODRÉ, Muniz. Mídia, espetáculo e grotesco. **Chasqui**, Quito, n. 130, p. 17-27, 2015/2016.

SOUZA, Diego. **Homem espera esposa debaixo da cama com faca para matá-la em MG**. G1 Vale de Minas Gerais, 8 abr. 2015. Disponível em: https://g1.globo.com/mg/vales-mg/noticia/2015/04/homem-espera-esposa-debaixo-da-cama-com-faca-para-mata-la-em- mg.html. Acesso em: 8 ab. 2022.

SOUZA, Elisa de. **Mulheres relatam atendimento hostil em delegacias especializadas do Rio**. G1 Rio de Janeiro, 8 mar. 2016. Disponível em: https://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2016/03/mulheres-relatam-atendimento-hostil-em-delegacias-especializadas- do-rio.html. Acesso em: 2 maio 2022.

SPIZZIRRI, Giancarlo; PEREIRA, Carla Maria de Abreu; ABDO, Carlina Helena Najjar. **O termo gênero e suas contextualizações.** Diagnóstico & Tratamento, São Paulo, v. 19, n. 1, p. 42-44, 2014.

STOCHERO, Tathiane. **Entenda as diferenças jurídicas entre crimes sexuais**. G1 São Paulo, 21 jul. 2018. Disponível em: https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2018/07/21/cremesp- apura-caso-de-medico-condenado-por-violacao-sexual-de-paciente-conheca-outros-crimes- sexuais.ghtml. Acesso em: 11 mar. 2022.

SUSPEITO de esfaquear esposa é preso em Resende, RJ. G1 Sul do Rio e Costa Verde, 21 jun. 2014. Disponível em: https://g1.globo.com/rj/sul-do-rio-costa-verde/noticia/2014/06/suspeito-de-esfaquear-namorada-e-preso-em-resende-rj.html. Acesso em: 20 abr. 2022.

TEIXEIRA, Marieli Rangel. **As propriedades do jornalismo sensacionalista**: uma análise da cobertura do caso Isabella Nardoni. 2011. 122 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

TIPOS de violência. Instituto Maria da Penha (IMP), 2018. Disponível em: https://www.institutomariadapenha.org.br/lei-11340/tipos-de-violencia.html. Acesso em: 21 jan. 2022.

TOLEDO, Eliza. **O aumento da violência contra a mulher na pandemia de Covid-19**: um problema histórico. Casa Oswaldo Cruz, 2020. Disponível em: https://coc.fiocruz.br/index.php/pt/todas-as-noticias/1781-o-aumento-da-violencia-contra-a-mulher-na-pandemia-de-covid-19-um-problema-historico.html#.XyblYTV7nIU. Acesso em: 3 mar. 2022.

TRIGINELLI, Pedro. **Juiz que comparou Lei Maria da Penha a 'regras diabólicas' tenta voltar**. G1 Minas Gerais, 8 fev. 2011. Disponível em: https://g1.globo.com/minas-gerais/noticia/2011/02/juiz-que-comparou-lei-maria-da-penha-regras-diabolicas-tenta- voltar.html. Acesso em: 1 maio 2022.

TRUDA, Felipe. **Em bilhete, suspeito de matar mulher diz que traição motivaria 'tragédia'**. G1 Rio Grande do Sul, 27 jul. 2012. Disponível em: https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2012/07/em-bilhete-suspeito-de-matar-mulher-diz-que-traicao- motivaria-tragedia.html. Acesso em: 20 abr. 2022.

VALENÇA, Manuela Abath; PESSOA DE MELO, Marilia Montenegro."Pancada de amor não dói": a audiência de custódia e a visibilidade invertida da vítima nos casos de violência doméstica. **Rev. Direito e Práx**. Rio de Janeiro, v. 11, n. 2, p. 1238-1274, 2020. Disponível em: https://www.scielo.br/j/rdp/a/QX593TYrdzwZn9NyQ8VyGpk/?format=pdf&lang=pt. Acesso em: 25 jun. 2022.

VELASCO, Clara; GRANDIN, Felipe; CAESAR, Gabriela; REIS, Thiago. **Lei Maria da Penha**: pedidos de medidas protetivas aumentam 14% no 1º semestre de 2021 no Brasil; medidas negadas também crescem. G1 Monitor da Violência, 7 ago. 2021. Disponível em: https://g1.globo.com/monitor-da-violencia/noticia/2021/08/07/lei-maria-da-penha-pedidos-de- medidas-protetivas-aumentam-14percent-no-1o-semestre-de-2021-no-brasil-medidas- negadas-tambem-crescem.ghtml. Acesso em: 14 abr. 2022.

VELASCO, Murilo. **Pedreiro** é **preso suspeito de agredir esposa com 26 facadas, em Goiás**. G1 Goiás, 21 out. 2015. Disponível em: https://g1.globo.com/goias/noticia/2015/10/pedreiro-e-preso-suspeito-de-agredir-esposa-com-26-facadas-em-goias.html. Acesso em: 20 abr. 2022.

VIOLÊNCIA doméstica tem marido como agressor em 74% dos casos, diz DDA. G1 Caruaru e região, 30 set. 2015. Disponível em: https://g1.globo.com/pe/caruaru- regiao/noticia/2015/09/violencia-domestica-tem-marido-como-agressor-em-74-dos-casos-em- pe.html. Acesso em: 30 mar. 2022.

WALKER, Lenore. **The battered woman**. New York: Harper and How, 1979.

WHAT do we mean by "sex" and "gender"? World Health Organization, 2017. Disponível em: https://web.archive.org/web/20170130022356/http://apps.who.int/gender/whatisgender/en/#. Acesso em: 24 maio 2022.

ZAREMBA, Júlia. **Projeto que obriga reeducação de agressores esbarra em falta de oferta de grupos e regras**. Folha de S. Paulo, 17 fev. 2020. Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2020/02/projeto-que-obriga-reeducacao-de-agressores-esbarra-em-falta-de-oferta-de-grupos-e-regras.shtml. Acesso em: 17 fev. 2022.